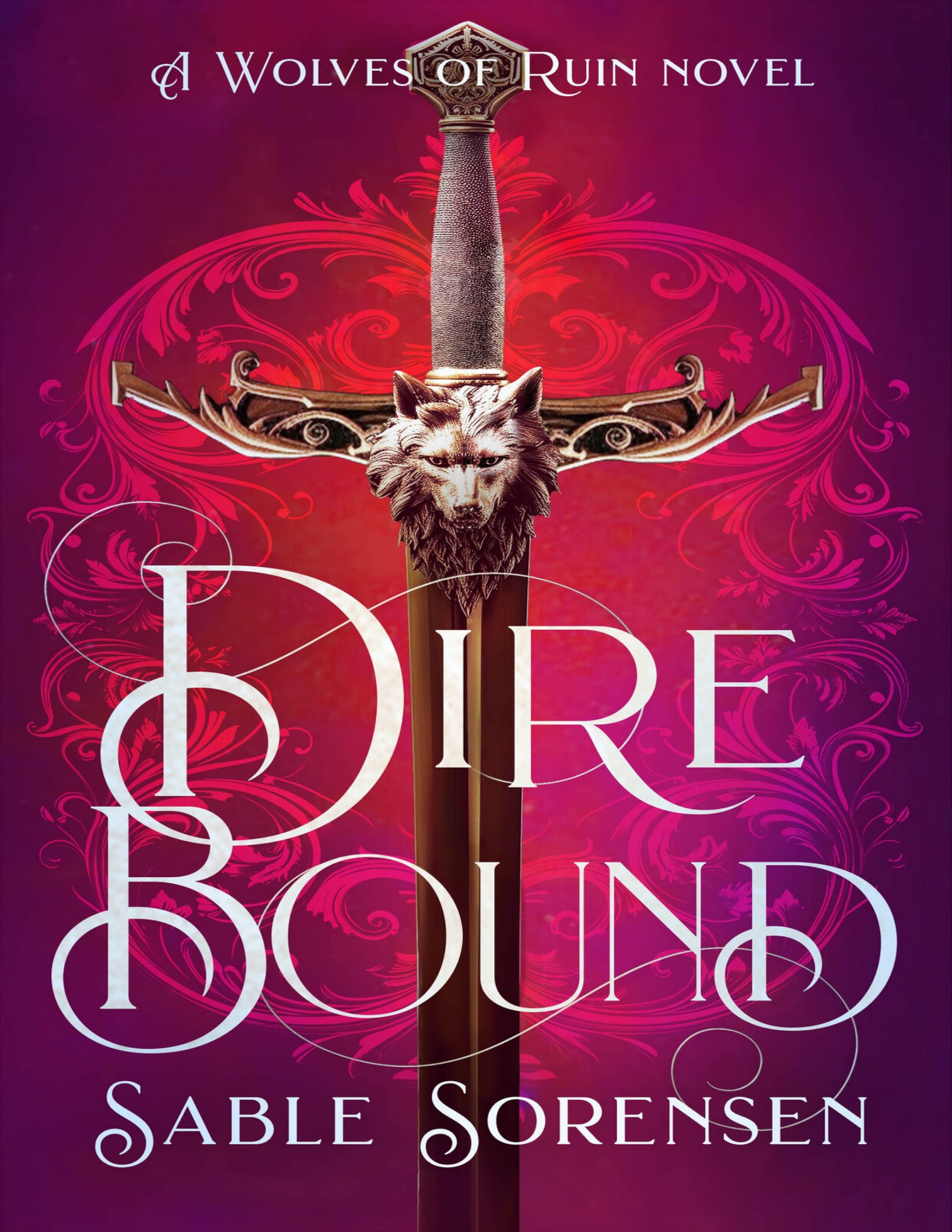
A Wolves of Ruin novel



Dire Bound

Sable Sorensen


DIRE
BOUND

OceanofPDF.com

Direbound

Copyright © 2025 por Sable Sorensen

ISBN 978-1-965695-03-6 (brochura)

Todos os direitos reservados.

Capa por Ivy na Beautiful Covers

Mapa por Andrés Aguirre Jurado

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de nenhuma forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito do autor, exceto pelo uso de breves citações em uma resenha.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia e não devem ser interpretados como reais. Qualquer semelhança com eventos, locais, organizações ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

OceanofPDF.com

SUMÁRIO

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40

Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58

Não perca Furybound, Livro 2, que será lançado no final de 2025!
Um Guia para as Alcateias Vinculadas de Nocturna
Glossário de Termos
Guia de Personagens
Agradecimentos
Sobre o Autor

OceanofPDF.com

Para todos que transformaram sua dor
em poder

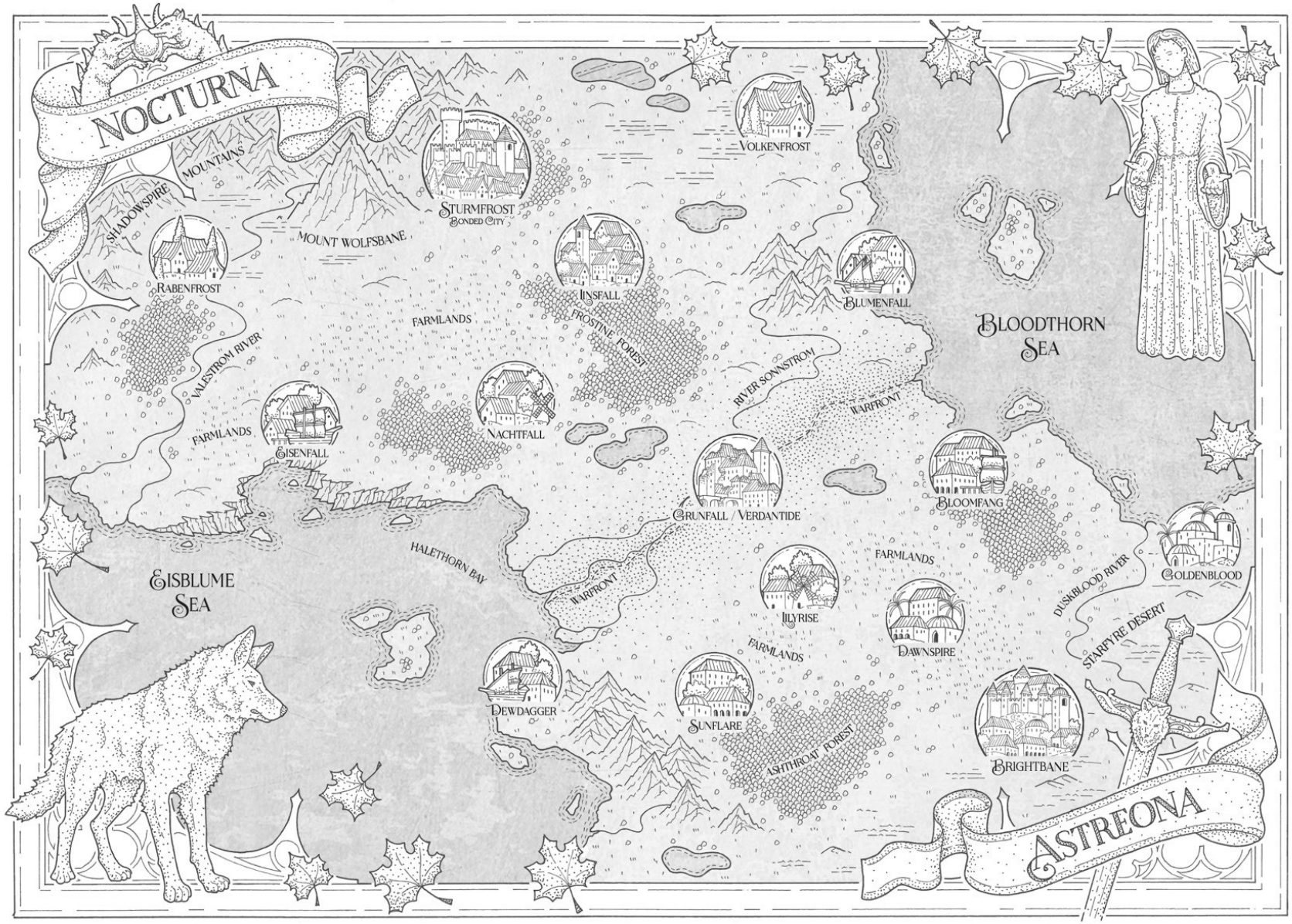
OceanofPDF.com

Nota

Este livro contém assuntos adultos e explícitos que podem ser difíceis para alguns leitores, incluindo violência explícita nas páginas e situações adultas. Para uma lista completa de sinalizadores e tropos de conteúdo, visite o site do autor:

www.sablesorensen.com

OceanofPDF.com


NOCTURNA
SHADOWSPIRE MOUNTAINS
MOUNT WOLFSBANE
RABENFROST
STURMFROST
BONDED CITY
VOLKENFROST
IINSFALL
FROSTINE FOREST
BLUMENFALL
FARMLANDS
VALESTRON RIVER
BLOODTHORN SEA
RIVER SONNSTROM
WARFRONT
EISENFALL
NACHTFALL
FARMLANDS
GRUNFALL / VERDANTIDE
BLOOMFANG
HALETHORN BAY
EISBLUME SEA
WARFRONT
FARMLANDS
DUSKBLOOD RIVER
GOLDENBLOOD
ILLYRISE
DAWNSPIRE
STARFYRE DESERT
FARMLANDS
DEWDAGGER
SUNFLARE
ASHTHROAT FOREST
BRIGHTBANE
ASTREONA

OceanofPDF.com

A Wolves of Ruin novel

Dire Bound

Sable Sorensen

OceanofPDF.com

CAPÍTULO UM

Sangue pinga no meu olho direito. Uma vez. Duas vezes. É ofuscante e ardente ao mesmo tempo.

Eu me encolho, soltando um gemido de dor. Arde pra caralho, sangue no olho.

A dor é real.

O gemido não é.

Se tem uma coisa que aprendi nos meus vinte e três anos de vida, é isso: mulheres com dor dão confiança aos homens. Isso desperta algo instintivo, bem no fundo deles, que os faz acreditar que estão em vantagem, mesmo que todas as evidências lógicas gritem que não estão.

A confiança torna os homens desleixados.

E homens desleixados são alvos fáceis.

Estamos em algum velho armazém de vinho emberwine no Bairro Sul esta noite, o ar cheirando a frutas podres. Tochas queimam nas bordas do ringue, iluminando nossa luta e lançando todo o resto em sombras retorcidas e dançantes. A multidão está em silêncio, ansiosa, mas mesmo assim, o salão parece cheio.

Ótimo. Uma multidão maior significa um prêmio maior.

Ouço um baque alto, baque, baque enquanto meu oponente se aproxima lentamente, com passos pesados. Ele é um homem grande e corpulento, uns quinze centímetros mais alto que eu, o que, sem dúvida, acha que o torna poderoso. Ele não é o tipo de pessoa que entende o quão letal a graça pode ser.

"Vou fazer você se arrepender de ter nascido, garotinha. Você vai precisar de um caixão fechado."

Nossa, esse cara é um chato. Mas nossa plateia está adorando, a julgar pelo rugido frenético.

Mais sangue escorre para o meu olho. Ele me acertou em cheio com um gancho de direita na testa, isso eu admito.

Viro a cabeça para o lado, fingindo fraqueza, com a bochecha pressionada contra o chão de terra batida do ringue. Há um lampejo de movimento na multidão lasciva enquanto alguém se aproxima da borda do ringue.

Lee. Ele deve ter acabado de sair do trabalho.

Ele cruza os braços musculosos contra o peito largo, e sua túnica impecável de mensageiro o destaca naquele lugar decadente. Então, ele ergue uma sobrancelha para mim, divertido.

Quase consigo ouvir sua voz grave dizendo: Pare de brincar com ele, Meryn, e acabe logo com isso para que possamos continuar a nossa noite.

Ele tem razão, claro. Eu preferiria estar no colo dele agora do que de bruços neste buraco fedorento.

Certo, então. Hora de terminar o show.

Meu oponente se aproxima e eu gemo de novo, esperando que ele chegue exatamente no ponto certo. Ele nem vê a armadilha que eu armei para ele, mesmo sendo tão óbvio. Mesmo que eu use esse movimento em quase todas as lutas.

Ele não quer ver, porque eu o deixei confiante. Certo de que ele será o homem que derrubará Meryn Cooper, a infame Alleycat do Eastern Quarter.

Idiota.

Finalmente, ele chega ao meu lado, preparando-se para me agarrar, sentar em cima de mim ou me estrangular — algo previsível. Outro rugido ecoa na multidão, a sala cheia de jogadores bêbados e espumantes, todos rezando para que ele me acerte de verdade, para que a aposta contra a mulher dê certo.

Ele se inclina na minha direção, seu hálito fétido batendo no meu rosto, e é então que eu acerto.

Enrolo minha perna na dele e cravo o calcanhar na parte de trás carnuda do seu joelho com toda a força que consigo reunir. Então, rolo para o lado, para longe dele, e me levanto de um salto.

"Porra!" Ele cai no chão, batendo com força, fazendo-o estremecer sob mim. O ar escapa de seus pulmões com um som audível.

O homem se apoia nas palmas das mãos, mas antes que possa ir mais longe, eu o ataco. Dou um chute em seu nariz, saboreando o doce estalo que ele faz ao se quebrar. Sangue vermelho-rubi jorra por seu rosto, pingando no chão. Isso o joga de costas, de bunda no chão.

Antes que ele possa tentar se recuperar, pulo em cima dele, dando-lhe uma joelhada na virilha para mantê-lo no chão. Então, o imobilizo, bombardeando seu rosto com mais golpes. Não estou indo para matar; luto sujo, mas não assim.

Mas vou garantir que ele fique no chão.

Meus nós dos dedos se abrem sob as cicatrizes e calos, e o sangue escorre entre meus dedos curvados. Por um momento, permito-me saborear a descarga de adrenalina da dor e a lucidez que ela me proporciona.

Então, pressiono o antebraço na traqueia do homem até ele engasgar: "Renda-se!"

Dou-lhe um tapa de mão aberta. Só por diversão, só pelo drama de sua cabeça se inclinando para o lado. "Mais alto. Com significado. Que te ouçam lá dentro do castelo."

"EU RENDO!"

A plateia irrompe em murmúrios raivosos quando solto o homem, levantando-me para limpar o sangue da testa. O apresentador dos shows desta noite, um homem corpulento de bigode grosso, entra no ringue, levanta meu pulso e declara: "Alleycat vence! A próxima luta começa em vinte minutos."

As moedas trocam de mãos, com a recompensa indo para os poucos que foram sábios o suficiente para apostar em mim.

Sempre me surpreende um pouco a quantidade de pessoas que apostam no outro homem. Mesmo com o histórico para mostrar que não deveriam.

Uma toalha me atinge no rosto e eu a tiro para ver meu treinador e vizinho Igor me avaliando, seu rosto moreno e envelhecido ilegível. Eu me abaixo sob as laterais do ringue e vou até ele, com a palma da mão estendida.

"Sempre direto ao ponto, né?", resmunga Igor.

"Eu?", pisco os cílios, minha voz aguda e doce. "Uma dama refinada como eu jamais pensaria em algo tão grosseiro quanto dinheiro. Tudo o que me importa é chá, vestidos e fofocas."

"Cuidado, você vai fazer essa ferida na testa sangrar de novo." Igor pressiona meu prêmio na minha mão. "Boa, garoto. Mas foi um pouco longo demais para o meu gosto. Você deveria entrar para uma associação de teatro, com esses seus gritos de dor."

Dou de ombros, contando as moedas e fazendo contas rápidas. Oito moedas de prata hoje, que vão cobrir os remédios da mamãe no boticário pelas próximas duas semanas. "Você sabe que a galera precisa ter esperança, Igor. Fica mais divertido para todos nós se eles acharem que realmente têm uma chance."

"O que te der a vitória, garoto." Ele me entrega uma garrafa d'água e eu a engulo em seco. "Davey está armando uma briga em duas semanas para Colbridge. Lembra daquele filho da puta escorregadio do ano passado? Quer tentar de novo?"

Estalo o pescoço, examinando a sala lotada em busca de Lee. Mesmo com minha altura incomum, é difícil ver por cima das cabeças que circulam pelo

salão lotado.

"Claro, contanto que você tenha certeza de que as probabilidades estão contra mim. A botica aumentou os preços. Aparentemente, alguns ingredientes de que eles precisam crescem perto da frente e estão difíceis de encontrar. Gostaria de ver o dobro desse valor na próxima vez."

A carranca perpétua de Igor se aprofunda. Ele é uma pessoa com cara de infeliz; sempre foi, desde que o conheço, o que foi a minha vida inteira.

Ele provavelmente vai me oferecer ajuda com os remédios da minha mãe, algo que recusei por anos. Não me importo em aceitar ajuda quando preciso, mas quase todo mundo na cidade real de Sturmfrost, onde moramos — na verdade, todo mundo neste país esquecido pela deusa — está passando por dificuldades.

Nosso dinheiro e nossas vidas são usados para lutar a guerra sem fim contra os Sifões.

Não vou tirar comida do prato do Igor. Nós vamos nos virar; sempre nos viramos.

Nesse momento, um braço quente envolve meus ombros e sou tomada pelo cheiro puro de sabão de pinho, um aroma familiar que me tranquiliza instantaneamente. Encosto-me no corpo rijo de Lee e olho para seu rosto — as linhas acentuadas de seu maxilar cobertas por uma leve barba por fazer, seus deslumbrantes olhos azul-marinho.

Lee me lança um sorriso malicioso que faz minhas coxas se contraírem e levanta uma pequena sacola tilintando.

"Boa luta, gatinha. Compre algo legal para sua irmã no dia do seu nome." Ele enfia a bolsa no meu bolso enquanto eu me inclino, envolvendo meus braços em volta do seu pescoço e puxando seu rosto em direção ao meu, desesperada por seu toque.

Antes que eu possa beijá-lo, uma garganta pigarreia e eu olho para cima, meu cérebro lascivo embaçado. Igor se mexe desajeitadamente. Lee e eu estamos juntos há mais de um ano, mas Igor ainda não se acostumou com isso.

"Vou ver o Davey sobre a próxima luta", diz Igor, desviando o olhar de nós. "Deixe vocês dois aqui. Me encontrem antes de saírem, Meryn."

Ele se vira e se afasta rapidamente, e não consigo conter o riso que me escapa. "Pobre Igor. Acho que o escandalizamos."

Lee sorri preguiçosamente para mim, suas mãos agarrando meus quadris e apertando de um jeito que carrega uma promessa sombria. Ele encosta a boca no meu ouvido. "Que bom que ele não consegue ler meus pensamentos", sussurra, o calor fazendo meu pulso acelerar. "Ele nunca mais conseguiria olhar para mim."

Eu me aproximo, mas de repente, uma comoção se instala. Um homem desgrenhado abre caminho pela multidão.

Seus olhos amarelados e desfocados me encaram.

"Seu babaca!" As palavras do homem saem arrastadas enquanto ele cambaleia para a frente. "Você armou as apostas, sua vadiazinha idiota. Eu sei que armou!"

Eu rio. "Você beija sua mãe com essa boca?"

Lee observa a cena friamente, com um sorriso nos cantos da boca.

O homem tira uma faca do bolso, a lâmina cega brilhando na penumbra. Sempre tem um cara que não aguenta a minha vitória, que deixa isso te levar ao limite.

"Você me fez perder minhas últimas moedas de prata! Você vai pagar por isso."

Ele brande a faca em minha direção, mas antes que dê mais um passo, eu me mexo. Um chute forte em seu pulso e a faca escorrega de sua mão. Eu a seguro antes que ele possa piscar, pressionando a lâmina logo abaixo do pomo-de-adão em um movimento rápido.

"Qual era o plano então? Você ia, o quê... confrontar a pessoa que acabou de vencer uma luta brutal e concorrida com essa faquinha patética? Me extorquir com ela, porque eu obviamente temeria sua arma extremamente perigosa, que você é tão habilidoso em manejar?"

Pressiono a faca com mais força em sua garganta e uma fina linha vermelha de sangue escorre por baixo da lâmina. O homem estremece. O fedor de urina me atinge e percebo que ele se sujou. Patético.

"É isso que você ganha por apostar contra uma mulher. Cai fora daqui. Se eu vir sua cara em uma das minhas lutas de novo, eu termino o serviço."

O homem me lança um último olhar arregalado e então se vira e corre de volta para o meio da multidão. Ninguém se dá ao trabalho de olhá-lo duas vezes. Estão ocupados demais se preparando para a próxima luta aqui dentro.

"Idiota de merda", Lee murmura baixinho. Então ele pega minha mão na sua grande e se vira para a multidão, me puxando atrás de si em direção a um aglomerado de mesas e cadeiras no fundo do armazém. Nos acomodamos e ele rapidamente abre a mochila que trouxe, tirando um creme antisséptico e alguns curativos.

Ele me puxa para si na minha cadeira e então envolve seus dedos longos firmemente em volta do meu queixo enquanto passa o creme na minha testa, o calor do seu toque em conflito com a ardência da pomada.

"Fica quieta, gatinha", diz ele, com a voz severa, sem admitir argumentos. "Essa aqui é meio nojenta."

Este tem sido o nosso ritual pós-briga, desde que ele começou a vir aqui há um ano. Eu me machuco; ele me cura. Gosto mais do que jamais admitiria, de ter

alguém para cuidar de mim.

Nos encontramos no mercado no Northern Quarter. Eu estava indo buscar Saela na escola quando um cavalo assustado se soltou do seu dono. Ele vinha direto para a minha irmãzinha, e eu estava longe demais para fazer qualquer coisa. Naquele momento, tive certeza de que a veria morrer diante dos meus olhos, indefesa.

E então Lee pulou na frente dele, com as mãos erguidas em um movimento calmante, e o cavalo simplesmente... parou. Ele acalmou o animal e salvou a vida da minha irmã no processo.

Fui agradecê-lo e, no momento em que nossos olhares se encontraram, soube que seria dele. É preciso um homem especial para domar uma coisa selvagem.

"Isso te preocupou? O cara que acabou de me atacar?", pergunto. Ele tem estado estranhamente quieto.

O olhar de Lee se conecta ao meu, profundo e indecifrável. "Eu sabia que a Alleycat se sairia bem. Mas queria que você terminasse suas lutas mais rápido. Ferimentos como esse não são necessários. Algum dia, Meryn... algum dia, você pode se deparar com alguém que te superou. Você pode nem perceber."

Ele passa o dedo pela minha bochecha e eu me arrasto para o seu colo, puxando-o cada vez mais para perto. "Obrigada", sussurro contra seus lábios. "Por me consertar. Por se importar se eu me machucar."

Lee envolve uma das mãos no meu cabelo escuro, me segurando no lugar enquanto seus lábios se chocam contra os meus. Sua outra mão envolve minhas costas e ele me puxa mais para perto do seu colo, onde o sinto endurecer embaixo de mim. Gemo em sua boca com a sensação, e ele se afasta, me expondo com seu olhar.

"Volte para minha casa hoje à noite", ele diz — uma exigência, não uma pergunta.

Lee tem um pequeno apartamento só para ele no Bairro Norte, embora, como mensageiro do castelo, more lá apenas meio período, muitas vezes tirando algumas horas de sono no quartel do castelo entre suas tarefas. Estou lá sempre que posso, mas o estado da minha mãe e os cuidados de Saela significam que não o vejo com tanta frequência quanto qualquer um de nós gostaria.

Estou prestes a concordar quando uma voz grave chama: "Meryn".

Eu me viro e avisto Igor cortando rapidamente a multidão em nossa direção. Ele se aproxima, com a expressão tensa. "A notícia está se espalhando. Outra criança desapareceu do Leste."

Meu estômago se revira quando me afasto rapidamente de Lee e me levanto para encarar Igor. "Descrição?"

"Uma menina. Uns dez anos. Disseram... disseram que ela tem cabelo escuro

e olhos castanhos."

Não.

Lancei um olhar rápido para Lee, já pensando no caminho mais rápido para casa.

"Vá", diz Lee rapidamente, levantando-se também. "Você precisa ir." Concordo com a cabeça.

“Meryn”, diz Igor, “podem ser cem garotas.”

Mas não o encaro. Já estou abrindo caminho no meio da multidão barulhenta, meu coração batendo freneticamente em staccato. A madeira morde minhas palmas enquanto empurro a saída do armazém, e então o ar sempre gelado da noite me atinge como um soco. Saí tão rápido que esqueci de juntar minhas coisas ou vestir meu casaco surrado, mas Igor vai pegá-lo, tenho certeza.

Quem precisa de casaco, afinal, quando o pânico está incendiando seu sangue?

As ruas de Southern, o bairro mais distante do castelo, estão assustadoramente escuras e com a mesma neblina de sempre. Os moradores daqui não se dão ao trabalho de gastar suas poucas moedas para manter as tochas acesas. Eles não conseguem expulsar a escuridão deste bairro, de qualquer forma; este bairro tem a escuridão profundamente enraizada.

Southern é a parte da cidade real para onde você vai quando quer fazer algo ilegal, ilícito ou moralmente falido. Algumas lanternas não impediriam.

Faço um cálculo rápido. Uma rota normal de Southern para Eastern leva pelo menos 45 minutos se você seguir o caminho principal de volta pelo Quarteirão Central. Mas sou rápido, graças às minhas pernas longas e musculosas. E conheço bairros que nenhuma pessoa bem-educada deveria conhecer.

Consigo chegar lá em vinte, talvez quinze, se pegar becos.

Então, respiro fundo, me revigorando, e corro, passando pelos muitos armazéns decrépitos. Minhas pernas me levam pela praça do mercado sujo em Southern, e então entro nos becos dos cortiços, o bairro que faz fronteira com o Quarteirão Central e o Eastern.

O ar aqui cheira a pobreza, e tento respirar pela boca para evitar o cheiro de corpos sujos. Embora Southern seja o bairro mais pobre, não é muito melhor em Eastern; nenhum lugar em Sturmfrost é realmente rico.

Ouvimos rumores sobre a opulência dos Vinculados — os guerreiros de elite do rei. Pelo menos, tenho certeza de que eles não precisam se preocupar com seus filhos sendo sequestrados de suas camas no meio da noite.

Saela.

O pensamento me alimenta, e acelero, meus pulmões e pernas queimando em conjunto. À medida que me aproximo da fronteira entre Central e Oriental, o

castelo do Rei Cirilo paira sobre tudo, a sólida pedra cinza cambaleando sobre a cidade, e suas muralhas bem iluminadas tornam as ruas mais iluminadas.

Eu me abaixo sob varais e pulo sobre paralelepípedos quebrados, cada vez mais rápido, correndo pelos limites de Oriental e finalmente chegando à praça do mercado do nosso bairro. É mais limpa do que a do Bairro Sul, que na verdade é usada pelas pessoas do nosso bairro.

O som do lamento de uma mãe ecoa pelo ar da noite. Por favor, deusa, não.

Uma multidão se aglomera na neblina. Eu avanço, abrindo caminho entre os outros cidadãos reunidos ao redor até chegar ao centro.

Minha mãe não, minha mãe não, por favor.

A mulher no chão olha para mim, com os olhos marejados. É a Sra. Sawyer, uma costureira que mora a várias ruas de distância de nós. O marido e os filhos mais velhos a cercam. Ela chora novamente.

"Leesa", ela geme. "Leesa!"

O nó no meu peito se desfaz, mas não desaparece.

Leesa Sawyer é uma das boas amigas de Saela da escola primária. Ela sempre me implora para lhe mostrar como dar um soco, mas sei que seus pais, tão certinhos, não gostariam disso. Leesa tem olhos brilhantes, é engraçada e inteligente. Ou era.

Agora, Leesa é apenas a mais recente de uma lista cada vez maior de crianças desaparecidas.

E os Nabbers nunca devolvem o que levam.

Afastando-me da multidão, tento acalmar minha respiração, ainda irregular da corrida. Então, sigo em direção à minha casa. Todas as casas por aqui são de madeira e pedra, e a nossa não é exceção, embora seja mais baixa que as vizinhas. Meu pai sempre dizia que acrescentaria um segundo andar quando o bebê nascesse.

Claro, ele nunca voltou da guerra para construí-lo.

Desço a nossa rua escura, meus passos ecoando nos prédios de pedra. Percebo que as telhas do nosso telhado parecem gastas — é hora de trocar algumas. Mais uma tarefa para outro dia.

O interior está escuro, exceto por uma única vela acesa na nossa lareira de madeira nua na sala de estar.

Mamãe anda de um lado para o outro, com o cabelo escuro desgrenhado e desgrenhado. Ela resmunga para si mesma, puxando a camisola cheia de traças, que está do avesso. Quando me vê, seus olhos brilham com um reconhecimento horrível e vago, e me pergunto qual estranho estou prestes a encontrar.

Ela não me reconhece quando está assim. Ela não conhece ninguém, perdida em um mundo criado por sua própria mente. Às vezes, ela é doce em sua

loucura, arrulhando e amando. E às vezes, ela é violenta, quebrando os poucos pertences que temos e levantando a mão para nós.

Quando ela fica assim e eu não estou aqui, Saela sabe que deve se trancar no nosso quarto por dentro. Só eu tenho a chave.

"Lumina!" Mamãe exclama agora, com a voz dolorida. Ela corre até mim, agarrando meu braço com força, quase dolorosamente. "Ah, Lumina. Elas foram um terror hoje, as gêmeas. Estão tentando te encontrar, mas nunca me ouvem, nunca, nunca, nunca..."

"Mãe, fique quieta." Passo a mão em seus cabelos, gentilmente, para acalmá-la. Lumina e as gêmeas, quem quer que sejam, são alguns de seus delírios comuns. "Venha para a sua cama. Vou fazer as gêmeas irem embora para você."

Eu a levo até o quarto e a ajudo a subir no colchão irregular, depois pego o frasco de remédio ao lado da cama, aquele que pegamos na botica. Tanto ele quanto o médico dizem que ajuda com os delírios dela, e em alguns dias ajuda, mas muitas vezes é como se nada a trouxesse de volta. Dou-lhe uma colherada grossa e pungente do remédio viscoso e a cubro com o cobertor áspero e fino demais.

Minha mãe toma a dose sem protestar, seus olhos se fechando quase ao mesmo tempo em que sua cabeça encosta no travesseiro. Observo-a até que sua respiração se acalme e então vou ver como está Saela.

Como eu presumi, Saela trancou a porta do nosso quarto, então pego a chave e entro.

Minha irmã está aconchegada em sua pequena cama, dormindo profundamente, com os cabelos escuros espalhados sobre o travesseiro fino. Dez, quase onze anos — a mesma idade de Leesa Sawyer.

Dormindo, Saela se parece tanto com o nosso pai, o pai que ela nunca conheceu. Ela tem o mesmo queixo teimoso, o mesmo nariz aquilino. Minhas próprias lembranças dele se tornam nebulosas com o passar dos anos, mas ela o traz à vida para mim.

Sento-me ao lado dela na cama, passando as costas do meu dedo por uma de suas bochechas macias. "Não vou deixar nada acontecer com você", sussurro, com um instinto feroz e protetor queimando em meu peito. "Eu prometo."

Essa náusea, esse medo se revirando no meu estômago — estou completamente farta disso. De viver uma vida em que simplesmente aceito que não tenho controle, que nossos filhos podem simplesmente desaparecer e ninguém fará nada a respeito.

Esta noite foi por pouco.

E se ninguém vai impedir isso... bem, então eu impedirei.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO DOIS

"Faça de novo", grita Igor durante o treinamento na tarde seguinte, impassível diante da minha respiração ofegante ou da mancha de suor encharcando minha túnica.

Encontro seus olhos e gemo. Ele ergue as sobrancelhas grisalhas para mim, a boca se curvando.

"De novo", ele repete. "Sem telegrafar seu próximo movimento desta vez — lembre-se do que eu lhe mostrei."

Eu me endireito, desejando que minha respiração se acalme. Minhas coxas já estão gritando, cansadas do trabalho matinal de levantar baldes enormes de água sem parar na lavanderia onde trabalho, um trabalho que herdei da minha mãe quando ela parou de aparecer há onze anos.

Alguém precisava ir no lugar dela, para garantir que pudéssemos ter comida na mesa e um teto sobre nossas cabeças. Abandonei a escola e nunca olhei para trás.

Não importa que eu esteja cansado. Todo mundo está cansado, e Igor não aceita desculpas. Não no ringue de luta, e certamente não aqui no seu quintal enquanto ele me treina.

Ele tem razão. Não posso me dar ao luxo de demonstrar fraqueza.

Não se eu quiser continuar vencendo. E precisamos dessas moedas extras.

Meu pé bate no boneco de treino, e Igor resmunga em aprovação, o mais próximo de um elogio que recebo nessas sessões. Repito o movimento mais uma vez, mais duas, três vezes para garantir, antes de dançar de volta na ponta dos pés, pegando um pano para limpar o suor do meu rosto.

O quintal do Igor é uma bagunça de bonecos de treino tortos, pesos toscos para ganhar músculos e uma confusão de móveis meio quebrados que eu sei que sua esposa, Prina, gostaria que ele dedicasse um tempo para consertar em vez de

se dedicar mais ao meu treinamento.

"Você está bem, Alleycat?", ele pergunta, pegando o pano de volta de mim. "Parece um pouco fora de forma hoje."

Levanto uma sobrancelha para ele. Igor é irritantemente perspicaz; mas, por outro lado, ele é mais um pai para mim do que meu pai vivo.

"Não consigo parar de pensar em Leesa Sawyer", digo a ele, a centelha da fúria da noite passada ainda queimando dentro de mim, esperando para pegar fogo. Tenho refletido sobre isso o dia todo, chegando cada vez mais perto de uma maneira de agir.

Igor acena com a cabeça enquanto aponta para o boneco de treino, me instruindo a continuar enquanto conversamos. "Essa é difícil, a tal da Sawyer. Boa família. Pessoas legais. Ouvi dizer que os pais dela passaram a noite toda procurando por ela", diz ele enquanto eu desfiro uma rápida combinação de chutes e socos. "Mas ainda não ouvi falar de nenhuma criança desaparecida que tenha sido encontrada."

"Parece que isso está acontecendo mais? Com os Nabbers, quero dizer", digo entre socos.

Eles têm um nome bobo e infantil, dado pelas próprias crianças que os temem. É quase difícil levá-los a sério quando você ouve isso, o que faz parte do seu apelo. Se você consegue rir disso, não parece verdade — como se os Nabbers não passassem de uma lenda de infância.

Infelizmente, a ameaça deles é real demais.

Crianças são sequestradas desde que eu nasci; talvez desde que toda essa guerra começou. E todos nós sabemos quem os Nabbers realmente são.

Sifões, nossos antigos e monstruosos inimigos do país vizinho, Astreona. Eles roubam nossas crianças de suas camas e as levam de volta para o outro lado da fronteira, transformando-as em bolsas de sangue vivas, alimentando-se delas, sugando sua poderosa força vital infantil e, eventualmente, drenando-as e matando-as.

Me dá nojo pensar em como esses vampiros imortais depravados vão vencer esta guerra massacrando nossos inocentes.

Igor cantarola. "Talvez. Chegue mais alto com esse chute."

Sigo suas instruções, minhas pernas continuam doendo. "Já não é ruim o suficiente que nossos filhos, filhas e pais estejam sendo mortos pelos Sifões na frente de batalha? Deveríamos estar seguros em nossas próprias casas, não é? O que o rei está fazendo com tudo isso?"

"Para ser sincero, não acho que o rei se importe com isso. Concentrado demais na guerra a centenas de léguas de distância para prestar atenção ao que está acontecendo em sua própria cidade, bem debaixo do seu nariz."

Recuperando o fôlego, encaro Igor. "Não aguento mais isso. E vou fazer algo a respeito."

Igor não questiona essa grande declaração, nem me diz que sou tola por pensar que posso fazer a diferença. Ele sabe tão bem quanto eu que, se você quer que algo seja feito aqui em Sturmfrost, precisa fazer você mesmo.

Em vez disso, ele calmamente caminha até uma de suas mesas cobertas de escombros e abre um rolo de pano. Lá dentro, havia uma dúzia de armas brilhantes e afiadas. "Você parece bravo. Facas?"

Uma risada me escapa. "Sim, sim. Pensei que você nunca perguntaria."

Não usamos facas no combate corpo a corpo que fazemos nas arenas, mas Igor tem me treinado para arremessá-las, de qualquer forma. Ele disse que nunca se sabe quando você pode precisar fazer alguém se borrar de rir jogando uma adaga na cabeça.

"O que você tem em mente?", ele pergunta enquanto me aproximo da mesa e escolho uma pequena e particularmente pontuda.

"Você me ensinou a me defender", digo, virando-me para o alvo que ele armou do outro lado do pátio. "Nenhum Nabbers teria me pegado, não sem lutar, depois que você me ensinou. Talvez possamos ensinar as crianças também. Eu poderia treiná-las para se protegerem."

Arremesso a faca e ela voa pelo ar, atingindo a borda externa do alvo. Não é bom o suficiente.

Igor zomba, sentando-se em sua cadeira que range e olhando para a cobertura de nuvens que ameaça nevar. "Você já tinha a luta dentro de si. Poucas crianças vão se jogar em perigo como você fez."

"Como eu ainda jogo, você quer dizer", brinco, com a bravata disfarçando a dolorosa lembrança.

Quando meu pai foi morto, fiquei sozinho aos doze anos com uma mãe grávida e doente mental. Da noite para o dia, tudo mudou. Saela nasceu, e ela era tão perfeita, pequena e boazinha. E eu fui a criança que ficou responsável por ela.

Eu estava furioso com o mundo, procurando por uma briga.

Eu costumava sair pelos becos e incitar garotos mais velhos, com o dobro do meu tamanho, a uma briga só para ter alguém para bater. Só para sentir algo além da dor interminável e cavernosa dentro do meu peito.

Com o tempo, Igor se cansou de ver a vizinhazinha levar uma surra. Ele saiu pisando duro para o beco atrás das nossas casas, me agarrou pela gola da camisa e me arrastou, sibilando e cuspindo, para a cozinha dele.

Ele me jogou em uma cadeira bamba e disse: "Você está tentando se matar, garota?"

Quando não neguei, ele soltou um suspiro sofrido. "Bem, se você vai ficar por aí agindo como um gato de rua, precisa aprender a lutar como um. Venha comigo."

Igor me levou até este pátio e começou a me treinar — naquele dia e em todos os que se seguiram. Ele me ajudou a afiar minha raiva de algo selvagem para algo cruel e polido.

Perigoso.

E quando os garotos da vizinhança começaram a me olhar com medo, Igor me ajudou a encontrar uma nova saída saudável para minha raiva. Continuo incitando homens com o dobro do meu tamanho a lutarem comigo. Mas agora sou pago.

Pegando minha faca do alvo, me viro para ele. "Você tem razão. Eu sou diferente. Mas nem todo mundo precisa ser profissional. Se essas crianças soubessem alguns truques simples, o suficiente para terem tempo de fazer barulho, conseguir ajuda..."

"Não pense que isso vai te tirar do seu próprio tempo de treinamento", Igor avisa, e eu sei que ele está convencido da ideia.

"Não, eu nunca te negaria o prazer de me dar ordens", provoco, e ele joga uma faca em mim, da qual eu desvio facilmente, rindo.



Depois de sair da casa do Igor no final da tarde, sigo para o oeste, para o Bairro Central, para buscar Saela na escola, serpenteando pelas ruas lotadas. O sol poente rompe as nuvens de vez em quando, lançando reflexos avermelhados nas janelas enquanto passo por casas e lojas — a maioria das janelas no Centro é lisa e brilhante, ao contrário do nosso bairro, onde um vidro quebrado é tapado com tábuas com mais frequência do que o normal.

Saela costumava frequentar a escola primária em nosso bairro em Eastern, mas sempre foi a melhor da turma, e no ano passado sua professora a recomendou para uma escola secundária mais avançada em Central, que é um bairro mais rico.

Não é conveniente e custa dinheiro — não muito, mas qualquer coisa é demais para nós hoje em dia. Mas o sacrifício vale a pena pela minha irmã. Ela não vai acabar como eu, abandonando a escola e se matando de trabalhar só para sobreviver.

Em um mundo cheio de becos sem saída, vou garantir que ela tenha opções.

Saela é diferente de mim. Estudiosa, trabalhadora. Otimista. Inocente. Ela

tem uma língua afiada, que eu levo para casa, mas o resto? Deve ter sido do meu pai, porque ela simplesmente nasceu assim.

Ela está sozinha do lado de fora do prédio da escola quando chego, com o cabelo escuro trançado nas costas e os olhos semicerrados de irritação.

"Atrasada de novo", diz Saela, olhando incisivamente para mim.

"Desculpa, garota", digo, passando o braço em volta dos seus ombros. "Acho que você vai ter que aceitar que sua irmã mais velha não sabe lidar com o tempo. Como foi a escola hoje?"

"Foi bom", diz ela em um tom seco, claramente pensando em algo.

"Bem?", provoco. "Bem, se estamos pagando todo esse dinheiro para ficar bem, provavelmente podemos te transferir de volta para a escola na Eastern e..."

"Meryn", ela choraminga, irritada.

Levanto as mãos. "Desculpe! Mas, falando sério, o que está acontecendo?"

Saela suspira enquanto descemos os paralelepípedos em direção às ruas mais movimentadas que levam ao Mercado Central. "Estávamos falando sobre a guerra com Astreona na aula de história hoje."

"Ah", eu digo. "Coisas de Sifão?"

Ela assente, os lábios pressionados em uma linha fina. Saela passou por um período quando era pequena em que tinha pesadelos terríveis com Sifões. Mesmo sem nunca ter conhecido nosso pai, a notícia da morte dele pairou sobre sua infância, moldando cada parte de sua existência.

"Algumas crianças estavam falando sobre como os Sifões se alimentam de humanos normais, como se sugassem nosso sangue para se manterem vivos, e parecia que eles achavam que era, sei lá, legal ou algo assim." Seu rosto fica vermelho de raiva. "Eu não acho legal", ela acrescenta baixinho.

Aperto meu braço em volta dos seus ombros. "Sabe, tenho certeza de que você não é a única pessoa da sua turma que perdeu um dos pais ou um ente querido na guerra. Provavelmente havia outras crianças que se sentiram da mesma forma."

Ela assente. "Metade de nós já. Mas a professora fez parecer que..." Saela para de repente e olha para mim, com os olhos castanho-escuros arregalados de preocupação. "Estamos perdendo?"

"Eu realmente não sei", digo a ela honestamente.

A guerra já dura quinhentos anos, mas entre os Elos do nosso país e seus lobos gigantes e a força dos Sifões de Astreona, é raro que qualquer um dos lados conquiste muito terreno. E todos sabemos o que aconteceria se Astreona vencesse — os Sifões caçariam até o último humano e nos drenariam.

"Mas aqui em Sturmfrost, estamos o mais longe possível da frente de batalha em todo o reino de Nocturna. Se você está segura em algum lugar, é aqui."

As palavras são como poeira na minha boca. Ela e eu sabemos que é mentira; uma das amigas dela foi sequestrada ontem à noite.

"Vamos lá", digo, tirando meu braço de seus ombros e agarrando sua mão para puxá-la em direção ao mercado. "Eu sei exatamente o que te anima."

Embora cada bairro tenha sua própria praça de mercado, o Central é a maior área comercial de toda a cidade, repleta de tudo, desde peixarias e padarias até perfumarias especializadas. Costumava até haver uma joalheria aqui, mas isso foi há décadas, antes de todos serem incentivados a doar fundos extras para o esforço de guerra em nome do patriotismo.

Saela e eu gostamos de olhar vitrines no caminho para casa, nosso ritual diário. Imaginamos que doces compraríamos se pudéssemos.

Vamos direto para nossa vitrine favorita na Padaria Diersing. Saela suspira, olhando para a vitrine e apontando para um doce brilhante coberto com frutas roxas escuras.

"Acho que eu pegaria um daqueles bolos de ameixa."

"Anotado", digo a ela, pensando novamente em seu aniversário se aproximando. Seria uma surpresa agradável, e eu tenho o dinheiro extra que Lee me deu depois da luta de ontem à noite. Minha pele cora ao pensar nele e em como nossa noite foi interrompida. Felizmente, ele volta do castelo em alguns dias, e poderei vê-lo novamente.

Antes que eu possa fazer meu pedido de confeitaria dos sonhos, ouço uma comoção atrás de nós. Saela e eu nos viramos. Uma multidão se aglomera ao redor da praça.

"O que está acontecendo?", pergunto a um homem próximo.

"Atados", diz ele. "Cavalgando."

O quê? Por que os Atados estariam vindo por aqui?

Os Atados são a força de elite do rei, soldados que têm laços mentais com lobos gigantes enormes e temíveis. Eles cavalgam os lobos para a batalha e, segundo rumores, os cavaleiros podem até mesmo acessar a magia que os lobos gigantes empunham.

É raro que eles ponham os pés na parte mais comum de Sturmfrost, além de irem e virem pela frente — mas mesmo assim, eles geralmente contornam as bordas. A parte deles da cidade fica do outro lado do castelo, na fronteira com a cordilheira de onde vêm seus temíveis lobos gigantes.

Saela olha para mim, com os olhos brilhando de excitação. "Podemos ir assistir?"

Ela está obcecada com a ideia dos Atados. Não posso culpá-la totalmente — guerreiros supergostosos cavalgando feras místicas e empunhando magia misteriosa? É intrigante, se você conseguir deixar de lado o classismo extremo e

punitivo.

Suspiro e então agarro a mão dela. Eu faria literalmente qualquer coisa para ver essa criança sorrir. "Tudo bem, mas fique ao meu lado." Então, eu a puxo atrás de mim através da multidão, abrindo caminho com os cotovelos até um lugar na frente da praça.

A multidão se cala quando os Vinculados emergem de uma das ruas que levam à praça. As ruas são estreitas aqui, não grandes o suficiente para os lobos gigantes que eles montam, o que só serve para fazê-los parecer maiores.

As pessoas idolatram os Vinculados tanto quanto os insultam. Tecnicamente, qualquer um pode se tornar Vinculado, e durante as Provas de Vinculação, quando os lobos gigantes têm filhotes suficientes para se vincularem em massa, todos os recrutas do exército de Nocturna têm a chance.

Mas todos sabem que os lobos gigantes escolhem quase exclusivamente pessoas que vêm de famílias Vinculadas. Privilégio gera mais privilégio, um ciclo sem fim.

Não há nada de mágico nos próprios cavaleiros, mas por causa de gerações de seleção natural, eles simplesmente parecem diferentes do resto de nós.

Altos. Bonitos. Máquinas de combate aprimoradas.

Hoje, são quatro, todos usando couro preto de montaria. Uma mulher de rosto severo e pele escura, montada em um lobo gigante prateado, lidera o caminho, seguida por um homem pálido com uma cabeleira loira esvoaçante, montado em um lobo fulvo, e uma mulher mais velha, de pele oliva, montada em um lobo cinzento.

Meus olhos mal registram o quarto lobo gigante e seu cavaleiro — estou muito ocupada observando o que eles estão arrastando atrás dele.

Ou... quem.

Ouvidos se elevam na multidão enquanto as pessoas visivelmente dão um passo para trás, horrorizadas.

É um homem comum, amarrado e se debatendo nos paralelepípedos. Sangue e hematomas cobrem seu rosto, mas ele não luta contra as algemas. Parece resignado. Ele desistiu.

A raiva se acende em meu sangue. Como eles ousam?

Os lobos gigantes e seus cavaleiros avançam em direção ao meio da praça no momento em que perco o fôlego.

Eu conheço aquele homem. Ele era o idiota que me ameaçou na luta ontem à noite.

Meu olhar se volta para o lobo gigante que o arrasta. Enorme é um eufemismo — o lobo gigante é facilmente mais alto do que os cavalos mais prontos para a batalha que os plebeus montam no exército. Seu pelo é preto

como a meia-noite, e ele tem um olhar selvagem e sanguinário. Ele mostra os dentes, cada um mais afiado que uma adaga.

O cavaleiro do lobo gigante se iguala a ele em ferocidade. Ele tem quase trinta anos, eu apostaria, com pele morena clara e cabelo escuro e bagunçado com uma mecha vermelho-sangue. Como todos os Vinculados que já vi, ele é inegavelmente bonito, com olhos castanhos profundos e barba por fazer emoldurando seu queixo esculpido. Mas...

Meu pulso acelera enquanto observo as tatuagens que cobrem completamente seu pescoço e suas mãos. Pouca coisa me assusta, mas isso? Corra, grita uma parte animalesca e autopreservadora de mim. Perigo.

Até nós, plebeus, sabemos o que são. Tatuagens de matar.

Para alguém estar tão completamente coberto por elas...

Ele matou centenas, facilmente. Talvez mais.

Monstro. Esse cara é uma máquina de matar psicopata.

Meu olhar desliza para o seu rosto e meu estômago se revira ao fazer contato visual com ele. O homem Vinculado praticamente me encara de longe. Seu lábio se ergue em um sorriso irônico. Talvez meu medo dele esteja estampado em meu rosto. Desvio o olhar.

O poder irradia dele em ondas. Seja lá quem for, é alguém importante nas forças do rei. Seria impressionante para alguém tão jovem quanto ele... se não fosse absolutamente aterrorizante.

O homem Vinculado salta de seu lobo gigante feroz com graça experiente. Para o tamanho gigantesco do homem, ele se move como água. Em dois passos rápidos, ele alcança o plebeu amarrado às costas de seu lobo.

Ele agarra o homem do chão com uma mão, exibindo um nível de força sobre-humano. Usando a magia de seu lobo gigante, talvez.

"Este homem", grita o cavaleiro, sua voz grave e retumbante ecoando sobre a multidão em silêncio, "é um desertor da linha de frente. O rei se ofende profundamente com qualquer um que ouse abandonar seus companheiros de armas. Você nega a acusação?", pergunta ele ao homem.

"Não", murmura o homem entre os lábios rachados.

O cavaleiro continua: "Nós o trouxemos aqui hoje para garantir que todos os cidadãos de Sturmfrost saibam o que acontece com os covardes."

Ele levanta o homem mais alto e de repente eu sei o que está prestes a acontecer. Não tenho nenhum amor por desertores, e especialmente por esse pedaço de merda. Mas minha irmã não pode testemunhar isso.

"Tape os ouvidos", sussurro rapidamente para Saela, que obedece. Minhas mãos deslizam sobre seus olhos, segurando seu corpo pequeno e quente junto ao meu.

O cavaleiro pega uma adaga com a mão livre e estripa o homem do umbigo ao pescoço. Seus gritos angustiados ecoam, ricocheteando nos prédios ao redor da praça. Então, enquanto a multidão assiste horrorizada, o homem vinculado enfia a mão na barriga do desertor e arranca suas entranhas. De alguma forma, o homem ainda não está morto, gorgolejando de dor, com sangue borbulhando da boca e escorrendo pelo queixo.

O homem vinculado joga o desertor na direção do seu lobo, que o agarra no ar com suas poderosas mandíbulas. Seu lobo gigante cospe o desertor no chão e então o ataca novamente pelo pescoço, sacudindo-o uma, duas vezes. O homem — o corpo — parou de se mover.

O lobo gigante se banqueteia com ele, com sangue cobrindo seu focinho.

Eu me obrigo a assistir o máximo que posso, determinada a gravar a imagem em meu cérebro, para me lembrar disso pelo resto da minha vida.

Para lembrar o quão absolutamente frios os vinculados são e o quão injustamente as cartas estão contra o resto de nós.

Finalmente, a visão me revira o estômago e desvio o olhar, apenas para fazer contato visual com o vinculado brutal e maníaco novamente. Ele está me olhando com ar avaliador. Eu me pergunto se ele gosta de fazer as pessoas se encolherem de medo e dor. Se isso é divertido para ele.

Eu levanto meu queixo mais alto. Não tenho medo de você, seu babaca, digo a ele mentalmente, mesmo com minhas mãos tremendo, mesmo com sua violência ousada e implacável me abalando profundamente.

Não há emoção em seus olhos escuros, nenhuma mesmo.

Os Sifões podem ser nossos inimigos, mas tenho certeza de que este homem é a verdadeira face do mal.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO TRÊS

Igor e eu conseguimos reunir uma dúzia de amigos de Saela e nossos vizinhos para treinamento, o que é um começo. Em poucos dias, conseguimos colocá-los em um cronograma, nos encontrando depois da escola assim que eu trouxer Saela para casa.

Agora, estremeço de compaixão ao ver um garoto alguns anos mais novo que Saela cair de cara no chão. Quedas como aquela doem, mas é claro que não são nada para seu corpo jovem. Ele se levanta como uma lebre, sorrindo, ansioso para recomeçar.

E não são só os golpes duros do treinamento que os fazem se recuperar, não depois da noite passada.

"Qual foi?", pergunta Igor, aproximando-se de mim para poder falar baixo.

"Ali está... Timun, aquele desengonçado", gesticulo. Timun tem doze anos e acabou de começar outro grande surto de crescimento. Parece que ele não sabe ao certo onde seu corpo começa ou termina.

Ontem à noite, um Nabber tentou pegá-lo, mas Timun o repeliu. Ele usou uma pequena faca de trinchar que guardava ao lado do colchão, junto com alguns truques para escapar que lhe ensinamos.

A mãe dele o levou às pressas para minha casa esta manhã para que ele pudesse me contar pessoalmente. Não sei se já me senti tão eufórico quanto ao ver a pura gratidão estampada no rosto da Sra. Sulvan. Sabendo que fui eu quem ajudou a salvar o filho dela.

"Você deveria se orgulhar de si mesmo", murmura Igor, e eu coro.

"Mas ele não viu o rosto do babaca", digo, arrependido. "Aparentemente, estava escuro e o rosto deles estava coberto..."

"Hmm", diz Igor, e nós dois ficamos em silêncio, observando Timun. Ele está rolando alegremente na terra com outros dois meninos, praticando suas

fugas, o trauma da noite passada aparentemente esquecido.

"Você é muito bom nisso, garoto", Igor finalmente resmunga. Eu me esforço para responder, momentaneamente desconcertado pelo raro elogio. "Você poderia pensar em cobrar por isso, sabia?"

"O quê, essas crianças? Os pais delas mal têm dinheiro para comprar roupas novas quando as velhas estão apertadas."

Igor ri. "Não, eu estava pensando mais como no Bairro Norte, onde os pais têm algumas moedas para juntar." Ele faz uma pausa, pensativo. "Mesmo nessas partes mais bonitas da cidade, as coisas estão ficando mais difíceis. Aposto que os pais estariam interessados em ajudar os filhos a aprender algumas habilidades de autodefesa."

Ele se afasta da cerca e se espreguiça. Consigo ouvir os estalos em suas costas e pescoço enquanto ele os move.

"Enfim. Algo para pensar. Talvez te tire do calor e do vapor da lavanderia."

É uma ideia. Concordo com a cabeça e depois me viro, chamando as crianças.

"Certo, bom trabalho, pessoal", digo quando eles se reúnem em círculo ao meu redor. Seus rostinhos me olham atentamente. "Vejo que vocês estão praticando o que aprendemos da última vez."

Faço uma pausa, olhando para a dúzia de crianças reunidas no lamentável pátio de exercícios da escola. A maioria está um pouco magra demais, como se precisasse de uma ou três refeições extras. Sinais do cuidado dos pais são abundantes, no entanto; pequenos detalhes costurados em suas roupas, como o remendo em forma de coração que Sami, de seis anos, ostenta no joelho esquerdo da calça.

Acenando para Saela vir à frente, anuncio a todos: "Vamos mostrar a vocês uma demonstração de alguns movimentos novos que vocês podem usar se um agressor os agarrar por trás."

Saela dá um passo orgulhoso para a frente, com os ombros para trás. Sorrio com sua confiança.

"Pronta para mostrar o que praticamos?", murmuro, com a voz baixa para que só ela possa ouvir.

"Eu nasci pronta", Saela zomba, revirando os olhos para mim.

"Todos, prestem atenção", digo.

Saela e eu damos alguns passos para trás para garantir que todos possam nos ver. Eu me movo para trás dela e então avanço rapidamente, agarrando-a e envolvendo meus longos braços em volta de seu torso esguio. Seus braços estão efetivamente presos ao seu lado. Ela hesita por um instante, mas então repete os movimentos que praticamos em casa nos últimos dias.

Ela se solta das minhas mãos, tornando-se um peso morto contra o meu peito. Saela escorrega para baixo e eu tenho que ajustar minha pegada para mantê-la presa, o que lhe dá segundos preciosos para manobrar.

Então, ela bate o salto da bota nos meus dedos — um pouco mais forte do que realmente precisa para a demonstração. Meu grito de dor é muito convincente.

Assim que ela percebe que estou distraída pela dor, ela afasta os braços, afrouxando meu aperto mais uma vez, e desliza para fora e para baixo do círculo dos meus braços, fingindo correr para longe de mim enquanto as crianças comemoram.

"Isso foi ótimo, Sae", digo, e me abaixo para esfregar os dedos dos pés na bota. "Talvez até um pouco mais impressionante do que o necessário?"

Saela ri.

"Então, certo. Todo mundo viu como ela usou o tamanho dela contra mim?" Cabeças concordam, a maioria parecendo entender os princípios básicos em jogo. "Às vezes, ser pequeno pode ser útil. Seu agressor pode esperar que você seja fraco, que não revide. Ou você também pode fingir ser fraco."

"Como você faz no ringue!", grita um dos adolescentes mais novos, ansioso.

Lancei um olhar de zombaria. "Não que você saiba alguma coisa sobre isso, né?"

Mais risadas começaram entre as crianças. Os ringues de luta não são lugar para crianças, mas isso não impediu que alguns dos pais mais durões trouxessem seus filhos, que, na minha opinião, eram muito jovens.

"Sua vez!", eu os contei em grupos de três, certificando-me de que eles fossem pareados com crianças diferentes da última vez. Fiz com que praticassem até o sol se pôr no horizonte. Se eu os mantiver aqui até muito mais tarde, eles vão perder o jantar em casa, e nenhum deles pode se dar ao luxo de fazer isso.

Depois, passo o braço em volta dos ombros de Saela enquanto caminhamos juntos para casa. Ela está tagarelando sobre o seu dia, algo sobre um rato que entrou na aula de matemática dela. Tenho dificuldade para me concentrar nas palavras dela, porém, com a ideia de Igor ainda martelando na minha cabeça.

Será que ele está certo? Será que minhas habilidades de luta podem levar a algo mais do que apenas um hábito noturno desagradável que me deixa machucada e sangrando? Será que elas podem ser a minha saída deste trimestre decadente?



Mais tarde naquela semana, corro para casa do treino para arrumar a casa para a visita de Lee. Ele começou a vir a cada duas semanas alguns meses atrás, quando parecia que a saúde da minha mãe estava piorando e eu não me sentia mais confortável em deixar Saela sozinha durante a noite.

Agora, nossos jantares quinzenais — com a presença da minha família — são algumas das poucas vezes em que nos vemos fora das minhas lutas.

Antes que eu pudesse voltar para casa, porém, avistei Lee virando a esquina da nossa fileira de casas e tive um momento para simplesmente... encará-lo.

Ele é alguns anos mais velho que eu e mais alto, o que eu aprecio como mulher alta, e musculoso de um jeito magro. Esta noite, ele está sem o uniforme de mensageiro e vestindo uma camisa azul de botões por baixo do casaco que realça a profundidade de seus olhos azuis. Seu rosto reflete a luz da lanterna da arandela no canto e eu admiro descaradamente o contorno marcante de seu queixo e maçãs do rosto.

Lee me vê observando-o e sorri, a curva de sua boca carnuda me deixando em chamas. Ele é tão bonito.

"Trouxe aquele pão que sua mãe gostou da última vez", diz ele em tom de cumprimento, me passando o pacote quando se aproxima. Ainda está quente.

"Obrigada", digo, tocada pelo gesto pequeno, mas atencioso. "Eu queria dizer, sobre minha mãe..."

A visita dela ao médico esta semana foi a mais difícil até agora. Minha descrição de como ela tem agido ultimamente claramente perturbou o médico; Além disso, minha mãe ficou meio distraída durante toda a consulta, divagando e distraída. Mas não havia nada que ele pudesse fazer — disse que já estávamos dando a ela a dose máxima do remédio.

E que eu precisava me preparar para um futuro em que ela seria sempre assim.

Lee me olha pacientemente, esperando que eu continue.

"Ela só anda muito mal ultimamente", termino debilmente, sem querer entrar em todos os detalhes sobre seus últimos delírios.

"Sinto muito, Meryn." A voz de Lee é suave. "Eu sei como é difícil vê-la assim."

Eu o abraço, fechando os olhos e apoiando a testa em seu ombro, me confortando com seu calor sólido. Ele levanta a mão para afastar meu cabelo, seu hálito quente em meu pescoço.

Seus dentes mordem minha pele de leve e eu estremeço e me aproximo, com o calor se acumulando em minha barriga.

"Se você continuar assim por muito mais tempo, não vamos conseguir jantar", digo, com a voz rouca.

Ele suspira teatralmente e se afasta, erguendo a mão para prender meu cabelo atrás da orelha. "Faça do seu jeito." Ele gesticula em direção à minha porta. "Depois de você."

Quando abrimos a porta, me assusto por um instante, desacostumada com a visão à minha frente: minha mãe está cozinhando. Algo que ela não faz há... não sei quanto tempo.

Levanto as sobrancelhas para Saela, que está sentada à mesa da cozinha, trabalhando em uma fileira de números em seu quadro-negro — preparando-se para uma prova amanhã, eu me lembro.

Saela sorri e dá de ombros.

"Mãe!" Inclino-me e dou-lhe um beijo na bochecha, e ela sorri para mim.

"Para que foi isso, querida?"

"Nada." Engulo em seco. "Só que... o jantar está com um cheiro bom, mãe."

A compreensão me atinge de repente: é tão raro vê-la lúcida hoje em dia que é quase estranho, errado. Meu peito aperta e me viro para Lee, me distraindo. "Me passa aquele pão", digo rispidamente. "Vamos fatiar. Vai combinar perfeitamente com..."

Volto-me para a mamãe, perguntando com os olhos.

"O prato favorito do seu pai... aquele ensopado de peixe que ele sempre pedia." Mamãe continua mexendo a panela perfumada calmamente, parecendo não notar o silêncio que se instala no ambiente por um instante enquanto Saela e eu saboreamos a rara menção ao nosso pai.

Lee olha para nós duas, depois se dirige ao balcão, pega uma faca do bloco e tira o pão fresco da embalagem. "Meryn, vá sentar."

Desabo na cadeira ao lado de Saela, com os pés latejando. Mal me levantei o dia todo. Fechando os olhos, saboreio o cheiro da comida, o calor do fogão e da lareira no fundo da sala.

Saela me dá uma pancada na testa com o giz. "Acorda, mana." Rio e me viro para ela, pegando o quadro-negro para ver no que ela está trabalhando. Conversamos sobre o dia dela na escola, mas eu só ouço pela metade, com o outro ouvido fixo na mamãe e no Lee, que trabalham lado a lado.

É normal demais.

Tento ignorar a ideia de que isso não pode durar e apenas aproveitar o conforto.

Enquanto nos sentamos à mesa, Saela faz perguntas a Lee sobre a Cidade dos Laços — o bairro do outro lado do castelo onde vivem apenas os Laços e suas famílias. Saela tem se interessado desde que vimos os Laços marchando pelas ruas esta semana.

Ela está passando manteiga no pão que Lee trouxe, mas seus olhos estão

grudados nele. "Então você já viu? A Cidade dos Laços?"

"Sim, de longe, mas dá para ver boa parte dela dos andares superiores do castelo", afirma ele, sorrindo para a expressão intrigada dela.

"Como é?" Ela apoia o queixo nas mãos, extasiada.

Lee cantarola. "Bem, é óbvio que foi feito para os Laços e seus lobos, para começar. Todas as ruas são mais largas, para que seja mais fácil para os lobos gigantes passarem uns pelos outros sem se arrepiarem." Ele se aproxima e bagunça o cabelo de Saela para ilustrar.

"Você consegue ver os lobos do castelo?", ela pergunta sem fôlego, encantada demais para se irritar com a forma como ele a trata como um bebê.

"Às vezes", Lee concorda. "E uma vez eu realmente vi um filhote de lobo gigante, se você consegue acreditar. Até os filhotes deles são enormes! Geralmente os mantêm longe da cidade principal porque são brincalhões nessa idade e não percebem o dano que podem causar. Pense em um filhote quase do tamanho de um cavalo."

Saela suspira. "Aposto que os filhotes são tão fofos!"

Lee revira os olhos para mim, e eu rio. "Acho que ela não entendeu a questão sobre os monstros lobos perigosos com presas tão longas quanto esta colher", ele sussurra, erguendo os talheres para demonstrar.

Mamãe está colocando as tigelas de ensopado na frente de cada um de nós quando vejo a mudança começar a se abalar sobre ela. Algo muda em seus olhos — ela assume aquela expressão vidrada que eu tanto odeio. A tigela ainda em suas mãos balança, espirrando caldo e pedaços de vegetais no chão. Para meu horror, ela está encarando Lee quando começa a tagarelar.

Pego a tigela de suas mãos antes que mais comida derrame, colocando-a sobre a mesa.

"Nocturn te amaldiçoa, traidor", ela sibila, e o veneno em sua voz me arrepia. "Ele te amaldiçoa!" Mamãe levantou a mão para apontar diretamente para Lee. Ele já a viu delirando antes, mas nunca mirando nele.

"Mãe", eu digo, tentando chamar sua atenção de volta para mim, para acalmá-la. Isso só a deixa ainda mais irritada.

"E você", ela diz, virando-se para mim, com os olhos arregalados. "Você não está onde deveria estar."

Ela levanta a mão e tenta me bater, mas eu seguro seu pulso no ar, segurando-o com força. A pulseira de noivado de prata que meu pai lhe deu, aquela que ela nunca tirou, desliza por seu braço fino. Mamãe se contorce contra meu aperto enquanto eu me movo para contê-la completamente.

"Desculpe", murmuro para Lee. "Volto logo."

Então, meio que conduzo, meio que carrego minha mãe para fora do quarto.

"Maldição! Está me ouvindo?" Minha mãe ainda está desabafando enquanto a afasto.

Atrás de mim, ouço Saela se levantar para pegar um pano para o chão. Tenho medo de me virar e olhar para a expressão de Lee. Ele sempre foi gentil com a saúde da minha mãe, mas nunca a viu nesse nível antes.

Guio minha mãe pelo curto corredor até a cama dela e, felizmente, ela se deita sem lutar, deslizando entre os lençóis, o rosto inexpressivo.

"Mãe", começo, mas então não sei o que dizer em seguida que possa fazer a diferença. "Aqui, vamos pegar seu remédio", digo finalmente, pegando o frasco do banquinho ao lado da cama dela, que serve de mesa de cabeceira.

O xarope viscoso tem um cheiro horrível, amargo e forte. Não consigo imaginar qual deve ser o gosto, mas minha mãe pega a colher de mim obedientemente, rolando para a parede depois de engoli-la, ainda murmurando nomes e xingamentos baixinho.

Sento-me suavemente no colchão ao lado dela, estremecendo com os caroços — deveríamos ter trocado o colchão há muito tempo, mas não tínhamos dinheiro para isso.

Com cuidado, levanto a mão, alisando-a pelo braço da minha mãe, repetindo o movimento até que a tensão dela diminua e sua respiração se estabilize.

Enquanto isso, tento acalmar minha própria respiração, repetindo para mim mesma sem parar que ela não consegue evitar, que ela não escolheu ser assim. Às vezes, preciso desse lembrete — e agora é definitivamente um desses momentos.

Mais do que tudo, sinto uma pontada no peito — a dolorosa consciência de que fui tola, torcendo por uma noite "normal".

Este é o nosso normal agora.

Apago a lanterna e saio na ponta dos pés, sem querer acordá-la, esperando que ela continue dormindo e nos deixe em paz pelo resto da noite. Odeio a mim mesma naquele momento por desejar que minha mãe fosse embora, mas deixo esse sentimento de lado.

Colocando a cabeça hesitantemente de volta para a sala principal da nossa casa, vejo que Saela e Lee deixaram seu ensopado abandonado na mesa, pela metade. Eles juntaram duas cadeiras e Lee está lendo para ela uma lenda sobre deuses apaixonados. Ela está aconchegada sob seu braço reconfortante, absorta na história.

Fico ali parada, observando por alguns instantes, encostada no batente da porta. Os olhos de Lee se voltam para os meus, e seu olhar firme diz tudo — ele não está fugindo de nós, nem mesmo depois daquela demonstração.

A tensão no meu peito diminui e atravesso o quarto para me sentar no chão,

aos pés deles.

"Meryn faz a melhor voz para a deusa", diz Saela, orgulhosa. "Meryn, você lê a próxima parte!"

"Tudo bem, mas só mais um capítulo e depois você precisa terminar seus estudos e ir para a cama", digo, rindo do gemido de Saela.

"A deusa estava trancada na torre e ninguém sabia que ela estava lá", começo, as palavras da história favorita de Saela familiares na minha boca. "Ela sabia que, se quisesse escapar, teria que encontrar um jeito de fazer isso sozinha..."



Depois que Saela vai para a cama, levo Lee para fora para dar boa noite e ele se vira para mim, com o rosto sério. Flocos de neve caem em sua testa franzida. "Meryn, com que frequência isso acontece?"

Suspiro, encostando a cabeça em seu peito. Suas mãos percorrem meus braços. "Os delírios? Todo dia."

As mãos de Lee apertam meus bíceps, e eu olho em seus olhos. "Não estou falando dos delírios, e você sabe disso."

Engoli em seco e desvio o olhar. A mulher ali dentro — a que tentou me bater — não era minha mãe. Fui transparente com Lee sobre as dificuldades dela, e ele as viu em primeira mão muitas vezes, mas nunca contei a ele como ela se torna violenta. Colocar isso em palavras pareceu uma traição à mãe que eu conhecia.

Talvez seja hora de aceitar que a mãe que eu conhecia se foi.

E há outra coisa que tenho escondido dele, a parte que me tortura nos meus sonhos. Como minha avó também tinha essa loucura, e a mãe dela antes dela. Como a loucura corre no meu sangue, espreitando nas sombras, esperando para me arrastar para suas profundezas.

"Eu tenho tudo sob controle, como você viu", murmuro.

"Não estou preocupada com você. Obviamente, você se vira. Mas e a Saela? Não é seguro para ela aqui. E se algo acontecer e você não estiver por perto?"

A frustração me percorre as veias. Olho para ele novamente, tentando com todas as forças conter as lágrimas que brotam no fundo dos meus olhos. Sei que ele tem razão, mas...

"O que eu devo fazer, Lee? Deixar minha mãe sozinha? Levar a Saela para morar em outro lugar? Como posso pagar por dois lugares ao mesmo tempo? E quem vai cuidar da minha mãe se eu não estiver aqui?"

"Venha morar comigo", diz ele. "Eu cuido de vocês dois. Sua mãe pode ficar aqui e vamos visitá-la regularmente."

Dou uma risada surpresa. "Como conseguimos isso? Seu apartamento é minúsculo. Não tem espaço para nós três lá."

"Então nos mudaremos, encontraremos um lugar maior. Ou colocaremos sua mãe lá e você, Saela e eu moraremos aqui. Nós daremos um jeito, gatinha. Mas eu vou proteger você e sua irmã. Deixe-me."

As lágrimas estão caindo agora, fios quentes pelo meu rosto no ar frio do inverno. Meu peito aperta e, de repente, é como se eu não conseguisse respirar. Há quanto tempo alguém realmente quis nos ajudar? Desde que alguém viu minha situação e me ofereceu uma saída?

Não, é mais do que isso — ofereceu e depois insistiu que eu aceitasse.

De onde veio esse homem, que tem o poder de derreter meu coração tão completamente? Eu trocaria o sol, o céu e a própria luz para saber que nunca teria que perdê-lo.

Envolvo meus braços em volta do pescoço de Lee e o puxo para mim, desesperada por sua boca na minha. Ele me empurra para trás, dobrando a esquina, para o beco perpendicular à nossa rua. Não há postes de luz aqui, então podemos desaparecer nas sombras. O mais perto que chegamos de um lugar privado.

Tropeço, sem fôlego, de volta para a parede atrás de mim, puxando Lee comigo até que ele esteja encostado no meu corpo, seu calor e músculos rígidos me pressionando de volta para a pedra dura.

Quando nossos lábios se encontram novamente, não é suave desta vez, mas exigente. Perco-me no emaranhado carente do nosso beijo, envolvendo minhas mãos em volta de sua cintura, mergulhando alguns dedos em seu cós até que meus dedos gelados encontrem sua pele quente.

Lee rosna em minha boca, pressionando-me com força contra a parede, e sua excitação é dura e insistente contra mim. Movo meus quadris em sua direção, saboreando os sons que ele emite. Ele puxa a barra da minha túnica de onde está enfiada na calça, prendendo uma mão no meu quadril enquanto a outra desliza sobre a pele macia para envolver meu seio, apenas finas camadas de tecido entre sua mão e meu mamilo.

Um calor me percorre, e interrompo o beijo para olhá-lo. Ambos parecemos estar desafiando o outro a ir mais longe.

"Ainda não terminamos de falar sobre isso", diz ele.

"Não", concordo. "Depois."

Sua boca bate de volta na minha, puxando meu lábio inferior para dentro de sua boca, chupando-o até eu gemer.

Meus dedos errantes encontram o que procuravam, a excitação de Lee pesada e densa na minha mão através de suas calças. Eu o acaricio e nossas bocas se separam, a testa de Lee encostada na minha enquanto ele respira pesadamente.

"Voltar para o meu?" Seu tom é meio pergunta, meio ordem, e deusa, eu queria poder. Tomei meu anticoncepcional mensal que compro junto com os remédios da minha mãe na botica. Mas...

Eu não queria deixar Saela sozinha durante a noite, não desde que Leesa foi sequestrada a poucos quarteirões daqui.

Até mesmo o pensamento agora está apagando as chamas dentro de mim.

Seu rosto ainda está corado do nosso beijo, o cabelo despenteado, e uma pontada de arrependimento me percorre, mas sei que não conseguirei pensar em mais nada até verificar Saela e me certificar de que está tudo bem.

"Mais uma noite. Olha, você deveria ir embora, mas vou começar a pensar no seu pedido de casamento e... vamos dar um jeito de fazer dar certo."

"Ótimo", ele diz, me dando um último beijo de despedida.

Volto para casa, trancando a porta firmemente atrás de mim, e me movo rapidamente em direção ao meu quarto e ao de Saela. Abrindo a porta do nosso quarto, tremo com a brisa fresca.

Que estranho — não deveria haver brisa.

Meus olhos se voltam para a janela, que está entreaberta, deixando entrar o ar gelado. Com o coração disparado, corro até a cama de Saela.

Não há ninguém lá dentro.

Saela se foi.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO QUATRO

Isso não pode estar acontecendo.

Olho fixamente para a cama vazia, a mente girando em círculos enquanto meu corpo se inunda de gelo.

Saela. Saela.

Fecho os olhos com força, conto até dez e depois os abro novamente, mas a cama vazia permanece, junto com a corrente de ar fria que vem da janela aberta.

Deve haver uma explicação. Como eles puderam entrar aqui comigo lá fora, na rua? Como eu não vi ninguém entrando?

E Saela. Ela teria se defendido, como eu a ensinei. Ela não teria ido embora em silêncio.

Não minha irmã. Minha Saela.

Talvez ela esteja no quarto da minha mãe. Meus músculos congelados ganham vida e eu corro para fora do quarto, pelo curto corredor até o quarto da minha mãe. Abrindo a porta com um puxão, examino o quarto escuro freneticamente, mas não há sinal dela.

Minha mãe se senta sonolenta, piscando para mim, mas não consigo dizer as palavras, não consigo explicar.

Procuro no banheiro.

Na sala de estar e na cozinha.

Ela não está aqui. Seu casaco e botas estão, no entanto, cuidadosamente guardados ao lado da porta da frente. Observo-os entorpecidamente e depois me viro para o nosso quarto.

Minha respiração sai em pequenos suspiros enquanto coloco a cabeça para fora da janela. Pequenos redemoinhos de neve começaram a aparecer, e minha respiração sopra branca no ar gelado. Olho para frente e para trás, examinando cada centímetro da vista, desejando que meus olhos encontrem uma pista na

escuridão fria, mas não há sinal do que aconteceu, nada se movendo no beco ao lado da nossa casa.

Algo mais me chama a atenção, algo que eu não tinha visto antes, enquanto me arrasto de volta para dentro do quarto. No canto do batente da janela, preso em uma lasca longa e irregular de madeira: um pequeno pedaço de pano branco.

Uma combinação perfeita para a camisola de Saela.

Afundando no chão, ouço um som agudo e, depois de alguns instantes, percebo que vem dos meus lábios. Estremeço e bato a cabeça contra a parede, saboreando a dor lancinante.

Ou Saela escapou para a neve de camisola no meio da noite... ou alguém a levou.

Enquanto eu estava na neve, fazendo planos para um futuro melhor com Lee, minha irmã foi roubada durante a noite.

Mesmo que minha mente rejeite as palavras, meu corpo está reagindo. Bato a janela com força, calço as botas e visto um casaco enquanto corro para a escuridão.

Lee ainda deve estar por perto, ele acabou de sair. Viro à esquerda em direção ao seu caminho para o Northern Quarter e corro. Em poucos minutos, avisto seu corpo grande caminhando resolutamente pela rua tranquila.

"Lee!", grito. Ele se vira, seu rosto se iluminando com um sorriso ao me ver, que logo desaparece diante do meu pânico óbvio.

Ele corre em minha direção, a preocupação franzindo a testa, e me agarra pelo braço. "Meryn, o que..."

"Saela", ofego, com a respiração entrecortada pela corrida. Dói dizer o nome dela. "Ela estava desaparecida quando voltei para dentro." Minha mente gira novamente. Não, não, não, não...

A mão de Lee aperta meu antebraço, me acalmando, me trazendo de volta ao presente. "Vamos procurá-la", ele me diz, irradiando calma e autoridade. Eu me afundo contra ele. "Vamos voltar para o seu bairro e começar por lá. Vamos acordar seus vizinhos. Vamos encontrá-la, Mer. Ela não pode ter ido longe."

Ele não dá voz aos meus medos. À única conclusão lógica: ela foi sequestrada.

O tempo parece bocejar e saltar, avançando em sobressaltos.

Volto a me concentrar em frente à porta de Igor e bato com o punho contra ela. "Igor!", minha voz sai meio soluçando. Grito seu nome repetidamente, batendo as mãos na madeira. A mão de Lee no meu ombro me acalma.

Portas se abrem aos nossos lados, rostos cautelosos olhando para fora para ver o que está causando a comoção. Uma das ex-professoras da minha irmã me reconhece e sai pela porta vestindo apenas suas roupas de dormir, um xale grosso

e botas. "Meryn? É você?"

A porta de Igor se abre e ele e sua esposa Prina ficam parados na porta, com a preocupação estampada em seus rostos. Um buraco se abre em meu estômago e minhas entranhas se reviram, como se estivessem presas em uma tempestade.

"É Saela", consigo dizer. "Ela se foi. Ela... eles a levaram."

"Precisamos procurá-la", Lee interrompe. "Você pode vir nos ajudar? Se você for pela extremidade norte do bairro, podemos ir para o oeste e depois dar uma olhada no Mercado Central."

Igor deu dois grandes passos à frente, e eu me assustei quando ele me envolveu com seus braços enormes. "Meryn", ele disse, e havia um parágrafo inteiro naquelas duas sílabas curtas. "Claro que vamos te ajudar." Mas eu ouço em sua voz as palavras que ele não disse.

Eu me afasto. "Não! Não. Ela não se foi. Não podemos desistir dela..."

Igor já pegou o casaco e calçou as botas. A professora de Saela se junta a nós, tendo vestido às pressas uma calça por cima da roupa de dormir. "Não vamos desistir, Meryn. Estamos aqui com você."

O fundo da minha garganta queima e olho ao redor, desvairada, com a mente em branco. "Deveríamos..."

"Meryn e eu pegaremos os quarteirões a oeste daqui", Lee repete quando eu adormeço. "Vocês dois podem começar a verificar o norte?" Ele me pega pelo braço e me puxa.

O beijo gelado dos flocos de neve contra minhas bochechas me traz de volta à realidade. Está caindo mais forte agora, penso distraidamente.

Lee e eu estamos trotando, depois correndo, percorrendo cada rua e beco, gritando o nome de Saela. As ruas estão desertas a esta hora, exceto por alguns ratos de aparência esfarrapada e um cão de rua miserável que nos observa passar de seu modesto abrigo sob uma varanda. Vidro quebrado e montes de gelo estalam sob minhas botas, o som abafado pela queda da neve ao redor. Os montes brancos fazem as ruas parecerem fantasmagóricas e áridas.

Paramos para recuperar o fôlego depois de talvez uma hora de busca.

"Talvez devêssemos..."

"Separar-nos?", pergunta Lee. Ele se aproxima, erguendo as mãos para emoldurar meu rosto. "Cobriríamos mais terreno assim. Mas Meryn... você está..."

A preocupação em seus olhos me deixa louca, e eu giro para longe do meu alcance. "Estou bem. Vá embora. Você deveria ir para a Central. Ela pode ter ido para lá... Encontre-me em casa amanhã de manhã para me dizer se encontrou alguma coisa?" Não olho para trás para ver se ele segue minhas instruções antes de disparar novamente pelo beco seguinte.

Eu avanço cada vez mais rápido, ziguezagueando por cada rua, os olhos percorrendo cada esquina, cada sombra, cada lugar onde ela poderia estar. Por dentro, bloqueio a voz que me diz que as crianças nunca serão encontradas. Que não há nada que alguém possa fazer.

Eu me recuso a não fazer nada. Eu me recuso.

Horas depois, o dia amanhece frio e chuvoso, os flocos de neve se transformando em neve derretida, cinza sob minhas botas. A mistura de fuligem pinga das sarjetas e se acumula nas valas à beira da rua. Trabalhadores da manhã saem de suas casas, me dando ampla distância, desviando o olhar.

O mundo está um borrão, minha mente entorpecida de exaustão. Não sei que horas são quando finalmente admito a derrota, voltando para casa.

Igor e Lee já estão lá, sentados do lado de fora da minha porta. Percebo, sem que nenhum deles diga uma palavra, que não há sinal dela.

Lee tenta me impedir quando entro em casa. Eu simplesmente me afasto, me soltando de seu abraço. Ele está dizendo alguma coisa, mas todos os sons do mundo ao meu redor foram substituídos por um zumbido abafado. Retiro-me para o meu quarto e fecho a porta na cara dele.

A culpa é toda minha.



O TEMPO VOA.

Deitei-me, distraída, na cama de Saela, enrolada nos lençóis e no cobertor que ainda cheiravam levemente a ela.

Mamãe me examinou algumas vezes, lúcida o suficiente para saber o que estava errado, para perceber o que tinha acontecido. Diante da tristeza em sua expressão, viro o rosto para a parede.

Mulheres da vizinhança aparecem em turnos — funcionárias da lavanderia, mães de colegas de escola de Saela, velhas amigas das minhas mães que não vejo há anos. Elas trazem comida, pão, entrando cautelosamente no meu quarto e deixando pratos no chão quando me recuso a falar.

Depois, ouço-as conversando em voz baixa com minha mãe, se ela estiver acordada. Na maioria das vezes, elas vão embora silenciosamente, sem serem bem-vindas por nenhuma de nós.

Não consigo me importar. Os pratos de comida estão no chão, intocados.

"Ela não comeu nada", diz a voz da minha mãe, horas ou dias depois. Não sei quanto tempo faz.

A mãe parece lúcida, sã. Como se a perda da filha tivesse fortalecido as

reservas mentais que lhe restavam.

"É exatamente como o que aconteceu com o pai dela, depois do primeiro ano na frente de batalha. Ele não falou por cinco dias depois de voltar. Desperdiçou metade da licença assim." A voz da minha mãe falha, e a culpa floresce dentro de mim, quente e vermelha.

Pai. Ele deveria nos proteger. E então ele nos deixou, foi embora e nunca mais voltou.

Eu deveria proteger Saela. Eu prometi a ela.

Meus dedos se contraem em direção à adaga que guardo perto da minha cama. Quando meu pai morreu, isso funcionou, às vezes — me dando dor para focar, algo para sentir além disso. O corte afiado afastaria a escuridão do meu cérebro, removendo qualquer sensação além da adaga encontrando meu braço ou coxa.

Mas não consigo encontrar energia para me mexer, nem mesmo para isso. Encaro o teto, observando as sombras se moverem estranhamente pelo quarto enquanto o dia vem e vai.

O quarto está escuro novamente quando Igor aparece na porta, abaixando-se para passar pelo batente baixo. "Chega, Meryn." Sua voz corta o quarto como uma faca.

Ao contrário dos outros, não há piedade em seu tom, nem simpatia.

"Não é você. Levante-se."

Meu corpo está como uma pedra na cama. Espero, a vergonha e a raiva me percorrendo, fechando meus olhos com força, recusando-me a olhar para ele. Ele fica parado na porta pelo que parecem horas, mas eventualmente sai.

Algum tempo depois, Lee entra silenciosamente. Não me viro para olhar, mas sei que é ele imediatamente. Percebo pelo cheiro de pinho, pelo passo confiante.

Ele não diz nada, apenas deita na cama comigo, encaixando seu peito contra minhas costas, seus joelhos na curva dos meus. Com a pressão do calor, meus olhos ardem, e então estou soluçando, chorando pela primeira vez desde que Saela foi levada.

Choro sem parar, e Lee me abraça. Quando finalmente paro, nenhum de nós diz nada. Lee apenas aperta minha mão na dele, seu polegar percorrendo as costas da minha mão, para frente e para trás, para frente e para trás.

Preciso dormir, porque quando abro os olhos novamente, o quarto está claro, a luz da janela batendo forte no meu rosto.

Lee foi embora, mas meus braços estão firmemente presos em algo — o travesseiro de Saela. Quando minha visão se aprimora, noto uma pequena mecha de seu cabelo ainda no tecido, a cor castanha um tom mais escuro que a minha.

A única mecha brilha no quadrado de luz do sol.

Sento-me.

Algo se quebrou e se reinstalou em meu peito. Prometi a ela. Prometi a Saela que nada a machucaria.

Eu cumpro minhas promessas, porra.



O centro de recrutamento do exército no Bairro Leste fica ao lado de um açougue. Apropriado, penso sombriamente enquanto espero o recrutador encontrar meu sobrenome em sua folha.

Cada quartel tem um desses centros, e dá para perceber que o castelo se importa um pouco mais com eles do que com qualquer outra coisa — o fogo na lareira é carregado com lenha que queima alegremente, exalando um cheiro seco e temperado, diferente do aroma úmido e turfoso do nosso fogão em casa. As paredes são forradas de papel, um luxo que você não vê em nenhum outro lugar na Eastern. E os móveis estão arranhados e desgastados, mas ainda assim, obviamente, de qualidade superior à da maioria.

Meus olhos percorrem o uniforme do recrutador, as pilhas de papel em sua mesa, a confusão de formulários e listas. Uma lamparina a óleo tremula, fazendo sombras dançarem em suas mãos enquanto ele folheia os papéis. É como se estivessem me alcançando.

"Ah, aqui", ele diz finalmente. "Cooper. Mas...", ele me olha de soslaio, em dúvida. "Você não foi convocado para servir. Diz que você tem uma exceção de zelador."

Todo mundo é convocado em algum momento, a menos que esteja cuidando de um familiar menor ou idoso, ou tenha um problema de saúde. Eu tinha uma exceção ao lado do meu nome desde antes de ter idade suficiente para servir.

Engulo o nó na garganta. Meu pai odiaria se soubesse que eu estava seguindo seus passos, rumo à frente de guerra brutal que assombrava seus sonhos.

Meu pai não está aqui.

"Eu sei", digo, com a voz firme. "Não me importo. Vou me voluntariar."

É o único jeito. Se os Nabbers estão levando as crianças para os Sifões através da fronteira, esta é minha única oportunidade de chegar a Saela.

O recrutador e eu nos encaramos, e ele resmunga em concordância, rabiscando algo na folha à sua frente. "Bem, nesse caso..."

"Com que rapidez você pode me mandar para o front?"

O recrutador inclina a cabeça para o lado, pensando. "Pedimos aos novos

recrutas que se apresentem para o treinamento a cada seis meses, o que normalmente lhes dá tempo suficiente para organizar suas coisas. Temos um campo de treinamento começando amanhã, mas eu recomendo esperar até..."

"Estarei lá", digo a ele rapidamente. "Dê-me minhas ordens."

O homem me encara por um instante, tentando avaliar o quão sério estou. Algo na minha expressão deve convencê-lo, porque ele apenas balança a cabeça como se discordasse de mim e então carimba algo no papel.

"Pronto. Bem-vindo às Forças Reais do Rei, Recruta Cooper."

OceanofPDF.com

CAPÍTULO CINCO

Depois de sair do centro de recrutamento, vou direto encontrar Lee, com a respiração ofegante no ar gelado. Aperto meu casaco puído contra o corpo, desejando ter um cachecol — mas saí de casa com tanta certeza esta manhã que nem pensei nisso.

Lee só fica em seu pequeno apartamento alguns dias por semana e, fora isso, fica acordado nos dormitórios dos empregados do castelo, mas eu conheço sua agenda e ele deve estar em casa hoje. Minha mente está girando, e eu cerro o maxilar e observo a paisagem de Northern enquanto caminho, decididamente afastando o amanhã da minha mente.

Haverá tempo para pânico mais tarde. Mas agora, preciso me explicar para Lee.

O Northern Quarter, o bairro mais próximo do imponente castelo, não é tão estranho quanto as ruas dos Bonded, mas ainda é muito diferente do Eastern.

Os prédios são mais altos. As ruas são mais espaçosas. Não há cães vadios procurando por restos. Obviamente, não há cheiro. O ar não é limpo, mas não fede como se houvesse muita gente espremida em pouco espaço.

O ar mais fresco, no entanto, não ajuda em nada a acalmar meus nervos. Estou em uma espiral descendente desde que assinei os formulários de recrutamento.

Quero que ele entenda. Preciso que ele entenda, na verdade. Lee é minha âncora, me mantendo no lugar quando as marés selvagens das minhas próprias emoções ameaçam me puxar para águas mais profundas. Se ele me olhar como se eu fosse louca quando eu lhe der a notícia, vai ser difícil não duvidar de mim mesma.

E não há espaço para dúvidas agora.

O prédio de Lee é de madeira como o meu, mas amplo e tem quatro andares,

todo dividido em pequenas unidades e habitado principalmente por outros servos reais. Ele mora aqui sozinho, em seu próprio espaço organizado, embora também tenha crescido no Norte.

Assim como Lee, seu pai trabalha no palácio, mas o relacionamento deles é tenso e difícil. O pai parece, bem, um babaca. E a mãe dele faleceu quando Lee era criança. Quando conseguiu o emprego de mensageiro na adolescência, imediatamente se mudou da casa do pai para um espaço próprio.

Chegando à sua entrada, atravesso a porta da frente e subo as escadas para encontrá-lo, com o estômago embrulhado. A ideia de decepcioná-lo me dá vontade de trocar de pele.

Bato na porta dele. Ouço um baque vindo de um dos apartamentos vizinhos. Ouço gritos vindos do andar de cima. Meu coração dispara. Meus dedos ainda estão frios do ar frio, então respiro neles para ter algo para fazer.

Ouço um clique antes da porta se abrir. E...

Não sei. Ao vê-lo, de repente tudo fica bem. Não me lembro por que estava ansiosa. É assim que funciona com Lee. Dou uma olhada em sua silhueta alta na porta — seus ombros largos, sua camisa para fora da calça, seu cabelo loiro-escuro levemente bagunçado, como se tivesse acabado de acordar de um cochilo — e me sinto segura.

Sua mão permanece na porta. Vejo seu aperto aumentar quando ele percebe que sou eu. Os olhos de Lee são de um azul cristalino tão lindo, como o céu em um dia surpreendentemente frio de inverno, mesmo neste corredor escuro.

"Kitten", ele diz com a voz rouca, o calor permeando sua voz. "Você voltou."

Eu sei instantaneamente o que ele quer dizer — eu voltei. Expulsei aquela parte de mim capaz de desmoronar completamente, a parte que chorou enquanto ele a segurava. Ela ainda está aqui, bem lá no fundo, mas me recuso a deixá-la me controlar por mais um instante.

"Eu voltei", concordo. E espere até ouvir o que eu fiz...

Seu braço forte se fecha em volta da minha cintura e ele me puxa para dentro do apartamento, o calor de seu corpo rijo contra o meu. Lee coloca uma mecha do meu cabelo escuro atrás da orelha, fecha a porta com um chute e diz: "Ótimo. Senti sua falta."

Então, aquele olhar dele desce mais, percorrendo meu corpo, e de repente não penso em mais nada além deste momento. O calor em seu olhar aciona um interruptor em meu cérebro, e todo o meu corpo reage com a necessidade de me aconchegar contra ele e me render a isso. Minha pele formiga. Meus malditos dedos dos pés se enrolam nas botas.

Mas quando ele levanta a cabeça e eu encontro aquele olhar faminto novamente, tudo volta à tona.

Não foi por isso que vim aqui.

"Preciso te contar uma coisa", deixo escapar, pressionando a mão em seu peito.

Seus olhos se movem rapidamente entre os meus, como se estivesse tentando descobrir o quão séria eu estou. Então ele acena com a cabeça, me pegando pela mão e me levando para sua cozinha, seu único lugar para sentar além da cama. Ele puxa uma cadeira de madeira para mim e gesticula para ela.

"Fale comigo", diz ele enquanto se senta na cadeira ao lado da minha. Seu olhar é firme, sua postura relaxada.

Como puxar uma farpa, digo a mim mesma. "Eu me alistei para poder ir para o front e encontrar Saela."

Por um momento, ele não reage. Está completamente imóvel, ainda me encarando fixamente. Começo a me perguntar se isso é pior do que se ele tivesse apontado imediatamente minha imprudência. O não saber é punitivo.

E então ele fecha os olhos e suspira profundamente. Sua mão se levanta para apertar a ponta do nariz, e o desespero irradia dele em ondas. E não, isso é definitivamente pior do que o silêncio.

"Ah, gatinha. O que você fez?" Ele abre os olhos novamente e me encara com um olhar cheio de amor e desgosto.

Minha vulnerabilidade me transforma em uma babaca. Eu me irrito instantaneamente. "Eu tive que fazer isso, Lee." Minha voz é afiada como uma faca. "Ninguém está fazendo nada. Alguém tem que estar lá embaixo que se importe com as crianças desaparecidas, que vá procurá-las." Minha mão se fecha em punho. Eu odeio isso. "É Saela. Como você pode não entender isso?"

A pergunta soa como uma acusação, mas Lee não se rebaixa ao meu nível. O carinho ferido em seus olhos não vacila, mesmo quando tento arrancar sua cabeça com uma mordida.

"Eu entendo", ele me diz. E, de repente, não estou mais com raiva. Porque, pelo jeito que ele disse, sei que ele quis dizer isso.

Lee respira fundo novamente e se inclina para trás, deixando o braço descansar na mesa ao nosso lado. Seus dedos longos arranham distraidamente os veios da madeira. Então, seu rosto se contrai levemente. Parece dor. Ou culpa, talvez. Frustração. Uma mistura de sentimentos ruins.

"Se eu pudesse, iria no seu lugar para encontrá-la", diz ele finalmente. Em voz baixa.

A realeza contrata seus servos entre os filhos de servos, geração após geração. Eles ganham salários melhores do que a maioria, mas, uma vez que entram para o serviço do rei, espera-se que sirvam por toda a vida, sem exceções.

"Eu faria qualquer coisa por você, Meryn. Mas isso..."

Eu me encolho. "Você acha que eu sou louco?"

Sua expressão se contrai. "Eu não acho", ele rosna. A ferocidade de sua resposta soa como uma ameaça contra qualquer um que ouse me questionar. "O momento é simplesmente... horrível."

"O momento?"

Ele estende a mão e passa os dedos pelos cabelos grossos, depois a deixa cair sobre o joelho. "Estão prestes a acontecer os Testes de Vínculo."

Suas palavras são como um soco no estômago.

Testes de Vínculo... uma chance de me tornar uma das preciosas forças Vinculadas do Rei e formar uma conexão inquebrável com um lobo gigante e cruel.

Se isso for verdade, significa que talvez eu nunca chegue ao front. Os Testes de Vínculo são tão perigosos quanto a guerra, pelo que ouvi.

Uma lufada de ar irregular sufoca meus pulmões. "Como você... sabe disso?"

Não tem como ele saber, certo? Os Testes de Vínculo acontecem esporadicamente e são mantidos em segredo para não impedir os soldados de se alistarem. Quando um está prestes a acontecer, todos os recrutas recém-alistados são obrigados a tentar criar laços, sem exceção.

"Ouvi sussurros no castelo. Já enviaram mensagens para os instrutores", diz Lee. Sua testa está franzida. Ele não está olhando para mim. E eu sei por quê.

Acabei de dizer a ele que vou me jogar no lugar mais perigoso possível, e ele me conhece bem demais para tentar me convencer do contrário. Não há nada que ele possa fazer, e Lee odeia isso. Ele sempre odiou não poder atuar, talvez tanto quanto eu.

"Eu ainda vou", digo a ele. "Eu preciso."

"Eu sei", diz ele. "Olha, eles vão fazer você fazer a primeira Prova. Pelo que ouvi, é uma escalada de montanha perigosa, e os lobos gigantes estão no topo. Mas você não precisa tentar criar um vínculo com um. Tudo o que precisa fazer é sobreviver. Contanto que faça isso e evite criar um vínculo, você será enviado para a frente de batalha com o resto dos soldados plebeus depois."

Respiro fundo, trêmulo. Isso não parece nem um pouco assustador. "Certo."

Seus olhos encontram os meus novamente, e eles ardem com uma intensidade que me faz sentir poderosa. "Se alguém pode sobreviver a isso, será você", ele me diz com firmeza. A coragem queima como uma fogueira em meu peito. "Lute, Meryn. Vença. Encontre Saela e volte para mim."

"Eu vou. Eu... eu te amo, Lee."

"Eu também te amo", ele diz, estendendo a mão para acariciar minha bochecha delicadamente.

Já dissemos essas palavras um ao outro antes, mas hoje elas soam diferentes.

Hoje, "eu te amo" soa muito como "adeus".

Preciso banir esse som da minha mente, e há uma maneira infalível de acalmar todos os meus pensamentos. Lee percebe minha mudança de humor, acariciando minha bochecha com o polegar e, em seguida, arranhando levemente meu pescoço e meu ombro com as unhas. Num piscar de olhos, meu desespero por tê-lo em cima de mim, dentro de mim, fica tão ardente que minha pele esquenta.

Estendo a mão para Lee e o puxo para mim pela camisa.

Ele está sobre mim instantaneamente, de pé, me beijando com um calor escaldante enquanto uma de suas mãos se fecha em volta do encosto da minha cadeira e a outra em volta do meu pescoço. E assim, de repente, perco o controle.

Meu aperto em sua camisa afrouxa quando sua língua encontra a minha, o calor escorregadio de seu beijo inundando meus músculos de êxtase. Um som carente escapa de mim enquanto puxo sua camisa fracamente, e sua risada de volta vai direto ao meu âmago.

Nenhum de nós diz uma palavra quando nossos olhares se encontram novamente, a intensidade em seu olhar me faz ofegar. Suas mãos grandes deslizam pelas minhas costas até minha bunda, e então, em um movimento rápido, ele me levanta e me deita ali mesmo, contra o chão da cozinha, me curvando para trás, seguindo para me reivindicar em um beijo.

Eu caio para trás, os braços soltando de seu pescoço para me apoiar. O frio gelado do chão da cozinha pressiona meus braços, meu traseiro, minha lombar, enquanto o calor de Lee me aquece, me fazendo tremer de prazer.

A boca de Lee lambe um rastro de fogo do lóbulo da minha orelha até a base do meu pescoço, onde ele suga, provocando minha pele sensível com os dentes. Minha cabeça cai para trás, batendo no chão.

Sua boca desaparece e eu me apoio em um cotovelo, apenas para meu braço fraquejar enquanto ele puxa minha calça para baixo, passando pelos quadris, rasgando minha calcinha em um único movimento. Eu o encaro, minha respiração ofegante. Seus lábios se curvam em um sorriso possessivo, e meu corpo se inunda de calor.

Lentamente, ele se levanta até os joelhos e desfaz os cadarços da frente da própria calça, e eu gemo ao ver seu pau se soltar, já dolorosamente duro. Ele esfrega a base da mão na cabeça, uma, duas vezes, enquanto eu me contorço na frente dele.

Cada parte de mim quer agarrá-lo e envolvê-lo com minhas pernas, tomá-lo para dentro de mim imediatamente, mas sei por experiência própria que, neste

momento, ele está no comando, não eu.

Lee se inclina para frente e puxa minha túnica até o pescoço, puxando as faixas que uso em dois puxões curtos, expondo meus seios. Meus mamilos já duros formigam no ar frio, e quase pulo do chão quando seus dedos beliscam meu mamilo esquerdo com força.

Ele apalpa meu outro seio e alterna entre acariciá-lo e beliscá-lo até que eu esteja uma bagunça de gemidos. Finalmente, finalmente, ele desliza a mão pela minha barriga, a excitação me percorrendo enquanto ele me pressiona contra o chão, depois se abaixa e empurra as mãos contra a parte interna das minhas coxas, me abrindo.

Já estou pingando de desejo, minha carne sensível se contraindo com o ar quente de sua respiração contra mim. Cada parte de mim parece vazia, esperando que ele me preencha, me faça completa.

O primeiro toque de sua língua é tão pecaminoso que quase gozo na hora.

Lee se afasta instantaneamente, como se soubesse o quão perto eu já estou. Levanto a cabeça para encontrar seu olhar penetrante. Ele não precisa falar para eu entender: nós dois sabemos que esta pode ser nossa última chance de ficarmos juntos assim por... por um longo tempo.

Ele não vai deixar isso acabar tão rápido.

Lentamente, dolorosamente devagar, sua boca retorna, a língua mergulhando dentro de mim e então subindo para circundar meu clitóris, me excitando antes de desaparecer assim que me aproximo da borda. Estou falando agora, implorando, dizendo palavras, mas sem saber o quê ou quais.

Minhas coxas estão encharcadas quando ele se afasta, ajoelhando-se e olhando para mim, com os olhos escuros.

"Levante as mãos acima da cabeça", ele ordena, "e agarre a perna da mesa atrás de você."

Tremendo, faço o que ele diz, seus olhos nunca desviando dos meus.

"Segure firme", ele diz, o olhar faiscando. "Não solte, não importa o quanto você queira se tocar."

O toque suave e gentil de antes se foi. Quando ele finalmente empurra para dentro de mim, ouço a mim mesma gritar seu nome, meio sem sentido. Envolvo minhas pernas em volta dele, incitando-o a ir mais fundo, e ele não resiste, empurrando-se profundamente antes de se retirar e me penetrar de novo.

Agarro a perna áspera da mesa o tempo todo, com tanta força que ela afunda nas minhas palmas. Meus dedos doem intensamente; a sensação dele batendo entre as minhas pernas, somada à impotência de não conseguir buscar meu próprio prazer, me faz gritar, implorar, agarrar a madeira como se eu fosse cair do mundo sem ela.

Ele me fode exatamente como eu queria, com estocadas profundas e punitivamente rápidas que enviam pulsos de prazer rugindo pelo meu corpo. Não consigo me impedir de tentar me empurrar de volta para dentro dele, puxá-lo fundo com minhas pernas, me abrir ainda mais para lhe dar tudo de mim.

Ele não tira os olhos de mim — aqueles olhos azuis perfeitos e cristalinos.

E quando o ritmo implacável de seus quadris começa a falhar, eu imploro. "Por favor. Por favor. P-Porra. Por favor. Lee!", grito.

Ele sorri para mim enquanto me fode, como se gostasse de me ver desfazer tanto quanto eu gosto de me estilhaçar sob seu toque, dilacerada pelo prazer. Ele geme e finalmente tira a mão do meu quadril para circundar meu clitóris com o polegar, e eu explodo instantaneamente, tendo estado no limite por tempo demais para resistir àquele toque.

Um prazer ofuscante embaça minha visão, e estremeço enquanto meus músculos se contraem ao redor dele. Ondas de prazer me percorrem enquanto ele continua a estocar, rápido e forte, enquanto meu orgasmo continua, meu corpo o massageando até que ele também me solta, gozando com um grito e uma estocada final violenta dentro de mim.

Finalmente, minha respiração começa a se acalmar. Abro os olhos, a visão ligeiramente turva.

O som da risada satisfeita de Lee enquanto ele se retira me faz apertar novamente em torno do nada, gemendo enquanto ele acaricia meus nervos hipersensíveis mais uma vez, beliscando meu clitóris com o polegar.

Ele se levanta graciosamente, estendendo a mão para mim e me puxando para perto dele. "Tudo bem, gatinha?"

Observo meu corpo. Sinto uma dor na cabeça. Acho que provavelmente joguei a cabeça para trás contra o chão quando gozei. E estou um pouco dolorida e exausta, no melhor sentido possível. Devorada, na verdade.

"Mais do que bem", respiro. Fecho os olhos brevemente antes de tentar andar.

Ele envolve meus braços em volta do seu pescoço e eu o deixo me carregar até o quarto. Ele me leva de costas até chegarmos ao banheiro e me deita com uma risada, virando-se para a cama enquanto me lavo com as mãos trêmulas.

Depois de me limpar, desabo na cama ao lado dele, moldando meu corpo ao seu. Seu braço desce para envolver meu ombro, a outra mão pressionando meus quadris contra ele até que todas as nossas partes se toquem.

Lee morde meu pescoço algumas vezes de brincadeira e então sussurra para mim: "Você não precisa ir, sabe? Você poderia ficar. Aqui. Assim."

Meu peito inteiro dói. Recuso-me a chorar, então ignoro a ardência nos meus olhos. "Não posso fazer nada, Lee."

"Eu sei", ele diz, sentando-se e me oferecendo a mão. "Vamos. Precisamos ir."

Pego sua mão e deixo que ele me ajude a me levantar. Ele recolhe minhas roupas espalhadas pela cozinha e as entrega para mim. "Vista-se."

"Para onde vamos?", pergunto.

"Compras. Se você vai sobreviver ao primeiro Teste de Vínculo pelo qual todos os soldados passaram, precisa de equipamentos melhores."



Fazer compras com Lee é quase tão torturante quanto contar minhas novidades. Não gosto de aceitar dinheiro de ninguém, não quando posso evitar. Ele insistiu que tinha dinheiro sobrando e que se culparia se algo acontecesse comigo nos Testes de Vínculo por eu não ter o equipamento certo.

Ele me leva a uma loja de couro de que gosta, bem perto da praça principal do mercado em Central. A loja está cheia de coisas lindas, melhores do que qualquer lugar onde já comprei. Lee cumprimenta o lojista como se já tivesse estado ali umas cem vezes, e eu o observo, surpresa. Por outro lado, suponho que ele receba seu salário chique de servo do castelo — e não tenha uma família para sustentar, como eu.

Juntos, os dois selecionam uma série de itens de que preciso, me ignorando sempre que protesto que algo não é necessário.

Uma mochila nova, com bolsos, divisórias e alças para prender tudo.

Um odre novo, leve, porém grande e durável.

Um par de botas novo, especialmente encharcado, esticado e oleado para que o couro fique flexível o suficiente para não me causar bolhas após um dia duro de caminhada.

Uma jaqueta nova, acolchoada e forrada de couro, mais comprida e grossa do que a que tenho há anos, com bolsos forrados de pele para manter minhas mãos aquecidas.

Um par de luvas elegantes, justas, mas flexíveis o suficiente para me permitir total liberdade de movimento enquanto as uso.

Observo impotente Lee empilhar moeda após moeda no balcão depois, uma quantia impossível, mais do que já gastei em um mês, quanto mais em um dia.

Mas não termina aí. O Julgamento será gelado, explica Lee. Preciso estar preparado para o mau tempo. Ele me leva por uma rua lateral que eu nunca tinha notado antes, e entramos em uma loja no subsolo, abarrotada de equipamentos de caça, armadilhas e pesca.

Ao longo de uma parede, há equipamentos de montanha, como raquetes de neve e crampons. O lojista ajusta cuidadosamente um par de crampons às minhas botas novas. Nós dois olhamos por cima dos bastões que alguns caçadores usam no inverno para se manterem firmes ao caminhar por uma trilha gelada, mas no fim decidimos que eu quero minhas mãos livres, prontas para pegar uma arma... só por precaução.

Quando saímos, estou atordoada, carregada de coisas mais caras do que jamais tive. Lee se oferece para me acompanhar até em casa, mesmo sabendo que isso o atrasará para seu turno no castelo. Recuso, conto uma piada boba e ele finge rir.

Tentamos não fazer alarde sobre nossa despedida.

É só um adeus por enquanto, ele me garante. Nos veremos em breve, ele insiste.

Tento ir embora como se fosse um dia qualquer, como se o visse amanhã. Espero até ter certeza de que ele não pode me ver antes de deixar as lágrimas rolarem.

No caminho de volta para o Eastern Quarter, entro na lavanderia onde trabalho para contar as novidades. Mae não me critica por ir embora, mas posso ver que, por trás dos olhos dela, ela está calculando quantas horas a mais por semana precisará das outras mulheres para cobrir meu trabalho. Suas perguntas suaves e simpatia me deixam desconfortável, então escapo rapidamente, indo em direção à casa de Igor.

Melhor arrancar o curativo de uma vez. Amanhã chegará rapidinho.

Ele está no quintal, mexendo em uma mesa quebrada, raspando um pedaço de madeira novo para combinar com as três pernas que ainda estão intactas. O cheiro de lampiões a óleo, couro, aparas de madeira e terra empoeirada me invade o nariz, e eu cerro os dentes, determinada a conter a onda de emoção que ameaça me inundar.

"Vim te ver e sua mãe disse que você tinha ido se juntar ao exército, como um completo idiota", diz ele, com a voz rouca.

"Oi para você também", digo sarcasticamente, me jogando em uma cadeira feia na qual ele está trabalhando há semanas. "Esta cadeira está ainda mais feia do que era há uma semana?"

"Cuidado com essa boca esperta quando estiver no exército", avisa Igor. "Comandantes não gostam quando seus soldados respondem."

Eu rio, feliz por Igor e eu estarmos na mesma sintonia — é melhor brincar e tirar sarro um do outro do que admitir que sinto algo mais agora.

"As mulheres da lavanderia disseram que cuidariam da minha mãe, garantiriam que ela estivesse bem, que estivesse comendo e tomando os

remédios..." Divago, mas Igor entende o que quero dizer mesmo assim.

"Eu também vou ficar de olho", ele confirma. "Você não precisa se preocupar com isso. Nós vamos garantir que ela tenha o que precisa."

Nós dois ficamos em silêncio, e eu observo as sombras aumentarem enquanto o sol se põe atrás dos prédios ao redor.

"Sabe", começa Igor, "eu conheci muita gente forte na minha vida, entre os circuitos de combate e o exército. Mas nunca conheci um pirralho com mais força de vontade do que você."

"Obrigada?", sorrio para ele. "Eu acho?"

"Ah, não é uma coisa totalmente boa", ele retruca, inclinando-se para remexer em sua caixa de ferramentas até encontrar o pedaço de lixa grossa que está procurando. Ele retoma o trabalho na perna da mesa, mas seus olhos encontram os meus por cima do móvel rústico. "Mas se alguém é tolo o suficiente para levar a luta até os Nabbers e forte o suficiente para detê-los e trazer nossos filhos para casa, bem, esse alguém é você."



Ainda estou remoendo suas palavras enquanto arrumo minhas coisas mais tarde naquela noite. O centro de recrutamento me deu uma mochila, gasta e manchada de sabe-se lá o quê, mas agora tenho a linda mochila nova que Lee me comprou, então a encho.

A mochila está aberta na minha cama, e estou separando meus escassos pertences em Saela e na minha cômoda compartilhada, tentando decidir se levo algo sentimental ou se fico apenas com o essencial, quando ouço a porta do meu quarto ranger ao se abrir.

Minha mãe está parada no batente da porta segurando algo que brilha à luz do abajur. Começo a me levantar, mas ela gesticula para que eu fique, e em vez de me agachar sobre a minha bolsa, afundo até o chão, envolvendo os joelhos com os braços.

Mamãe se aproxima e se abaixa ao meu lado. Seus olhos estão mais claros do que eu os via há muito tempo.

"Tenho uma coisa para você", diz ela, e coloca a mão sobre a minha, de modo que o objeto brilhante caia na minha palma aberta.

É um colar de aparência antiga, com um pingente de opala em forma de lágrima cravejado em ouro e uma delicada corrente de ouro polida pelo tempo. Nunca o tinha visto antes, o que é estranho. Achei que conhecia cada centímetro da nossa casa, especialmente tudo o que pudesse ser valioso o suficiente para ser

vendido, caso os tempos exijam.

Pegando o pingente com cuidado entre dois dedos, seguro-o contra a luz. É como se um arco-íris tivesse sido congelado e depois polido e esculpido em uma pedra preciosa.

"Onde você conseguiu isso?" Viro a peça nas mãos, procurando alguma pista sobre sua origem.

"É para proteção", diz ela. "Está na nossa família há gerações, passado de mulher para mulher por não sei quantos anos."

"Mãe", viro-me para ela. "Você precisa disso mais do que eu. Você deveria ficar com ele. Para onde eu vou, ele só vai se quebrar. Uma guerra não é lugar para uma herança."

Ela parece que vai discutir, então aperto o colar firmemente de volta em suas mãos, envolvendo seus dedos em volta dele, e então me inclino para beijar sua bochecha.

"Vou me sentir melhor sabendo que ele está te mantendo segura, mãe. Você pode me dar quando eu voltar."

Mamãe assente, e seus ombros caem, a luta se esvaindo. Ela olha fixamente para a frente, para o outro lado do quarto — para a cama vazia de Saela.

Minha cabeça lateja. "Vou encontrá-la. Eu prometo."

Ela faz um pequeno ruído, como um pássaro preso, mas se está concordando ou contradizendo minha afirmação, não sei dizer.

Não acredito que a estou abandonando aqui. Sozinha. Mas o que mais eu deveria fazer? Não posso simplesmente desistir de Saela.

É horrível até admitir para mim mesma, mas há uma parte obscura de mim que tornou esse cálculo impossível. Ponderei as necessidades da minha mãe contra as de Saela; Me obriguei a escolher entre elas.

Saela... ela é minha irmã, mas eu praticamente a criei.

Ela é minha. Minha responsabilidade.

E ela deveria ter uma longa vida de felicidade pela frente, não qualquer miséria que a espera em Astreona, entre os Sifões.

Uma grande parte de mim se pergunta se estes podem ser alguns dos meus últimos momentos com minha mãe, com a doença dela tão grave. Mesmo que eu consiga voltar...

Não, não posso pensar assim. Não pode haver nenhum "se".

"Eu a trarei de volta", digo em voz alta, sem saber qual de nós estou tentando tranquilizar mais.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO SEIS

Apresentar-me à base de recrutamento do exército é o mais perto que já cheguei de entrar no castelo.

A base está instalada bem dentro das muralhas externas do castelo, ocupando metade de um enorme pátio interno. Passo com cuidado sobre lajes de gelo, todas lisas e planas devido a séculos de pés, cascos e patas.

O prédio permanente do exército, que provavelmente abriga escritórios ou quartéis para oficiais ou algo assim, é uma estrutura de madeira atarracada e térrea, rente à parede do pátio interno. Em todas as direções, enormes tendas foram erguidas para criar mais espaço para processar os recrutas, cada uma delas ostentando pesadas paredes de lona que mal se movem com a brisa gélida do amanhecer. Cada uma delas é pintada com o brasão real — um lobo gigante rosnando em um escudo, uma espada cruzada com uma lança atrás.

O sol mal desponta no horizonte, mas o pátio já está lotado de outros recrutas, a maioria parecendo tão perdida quanto eu, se não mais.

Meus ouvidos se aguçam com a mistura de sotaques ao meu redor — sotaques arrastados familiares daqui, da cidade real de Sturmfrost, mas também sotaques ásperos e ásperos dos outros sete feudos espalhados por nosso país de Nocturna, muitos que não consigo identificar.

Nunca saí de Sturmfrost, mas estudamos a geografia de Nocturna quando eu estava na escola e a parte de mim que anseia por aventura guardou os nomes de todos os outros feudos em um banco e os guardou na minha mente. Os dois mais próximos, os outros feudos que habitam o inverno, são Rabenfrost e Volkenfrost. E o mais famoso de todos é Grunfall, lá no sul, aninhado no Rio Sonnstrom. Foi lá que muitas das batalhas aconteceram ao longo dos anos.

Passo por um rapaz e uma moça tão parecidos que me pergunto se são irmãos; ambos estão boquiabertos, olhando para as muralhas internas do castelo

e as torres além.

A maioria carrega a mochila padrão do exército, e eu me mexo desconfortavelmente, muito consciente da mochila elegante pendurada no ombro. Algumas parecem muito gastas e são decoradas com emblemas e broches, talvez herdados dos pais ou irmãos que também serviram.

Sinto uma pontada no coração ao lembrar do kit militar do meu pai. Minha mãe devolveu tudo para o exército para reutilizar. Disse que não suportava vê-lo. Gostaria de ter algo dele para carregar agora.

Encontro a fila do check-in e entro no final dela, atrás de um garoto que parece não ter mais do que alguns anos a mais que Saela, mais magro ainda que as crianças do Leste e do Sul. Suas botas são tão finas e gastas que não consigo imaginá-las durando mais do que um dia de marcha.

Ele sente meus olhos nele e se vira para me encarar com uma careta. Desvio o olhar rapidamente.

A fila avança lentamente. Finalmente saímos do ar frio e entramos em uma das longas tendas, cujas abas retêm o calor corporal e o calor liberado pelas fogueiras externas esfumaçadas, o suficiente para que alguns recrutas comecem a tirar os casacos.

Continuo com o meu. Não adianta ficarmos confortáveis, sem saber para onde estamos indo, o que nos espera.

O oficial na recepção mal olha para mim quando finalmente chego à frente da fila. "Nome", diz ele, em tom entediado.

"Meryn Cooper."

Ele passa o dedo pela lista no livro encadernado em couro à sua frente e rabisca algo ao lado do meu nome. "Entendido. De volta ao pátio, prepare-se para mais instruções em breve."

A mulher atrás de mim me olha, parecendo assustada. Eu apenas dou de ombros e sigo em frente.

Lá fora, a neve começou a cair suavemente de novo, e os recrutas, que devem ser sulistas, parecem cada vez mais desconfortáveis com seus casacos mais finos. Enquanto aqui em Sturmfrost é um inverno perpétuo, os feudos mais próximos da fronteira são um outono perpétuo.

Aperto meu casaco mais contra mim, relutantemente grata por todo o dinheiro que Lee gastou em meu equipamento. Sem ele, eu provavelmente teria usado o mesmo casaco antigo que uso há anos, um presente dos meus vizinhos. Eu também estaria com as mesmas botas surradas que uso todos os dias. O novo equipamento é estranho, mais elegante do que estou acostumada, mas também é quente, e tenho a sensação de que logo será tudo o que me importará.

Afastando-me do grupo crescente, examino os arredores. Muros imponentes

pairam sobre os alojamentos e tendas, grossos como alguns dos becos em Eastern. Guardas andam de um lado para o outro em intervalos regulares, alguns olhando para fora, mas outros claramente direcionando sua atenção para dentro, para nós.

Um arrepio gelado que não tem nada a ver com o tempo percorre minha espinha. Eles não estão apenas mantendo outras coisas do lado de fora — as paredes estão nos mantendo do lado de dentro.

Mas então, o que eu faria se descobrisse só agora para onde estamos indo?

Os recrutas ao meu redor começam a se calar, um silêncio de antecipação, e volto minha atenção para o grupo. Além da multidão de jovens, vejo um dos oficiais da tenda subindo em uma plataforma de madeira, agitando os braços. Ele segura um amplificador de voz em formato de cone.

Quando todos estão em silêncio, ele leva o amplificador à boca e sua voz ressoa. "Parabéns, recrutas! Vocês foram escolhidos para participar das Provas de Vínculo."

Algumas pessoas perto de mim ficam boquiabertas, e um garoto mais novo à minha esquerda murmura: "Vínculo? Mas... isso não é..."

A voz do locutor o interrompe. "Em dez minutos, começaremos nossa caminhada até o Monte Mata-cão. Vocês montarão acampamento lá esta noite, sua primeira apresentação ao exército. Cada um receberá uma barraca e um kit padrão, e um cadete acompanhará cada grupo para mostrar como montá-los."

À minha volta, as pessoas cobriram o rosto com as mãos; uma garota chora abertamente.

Acho que os rumores sobre as mortes durante os Testes de Vínculo chegaram até os feudos mais distantes.

“Amanhã de manhã, ao amanhecer, começa a Ascensão, a primeira das Provas. Cada um de vocês receberá o maior privilégio que nosso país pode lhe dar: a chance de se conectar com um lobo gigante. Se não conseguirem se conectar...” ele faz uma pausa, e eu ouço as palavras que ele não diz: “Se não conseguirem se conectar e também não morrerem.” “O restante de vocês será trazido de volta para cá após a Ascensão, para embarcar em transporte para as linhas de frente, onde seu treinamento será realizado.”

Uma trombeta soa, o som estranho e reverberante na neve rodopiante. “Vão até a barraca ao longo da muralha sul para pegar seus equipamentos e mais suprimentos, se precisarem”, conclui o oficial. “Boa sorte.”

Uma mulher se vira para mim, com os olhos arregalados e aterrorizada. “Ouvi dizer que muita gente morre durante isso, não foi para isso que me alistei.” Sua voz vacila. “Eu quero lutar, ajudar no front — não morrer no meu primeiro dia.”

Concordo com a cabeça, embora pelo menos não seja a primeira vez que ouço a notícia. Mas ser apresentado como companheiro vinculado a um lobo gigante? Definitivamente não era para isso que eu estava me inscrevendo.

"Parece que a barraca de equipamentos está ali", gesticulo. "Devemos ir antes que as melhores coisas sejam levadas?"

Ela me acompanha. "Sou Alessandra", ela conta, e eu lhe dou meu nome. "Você não acha que eles deveriam pelo menos nos dar um treinamento antes... antes da Ascensão?"

Nossa conversa é interrompida quando chegamos às abas da barraca e uma equipe de guardas e oficiais nos direciona para diferentes filas.

Aqueles que obviamente usam roupas feitas para mantê-los aquecidos são direcionados para uma fila para pegar suas barracas e mochilas de equipamentos imediatamente. Outros, aqueles com roupas puídas, sapatos gastos, vão para outra fila, onde vislumbro uma mesa remendada, empilhada com algumas roupas externas e sapatos.

Sou direcionado para a fila das barracas e pego meu equipamento em silêncio — uma bolsa de barraca que parece impossivelmente pequena para conter algo que realmente me proteja dos elementos; um pacote de rações que parece duro como pedra; uma caixa que chacoalha, provavelmente contendo minha panela, colher e acendedor de fogo.

Os odres cheiram a mofo, e eu os ignoro, preferindo ficar com o que trouxe.

De volta ao ar livre, os recrutas estão sendo direcionados para um portão lateral que estava trancado antes. Entro na fila e contornamos a borda oeste do castelo. O castelo parece diferente deste lado; percebo que só o vi de um ângulo antes. Da minha posição, a maior parte do que podemos ver é a enorme muralha externa e duas enormes torres de guarda com janelas escassas e muralhas ameadas.

Deste ângulo, podemos ver além dessas fortificações; torres mais graciosas perfuram o céu, algumas com passarelas entre elas ou enormes edifícios de pedra conectando-as. As torres maiores no centro terminam em telhados pontiagudos, cada uma ostentando uma bandeira com o brasão real. O castelo é feito da mesma pedra cinza com que a maior parte da nossa cidade é construída, mas cada muralha parece ter vários metros de espessura.

Sorrio sinistramente ao perceber o que estou prestes a ver, pela primeira vez:

A famosa Cidade Ligada de Sturmfrost.

Ao contornarmos a lateral do castelo, começam os murmúrios enquanto outros chegam à mesma conclusão que eu.

De certa forma, a área não parece tão diferente da cidade que conheço tão bem. A mesma pedra cinza e preta forma as muralhas, ruas e pontes, a mesma

neve desce em redemoinhos do céu cinzento acima.

A neve, porém... é como se desaparecesse antes de atingir o chão. Nada gruda, nenhum gelo, nenhuma lama marrom e suja como em casa. Como se o chão fosse aquecido por baixo, de alguma forma.

E os prédios em si me parecem estranhos, até que percebo — estão limpos, todos eles, em vez de manchados com a fuligem e a sujeira que nos cercam em nossa cidade. As paredes também brilham com inúmeras janelas; vidros tão lisos e transparentes que brilham como cristal sob o sol da manhã.

Nosso caminho não nos leva pela Cidade Vinculada, apenas pela lateral, mas mantenho meus olhos fixos no lugar, absorvendo os detalhes à medida que os vejo; sacadas de pedra esculpidas em prédios, algumas com elegantes grades de ferro, outras inteiramente fechadas em vidro como lanternas gigantes.

Estátuas enfeitando casualmente as fachadas dos prédios — os rostos de lobos rosnando, de homens e mulheres impassíveis, os corpos retorcidos de outras feras da floresta.

Prédios que parecem tão grandes quanto meu quarteirão inteiro, mas parecem ter apenas uma porta principal — será possível que abriguem apenas uma família?

Enquanto olho, uma família Vinculada sai pela porta, envolta em peles que parecem felpudas. Um homem segura uma filha pequena, que se mexe e ri, um som claro como um sino que consigo ouvir do meu lugar, a várias ruas de distância. Sua cortina de cabelos castanhos me lembra Saela e, por um momento, paro, paralisada.

O pai joga a filha para o alto, e ela grita de alegria. Então, ambos nos notam, e logo a filha está montada nos ombros do pai enquanto se aproximam da trilha em que estamos, do outro lado da cerca baixa que separa a Cidade Vinculada da natureza selvagem. Eles vêm em nossa direção até estarem a apenas um quarteirão de distância.

Olho fixamente para a menina, sem piscar. Seu rosto está redondo, corado. Ela nos observa com uma curiosidade brilhante.

Ela parece nunca ter ficado sem uma refeição, nem temer ser sequestrada por sequestradores.

O que torna essas pessoas tão especiais, a ponto de terem acesso a tudo isso? Que se danem.

"Andem logo!" vem uma ordem latida, e sou levado a me mover novamente, pela trilha que se afasta da Cidade Ligada e entra em uma densa parede de árvores.



As horas passam lentamente. Pelo menos estou familiarizada com a sensação de ficar de pé o dia todo, embora geralmente não seja na natureza gélida. Mas alguns dos recrutas estão claramente sofrendo, seja por estarem fora de forma para uma marcha forçada como esta, seja por usarem sapatos ou roupas que não estão lhes ajudando em nada.

A cada brecha nas árvores, todos olhamos em direção ao Monte Acônito, mas ele nunca parece se aproximar muito.

Enquanto fazíamos compras, Lee mencionou várias vezes que era importante ter aliados para a Ascensão. Foi um dos conselhos dele que pensei em ignorar. Eu me viro bem sozinha, na maioria das vezes.

No entanto, agora, enquanto observo Alessandra tremer e tropeçar, não consigo evitar a vontade de ajudá-la. Pego um suéter extra da minha bolsa e a incentivo a vesti-lo por baixo do casaco.

"Obrigada", ela sussurra, sorrindo para mim.

"Temos que nos ajudar", digo, esperando que alguém retribua o mesmo tipo de gentileza, caso eu precise.

Quando chegamos à base da montanha, meus pés estão doendo por causa das minhas botas novas — que, apesar da alta qualidade, ainda precisam ser calçadas corretamente. Pelo menos estão quentes e secas, o que é um grande avanço em relação às que muitos outros recrutas usam. Tiro as mochilas dos ombros, esfregando o pescoço com as mãos duras.

Levo um minuto para perceber que não fomos os primeiros a chegar.

Um grupo de recrutas já está aqui, com as tendas montadas. Todos parecem se conhecer, e muitos usam peles iguais às que vi na família horas atrás, na Cidade dos Laços.

Eles são os filhos dos Laços, percebo. Aqueles que querem que uma Prova de Laços aconteça, para que possam tentar conquistar seu chamado "direito de nascença", testar a sorte contra a montanha e os lobos gigantes no topo dela.

Eles não precisavam se apresentar à base de recrutamento do exército como os plebeus, eu acho. Seus privilégios começaram antes mesmo de chegarmos.

Ocupo minhas mãos com minha mochila, tirando varas e lona, mas não consigo tirar os olhos das recrutas da Ligação.

Elas são mais altas do que nós, na maioria — normalmente sou mais alta que a maioria das outras mulheres, mas todas têm pelo menos uns dois centímetros a mais que eu. Suas roupas são mais coloridas que as nossas, muitas tingidas em tons de joias mais intensos do que já vi em qualquer tecido da cidade.

Duas das mulheres parecem imagens espelhadas uma da outra — devem ser gêmeas. Têm pele castanho-dourada luminosa e olhos grandes e escuros. A única diferença entre elas é o cabelo preto brilhante — uma usa o dela em uma trança que desce pelas costas, enquanto a outra ostenta um chanel chique. Observo enquanto elas trocam sinais com as mãos, com rostos expressivos. Percebo que estão se comunicando apenas com as mãos.

Algumas outras se reúnem ao redor de uma das fogueiras, brincando e se empurrando, e percebo que alguém está cozinhando para elas — trouxeram criadas.

Um dos homens perto da fogueira se vira para nos olhar e me vê observando. Sua expressão fica feia, lasciva. Não é difícil adivinhar o que ele pensa de nós, os recrutas plebeus.

Uma grande parte de mim quer ir até lá e começar uma briga. Mas sei que vou precisar de toda a minha energia para a tarefa amanhã.

Eu me forço a desviar o olhar.

Alessandra chama meu nome. "Este lugar parece bom, não acha?"

É plano o suficiente, pelo menos, e parcialmente protegido da neve por uma espessa camada de galhos acima.

"Está vendo como o chão é um pouco mais alto aqui?", Alessandra aponta. "Deve nos ajudar a nos manter secos — ou mais secos, pelo menos. Se a neve virar chuva, ela deve escorrer, em vez de se acumular ao redor de nossas barracas."

"Bem pensado", concordo, e nos esforçamos para montar nossas barracas, começando pela dela.

Assim que está pronta, Alessandra estende a mão para mim quando eu pego a minha. "Espere", ela diz bruscamente, e então caminha até a lateral da barraca, inclinando a cabeça.

"Eu acho... parece que nós duas caberíamos na minha."

Levanto uma sobrancelha para ela, achando graça.

"Não assim!" O rosto de Alessandra fica vermelho, mas ela continua falando. "Só quero dizer que já está muito frio, e o sol está apenas se pondo. Vai estar congelante esta noite. Nossos corpos juntos produzirão mais calor para a barraca prender. Só acho que seria melhor para nós", ela conclui, fraca.

"Não, você tem razão", eu digo. Alessandra não é forte como eu, mas estou percebendo que é inteligente.

Uma aliada tão boa quanto qualquer outra.

Depois de verificar cada uma das estacas da barraca uma última vez para ter certeza de que tudo está seguro, Alessandra e eu jogamos nossas trouxas de dormir lá dentro e seguimos em direção a uma fogueira que alguns dos outros

recrutas plebeus fizeram.

Quando nos veem, acenam para que nos juntemos a eles, e Alessandra se senta ansiosamente, mas eu fico de pé por mais um momento, observando seus rostos.

Um homem magro e mais jovem — um garoto, na verdade, quase não há um fio de barba em volta do queixo. Uma mulher de aparência forte, com a cabeça cheia de tranças. Quando viro meu olhar para o terceiro, ele também se levanta e se aproxima do meu lado da fogueira, estendendo a mão.

"Sou o Henrey." Ele tem vinte e poucos anos, cabelo castanho-claro curto e olhos azuis sérios, e parece musculoso por baixo das roupas de inverno. Sua voz e postura exalam confiança.

"Meryn", digo, apertando sua mão, "e esta é a Alessandra. Como vocês estão se sentindo em relação a isso?"

"Animado", responde Henrey rapidamente, com os olhos brilhantes, saltando na ponta dos pés.

Alessandra e eu trocamos olhares perplexos enquanto ela se senta.

"Eu ouvi errado?", pergunto, olhando para os outros reunidos ao redor da fogueira — será que eles também acham que esse cara parece desequilibrado? "Ou você está realmente empolgado em arriscar a vida escalando uma montanha íngreme e quase intransponível?"

"Eu treino para isso desde criança", diz ele, sério. "Vou me tornar um dos Elos."

"Esse cara é louco", digo para Alessandra, sentando-me ao lado dela. Quase gemo, é tão bom levantar do chão.

"Conte a ela o que você nos disse, Henrey", diz a mulher de tranças. "Sobre os caminhos."

"Os recrutas das famílias ligadas irão direto para o topo da montanha, competindo entre si até o topo. Matando uns aos outros, até. Há um número limitado de lobos e muitos aspirantes a cavaleiros que querem se unir. Os lobos escolhem seus cavaleiros do grupo que chega primeiro."

Seus olhos voltam para mim.

"Mas há um jeito de sobreviver a isso", diz ele, claramente à vontade com a plateia. "Uma rota mais longa, mas um caminho mais seguro para o topo. Antigamente, todos costumavam pegá-la, mas com a diminuição do número de lobos gigantes, os recrutas das famílias ligadas começaram a encontrar rotas mais rápidas — e mais perigosas. Se você não quiser se unir, pode pegar o caminho lento para o topo."

Alessandra se inclina para a frente, ansiosa. "E você sabe o caminho?"

"Eu sei", ele reconhece. "Mas eu não vou aceitar."

Aumentando o tom de voz para que o resto do círculo o alcance, inclino a cabeça em direção a Henrey. "Há uma rota segura, mas ele prefere o perigo, arriscando a vida por algum ritual idiota de lobo ao qual só os recrutas de famílias Vinculadas conseguem sobreviver?"

"Quem não preferiria, pela chance de mudar a sorte da sua família por gerações?" A expressão de Henrey perde o ar de espetáculo e eu vejo a verdadeira fome ali, logo abaixo da superfície. Ele olha através da clareira em direção à área onde os recrutas Vinculados se reuniram, mantendo-se completamente reservados. "Olhe para eles. Você não quer que seus irmãos, seus pais, seus filhos possam viver assim?"

Aperto os lábios. Henrey tem razão. Que tipo de remédios eles podem ter aos quais não temos acesso? Coisas que talvez possam ajudar minha mãe?

Minha irmã, porém... preciso chegar à frente, encontrá-la. Ela não vai se dar bem se eu andar por aí com peles chiques, brincando de soldado de elite.

E ela certamente não vai se dar bem se eu morrer tentando passar pela Ascensão amanhã.

"E se chegarmos ao topo, mas nenhum dos lobos gigantes quiser se conectar conosco?" Alessandra parece pensativa, depois horrorizada. "Eles... nos comem?"

"Os lobos só escolhem cavaleiros que querem ser escolhidos", interrompo, repetindo a informação que Lee me deu quando estava me preparando para sobreviver a isso. Se eu chegar lá e ainda houver lobos sem vínculo, tudo o que preciso fazer é repetir mentalmente que não quero nos conectar e eles me deixarão ir. Ou pelo menos é o que ele diz.

Todos me olham, claramente surpresos com a minha informação.

"Eu conheço um mensageiro real", digo, revelando um pouco da verdade. Parece inútil ter alguma informação e guardá-la para mim quando tenho o potencial de salvar a vida de outras pessoas. "Ele me preparou para o que pode acontecer. Os lobos não vão nos comer. Se não formos escolhidos, eles nos deixarão ir."

"Bem, eles não vão me escolher", diz a mulher de tranças. "Então, eu gostaria de ouvir sobre aquela parte mais alta, se você não se importar."

Todos nos acomodamos em nossos assentos improvisados, mantendo as mãos e os pés mais perto do fogo para descongelá-los, roendo nossas rações duras como pedra o melhor que podemos enquanto ouvimos Henrey.

Olho ao redor da fogueira novamente enquanto ele fala, estudando cada rosto, observando as roupas de caminhada precárias que usam, a exaustão estampada em seus rostos.

Por favor, deixe algumas dessas pessoas sobreviverem ao teste de amanhã.

Sei que vou conseguir, mas tantas vidas sacrificadas por uma Prova idiota... é um desperdício.

Lá longe, em algum lugar nas montanhas, um lobo gigante uiva.

O som ecoa em meus ouvidos como um aviso.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO SETE

Não é difícil acordar antes do amanhecer na manhã seguinte. Estou deitado acordado há pelo menos uma hora antes de começar a ouvir outros farfalhar em suas barracas.

Alessandra não estava errada, tenho certeza de que o calor de nós dois juntos era melhor do que separados, mas ainda estava muito frio, e não importava quantas vezes eu me virasse, não conseguia me livrar das pedras e raízes que se cravavam nas minhas costas em ângulos irregulares.

Adeus à valente Alleycat. Derrotada por uma raiz de árvore e um pouco de ar frio.

Eu chuto meu saco de dormir e sacudo suavemente o ombro de Alessandra. De alguma forma, ela conseguiu cair em um sono mais profundo em algum momento da noite, evidente no ronco agudo que ela tem emitido desde então.

Seus olhos se abrem imediatamente, e eu posso dizer pela maneira como eles se movem para frente e para trás que ela está tendo dificuldade para se lembrar de onde estamos, o que vem a seguir.

"É hora de se preparar para a Ascensão", eu digo. "Acorde e brilhe."

Lá fora, todos estão se mexendo. Henrey desmonta sua barraca com fria eficiência. Ele me olha nos olhos e me acena com a cabeça.

Com as mochilas nas costas, lutamos para chegar ao centro da clareira, onde um enorme grupo de recrutas está se reunindo. É difícil dizer porque não consigo ver o grupo inteiro, mas entre os plebeus e os recrutas de famílias Vinculadas, parece que somos centenas, talvez até mil.

Todos estão tremendo enquanto a luz pálida do amanhecer penetra pelas agulhas de pinheiro e ilumina os rostos exaustos, mas é difícil não notar como os recrutas Vinculados estão obviamente mais bem preparados.

As irmãs gêmeas que notei estão com as bochechas rosadas de frio, mas

estão falando rápido de um lado para o outro com as mãos, uma rindo da comunicação da outra, muito mais alertas e alegres do que qualquer pessoa perto de mim.

"Eu também estaria rindo se tivesse uma dessas peles grossas para me manter aquecida", diz Alessandra num tom baixo que só eu consigo ouvir.

Faço uma careta para ela. "Ou se eu tivesse treinado para isso?"

Todos os recrutas ricos ostentam crampons brilhantes nas botas e carregam rolos de corda bem lubrificados nos ombros. Muitos deles balançam picaretas de aparência mortal de um lado para o outro, as ferramentas claramente familiares em suas mãos, aquecendo os músculos para a escalada que os aguarda.

Felizmente, Lee sabia o suficiente para me equipar bem. O equipamento que encontramos em Sturmfrost não é tão bom quanto este, mas parece significativamente mais resistente do que o que o exército está fornecendo para todos os outros.

Há alguns grupos de mesas de acampamento tortas dispostas na frente do nosso grupo, com alguns equipamentos de escalada de aparência suja para quem não trouxe o equipamento necessário. Mas todos estão esperando, então devem ter sido instruídos a não pegar nada ainda.

Eu me abaixo para tirar meus próprios crampons da mochila, apertando-os nas botas um de cada vez antes de jogar a mochila de volta nos ombros. Se os recrutas da Ligação já estão com os seus, deve fazer sentido colocá-los agora.

Observando ao meu redor com o canto do olho, faço alguns ajustes nas alças das minhas bolsas, certificando-me de que o peso esteja distribuído uniformemente.

Grupos de recrutas estão o mais perto possível das mesas de equipamentos, tentando identificar o que pegar quando chegar a hora. Outros se agacham para ajustar seus próprios equipamentos, reorganizando as coisas em suas mochilas e tagarelando ansiosamente.

Uma buzina alta soa e todos ficam em silêncio, olhando ao redor em busca da fonte — mas é fácil de ver. Na base da montanha estão dois cavaleiros da Ligação montados em seus enormes lobos gigantes, elevando-se acima da multidão. Uma é uma mulher, e a outra é...

O oficial que vi no Mercado Central, aquele que estava arrastando aquele desertor atrás de si. A máquina de matar psicótica de olhar morto.

Ele está segurando um daqueles amplificadores de voz em formato de cone e está olhando feio para o resto de nós, montado em seu enorme lobo negro.

Consigo vê-lo melhor, agora que não estou distraída com a forma como seu lobo gigante está despedaçando um ser humano.

Ele é, de alguma forma, mais alto do que eu lembrava e tem ombros largos,

pele morena clara e cabelo escuro que ainda está surpreendentemente bagunçado para alguém tão obviamente controlado. Ele está usando couro de montaria e pele, mas mesmo de longe consigo ver os músculos volumosos de seus braços, fortes o suficiente para que ele pudesse, sem dúvida, matar um homem com as próprias mãos.

Provavelmente também.

Com esse pensamento, meu olhar é atraído novamente para as tatuagens mortais espalhadas por suas mãos e pescoço.

Sim, definitivamente um monstro assassino.

Seu rosto é cruelmente belo, com sobrancelhas grossas e lábios carnudos que se contraem em um sorriso de escárnio enquanto ele olha para a multidão. É injusto como todos os Vinculados são tão... gostosos. Até babacas como esse cara. Ele leva o amplificador à boca.

"Bom dia. Para aqueles que não me conhecem..." Com isso, seu olhar percorre o lado plebeu esfarrapado da multidão. O desdém em sua voz deixa claro o que ele pensa de qualquer um que não o conheça automaticamente. "Eu sou Stark Therion, Alfa da matilha de Daemos e um dos instrutores durante as Provas de Vínculo deste ano."

Está claro que devemos ter uma reação impressionada a isso, com base nas risadas animadas que percorrem a parte dos Vínculos da multidão.

Bom para você", eu quero responder sarcasticamente, irritada com seu tom imperioso. "E eu sou a Rainha da Montanha da Merda."

Ele se move sobre seu lobo enquanto fala, seus movimentos são afiados e precisos. "Estar Vínculo exige grande sacrifício. Os lobos gigantes vivem nesta cordilheira desde antes do início da nossa história. Eles sempre foram nossos aliados, mas antes de escolherem se vincular, precisam de provas de que o humano que escolheram é... digno."

Seus olhos percorrem a multidão. Tenho a impressão de que ele mesmo está avaliando nosso valor e nos achando nitidamente indignos.

"Como é tradição, é claro, qualquer recruta do exército tem a chance de se unir." Seu tom de voz revela abertamente sua descrença de que alguém além da prole dos Vinculados será considerado digno. "Geralmente há cerca de cem lobos prontos para se unir e há pelo menos mil de vocês. E os lobos escolherão entre os primeiros que chegarem ao pico. Então. Não demorem."

Ele sorri cruelmente, expondo os dentes, parecendo tão lupino quanto a fera em que está montado.

"Faça o que for preciso para chegar ao topo primeiro."

Alguém do lado da família Vinculada da clareira grita, e alguns caras ao redor dele riem baixinho. Alessandra e eu trocamos um olhar carregado. Este

homem está basicamente nos dizendo para nos jogarmos da montanha enquanto subimos.

Que bom que ela e eu planejamos pegar o caminho mais longo, com sorte ficando bem longe de qualquer conflito.

A multidão começou a murmurar, outros recrutas plebeus claramente chegando às mesmas conclusões que Alessandra e eu. O homem nos silencia com um assobio estridente, amplificado dez vezes por seu amplificador.

“Todos devem tentar a Ascensão, como solicitado pelos lobos gigantes. Beta Egith”, ele gesticula para a mulher no lobo ao lado dele, “e eu estarei aqui para garantir que você suba aquela montanha. Nossos lobos estão longe da frente de batalha há dias e estão entediados. Seria divertido para eles, e para nós, persegui-los. Vocês não querem que façamos isso. Principalmente, não querem que os peguemos.”

A ameaça é de gelar os ossos. Subiremos a montanha sozinhos ou este vilão vivo e seu cão infernal nos caçarão e provavelmente nos matarão.

“Lembrem-se! Os lobos gigantes não são bestas estúpidas. Eles são seres perigosos e sencientes, e merecem seu maior respeito.”

Ele entrega o amplificador para a mulher a quem se referiu como Beta Egith, e ela levanta a mão.

"Avante, recrutas! Que a Ascensão comece."

Imediatamente, o caos se instala. O grupo da Cidade Ligada dispara como um raio. Enquanto isso, dezenas de recrutas plebeus se aproximam das mesas de equipamentos. Alguns pegam uma ou duas peças que estavam de olho e depois vão embora, mas outros tentam separar os equipamentos, e brigas irrompem pelas mesas enquanto duas ou três pessoas tentam pegar o mesmo item.

Em algum lugar perto de uma das mesas, um grito de dor ecoa, que é subitamente abafado.

Respiro fundo para me acalmar enquanto a dura verdade deste dia se torna evidente: pessoas vão morrer.

Alessandra me olha em pânico e começa a se mover, tentando abrir caminho pela multidão. Eu a agarro pelo braço.

"Pare, Alessandra", eu digo. "Pense um pouco. Devemos ficar juntas, cuidar umas das outras." Sua pele já está gelada sob o casaco fino.

"De jeito nenhum", ela diz com uma rispidez. Eu recuo com o tom. Sua voz está cheia de medo e algo mais sombrio, algo como desespero. "Não posso colocar minha vida nas mãos de ninguém, nem mesmo na sua."

Ela se foi antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa. Olho fixamente para o local onde ela desapareceu, em choque. Corpos a seguem em enxame, outros buscando aquele caminho mais lento que Henrey nos contou.

"Deusa te proteja", murmuro, e então me viro, procurando encontrar o melhor caminho para mim, longe da confusão de corpos.

Contornando as bordas da clareira, observo o fluxo de recrutas se dividir visivelmente em dois, com os altos e elegantemente vestidos indo direto para uma ladeira rochosa que se inclina acentuadamente para cima, e muitos outros indo para o que parece ser um caminho à esquerda.

Me encosto em uma árvore, esperando que o caminho clareie um pouco mais. Não estou tentando correr, não me importo em chegar ao topo rápido.

Eu me importo em ficar longe de algum idiota que está com tanto medo do que está por vir que acidentalmente enfia um picador de gelo na minha cara.

Ou talvez não tão acidentalmente. À minha esquerda, um gemido agudo chama minha atenção, seguido por um som engasgado.

É um som que já ouvi algumas vezes, no ringue de luta — aquele som de quando alguém desiste da esperança após um golpe especialmente brutal. E parecia uma mulher.

Droga.

Contra a minha vontade, saio da segurança do meu esconderijo e me viro, verificando a fonte.

Meus olhos percorrem os corpos correndo, buscando um fôlego ou dois antes de vê-los. É a linda garota da noite passada, uma das gêmeas de uma família Bonded, a de cabelo mais comprido. Ela está caída no chão, e há um homem de cabelos escuros em cima dela, também um dos ricos Bonded.

Ele a segura pelo pescoço.

Vejo tudo branco e corro em sua direção sem pensar, meu corpo instintivamente se preparando para lutar, os músculos tensos.

"Vou aproveitar isso, sua vadiazinha", diz a voz do homem enquanto me aproximo, embora ele ainda esteja de costas para mim. A mulher ofega abaixo dele enquanto ele a segura com uma das mãos e a estrangula com a outra. "Você acha que é boa demais para mim? Essa será a última coisa em que pensará."

A última palavra mal saiu de sua boca quando meu pé bateu em seu rosto.

Esqueci-me dos grampos de metal na minha bota — eles rasgaram a carne de sua bochecha violentamente, abrindo um buraco e rasgando o topo de sua orelha. O impacto o jogou para o lado e ele caiu no chão, libertando a mulher.

"Que porra é essa?", ele rosna, virando-se para mim enquanto se levanta. Seu rosto lindo está destruído, sua bochecha como carne moída. Eu diria que me sinto mal por isso, mas realmente não me sinto.

Ele enfia a mão sob as peles em busca do que eu só posso presumir ser sua faca. Antes que ele possa pegá-la, meu outro pé já está voando, e a ponta da minha bota se conecta com sua virilha.

Seu chiado estrangulado é a coisa mais satisfatória que já ouvi o ano todo.

Deixando meu impulso me levar para frente, eu o jogo no chão, segurando-o firmemente com os dois joelhos e colocando minha pequena adaga, sempre pronta na manga, cuidadosamente contra seu pescoço.

"Quando você se levantar, é melhor correr, porra." Minha voz é calma, quase agradável. "Ou eu te estripo."

Eu pulo de cima dele e me levanto, ansiosa para ver como a mulher está para ter certeza de que ela não está gravemente ferida, mas mantendo um olho nele caso ele ainda queira tentar algo.

Ele entendeu o recado, no entanto. Ele se afasta, com sangue escorrendo do ferimento na bochecha, salpicando a gola de suas peles com um vermelho espesso e viscoso.

"Seus idiotas, é melhor torcerem para que morram durante a Ascensão. Porque se vocês conseguirem escapar, eu estarei esperando, e meu lobo vai te despedaçar."

Palavras grandes, vindas de alguém que estava na terra. Espero para ter certeza de que ele realmente foi embora antes de me virar para a mulher atrás de mim.

Ela se levantou e está tirando a terra e a neve derretida da roupa, respirando pesadamente.

Nossos olhos se encontram. "Obrigada", ela suspira. Naquele momento, sua irmã aparece ao seu lado.

"Izabel."

As mulheres se abraçam brevemente antes de se separarem para que suas mãos tenham espaço para se moverem rapidamente, num padrão de comunicação que não consigo acompanhar. Meus olhos se alternam entre elas, atordoado pela velocidade da comunicação.

Interrompendo-se no meio do gesto, a segunda mulher se vira para mim. De perto, ela é a imagem espelhada de sua irmã gêmea — mesma pele dourada, mesmos olhos escuros — e a única diferença é o cabelo na altura do queixo.

"Desculpe, vocês não têm a mínima ideia do que estamos dizendo. E vocês a salvaram. Minha irmã." Ela respira fundo. "Desculpe. Eu sou Venna. Essa é Izabel", ela acena para a irmã. "Tenho dificuldade de ouvir, então às vezes é mais fácil usar a linguagem de sinais."

Izabel sorri para mim, com gratidão nos olhos.

"Não foi problema", asseguro a elas. "Tenho tolerância zero com pessoas que lutam sujo e que conseguem sentir um rato a uma légua de distância. Que bom que você está bem."

Izabel começou a andar de um lado para o outro, olhando para onde o

homem desapareceu na multidão de corpos. Seus olhos estão em chamas de fúria. "O nome daquele rato é Jonah. Ele está atrás de mim desde que eu o rejeitei, há duas semanas. É claro que ele tentaria me atacar aqui, nem mesmo na montanha. Aquele filho da mãe."

Suas mãos se movem rapidamente em direção à irmã, e Venna sinaliza de volta enquanto diz em voz alta: "Eu sei, pensei que você estivesse bem atrás de mim." Izabel estremece.

Abro meu odre e tomo um gole rápido, girando-o na boca enquanto decido o que fazer em seguida. A multidão está diminuindo, então pode ser a minha deixa para seguir por aquele caminho mais lento, talvez me mantendo na retaguarda, onde posso ficar fora do caminho de idiotas — ou ajudar qualquer outra pessoa que tenha ficado para trás. Verifico as alças das minhas mochilas, embainho minha adaga novamente e então me viro para me despedir das duas mulheres.

Izabel e Venna estavam conversando novamente, e quando abro a boca para falar, Izabel se vira para mim e diz: "Certo, então. Você se juntará a nós na Ascensão."

Huh.

"Isso realmente não é..."

Venna e Izabel trocam um olhar carregado. "Você salvou a vida de Izabel", diz Venna simplesmente. "Então agora vamos salvar a sua."

"Eu vou ficar bem", protesto. "Vou pegar o caminho lento. Não estou interessada em Criar Vínculos."

Izabel balança a cabeça bruscamente. "Não é mais seguro, não mesmo. Principalmente se você estiver sozinha. As pessoas estão apavoradas, com frio e fome, e se atacam. É um banho de sangue. Além disso, tem uns babacas como Jonah, que matam alguns recrutas aqui e ali só para ver se têm algum equipamento bom para pegar."

Franzo os lábios, olhando para a multidão cada vez menor.

Venna aperta meu antebraço antes que eu possa continuar a protestar. "Há segurança em grupos nesta escalada, acredite. Eu sei que você consegue se proteger, vi como você foi incrível agora mesmo quando Jonah pulou em cima de Izabel. Mas você precisa de alguém te protegendo."

Izabel concorda enfaticamente.

Eu me viro para frente e para trás, minhas botas agarrando o chão desajeitadamente com os grampos de metal. É possível que eles estejam certos.

Afinal, eu queria seguir o conselho de Lee de subir a montanha com um aliado, e posso dizer que eles seriam bons. As mochilas deles parecem novas e elegantes, e ambos têm a minha altura, ou talvez até um pouco mais, com ombros largos e pernas de aparência forte. A maneira como se movem revela

anos de treinamento, como dançarinos... ou lutadores de arena.

Porra, Izabel estava no chão sob seu aspirante a assassino há poucos momentos, e ela já está de volta em posição de luta, pronta para se mover.

Mas segui-los iria contra todo o meu plano. O vento sopra em um assobio forte, chicoteando meu rosto, e viro a cabeça para me proteger dele. Percebo que os dois cavaleiros vinculados ainda estão esperando na base da montanha, observando e aguardando enquanto os recrutas se dispersam.

Com um sobressalto, percebo que Stark Therion me encara, seu olhar nada menos que malévolo. Seu lobo gigante negro e selvagem mostra os dentes e, embora eu não consiga ouvi-lo à distância, percebo que ele está rosnando para mim.

Um pensamento me atinge com absoluta certeza: se eu seguir o caminho lento, aquele homem perverso e seu lobo perverso vão me caçar. A única maneira de sobreviver é ir para onde eles não podem me seguir.

Inclino a cabeça para os gêmeos. "Bem. Depois de vocês, então."



Mal começamos e já estamos escalando gigantescas placas de rocha, usando troncos e galhos de árvores para nos alavancar sobre enormes blocos cobertos por camadas de gelo e neve. O caminho, se é que podemos chamar de caminho, não serpenteia para frente e para trás como qualquer pessoa sã subiria uma montanha.

Em vez disso, parece subir em linha reta.

Já estamos atrasados; Sinais de botas, grampos, bastões e picaretas marcam o caminho. Grandes pedaços são arrancados de um tronco de árvore em um de nossos pontos de descanso, e todos nós olhamos para as cicatrizes na madeira, em silêncio.

Em menos de meia hora, qualquer resquício de trilha desaparece, substituído por uma parede de pedra cinza manchada e salpicada de gelo.

Venna e Izabel são imagens espelhadas uma da outra enquanto largam suas mochilas no chão e começam a remover seus equipamentos — arneses, cordas e um par de picaretas pequenas cada uma.

"Bem, que droga", digo, observando. "Eu trouxe corda, mas não esperava precisar de arneses ou picaretas de gelo..." Lee provavelmente nem pensou nisso, já que não havia motivo para eu subir a montanha do jeito mais difícil.

A boca de Venna se curva em um sorriso. Ela remexe na mochila e desenterra outro arnês, estendendo-o. "Sem problemas."

"Trouxemos um extra", explica Izabel. "Já ouvimos dizer que, bem... às vezes, a maneira mais rápida de vencer alguém na montanha é mexer no equipamento dele."

Aceito o arnês com cautela. "Mas e as picaretas?"

"Vamos trocar", Izabel me garante. "Venna pode começar sem. Ela é como uma aranha quando escala. A escalada livre dela é insana. Você vai ver."

Venna tira um par de luvas de couro macio da mochila, vestindo-as como uma segunda pele.

"Se você tem certeza..." Pego os machados das mãos estendidas de Izabel, amarro-os na minha mochila, onde posso alcançá-los se necessário, e então olho, duvidosa, para as placas de rocha e pedras irregulares acima, pontuadas por manchas de gelo preto e escorregadio. "Simplesmente não consigo entender como alguém conseguiria escalar isso, que se dane o equipamento."

Venna ri, o som surpreendente na paisagem desolada. "Honestamente, nem é a parte mais difícil. A parte mais difícil vai ser..."

Algo grande cai de cima, perigosamente perto de nós, e todos nós recuamos para a esquerda. Ouço um baque horrível e úmido.

Um corpo.

Os restos mortais de uma pessoa estão a menos de um metro de nós. Há algo quente e úmido no meu rosto, e percebo que, com o impacto, o sangue dos ferimentos da pessoa espirrou em uma fonte macabra, caindo sobre mim e as peles de Venna, pintando Izabel com linhas vermelhas.

Todos nós olhamos fixamente.

O cadáver parece quase falso, os ângulos do corpo retorcidos e artificiais, como a estátua de uma pessoa feita por um ser que nunca viu um de nós antes. Sangue escorre de um ferimento enorme no peito e escorre pela cabeça e pela boca, ainda aberta em um último grito.

Eu o reconheço, percebo. Ele é o garoto do incêndio da noite passada, aquele que era jovem demais para sequer deixar a barba crescer.

"Essa é a parte difícil", Izabel finalmente termina a frase de Venna. "Os corpos. Cuidar dos corpos."

OceanofPDF.com

CAPÍTULO OITO

Bem acima de nós, ouvimos um grito, seguido de berros e sons de algo desabando mais à nossa direita.

Eu já vi violência. Já pratiquei violência. Por esporte, por dinheiro, às vezes para minha própria satisfação.

Mas isso é diferente de tudo que já experimentei. Esta — esta — é a nobre tradição que nossos guerreiros Vinculados suportam cerimonialmente?

É para isso que aquelas famílias Vinculadas, com seus direitos, enviam voluntariamente seus entes queridos cada vez que há uma Prova de Vínculo?

Outro grito ecoa na rocha e no gelo. Depois outro. E outro.

Eu cerro os dentes e começo a subir.

Izabel abre caminho para começar. "Vamos alternar quem está na patrulha e quem fica na retaguarda", explica ela casualmente enquanto seguimos em frente. "Ambos têm seus desafios. Embora, para ser franca", diz ela, subindo lenta e firmemente a face rochosa, "Venna é definitivamente a melhor escaladora de nós duas. Quer dizer, olhem só para ela."

Nós duas olhamos para Venna. Suas luvas especiais de escalada permitem que ela encontre apoios nas menores reentrâncias da rocha. Subindo atrás de nós, ela parece quase desumana em sua graça.

"Ela vai liderar quando chegarmos às partes mais difíceis."

Partes mais difíceis? Penso, já respirando pesadamente pelo esforço da escalada. Ótimo.

"Mas para uma escalada como essa", continua Izabel, "é importante que o líder se mantenha descansado, focado. Então é bom alternar. Para que possamos nos revezar explorando o terreno e também, hum, prestando atenção aos perigos." Outro grito ecoa na montanha, bem à nossa esquerda, como se para pontuar suas palavras.

Continuamos subindo em um silêncio sombrio.

Os corpos em queda diminuem à medida que a manhã avança, provavelmente enquanto os grupos se espalham e se concentram em sobreviver à própria escalada. Ainda assim, de vez em quando, outro grito ecoa, e todos nos pressionamos o máximo que podemos contra a rocha escarpada e gelada.

Algumas vezes, sinto-os passando perto de nós, sua queda criando um vento sinistro. Uma vez, o cara ainda estava vivo, caindo perto o suficiente para ser tocado, e sua mão bateu em mim brevemente enquanto ele caía, rápido demais para que eu pudesse pensar em fazer qualquer coisa.

Eu não teria chegado nem tão longe sem as dicas de Venna enquanto ela escala, gritadas lá de baixo.

"Segure aquele apoio da esquerda, cuidado com o gelo à direita." Cada vez que ela dá uma instrução, eu a sigo cuidadosamente, sem querer correr riscos. Venna parece ter um senso sobrenatural para o caminho mais suave para cima. Meu respeito por ela cresce.

Depois da segunda vez que Izabel para para observar a rota acima dela, recomeçando apenas para nos levar em um ângulo diferente do anterior, eu a chamo.

"Como você sabe o caminho para cima? Parece tudo igual para mim."

Ela interrompe a subida, apoiando o braço na saliência rochosa que está escalando. Seus pés estão equilibrados em um pequeno afloramento, largo o suficiente para servir de apoio. Com a outra mão, ela agarra o odre de água, tomando alguns goles rápidos.

"Eles ensinam a todos nós", diz ela. "Os que vêm de famílias ligadas, quero dizer. Nossas famílias querem que cheguemos ao topo. Estamos treinando para isso há muito tempo, ouvindo histórias, orientações e conselhos..."

Sua voz soa exausta. Abaixo de nós, Venna também parou para observar a área.

"Também temos nossos próprios truques, cada família", continua Izabel. "Dicas sobre quais rotas tentar. Pontos de referência para observar. Compartilhar informações com qualquer pessoa fora da família... não é incentivado."

"Bem, então tenho sorte de ter vocês duas como guias", digo despreocupadamente, me arrastando até onde ela está para que nossos rostos fiquem no mesmo nível. Equilibro meus pés com cuidado e me permito descansar por alguns momentos abençoados.

Quanto mais tempo fico imóvel, mais meu próprio suor esfria contra minha pele, fazendo minhas roupas grudarem em mim como gelo.

"Vamos?", brinco, como se estivéssemos dando um belo passeio noturno. Izabel ri e se desloca — e a saliência onde seus pés estavam apoiados cede,

caindo na direção de Venna.

Grito um aviso, embora Venna esteja um passo à frente. Ela se segurou contra a rocha, com um braço sobre a cabeça para evitar qualquer ferimento.

Cacos de rocha caem sobre o braço e as costas de Venna, mas ela está com um casaco grosso, e nenhum dos pedaços é tão grande. Ela deve ficar bem.

Izabel precisa da minha ajuda, e rápido. Ela está se segurando pelo braço esquerdo que havia enfiado num espaço entre as pedras e usa a mão direita para alcançar o próximo apoio, algo que a coloque em uma posição mais segura, mas tudo o que ela consegue segurar é ar.

"Segure firme, só se segure firme", eu digo e começo a me mover.

Há um local de descanso maior logo acima de nós, e calculo rapidamente a rota menos perigosa para subir e me iço até lá o mais rápido que meus músculos permitem.

"Corda, acima de você", grito, enrolando uma ponta em uma árvore teimosa que, de alguma forma, conseguiu sobreviver aqui em cima, e jogando a outra para Izabel.

Que sorte que ela insistiu que todos colocássemos os cintos de segurança desde o início, antes mesmo de chegarmos à escalada no gelo, onde será realmente necessário. O rosto de Izabel está branco e suas mãos tremem, mas isso não a impede de passar a corda pelas alças do cinto de segurança com rapidez e eficiência.

Apoiando meus pés no tronco da árvore e em um afloramento rochoso, puxo Izabel em minha direção, longe o suficiente para que ela finalmente encontre outra pegada e consiga subir até mim sozinha.

Mal há espaço para nós duas na saliência, e o vento uiva mais forte, cortando cada pequena abertura em minhas roupas, mas enquanto Izabel e eu ofegamos e sorrimos uma para a outra, percebo que nunca amei tanto uma laje de rocha.

Momentos depois, a cabeça de Venna surge sobre a saliência.

"Devemos seguir em frente, dar a Venna a chance de descansar nesta linda, linda rocha?" Minhas palavras saem com dificuldade enquanto luto para recuperar o fôlego.

Izabel assente, e eu a observo visivelmente se recuperando da experiência quase fatal. Ela desenrola a corda que ainda a prende à árvore e a estende de volta para mim. Eu a amarro de volta no topo da minha mochila, ao alcance do meu braço, enquanto ela começa a subir.

Momentos depois, porém, ela para novamente, mais cedo do que eu esperava, considerando o ritmo que ela vinha impondo.

Eu me aproximo dela. "O que foi?"

Izabel franze a testa enquanto observa a perigosa mistura de gelo, cascalho e

rocha escarpada acima de nós. "Esta rota deveria ter evitado terrenos como este. Deve ter mudado desde a última vez que nossa família trouxe informações." Ela encara o caminho traiçoeiro acima dela.

Observo a serra, procurando outras opções.

"Talvez...", ela começa, olhando para a esquerda, o corpo pronto para o movimento, mas então Venna, logo abaixo de nós, grita:

"Espere, não por aí."

Izabel empalidece.

"O que foi?"

"Venna viu algo que eu não vi de início", diz Izabel. "Está vendo como a luz está incidindo sobre aquele pedaço de gelo? Não é espesso o suficiente ali... não demoraria muito para que tudo se soltasse."

Venna sobe com dificuldade, passando por nós e abrindo caminho para a direita, usando suas habilidades superiores de escalada e seus instintos, assumindo a liderança por um tempo. Seguimos atrás, usando cuidadosamente os mesmos apoios para as mãos e os pés que ela usou ao longo do caminho.

Lee estava certa. Eu nunca teria chegado nem perto disso sem aliados, penso enquanto finalmente me estico até uma saliência maior na face da montanha. Graças à deusa por aquele homem lindo e seus conselhos.

Quando vejo a parede de gelo à minha frente, estremeço.

Não sei quanto mais conseguirei, ponto final.

Todos nós descansamos um pouco, fazendo o possível para ignorar o corpo mutilado de um alpinista que veio à nossa frente em direção à outra extremidade da plataforma congelada. Enfio um pouco da ração militar compactada na boca e aceito com gratidão quando Venna me oferece algo de sua mochila que parece carne seca.

"Obrigada", digo, de coração.

Ela acena com a cabeça, eficiente, depois se levanta e estende a mão. "Picareta de gelo?"

"Ela vai te mostrar como usar as picaretas", esclarece Izabel para mim. "E também uma boa técnica para a próxima seção, agora que vamos escalar principalmente gelo."

Eles passam facilmente vinte minutos me mostrando como usar melhor meus crampons para prender um pé antes de remover minha picareta de gelo; como testar a estabilidade do gelo antes de aplicar meu peso. Pegamos nossa corda e os gêmeos me mostram quais nós usar no meu arnês.

Espero que eles estejam certos sobre os nós. Consigo imaginar facilmente o arnês cedendo, o deslizamento rápido pelo ar gelado...

A acidez preenche o fundo da minha boca.

Dez minutos depois de subirmos lentamente a parede de gelo, e acontece.

Estou tirando minha picareta direita do gelo quando meus pés escorregam e meu estômago dá uma reviravolta nauseante enquanto o mundo desaba sob meus pés.

Estou no ar, fora do alcance de qualquer coisa sólida, para sempre e por um instante, quando meu cinto me segura e meu impulso balança a corda em que estou como um pêndulo e me joga contra o gelo.

Preciso de todo o treinamento que recebi do Igor para manter a calma e não soltar as preciosas picaretas de gelo.

Meu ombro esquerdo grita com o impacto e lambo os lábios e sinto o gosto de sangue — meu nariz deve ter batido na parede de gelo também.

Mas ainda estou presa. Ainda viva.

Preciso respirar mais algumas vezes para me concentrar nos conselhos que Izabel está me dando, prender meus crampons corretamente no gelo, usar minhas picaretas como alavanca, retomar o ritmo de escalada por pelo menos alguns metros para reduzir a tensão nos cintos de Izabel e Venna — e o perigo de que o gelo ao qual elas se agarram com unhas e dentes simplesmente se desfaça com a pressão.

Afastamos o pânico e recomeçamos a escalada.

Depois que a adrenalina sai do meu corpo, a exaustão a substitui. Estou acostumada a trabalhos pesados, acostumada a ficar em pé constantemente, forçando meus músculos no trabalho e treinando o dia todo só para usá-los a noite toda.

Mas, mesmo que fique frio lá embaixo na cidade, não se compara às temperaturas daqui. A parede de gelo reflete o vento de volta para nós, de modo que ele nos atinge de todas as direções. Meu corpo inteiro está comprimido pela tensão de tentar reter o calor, manter o controle do que estou fazendo, não deixar que um tremor ou um momento de cansaço se transforme na queda que, de fato, me mata desta vez.

Pensar em Saela me ajuda a manter o foco. Em Lee também. Encontrar minha irmã, voltar para ele. Isso se repete sem parar na minha cabeça como um cântico religioso.

Não sei quanto tempo se passou quando finalmente alcançamos o topo da camada de gelo aparentemente infinita, nos puxando para cima de uma saliência rochosa que, felizmente, é grande o suficiente para sentar, até mesmo deitar, sem medo de cair.

"Obrigada", digo, estremecendo com a impotência que sinto ao ouvir essas palavras. Elas deveriam ser muito maiores.

Izabel me olha de soslaio. "Você me salvou também, lembra? Então estamos

quites."

Eu solto uma risada. "Justo!"

Venna dá um sorriso irônico. "Sabe, você é mais pesada do que parece", diz ela e bufa.

"É tudo a força", digo, orgulhosa.

"É, isso e a humildade", retruca Izabel.

É surpreendentemente bom rir. Estranho também, rir com mulheres da minha idade. Parei de passar muito tempo com outras garotas quando abandonei a escola aos doze anos. Nos anos que se passaram desde então, todas as amigas que tive se tornaram soldados ou mães.

Em uma vida diferente, eu poderia ter tido amigas como Izabel e Venna. É um pensamento agridoce. Provavelmente nunca mais as verei depois que elas se conectarem.

Venna e Izabel se revezam esfregando vigorosamente o calor uma na outra através das luvas de escalada quando ouço o som de vozes.

"Atenção", digo bruscamente a elas, e ambas se viram, me encarando.

Aponto para o outro lado da saliência, onde outro grupo de alpinistas está chegando ao topo. "Temos companhia."

Nós três estamos pensando nos corpos que jazem despedaçados na base da montanha, ou quebrados e ensanguentados nas rochas durante a descida. Não preciso olhar as irmãs nos olhos para saber disso. Nossas posições se tornam sutilmente defensivas, mas pelo menos tento manter uma postura casual.

Não faz sentido convidar problemas se essas pessoas não querem causar nenhum.

"Olá", chama a mulher que parece ser a líder delas.

Ela afrouxa um pouco a corda que prende os arreios e se aproxima de nós — há um ponto no meio onde a saliência fica fina, o suficiente para deixar qualquer um nervoso, antes de se alargar novamente.

"Que bom ver que outros chegaram até aqui. É bem brutal lá embaixo." Seu tom é amigável, mas tem um quê de sarcástico que não gosto. Percebo imediatamente que ela também é plebeia. Suas roupas e equipamentos estão gastos.

"Como estão as coisas para vocês?", pergunta Izabel, seu tom casual disfarçado por um movimento sutil enquanto sua mão se aproxima lentamente de um de seus picadores de gelo, que foi recolocado em sua mochila.

"Belas picaretas que vocês estão carregando", diz a mulher, e todas as nossas mãos se voltam para as armas enquanto ela se aproxima das próprias costas em busca de uma picareta. Ela a estende à frente com as duas mãos como uma oferenda, e a tensão diminui um pouco. "O problema da nossa parte é que não

levamos nada extra. E, como podem ver, esta não vale o peso neste momento."

A picareta se partiu em duas, de modo que o cabo está preso apenas por algumas tiras de couro.

Ela a joga aos seus pés. "Vocês parecem ter mais do que o suficiente... gostariam de compartilhar?"

"Não vai acontecer", digo simplesmente. Sigo o olhar da mulher em direção à mochila de Izabel — ela ainda estava apertando as correias, reajustando o peso —, então estou pronto para interceptar quando a mulher avança de repente, agarrando o equipamento de Izabel.

Seus dois companheiros, ambos homens magros que parecem não comer o suficiente há anos, também aguardavam seu movimento. Em instantes, eles também estão do nosso lado da saliência, e então fica apertado demais para ver o que todos os outros estão fazendo.

Meu cérebro repassa todas as dicas que Igor já me deu sobre lutar em terrenos perigosos, em espaços pequenos, qualquer coisa. Desvio na frente da mulher e dou alguns socos, apenas para perceber que ela estava me deixando acertá-la.

É uma distração, então não vejo que ela estendeu a mão para pegar a faca presa à perna.

Desvio para o lado — para a montanha, não em direção ao precipício — e por pouco não sou esfaqueado na lateral. Ela é rápida. Ela finge que vai se levantar e, em seguida, dá uma joelhada no meu nariz.

Droga, o sangue parou de sangrar com o impacto na parede de gelo. Eu encontro a faca dela com a minha, empurrando-a para trás, para trás.

Não sei qual é o objetivo final aqui, porque, por mais que eu odeie a ideia de deixar esses idiotas se safarem de tirar qualquer coisa da gente, não os quero mortos. A mulher se abaixa e dispara para a frente, e eu me preparo para o impacto, sabendo que não tenho espaço para sair do seu caminho.

Mas o impacto nunca acontece.

Seu progresso é repentinamente interrompido, como se ela fosse um brinquedo de criança preso a um barbante, puxado de volta. E então eu vejo o que aconteceu.

Uma de suas amigas escorregou para trás, caindo completamente da borda. A outra está pendurada apenas com a picareta na beira do penhasco de gelo.

A corda frouxa se aperta, puxada para baixo, para baixo pelo peso da amiga.

Ela puxa a mulher para trás, de volta para o homem pendurado na borda com toda a força.

Ele uiva uma vez, surpreso.

E então eles se vão, os três escorregam para o lado.

Izabel, Venna e eu assistimos em silêncio por um minuto.

Finalmente, caminho até a borda e desengancho o picador de gelo do homem de onde ele o deixou, arrancado de suas mãos pelo peso da mulher que o esbarra.

"Pelo menos agora não precisamos desligar", digo sombriamente, e guardo o picador no cinto.

Mas mesmo tentando parecer confiante, não consigo esconder o tremor nas minhas mãos.

Três pessoas morreram, assim, sem mais nem menos — e poderia facilmente ter sido eu.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO NOVE

O resto da escalada pela parede de gelo é pura tortura.

Meu rosto lateja por causa das várias pancadas que levou hoje.

Meus músculos estão gritando comigo; Venna explicou antes de recomeçarmos que eu provavelmente estava dependendo demais dos meus fortes músculos da parte superior do corpo, enquanto escaladores experientes extraem força das pernas e do core.

Que útil da parte dela compartilhar essa informação agora.

Provavelmente faltam mais algumas horas até finalmente chegarmos a outro local de descanso, mas parece que já se passaram dias. Chegamos à crista da montanha, embora não ao pico verdadeiro — que ainda consigo ver erguendo-se acima de nós, envolto em nuvens.

A crista é feita de mais do que apenas gelo, felizmente — algumas árvores espalhadas oferecem um leve abrigo contra o vento implacável, e nos agachamos ao lado de uma delas, inalando pedaços de ração de biscoito e mais algumas tiras de carne seca da mochila de Izabel. Todos medimos cuidadosamente quanta água ainda há em nossos odres e bebemos um pouquinho.

Venna e Izabel conversam por alguns minutos, começando a fazer sinais com as mãos, enquanto eu fecho os olhos, tentando descansar um pouco. Quando os abro, Izabel está mordendo o lábio e Venna está olhando para o chão.

Arqueio uma sobrancelha para Izabel e ela suspira. "Uma coisa é saber que isso seria difícil. Que teríamos que assistir pessoas caírem para a morte, e saber quantas pessoas seriam sacrificadas nessa escalada. É... é diferente, saber os números, e..."

Pigarreio. "Ver pessoas morrerem de verdade?" Ela colocou em palavras exatamente o que eu estava sentindo.

Izabel assente e engole em seco, e nós duas olhamos para o horizonte.

Eu me pergunto quanta morte mais Izabel e Venna terão que ver — terão que lidar — durante sua jornada para se tornarem Vinculadas.

Se eu não estivesse com tanto frio, cansada e desesperada para que isso acontecesse, provavelmente acharia a vista linda. Estamos altos o suficiente para ver as torres da Cidade Vinculada, o castelo erguendo-se acima da extensão de telhados ao redor. A floresta pela qual caminhamos ontem parece uma longa mancha negra na paisagem; além do castelo, mais manchas pretas devem ser árvores e solo em pousio, interrompidas ocasionalmente pelas linhas finas que percebo serem as estradas do rei para o sul, oeste e leste, para outros feudos.

A montanha que estamos escalando é de longe a mais alta da cordilheira, mas há outras montanhas se estendendo de ambos os lados, cada uma coberta de neve e gelo brilhantes, de uma beleza estonteante contra as nuvens.

As mãos de Izabel dançam novamente, respondendo a algo que Venna lhe diz. "Ela tem razão, claro", diz Izabel, quase falando sozinha.

"Como sempre", retruca Venna. Levanto as sobrancelhas, interrogativa.

"É isso que significa se tornar um Vínculo", continua Izabel. "Temos que nos fortalecer, temos que ser fortes. Só os mais fortes merecem o Vínculo."

"Vocês são um tipo especial de loucos, sabem disso, né?" Balanço a cabeça, incapaz de imaginar como alguém entraria nesse inferno com os olhos arregalados. "Eu falei sério, não quero criar um Vínculo. Só quero salvar minha irmã."

As palavras escapam da minha boca em meio à exaustão. Eu ainda não havia compartilhado nada com eles sobre o motivo de eu estar aqui. Não queria abrir a ferida.

"Sua irmã?", pergunta Venna, hesitante.

Eu me inclino para trás na árvore, reconfortada pela pressão da casca áspera do pinheiro através do meu casaco. "Saela." O som do nome dela arranha minha garganta e percebo que não o digo em voz alta desde que deixei a parte mais comum da cidade — apenas dois dias atrás, embora pareça uma eternidade. "Ela foi levada. Os Nabbers. É por isso que estou aqui, para que eu possa salvá-la."

Venna e Izabel franzem a testa, confusas. "Nabbers?"

Eu solto uma risada, minha respiração se elevando em vapor. "É claro que você não teria os Nabbers na Cidade Ligada. É claro."

Enquanto conto aos dois sobre os desaparecimentos em Eastern e em toda a região de Sturmfrost, sobre o horror de encontrar minha irmã desaparecida durante a noite, raptada bem debaixo do meu nariz, seus rostos se tornam sérios.

"Isso é horrível, Meryn", diz Izabel. "Sinto muito que esteja acontecendo. E que não soubéssemos. Não consigo imaginar o que faria se minha irmã fosse levada. Fazemos tudo juntos. Sempre fizemos, desde o dia em que saímos do

útero, e..."

Izabel é interrompida por um soco no ombro de Venna e revira os olhos.

"Desculpe. Todo mundo diz que eu compartilho demais."

"Todo mundo tem razão", diz Venna, rindo baixinho.

Um movimento chama minha atenção à nossa direita, e avisto outro grupo no topo da serra, se afastando de nós — parece que planejam mergulhar no vale entre nós e o pico e depois subir direto.

Reconheço um deles. Henrey, o plebeu que estava determinado a criar um vínculo. Ele para para ajudar alguém do seu grupo a descer uma ladeira íngreme.

É bom ver que ele chegou até aqui. Me pego torcendo para que ele chegue ao fim.

Venna se levanta para se alongar e então vê claramente algo de que não gosta no céu. Ela se vira para nós, com o rosto preocupado. "A tempestade está chegando", diz ela, secamente. "Vem rápido. Precisamos nos mexer. Agora."

Em vez de seguir o grupo de Henrey vale abaixo, seguimos pela serra, que eventualmente se curva de volta para a subida até o pico à nossa frente. Uma rota menos direta, mas pelo menos por um tempo estamos de pé em vez de pendurados em uma camada de gelo, então não estou reclamando.

Seguimos mais rápido do que a cautela exigiria, mas há pânico por trás dos movimentos rápidos de Venna, e já aprendi a respeitar seus instintos o suficiente para saber que o que está por vir é um perigo ainda pior.

Neve, gelo e cascalho estalam sob os pés, nossos crampons ainda nos ajudando a não escorregar, mas também levantando torrões de gelo sujo enquanto meio que caminhamos, meio que corremos, por entre as rochas e árvores.

Inevitavelmente, a trilha volta a subir, a princípio apenas uma encosta rochosa e árida que escalamos com as mãos, e então as manchas de gelo puro se tornam cada vez mais frequentes, até que mais uma vez pegamos nossas cordas e nos atrapalhamos para nos amarrar.

Na próxima subida, a tempestade nos atinge.

A velocidade é brutal, o ar ficando denso e branco de neve em poucos instantes. Izabel me ensinou os sinais que ela e a irmã usam ao escalar em condições adversas — puxões na corda de segurança, números diferentes para indicar mensagens diferentes, para quando a neve está espessa demais para nos ouvirmos.

Avançamos lentamente, em um ritmo lento.

Várias vezes me pergunto se devo acelerar, tentar alcançar Izabel, que está liderando novamente, e convencê-la a se mover mais rápido — esse ritmo lento é um inferno para o meu corpo, e honestamente não sei por quanto tempo mais

consigo mantê-lo.

Cada vez que me aproximo de tentar, porém, outro grito de um alpinista caindo filtra-se pela tempestade, vindo de lugar nenhum e de todos os lugares, os sons dispersos e distorcidos pelo turbilhão da nevasca.

Não sei se é o conhecimento de Izabel sobre a rota a seguir ou se é pura sorte que nos salva do mesmo destino. E não quero forçar a barra.

O tempo passa devagar.

Cristais de gelo embaçam meus olhos, e pisco sem parar para limpá-los e evitar que meus cílios congelem.

De vez em quando — três puxões na corda de cima. Izabel ainda está bem. Dou três para confirmar que estou aqui, que estou viva, que ainda estou escalando. Venna faz o mesmo.

Nós escalamos.

Meu corpo inteiro dói. Cada músculo dói. Eu ignoro.

Sei que é perigoso perder o foco, mas minha mente continua escapando deste lugar e voltando para a memória.

Treinando com Igor. Lendo para Saela. Preparando o jantar para minha mãe, misturando o remédio dela na comida nos dias em que ela se recusa a tomá-lo puro. Beijando Lee. O corpo forte e nu de Lee pressionado contra o meu. Calor. Tudo menos dor congelante.

Então, finalmente, quatro puxões: Izabel consegue ver o topo.

A corda de cima fica frouxa alguns minutos depois — Izabel chegou ao cume e amarrou sua parte da corda, que agora fica mais frouxa à medida que continuo minha escalada. Eu me levanto, me afasto da borda, e Venna me segue de perto.

Não sei dizer se chegamos ao topo — a neve está muito espessa para ver qualquer coisa. Então, quando uma forma vem em minha direção através da neve, a princípio penso que seja um dos gêmeos.

Uma mão enorme e carnuda me agarra pelo pescoço, e então outro par de braços vem por trás e me envolve pela frente, me prendendo no lugar.

É o Jonah, percebo enquanto luto por ar. Aquele desgraçado desta manhã. Aquele que queria matar a Izabel.

Aquele babaca provavelmente estava esperando aqui em cima, torcendo e rezando para ter uma chance de se vingar.

"Vadia da sarjeta", Jonah rosna, sua mão apertando minha garganta, e vejo manchas brancas. "Você é só uma prostituta vulgar e nojenta."

Minha visão começa a escurecer. Use-a, diz a voz do Igor na minha cabeça, e eu me jogo contra o homem atrás de mim, fingindo derrota. Exatamente como no ringue.

Jonah não se deixa enganar tão facilmente. Sua mão ainda é um torno em minha garganta, mas o homem atrás de mim afrouxa o aperto, apenas o suficiente para me dar espaço para me mover novamente. Eu bato uma cotovelada em sua barriga, e seu grunhido de dor distrai Jonah o suficiente para que eu possa me soltar, jogando minha cabeça para trás, ouvindo o estalo satisfatório de um nariz quebrando.

A única vez hoje que não é meu nariz quebrando, penso ironicamente, já me movendo novamente, afundando em uma das combinações de Igor, uma que ele projetou especialmente para as lutas em que enfrento dois oponentes ao mesmo tempo.

Meus membros são um borrão de movimento, reservas de energia vindo de algum lugar que eu não sabia que tinha. Eu me deleito com o estalo satisfatório dos pregos de metal em meus pés na perna de alguém, dançando de volta.

Uma pontada de dor — eu não estava longe o suficiente. Claro, porque não são apenas facas de rua que estou enfrentando aqui — alguém está usando seu picador de gelo como arma contra mim.

A dor me deixa furioso, e depois disso, a luta se move rapidamente. Meu segundo agressor foge depois de receber meus socos mais algumas vezes, e eu o solto.

Jonah vem para cima de mim com o picador de gelo novamente, mas desta vez estou pronta para ele, dançando para trás e para a esquerda, afastando seus pés de baixo dele e pisando em sua mão, forçando-o a largar o picador. Ele se vira e parece que vai vir para cima de mim novamente, e eu aplico uma das minhas combinações favoritas de treino, fintando duas vezes e depois girando para acertar um chute giratório brutal.

Ele cambaleia para trás no momento em que a tempestade recomeça e a neve o engole.

Meu sangue lateja nos ouvidos enquanto olho para o lugar onde ele desapareceu. Ele se foi? Ele correu?

Ele caiu?

Eu o matei?

Não sei se devo ter vergonha de esperar que a resposta seja sim.

Respirando com dificuldade, luto para segurar a descarga de adrenalina que me mantinha em movimento. Me mantinha viva.

Izabel sai cambaleando da neblina e da neve, com Venna logo atrás dela. O casaco de Venna está rasgado no ombro, e um ferimento escorre sangue. Ela se apoia em Izabel.

Ela não parece bem.

"Estamos perto?", pergunto baixinho para Izabel, e nós duas nos olhamos em

silêncio, compreendendo. Venna não vai conseguir escalar por muito mais tempo, não com um braço basicamente fora de ação.

"É melhor que estejamos", diz Izabel, sombria, e lidera o caminho em direção ao redemoinho cinza. "Vamos."

Chegamos até aqui. Posso não querer criar laços, mas não vou deixar Izabel e Venna fracassarem agora.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO DEZ

Venna quase não consegue subir o último trecho. É uma camada negra de gelo escorregadio, às vezes tão íngreme que se torna côncava. Meus pés balançam ao ar livre enquanto tento alcançar o próximo ponto de apoio. Estou convencida de que cada centímetro que eu ganhar será o meu último.

Venna sobe por um tempo em seu ombro ferido, mas está ficando para trás, favorecendo cada vez mais o braço ileso. Mal preciso do puxão na minha corda como um sinal de Izabel; nós duas sentimos que ela está fraquejando e paramos em nossa subida, agarradas à parede íngreme, esperando minutos dolorosos para que Venna nos alcance.

Ajustando o comprimento da corda e dando-lhe um nó novamente em volta dos cintos, Izabel e eu nos amarramos à corda de Venna com a mesma folga entre nós, para que possamos subir juntas, puxando-a conosco enquanto ela usa os pés e uma única picareta para se apoiar.

Nós a puxamos até o trecho final com pura força de vontade.

Quando chegamos ao cume, estou tão exausta que penso brevemente em me deitar e deixar os lobos gigantes me comerem como um lanche.

Pelo menos seria rápido.

Todos nós cambaleamos para a frente, colocando distância entre nós e a queda apavorante atrás de nós. Venna e Izabel caem de joelhos, abraçadas, os rostos marcados pela exaustão e alívio.

A temperatura está caindo e, por mais alto que estejamos, duvido que chegue acima de zero, mesmo com o sol a pino. Mesmo quando não é uma nevasca. Minha pele dói de frio, mesmo por baixo das roupas grossas.

Eu provavelmente deveria continuar mexendo o corpo para me manter aquecida, mas é difícil me importar, estou tão cansada.

O cume se estende à nossa frente, um planalto longo e árido que se estende pelo cume mais alto da montanha. Depois de um tempo, a neve diminui o suficiente para que possamos ver depressões, buracos e plantas rasteiras teimosas que, de alguma forma, resistem neste lugar desolado.

Conforme a tempestade se acalma, vemos algo mais também: outros alpinistas.

Muitos deles.

Estamos muito longe de ser os primeiros a chegar.

Um lampejo de preocupação me atinge, e olho para Izabel e Venna, me perguntando se elas estão pensando a mesma coisa, que talvez tenhamos chegado tarde demais para que elas se unissem. Será que os lobos gigantes acharão que ela e a irmã são fracas demais, que chegaram depois de todas essas outras?

Ou a persistência delas será recompensada?

Então, as sombras e os truques da luz tempestuosa começam a se materializar ao nosso redor, e o pensamento se torna impossível.

Lobos gigantes — dezenas deles. São enormes. Minha cabeça nem chega aos ombros deles. Mesmo tendo visto lobos gigantes e seus Elos antes, não estou preparada para seu tamanho e majestade, para a forma como dominam esta paisagem desolada e sinistra.

Fico para trás, observando enquanto Izabel e Venna se levantam, com os rostos marcados pela dor e pelo propósito.

"Não se esqueça", murmura Izabel para mim. Não se aproxime deles diretamente. Não olhe nos olhos de ninguém, nem tente alcançá-los, nem faça qualquer outra coisa que demonstre interesse. Eles escolhem você, não o contrário.

Ela dá um passo à frente antes que eu tenha a chance de lembrá-la de que não estou aqui para isso. Que já alcancei meu objetivo — sobrevivi. E consegui que essas duas mulheres se juntassem a mim para alcançar o objetivo que planejavam desde crianças.

Estou feliz por elas. Mesmo achando o objetivo delas uma loucura.

As gêmeas caminham em direção à massa de corpos, humanos e lobos. Venna para e inclina a cabeça — como se estivesse ouvindo alguém falar, embora eu não tenha ouvido nenhum som. Momentos depois, um imponente lobo gigante cinza se aproxima dela, encarando-a por um momento assustador antes de abaixar a cabeça.

O alívio me invade, e então eu semicerro os olhos, a luz tempestuosa da tarde fazendo algo estranho com a minha visão. Quase parece que...

Não é um truque de luz. O homem diretamente à minha frente também cria

um vínculo, e seu cabelo muda enquanto observo, uma mecha prateada atravessando seus cachos emaranhados. Um par perfeito para o lobo que se eleva sobre ele.

Procuro Izabel pela área, esperando que ela também tenha encontrado um lobo disposto a criar um vínculo. Meu peito se aquece quando avisto Henrey à distância, também parado ao lado de um lobo marrom, com a mão enroscada em seu pelo. Ele conseguiu. Ele está vivo.

Dou mais alguns passos, tentando me afastar da multidão, evitando ser notada. Algumas vezes, um lobo se aproxima de mim e sinto uma sensação estranha, quase como uma pressão na minha mente, mas a bloqueio.

Não, eu não, penso, concentrando toda a minha atenção nas palavras. Eu não, não estou aqui para criar um vínculo.

Seja lá o que eu esteja fazendo, parece funcionar. Qualquer lobo que olhe na minha direção logo se afasta em direção a outro possível parceiro.

Quando olho para Izabel novamente, vejo Venna se juntando a ela, com um lobo enorme vindo atrás dela. Percebo que os lobos delas parecem diferentes; o de Venna é cinza-escuro, enquanto o de Izabel é prateado-claro. Elas também têm novas mechas coloridas nos pelos — prateado para Izabel, azul-escuro para Venna. Isso significa...

Quatro matilhas diferentes, disse Lee. Meus olhos se movem de um lado para o outro enquanto noto os pares recém-Unidos se juntando em grupos, iguais entre si. Venna e Izabel devem ter se juntado a duas matilhas diferentes.

O gelo cede sob meu pé enquanto dou mais um passo para trás, para longe da União, e tropeço e me seguro desajeitadamente, o tornozelo quase torcendo enquanto caio pela camada superior. Meu pé tritura a neve e os cacos de gelo.

Estou distraída, libertando meu pé do emaranhado de gelo cruel, então quase perco o momento em que Jonah atinge o topo da montanha e se levanta, caminhando decididamente em direção aos lobos gigantes, apesar de seus muitos ferimentos evidentes.

Minha boca se contorce quando um lobo negro como carvão se aproxima dele quase imediatamente. O lobo parece cruel, desagradável. Um par perfeito. Jonah grita em triunfo, e seu lobo rosna. O cabelo escuro de Jonah ganha uma mecha vermelho-sangue, a mesma cor que Stark Therion tem no cabelo. Então Jonah deve ter se juntado a Daemos.

E, ao mesmo tempo, a ferida de raiva no rosto de Jonah se fecha. Magia de cura dos lobos gigantes, percebo com um sobressalto. Eu já tinha ouvido rumores sobre isso, mas sempre presumi que fosse exagero.

Todos ao redor dão um ou dois passos para trás. Enojado, desvio o olhar.

É quando a vejo pela primeira vez: uma loba gigante que se mantém distante,

com seu pelo prateado brilhando na penumbra.

Ao contrário dos outros lobos, que rondam em busca do cavaleiro certo ou ficam vigilantes ao lado de seu novo parceiro humano, ela não se move. Algo em sua postura, a inclinação de seus olhos amarelo-dourados, comunica seu desinteresse — e sua autoridade.

Ela parece simultaneamente mais velha e mais poderosa do que qualquer uma das outras. Dou um passo em sua direção antes de perceber o que estou fazendo, então fico imóvel enquanto ela vira a cabeça para mim, me estudando com olhos ancestrais.

Eu não, eu acho. Não estou aqui para criar laços.

Meus pés parecem congelados no chão enquanto ela se levanta, caminhando lentamente em minha direção, seus pés enormes batendo na neve silenciosamente com sua graça.

Com o canto do olho, vejo os lobos e seus cavaleiros imóveis, enquanto cada um deles percebe seu movimento em minha direção.

"É Anassa", sussurra um dos homens perto de mim, seu olhar tão focado na enorme loba prateada quanto o de todos os outros. "Ela nunca cria laços. Dizem que ela está aqui há centenas de anos..."

Ela se aproxima, firme e confiante, e não consigo desviar o olhar de seus olhos. Eles brilham como estrelas douradas no céu na noite mais fria do ano. Seu olhar me penetra intensamente, e então, de repente, minha cabeça parece estar sendo esmagada, espremida.

Eu não, eu não quero criar laços, repito mentalmente.

A dor aumenta e eu uivo, caindo de joelhos, mas sem desviar o olhar de Anassa.

A pressão na minha cabeça aumenta e minha visão embaça. Mas, na minha mente, imagens giram. Anassa, correndo ao luar, montanha abaixo, mais rápido que o vento. Um sol nascendo, raios ofuscantes e belos. Uma coroa, seu metal brilhando, então encharcada de sangue.

Eu grito.

Meus sentidos ondulam, como se meu espírito tivesse subitamente se libertado dos limites do meu corpo. Estou na rocha, sentindo as vibrações de milhares de criaturas e plantas que se agarram à minha superfície. Estou me esticando para cima, um pinheiro, centenário, alcançando as estrelas. Estou dentro de Anassa, meu olfato quase doloroso em sua agudeza, o mundo um rico banquete para meus sentidos, seus segredos revelados para mim.

Um calor intenso perfura meus olhos e depois desaparece gradualmente, deixando para trás uma pulsação constante de dor surda, surgindo no ritmo das batidas do meu coração.

A ferida no meu peito causada pelo picador de gelo aquece — e cicatriza.

O hálito do lobo gigante é quente em meu rosto, sua presença maciça acima de mim. Sem pensar, estendo a mão, como se pudesse, de alguma forma, impedi-la de vir, impedir isso.

Minha mão toca em pelos prateados e, como se tivessem vida própria, meus dedos se fecham, agarrando fios grossos, me puxando para ficar de pé.

A dor na minha cabeça diminui lentamente, e eu pisco, instável, agarrando-me ao pelo do lobo como uma tábua de salvação.

Que porra aconteceu?

OceanofPDF.com

CAPÍTULO ONZE

Ainda sinto um zumbido desorientador nos meus ouvidos. O chão ficou instável sob meus pés, meu corpo dormente pelo vento cortante e seja lá o que for. Minha mente começa a se apegar a detalhes minúsculos.

A maneira como o pelo áspero do lobo gigante sob meus dedos se torna macio mais abaixo. A picada intermitente da neve cortando minhas bochechas. O som pesado e rítmico da respiração de Anassa.

Uma mecha do meu cabelo, solta das minhas amarras, passa rapidamente pelo meu olhar. Ela recentraliza meu foco.

Prata. Todo o meu cabelo escuro se tornou um branco-prateado luminoso, a mesma cor de Anassa.

Meus olhos se voltam para Anassa e eu desvencilho minhas mãos de seu pelo tão rapidamente quanto se ela tivesse me queimado. Eu sei o que a mudança na cor do cabelo significa.

Unidos.

Um horror silencioso percorre minhas veias e olho ao redor para os outros recrutas em pânico. A mulher mais jovem mais perto de mim tem cabelo escuro. Mesmo com a insistente rajada de vento, consigo ver uma mecha prateada nele. O resto do cabelo dela ainda é preto.

A frequência cardíaca acelera novamente, meus olhos pulam para os outros recrutas. Pisco rapidamente, tentando concentrar minha mente.

Regular minha respiração, primeiro. Foi o que Igor sempre me ensinou. Inspirar e expirar. Devagar, para enganar meu corpo e fazê-lo acreditar que não há nada de errado.

Izabel está perto, me encarando com os olhos arregalados, uma mecha prateada no cabelo. Atrás dela, através da confusão de neve triturada e recrutas remanescentes, está Venna, com sua mecha preto-azulada. Os outros... Henrey,

de uma cor fulva. Aquele babaca do Jonah, de um vermelho sangue nauseante.

Todos eles têm apenas uma mecha no cabelo para marcar suas mochilas. Eu arranco meu cabelo da gravata e o puxo para a frente para confirmar — e sim, está tudo mudado, cada fiozinho. Sou uma anomalia.

Olho de volta para a enorme loba gigante, branco-prateada, ao meu lado. Ela está imóvel, me avaliando.

"Isso foi um erro", sibilo para Anassa. "Retira o que disse. Eu não quero me ligar. Eu disse que não queria. Você não deveria se ligar a quem não quer."

Seus olhos amarelos e sinistros se estreitam para mim, e me lembro do aviso de Izabel antes, para não olhar nenhum deles nos olhos. O quê, ela vai me morder? Agora que me forçou a me ligar?

Anassa começa a retrair os lábios em um rosnado, revelando dentes assustadoramente afiados. Mas antes que ela possa reagir completamente, há uma mudança no ar.

Todos os recrutas ficam em silêncio absoluto. Até os lobos gigantes se calam. Os únicos sons restantes são o uivo do vento e o ocasional estalar de patas e pés na neve. Anassa bufa ao meu lado, me fazendo estremecer, mas não consigo tirar os olhos de...

Dele. Deles.

A sombra mortal do lobo gigante de Stark Therion paira sobre todos nós do topo de uma rocha coberta de neve. Ele parece ainda mais maciço do que quando o vi na base da montanha, com seu pelo negro como breu e garras afiadas como adagas.

Vislumbres da brutalidade da qual ele é capaz — ambos são capazes — retornam à minha mente. Sangue, vísceras, olhos insensíveis.

Eu me pergunto se eles cumpriram a ameaça de perseguir os relutantes montanha acima. Quanto sangue pode estar cobrindo o focinho daquele lobo gigante, invisível em seu pelo negro?

O lobo mostra os dentes quando Stark avança, menor que sua montaria, mas não menos imponente. Há um motivo para todos aqui terem se calado no momento em que ele chegou ao topo da encosta da montanha.

Sua presença é imponente, assim como uma nuvem de tempestade engole o céu. Imparável, cintilante de perigo, um aviso baixo e retumbante que nos causa medo.

Um pensamento emerge do caos da minha mente. Estúpido, na verdade, mas está lá mesmo assim.

Ele deve ser forte para montar naquela fera.

Stark desliza a mão pela pelagem de lobo, deixando-a ali enquanto seu olhar sombrio nos percorre. Quando passa por mim, algum instinto profundo dentro de

mim me obriga a levantar o queixo e a endireitar os ombros.

Já vi homens como ele antes. Os quietos. Os perigosos. Os homens que não gritam ameaças porque simplesmente não precisam.

Quando olho para Stark, vejo uma confiança calma e perversa, afiada como uma faca, aprimorada por lutas intermináveis e pouquíssimas perdas.

O poder de seu corpo imponente, a ferocidade em seu olhar, as cicatrizes e tatuagens escuras espreitando por baixo de seu traje, e a firmeza férrea em seu maxilar sombreado estão lá para todos verem.

Ele é tão selvagem e perigoso quanto seu lobo gigante.

Meus cabelos chicoteiam diante dos meus olhos novamente, um raio de luz contra a sombra infinita dele. Uma energia vibra em meus músculos, elétrica e quente, inundando-me de força. Algo em mim vê todo esse poder e quer se mover. Desferir um soco ou pegar tudo em minhas mãos e torcê-lo.

Seu lobo gigante dá um passo pesado para frente e solta um rosnado baixo e ameaçador do fundo de sua barriga.

Os recrutas ao meu redor recuam ao som, mesmo aqueles com lobos enormes em cima deles para protegê-los.

Os lábios de Stark se contraem como se ele achasse aquilo divertido. Quando ele levanta um amplificador e fala, é como se o próprio vento se aquietasse para ouvir, o som profundo e grave de sua voz ecoando claramente pela neve manchada de sangue.

"Se você não teve a sorte de se tornar um dos Vinculados, agora pode descer a montanha pela trilha para se apresentar para o serviço militar como soldado. Se você se Vinculou, parabéns", diz ele, o tédio em sua voz deixando claro que ele não está impressionado. "Seu treinamento começa agora mesmo com o primeiro teste do seu vínculo."

Minha mente entra em movimento novamente. Testando nossos vínculos? Desvio minha atenção da figura imponente de Stark e ouso olhar para Anassa.

Ela fica parada, sem olhar para mim, músculos ágeis tensos enquanto seu pelo branco prateado ondula ao vento.

"Você e seu lobo devem voltar para o centro de treinamento no castelo antes do anoitecer. Daquele momento em diante, vocês serão oficialmente considerados um Rawbond, um aprendiz. Se não chegarem a tempo, não se incomodem em tentar entrar no castelo. Porque se falharem..." Stark continua, encostando-se na perna de seu lobo gigante e cruzando os braços, "sua conexão com seu lobo será cortada e vocês morrerão. Boa sorte."

Vocês morrerão.

Ainda há sangue manchado em meu rosto, das pessoas que já perderam suas vidas durante a Ascensão, e ele se levanta e fala da morte com completa

indiferença.

Eu o odeio. Eu o odeio pra caramba.

Stark é insensível, sanguinário e perigoso. Homens assim não têm lealdade verdadeira a ninguém além de si mesmos. Eles não se importam com ninguém, nem com as vidas em risco ou com as pessoas perdidas nas fendas do mundo.

Ele monta agilmente em seu lobo, os músculos o puxando para cima com uma graça praticada, só possível após executar o mesmo movimento milhares de vezes.

Aperto o maxilar com tanta força que meus dentes doem enquanto observo Stark e seu lobo gigante desaparecerem na neve, descendo a montanha em disparada.

O topo da montanha se transformou em caos. Muitos dos recrutas estão agarrando os casacos de seus lobos gigantes, lutando para tentar montar. Alguns dos lobos atacam seus supostos cavaleiros, rosnando e cambaleando para longe deles. Outros recrutas, mais pacientes, olham para suas feras, claramente tentando argumentar com elas.

Minha cabeça ainda está girando com a absoluta incorreção disso. Mas eu não passei o dia todo quebrando meu corpo — assistindo outras pessoas caírem em mortes horríveis — para simplesmente desistir agora.

Se eu quiser sobreviver, se eu quiser salvar minha irmã, preciso pelo menos tentar.

Anassá não olha para mim, o olhar fixo em algum lugar distante, o casaco prateado brilhando. Ela é maior que os outros lobos ao nosso redor. Mais imponente. Majestosa, assustadora e claramente teimosa.

Esvaziando a mente, tento retornar àquela corrente de energia vertiginosa e ondulante que senti quando ela se aproximou de mim pela primeira vez, mas não consigo... nada. Silêncio absoluto.

Talvez eu esteja fazendo errado. Afinal, a maioria das pessoas neste topo da montanha cresceu vendo suas famílias se comunicarem com lobos. Provavelmente, elas foram ensinadas a fazer isso.

Meu melhor palpite é que eu deveria pensar palavras para ela, sentir a intenção, me abrir para sua mente. Alcanço o lugar na minha consciência onde senti seu poder antes.

BAM.

Minha mente se choca contra uma parede de ferro, rígida e intransponível entre nós. É tão fria quanto seus olhos gélidos, imponente quanto seu corpo corpulento e afiada quanto suas garras brilhantes.

Algo não está certo. Os outros estão começando a montar corretamente agora. Alguns estão até mesmo descendo a montanha aos saltos, lobo gigante

após lobo gigante desaparecendo na neve. Isso deve estar funcionando para eles.

Estou fazendo errado? É porque eu não quero ser Elo?

Mas então por que diabos ela fez isso?!

Minha mente fragmentada se apega a Izabel na confusão de corpos à minha frente. Ela está subindo nas costas de seu lobo gigante prateado, pegando punhados de pelo enquanto sua montaria observa cada movimento dela atentamente. Não vejo Venna em lugar nenhum — ela já deve ter começado a descer a montanha.

Olho nervosamente para Anassa e então me viro para correr em direção a Izabel. "Ei!"

Izabel se vira e olha para mim enquanto se acomoda em seu lobo gigante, sentando-se. Seus olhos se arregalam quando ela me vê, e sua testa se franze. "Meryn."

"Ele estava falando sério?", engasgo. Não sei por que digo isso. Stark estava obviamente sério, sem um pingo de alegria em seu corpo enorme.

"Sim", ela diz tão baixinho que quase se perde no vento. "Pessoas que não conseguem voltar a tempo morrem."

"Eu nem queria isso", suspiro, olhando para Anassa, que ainda não se mexeu. Ela está me encarando agora, com o olhar frio e firme.

"Eu sei, mas você consegue", diz Izabel. Seu lobo gigante se move sob ela, músculos enormes se esticando, cauda balançando. Ela dá um tapinha em seu ombro. "Eu tenho que ir. É..."

"Ela não está falando", eu digo abruptamente, odiando a vulnerabilidade na minha voz.

Izabel parece brevemente horrorizada antes de habilmente disfarçar. "Não está falando?"

"Não estou conseguindo nada do meu lobo, não sei o que devo fazer."

Izabel estremece. "Só... se esforce mais, Meryn. Algumas pessoas morrem no caminho porque não se comunicam bem com seus lobos. As matilhas acham que não vale a pena treinar pares que não conseguem se comunicar."

"E daí?", pergunto. "Isso é algum tipo de maneira distorcida de eliminar pessoas?"

A ausência de resposta de Izabel é uma confirmação.

Porque isso não é um teste, no fim das contas. É uma execução.

Por que estou surpresa? Pessoas como eu morrem todos os dias. Nas ruas e becos. Na linha de frente. Escalando uma montanha congelante e gelada.

Sequestrada por Sequestros durante a noite.

Não. Não consigo pensar assim. A esperança de que Saela esteja viva é a única coisa que me mantém em movimento.

"Anassa escolheu você", diz Izabel, com seus olhos escuros compassivos, mesmo enquanto me olha como se eu fosse uma causa perdida. Bem, que se dane. "Isso tem que contar para alguma coisa, Meryn."

Seu lobo gigante começa a se mover, emitindo um rosnado impaciente.

Izabel respira fundo e assente, com o maxilar cerrado. "Desejo tudo de bom a você. De verdade. E espero vê-la lá embaixo."

Com isso, sua montaria se vira e corre para longe, e ela se vai com os outros.

Quase não há mais ninguém no topo da montanha agora. Os que ainda restam estão com dificuldade para montar. Ou então estão montados e seus lobos gigantes não se movem ou estão tentando empurrá-los e rolá-los para longe.

Há um enorme lobo gigante castanho-amarelado sentado na neve do outro lado do campo de neve ensanguentado, roendo um braço decepado, me encarando.

Meu estômago se revira enquanto caminho de volta para Anassa, com as mãos em punhos. Mesmo com o ferimento curado, meus músculos ainda doem, quentes e insistentes. Eles estão travando e gritando comigo por tê-los sobrecarregado. Minhas mãos são basicamente blocos de gelo. Minha cabeça ainda lateja por causa da ligação.

Mas é a vida. Sempre foi a minha vida. Dor e persistência.

Só há um caminho a seguir, e não vou morrer em uma montanha solitária e gelada. Recuso-me a morrer até saber que Saela está segura em sua cama novamente. Eu me inclino para a dor, para a fúria indignada com a injustiça do que está acontecendo. Isso me alimenta.

Anassa observa minha aproximação, a expressão imutável, o corpo completamente imóvel. Eu a encaro e respiro fundo, tentando garantir que minha voz seja suave, apesar do caos que se agita em minha mente.

Lentamente, estendo minha mão para ela e digo: "Ok, garota, somos só nós dois, então."

Suas patas enormes cravam-se na neve e sua cauda espessa se levanta ligeiramente, e tenho a nítida sensação de que essas duas coisas, combinadas, são um aviso. Seus olhos me cortam, e gelo percorre minhas veias.

"Estou tentando aqui", rosno, e então limpo a voz para me acalmar, "mas talvez eu não seja boa nisso porque não está no meu sangue. Tudo o que sei é que precisamos descer. E rápido, pelo bem de nós dois."

Ela continua imóvel, mas seus músculos estão tensos e seus flancos se contraem inquietos.

Aproximando-me, suavizo minha voz, falando em tons suaves. "Posso subir nas suas costas? Posso montar em você, garota?"

Seus dentes estalam. Um clique alto e ameaçador atinge meu coração como

um martelo. Recuo quando suas presas brilham, caninos enormes pingando saliva. Um latido rosnado irrompe de sua garganta, e uma pata arrasta um enorme cânion pela neve.

Meu coração dispara no peito. Quase perdi uma mão. Ou um braço inteiro.

"Que porra é essa?", grito para ela, furioso.

Ela rosna para mim, balançando o rabo inquieto. O grito se acumula atrás das minhas costelas, uma pressão insuportável se espalhando. Engulo em seco o nó de raiva e medo na garganta.

"Por quê?", grito para ela. Por que ela fez isso? Se ela me odeia tanto, por que me forçou a criar um vínculo? Por que ela nos condenou a nós dois?

Anassa bufa para mim, uma rajada de ar quente atingindo meu rosto. Ela bate um pé, depois se vira e corre.

Fico ali parada, olhando para ela, meu corpo inteiro ficando lentamente dormente novamente. Observo seu pelo branco prateado desaparecer na neve, se misturando perfeitamente até que ela desapareça completamente. Ainda sinto aquela dor pulsante e desconfortável na cabeça, mas isso não importa agora. Ela me abandonou aqui.

E sabe de uma coisa?

Foda-se ela.

Ela não percebe o quão teimosa eu sou.

Vou descer a montanha com ou sem aquela bunda peluda inútil.

"Tudo bem!", grito. Então não consigo mais me conter. Me curvo e grito, os dedos se enroscando no meu cabelo branco-prateado. Um som horrível e penetrante sai da minha garganta, e continuo até ficar sem ar.

Quando termino, me endireito e começo a trabalhar.

Já estive sozinha antes e ainda não deixei isso me matar. Não vou começar hoje.

Caminhando até a beira da neve compactada, encontro um pedaço limpo e o pego nas mãos, levando-o à boca e deixando-o derreter na minha língua. Engulo a água, deixando-a acalmar minha garganta inflamada e despertar minha mente.

Então, tiro a mochila do ombro e a procuro, recuperando a carne seca que Izabel me deu, rasgando-a com os dentes e mastigando sem sentir o gosto. Depois, não me dou ao trabalho de pegar a mochila de volta. É muito pesada e não posso ter nada me pesando.

Porque preciso correr. Preciso correr como nunca corri antes, se quiser chegar ao castelo a tempo.

Talvez seja inútil. Talvez eu morra no meio da montanha em uma avalanche ou pereça no momento em que o vínculo de Anassa se romper e se partir em pedaços. Mas nunca vou parar de lutar.

Não enquanto Saela estiver me esperando.

Respirando fundo uma última vez, encho os pulmões com ar gelado e começo a descida. A trilha segura serpenteia pela encosta da montanha em zigue-zague para criar uma inclinação mais suave, mas não tenho tempo para a rota confortável.

Passo em disparada pela trilha de recrutas sem vínculo que descem lentamente a montanha. Alguns pulam ou gritam comigo enquanto passo por eles em disparada, mas meu coração bate forte demais para me importar.

Passando por uma brecha na trilha de soldados, mergulho. Meu corpo desliza sobre um monte de neve enquanto me lanço de cabeça pela beira da trilha e desço para a natureza selvagem entre as curvas sinuosas e confortáveis.

Aqui, há neve profunda, quedas repentinas de pedras, árvores enormes com galhos salientes e morte.

Minhas roupas ficam encharcadas imediatamente enquanto ando, caio e corro, os pés batendo em planícies pedregosas. Arranco agulhas de pinheiro do rosto e me abaixo sob os galhos. Salto sobre troncos e deslizo de lado em velocidades realmente perigosas por longos trechos de rocha gelada, com joelhos, cotovelos e pés batendo contra pedaços de pedra que se projetam.

Meus pés tocam a trilha novamente e eu corro por ela. Quase não há recrutas sem vínculos até aqui na montanha, então o caminho está livre.

Alguém grita comigo enquanto eu me precipito de volta para a descida aterrorizante. Meus pulmões estão congelados, uma dor excruciante percorrendo meu corpo a cada respiração gélida. Minhas pernas tremem enquanto corro, mal me mantendo em pé.

É só uma questão de tempo até que elas cedam e eu esteja mais caindo do que correndo montanha abaixo.

Mas não importa. O mundo se resume à minha sobrevivência. Ao meu propósito. A Saela, sozinha e com medo, sua sobrevivência dependendo de eu chegar ao pé desta montanha idiota. À minha mãe esperando que eu a traga para casa.

Para Lee e a vida que podemos construir juntos quando tudo isso acabar.

Logo, é como se eu estivesse voando. Árvores e pedras passam rapidamente por mim. Tropeço e caio, girando na neve até me recompor, uma nova dor irrompendo no meu ombro, da qual não tenho tempo para lidar.

Há um corpo no próximo trecho da trilha por onde passo. É uma paisagem sangrenta. Uma mulher jaz de costas, olhando cegamente para o céu. Seu sangue está espalhado pela neve em uma longa linha, como se ela tivesse batido no gelo e deslizado vários metros antes de encontrar seu lugar de descanso final.

Fico ali parada apenas por um momento, recuperando o fôlego, o corpo

inteiro tremendo enquanto meus olhos pousam no buraco cavernoso onde deveria estar sua barriga.

Ela foi rasgada. Garras, eu acho. Rasgadas através do casaco. Através do suéter por baixo. Meu suéter, eu percebo.

Alessandra.

Ela está mutilada, os olhos ainda tão arregalados de medo quanto eram em vida.

Imagino se um lobo gigante a pegou na descida ou se isso foi obra daquele merda do Stark.

É uma pena. Ela era uma boa pessoa, eu acho. Mas está muito frio aqui fora. O ar gélido penetrou direto no meu peito, congelando meu coração.

Não posso lamentar a morte dela. Não tenho tempo.

Afastando-me dela, continuo correndo. Meus pulmões nunca estiveram tão frios, nunca arderam tanto antes, mesmo depois de horas e horas de treinamento com Igor. As partes expostas da minha pele queimam como se estivessem em chamas. Minhas articulações doem com o impacto interminável das minhas botas na rocha e no gelo. Acho que devo estar sangrando das quedas e do chicote cortante dos galhos das árvores.

Meus pés estão começando a rachar e sangrar dentro das botas.

E não há magia de lobo gigante me curando desta vez — ou estou muito longe de Anassa ou ela está optando por não me ajudar. Não sei bem como funciona.

Dói. Porra, dói. Mas isso é outra coisa que Anassa não sabe sobre mim.

Sempre usei a dor para alimentar minha raiva, para me manter firme. Ela me invade, queimando e mordendo, e eu a engulo. Ela acende algo em mim.

Algo implacável. Determinado. Imparável.

Saela, Saela, Saela. O nome dela está nas batidas do meu coração. No bater das minhas botas. Na rajada de vento e no eco assombroso dos uivos ao longo da encosta da montanha.

Formas se movem na minha visão periférica. Árvores passando rapidamente, talvez. Neve caindo. Fantasmas contra o esquecimento branco sem fim.

Há mais corpos enquanto corro. Vejo-os com uma nitidez bizarra, apesar do borrão doloroso do mundo ao meu redor. O primeiro é um homem deitado em um monte de neve. Um lobo está sobre ele, negro como a noite contra a neve. Viro para a esquerda para evitá-los. A imagem de sangue em dentes brancos e brilhantes e o corte vermelho assustador onde deveria estar a garganta do recruta piscam repetidamente atrás dos meus olhos enquanto corro.

O lobo me encara enquanto corro passando por ele e tento afastar a imagem, a neve chicoteando minhas bochechas. Mas pisco e pisco e ele não vai embora.

A situação piora, e começo a ver os olhos de Anassa, amarelos, furiosos e implacáveis.

O próximo corpo é o de uma mulher deitada de bruços no fundo de um abismo. Paro derrapando, agarrando um galho de árvore com a mão dormente e mal conseguindo usá-lo para diminuir meu impulso antes de deslizar sobre a mesma queda repentina e íngreme que a matou.

Seu cadáver está completamente imóvel contra a rocha escura abaixo de mim, ossos brancos projetando-se através de sua pele no cotovelo e na coxa. Seu crânio está afundado, sangue respingado na neve e nas pedras. Seu lobo está ao lado dela, enorme e imóvel.

Ele também está morto, percebo, com seu focinho enorme frouxo e seus olhos cegos. Morreu com o impacto, provavelmente. Seu pelo ainda farfalha ao vento.

Não importa. Eu me viro e corro ao redor da borda da queda, descendo por um pedaço mais liso de neve e gelo. E continuo.

Corro e corro até não estar mais presente no meu corpo, até minha mente começar a se dissociar de volta para uma cama quentinha, um focinho enfiado em um livro, uma história sobre uma deusa que se salva. Nem percebo quando chego à base da montanha. A floresta pela qual caminhamos ontem passa em um borrão. Não vejo nada dela.

A luz já mudou quando minhas pernas cedem e eu desabo, parando lenta e dolorosamente. Estou sem fôlego e tonta. Delirando, na verdade. O céu está escurecendo. Logo será noite, e chegarei tarde demais.

Deixo escapar outro grito estrangulado e rouco enquanto me esforço para me levantar. Parece mais um choro, um soluço desesperado. Mas estou quase lá.

Enquanto me levanto, com o corpo inteiro em um arrepio de agonia, percebo que quase consegui. Há pegadas na neve. Marcas de patas enormes que me levam adiante. Atiço a raiva no peito e convoco energia para um último empurrão.

Passando em alta velocidade pela Cidade Vinculada, sigo os trilhos em direção ao castelo. A caminhada tranquila por esses bairros parece uma eternidade. Não há tempo para parar e admirar a riqueza repugnante. Não há mais espaço no meu cérebro para odiar o castelo pelo que ele é e por tudo o que ele representa.

Olho apenas para a sua enorme massa rochosa e penso: "Chegar lá". "Chegar a Saela". "Sobreviver".

O céu muda de cor, escurecendo para um cinza preguiçoso. O sol está baixo, mergulhando para tocar o horizonte escuro.

Chego ao portão com quase nenhuma luz restante, cada centímetro do meu

corpo gritando.

Há uma mulher de pele escura e uma mecha prateada gritantemente óbvia em seu cabelo escuro e curto. Ela é uma das Ligadas de alto escalão que liderava a Ascensão. Beta Egith, acho que Stark disse.

Ela se vira quando me ouve chegando mais perto, com o passo irregular porque estou mancando muito. Seus olhos se estreitam quando me vê.

Tento invocar palavras. Estou aqui. Eu consegui. Por favor. Mas nada virá.

Mas isso pouco importa. Ela me olha e diz: "Sem lobo gigante, sem entrada."

O grito se acumula em meu peito novamente. Sinto uma vontade repentina e cruel de segurar a cabeça dessa mulher e enfiar meus polegares em suas órbitas oculares. Dou um passo à frente, com as mãos cerradas em punhos, e palavrões intermináveis prestes a sair de mim.

Mas então um rosnado ressoa atrás de mim.

Fico tensa e me viro, com os olhos arregalados.

Ela está lá. Ela está bem ali. A puta do caralho.

Anassa caminha em minha direção, com as patas pesadas triturando a neve, baforadas de vapor saindo do nariz. Ela caminha com a cabeça baixa, as orelhas para a frente, o olhar fixo em mim. Pelagem branca prateada contra a neve... Um fantasma.

Ela estava me seguindo. Ela estava lá o tempo todo, me observando descer.

A fúria me atinge o coração quando a mulher que guarda o portão se anima.

"Bem, então", diz a mulher, com a voz mais brilhante e o olhar mais penetrante. "Bem-vinda ao treinamento, Strategos Rawbond."

OceanofPDF.com

CAPÍTULO DOZE

O portão atrás da mulher, percebo agora, é uma elaborada representação em ferro forjado de dois lobos gigantes uivando. A mulher se vira para empurrá-lo e os lobos gigantes se abrem e se afastam.

Olho para ela para não ter que me aventurar a olhar para Anassa, que eu já sei que estará evitando meu olhar intencionalmente. De alguma forma, consigo sentir a tensão em seus músculos enormes.

E pior, ainda há aquela parede de ferro inflexível entre nossas mentes.

Mesmo assim, sinto um calor nas minhas botas; acho que ela curou minha pele rachada e dolorida.

"Vá em frente, então. Encontre sua mochila no pátio", diz a mulher, estendendo a mão.

Hesito apenas brevemente. Algo nas imponentes muralhas de pedra do castelo me deixa claustrofóbica. Mas eu realmente não tenho escolha, pelo menos não esta noite. Preciso de tempo para descobrir como me libertar desse vínculo.

"Você sabe para onde ir", diz a mulher, esticando o pescoço para encontrar o olhar de Anassa. O lobo gigante bufa com desdém e passa por mim, galopando para além das muralhas do castelo.

Percebo a impaciência da mulher, então suspiro e também dou um passo à frente, indo na mesma direção em que Anassa desapareceu. Mas, quando viro a esquina, ela não está em lugar nenhum.

Em vez disso, um grande pátio se revela a mim. As mesmas paredes imponentes cercam o espaço fechado, mas aqui, os pilares de sustentação são adornados com lobos esculpidos, sentados majestosamente no topo de cada coluna. Eles se sentam bem acima de nós, olhando para baixo com os focinhos colados ao peito, eternamente carrancudos.

No centro do pátio, há uma estátua semelhante com dois lobos empoleirados no topo de uma rocha artisticamente esculpida. Ao longo da colunata interna, há várias portas em arco feitas de madeira pesada e desgastada. Nos cantos do pátio, há quatro janelas salientes projetando-se das paredes, sugerindo um segundo andar transitável ao longo da muralha acima.

Nas bordas do pátio, grupos separados de recrutas — não, Rawbonds — se reúnem, claramente separados pelas marcas de cores diferentes em seus cabelos.

O restante dos Rawbonds com marcas prateadas está no centro do pátio, a maioria amontoados ao redor da grande estátua. A neve sob seus pés foi esmagada por muitas botas, revelando um pouco de grama morta e mais do mesmo paralelepípedo escorregadio e gelado que eu pisava agora, com as botas batendo pesadamente.

O enorme espaço interno me deixa desconfiado. O pátio claramente foi escavado o suficiente para dar aos lobos gigantes espaço para manobrar livremente, mas estou acostumado a becos estreitos e casas minúsculas. Estou acostumado a ter uma parede atrás de mim o tempo todo.

Parado ali, um ataque poderia vir de qualquer direção e eu teria muito pouco para usar em meu benefício além da minha própria força. O que não é nada desprezível, é claro.

Mas ser capaz de arremessar uma cadeira em alguém ou puxar um varal pendurado para cegá-lo me faria sentir mais seguro.

Um pouco da minha energia retorna quando reconheço Izabel no meio da multidão de cabeças prateadas. Eu me arrasto em sua direção e grunhi seu nome. Ela fica tensa e se vira, mas seus olhos brilham quando ela me vê.

"Meryn! Você conseguiu chegar inteira!"

"Mais ou menos. Deixei minha dignidade lá em cima naquela montanha."

Izabel ri. "Bem, você ainda tem todas as partes do seu corpo. Então já é alguma coisa. Anassa se afeiçoou a você?"

"Se o carinho a que você se refere é uma fúria ardente, então sim. Muito." Respiro fundo, trêmula, ainda fraca e dolorida da minha queda montanha abaixo, e olho para o resto dos recrutas. "Uau."

"Eu sei. Somos muitos", responde Izabel.

Mas não era bem isso que eu estava comentando. É devastadoramente claro que quase todos eles são da Cidade Vinculada. Consigo perceber só de olhar para eles. Os casacos tingidos de cores, as peles pesadas, os cachecóis drapeados. A constituição saudável dos músculos. A altura imponente.

Deusa, até a pele deles parece mais saudável do que a das pessoas lá no Leste.

Meus olhos se deparam com um Rawbond de pele clara e particularmente

barulhento. Ele é um dos mais velhos, alto e bonito, com cabelos ruivos vibrantes que se destacam contra a pedra cinza e a neve clara. Ele é só sorrisos e risadas, com um pequeno grupo de admiradores olhando para ele e caindo na gargalhada ao seu lado, como se não tivéssemos acabado de assistir a milhares de pessoas morrerem.

É essa confiança inabalável que me enerva, como se todos eles fossem donos do mundo.

Até os mais quietos exalam isso. Uma garota magra com a mesma mecha prateada no cabelo castanho e cacheado se destaca do resto do grupo. Lágrimas escorrem silenciosamente pelo seu rosto — ela está perturbada com alguma coisa e, mesmo assim, seus olhos ardem como se ela achasse que poderia cortar a garganta de qualquer um de nós sem consequências.

"Você deve se sentir um pouco perdida", diz Izabel, interrompendo meus pensamentos fervilhantes.

"Eufemismo. Mas é como eu te disse. Eu não deveria estar aqui", respondo.

"E, no entanto, você é. Poderia ser pior. Nós duas somos da Alcateia dos Strategos", diz Izabel, orgulhosa, sorrindo para mim. Foi a mesma palavra que ouvi a mulher no portão usar. "Os líderes."

Levanto uma sobrancelha. "Líderes?"

"Mmm-hmm. Meus pais também são de Strategos, mas não me surpreende que Venna tenha se juntado à Kryptos." Ela aponta para o punhado de Rawbonds no canto leste do pátio. Aqueles com mechas azuladas profundas no cabelo. "Eles são os espiões", explica Izabel. "Venna sempre foi difícil de localizar...", ela sorri, com uma lembrança acesa nos olhos.

"Então ali", continua Izabel, apontando para o canto oeste, onde um grupo de pessoas de aparência particularmente bruta se reuniu. "Daemos. Os guerreiros."

Os guerreiros com as mechas vermelho-sangue. Franzo a testa.

Cada um deles parece estar esperando para arrancar a garganta de alguém com os dentes. São ainda maiores que os outros, vibrando com uma energia que eu presumiria ser nervosismo se seus olhos não fossem tão aguçados. Tenho quase certeza de que estão apenas inquietos para lutar contra alguma coisa.

Sem surpresa, Jonah está naquele grupo, encarando a todos.

"Por fim, temos os Phylax, ou os guardiões", continua Izabel, gesticulando para o grupo de aparência mais calma onde Henrey está parado com as mãos apoiadas passivamente nos quadris.

Então, líderes, espiões, guerreiros e guardiões. "Papéis em combate?"

"Mais ou menos. Mas também tem a ver com a dinâmica da matilha, a cultura e até mesmo com o comportamento dos lobos", diz ela. "Cada um de nós tem seu propósito e trabalhamos juntos. Em teoria."

Eu estava começando a me aprofundar na intriga de tudo isso. O funcionamento interno dessa parte privilegiada e exclusiva da sociedade que sempre pairou sobre nós, que labutávamos lá embaixo. Mas aquela única palavra, propósito, me tira da curiosidade.

Saela é meu propósito, não liderar um bando de Rawbonds pomposos e excessivamente convencidos.

Tenho perguntas mais importantes a fazer. Tipo, como diabos eu saio dessa e chego na linha de frente?

Mas antes que eu possa começar a interrogar Izabel sobre o quão difícil pode ou não ser escapar desse tipo específico de alistamento — especificamente, o quão possível pode ser quebrar meu vínculo sem morrer — o portão de metal pelo qual todos entramos ressoa alto, o som ecoando sobre a pedra.

Todos ficamos em silêncio enquanto a mulher que nos recebeu avança, franzindo a testa levemente. "Então é isso!", ela anuncia, com a voz carregada. "Pôr do sol. Vamos levá-los para seus aposentos."

Uma olhada para o céu escuro e percebo que ela está certa. O dia acabou. Qualquer um que ainda esteja além daqueles portões provavelmente está morto.

Dou-me apenas um momento para pensar nos perdidos, então a mulher Vinculada de alto escalão passa por nós, falando alto e rápido enquanto caminha. "Eu sou Egith Hartsfeld, Beta da matilha Strategos", ela diz sem olhar para nenhum de nós.

O grupo de Rawbonds se assusta e cambaleia atrás dela, seguindo sua autoridade sem precisar ser instruído. Tento entender o termo que ela acabou de usar.

Beta, ela disse. Mas, além de saber que os Alfas estão no comando, não entendo nada da terminologia dos Vinculados, e isso me passa despercebido.

Presumo que ela seja alguém importante, no entanto.

Seguimos para a parte leste do pátio, onde a matilha de Kryptos aguarda, todos afunilando-se pela colunata em direção ao interior do castelo. A larga porta de madeira se abre com um rangido diante de Egith quando ela se aproxima, e percebo tardiamente que há dois homens parados do outro lado, abrindo-a para ela.

Mas quanto tempo eles ficaram ali? É só isso que eles fazem? São pagos para ficar ali esperando para abrir a porta para o importantíssimo Vinculado?

Egith fala enquanto caminha, sem se dar ao trabalho de olhar para trás para ver se está sendo seguida. Esta metade do castelo foi construída para o treinamento dos Rawbonds. Nós treinamos aqui, bem perto do rei, para que ele possa acompanhar o progresso.

Metade inteira do castelo é dedicada ao treinamento? Eu não fazia ideia. E

tudo se parece com isso? Deusa.

Quando entro, uma onda de calor acolhedor me envolve. Deve haver uma centena de lareiras crepitando dentro dessas paredes para manter o frio do lado de fora com tanta eficiência. Tudo é polido e reluzente, até mesmo a pedra exposta das paredes. O chão brilha sob nossas botas sujas.

Mais estátuas imponentes ladeiam as paredes da entrada, rostos do que presumo serem renomados Vinculados olhando para baixo como se estivessem nos avaliando.

Izabel parece despreocupada, os olhos grudados em Egith enquanto nos aprofundamos no castelo, mas isso é demais.

A descrença fervilha em minhas entranhas.

Não há necessidade de nada dessa opulência. Os cômodos mais profundos do interior do castelo aquecem ainda mais, as paredes cobertas por painéis de madeira rica. Tapeçarias pendem sobre todas as superfícies, tecidas com fios de ouro e prata, cada uma representando lobos gigantes, coroas elaboradas ou desenhos em espiral que lembram montes de neve e nuvens tempestuosas.

A pedra fria e hostil se transforma em mármore e tetos altos e abobadados com vigas de madeira entalhadas. Tudo é tão amplo quanto o pátio, com enormes portas em arco e janelas do chão ao teto com treliças intrincadas. Os corredores são iluminados por lamparinas a óleo bruxuleantes, a luz quente refletindo-se sobre o mármore brilhante e os rostos animados dos outros Rawbonds.

"Vocês não saem desta metade do castelo", diz Egith, sua voz ecoando pelos corredores junto com o som abafado de nossos muitos passos. "A outra metade é para a família real e vocês estão proibidos de pisar nela, exceto em ocasiões especiais."

Parece-me impossível que exista uma parte do mundo que possua uma riqueza tão evidente. O corredor por onde estamos passando é mais largo do que as ruas de casa.

"Como podem ver, a nossa metade do castelo foi construída para que os lobos possam navegar", diz Egith, apontando para uma porta alta enquanto passamos por ela.

"Onde estão os nossos lobos?", pergunta Henrey, de perto.

As pessoas ao redor dele riem ou sorriem como se a pergunta fosse idiota. Mas faz sentido para mim. Anassa desapareceu. Pensei que fosse só porque ela queria fugir de mim, mas não vi um único lobo gigante desde que cheguei.

"Ah, sempre tem um", diz Egith enquanto passamos por um conjunto de portas maciças com tachas de ferro e viramos em outro corredor igualmente elaborado. Alguns servos passam rapidamente por nós, nos olhando com

apreensão flagrante. "Aprenda rápido, Rawbond. Os lobos preferem ficar ao ar livre. Durante o treinamento, os lobos ficam em terraços de matilha escavados na encosta da montanha em frente aos campos de treinamento ao ar livre. Você fará um tour completo pelas instalações amanhã."

Para seu crédito, Henrey acena com a cabeça severamente, concentrado, e ignora os idiotas que resmungam sobre ele baixinho. Suas bochechas estão vermelhas, no entanto.

Chegamos ao final do corredor e nos aproximamos de mais um arco de pedra pontiagudo. Esta tem cortinas de veludo vermelho exuberantes drapejadas sobre a curva do arco, escorrendo até o chão brilhante em dobras suaves.

Egith afasta uma cortina descuidadamente ao entrar. Todos a seguimos como um bando de patinhos apaixonados pela única figura de autoridade à vista.

A sala circular em que entramos é enorme. É claramente algum tipo de espaço comum, se é que se pode chamar um lugar como este de comum.

É bem iluminada por lamparinas a óleo bruxuleantes cobertas por cúpulas de cores quentes. Metade da sala tem dezenas de mesas de jantar compridas e polidas, posta com cadeiras delicadas e finas. A outra metade tem sofás e chaises enormes e confortáveis dispostos ao redor de várias lareiras enormes. Uma das lareiras gigantescas está sendo alimentada por um servo em uniforme de castelo, que não olha para cima quando a multidão de nós entra.

As paredes estão forradas com estantes empilhadas, tapeçarias ou retratos e paisagens enormes. As paredes em si são feitas de pedra mais bruta, com cenas de lobos caçando esculpidas em baixo-relevo por todo o cômodo.

É impecável, claro, assim como o resto do castelo. Cada detalhe está no lugar, até as flores perfeitamente podadas nos vasos. Como eles conseguiram tantas flores dos feudos externos, não faço ideia; elas não crescem ao ar livre em Sturmfrost. Nós as vemos ocasionalmente nos mercados, mas são exóticas e têm preços altos.

Acho que essa é uma das coisas desnecessárias com que os ricos gostam de gastar seu dinheiro.

Enquanto o resto da multidão entra, meus olhos se fixam nas grandes portas adjacentes dispostas ao redor da sala. Quatro delas, igualmente espaçadas. Elas estão claramente identificadas com os nomes de matilha que Izabel compartilhou antes.

Strategos, Kryptos, Daemos, Phylax.

Abaixo de cada inscrição dourada, há um símbolo único criado a partir de algum tipo de runa. Estou apenas começando a examiná-las quando a voz de Egith ecoa pela sala novamente.

"Este é o salão comum dos Rawbonds, onde vocês farão suas refeições", ela

anuncia, finalmente parando para se virar e nos olhar. "Atrás das portas de suas respectivas matilhas ficam os dormitórios de suas matilhas. Cada matilha tem seu próprio espaço comum, beliche, áreas de banho e quartos privativos para os instrutores. Vocês comerão nos dormitórios de suas matilhas esta noite, mas a partir de amanhã, todas as matilhas comem neste salão compartilhado."

O silêncio se instala no salão, interrompido apenas pelo arrastar de pés e um estalo alto da lareira. Segundos se passam antes que Egith revira os olhos e aponte a mão para as portas marcadas.

"O que vocês estão esperando? Vão!"

Imediatamente, os Rawbonds correm em direção aos seus alojamentos. Cerro o maxilar enquanto Izabel acena para a irmã, sorrindo e sinalizando algumas palavras. Então ela se vira para mim e toca meu cotovelo gentilmente. Acompanho o passo dela enquanto nos dirigimos aos alojamentos dos Strategos.

"Lar, doce lar", diz Izabel ao entrarmos.

Eu balanço levemente os pés ao vê-lo. É igualmente enjoativo e emocionante ver todo esse luxo.

Entramos em uma antecâmara enorme, repleta de conforto. Há assentos por toda parte, incluindo nichos de aparência luxuosa perto das janelas. Mais estantes de livros enfeitam as paredes. Montanhas de almofadas se amontoam sobre as várias cadeiras e sofás. Tapetes macios e ornamentados cobrem o chão. Um lustre pende baixo, brilhando com uma luz suave.

Há outra lareira enorme, grande o suficiente para caber todo o meu corpo em pé. As paredes são cobertas por um papel de parede brilhante, de um tom malva profundo com padrões de damasco prateado que refletem a luz da lareira crepitante. As janelas têm padrões de vitrais — lobos prateados em vários estados de movimento elegante. Acima da lareira, há uma enorme escultura do brasão militar.

Nossa, até o cheiro aqui dentro é forte, como se alguém estivesse queimando incenso em algum lugar. Cravo, talvez?

"Que porra é essa?", murmuro baixinho, o olhar pousado no jogo de chá cristalino sobre a mesa baixa perto da lareira. Quem precisa disso? Não deveríamos estar lutando uma guerra?

Ao redor da antecâmara, há quatro portas fechadas e uma aberta.

"Bem-vindos ao dormitório dos Strategos", diz Egith enquanto se dirige a uma das portas fechadas. Aposto que todas essas portas levam aos quartos privativos dos instrutores. "Para aqueles que precisam de roupas para trocar", seus olhos se demoram em mim ao ouvir isso, "há um armário no quarto dos beliches que tem tudo o que vocês precisam em uma variedade de tamanhos. Durmam bem."

Olho para os criados que começam a entrar no quarto enquanto Izabel me arrasta pela porta aberta. Este é claramente o quarto de dormir. Há treze beliches alinhados nas paredes, todos idênticos e separados por cômodas combinando. Há outra lareira acesa no final do longo quarto, com uma pilha de lenha ao lado e uma grelha com um lobo uivando protegendo o tapete luxuoso de faíscas perigosas.

No final, uma porta entreaberta revela um lavabo e um lavabo, provavelmente tão grandes, luxuosos e impecavelmente limpos quanto o resto do lugar.

Enquanto Izabel e eu vagamos entre os outros Rawbonds, procurando um lugar, passo a mão pelos lençóis de uma das camas. Macios. Tão macios. Mais bonitos do que qualquer coisa que eu já lavei em casa, quanto mais possuí.

Minha mente gira. É isso que os recrutas Bonded ganham?! Ainda nem somos soldados de verdade!

O contraste é ridículo. O centro de recrutamento que visitei era decadente e precário em comparação. O que os soldados na linha de frente ganham? Provavelmente um saco de dormir frio e mingau no café da manhã.

Ouvimos constantemente sobre como precisamos apertar os cintos para o esforço de guerra, fazer sacrifícios para que os soldados possam obter o que precisam para nos proteger.

Mas toda a comida que não podíamos ter ido parar aqui, nas barrigas dos Bonded. O combustível para nossas fogueiras acabou nessas lareiras. Os impostos e os salários reduzidos também, tudo para que os Bonded pudessem contratar criados para abrir as portas para eles e dormir em lençóis de seda.

Estamos todos colocando nossas vidas em risco na guerra contra os Sifões. Por que os Elos deveriam ter esse luxo quando os soldados na linha de frente estão em dificuldades, enquanto os plebeus estão morrendo de fome e vivendo com medo?

O quê? Porque eles têm lobos gigantes assustadores?

Estou em um estado de transe enquanto Izabel escolhe uma cama para dividirmos. Ela joga sua mochila no chão com um baque surdo, e eu fico ali parada, um pouco entorpecida, lembrando que não tenho mais mochila. Tive que deixar todas as minhas coisas no topo da montanha, bem ao lado da minha dignidade.

Descanse em paz.

Vejo o armário da loja que Egith mencionou e me lembro de pegar algumas roupas.

"Deveríamos comer", diz Izabel. "E nos limpar. Mas comida primeiro."

"É", digo, assentindo distraidamente.

Quando voltamos para a antecâmara, as mesas estão repletas de um banquete. O cheiro é incrível, como pão fresco, carne temperada com ervas e o suave aroma do vinho.

Sento-me ao lado de Izabel e carrego um prato, devorando a comida sem me importar com as maneiras. Provavelmente é a melhor coisa que já provei, e não é só porque estou meio faminta. Eu não conseguiria pagar uma refeição tão gostosa quanto esta com o salário de uma semana em casa. As pessoas na Eastern nem fazem comida assim, porque ninguém teria condições de comprar.

Mas é tão bom. Rico e amanteigado. Apimentado. Gorduroso. É uma delícia no prato.

"Com fome?", Izabel provoca enquanto eu mastigo.

Engulo em seco e concordo com a cabeça. "Me engordando para quando Anassa decidir me comer. Quero tornar a experiência agradável para ela."

Izabel ri. Comemos em silêncio por mais alguns minutos e penso em encher meu prato novamente, mas meu estômago já dói por causa da refeição farta e da quantidade que já comi.

"Pronta para dormir?", pergunta Izabel.

"Claro que sim", respondo, empurrando minha cadeira para longe e me levantando.

De volta ao dormitório, muitos dos Vinculados estão descarregando malas e abastecendo suas cômodas, colocando cobertores sobre suas camas, pendurando cortinas ao longo de seus beliches para privacidade.

Franzo a testa. "Eles tinham tudo isso nas mochilas?"

Izabel balança a cabeça. "Ninguém escalaria com um travesseiro extra na mala. Nossas famílias entregam nossas coisas no castelo quando vamos para a Ascensão."

Eu zombo. "Presunçosa."

Um músculo em seu maxilar se contrai enquanto ela arrasta uma mala de debaixo da nossa cama. "Para uma família Vinculada, não existe fracasso. Se você não se vincular em suas Provas, você está fora. Você está morto para eles. Não é mais um deles."

A amargura me invade. Nada disso faz sentido. Nada disso é justo. Este sistema tritura as pessoas e nos cospe para fora.

Olho ao redor, xingando baixinho. Vai ficar ainda mais óbvio que não me encaixo aqui, com meu beliche vazio e minhas roupas regulamentadas. Como se meu cabelo prateado brilhante e meu cu de lobo gigante já não fossem ruins o suficiente.

Não que eu queira me encaixar aqui. Meu objetivo é Saela. Só preciso viver o suficiente para encontrar uma saída daqui.

Mas esse é o problema de amanhã.

Pego um pijama velho — mas ainda macio e caro — no armário da loja, além de pacotes novos de calcinhas e um uniforme para amanhã. Então, vou para o banheiro, trocando de roupa rapidamente para que a próxima garota possa usar minha cabine. O banheiro anexo é tentador, mas estou tão exausta que não consigo pensar em nada além de cair de cara em um travesseiro.

De volta ao beliche, começo a subir para o meu beliche de cima, mas Izabel me impede, com os olhos cheios de preocupação.

"Não baixem a guarda", diz ela baixinho. "Todo mundo está exausto esta noite, mas o treinamento começou e todos vão querer provar que são os recrutas mais fortes do grupo."

Aceno com a cabeça. "Vou manter a cabeça baixa. Não se preocupem."

Izabel parece decididamente preocupada, mas concorda e reclina-se no beliche. Estremeço enquanto meus músculos se tensionam ao subir para o segundo andar da cama, mas mesmo depois de chegar lá, a tensão não me abandona. As palavras de Izabel dificilmente me confortam.

É como eu pensava, como Lee disse.

As Provas de Vínculo são cruéis e implacáveis. A Ascensão pode ter acabado, mas as Provas ainda estão apenas começando. Preciso tomar cuidado.

Minha mente vasculha as possibilidades enquanto fecho os olhos. Alguém tentaria me atacar enquanto durmo? Será que meu vínculo defeituoso com Anassa acabará me matando primeiro? Estou convencida de que nunca conseguirei dormir até o momento em que minha mente começar a se dispersar, a exaustão me dominando.

O sono que me toma é profundo e insuportavelmente pesado. Escuro, até.

E nessa escuridão, uma voz que gela meu sangue, entoando como a batida de um coração.

"Lumina, Lumina, LUMINA."

OceanofPDF.com

CAPÍTULO TREZE

Acordei sobressaltado.

A princípio, meu cérebro disperso pensa que o teto está desabando. O som que ecoa pelo meu crânio é tão alto e profundo que beira o apocalíptico. Mas, ao me levantar de um salto, com a boca seca e o cabelo bagunçado, percebo que é uma buzina para nos acordar. A nota ressonante permanece em meus ouvidos mesmo enquanto o som brutal desaparece, e junto com a nota grave, um chiado agudo.

Lumina.

Engulo em seco, tentando combater a secura da boca. Minha cabeça lateja. Meus músculos estão terrivelmente doloridos. Mal clareia lá fora, mas o quarto é um turbilhão de atividade ao meu redor. Do meu poleiro no topo do beliche, posso ver que todos os outros Rawbonds já estão vestidos e arrumados, seus beliches arrumados, seus cabelos molhados do banho.

Eles se movem com uma eficiência praticada. Observo com os olhos turvos a bela loira no beliche ao lado apertar as tiras de couro do uniforme com facilidade, como se suas mãos tivessem repetido essa manobra complicada a vida toda. Em instantes, o uniforme de couro está justo, afivelado com firmeza, como se tivesse sido feito para o corpo dela.

Mas talvez fosse mesmo. Elas se prepararam para isso a vida toda, lembro-me de repente. Elas sabiam que a buzina estava chegando. Todas sabem exatamente como usar seus uniformes e quanto tempo terão naquela manhã para se prepararem para o dia.

"Meryn", diz Izabel, batendo na lateral da nossa cama. "Depressa. Vamos."

Eu me mexo rapidamente, arrancando meu cobertor e descendo com dificuldade pelas ripas da cama.

"O que é tudo isso?", pergunto, correndo até a cômoda para pegar minhas

coisas.

"Já deveríamos estar nos reunindo na sala de estar para o café da manhã. Você precisa se arrumar." Seus olhos se movem sobre mim. "Arrumar o cabelo, talvez. A aparência importa por aqui."

A aparência importa, seja lá o que isso signifique. Tiro meu cabelo dos elásticos, quase me cagando de medo quando o branco prateado dele brilha nos meus olhos.

Certo. Isso.

Aparentemente, não tenho tempo para tomar banho porque Izabel me arrasta para fora do quarto assim que volto de uniforme. Ainda estou lutando com a jaqueta de couro rígida e as várias tiras e fivelas quando passamos pela antecâmara do Strategos e entramos no salão comum.

A maioria dos Rawbonds chegou aqui antes de nós, incluindo Venna, então pegamos o único lugar restante, grande o suficiente para nós duas sentarmos lado a lado.

Izabel resmunga baixinho enquanto nos aproximamos. "Ignorem-no", ela avisa.

"Ora, ora, ora." É o ruivo que eu notei tagarelando alto no pátio antes. Há olhares constantes nele, como se as pessoas o estivessem observando como um exemplo. "Como vocês dois estão nesta bela manhã?"

Izabel se senta ao lado dele. "Bem", ela resmunga e dá um tapinha no assento ao lado dela. Sento-me, observando o homem com quem ela parece não ter paciência. Ele é estereotipicamente bonito, um pouco mais velho que os outros Rawbonds, com cílios claros e algumas sardas na ponta do nariz. "Este é o Tomison."

Ele se inclina em volta de Izabel para sorrir para mim. É um sorriso que grita: "Eu sou simpático e você deveria gostar de mim". Tenho quase certeza de que geralmente funciona com as pessoas.

"Eu sou Tomison Thorne. Futuro Alfa do Strategos Pa "

"O ego dele está compensando alguma coisa", interrompe Izabel, me fazendo bufar.

Tomison apenas ri com gosto. "Coma, Izabel. Provavelmente só temos alguns minutos antes de sairmos."

A atmosfera entre eles é inesperadamente tranquila, e percebo que já se conhecem. Ambos são de famílias ligadas. Provavelmente cresceram juntos ou, pelo menos, se cruzaram.

A lista de coisas pelas quais não me encaixo aqui está crescendo tanto que vou começar a tropeçar nela em breve.

Não importa. De qualquer forma, não ficarei aqui por muito mais tempo.

Deixando minhas preocupações de lado, volto minha atenção para a comida à minha frente. É tão extravagante quanto a da noite passada, então é assim que eles sempre comem aqui — em uma mesa coberta com comida suficiente para alimentar uma família de quatro pessoas por uma semana.

Tento experimentar comidas diferentes. Uma massa folhada com chocolate no centro. Um bolo achatado polvilhado com açúcar de confeiteiro. Salsichas suculentas. Morangos frescos de verdade. Café, pelo amor de Deus. Há até alguns ovos cozidos delicados com casca azul, bem ao lado do prato de bacon gorduroso e uma tigela com um tipo de pão frito crocante que eu nunca vi antes.

Estou na metade da refeição quando meu estômago começa a revirar. Tanta comida pesada está começando a me dar náuseas. Como eles comem isso todos os dias?

"Certo?", pergunta Izabel, aparentemente percebendo meu desconforto.

Tomo um gole do meu café e aceno com a cabeça. "Ótimo."

Ela desliza uma xícara pequena para mim; há uma para cada Rawbond. "Não se esqueça disso."

"O que é?", pergunto, olhando para o líquido verde e viscoso lá dentro.

"Poção anticoncepcional. Todo mundo toma. Você não quer arruinar suas chances de passar nas Provas, sabe... atrapalhar a família."

A poção parece idêntica à que tomo na farmácia em casa, percebo. Viro sem discutir. Não vou ficar aqui tempo suficiente para deixar alguém me tocar daquele jeito, mas não vou levantar suspeitas recusando.

A porta dos aposentos de Strategos se abre. Egith Hartsfeld entra a passos largos, parecendo revigorada e bem descansada. "É dia de orientação! A única e única!", ela estrondeia, sem perder tempo.

Os outros Rawbonds já estão de pé, cadeiras rangendo e talheres tilintando. Estou mesmo com saudades de um banho idiota.

"Strategos Rawbonds, sigam-me", diz Egith. Percebi que instrutores saíram dos outros alojamentos da matilha e estão reunindo os outros Rawbonds. "Vocês farão um tour pelas instalações hoje. Não me façam perguntas idiotas."

Visitando as instalações. Graças à deusa. Talvez eu consiga bolar uma possível estratégia de saída se o método direto não funcionar para mim.

Egith não diz mais nada antes de se virar e sair da sala a passos largos.

"Mulher de poucas palavras", comento enquanto Izabel e eu nos dirigimos à porta com o resto dos Rawbonds.

"Se ao menos algumas pessoas pudessem ser como ela quando crescessem", responde Izabel, olhando para Tomison, que já está tagarelando com seu grupo de seguidores.

Enquanto seguimos Egith pelo castelo, ela fala sobre as várias alas pelas

quais estamos passando e seus propósitos. Algo sobre cozinhas e despensas, enfermarias, salas de guarda, um túnel para uma cripta subterrânea.

Mas meus olhos estão cuidadosamente procurando rotas e observando pontos de referência para que eu possa sair daqui num piscar de olhos.

Há algumas passagens óbvias para servos que eu poderia usar. Elas são marcadas por portas estreitas e curtas, pequenas demais para que até mesmo um desvinculado passe sem se curvar. Um lobo gigante não passaria uma pata por elas, então não há como serem usadas por alguém que os Vinculados considerem importante.

Nosso grupo entra em um amplo salão com braseiros em chamas nas paredes. Bem acima de nós, há um mural no teto representando dois lobos estilizados, um branco e um preto, girando um em torno do outro em uma dança impressionantemente realista.

Estou olhando para ele, com o pescoço esticado, quando um dos Brutos ao meu lado sussurra. Passos lentos. Um silêncio se abate sobre eles.

Eles estão olhando para o corredor em direção a um conjunto de portas duplas abertas quatro vezes mais altas do que eu. Além dessas portas, há um espaço amplo com piso de terra batida. Parece que há luz do dia lá fora, mas não há nenhuma corrente de ar gélida, então provavelmente é um grande espaço fechado com teto de vidro. Consigo distinguir uma linha onde as bordas suaves da arquitetura esculpida encontram a pedra irregular da rocha natural da montanha.

"Como muitos de vocês obviamente já notaram, sim. Lá embaixo fica a arena onde os seus Testes restantes acontecerão." Testes Restantes, no plural?! "Seguindo em frente."

Que porra é essa? Quantas vezes mais nós, recrutas, teremos que enfrentar a morte e o desmembramento?

Estamos correndo pelos corredores novamente, passando por várias áreas de treinamento dedicadas a cada matilha. Elas estão identificadas exatamente como os alojamentos. Só consigo vislumbrar brevemente enquanto passamos.

O pátio de treinamento de Kryptos é basicamente uma pista de obstáculos com torres de guarda altas. Daemos tem vários bonecos de treino alinhados e armas enfileiradas nas paredes, a terra marcada por marcas de garras e o que parecem ser os restos carbonizados de magia maligna. Phylax está equipado com um dispositivo enorme e estranho que parece uma série de pêndulos oscilantes, além de mais alguns bonecos e conjuntos de pesos pesados.

Strategos é de longe o que parece mais sem graça, cheio de equipamentos táticos como arreios e ganchos, além de várias mesas de estratégia e talvez duas dúzias de mapas cobrindo as paredes. Coisas empolgantes, ficar olhando mapas

o dia todo.

Paramos brevemente na entrada da área de treinamento de Strategos enquanto Egith explica que passaremos boa parte do nosso tempo ali. Meus olhos vagam além do espaço sombrio. Há duas portas altas de cada lado de uma parede de janelas do chão ao teto, além das quais a neve cai lentamente.

Olho através da neve e de repente percebo o que estou vendo.

A encosta da montanha se agiganta. Encravadas na face rochosa do penhasco, há cavernas enormes e afloramentos de pedra. Descansando acima estão nossos lobos, nos encarando ou cuidando da própria vida.

Os terraços dos lobos, percebo, são onde eles ficam enquanto estamos treinando.

Vejo Anassa quase imediatamente. Ela é de um branco-prateado cintilante que se destaca contra a pedra mais escura, e está reclinada o mais longe possível dos outros lobos gigantes fisicamente. Os olhos de Anassa encontram os meus brevemente, e ela imediatamente desvia o olhar de mim, o rabo balançando em agitação. Cerro os dedos em punhos, sibilando uma respiração pelo nariz.

Tudo bem. Que se foda. Não preciso dela. Ela pode desaparecer de volta para a montanha, que eu me importe. Ela me forçou a entrar nesse vínculo contra a minha vontade e depois me abandonou.

Assim que tiver a chance, vou falar com Egith e me livrar dessa situação complicada, custe o que custar.

Nosso pequeno passeio feliz termina no que parece um auditório. Ele está disposto de forma que um semicírculo de talvez cem assentos se afunile em direção a um estrado central elevado. Como o resto do castelo, as paredes são de madeira intrincadamente entalhada e o teto é abobadado, com claraboias circulares entre as vigas de sustentação. A acústica faz nossos passos ecoarem enquanto somos todos conduzidos para dentro.

Os outros grupos também estão aqui, juntando-se por diferentes portas nas fileiras de assentos.

"Sentem-se", ordena Egith, e então desce as fileiras para se juntar às outras pessoas que estão no centro do palco.

Fomos os últimos a chegar, então nos enfileiramos nas últimas fileiras. Sigo Izabel distraidamente, observando as pessoas que nos aguardam para encontrar nossos lugares para que possam começar a conversar.

São cinco no total, incluindo Egith. Quatro deles são mais jovens e um deles é uma relíquia obviamente antiga, no mínimo da casa dos setenta.

Stark é o mais alto deles, de pé, com os braços cruzados sobre o peito e a vários metros de distância dos outros. Ele está carrancudo novamente, o maxilar estalando como se não quisesse estar naquele palco e nos odiasse por termos a

audácia de levar mais de trinta segundos para nos sentar.

Com a iluminação mais generosa, consigo distinguir a tinta escura de suas tatuagens com mais clareza, especialmente agora que ele está de camisa de manga curta. Elas se enrolam em seus braços e sobem até o pescoço em desenhos intrincados. Nos braços, parecem rúnicas, naturalmente inspiradas — formas geométricas escondidas entre linhas caoticamente elegantes que me fazem pensar em florestas de abetos e chifres grossos. Elas sobem pela lateral do pescoço e desaparecem sob a mecha de seu cabelo escuro atrás da orelha. Mais acima, quase começam a parecer marcas de garras em volta do pescoço, um colar de dor.

Ele é simplesmente muito... cuidadoso. Afiado. Sintonizado.

Seus olhos rastreiam os movimentos como um predador rastreia a presa. Seu corpo permanece tenso o suficiente para uma resposta instantânea às ameaças.

Estar na presença dele é como estar com uma faca na garganta, e me pego me acomodando bem devagar no assento para não correr o risco de sua atenção cortar minha pele.

Eles serão nossos instrutores, presumo. Um de cada bando, talvez? Egith toma seu lugar ao lado deles, e o arrastar de pés dos Strategos Rawbonds silencia bem a tempo de eu ouvir o final de uma conversa sussurrada na fileira à minha frente.

"...ainda não consigo acreditar que pouparam o Alfa de Daemos por isso", diz uma mulher. "Ele também é filho do Alfa Soberano, sabia?"

"Olha as tatuagens dele", sussurra a outra de volta. "Ele matou tantos. E ainda não tem nem trinta anos. Ouvi dizer que ele se uniu aos dezoito e já era o Alfa de Daemos aos vinte e um."

"Porra, o Stark é tão gato", diz a primeira mulher, engasgando, afundando na cadeira.

Levanto uma sobrancelha e observo Stark novamente. Eu... acho?

Ou sim.

É óbvio. É muito óbvio. Ele provavelmente tem quase dois metros de altura, músculos volumosos e tonificados, um maxilar perfeito e cílios mais bonitos que os meus. Seus lábios são carnudos e seu cabelo escuro, eternamente bagunçado, é, na verdade, artisticamente despenteado e espesso, o tipo de cabelo que você gostaria de puxar quando está...

Não, não vou falar por aí.

E é assim que ele se comporta. Não condescendente como os outros Vinculados. Mais... desafiador. Como se estivesse desafiando o mundo a testar sua força porque sabe que sairá vitorioso.

A ideia de toda essa força e precisão concentradas em você, em suas

necessidades, vontades e desejos...

Não! Balanço a cabeça. Nada disso importa. Ele pode muito bem ter "psicopata assassino" esculpido na testa. Ele realmente tem isso tatuado nas mãos, braços e pescoço.

A breve centelha de interesse que senti ao observá-lo — sou apenas humana — se apaga instantaneamente quando me lembro das coisas que ele fez e disse.

Você não deixa alguém tão perigoso se aproximar de você. Nem mesmo só para sexo.

"Eu faria coisas criminosas para ter esse homem entre as minhas pernas", sussurra a segunda mulher.

Hã. Acho que sou a única nessa opinião.

"Bom dia, Rawbonds!", diz o homem mais velho, dando um passo à frente. Ele está usando vestes casuais, bem diferentes dos uniformes justos de couro que usamos.

“Sou o antigo Alfa de Strategos, Aldrich Gnosis. Podem se referir a mim como Líder Aldrich. Serei o chefe do treinamento dos Rawbonds nesta temporada”, diz ele, coçando a barba. “Quero dar-lhes as boas-vindas a este processo. A participação este ano está maravilhosa, e foi um começo promissor para os seus quatro meses aqui.”

Quatro meses?

Olho para Izabel ao meu lado em choque, mas ela está sentada de frente, inadequadamente alarmada.

Quatro meses, porra. Não tem como Saela esperar tanto tempo. Aguentar essa bobagem para chegar à frente não é uma opção, então.

“Os próximos meses provarão se vocês estão aptos a fazer parte de uma matilha e se chamarem de Vinculados. Muitos sobreviverão ao processo, mas não se enganem, muitos não sobreviverão”, ele nos diz. Seu treinamento começa com a Forja, um processo de dois meses com os Vínculos Cruéis da sua matilha. Este período serve para você conhecer seus futuros companheiros de matilha e garantir que consigam trabalhar juntos. Alguém sabe quais Provas ocorrem durante o período de Forja?

A mão de Izabel se ergue instantaneamente no ar, e ela praticamente vibra na beirada da cadeira. Ah, ela é esse tipo de aluna, então. Não estou surpresa, e sinceramente isso a torna ainda mais querida para mim — Saela também é assim.

"Sim, lá atrás", diz o Líder Aldrich.

"Em um mês, teremos o Teste da Voz", Izabel recita como se estivesse em um livro, "onde provaremos que podemos nos comunicar bem com nossos lobos gigantes."

Que bom que estou saindo daqui; eu jamais passaria em algo assim.

"De fato. E no final da Forja?"

"O Teste da Purificação", diz Izabel, confiante. "Onde as matilhas têm a chance de reduzir seus próprios números e remover quaisquer cavaleiros e lobos gigantes que não sejam aptos a se juntar a elas."

Meu estômago se revira. As matilhas vão matar os seus?! Ninguém mais parece se importar com isso.

"Seguido pela Bola de Forja, é claro", acrescenta Izabel rapidamente.

Claro, porque quem não acompanharia um massacre brutal com uma bola sofisticada?

"Exatamente. Depois, passamos para o período de Provação, onde..."

A mão de Izabel se ergue novamente, e o Líder Aldrich ri baixinho.

"Sim, Srta....?"

"Izabel Brooks, senhor."

"Ah, eu conheço seu pai, Conrad Brooks! Grande guerreiro. Houve um momento na Batalha de Grunfall, dez anos atrás, quando ele... ah, olhem para mim, me deixando levar pelas lembranças." O Líder Aldrich sorri para a multidão de Rawbonds. "Antes que percebam, vocês também serão soldados aposentados, relembrando os dias emocionantes da guerra."

Emocionante. Definitivamente. Se não tivermos uma morte cruel e dolorosa no treinamento primeiro.

"De qualquer forma, continue, Rawbond Brooks. Conte-nos o que acontece no período de Prova."

Izabel se endireita na cadeira. "A Prova é um período de dois meses em que as matilhas aprendem a trabalhar juntas em coordenação. Não há Provas adicionais durante o período, mas culmina na Prova da Unidade, uma batalha simulada entre todas as matilhas, e depois a formatura."

Aldrich assente, visivelmente impressionado. "Obrigado, sim. O Julgamento da Unidade é o abate final para eliminar os fracos."

Meus olhos se fixam em Stark novamente, apenas para encontrá-lo já me encarando. Direto para mim. Fico tensa no assento, com o coração acelerando. Minha nuca formiga e meus cabelos se arrepiam. Resisto ao instinto estúpido de me virar e ver se há alguém atrás de mim para quem ele possa estar olhando. Estou na última fileira.

O que significa que aquele olhar furioso é para mim, então, com aquela leve curva do lábio superior e aqueles olhos semicerrados.

Desdém. É o que parece. As palavras recém-ditas ecoam pela acústica perfeita da sala.

Abate. Ele acha que eu não vou sobreviver.

Mas não tenho intenção de sofrer com os Julgamentos sem sentido deles. Este lugar não é para mim, então ele pode esconder seu olhar furioso ou apontá-lo para alguém mais merecedor. Ele está desperdiçando comigo, sinceramente.

O Líder Aldrich continua apresentando os demais instrutores. "O Alfa Stark Therion de Daemos foi poupado da linha de frente para treinar todos vocês para serem os melhores lutadores possíveis. Respeitem a sabedoria dele e aprendam tudo o que puderem com ele."

Ele se vira.

"Beta Egith Hartsfeld de Strategos está aqui para ensinar estratégias de batalha." Não posso deixar de notar que a apresentação dela foi significativamente mais curta e sem graça.

Acho que a bunda de Stark é a única que ele está interessado em beijar.

Ele gesticula para um homem pálido com uma cabeleira loira de uns trinta anos. "Samson Whyte, Gama de Kryptos, vai ensinar comunicação e ocultação." Por fim, ele acena para uma mulher de meia-idade com pele morena e cabelos escuros. "E Elinoor Gardner, Gama de Phylax, vai ensinar história e dinâmica de matilha."

Aldrich continua seu discurso. "Agora, como todos vocês já sabem", aprendi que isso significa que devo esperar que ele diga algo absolutamente insano: "Isso vai ser sangrento". É isso aí. "E embora muitos de vocês morram em exercícios de treinamento e em competições saudáveis, não toleramos violência nos alojamentos da matilha."

Para que eu não seja assassinado no meu beliche à noite. Em teoria.

“Acredite ou não, você é valioso para nós e para o rei. Nosso objetivo é que o máximo possível de vocês sobreviva a este processo. Portanto, comportem-se fora da sala de aula. Violações serão severamente punidas.”

Há uma onda de murmúrios em resposta à advertência de Aldrich.

Não nos matarmos sempre que possível? Que horror!

Tudo se acalma rapidamente, porém, quando Stark dá um passo à frente, com os braços poderosos caindo ao lado do corpo. Ele não precisa dizer uma palavra para que Aldrich se afaste e abaixe a cabeça, uma demonstração de deferência incomum. Pensei que Aldrich estivesse no comando?

Minha pele se arrepia de terror e consciência quando o lobo gigante negro como a noite de Stark entra na sala por uma porta larga atrás dele. Ele não se vira quando a fera se junta a ele no palco, seu lobo se posicionando atrás dele como sua sombra.

Os dois ocupam o espaço. A presença de Stark é palpável, o auditório inteiro ficando mais pesado enquanto seus olhos percorrem a multidão e suas orelhas de lobo se contraem para a frente.

"Seu treinamento já começou. Começou no momento em que você tocou aquela montanha. Seus erros e suas... fraquezas... já foram notados", diz ele.

Lá vem ele de novo, olhando diretamente para mim. Ele deve ter me visto lutar com Anassa. Ou talvez considere meu cabelo bagunçado um sinal de fracasso. Verifiquei novamente no café da manhã — ninguém mais tem cabelos da cor da matilha. Essa honra duvidosa cabe somente a mim.

Tento me desviar do seu olhar, mas é como tentar ler um livro sentado sob uma guilhotina.

"Aqueles de vocês que não estão aptos a correr com uma matilha morrerão. Sem questionamentos. Sem piedade."

Contenho minha contração. A mão de Izabel alisa meu pulso no colo. Ela não está olhando para mim, mas claramente também notou o quão obviamente ele está me encarando. O toque dela basicamente não faz nada para me proteger do ódio dele.

"Mas você sabe disso. Vocês treinaram a vida inteira para isso... não é?", ele diz, arqueando uma sobrancelha escura para mim. Eu cerro o maxilar com força. "Você entende que estes salões exigem respeito. Gerações de seus ancestrais trilharam o mesmo caminho que os Rawbonds, lutaram as mesmas batalhas, praticaram os mesmos exercícios. Eles entenderam, a cada passo que deram para se tornarem verdadeiros Vinculados, que esta é a sobrevivência do mais apto."

Ele avança no palco. "Você se vinculou a um lobo gigante agora, e não há como voltar atrás. Hesitação e medo estão fora de questão. A covardia vai te matar."

Existe alguma coisa neste lugar que não nos matará?

"Nós vestimos você com couro grosso, mas não se engane — se um lobo decidir te rasgar, ele não fará nada para impedir suas garras. Se você quer manter seus intestinos onde eles pertencem, se você tem um apego sentimental aos seus membros, suba. Lute até o topo, porque aqueles que lutam lá embaixo acabam em barrigas de lobo gigante."

Ele finge olhar para o resto dos Rawbonds, mas seus olhos continuam voltando para mim. Seus comentários sobre a sobrevivência do mais apto e gerações de ancestrais não escaparam da minha atenção.

Ele acha que sou fraco por causa do meu sangue comum, então.

Isso me enche com o tipo de fúria cuspida e sibilante que poderia me matar se eu não conseguisse controlá-la e direcioná-la para algo útil em vez do homem classista e cruel à minha frente.

Ainda assim, algo se levanta em mim ao vê-lo e àquelas palavras duras.

Rebelião. É isso que é. Uma necessidade de provar que ele está errado. Uma necessidade de quebrar a vontade dele antes que ele possa quebrar a minha. É

esse ar de competição que ele projeta. Eu respiro fundo e meus músculos vibram com a necessidade de mostrar ao mundo que ele não pode me quebrar.

"Vocês terão dois meses para provar lealdade à matilha, depois mais dois meses de treinamento de combate, e serão vigiados a cada passo do caminho. Façam tudo o que estiver ao seu alcance para se prepararem e prepararem seus lobos para as Provas que virão." Ele se endireita. "Dispensado."

A sala irrompe em movimento. Os Rawbonds saem de seus assentos, com fogos acesos sob suas bundas por toda a conversa sobre estripação, sem dúvida. Os instrutores também se dispersam, saindo por portas diferentes.

Agarro o braço de Izabel. "Eu te alcanço."

"O quê? Vocês estão indo embora? Não vamos falar sobre o Alfa de Daemos olhando para vocês como..."

"Não vamos falar sobre isso. Meu plano é acabar com isso e reprimir a memória pelo resto do tempo. Mais tarde", digo, soltando-a e abrindo caminho através do fluxo de Rawbonds.

Egith desaparece pela porta inferior do lado direito da sala, a mesma por onde o lobo de Stark passou. Faço questão de não olhar para trás, em direção ao palco, onde tenho certeza de que ele ainda está de pé, provavelmente me encarando. Juro que consigo sentir seus olhos penetrantes em mim mesmo enquanto corro atrás de Hartsfeld.

Nos aposentos do Strategos, finalmente a alcanço. Egith se esconde em um dos quatro quartos laterais da área comum da matilha. Chegamos antes de todos os outros Rawbonds até aqui, e o caminho que Egith tomou acabou se revelando um atalho. Supero o nó de ansiedade que me aperta o estômago e bato na porta aberta.

Egith se vira e me encara. Este quarto é dela, percebo.

É escassamente mobiliado, com apenas uma cama, uma mesa de cabeceira, uma cômoda igual às que temos, uma pequena mesa e cadeiras. Apesar disso, há luxos escondidos por toda parte. Uma manta de aparência celestial estendida sobre uma das cadeiras. Armas de aparência exorbitantemente cara penduradas nas paredes. Lamparinas a óleo em vez de velas. Até mesmo algumas pilhas de livros pessoais no parapeito da janela.

Ela não diz nada. Apenas continua me encarando, uma sobrancelha arqueada e os cantos da boca se arrastando para baixo. O olhar grita: que porra você está fazendo aqui?

"Eu não pertenço a este lugar", deixo escapar.

"Como?"

"Preciso sair daqui. Minha irmã foi levada pelos Nabbers e eu preciso ir até a frente para encontrá-la."

Egith cruza os braços. "Do que você está falando? Nabbers?"

Eu me viro. "Sabe? Nabbers?"

"Na verdade, eu não sei", ela diz secamente. O que reacende a mesma raiva que senti antes.

A faísca dela se espalha, e minhas bochechas esquentam. Claro, ela não sabe. Eu só pensei... que ela é importante, certo? Todo mundo sempre soube que o rei não dá a mínima para os plebeus, mas mesmo um Elo de tão alto escalão não sabe? Não se importa em saber?

"Os Sifões têm sequestrado crianças do lado plebeu de Sturmfrost", digo a ela, sem conseguir manter o tom ácido fora da minha voz. Os olhos de Egith se arregalam. "Por gerações, na verdade. Foi por isso que me alistei, para encontrar Saela."

Egith me encara novamente. Ela faz isso com frequência. Quando fala, não há piedade em sua voz. "Não há como escapar."

"Por quê?", pergunto à queima-roupa.

Os olhos de Egith se estreitam. "Não está feito, Rawbond."

Minha pressão arterial sobe com aquela completa e total ausência de resposta. "Mas eu não consigo nem me comunicar com a minha loba! Ela não me quer, então por que você quer?! Me solta!"

Egith está de repente bem na minha frente, movendo-se tão rápido que meus olhos mal a captam. "Cala a boca", ela sibila, olhando por cima do meu ombro. "Você precisa guardar isso para si."

"O qu—"

"Você já está chamando atenção, com tudo isso", ela aponta para o meu cabelo, "isso aí. Isso já é estranho o suficiente. Se alguém mais descobrir que seu lobo não está se comunicando com você neste momento, eles te matariam imediatamente."

"Mas eles não podem", respondo fracamente. "Não nos aposentos."

"Eles vão dar um jeito", diz ela, gravemente. "A sobrevivência aqui é binária. Você vive ou morre, e eu posso te dizer agora mesmo qual vai ser se você continuar com essa atitude de merda daqui para frente. A única saída é atravessar, e as matilhas não toleram fraqueza entre suas fileiras. Se você quer alguma chance de encontrar sua irmã, precisa manter a cabeça baixa e lutar por ela."

Então Egith não vai me ajudar a ir embora, e se eu chamar mais atenção para mim, alguém vai me estripar em breve.

Droga.

Droga.

Egith dá um passo para trás. "Vou investigar esse problema com os Nabbers.

É..." Ela franze a testa. Acho que ela está chateada por ser a primeira vez que ouvia falar disso. "Vou descobrir mais."

"Por que você se importa?", pergunto.

"Com licença?", ela rosna.

"Você poderia simplesmente me deixar ser... abatida, ou seja lá o que você faz aqui", eu digo.

"Seja lá o que for que façamos, Rawbond. E a resposta é simples", ela diz, com as mãos na cintura. "Eu me importo com você", penso cinicamente. "Não. Temos uma aposta."

Eu quase bufo. "Uma aposta."

"Há uma aposta entre os instrutores sobre qual matilha perderá o menor número de recrutas. Eu realmente não quero perder para aquele babaca do Stark, então continue viva. Por favor." Ela se move para sua mesa e se senta. "Tenho dinheiro em jogo."

É. Parece certo.

Ela me lança um olhar que diz claramente: "Você está dispensado", então respiro fundo pelo nariz e giro nos calcanhares, com um plano já se formando em minha mente.

Se ela não vai me ajudar, vou encontrar minha própria saída dessa confusão.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO QUATORZE

Minha vontade aumenta a cada passo que dou de volta pela antessala em direção aos dormitórios. Não vou ficar aqui nem mais um dia. Nem uma hora. Só estou nesta posição porque me foi imposta contra minha vontade, mas tenho lugares para estar. Uma irmã para salvar. O amor da minha vida para quem voltar.

Sei como é ter que fazer tudo sozinha, estar sozinha. Tem sido assim a vida toda, na verdade, e nunca deixei que isso me impedisse antes.

Quando chego ao meu beliche, tenho um golpe de sorte: não há ninguém aqui. Todos devem estar voltando da orientação ainda.

Sem perder tempo, corro até o armário da loja e pego uma sacola extra, então começo a arrumar as malas às pressas, enfiando as coisas necessárias dentro dela — um odre de água, uma muda de roupa limpa. Gostaria de ter tido tempo de embolsar um pouco da comida do café da manhã. Quando já tenho tudo, olho ao redor rapidamente e jogo a sacola no ombro. Saio silenciosamente dos dormitórios, com um plano já se formando na minha cabeça.

As passagens de serviço que notei durante nosso conveniente passeio pelos terrenos do castelo funcionarão. Elas são pequenas demais para lobos, então é improvável que os Vinculados as usem. Mesmo sem seus lobos, eles provavelmente estão muito preocupados em sujar seus uniformes elegantes com teias de aranha.

Paro brevemente na porta do salão comunal dos Rawbond. Algumas pessoas começaram a entrar aos poucos. A maioria está reunida em grupos de três ou quatro, conversando ou sentada no colo umas das outras, flertando, ou então empoleiradas em uma mesa, jogando um jogo animado que parece envolver pedras e dados.

Ninguém está prestando muita atenção à saída. Acabo entrando na sala, mantendo um passo casual e escondendo minha bolsa com o corpo o melhor que

posso. Ninguém me impede.

Nos corredores, faço o possível para silenciar meus passos, apoiando a maior parte do peso nos dedos dos pés. Ser pega não é uma opção, então paro nos cantos para ouvir se alguém vem da outra direção. Enquanto me movo estrategicamente, invoco os pontos de referência que observei em nosso passeio e imagino o caminho que preciso seguir para sair daquele castelo labiríntico, onde começava a entrada para os corredores dos criados e qual direção seguir a partir dali.

As passagens de serviço são exatamente como eu as imaginava — estreitas, empoeiradas e claramente não utilizadas por ninguém importante. Todos os lugares neste lugar que um Elo pode tocar foram polidos e elaboradamente decorados. Mas os túneis dos servos são escuros e esparsos, praticamente vazios.

De vez em quando, um criado passa apressado, carregando uma bandeja, uma trouxa de roupa para lavar ou uma vassoura. Acenamos um para o outro sob a luz fraca, mas ninguém me impede. Não tenho certeza se me confundem com um deles ou se preferem não questionar os movimentos de um Rawbond, por mais estranhos que sejam.

Não fico por perto para descobrir.

Marco a lista de pontos de referência pelos quais devo passar enquanto me movo, ocasionalmente me escondendo em um corredor principal para verificar meu progresso e garantir que sei onde estou. Os pátios de treinamento. Uma área de armazenamento da cozinha. Um corredor com correntes de ar com uma parede de pedra rachada, as fissuras preenchidas desordenadamente com uma colcha de retalhos de argamassa que já está se debatendo sob o peso do teto, apontada como um caminho secundário para chegar a algumas das salas de aula.

Quanto mais me afasto do coração do castelo dos Bonded, mais firme me torno. Estou fazendo alguma coisa. Estou agindo quando ninguém mais o fará. Quase consigo imaginar minha irmã parada no final do corredor mal iluminado, estendendo a mão para mim.

Finalmente, não me preocupo mais em silenciar meus passos, porque estou perto o suficiente das muralhas do castelo agora que não vejo nenhum servo há séculos.

Finalmente encontro o pátio por onde entrei, o portão por onde Egith me fez sinal para entrar e entrei como uma idiota. O ar frio esfria minha pele suada. Estendo a mão para o pesado portão de metal, brevemente apavorada de que esteja trancado. Mas ele se abre com um grito, os lobos esculpidos no metal se abrindo diante de mim.

Minha expiração surpresa se espalha pelo ar e eu passo. No momento em que o faço, uma mistura inebriante de alívio e euforia me invade.

Eu consegui. Ninguém me impediu. Ninguém conseguiu. Ninguém sequer sabe que eu fui embora.

Mas três passos depois do portão, a dor corta meu crânio.

Tento ignorá-la e seguir em frente. No início, não passa de uma dor de cabeça lancinante. Eu consigo lidar com a dor. Sei como suportá-la, mesmo porque nunca tive outra escolha. Talvez eu não tenha comido o suficiente, ou talvez seja só o estresse dos últimos dias finalmente me afetando.

Rapidamente, a dor aumenta. Meus ossos estão congelando. Irradiando para fora, fragmentos de uma agonia lancinante se rompem, cortando minhas entranhas, empurrando em direção à minha pele até que todo o meu corpo esteja congelando, pronto para rachar. Meus membros ficam rígidos, a náusea me invade e eu cambaleio.

O que é isso? Algum tipo de feitiçaria sombria de lobo que lançaram nos portões? Rangendo os dentes, eu avanço.

Mal consigo dar mais dez passos antes que minhas pernas cedam e eu caia de cara na neve. A princípio, nem percebo que caí. Num segundo, estou de pé e caminhando desajeitadamente, usando as muralhas do castelo como apoio.

No outro, estou olhando para flocos de neve a cinco centímetros do meu nariz, a dor devastando meus nervos e os músculos se contraindo levemente.

Não sei por quanto tempo fiquei ali.

Uma mão pousa no meu ombro, e ainda consigo senti-la através do frio. O mundo gira ao meu redor, mas, apesar de tudo, consigo distinguir dois rostos familiares.

Izabel e Venna pairam sobre mim. Venna está mais perto. A mão dela está no meu ombro, seu aperto firme e a torção de suas feições expressando frustração e preocupação. A expressão de Izabel é de pura compaixão. Seus olhos estão vidrados, como se ela estivesse à beira das lágrimas só porque alguém que ela mal conhece está tremendo pateticamente na neve.

Venna diz algo que não consigo entender, então as duas pegam meus braços e me colocam de pé. Eu resmungo e cerro meus dentes batendo. Eu odeio isso. Eu odeio os gêmeos me vendo assim, como se eu fosse uma fraca trêmula.

Eles sabem que eu estava tentando ir embora, e minha incapacidade de fazê-lo é constrangedora. Humilhante, na verdade.

Tentando manter algum orgulho, tento andar sozinha, mas minhas pernas não me obedecem. Acabo me contorcendo em suas mãos como um bêbado até nos aproximarmos do castelo e a dor começar a diminuir.

A mão direita de Venna aperta meu braço com ainda mais força enquanto começo a me endireitar. "O que você estava pensando?"

Quero cuspir algo venenoso de volta neles, mas minha boca não quer ouvir

meu cérebro ainda. Posso vomitar imediatamente se tentar.

Izabel interrompe. "Ela tem razão. Você poderia ter morrido."

Zombando, finalmente me recomponho. Empurro os gêmeos e cambaleio em direção à parede mais próxima, porque não tenho certeza se conseguirei ficar de pé de outra forma. No entanto, a agonia está me deixando muito rapidamente. É chocante como me sinto normal logo depois de ser abalada pela sensação de minhas entranhas se despedaçando.

Quando me viro para olhá-los, as mãos de Venna estão em seus quadris e Izabel está se abraçando. "O que você estava fazendo?", pergunta Izabel.

"Indo embora", digo com a voz rouca.

Ela revira os olhos. "Eu sei disso, mas..."

"Preciso ir até a minha irmã", respondo bruscamente. Ninguém neste castelo inteiro parece se importar, mas eu me importo. "Não posso ficar aqui. Preciso encontrá-la. Não sei o que aconteceu, mas isso não pode me impedir de ir atrás dela. Não posso ficar presa aqui por quatro meses, enquanto Saela..." Não consigo nem terminar o pensamento.

Os olhos de Venna estão baixos, o rosto pálido. O rosto de Izabel se contorce. "Eu entendo, mas..."

"Você não", rosno e deslizo pela parede. Apoio os cotovelos nos joelhos e afundo as mãos no meu cabelo prateado. "Você não", murmuro baixinho.

Venna se aproxima e senta-se ao meu lado, com as costas contra a parede. Ela estende a mão, que Izabel segura enquanto também se acomoda à minha frente.

"Olha", diz Venna lentamente, "você precisa entender que o vínculo entre lobo e cavaleiro é frágil no começo. Acho que o seu pode ser especialmente frágil. A distância cria tensão física, que imagino que você sentiu? E essa tensão pode rompê-la completamente, matando tanto o lobo quanto o cavaleiro."

A princípio, a enormidade dessa afirmação não é totalmente assimilada.

Izabel continua de onde a irmã parou. "Não é algo que se supere apenas com pura determinação. Só o tempo e a confiança podem fortalecer o vínculo o suficiente para permitir a distância. Então, a menos que você consiga convencer seu lobo gigante a ir para a frente de batalha com você..."

Sua voz se perde, e eu percebo a realidade da situação. Ela me atinge como uma martelada na cabeça. Essa dor...

Eu não vou a lugar nenhum. Estou presa. De verdade, completamente presa.

Se eu tentar ir, vai acontecer de novo do mesmo jeito, e talvez da próxima vez eu não tenha Izabel e Venna lá para arrastar meu corpo inerte da neve.

Algo semelhante ao horror ferve em meu peito. Tento de tudo para me controlar. Essas duas mulheres acabaram de me ver lutando para me manter viva

na neve, embriagada de dor, impotente. Não preciso que elas vejam meu desespero também.

Mas é demais. A esperança crescente de sair do castelo seguida por aquela dor paralisante. E agora isso. Essa verdade claustrofóbica e miserável que me arrepia.

O soluço me escapa. Toda a emoção que venho segurando desde a minha chegada a este lugar horrível, desde que a Ascensão começou, na verdade, vem à tona. Meus olhos ardem enquanto me curvo e começo a tremer. Meus dedos cravam nos joelhos enquanto tento me livrar dessa espiral de dor, mas não consigo parar. Raiva, medo e vergonha giram em minha mente, mas as gêmeas não reagem como eu esperava.

Imaginei que elas achariam meu choro patético. Eu seria fraca, certo? Uma Rawbond comum, indigna do vínculo que forjou, já se rompendo sob a pressão.

Mas elas não zombam de mim. Elas não me deixam lá para desmoronar. Venna estende a mão e desliza uma mão quente pelas minhas costas. Izabel enfia a mão no bolso e tira um lenço de seda, estendendo-o para mim. Fico olhando para ele por um momento, quase chocada com as lágrimas.

Hesitante, pego-o e o pressiono contra o rosto. A dor não para, mas está diminuindo um pouco com os toques suaves e constantes da mão de Venna nas minhas costas e o brilho compreensivo nos olhos de Izabel.

"Por que você está sendo tão gentil comigo?", pergunto e rapidamente enxugo outra lágrima antes que ela caia.

Venna e Izabel se comunicam por sinais rapidamente, e eu juro internamente que aprenderei essa língua rápido, para que elas não me deixem de fora. "Estamos confusas", Venna finalmente diz em voz alta.

Eu fungo e agarro a seda na minha mão, amassando-a. "Sou obviamente um elo fraco. Sou uma plebeia e nem quero estar aqui. O que você ganha com isso?"

Izabel zomba e balança a cabeça. Ela se recosta em uma das mãos, apoiando-se. "Não é bem assim."

"E depois?"

Ela me observa por um longo momento. Acho que está decidindo se deve ser honesta comigo. Seus olhos se voltam para a irmã e depois para mim. Então, finalmente, ela respira fundo e diz: "Ninguém acreditava que nós duas conseguiríamos sobreviver a um Teste de Vínculo."

"O quê?", pergunto abruptamente. "Por quê?"

Venna suspira. "Por causa da minha deficiência. Minha audição... Tenho problemas de audição desde a infância. Geralmente me dou bem em grupos pequenos ou individuais, mas quando os grupos ficam maiores e mais barulhentos..."

"E por causa do meu compromisso com ela", acrescenta Izabel. "Eu nunca a deixaria para trás, e todos pensavam..." Ela balança a cabeça. "Achavam que a Venna nos arrastaria para baixo. Quando isso é o oposto da verdade, obviamente."

Venna sorri e estica o pé para cutucar a perna de Izabel com a bota. Izabel apoia a mão no tornozelo de Venna e olha para mim. "Nossos pais eram nossos únicos campeões. Eles nos ensinaram que precisávamos ser duas vezes melhores que qualquer outra pessoa para sobreviver e provar que os outros estavam errados."

Minha mente se lembra de Igor, da fé que ele tinha em mim. Da maneira como ele me ajudou a sobreviver contra todas as probabilidades, apesar de ter perdido meu pai e, essencialmente, minha mãe também.

Acho que entendo um pouco do que eles significam.

"Nos tornamos lutadores porque precisávamos. E igual se reconhece igual, eu acho", diz Venna com um gesto em minha direção. Meus lábios se abrem e eu a encaro. Ela parece se divertir com a minha surpresa. "Meryn, por que você acha que lutamos na Ascensão com você? Você também tem essa força — o mesmo impulso de provar que todos os outros estão errados. Talvez você seja uma plebeia. Talvez esteja presa. Mas quem se importa? Lute com mais força."

Minha respiração está irregular. Pela primeira vez desde que cheguei ao castelo, algo em meu peito quer se estender e tomar conta do mundo ao meu redor. Venna cutuca meu cotovelo gentilmente. Ela está sorrindo para mim.

"Além disso, se alguém tirou Ven de mim, ou eu dela...", acrescenta Izabel. Sua expressão se torna sombria. Venna imediatamente se aproxima dela e se encosta ao seu lado. Izabel suspira e encontra meu olhar. "Entendemos, Meryn."

Levanto o queixo e limpo as bochechas com o punho. E eu olho para as duas e penso que talvez elas entendam.

É quase amargo perceber que essas mulheres nascidas no Elo e eu somos tão parecidas. Eu já as respeitava, é claro, sua força diante dos horrores da Ascensão, a maneira como trabalharam juntas — trabalharam comigo — para superar aquela escalada infernal.

Mas mesmo assim, é uma sensação estranha e nova saber que tenho algo em comum com elas. Que eu... talvez possa entendê-las.

"Pelo bem de Saela, eu poderia fazer qualquer coisa", digo, e minha voz não treme. "Mesmo que isso signifique fazer esse maldito elo funcionar, de alguma forma, conquistar aquela vadia da Anassa para que ela mesma me carregue até Saela." Algo sussurra contra o elo na minha cabeça, como se Anassa tivesse me ouvido, mas eu ignoro.

Venna sinaliza algo para Izabel, e Izabel ri. "Ótimo", ela diz. "Então, vamos

começar com o mais importante: Venna e eu concordamos que você precisa tomar um banho porque está fedendo. Hoje é a Apresentação."

Venna finge apertar o nariz e sorrir para mim. Eu bufo, divertida, até registrar o que Izabel acabou de dizer.

Que porra é Apresentação? Mais um Julgamento? E por que eu preciso cheirar bem para isso?

Voltamos para os dormitórios em muito menos tempo do que minha busca por liberdade levou, já que não precisamos evitar os corredores principais nem sermos vistos. Venna se separa quando chegamos à sala comunal, indo em direção aos aposentos dos Kryptos.

Quando chegamos ao beliche dos Strategos novamente, os outros Rawbonds estão todos lá dentro, uma onda de movimento e roupas. Eu os encaro enquanto passo pelas camas para alcançar a minha e a de Izabel. Mas paro abruptamente quando vejo um dos outros Rawbonds usando uma gravata no pescoço. E um paletó. E sapatos brilhantes.

Espere, eles estão todos se arrumando, desfazendo roupas elegantes e arrumando os cabelos meticulosamente.

"Depressa", Izabel sibila, gesticulando em direção à porta do banheiro. "Você precisa tomar um banho agora mesmo e depois se arrumar."

"Foi o que me disseram", resmungo.

"Não, você não entendeu. Você tem que estar bonita. É como eu te disse antes. A aparência importa aqui. Espera-se que você pareça uma Rawbond, não apenas seja uma", diz ela com urgência.

Ela tenta me empurrar em direção aos banheiros, mas eu resisto. "Izabel, que porra está acontecendo?"

"Apresentação, eu te disse", ela responde, agitada. Então ela olha duas vezes e seus olhos se arregalam. "Certo. Você não sabe o que é isso. É onde somos todos colocados diante da realeza para exibir a nova classe de recrutas. Nobres de todos os sete feudos também vêm ver."

"E nós nos arrumamos?"

"Você sabe como é..." Na verdade, eu não sei. "Temos que nos preocupar com os rankings, mas não é só isso. A realeza, os nobres... bem, somos o orgulho de Nocturna, os melhores dos melhores. Não apenas em luta. Estamos, bem, em exibição." Pela primeira vez, Izabel parece um pouco desconfortável com o que está dizendo, mas então se anima. "Você é naturalmente bonita, vai se sair bem. Mas precisamos te limpar."

"Espera..." Não estou pronta para deixar isso para lá. "Classificações?! Tipo, vamos receber números ou algo assim com base em quão gostosas estivermos esta noite?"

Izabel ri, mas balança a cabeça. "Cada matilha tem sua própria classificação. Obviamente, cada matilha é liderada por um alfa, depois o beta e alguns gamas. Nenhum de nós, Rawbonds, tem títulos como esse ainda, mas os lobos estão sempre observando o que fazemos e há uma hierarquia entre eles. As matilhas tentarão eliminar as pessoas que caírem para o fundo da hierarquia."

Mas Izabel disse que estaríamos em exibição. Não se trata apenas dos lobos. Somos entretenimento para os nobres e o rei.

Todos estão nos julgando.

No momento, estou significativamente mais preocupada com os lobos, que aparentemente podem decidir matar um de nós se ficarmos com os ombros caídos ou parecermos um pouco moles.

"Eles podem até fazer isso hoje à noite, se um de nós não impressionar", acrescenta Izabel, contemplativa.

O pânico me atinge como uma martelada na cabeça. Agarro o beliche para me equilibrar e gesticulo para mim mesma. "Não está conseguindo impressionar, Izabel? E como exatamente você acha que eu vou me sair?"

Izabel fica tensa. "Certo. Merda." Seus olhos se movem sobre mim e seu maxilar se contrai. "Ok, eu tenho uma ideia."

OceanofPDF.com

CAPÍTULO QUINZE

Meus passos ecoam fracamente contra o mármore branco reluzente do banheiro Strategos enquanto me esgueiro em direção a uma das enormes banheiras embutidas no chão. Há meia dúzia delas espalhadas pelo cômodo. São grandes o suficiente para acomodar várias pessoas ao mesmo tempo e já estão cheias de água fumegante e cristalina.

Merda, até os banheiros aqui são extravagantes.

Em casa, temos uma banheira de metal amassada, grande o suficiente para me segurar, e a bomba que a alimenta produz água gelada, tingida de laranja pela ferrugem. Eu nem sabia que banheiras como esta existiam, não ousava sonhar com algo tão luxuoso.

O cômodo é cavernoso — tetos altos, janelas altas de vidro fosco, torneiras e pias douradas. Até as grades dos ralos embutidos no chão são douradas.

A voz de Egith ecoa na minha memória. "Você já está chamando atenção." Tento conter meu espanto de boca aberta, para parecer menos com a plebeia empobrecida que sou, enquanto me desvesto rapidamente.

Pelo menos não há mais ninguém aqui. Mas não me escapa que este é um espaço comunitário. Não há telas de privacidade, e também não há fechadura na porta. Os homens e mulheres dos Vinculados tomam banho... juntos.

Meu rosto esquenta só de pensar. Ninguém nunca me acusou de ser puritana, mas há algo nessa ideia que é quase obsceno.

Há uma fileira de prateleiras em uma parede. Toalhas e panos brancos perfeitamente dobrados, impecáveis e macios. Frascos de sabonetes perfumados, loções e sabe-se lá o que mais.

Pego um frasco e cheiro. Não reconheço os aromas, mas é divino — flores frescas e um toque de algo profundo. Caro e estranhamente sensual.

Porra, não posso usar isso. É como colocar joias em um porco.

Espera aí, acabei de me chamar de porco?

Aperto os dentes. Este lugar já está me afetando, me fazendo sentir... inferior. Mas não sou. Ter nascido com dinheiro e privilégios não torna essas pessoas melhores do que eu.

Nesse momento, me vejo no enorme espelho dourado pendurado acima das pias. Isso me dá um susto. A mulher que me olha de volta é quase uma estranha, seus cabelos prateados brilhando à luz do fim de tarde, sua boca numa linha séria.

Desvio o olhar rapidamente, tomada por uma onda de emoções confusas. Raiva e dor familiares — e algo mais. Uma confusão trêmula que me deixa com os dentes cerrados.

Toda essa provação já me mudou de maneiras que não consigo nem começar a entender.

E agora tenho que me enfeitar e posar para entreter um bando de nobres pomposos, como se eu fosse um belo pedaço de carne exposto no açougue? É pela Sae, digo a mim mesma, enrijecendo a espinha. Lembre-se, isso é tudo por ela.

A sobrevivência é tudo o que importa, por todos os meios necessários.

Pego a garrafa e corro para a banheira mais próxima, tirando o resto da roupa rapidamente. A água quente me envolve enquanto entro.

É um choque no começo — quase escaldante. Respiro fundo, agarrando o frasco de sabonete com tanta força que fico surpresa por ele não se estilhaçar na minha mão. E então...

Alívio.

O calor penetra em cada poro, cada músculo dolorido, direto para os meus ossos. Todas as pequenas dores desaparecem, substituídas por um prazer derretido. Meus olhos reviram e quase solto um gemido.

Eu não fazia ideia de que banhos pudessem ser assim, algo além de uma corrida gelada para me limpar um pouco. Se vou ficar presa aqui — lutando pela minha vida, cativa por um vínculo indesejado — bem, então vou tomar um desses todas as noites.

Despejando um pouco de sabonete nas mãos, ensaboo meu cabelo, tentando não olhar para os grossos suportes prateados que escorregam por cima do meu ombro. Não sei por que isso me perturba tanto, exceto... que não está certo.

O cabelo é só mais um motivo para eu não pertencer a este lugar. Mais um sinal que grita forasteiro. Eu nem consigo criar um vínculo direito.

Tanto faz. Estou feliz por ser um forasteiro. Este mundo dos Elos é uma merda. Exceto, é claro, por esses banhos divinos.

Abaixo a cabeça para tirar o sabão do cabelo e volto à superfície para

descobrir que um par de Strategos Rawbonds se juntou a mim no banheiro. Uma delas é a loira alta e linda que dorme no beliche ao lado do meu — Perielle, acho que é o nome dela. Sua pele é luminosa e seu cabelo já está brilhante e limpo. Na minha parte da cidade, seria visto como desperdício de água tomar banho no estado dela.

Embora eu não tenha passado muito tempo com mulheres da minha idade, sei como funcionam as hierarquias sociais e, com base no que observei no dia anterior, Perielle definitivamente está no topo da cadeia alimentar. Enquanto Tomison atrai uma multidão de admiradores por onde passa, Perielle parece ter lacaios e aqueles que a temem de forma reverente.

As duas jovens me lançam olhares idênticos de desprezo e vão até a banheira mais distante, um lembrete de que estou no fundo dessa cadeia. Elas começam a conversar em voz baixa, me ignorando completamente. Por mim, tudo bem.

Só que não são as últimas a se juntar a nós. Mais dos meus colegas Strategos chegam aos poucos, homens e mulheres. Todos se despem e se lavam como se fosse totalmente normal.

Enquanto isso, estou me encolhendo na água, brutalmente consciente da minha nudez.

Como podem ser tão indiferentes? As duas pessoas que já vi completamente nuas são minha irmãzinha — antes que ela tivesse idade suficiente para tomar banho sozinha — e Lee, depois de meses nos encontrando e finalmente podermos passar um tempo sozinhos em seu apartamento. Mas essas pessoas parecem totalmente à vontade com sua nudez, independentemente do gênero.

Em pouco tempo, as paredes escorregadias de vapor do banheiro ecoam com vozes e risos. As banheiras estão cheias de gente — três e quatro em cada uma. Outros se lavam no jato das torneiras que margeiam a parede atrás das banheiras, enquanto outros ainda se enfeitam e posam diante do grande espelho, conversando animadamente sobre vestidos e penteados para a Apresentação.

Acabo de me lavar, tentando não encarar todos aqueles corpos magros e nus; a pele macia e os músculos brilhantes que demonstram boa nutrição e treino intenso.

Finalmente, enquanto reúno coragem para sair da água, Izabel entra rapidamente. Ela me vê imediatamente e vem direto em minha direção.

"Olha isso!", exclama ela, tirando o robe. "Uma banheira inteira só para nós!"

Faço uma careta e cruzo os braços sobre os seios enquanto ela entra na água.

"Cuidado, você vai pegar a minha doença plebeia", brinco. O som sai muito mais amargo do que eu pretendia.

Izabel ri. "Ignore esses idiotas, eles provavelmente estão só intimidados por

você." Então ela percebe minha postura. "Espera aí, você é tímida?"

Lancei um olhar furioso para ela.

Ela ri de novo. "Você vai se acostumar. Afinal, se você pode morrer amanhã, por que perder tempo com vergonha? Além disso, a gente deveria ser uma matilha, sabe? Tem que se acostumar a dividir tudo."

Não vou dividir nada com esses desgraçados, eu acho. Mas eu queria poder compartilhar a tranquilidade deles, mesmo assim. Só consigo pensar nos anos esfregando roupas dos outros em baldes de água fria. A pobreza ensina uma série de lições completamente diferentes sobre modéstia.

"É melhor você sair antes que comece a ficar enrugada", diz Izabel, pegando meu frasco de sabonete. "Te encontro de volta no beliche em breve."

Aceno com a cabeça e me forço a sair, tomando cuidado para não me apressar. A última coisa que preciso é escorregar no mármore e cair de cara no chão na frente de todo mundo. Nua.

Felizmente, ninguém parece olhar para mim enquanto corro para me enrolar em uma das grandes toalhas felpudas. É tão macio — muito mais macio do que qualquer coisa que já coloquei no meu corpo.

Mais uma vez, é um desperdício tão extravagante. Por que os recrutas da Ligação recebem toalhas felpudas como essas, quando supostamente estamos em modo de austeridade como nação, economizando dinheiro para enviar às nossas tropas? Será que isso é só uma mentira que o rei conta aos plebeus para manter seus escolhidos confortáveis?

Mas o lugar no meu peito que costumava conter minha raiva fervilhante foi esvaziado. Não tenho mais capacidade mental para a fúria contra a Ligação. Só consigo pensar na minha própria sobrevivência.

De volta aos beliches, Venna está esperando. Ela sorri ao me ver e gesticula para uma pilha de coisas ao lado dela no colchão de Izabel. Há um vestido, botas elegantes, joias, latinhas de maquiagem e outras coisas que nem consigo nomear.

Bem, merda, penso, me preparando mais uma vez. Lá vamos nós.



Uma hora depois, Izabel e Venna fizeram o seu pior. Elas estavam me mimando como se eu fosse uma boneca pessoal delas, se divertindo muito mais do que o estritamente necessário, na minha opinião. Estou adornada com uma dúzia de coisas caras que as irmãs roubaram de outras recrutas que elas conhecem em todos os grupos, incluindo um conjunto de roupas íntimas de seda elaboradas que me fazem corar toda vez que penso nelas.

Estou um pouco apavorada para ver o visual final.

Nunca me considerei feminina, muito menos bonita — embora Lee tenha feito algum progresso em me convencer do contrário. Meus ombros são largos demais, minhas panturrilhas grossas demais, meu rosto redondo demais. A única coisa que eu realmente gostava em mim era meu cabelo grosso e escuro.

Claro, este lugar tirou isso de mim.

Agora, tenho certeza de que estou absolutamente ridícula. Exatamente como uma porca de joias — além de um vestido chique e maquiagem, com meu cabelo preso, cacheado e com gel no lugar.

Pelo menos as botas servem, e são lindas também. Finas e elegantes, feitas de couro brilhante e macio como manteiga. Elas abraçam minhas pernas como uma segunda pele até o joelho. Eu poderia ficar sem os saltos, mas pelo menos eles não são muito altos.

O vestido, por outro lado, não tenho tanta certeza. É feito de um material sedoso que não consigo nomear e tingido de um roxo profundo, ameixa. Tem um leve brilho, como óleo sobre água, e é bem revelador, com fendas altas em ambos os lados. É tão leve e justo que me sinto quase nua usando-o.

"Pronto", diz Izabel, se afastando de mim com uma latinha de batom na mão. "Esse é o toque final." Ela olha para Venna, que sorri e acena com a cabeça.

"Você está incrível", acrescenta Venna, claramente orgulhosa de seu trabalho. "Graças às suas novas amigas talentosas."

Reviro os olhos. "Claro. Contanto que eu não pareça deslocada na Apresentação."

"Deslocada?", pergunta Izabel. "Não. Mas você certamente vai se destacar com esse cabelo."

Izabel e Venna trocam olhares rápidos e preocupados. "O quê?", pergunto bruscamente.

Ouço um bufo à minha esquerda e me viro para ver uma mulher morena com cabelos cacheados me encarando, avaliando-me. Ela era a pessoa que chorava silenciosamente no pátio ontem à noite. "Você não ia querer se destacar muito."

"Eu sei, eu sei", digo. "Preciso me encaixar no grupo."

A mulher balança a cabeça. "Não se trata disso." Ela ergue as sobrancelhas para Venna e Izabel, que retribuem o olhar com um estremecimento.

"Por que vocês estão sendo tão enigmáticas?", pergunto.

A mulher me olha de cima a baixo e diz: "Acho que você vai ficar bem. O cabelo chama a atenção, mas você não está claramente tentando chamar a atenção dele. Algumas das outras mulheres aqui estão mais claramente competindo por isso." Ela gesticula para trás, onde duas mulheres estão vestidas com vestidos com tão pouco tecido que estão praticamente nuas, com seus

corpos tonificados e lindos à mostra.

"Nevah", Venna sibila para a mulher.

Lancei um olhar direto para Izabel. "O que está acontecendo? E lembre-se de que eu não sei de nada!"

Izabel suspira, remexendo-se desconfortavelmente. "Eu disse, estamos em exibição durante a Apresentação para o rei e os nobres. Esta é a oportunidade deles de... escolher entre nós, se estiverem interessados."

A implicação me atinge com a força de um golpe inesperado do anel. Escolher entre eles. Entre nós. Para... sexo.

"Isso é nojento", cuspo, com o estômago embrulhado. Claro, os Vinculados recebem um estilo de vida opulento se sobreviverem a esse treinamento, mas a que custo?

Izabel dá de ombros. "Beneficia a todos", diz ela, falando rapidamente, com as bochechas corando com o meu tom crítico. "Temos a oportunidade de nos misturar com os nobres do reino. Ouvi dizer que, de vez em quando, um Rawbond consegue um casamento com um nobre. E não somos obrigados a fazer nada se não quisermos."

Eu me pergunto se ela acredita nessa porcaria de lobo. Se ela realmente concorda com isso, ou se ela também consegue sentir o quão confusa isso é.

Nevah zomba. "A menos, é claro, que o rei escolha você. Isso não é opcional. Toda vez que há Provas de Vínculo, o Rei Cyril escolhe uma Vínculo Cru para ser sua companheira, durante os quatro meses."

Minha pele se arrepia. "E é por isso que preciso me preocupar em me destacar demais? Caso o rei de Nocturna decida me transformar em uma parceira sexual relutante?"

"Não se preocupe", diz Nevah, dando um tapinha no meu braço. "Há muitas candidatas obviamente dispostas a ele ir atrás de você."

Olho novamente para as mulheres de vestidos finos, que agora trocam olhares gélidos, claramente incomodadas pela aparência sinistra da outra. "Por que alguém iria querer isso?"

"É uma honra para nossas famílias", diz Nevah, sua voz mal mascarando seu próprio desgosto. "Você deveria se orgulhar de ser uma das escolhidas dele." Percebo que Nevah está usando um vestido que combina com o de todas as outras, verde-escuro e decotado no peito, mas não particularmente escandaloso.

Acho que ela também não está tentando chamar a atenção do rei.

"Vá se olhar no espelho", diz Venna. "Izabel e eu ainda precisamos nos arrumar."

Com um suspiro de pavor, sigo em direção ao banheiro do dormitório. Ao entrar, olho para cima, encontrando meu próprio olhar no espelho acima das pias

do banheiro — e congelo em choque.

A mulher que me olha de volta está mais alienígena do que nunca. E ela é... linda.

Pele oliva luminosa. Olhos castanhos grandes sombreados com um roxo cintilante. Cílios longos e grossos. Lábios carnudos, vermelho-vinho. O vestido roxo abraça cada linha do meu corpo com uma graça sensual, transformando-se de robusta em elegante. Atlética em erótica.

A lutadora de rua robusta das favelas se foi. Em seu lugar está uma mulher poderosa e elegante que parece ser capaz de seduzir um homem com a mesma facilidade com que o derrota.

E, de alguma forma, a joia da coroa dessa visão impossivelmente feminina é todo aquele cabelo branco-prateado. As gêmeas prenderam parte dele em um coque sem esforço, mas o resto cai em cascata sobre meus ombros como cachos de gelo vivo, emoldurando meu rosto de uma forma que suaviza as feições que sempre considerei grosseiras.

Eu me tornei uma estranha para mim mesma.

A porta do banheiro se abre com estrondo e me arranca da minha autocontemplação atordoada. Izabel e Venna entram, vestidas com vestidos azul-marinho justos e decotados combinando. Elas sorriem para mim e começam a se maquiar no espelho.

Algo dentro de mim se encolhe instantaneamente quando vejo nossos reflexos lado a lado.

Apesar da transformação, fica claro que não somos iguais. Seus corpos refinados e esguios se elevam sobre mim, praticamente gritando elegância e sofisticação. Seus rostos são visões gêmeas de beleza delicada, totalmente antitéticas ao meu.

E elas não são as únicas. Todas as mulheres entre os Vinculados têm o mesmo ar de elegância. A mesma perfeição graciosa e esbelta. Mesmo maquiada assim, pareço grosseira perto delas — meu corpo muito mais denso, meus quadris e ombros mais largos, meus músculos mais pesados.

A sensação de não pertencer retorna com força total.

Ao lado dessas crianças dos Vinculados, pareço exatamente o que sou.

Defeituosa.

E se isso me manter protegida esta noite, tudo bem para mim.



Quando chegamos ao pátio do lado de fora da arena, o pôr do sol está próximo e

o ar está com um frio cortante.

É difícil não ficar boquiaberto com a enorme e impossível estrutura esculpida na encosta da montanha acima de nós. Seu vasto teto abobadado é sustentado por incontáveis pilares de pedra e guardado por enormes e elaboradas esculturas que nos encaram com uma intensidade inquietante: lobos gigantes e seus cavaleiros prontos para a batalha.

Estou aliviado em ver que o prédio imponente está completamente fechado. Pelo menos estará quentinho.

Meus companheiros Rawbonds parecem impassíveis diante da arquitetura imponente. Cada matilha está ali com seus líderes, em grupos separados ao longo do caminho que leva à arena, aguardando o sinal para entrar. Parecem um bando de jovens da realeza prontos para uma festa de gala.

Até Stark está vestido com um terno preto brilhante. Tento não deixar meu olhar se demorar na forma como ele se agarra aos seus braços poderosos.

Há muita conversa em voz baixa e ajustes de última hora com roupas e cabelos. O ar está carregado de expectativa.

Enquanto isso, sinto-me ainda mais como um erro ambulante do que antes. Todos continuam me olhando. Olhares de soslaio, choque flagrante, consternação. Até raiva, como se minha aparência fosse algum tipo de afronta.

É como se eu estivesse mais nua neste vestido idiota do que estava nos banhos quando todos me ignoravam.

De repente, uma voz familiar e autoritária surge de algum lugar à frente do caminho.

"Certo, todos em fila, dois a dois! Está quase na hora!" Vejo o braço de Egith acenar acima da multidão enquanto todos se movem para obedecer. "Depressa! Com calma e ordem!"

Os grupos começam a se fundir enquanto nos alinhamos. Izabel e Venna formam pares atrás de mim. Mais duas mulheres formam pares na frente. Em um instante, estamos todos perfeitamente alinhados — e, claro, eu sou a única sozinha.

Egith passa por nós, nos examinando. Ela para ao me ver e seus lábios se comprimem, mas não diz nada. Segundos depois, ela está de volta à entrada da arena gritando: "Bom comportamento, Rawbonds! O rei estará de olho!"

Essa frase tem um novo significado, penso, enquanto os pelos dos meus braços se arrepiam.

Meu coração está na garganta quando as grandes portas se abrem com um rangido e uma lufada de ar quente e fortemente perfumado nos envolve. Traz o som de centenas de pessoas de alta linhagem esperando nas arquibancadas — um zumbido baixo e estranhamente decoroso de muitas vozes.

Nada como o rugido selvagem dos espectadores nas minhas lutas em casa, apesar da multidão muito maior.

Uma pequena parte das arquibancadas é visível através da porta enquanto a fila avança. Fileiras e mais fileiras de nobres em ternos e vestidos brilhantes, vestidos notavelmente mais modestos do que nós, os Rawbonds. A dor no estômago volta à tona com as óbvias distinções de classe. Estamos aqui para a diversão deles.

A ideia fica clara quando vejo o clarão de fogo no vidro e no metal e percebo que os nobres estão segurando binóculos dourados nos olhos, nos observando ansiosamente. Enormes lanternas douradas pendem do alto teto de vidro, lançando um brilho acolhedor à cena.

Izabel me cutuca nas costas enquanto entramos na arena. "Cabeça erguida", ela sussurra. "Você é um Bonded, lembra? Faça-os acreditar."

Olho para trás. Ao lado dela, Venna me lança um sorriso encorajador.

Certo. Respiro fundo e digo a mim mesma que isso é como entrar em uma luta. A única diferença é a postura — um verniz de gentileza e riqueza. A violência potencial espreita por toda parte, e meus oponentes se lançarão a qualquer sinal de fraqueza.

Aconteça o que acontecer lá dentro, preciso projetar confiança.

O caminho de paralelepípedos sob meus pés se transforma em terra batida quando cruzo a soleira da arena. Sinto um aroma distinto e familiar sob o aroma de óleo de lamparina queimando e inúmeros perfumes.

Morte.

Um arrepio percorre minha espinha. Posso até sentir o gosto daquele forte e fétido cheiro de ferro. Conforme o ar ao meu redor se move, aquele cheiro atinge o fundo da minha garganta com tanta força que ameaça me engasgar, lembrando inúmeros galpões nas favelas. Incontáveis lutas.

Só que ampliado mil vezes.

Quantas pessoas morreram aqui? Eu me pergunto. Centenas? Milhares?

Olho para a terra rangendo levemente sob minhas botas enquanto nos movemos para o centro do campo. É lisa, mas manchada. Escurecida com respingos de sangue velho que se infiltraram profundamente na terra, camada após camada. Batalha após batalha.

Morte após morte.

E tem mais uma coisa. Buracos estreitos cavados no chão como uma teia que cobre todo o campo.

Que diabos?

Uma pulsação repentina me invade a cabeça. Uma pressão dolorosa se acumula atrás dos meus olhos, insistente e forte.

Por cima do zumbido da multidão e do som dos nossos passos, começo a ouvir outros sons. Vozes baixas e sibilantes.

Isso é... sussurro?

Não. Meus companheiros Rawbonds estão em silêncio absoluto enquanto nos aproximamos do centro do campo. Deve ser a multidão. Ou talvez apenas o sangue pulsando nos meus ouvidos.

Ou talvez você esteja ficando louco como sua mãe.

Apressadamente, afasto o pensamento.

Finalmente, chegamos ao centro da arena. Egith gesticula para que paremos e então nos viramos. Na extremidade oposta do anfiteatro, há outra enorme porta em arco.

Um baque alto ecoa pelo campo e as portas imponentes se abrem arduamente, empurradas por dois servos vestidos com a libré do rei. Além dela, há apenas sombras.

Imediatamente, a multidão se cala.

A pulsação na minha cabeça fica mais forte. Agora, no estranho silêncio vibrante, ouço sussurros. Mas não estou mais ouvindo. Todos os meus sentidos estão focados naquela bocarra escancarada de escuridão.

Há algo ali. Dois pontinhos de luz esverdeada que se transformam em orbes brilhantes. Eles brilham com um brilho noturno inconfundível. Com uma consciência crua e selvagem.

Olhos.

Mais orbes aparecem, balançando lentamente enquanto se aproximam de nós.

Um rosto enorme, de pelo preto, emerge das sombras, seguido por ombros largos e ondulados. Então surge outro rosto, este prateado e branco. E outro, ferrugem e creme.

Nossos lobos.

Um crepitar invisível de energia selvagem preenche o ar. Aplausos se erguem das arquibancadas enquanto os enormes animais invadem o campo. Observo, com o coração disparado, cada um se aproximando do seu escolhido.

Os Rawbonds dão um passo à frente, abrindo-se em leque para encontrar seus lobos. Parados lado a lado em fileiras orgulhosas, ofuscados pelos predadores imponentes. Muitos lobos cumprimentam seus cavaleiros, focinho na mão, reafirmando seus laços através do contato físico.

Uma estranha pontada de ciúme me atinge. Anassa jamais me cumprimentaria daquele jeito.

Espere, onde está Anassa? Todos os outros lobos estão aqui.

A multidão se cala mais uma vez, seus olhos em mim como um peso físico.

Sou o único Rawbond sozinho. Por um momento, começo a entrar em pânico.

Que porra eu vou fazer se aquele maldito lobo gigante não aparecer?

Então eu vejo — um último par de orbes de brilho noturno oscilando na escuridão da porta.

Ela aparece como um grande fantasma branco-prateado, ainda maior que os outros, rastejando em direção à luz com a cabeça baixa em uma agressão silenciosa. Seu lábio superior se contrai sobre os dentes, à beira de um rosnado. A luz das lâmpadas acima cintila dourada em seu pelo claro.

O ar fica parado. Os aplausos diminuíram. A arena inteira assiste com a respiração suspensa enquanto Anassa caminha lentamente em minha direção.

Não dou um passo à frente para encontrá-la como os outros. De alguma forma, sei que é a coisa errada a se fazer. Em vez disso, apenas fico ali, com as costas retas, o maxilar cerrado, lendo a ameaça de violência primitiva em cada linha de seu corpo.

Eu a alcanço com meus pensamentos, no entanto. Não é minha intenção. Simplesmente acontece — como um reflexo.

Sou recebido por uma barreira de ferro familiar de rejeição. Seus olhos amarelos brilhantes encontram os meus. Há um desprezo flagrante neles.

É, bem, foda-se você também, penso, furioso.

Ela está tentando me fazer passar por mau? Eu gostaria muito de continuar vivo.

Seu olhar então cintila — alguma emoção que não consigo identificar. Sou atingido novamente pela inteligência ancestral naqueles olhos. Arrepios percorrem meus braços e eriçam os pelos da minha nuca em reconhecimento primitivo.

À medida que ela se aproxima, os outros pares de Rawbonds se espalham ainda mais para dar espaço a ela, sua ansiedade ondulando no ar. Até os outros lobos parecem temê-la.

Finalmente, Anassa toma seu lugar ao meu lado, ficando bem fora do alcance do meu braço, irradiando uma indiferença gélida.

Olho para a multidão, remexendo-me ansiosamente na ponta dos pés. Eles devem conseguir ver o quanto ela me odeia. Isso definitivamente não vai melhorar minhas chances com... seja lá o que for isso. Ou com a classificação entre grupos que Izabel mencionou.

O medo que me afunda retorna. Parece que estou sozinho novamente.

Há uma agitação na multidão. Murmúrios animados, cabeças se virando. Sigo seus olhares até a enorme sacada acima da entrada dos lobos.

As fileiras de assentos estão cheias de Elos — nossos instrutores subiram até lá, junto com alguns outros Elos que não reconheço, que devem ser de alta

patente. Uma escada ricamente acarpetada atrás deles leva a outro conjunto de portas. Estas são elaboradamente esculpidas com o brasão real.

Um arauto aparece com um amplificador de voz na mão. "Apresentando Sua Alteza Real Cyril Valtiere, Rei de Nocturna!"

A multidão se cala.

Uma procissão emerge pelas portas douradas, liderada por guardas com armaduras douradas e mais servos uniformizados. Atrás deles, surge uma figura majestosa envolta em um suntuoso manto forrado de pele, com o ouro brilhando sobre sua testa.

O rei.

Vivi a vida toda do lado de fora do castelo dele, mas nunca o vi antes.

Seu rosto é pálido e estreito, o cabelo grisalho impecavelmente penteado. Ele é elegante para um homem na casa dos cinquenta, mas parece pequeno e quase frágil entre os Bonded calejados pela batalha.

Na verdade, ele é bem comum — apesar de toda a pompa. Apenas seus olhos indicam que há mais nele do que sua aparência sugere. Mesmo a essa distância, consigo ver a perspicácia e a astúcia em seu olhar azul-claro.

Ainda assim, apenas um homem, penso eu, levemente enojado. Não sei o que eu esperava.

O Rei Cyril sobe em uma plataforma elevada e atravessa até o grande trono cravejado de joias no centro da sacada. Ele se senta e ergue uma espada dourada sobre o joelho. Não consigo ver a arma com clareza, mas conheço as histórias.

É a Diren Blæd. A arma lendária que supostamente lhe dá poder sobre todos os lobos gigantes, tanto os ligados quanto os não ligados. Dizem que o punho tem o formato da cabeça de um lobo gigante carrancudo.

Foi um presente concedido aos seus ancestrais há centenas de anos pela Deusa Sem Rosto, ou assim conta a história. Ela o ofereceu como um meio de corrigir o equilíbrio entre humanos e lobos gigantes na época em que os lobos ainda nos caçavam como gado.

O olhar do Rei Cyril desce para o campo, nos observando. Por um momento, ele se fixa em Anassa, depois se volta para mim, estreitando-se bruscamente.

Com um sobressalto, percebo que os outros Rawbonds estão se curvando. Até os lobos abaixaram a cabeça — todos, exceto Anassa, que encara o rei com uma intensidade sem piscar.

Droga. Curvo-me apressadamente.

Então o arauto fala novamente. "Apresentando Sua Alteza Real Killian Valtiere, Príncipe Herdeiro de Nocturna!"

Todos se endireitam ao mesmo tempo e uma onda de sussurros animados começa ao meu redor. O herdeiro do rei, o Príncipe Killian, raramente é visto em

público. O pouco que sei sobre ele, descobri por meio de rumores ao longo dos anos: ele tem quase 30 anos, dizem que é extremamente bonito e é solteiro.

"Aí vem ele", sussurra uma mulher à minha esquerda. Claramente, os Rawbonds ao meu redor esperam que o príncipe também escolha uma companheira entre eles.

"Uau", sibila Izabel atrás de mim. "Ele está mesmo aqui!"

"Ele é lindo!", diz outra.

Irritada com a admiração bajuladora, levanto o olhar novamente para a procissão real. Mais dois guardas. Mais servos. E, finalmente, o príncipe, uma figura alta e masculina vestida simplesmente de dourado e branco.

Espere.

Pisco. Balanço a cabeça. Olho novamente.

Não.

Um zumbido estranho preenche meus ouvidos, ensurdecendo-me para tudo, exceto para a batida aguda do meu coração.

Aquele rosto bonito, com seu queixo afilado e olhos azuis perspicazes. O cabelo loiro e liso. Os ombros largos.

Meus pensamentos estremecem e se desintegram, estilhaçando-se em cacos sem sentido que me cortam até os ossos.

Não pode ser ele.

Mas é.

Eu reconheceria aquele homem a qualquer distância, em qualquer roupa.

Compartilhamos promessas. Segredos. Sonhos que eu nunca acreditei que conseguiria viver.

O príncipe herdeiro Killian desce para a sacada enquanto eu fico ali, paralisada, com o meu mundo inteiro desmoronando ao meu redor. E então, sentado ao lado do pai, ele levanta a cabeça e olha diretamente para mim, com os olhos azul-escuros cheios de arrependimento.

Meu coração se parte.

Lee.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO DEZESSEIS

A arena se inclina e gira em espiral ao meu redor até que eu tenha que desviar o olhar do príncipe. Preciso fechar os olhos e me concentrar em forçar meus pulmões a respirarem ao menos uma vez. Estou enjoada, meu coração batendo rápido demais.

Os pensamentos fluem, rápidos.

Não é real, não é real.

Estou louca como minha mãe. Estou alucinando.

Lee jamais faria isso comigo.

Mas não adianta. Sei que isso não é loucura. Não é alucinação.

Sei porque estou furiosa. Ela sobe das minhas entranhas como fogo lento, queimando tudo em seu caminho. Aguçando meus sentidos com uma clareza cortante.

Abro os olhos. Ele ainda está lá. O príncipe herdeiro Killian. Lee.

Meu amado.

Ele disse que me amava. Ele me fez prometer que voltaria para ele. A ideia de voltar para ele, para nossas vidas juntos, para o futuro que iríamos construir — tem sido uma das coisas que me ajudaram a superar esses dias confusos e brutais.

Ele mentiu, porra.

Nossos olhares se encontram novamente. Sei que ele consegue ler a traição em meus olhos, mas não desvia o olhar. A dor em seus olhos me dá vontade de vomitar, o ácido subindo pela minha garganta.

Então o rei se vira para encará-lo. Lee — Príncipe Killian — vira a cabeça para sussurrar algo para seu pai.

A voz do rei ecoa pela arena silenciosa. "Que excelente ideia, Killian. Vamos descer e inspecionar de perto nossos novos escolhidos."

Meus companheiros Rawbonds se enrijecem ao meu redor. A ansiedade os envolve como uma nuvem de tempestade. Até os lobos estão nervosos enquanto o rei desce de sua sacada com uma comitiva de guardas e servos.

Isso é ruim. Luto para respirar com regularidade. Não posso perder o controle. Não posso deixar transparecer que conheço o Príncipe Killian. Se eu perder... não sei o que vai acontecer. Mas não consigo imaginar que seja bom.

Não vai acabar comigo e Saela em segurança em casa, isso é certo.

O rei está em campo agora, emergindo de uma escada estreita ao lado da grande varanda. Fecho os olhos novamente, lutando contra a raiva.

Respire, Meryn. Mantenha a calma.

"Aqui estamos", diz a voz profunda do Rei, cheia de diversão e condescendência. "Hmm. Sim, muito bem. Tão frescos e em forma."

Ugh. A bile sobe pela minha garganta.

Ele está caminhando entre fileiras de Rawbonds, parando de vez em quando para circundar alguém de perto, nos avaliando como se fôssemos gado.

"Ah, olha aqui, Killian", ele ronrona, circundando uma jovem da matilha Kryptos. "Esta aqui é linda, não acha?" Ele estende a mão incrustada de joias para bater na bunda dela. "Tão firme."

A mulher sorri e cora como se tivesse acabado de receber um enorme elogio. Talvez, no caso dela, tenha recebido; talvez esteja competindo para se tornar a Rawbond que ele escolherá como companheira.

Vejo Killian assentir com o canto do olho, mas não consigo me obrigar a olhar. Será que ele também planejava escolher uma companheira?

"Um belo jovem guerreiro em formação", murmura o príncipe. Filho da puta.

Eles seguem em frente, fileira por fileira, até que finalmente, para meu pavor, o rei se aproxima.

"Ah, o Estratego", diz ele naquele tom horrível de divertimento predatório. "Que elegância e astúcia."

Ele para perto da garota à minha frente, levantando a barra do vestido para espiar suas pernas nuas. Mantenho os olhos baixos para que ele não veja minha raiva e desgosto.

Que doentio. É melhor ele não me tocar. Vou estripá-lo, rei ou não.

Ao mesmo tempo, estou brutalmente ciente do Príncipe Killian parado ao lado dele, seu olhar pesado em mim. Preciso de cada grama do meu autocontrole para não olhar para trás. Não procurar naqueles olhos familiares por qualquer sinal de...

Não. Você deveria estar furiosa, Meryn. Não espere nada dele.

O príncipe vem em minha direção, seguindo o pai, que passou a inspecionar a garota imediatamente à minha esquerda.

Algo roça minha mão quando Killian passa. Meu coração dispara.

Quero cuspir nele, uivar na sua cara, empurrá-lo para o chão.

Mas já passou. Killian se afasta, deixando um pequeno pedaço de papel pressionado na minha palma. Com o coração disparado, guardo-o rapidamente na manga do meu vestido.

Que porra ele estava pensando? Alguém viu?

Olho ao redor, sentindo os olhos em mim.

É Stark, parado a alguns metros de distância. Ele está me encarando, seu olhar negro assassino, os lábios se curvando à beira de um rosnado. A adrenalina me percorre, fria e depois quente.

Desvio o olhar. Será que ele pegou o Killian fazendo isso? Ou será que ele simplesmente me odeia?

Não tenho tempo para pensar. De repente, o rei está ao meu lado. Há uma pausa enquanto ele me observa. Então, ele prende o dedo em uma mecha do meu cabelo e a levanta brevemente.

"Hmm. Incomum."

Olho para o peito dele, mas consigo ver seus olhos se estreitarem, seus lábios se abrirem para falar...

"Meu rei", Stark interrompe, "vamos mostrar o que nossos recrutas podem fazer? Eles ainda não começaram o treinamento. Não há tempo melhor do que o presente para testar sua determinação."

Testar nossa determinação? Do que ele está falando?

A cabeça do rei se vira. Seus lábios se curvam em um sorriso malicioso. "Que excelente ideia, Alfa Stark! Acho que eu adoraria." Ele enfia a mão sob a capa, sacando a Diren Blæd com um chiado cantante de metal contra metal.

Então, ele bate a ponta da espada no chão com um estalo retumbante.

"Rawbonds!", berra o Rei Cyril. "Encontrem e matem o recruta mais fraco!"

Espere, o quê?!

Imediatamente, a arena explode em caos. A multidão uiva de alegria enquanto o rei e sua comitiva correm de volta para a sacada. Rawbonds se apressam para montar em seus lobos. Menos da metade consegue.

Viro-me para Anassa, mas ela já está enfrentando outro lobo, rosnando e mordendo. Ambos os animais parecem enlouquecidos, com os olhos brilhando de sede de sangue.

Mas que diabos?

Todos os lobos parecem enlouquecidos. Estão circulando uns aos outros como tubarões, ignorando os comandos do cavaleiro. Abocanhando-se uns aos outros com uma violência voraz. Os Rawbonds a pé são forçados a se dispersar para não serem pegos no fogo cruzado.

Os lobos estão presos a alguma ordem dos Diren Blæd, percebo. Os Rawbonds parecem aceitar isso sem hesitar.

Será que ouviram algo que eu não ouvi? Sentiram algo que eu não senti?

Enquanto examino a arena, perplexa, outra dupla de lobos passa trovejando, quase me derrubando. Um deles se vira para me morder enquanto eu me afasto, seus enormes dentes batendo a poucos centímetros do meu rosto antes de se virar para outro lobo.

Porra. Não consigo sobreviver a isso sozinho. Não é preciso ser um gênio para saber que aqueles que falharam em montar seus lobos são os mais vulneráveis a ataques. É só uma questão de tempo até que um de nós seja marcado como o mais fraco.

Anassa!

Eu a procuro desesperadamente em minha mente, mas ela me ignora — a parede de ferro ainda nos separa.

Tudo o que posso fazer é tentar ficar fora do caminho de todos.

Saco a lâmina que sempre escondo na coxa e me preparo para a violência.

Estou surpreso que ninguém tenha vindo atrás de mim ainda. Pensei que pelo menos alguns deles decidiriam que sou o recruta mais fraco. Mas seja qual for o feitiço que o rei lançou, tornou os lobos gigantes impossíveis de controlar. Não há ordem, nem estratégia. Os lobos ainda estão circulando, investindo, se avaliando.

E então algo muda.

Um jovem cai de seu lobo, aterrissando com força suficiente para estilhaçar ossos. Eu o reconheço da Ascensão, embora não saiba seu nome. Ele é um recruta de Kryptos. Menor que a média e esguio. Cabelo castanho fino e sardas. Um dos mais jovens, certamente — dezoito anos no máximo, um menino mais do que um homem. Ele foi um dos últimos a ser escolhido.

Seu grito de dor ecoa alto o suficiente para chamar a atenção de todos os predadores em campo.

A energia da violência e do caos muda instantaneamente.

Fraqueza.

Os lobos já sentiram o cheiro. Os outros Rawbonds também. Eles se viram quase como um só para convergir para o sujeito ferido.

"Não!"

A palavra sai da minha boca antes que eu consiga impedi-la. Mal é alto o suficiente para competir com a fúria da multidão, muito menos com os rosnados ensurdecedores dos lobos, mas alguns deles ainda me ouvem.

O instinto crepita em minhas costas enquanto meia dúzia de rostos lupinos enlouquecidos se viram em minha direção.

Oh... merda.

Um deles é a grande monstruosidade negra de Jonah. Jonah está montado nele, sorrindo maliciosamente. Sustentando meu olhar, ele joga a cabeça para trás e solta um grito de guerra horrível, de gelar os ossos.

Todos se viram para olhar.

Fraqueza.

Simplesmente assim, o garoto Kryptos ferido é esquecido. Todos os predadores no campo — lobos e humanos — agora estão focados em mim.

Claro, penso, tudo dentro de mim se contraindo em pânico. Sou o elo mais fraco. O estranho. O erro.

Com o coração disparado, assumo uma postura de luta enquanto os lobos se espalham ao meu redor, mas sei que é inútil. Eles estão se aproximando. Tudo dentro de mim está afundando, caindo. A faca na minha mão é tão útil quanto um palito de dente.

Não tem como eu sobreviver a isso.

Lágrimas de raiva e fracasso queimam meus olhos.

Nesse momento, Anassa se separa dos outros, saltando em minha direção à frente dos outros, seus olhos amarelos selvagens de agressividade.

Quase rio. Claro. Ela me odiou desde o início. E agora ela vai liderar o ataque mortal.

Algo em mim endurece com o pensamento. Medo e derrota se comprimem em uma fúria fria e cortante.

É assim que é, né?, penso, com os dentes à mostra enquanto encaro Anassa. Ótimo! Venha provar minha faca, sua vagabunda.

Anassa rosna tão baixo que ressoa em meu peito. Jonah e seu lobo estão logo atrás dela, prontos para atacar. Jonah ri como um louco e grita: "Agora!"

Seu lobo avança. No mesmo instante, mergulho na garganta de Anassa —

E erro.

Bato de quatro na terra compactada, atordoado, e me viro para ver Anassa jogando o lobo de Jonah no chão. Com um grito, Jonah sai voando, deslizando pela terra compactada.

Que porra é essa?

Antes que eu perceba, Anassa está de pé novamente, investindo contra outro lobo. Seu rosnado é ensurdecedor.

Confuso, me levanto com dificuldade.

Será que Anassa está me protegendo?

Observo, atônito, enquanto ela ataca outro lobo com o corpo e depois ataca um terceiro. Os outros recuam diante de sua ferocidade, mas choram, andam de um lado para o outro, ainda tomados pela sede de sangue.

Anassa está de pé sobre mim, cabeça baixa e pelos eriçados, rosnando alto o suficiente para sacudir a porra da terra.

Minha! O rosnado praticamente diz. Minha presa!

Há um momento de silêncio de parar o coração enquanto Anassa se mantém firme. Consigo sentir os outros lobos julgando-a, avaliando-a. Tentando decidir se vale a pena desafiar o mais velho e poderoso entre eles.

Meu coração e minha respiração ecoam em meus ouvidos — ainda mais alto do que a multidão delirante. Eles sabem que os outros lobos podem derrotar Anassa se vierem juntos contra ela. Eu sei. Os outros Rawbonds sabem.

Mas, por algum motivo, eles não sabem. De repente, a tensão muda e os lobos simplesmente... recuam.

O alívio inunda meus membros, transformando meus músculos em água. Anassa se vira para me encarar, com a boca aberta e saliva escorrendo.

A parede de ferro ainda está lá entre nós, mas entendo perfeitamente a ameaça em seu olhar. Ela poderia me matar em um instante. E talvez o faça.

Mas não hoje.

Ela se vira e persegue os outros, deixando-me abalado e perplexo.

Meu alívio dura pouco.

Um grito ecoa pela arena. "Jagir! Me ajudem!"

O garoto Kryptos. Ele está de pé agora, com um braço balançando inutilmente ao lado do corpo. Chamando desesperadamente por seu lobo.

Eu o perco de vista quase imediatamente na onda selvagem de corpos enquanto os lobos e os Rawbonds convergem para seu alvo.

O horror me invade enquanto mais gritos rasgam o ar — os lamentos de dor e terror do garoto.

O rugido na arena é ensurdecedor. O rosnado dos lobos é tão alto que faz meus ouvidos zumbirem. Sob isso, há um rasgo horrível — tecido e carne sendo rasgados.

A massa de corpos se desfaz por um momento e eu o vejo — o garoto Kryptos — de joelhos e coberto de sangue. Seu lobo está sobre ele, rosnando desesperadamente, o pelo escuro brilhando com a umidade carmesim.

Observo horrorizada enquanto os outros lobos cercam a dupla. Não há caos agora. Eles estão unidos em sua caçada.

Como uma dança, eles se revezam avançando para o ataque, atraindo o lobo Kryptos para longe de seu escolhido para que outro lobo possa atacar o garoto sangrando. Os outros Rawbonds ficam do lado de fora do círculo, observando. Aplaudindo. Tão sanguinários quanto suas feras.

E a multidão...

Eu olho para cima quando o rugido deles atinge o auge. Nós somos o

entretenimento fodido deles. Seus rostos estão iluminados de alegria, bocas abertas, uivando. O rei está em seu trono, sorrindo com autossatisfação. Ao lado dele, o Príncipe Killian parece impassível, impossível de interpretar e incapaz de intervir, mesmo que quisesse.

Gostaria de acreditar que ele o faria; que em algum lugar dentro daquele estranho está o homem que eu amava, que, com calma e autoridade, poria fim a qualquer injustiça que visse.

O que ele pode ou não querer não importa, no entanto. Como eu, tudo o que ele pode fazer é assistir.

Há um vislumbre de pelo branco-prateado na borda da luta. Anassa, com o pelo salpicado de vermelho, focinho carmesim. Ela se lança contra o lobo Kryptos e aperta suas enormes mandíbulas em volta de sua garganta.

O lobo Kryptos cai gritando.

E é isso. O começo do fim.

Observo com horror, sem piscar, os outros lobos se aproximando, sabendo que não há nada que eu possa fazer. Se eu tentar intervir, serei o próximo.

O primeiro lobo a alcançar o menino segura seu braço despedaçado. O menino grita — um som terrível, infantil.

Outro lobo se lança sobre sua perna esquerda.

"Não!", ele grita com uma voz aguda e entrecortada. "Por favor — mamãe!"

Num instante, eles o erguem do chão, preso firmemente entre suas mandíbulas. Então, há outro lobo em seu ombro esquerdo, e outro ainda segura sua coxa direita.

Eles começam a sacudi-lo. A sacudir a cabeça com uma violência repugnante, arrancando carne dos ossos.

Os gritos do garoto me fazem querer tapar os ouvidos e me jogar no chão, mas estou completamente paralisada, incapaz de desviar o olhar.

Com um rasgo alto e ecoante, seu braço direito se solta na altura do ombro. Seus gritos são tão altos que quase abafam a multidão.

Felizmente, não duram muito.

Outro lobo avança, suas mandíbulas escuras se fechando sobre a cabeça do garoto.

Com um solavanco de horror profundo, percebo que é o lobo dele. Anassa o soltou e ele atacou seu próprio cavaleiro.

Ouve-se um terrível estalo úmido quando o animal o morde. Os gritos cessam abruptamente.

Mas não o horror.

Os lobos agora disputam o cadáver dele. Rasgando-o em pedaços. O lobo do garoto cai ao lado dele, e o vínculo rompido o mata também, e os outros lobos o

destroem em seguida.

A multidão ruge enquanto os lobos e seus cavaleiros começam a se dispersar, deixando o que resta do garoto Kryptos em pedaços carmesim estilhaçados. Os Rawbonds comemoram, erguendo os braços e aplaudindo a multidão, com os rostos e as roupas curtas salpicados de sangue.

Sangue e carne dilacerada pintam o chão a seus pés, escorrendo para aqueles pequenos buracos. Atordoada, olho para baixo.

A compreensão me atinge com uma repulsa avassaladora.

Eles são drenos. Para levar o sangue para longe do campo de batalha para que não transforme a terra em lama.

Este lugar é um teatro da morte.

Meu estômago embrulha e eu tropeço para longe, desesperada para colocar um pouco de espaço entre mim e aquela cena de pesadelo. Há outros Rawbonds fazendo o mesmo. Nem todos estão comemorando. Muitos parecem tão atordoados e abalados quanto eu. Uma garota tem lágrimas nos olhos vidrados pelo choque. Outra cai de joelhos e vomita no chão.

Enquanto isso, os lobos continuam a circular. Seus olhares se erguem para o rei como se aguardassem novas ordens. Haverá outro abate? A matança acabou ou apenas começou?

Sigo seus olhares. O sorriso do rei traz uma nova onda de náusea. Lembra o sorriso sádico de Jonah. Ele acena regiamente, os lábios se curvando em satisfação, os olhos penetrantes brilhando com algo repugnantemente próximo da excitação.

Stark senta-se a poucos metros de distância, aos pés do estrado — um lugar de honra, reconhecendo sua alta posição como líder de uma matilha. Nem me surpreendo mais ao vê-lo me encarando.

Ele não está sorrindo, e há um brilho malicioso em seus olhos escuros. Uma mensagem silenciosa, tão clara quanto a que li nos olhos de Anassa quando ela me protegeu momentos atrás.

Ele me quer morta.

Eu sei disso com uma certeza profunda. Ele pediu por essa demonstração porque sabia que os lobos me escolheriam. Eu deveria ser o abate hoje — o dilacerado para todos verem.

Mas haverá muitas outras chances de me ver morrer de forma ignominiosa. E a expressão em seu rosto diz que ele está ansioso por isso.

Isso é só o começo.

Atrás dele, o rei ergue a espada mais uma vez. A lâmina bate no estrado. Imediatamente, a aura de sede de sangue e violência iminente se dissipa. Os lobos se acalmam.

A Apresentação está concluída.



A caminhada de volta ao dormitório é feita em um silêncio exausto. Até os Rawbonds que se deleitaram com a matança estão quietos. Venna e Izabel caminham à minha frente, seus vestidos gêmeos salpicados de sangue.

Não as vi na briga, mas devem ter chegado perto no final. Nem tenho energia para me perguntar se gostaram. Minha mente está no bilhete de Lee — argh, de Killian. Está arranhando minha manga, queimando minha pele.

Assim que entramos no dormitório, vou para o banheiro e me tranco em uma das cabines privativas. Meus dedos tremem enquanto desdobro o pequeno quadrado de papel.

Jardim Leste à meia-noite. Por favor, gatinha.

Olho para as palavras, entorpecida.

Eu não deveria ir. O que ele pode dizer para fazer com que essa mentira do tamanho de um cânion entre nós fique bem? Passei um ano da minha vida, do meu amor, com um... estranho. O horror que senti quando o vi ali pela primeira vez ainda persiste, revirando minhas entranhas, a bile subindo pela garganta.

E a parte mais idiota é que senti muita falta dele nos últimos dias. Parecia que meu coração estava sendo arrancado do peito com a sua ausência. Mal sabia eu que ele estava segurando a faca o tempo todo.

Mas não consigo fingir que minha mente não está pesada com perguntas que eu gostaria de ver respondidas, principalmente: por quê? Por que eu? Por que mentir? Por quê?

Guardando o papel de volta na manga, saio da cabine atordoada. Nem vejo os outros Rawbonds passando ao meu redor, lavando o sangue e o suor enquanto se preparam para dormir.

Meu reflexo no espelho está pálido e horrível. Há sangue no meu rosto e no meu cabelo. O batom vermelho está borrado, meus olhos profundamente sombreados.

Consigo ver a fraqueza ali. A solidão. A perda.

Ironicamente, eu queria que Lee estivesse aqui — a única pessoa com quem eu sempre poderia contar para me ajudar, para cuidar de mim. Em outra vida, eu poderia recorrer aos meus amigos, mas não poderia me expor a essas pessoas que mal conheço, não quando minha vida está em jogo. Nem mesmo a Izabel e Venna, em quem estou começando a confiar.

Olho para mim mesma no espelho, desejando que ele pudesse me responder.

O que devo fazer?

Cegamente, busco a conexão com Anassa em minha mente, esperando que ela escolha este momento para baixar a barreira, para me oferecer conselhos. Mas não há nada além dos meus próprios pensamentos ecoando e espiralando.

Estou completamente sozinha.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO DEZESSETE

Finalmente, volto para os banhos, esfregando o sangue da minha pele por tanto tempo e com tanta força que começa a doer, uma dor confortável que deixo inundar meus sentidos. Isso me dá algo em que me concentrar além do buraco cavernoso no meu peito onde meu coração costumava estar.

Depois de um tempo, o banheiro fica em silêncio e percebo que sou a única que resta. Saio e me seco naquelas toalhas ridiculamente fofas e, em seguida, visto roupas íntimas e um conjunto limpo de pijama: uma camisola branca engomada de botões e uma calça de dormir branca incrivelmente macia que se agarra ao meu corpo como uma segunda camada.

Quando volto para o beliche, porém, percebo que está silencioso, quase vazio. Por mim, tudo bem; neste momento, estou operando em meio a uma névoa e não consigo fazer gentilezas com as pessoas que celebraram aquela cena sangrenta na arena com tanta paixão.

Continuo vendo flashes do garoto Kryptos atrás dos meus olhos. Ouvindo seus gritos horríveis. Sua morte paira sobre mim como uma nuvem, deixando um gosto amargo e metálico na minha boca.

E quando não estou pensando nele, minha mente está no príncipe usando o rosto do meu amante. Ainda não decidi o que vou fazer, com o bilhete dele agora enfiado no bolso da minha calça de dormir, desgastado pela quantidade de vezes que o abri e fechei.

Mas ainda quero ver Izabel e Venna e dar boa noite a elas. Elas também pareciam abaladas com a morte do garoto, mesmo estando acostumadas com este mundo e sabendo que esta noite reservava a possibilidade de violência.

Seguindo o som das vozes, sigo para a antecâmara dos Strategos, mas ela também está vazia. Então, empurro a porta do salão comum dos Rawbond.

E meu queixo cai de desgosto.

Os Rawbonds de todas as matilhas estão aqui e estão... festejando. Servos plebeus circulam pelos cômodos com bandejas de vinho tinto intenso, tão próximo da cor do sangue que acabei de lavar da minha pele. Pratos de carnes e queijos estão dispostos nas mesas de jantar e as pessoas estão sensualmente dispostas sobre os sofás, as cadeiras e umas sobre as outras.

O clima no salão é inebriante, como se todos tivessem descarregado a agressividade reprimida daquela noite e a estivessem canalizando para algo hedônico. Muitas pessoas já estão claramente bêbadas — falando alto, rindo, lançando olhares sensuais para o outro lado da sala.

Os Rawbonds também se casaram. Em mais de um canto, avisto pessoas altas e bonitas em abraços eróticos. Um casal está se agarrando à vista de todos em uma cadeira na área central; a mulher está montada no colo do homem, esfregando-se nele enquanto ele lambe seu pescoço, a mão sob sua blusa e, obviamente, massageando seu seio.

Meu rosto fica vermelho ao ver isso. Não sou puritana, mas não consigo acreditar que as pessoas estejam se comportando assim abertamente, depois de tudo o que passamos esta noite.

Finalmente, avisto Izabel e Venna sentadas em um sofá com vários outros Rawbonds que não reconheço.

"Ei, vocês conseguiram!", exclama Izabel quando me aproximo delas, com os olhos brilhando. "Quer uma bebida?" Ela ergue seu copo de vinho tinto, o líquido rubi transbordando pela borda.

"Posso falar com você um segundo?", sibilo.

Ela me segue até a beirada da sala, e gesticulo para a cena à minha frente. "Que porra está acontecendo aqui?"

"Hmm?" Izabel olha ao redor da sala, atordoada, hesitando levemente onde está. Ótimo, ela está tão bêbada quanto os outros. "Ah, é uma comemoração. Sobrevivemos à Apresentação. Viva!" Ela levanta o copo novamente, e mais líquido escorre do copo para o chão.

Eu zombo. "E ver um homem sendo dilacerado deixa as pessoas no clima?", pergunto, olhando incisivamente para o casal na cadeira. O homem agora empurrou a blusa da mulher sobre o peito e seus seios altos e empinados estão expostos para todo o salão enquanto ele lambe seus mamilos.

Izabel dá de ombros, com as bochechas coradas. "É um alívio de estresse tão bom quanto qualquer outro. Além disso, você pode ajudar seu lobo a encontrar a companheira dele."

Eu pisco. "Companheira?"

"É, lobos gigantes têm companheiras. Ou às vezes têm. Bem, não com tanta frequência, na verdade", balbucia Izabel. "Mas é algo que costumava ser mais

comum, lobos tinham um vínculo de companheirismo com outro lobo, e isso lhes dava poderes extras, como se pudessem conversar mesmo que não estivessem na mesma matilha, e os cavaleiros sentiam suas emoções intensas. Não sei bem como funciona, na verdade, mas quando os cavaleiros fazem sexo, isso pode ajudar seus lobos a descobrir se estão acasalados ou não. Então, é claro que todo mundo usa as Provas para tentar encontrar a companheira de seu lobo gigante. Legal, né?"

"Legal", eu digo, impassível, me afastando do grupo e voltando para os aposentos do Estratego, com a mente em polvorosa.

"Aonde você está indo?" Izabel grita atrás de mim.

"Cama", eu digo, sem me dar ao trabalho de me virar.

Não consigo acreditar como essas pessoas agem. Sei que estão acostumadas à morte, criadas para achá-la aceitável e para glorificar essas Provas.

Estar confortável com derramamento de sangue é uma coisa.

Comemorar transando com o máximo de pessoas possível é outra.

Sei que preciso estar aqui, para consertar meu vínculo com Anassa e sobreviver aos próximos quatro meses. Preciso disso, se quiser encontrar Saela e trazê-la para casa.

Mas, que se dane, eu me recuso a me comportar como uma delas.

De volta à antessala do Strategos, avisto uma figura em uma cadeira de espaldar alto perto da lareira; devo tê-la perdido ao sair. É Nevah, a mulher que me contou sobre o rei mais cedo esta noite.

Ela olha fixamente para o fogo enquanto as chamas lançam sombras trêmulas contra sua pele morena. Ela parece etérea e profundamente triste.

"Não está interessada em participar da orgia lá fora?", brinco.

Seu olhar se arrasta lentamente até mim. Ela me encara por um momento, sem enxergar, e então pisca para focar e balança a cabeça secamente. "Só tem uma pessoa que eu gostaria de ver lá fora, e ela morreu na Ascent."

Ela volta a olhar para o fogo, minha presença completamente esquecida. Que horrível, ter entrado nesse processo com um parceiro e perdê-lo durante a primeira tentativa.

Minha indignação com os Rawbonds no salão começa a diminuir. Quantas outras pessoas lá fora perderam amigos, familiares ou entes queridos?

Talvez todos nós simplesmente lidemos com isso de maneiras diferentes.

Ainda estou pensando nisso enquanto estou deitada no meu beliche, a noite caindo. As pessoas têm retornado aos poucos para o beliche nas últimas horas, e agora está tudo quieto.

Eu também perdi alguém durante esse processo — Lee. As Provas de Vínculo o arrancaram de mim para sempre, mesmo sabendo que ele nunca foi

realmente meu. Não sei se devo lamentar a perda ou agradecer por saber a verdade.

A certeza me atinge como uma pedra fria. Nunca mais conseguirei dormir a menos que eu fale com ele, o confronte.

E talvez dê um soco na cara dele. Isso pode me ajudar a lidar com a situação.



Quase meia-noite, saio da cama, usando minhas habilidades de luta enquanto saio sorrateiramente dos aposentos dos Rawbond, sem ser ouvida nem vista. O corredor lá fora está escuro, o ar parado. Eu costumava gostar de ficar acordada até tarde da noite, enquanto todos os outros dormiam. Sempre achei a paz.

Mas o castelo não é nada tranquilo. O silêncio é... pesado. E as sombras se movem estranhamente, como se estivessem vivas.

Eu me perdi duas vezes no caminho para o jardim leste, embora eu tenha passado por ele na minha tentativa de fuga imprudente anterior. Egith apontou a entrada para os jardins durante nosso passeio de orientação.

Quando finalmente encontro a porta e a abro, esqueço completamente de ser furtiva.

Meu suspiro ecoa no ar quente.

O jardim é uma maravilha ampla e iluminada pela lua — não é apenas um jardim, é uma estufa. Um teto de vidro se arqueia acima de mim e todo o cômodo é aquecido. É uma extravagância suntuosa. Roseiras ladeiam o caminho e se agarram aos altos muros de pedra. Para onde quer que eu olhe, vejo enormes flores carmesim, aveludadas e pretas pelo luar.

Seu aroma está por toda parte, doce e fresco. Nunca senti ou vi nada tão bonito.

Eu vagueio por um tempo, quase esquecendo por que estou aqui, então paro para olhar para a graciosa figura de mármore posicionada no centro de uma enorme fonte.

Ela tem o dobro da altura de uma mulher humana e cem vezes mais bela. Voluptuosa e poderosa, seus braços elegantemente musculosos erguidos como se estivesse dançando.

"Gatinha."

A voz forte e familiar faz meu coração subir à garganta. Eu me viro e lá está ele, parado a poucos metros de distância, à sombra de um caramanchão coberto de trepadeiras.

Lee.

Meu coração aperta.

Não. Não Lee. Sua Alteza Real, o Príncipe Herdeiro Killian Valtiere.

Seu cabelo loiro fica mais escuro ao luar, seus olhos, como piscinas profundas. Ele parece um estranho em suas vestes reais, todo branco, veludo e dourado brilhante e trançado. Mas quando ele se aproxima de mim, a confiança em seus passos é totalmente familiar. Eu adorava vê-lo caminhando em minha direção, sabendo que eu era dele para tocar. Para beijar.

Para amar.

Dói tanto que mal consigo respirar.

Quando ele se aproxima, dou um passo para trás sem pensar. Ele para, franzindo os lábios.

"Obrigado por vir", diz ele. "Tenho certeza de que isso foi... um choque."

A angústia me invade com suas palavras, e cruzo os braços, parecendo durona, mas na verdade precisando me recompor diante dele.

Essa pessoa eu conheço intimamente e também não conheço de jeito nenhum.

"Por que você fez isso?", pergunto, tentando soar firme. Usando um tom de aço na voz para que ele não veja como me destruiu. "Por que você escondeu quem era? Por que se envolveu comigo em primeiro lugar... Vossa Alteza?" As palavras têm um gosto ácido na minha língua.

Quando eu estava deitada no meu beliche, imaginando esse momento com ele, pensei que seria uma visão aterrorizante de se ver — a Alleycat das arenas de luta em toda a sua glória, cuspindo raiva. Mas, cara a cara com ele, não consigo ignorar a dor pulsando no meu peito.

"Mer", diz ele, caminhando lentamente em minha direção, com as mãos estendidas em um gesto de repressão. Lembro-me do dia em que nos conhecemos e da maneira como ele acalmou o cavalo selvagem. "Eu nunca quis te machucar. No momento em que te vi pela primeira vez, correndo até mim e sua irmã naquele dia no mercado, eu soube instantaneamente, Meryn. Você tinha essa ferocidade de gata de rua, essa centelha, diferente de tudo que eu já tinha visto antes. Você era a beleza ofuscante do sol personificado."

Ele está perto o suficiente agora para estender a mão e me tocar, e uma parte traiçoeira de mim anseia por isso, pelos braços que eu conheço tão bem me envolverem mais uma vez, me confortando.

Eu esmago isso. Que se foda essa sensação. Em vez disso, lanço-lhe um olhar furioso que o paralisa.

"Eu teria feito qualquer coisa para passar um tempo com você, gatinha", ele diz baixinho. "Qualquer coisa para ter a honra de te segurar em meus braços."

Endireitando-me em toda a minha altura, eu digo: "Então você escolheu

mentir."

Lee — Killian — passa a mão pelos cabelos grossos, frustrado. O que eu deveria ter feito em vez disso? Meu título sempre me definiu, mas eu não escolhi esta vida. Escondi a verdade sobre a minha identidade para que você pudesse me conhecer, o meu verdadeiro eu, sem o peso insuportável da coroa nos pressionando desde o início. Tirando meu trabalho e os detalhes sobre meus pais, tudo o que eu já contei sobre mim era verdade. Mas se você soubesse que eu era o príncipe herdeiro, nunca teria nos dado uma chance.

Calor queima atrás dos meus olhos e percebo que, mortificantemente, posso estar à beira das lágrimas. Ele tem razão, nunca teríamos ficado juntos se eu soubesse que ele era o príncipe. Aquele ano perfeito juntos, sentindo que finalmente encontrei um par, um igual — nunca teria existido.

Mas talvez fosse assim que as coisas deveriam ter sido. "Você tirou de mim a capacidade de tomar essa decisão", digo, com a voz fria. "E isso não muda nada, no fim das contas. Você ainda é meu futuro rei e eu ainda sou a escória plebeia, mesmo agora que estou Vinculado."

Seu olhar fica tempestuoso com isso. "Você não é escória."

Riso amargamente. "Se fosse verdade, você teria sido honesto comigo. O fato de você nem ter me contado depois que me alistei, quando estava me contando tudo sobre os Julgamentos dos Vinculados..."

"Isso teria melhorado as coisas para você?" Ele diz, interrompendo-me, aumentando o volume da voz. "Você tinha acabado de perder sua irmã. Você tinha tomado uma decisão que mudaria sua vida. Eu deveria ter agravado sua miséria me expondo, bem quando você estava colocando sua vida em risco? Deusa, Meryn, eu nunca, nem em um milhão de anos, imaginei que vocês se conectariam. Não pensei que você viria para o castelo. Presumi que teria tempo de sobra para te contar a verdade quando voltasse do front com Saela."

Ouvir ele dizer o nome dela rompe a barreira que segurava minhas lágrimas. Elas descem rapidamente pelo meu rosto, seu calor queimando minhas bochechas.

"E por falar nisso", digo, sentindo o gosto salgado. "Por que diabos você não fez nada sobre os Nabbers? Você sabia! Você estava hospedada nos alojamentos dos plebeus regularmente, sabia exatamente o que estava acontecendo com nossos filhos!"

A raiva finalmente atingiu o limite dentro de mim, e eu diminuo a distância entre nós com dois passos rápidos, socando seu peito com força suficiente para causar hematomas.

"Por que você não os impediu? Minha irmã sumiu!"

Lee me envolve em seus braços, me puxando para mais perto dele, mesmo

enquanto continuo a bater meus punhos nele. Ele me puxa para um abraço apertado, minhas lágrimas escorrendo pela frente de sua camisa, seu queixo apoiado no topo da minha cabeça.

Pinho, ele ainda cheira a pinho, penso estupidamente. Cada parte do meu corpo quer se pressionar contra ele, iluminando-se com esse aroma familiar.

"Kitten", ele diz, seu hálito quente no meu cabelo. "Claro que eu tenho tentado detê-los. Meus guardas estão caçando-os desde a primeira vez que você os mencionou."

Ele se afasta e eu olho para ele. Seus olhos estão doloridos.

"Sou responsável pelo desaparecimento de Saela", diz ele. "Não fiz o suficiente. E vou continuar investindo todos os recursos que puder para encontrá-la até o dia em que a trouxermos para casa."

Lee estende a mão, enxugando as lágrimas do meu rosto, e o movimento só me faz chorar mais. Meu estômago está uma bagunça revirando. Eu preciso dele e o detesto ao mesmo tempo, e isso dói.

"Não existe mais nós", cuspo nele. Então, pressiono minhas mãos contra seu peito e empurro. Ele tropeça para trás no caminho de terra, e quando encontro seu olhar novamente, ele levanta o queixo.

"Você não percebe?", ele diz ferozmente. "Meu amor por você é tão inabalável e constante quanto os ventos do Monte Wolfsbane. Eu desistiria de tudo se você me pedisse. Eu abdicaria amanhã."

Eu zombo, cruzando os braços sobre o peito novamente, tentando não corar com suas palavras. Porque, sinceramente, eu também o amo, mesmo que o odeie. As emoções conflitantes ameaçam me destruir onde estou.

"Você é a mulher mais poderosa de Nocturna, Meryn." A certeza em seu tom profundo aquece meu sangue, me faz encará-lo diretamente em seus olhos brilhantes. "Você pode pôr este reino de joelhos com apenas uma palavra."

Meu estômago se revira e desvio o olhar novamente. Não sei bem o que sairia da minha boca se eu o encarasse de frente. "Estou aqui por Saela, e somente por Saela", digo, lembrando a ele e a mim mesma ao mesmo tempo. "É tudo o que importa para mim."

"Eu sei", diz ele, com a voz carregada de arrependimento. "E farei tudo o que puder para te proteger e te ajudar a encontrá-la enquanto estiver aqui." Ouço seu calcanhar girar na terra e ele começa a se afastar, mas então para. "Não espero seu perdão. Mas espero conquistar sua compreensão."

Com isso, ele me deixa ruminando meus arrependimentos e os fragmentos de nossas esperanças, nossas promessas. A fragrância das rosas tornou-se enjoativamente doce, sufocante. Um fino verniz de beleza encobrindo uma caverna sem fim de miséria.



Espero alguns minutos depois que Killian sai, querendo colocar o máximo de distância possível entre nós — e também porque preciso de um tempo para me recompor. Então, volto pelos corredores escuros em direção aos aposentos dos Rawbond.

No corredor em frente aos dormitórios, o ataque acontece.

Não estou pronta para isso — que me engane. Meus pensamentos ainda estão emaranhados com Killian, Saela e o dia exaustivo que tive. Nem ouço meu agressor se aproximando até que seu punho esteja no meu cabelo, me puxando para trás com força brutal.

Não grito quando ele começa a me arrastar para longe. Muitas pessoas não ficaram felizes por eu ter sobrevivido à Apresentação. Que se dane se vou alertar o complexo inteiro sobre a minha situação para que possam vir e ajudar a terminar o trabalho.

Em vez disso, me contorço silenciosamente nas mãos do meu agressor, ignorando a dor lancinante no couro cabeludo enquanto tento me recompor. Preciso de apoio — e de ver meu alvo para poder chutar as bolas dele até a próxima semana.

Ele é forte. Muito mais forte do que eu. Rápido também. Ele sente que estou me contorcendo e dá outro puxão brutal na minha cabeça. Parece que meu cabelo está prestes a se arrancar do couro cabeludo. Mas estou pensando rápido, mesmo enquanto meus pés se arrastam no chão encerado.

A violência é clara. Intencional. Esse cara vai me matar, que se danem as regras.

Essa constatação me empurra para a beira de um abismo emocional no qual estou pendurado desde que percebi que não podia sair deste lugar.

Sombras se movem sobre minha visão e me penetram, expandindo-se em meu peito. Uma escuridão toma conta de minha mente enquanto um pensamento se cristaliza, a única coisa que importa: este não é o lugar onde eu morro.

Como se possuída por algo que não compreendo totalmente, tiro minha faca da bainha escondida e corto meu próprio cabelo. Os fios prateados se partem instantaneamente. O homem, desprevenido, perde o equilíbrio e cai para a frente.

Estou em cima dele antes que ele caia no chão, com um joelho em sua nuca enquanto desço a faca com força na mão que ainda segura meu cabelo cortado.

É como se meu bom senso tivesse apagado e meu corpo tivesse sido tomado pela raiva personificada.

Quando meu pai ainda era vivo, ele costumava me levar para caçar. Ele me

ensinou a maneira correta de desmembrar um animal. O segredo é enfiar a faca na articulação com precisão, e então tudo o que é preciso é um giro experiente.

Um grito rouco e masculino ecoa pelo corredor enquanto a mão do meu agressor se separa do pulso. Sangue quente espirra no meu rosto. Sinto gosto de sal, cobre e fúria fervente.

Seus olhos estão arregalados na penumbra, a boca aberta em um suspiro ofegante enquanto me inclino para mostrar a extremidade separada. De longe, o reconheço como um dos garotos de Daemos que anda com Jonah.

"Você transou com a mulher errada", rosna uma voz — a minha, percebo tardiamente — enquanto abro seu maxilar e enfio sua própria mão decepada nele.

Ele engasga e engasga, os olhos arregalados enquanto eu a empurro mais fundo em sua garganta. A cartilagem se contrai sob a pressão. Seu corpo começa a se contorcer embaixo de mim, uma manobra desesperada para me sacudir, para me libertar, para se salvar.

Já segurei homens vezes suficientes na minha vida para saber como fazer isso direito.

A parede de ferro na minha mente se abre. Do outro lado está Anassa, seus sentimentos expostos para mim pela primeira vez.

Não há palavras. Apenas uma onda de aprovação fria e sanguinária.

Rosnando de desgosto, eu bato a parede novamente.

Eu não preciso da sua aprovação, porra.

Abaixo de mim, meu agressor gorgoleja alto, engasgando com o próprio sangue e dedos.

Nunca matei um homem antes. Nunca imaginei que fosse capaz desse tipo de violência; pensei que passaria por essas Provas evitando ser morto, não me tornando um assassino.

Mas algo se desvencilhou dentro de mim, um monstro que eu não sabia que existia. Não tenho certeza se foi formado a partir da ira silenciosa e fervente que vem crescendo em mim o dia todo, ou se é algum efeito colateral da ligação com uma fera sanguinária.

Em vez de nojo pelas minhas próprias ações, tudo o que sinto é... calma. Uma calma horrível e pétrea.

Isso não está certo, está? Eu não deveria me sentir calmo. Eu deveria sentir... qualquer coisa.

Em que tipo de horror este lugar está me transformando?

Quando eu finalmente encontrar minha irmã novamente, ela será capaz de me reconhecer?

OceanofPDF.com

CAPÍTULO DEZOITO

Deveria haver um manual para Rawbonds, impresso a cada Prova de Vínculo, cada nova edição incluindo dicas e truques aprimorados adquiridos ao longo do período de treinamento.

Minha contribuição?

Na manhã seguinte ao assassinato macabro de outro Rawbond, não coma os ovos no café da manhã.

Olho para eles no meu prato, mexendo-os com o garfo e pensando em massa encefálica e intestinos fibrosos. Lembrando-me do jato quente de sangue e do grito estrangulado que interrompi.

Minha nuca está fria onde meu cabelo costumava estar. Ontem à noite, depois de voltar para o dormitório, fui ao banheiro lavar o sangue dele. Enquanto a torneira esquentava, encarei a mulher no espelho, mais uma vez tomada pela irrealidade causada pela minha própria aparência. Meu cabelo está mais curto do que nunca, os fios branco-prateados cortados em um chanel repicado, terminando no meio do meu pescoço.

Eu tremo, ainda olhando para meus ovos enquanto eles esfriam no meu prato.

Para ser sincera, não é só a violência que está me afetando. É essa sensação de que, de repente, não sou mais eu mesma. Algo estranho aconteceu ontem à noite, como se outra pessoa tivesse tomado conta do meu corpo no momento em que comecei a lutar.

Ou talvez tenha sido até antes disso. Talvez a pessoa que eu pensava que era ainda esteja deitada na minha cama em casa, quase catatônica, e a pessoa que conseguiu se levantar e arrastar a bunda até o centro de recrutamento seja quem realmente está aqui agora.

Violenta e perigosa. Desesperada.

Não consigo me livrar do arrepio de satisfação que senti vindo de Anassa. Ela gostou do que eu fiz. Eu sei que gostou. Minha cabeça lateja com o esforço constante de reforçar a parede de ferro entre nós.

Sem mencionar que não tive um único momento para realmente pensar em todo o Lee — uh, o Killian de tudo isso. Meu coração ainda dói só de pensar nele.

Fecho os olhos e vejo a morte na ponta dos meus dedos, bem ao lado da imagem agridoce dele parado ali, em seus melhores trajes.

"Meryn."

Levanto a cabeça bruscamente. Izabel me encara. Venna parece ainda mais preocupada. "Estávamos tentando chamar sua atenção", diz Venna.

"Desculpe", respondo.

"Que corte de cabelo interessante você fez esta manhã", diz Izabel, cautelosa. Venna me oferece um sorriso interrogativo.

"Ah, uh." Olho ao redor da sala comunal. Cruéis de todas as alcateias descansam nas espreguiçadeiras e cadeiras, algumas delas claramente próximas o suficiente para se sobreporem. "O quê, você não gosta?", pergunto para desviar o olhar.

Venna dá de ombros. "Não, eu gosto. Na verdade, é uma boa ideia. Cabelo mais curto significa menos para agarrar." Ela balança seu próprio chanel curto, como se para demonstrar.

Lampejos dolorosos da noite passada retornam à minha mente. Mantenho o rosto impassível, sem querer demonstrar angústia.

"Mas estamos preocupados", acrescenta Izabel. "Ontem foi demais. E agora essa mudança repentina. Você está bem?"

Muito. Esse é o eufemismo do século.

Abro a boca, lutando para pensar em uma maneira de me esquivar dessa conversa, mas sou poupada de desculpas pela porta da área comum se abrindo com força suficiente para bater contra a parede, sacudindo as taças de cristal espalhadas.

Stark irrompe na sala, com as botas batendo pesadamente, as sobrancelhas escuras se contorcendo de fúria.

Meus pelos se arrepiam instantaneamente ao vê-lo, alarmes soando na minha cabeça.

Sua voz é um estrondo ameaçador. "QUEM FOI? Quem aqui achou que sabia mais do que o Líder Aldrich e foi contra instruções específicas de não matar nenhum outro Rawbond fora do treinamento?"

Porra. Não fui poupada de jeito nenhum. Apenas uma nova tortura.

Sussurros chocados se espalham pela sala. Lentamente, os olhos começam a

se virar para mim, observando meu cabelo raspado. O corte repentino é aparentemente mais revelador do que eu pensava. Não há chance de nem a mentira mais inteligente me tirar dessa.

Então, faço o que sempre faço quando me deparo com um homem fervendo de fúria. Levanto o queixo e encaro seu olhar furioso.

"Fui eu. Legítima defesa", digo claramente. Milagrosamente, minha voz não treme, apesar das batidas do meu coração.

Stark caminha em minha direção, sua figura enorme projetando uma sombra ainda maior. Alguns Rawbonds se afastam dele, repelidos por um medo primitivo que os faz brilhar os olhos e tremer os membros. Tudo o que sinto é uma fúria em resposta.

"Você se acha acima das regras, princesa?", ele rosna.

Me chamando de princesa? Agindo como se as regras não importassem? Irônico, considerando a quem ele serve. Meu lábio se contrai de ressentimento antes que eu consiga conter.

"Como eu disse, foi legítima defesa."

Suas mãos se fecham em punhos e os soltam, as linhas escuras de suas tatuagens dançando ao longo delas. "Foi legítima defesa estrangular alguém até a morte com a própria mão decepada?", ele rosna.

Há outra rodada de sussurros chocados. Alguns dos Rawbonds mais próximos de mim empurram seus pratos. Outros se afastam de mim. Izabel e Venna estão em completo silêncio.

Mas me recuso a desviar o olhar de vergonha ou deixar Stark quebrar algo em mim. Fiz o que tinha que fazer para proteger minha própria vida, e agora todos saberão que não devem me ferrar.

Eu faria de novo, por Saela.

O olhar desafiador de Stark me atravessa por um longo momento, a sala suspensa em silêncio. Todos nos observam, como se estivessem esperando que nos separemos.

Então ele se endireita, as tatuagens e inúmeras cicatrizes nas costas das mãos flexionando em torno dos nós dos dedos enquanto suas mãos se fecham novamente.

"Na frente da sala", diz ele, em voz baixa.

Cada palavra é especialmente elaborada para mim, perfeitamente enunciada, silenciosa, mas perigosamente clara. Não haverá discussão.

Levanto-me lentamente e vou para a frente, onde todos podem me ver.

Enquanto faço isso, ele se dirige aos outros com uma voz significativamente mais equilibrada. "Parece que as aulas vão começar cedo esta manhã", diz ele, me observando caminhar.

Eu me viro e fico diante dele, apoiando as mãos na cintura e me mantendo ereta. Ele ainda paira sobre mim enquanto se aproxima.

“A maioria de vocês deveria saber o significado das tatuagens dos Vinculados, mas para aqueles que não sabem...” Ele me lança um olhar penetrante como um punhal. “...as tatuagens em nossos braços e torsos contam as mortes dos Sifões. As em nossos pescoços homenageiam nossos camaradas Vinculados que matamos em treinamento. Por que fazemos as tatuagens?”

Porque vocês, psicopatas, gostam de troféus de guerra.

Há um longo momento de silêncio antes que um jovem crie coragem para levantar a mão. Phylax, a julgar pela mecha castanha em seu cabelo. Não sei o nome dele. Stark inclina a cabeça em sua direção.

“Porque, ao contrário dos Sifões, os Vinculados prezam a vida. Fazemos tatuagens para lembrar o alto custo da guerra.”

Besteira, se é que já ouvi isso. A pessoa que me atacou ontem à noite dava valor à vida? Os outros naquela arena, enquanto assistiam a um homem ser dilacerado?

Se eles valorizassem a vida, todo esse processo não seria tão brutal e sangrento.

Stark assente e se vira para mim, enfiando a mão no bolso. Ele tira um pequeno dispositivo que parece uma caneta, com a ponta afiada brilhando à luz que entrava pela janela acima de nós. Ao lado, um tinteiro.

"Parabéns, princesa. Você fez a primeira tatuagem dessas Provas de Vínculo."

Com isso, sua mão livre se fecha em volta do meu ombro e me empurra para a cadeira atrás de mim. Gaguejo de indignação.

Mas, por algum motivo, quando Stark se inclina sobre mim, subitamente mais perto do que eu jamais o vira, não consigo desviar o olhar de seus cílios.

Isso me atordoa, brevemente. Vê-lo de perto é diferente. Toda aquela fúria ameaçadora ainda paira sobre mim como o machado de um carrasco, mas sua respiração está na minha bochecha e consigo ver os detalhes precisos das tatuagens em seu pescoço.

O treinamento mata, então, assim como o meu.

Stark agarra meu queixo firmemente com seus dedos calejados, e o calor deles envia faíscas pela minha pele. Lanço a ele o que espero ser um olhar desafiador. Recuso-me a me encolher de medo por alguém que claramente apreciaria isso.

Ele estala a língua, irritado, e força minha cabeça a se erguer em um ângulo desconfortável.

A picada da agulha no meu pescoço é repentina e lancinante. Recuso-me a

emitir um som de dor, cerrando o maxilar e olhando para ele enquanto a agulha me penetra. Sua mão aperta meu queixo como se achasse que vou fugir, mas prefiro morrer a fugir dele.

Minha dignidade não sobreviveria a isso, e também não tenho certeza se sobreviveria se lhe desse as costas.

Ainda assim, minha respiração sai em jatos enquanto a agulha envia arrepios de frio induzidos pela dor pelo meu pescoço e ombro. Tento disfarçar, mas ele claramente percebe.

Um músculo em seu maxilar se contrai, seu olhar sombrio se desvia da agulha por um instante para me penetrar, cílios impossíveis emoldurando seus olhos escuros.

Conforme a agulha avança, uma parte de mim boceja amplamente. Faminta. Cheia de raiva.

Se isso continuar assim por muito mais tempo, posso surtar e arrancar a agulha das mãos dele e enfiá-la em algum lugar vulnerável. Está tomando todo o meu foco para não ceder aos meus instintos de lutadora e fazer algo a respeito da dor que estou sentindo. É como se ele estivesse cravando os dentes na minha garganta, e eu estivesse aqui sentada, expondo meu pescoço para ele.

Finalmente, cede. Ele guarda o dispositivo novamente, a mão ainda firme no meu queixo. Então, sem aviso, ele força minha cabeça para o lado. Ele se inclina, sua respiração agora quente contra meu pescoço.

E sua língua desliza sobre minha pele.

Não consigo reprimir o som desta vez, pequeno e quase raivoso, como o início de um rosnado na base da minha garganta. Acho que ele ouve porque sua mão aperta meu queixo. É ainda mais chocante do que a dor. Minha visão se perde na distância enquanto o calor escorregadio de sua boca entra em contato com minha pele excessivamente sensível.

Quero ficar com raiva. Quero empurrá-lo para longe de mim e dar uma surra nele. Mas não consigo me mexer.

O toque úmido acalma a ardência da raiva de uma forma chocantemente íntima, mesmo sendo violenta. Minhas mãos se cravam nos braços da cadeira.

Parece que demora uma eternidade, mas uma parte faminta de mim quer que continue. Odeio isso, e ainda assim minhas coxas formigam e meus mamilos endurecem sob a jaqueta. Aperto as coxas uma na outra enquanto uma onda de calor se espalha pela minha barriga e para baixo.

Por um momento, tudo o que minha mente consegue focar é no calor da sua boca e respiração, no roçar do seu cabelo na minha bochecha, no cheiro almiscarado dele, na firmeza da sua mão na minha garganta.

E uma cicatriz. Está escondida, cortada bem na borda do seu maxilar,

subindo em direção à base da orelha. Por algum motivo, isso, mais do que qualquer outra coisa, comprime meus pulmões e faz meu coração bater forte contra as costelas como um soco.

É como um segredo que ele não queria compartilhar.

Então acaba e ele empurra meu rosto com força, me encarando com um olhar frio. A raiva me invade novamente, ainda mais alta e violenta por eu estar perdida nos caprichos do meu corpo.

As pontas dos meus dedos ficam brancas contra os braços da cadeira enquanto ele se vira sem dizer uma palavra e me deixa ali.

Há sussurros ao meu redor enquanto me levanto, me recusando a deixar minhas pernas tremerem. Meu rosto está definitivamente vermelho quando volto para a mesa. Izabel e Venna estão me encarando.

Engulo em seco. "O que foi isso?", respiro, a voz rouca.

"Uma tatuagem para matar", responde Izabel.

"Não, por que ele me lambeu?", pergunto, com as mãos em punhos.

Os lábios de Venna se contraem. "Ah, nós lambemos as tatuagens uma da outra quando terminamos. É um instinto para ajudar a curar a superfície da pele."

Belisco a ponta do nariz, ignorando o formigamento na garganta. O mundo dos Vinculados nunca fará sentido para mim.



A ardência na garganta continua dolorosa pelo resto do dia. Resisto à vontade de esfregá-la enquanto caminhamos para o campo de treinamento de Strategos naquela tarde como uma matilha. Beta Egith nos aguarda, vestida com couro de montaria preto e nos observando impacientemente. Percebo que seu olhar penetrante se demora no meu pescoço.

Nossos lobos gigantes nos aguardam, alguns reunidos e socializando — esfregando as laterais, balançando as caudas uns para os outros, até mesmo mordendo e estalando de brincadeira.

Anassá, no entanto, permanece completamente imóvel, separada dos demais, enorme e indiferente. Nenhum dos outros se aproxima dela.

Vê-la novamente me lembra da noite passada e da aprovação cruel que ela sentiu. Pressiono a palma da mão na minha tatuagem, estremecendo quando o contato faz a ardência piorar.

"Boa tarde, Strategos Rawbonds", anuncia Egith. "Hoje, daremos início ao seu treinamento formal como Rawbonds com a primeira aula de montaria em lobos. Se vocês estão aqui, vocês desceram o Monte Acônito com sucesso, mas

há muito mais do que apenas sentar-se montados em suas montarias."

Bem, alguns de nós desceram a montanha com nossos lobos.

"Dominar a forma correta de cavalgar e lutar também é o primeiro passo para aprender a se comunicar bem com seu lobo. Só para lembrar, estamos em contagem regressiva oficial para o Teste da Voz em um mês."

Porra, é isso mesmo. O Teste que testa o quão bem você consegue se comunicar com seu lobo. Eu não estava preocupado com isso quando nos contaram na orientação, porque pensei que ia escapar.

Eu cutuco a parede de ferro na minha cabeça. Sólida como sempre. Anassa não demonstra interesse em derrubá-la novamente.

Ótimo. Estou ferrado.

"O Teste da Voz consiste em uma pista de obstáculos complexa", continua Egith, "então é importante que vocês dois sejam habilidosos em se mover com seu lobo gigante e que se comuniquem bem um com o outro."

Mal consigo fazer Anassa reconhecer minha existência — além de um desprezo mordaz, é claro — muito menos fazê-la trabalhar comigo para correr uma pista de obstáculos. Uma pista de obstáculos que provavelmente foi projetada especificamente para testar se ela está me ouvindo.

“Hoje, vamos começar com calma. Deve ser moleza para a maioria de vocês”, explica Egith. “Uma volta na arena o mais rápido que conseguirem. Depois, sobre os obstáculos. Rastejem sob as vigas e, por fim, um salto final através daquele arco. Não caiam. Há risco de serem pisoteados, além da frustração dos seus lobos gigantes. Lembrem-se do que acontecerá se eles acharem que vocês estão em falta.”

É um desastre desde o início.

Os lobos dos outros se juntam a eles rapidamente, atravessando os campos de treinamento. Muitos deles montam com a mesma facilidade com que montaram na montanha. Izabel bate nas minhas costas enquanto avança em direção ao seu lobo imponente, lançando-me um olhar de compaixão. Tomison já está nas costas do seu lobo, piscando para nós.

Quando me aproximo de Anassa, ela não rosna para mim. Isso é progresso, eu acho. Mas ela se afasta de mim, com as pontas dos dentes brevemente expostas.

Do jeito que está, não tenho escolha. Os outros já estão decolando, começando um por um para que os obstáculos não fiquem superlotados. Izabel está prestes a ter sua vez.

Foda-se.

Eu dou um passo à frente e estendo a mão, enfiando-a em seu pelo.

Ela não se move. E não arranca meu braço com uma mordida. Talvez a

abordagem forçada seja a melhor opção.

Não peça permissão; assim como ela não pediu minha permissão para criar um vínculo.

Simplesmente faça.

Eu agarro seu pelo e me levanto, as botas batendo em sua perna para me dar um impulso, como já vi os outros fazerem.

Anassa bate a pata bem quando tento escalá-la e eu caio de volta no chão com um baque, aterrissando de pé. Outros se viram para me observar e eu os ignoro, tentando novamente imediatamente.

Desta vez, agarro seu pelo com as duas mãos e pulo, sem me preocupar com os pés até já estar em seu ombro, confiando nos músculos da parte superior do meu corpo que aprimorei em anos no ringue.

Eles me servem bem agora. Subo nas costas de Anassa sem muita dificuldade.

Porra, o chão é tão longe.

Risco de atropelamento, disse Egith. Eu odeio isso.

Só piora quando tento guiar Anassa em direção ao campo. Somos uma das últimas a ir. Tento baixar minhas barreiras mentais, as mesmas que passei um tempo construindo ontem à noite, mas as barreiras de Anassa se mantêm firmes.

Toda a boa vontade que conquistei cometendo um assassinato sangrento desapareceu na névoa desta manhã.

Se eu matar alguém agora mesmo, ela vai pular por cima de um obstáculo por mim? Duvido.

Por fim, ela parece ficar irritada comigo, ou talvez apenas entediada, e caminha até o campo, encarando-o e se preparando.

Não é acordo. Não é trabalho em equipe ou coesão. Não ouço a voz dela. É rejeição completa e absoluta.

Não tenho dois segundos para me preparar antes que ela avance em uma velocidade assustadora.

Agarrando-me com força ao seu pelo, luto para não cair. Correr ao redor da parte externa da pista é relativamente tranquilo, mas então ela começa a pular os obstáculos. Quase caio no primeiro, puxando seu pelo para me equilibrar em suas costas. A força do meu peso a desequilibra, e um de seus pés se enrosca no obstáculo.

Ela mal se segura, rosnando, estalando os dentes com raiva. Então, para o próximo obstáculo, e é a mesma coisa de novo.

Quase escorrego tentando me abaixar sob as tábuas. Quando ela salta através do arco, seu rabo bate contra a borda e acabo completamente desmontado de suas costas, agarrado ao pelo de sua escápula enquanto minhas pernas balançam

e tento me levantar de volta.

Mas não vou cair de jeito nenhum. Não vou deixar os outros Rawbonds verem minha bunda na terra.

Eu me agarro a ela. Eu arrancaria todo o pelo dela se isso significasse sobreviver a isso, e acho que ela sabe disso.

"De novo!" Egith grita, e eu reconsidero a ideia de assassinato, se isso significar que Anassa pelo menos tentará me ajudar a permanecer montada.

Os outros pares unidos estão fluindo pelo percurso. Essa é a pior parte. Alguns são mais rápidos que outros, mas nenhum deles está lutando como nós.

Até os mais desajeitados lutam simplesmente porque seus lobos gigantes não são tão altos ou fortes, não porque seus cavaleiros estejam lutando para permanecer montados. Observo um dos lobos até mesmo mudar seu centro de gravidade para sustentar sua cavaleira quando ela está prestes a cair, jogando-a de volta ao seu devido lugar.

É exaustivo o caminho todo.

Minha bunda está completamente dormente, meus braços estão flácidos e inúteis de tanto me agarrar e me puxar para cima, e minha cabeça lateja com o bater cruel e áspero da parede entre minha mente e a de Anassa.

Finalmente recebo um alívio quando a aula chega ao fim. Os outros Rawbonds se separam carinhosamente de seus lobos. Quando escorrego das costas de Anassa, aterrissando dolorosamente na planta dos meus pés, ela vira as costas. Quase instantaneamente, ela se afasta, desaparecendo.

Nada de despedidas prolongadas para nós, então.

Se eu não estivesse tão exausta com o caos completo e absoluto daquela aula, estaria frustrada.

Estou aqui. Estou comprometida. Quero fazer isso dar certo, já que literalmente não tenho outras opções — mesmo que, como me lembro pela milésima vez, esse vínculo tenha sido imposto a mim contra minha vontade. O que mais Anassa quer de mim?

Os outros recrutas começam a entrar, mas Egith avança em minha direção antes que eu possa segui-los.

"Meryn, preciso falar com você. Venha comigo", diz ela severamente.

Ignoro os olhares curiosos dos outros Rawbonds enquanto sigo Egith para fora do pátio de treinamento sem dizer mais nada, com o coração apertado ao me perguntar o que fiz de errado desta vez.

Pelo menos ela não está enfiando uma agulha no meu pescoço na frente de todos.

Ou talvez ela tenha notícias sobre os Nabbers? O pensamento só amplifica a ansiedade que me invade.

Entramos nos aposentos do Strategos. Minha tatuagem formiga quando Egith para em frente a um dos quartos privativos, pouco antes da entrada do beliche.

"Agora é seu", diz ela, batendo a mão brevemente na porta.

Olho fixamente para a porta e então encontro seus olhos. "Meu?"

Ela destranca a porta e a abre, revelando um espaço generoso com uma cama de casal e uma pilha de travesseiros, um guarda-roupa alto de duas portas, uma estante vazia, uma planta florida no canto e uma janela ampla com vista para uma árvore trêmula.

É um quarto maior do que eu já tive. E privativo também.

"Como houve um ataque a você ontem à noite, foi determinado que você possivelmente é um alvo. Então agora você terá um quarto privativo", diz ela rigidamente. Ela me entrega a chave, deixando-a cair na minha palma.

Balanço a cabeça e tento devolver a chave para ela. "Não. Eu não quero isso. Isso me coloca em um alvo ainda maior."

"Isso mesmo", ela concorda, com a expressão desanimada. "Mas esta ordem vem de cima da minha cabeça. Não há nada que eu possa fazer."

Ela observa enquanto entro timidamente. Deusa, tem até um banheiro privativo.

Egith se vira para ir embora, mas faz uma breve pausa. "Eu diria para aproveitar a privacidade enquanto a tiver. Uma vez que você estiver nas forças do rei na frente de batalha, nunca mais a terá", diz ela, fechando a porta na minha cara.

Olho para a porta novamente, um pouco perdida. Não sei dizer se o que ela acabou de dizer implica que ela tem fé que eu sobreviverei a tudo isso, ou se ela estava deliberadamente tentando quebrar minha vontade, me lembrando de que estou presa a tudo isso.

Adentrando mais no quarto, tiro meu casaco e o jogo na cama. Abro o guarda-roupa e encontro vários cabides vazios para todas as minhas roupas. Quando o fecho e me viro, meus olhos se deparam com meu reflexo. Aproximo-me do espelho pendurado na parede, parcialmente envolto em cortinas translúcidas que parecem véus.

Eu os afasto e inclino a cabeça.

Não vi minha tatuagem desde que a fiz esta manhã. E ela é... estranhamente linda.

Ela envolve a lateral do meu pescoço, na metade, mais ou menos na mesma altura em que tive que tosar meu cabelo. É no mesmo estilo rúnico das outras que vi, mas com elementos decorativos que rodopiam como fogo negro, movendo-se fluidamente ao redor de um círculo central vazio de saturação.

Nem dói mais, percebo. Será que é por causa dele... por causa da boca dele.

A língua dele.

Sou brevemente surpreendida pela habilidade artística. Não imaginei que as mãos brutais de Stark fossem capazes de criar algo assim. Só que então percebo o que realmente é.

O início de uma coleira.

Aperto o maxilar e a toco com a ponta dos dedos. Quantas mais dessas eu conseguirei antes do fim do treinamento?

Talvez o suficiente para envolver minha garganta e me sufocar em silêncio.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO DEZENOVE

Não tenho muita coisa no quarto dos Strategos, mas enchi a cômoda ao lado da minha cama com roupas do armário da loja, então provavelmente devo movê-las. Esgueiro-me pela antessala movimentada sem ser notada e, quando entro no quarto, ele está, felizmente, vazio.

Provavelmente, todos estão treinando, estudando ou descansando na sala comunal. Isso me dá bastante espaço para guardar meus escassos pertences sem me preocupar com alguém espiando por cima do meu ombro e fazendo perguntas que não estou pronta para responder.

Tipo, para onde diabos você está levando suas coisas, plebeia?

Tirando uma mecha rebelde de cabelo branco-prateado dos meus olhos, jogo minhas coisas em uma bolsa e a jogo por cima do ombro. Enquanto corro de volta para o meu novo quarto, com a ansiedade crescendo como um balão no meu peito, avisto Izabel do outro lado da área comum dos Strategos.

Ela está montada no colo de um dos nossos outros Rawbonds, empoleirada nele como uma águia com sua presa. Izabel passa as mãos pelos ombros largos dele e eu semicerro os olhos. Não consigo me lembrar do nome dele. Roddert alguma coisa?

Ele parece muito mais interessado do que ela. Mas ele é bonito, murmurando elogios para ela como se não tivesse a mínima noção das garras dela em sua carne. É admirável, na verdade, como ela parece tê-lo na palma da mão.

Ainda mais porque ela parece entediada com ele, como se isso fosse fácil para ela.

Estou me movendo antes que eu possa pensar direito. Vendo Izabel dobrando o homem desesperado à sua vontade, não consigo deixar de pensar: ela sabe o que está fazendo. E, porra, estou tão cansada de me sentir sem noção.

"...os olhos brilham como joias", Roddert está dizendo. Robert? Não,

Roddert.

"Izabel", interrompo.

Ela olha para mim. Seus olhos permanecem vidrados de desinteresse até pousarem em mim, saltarem para a minha bolsa e então se inflamarem de curiosidade.

Inclino a cabeça. "Posso falar com você um minuto?"

"Com certeza", diz ela, parecendo meio aliviada. Coitado.

Ela salta do colo dele como se estivesse alçando voo. As mãos dele a seguem brevemente antes de caírem molemente sobre os joelhos.

Olho por cima do ombro para ele enquanto nos afastamos. Ele definitivamente está olhando para a bunda dela. Mas ele também olha para a minha, então claramente não está tão desolado assim.

Izabel se aproxima. "Pensei em dar uma chance a ele... quer dizer, olha esses ombros! Mas, nossa. Que cérebro de pedra. Como ele foi parar em Strategos? Ele pertence a Phylax com os outros tijolos bonitos."

"Acho que você está subestimando ele. Seus olhos são como pedras preciosas mesmo", provoco.

Ela os revira tanto que tenho certeza de que consegue enxergar o próprio cérebro. "Cala a boca", geme com um sorriso enquanto me segue pela antessala. "O que você queria..."

Izabel interrompe quando paramos em frente à minha nova porta, suas sobrancelhas escuras subindo em direção à linha do cabelo enquanto giro a maçaneta.

"Meryn, estes quartos são privativos", ela sibila, olhando por cima do ombro.

"Eu sei", digo a ela, abrindo a porta e a conduzindo para dentro do quarto. "Este agora é privativo para mim."

Antes que eu possa explicar, um assobio baixo soa atrás de nós. Viro-me e vejo Tomison encostado na porta.

Seu olhar percorre meus aposentos com admiração. "Droga, Meryn. Isto é..."

Agarro seu pulso e o puxo para dentro, fechando a porta com força. Aonde quer que Tomison vá, ele chama atenção, e não preciso de mais pessoas cobiçando meu novo quarto e começando a me odiar por isso.

Não posso esconder isso para sempre, mas prefiro controlar como a notícia se espalha do que deixar a popularidade inexplicável de Tomison espalhar isso para mim.

Mas, pensando bem, essa popularidade pode funcionar para mim de alguma forma. Tomison se aprofunda no espaço. Ele para ao lado da luxuosa cadeira aos pés da minha nova cama e passa os dedos pelo veludo. Seus cabelos ruivos queimam mesmo sob a luz fraca da única lamparina a óleo no criado-mudo.

"Como você conseguiu esse arranjo?", pergunta ele. "Achei que só instrutores tivessem quartos privativos."

Izabel zomba. Não sei bem por quê. Acho que é apenas uma reação impulsiva dela que acontece sempre que ouve Tomison falar. Consigo sentir os olhos dela perfurando-o do outro lado da sala, embora Tomison pareça alheio.

Respiro fundo e tento explicar que "preocupações com a segurança" após o ataque me elevaram e que Egith não me deu escolha sobre ficar com o quarto. Estou presa aqui, querendo ou não.

A história da minha vida, aparentemente.

Izabel franze a testa pensativamente ao concluir minha explicação. "Era sobre isso que você queria conversar?"

"Sim." Aponto para a sala. "Obviamente."

Tomison bufa e olha para Izabel, mas ela está imersa em pensamentos. Ela aperta o queixo e aperta os lábios. Então ela diz: "Quem poderia ter ordenado isso? Será que você chamou a atenção do rei na Apresentação? Quer dizer, todos nós sabemos que ele é assustador, mas..."

Ela e Tomison trocam um olhar, e tenho certeza de que estão pensando em como o rei gosta de escolher um companheiro entre os Rawbonds. Ouvi rumores de que ele está de olho em uma Phylax Rawbond chamada Audelie, mas talvez ele ainda esteja procurando seu alvo.

Minha pele se arrepia. Só de pensar nos olhos azuis demais do rei se movendo sobre mim daquele jeito, demorando-se em todos os lugares que eu morreria para proteger... Sinto um verdadeiro enjoo por um momento e me encosto na porta em busca de apoio.

Na verdade, o filho dele tem mais chances de ser o responsável. É a conclusão mais óbvia, mas mantenho o nome de Killian fora da minha boca. Não estou pronta para abrir essa ferida; especialmente quando já estou em uma posição tão frágil com os outros Rawbonds.

Não consigo imaginar que ajudaria se eu contasse a todo mundo que estou transando com o príncipe herdeiro há um ano.

"Como faço para evitar que essa atribuição de quarto piore tudo para mim?", pergunto, na esperança de que esses dois possam me dar algum conselho sensato.

Meu olhar se move rapidamente entre eles. Izabel parece compreensiva. Tomison parece divertido. Ele dá de ombros para mim. Dá de ombros. "Você não."

"Eu não", repito, um pouco irritada.

"Assuma!", ele diz com um sorriso bobamente charmoso. "Você claramente sabe se virar. Não esconda o rabo." Ele bate palmas. "Agora, se me dá licença,

tem umas adoráveis damas Daemos aguardando minha encantadora presença."

Izabel franze a testa enquanto ele sai. Há muito veneno ali. Eu levanto uma sobrancelha. "Por que suas pedras preciosas parecem tão assassinas?", pergunto.

Ela pigarreia e murmura: "Quando ele respira, me irrita."

Eu realmente não acho que ele seja tão ruim assim. Ele me deu uma resposta honesta, não é? Não uma resposta útil, mas ele tentou. "Como eu saio dessa, Izabel?"

Ela suspira. "Prefiro arrancar meus olhos do que admitir que Tomison está certo sobre qualquer coisa. Então, não vou. Mas..."

Ela deixa por isso mesmo, porque claramente não consegue dizer as palavras em voz alta. Tomison está certo. E eu tenho que encarar isso de frente.

Não demora muito para que a oportunidade se apresente. Na manhã seguinte, estou sentada ao lado de Izabel no movimentado salão comunitário de Rawbond, escolhendo um prato de frutas. Temos um longo dia de aulas e treinamento pela frente.

Minha frágil paz se estilhaça quando uma sombra cai sobre meu prato meio vazio. Olho para cima lentamente porque há algo sinistro no ar. As pessoas comendo ao meu redor ficaram em silêncio.

Perielle, a rainha da beleza de Strategos, está de pé diante de mim. Imponente, na verdade, e ela sorri com o melhor de todos. Meus olhos saltam sobre sua maquiagem perfeita — suave e quente — que não faz nada para suavizar o fio de seu olhar afiado e assassino.

"Todo mundo já ouviu falar do seu quarto, plebeu", diz ela. "Fala logo. Com quem você está transando?"

Droga. Bem no meio do café da manhã, também.

Eu disfarço um sobressalto diante do quão perto da verdade o palpite de Perielle chega. Não vou deixar o resto da matilha ver fraqueza em mim.

Isso é um desafio. Eu sei que é porque a irritação de Anassa crepita como um rosnado, as paredes entre nós temporariamente mais finas. Ela se sente ofendida pelo ataque de Perielle, como se um filhote tivesse acabado de mordiscar seu calcanhar.

Fiquei em silêncio por muito tempo. Só espero que isso projete confiança em vez de covardia.

"Por que você está perguntando?", interrompe Izabel. "Está preocupada que haja alguém aqui com quem você ainda não transou?"

Tenho certeza de que ela não se orgulha disso, mas eu me orgulho. Quero pegar a fachada majestosa e bonita de Perielle e quebrá-la em minhas mãos nuas com um estalo doentio, como se um osso estivesse quebrando. Quero sentir isso acontecer, e Anassa também.

"Na verdade, Venna", diz Perielle, misturando deliberadamente os nomes das gêmeas, "eu já encontrei a companheira da minha loba."

Ela acena com a mão em um gesto indiferente em direção à outra metade da sala comunal, e meus olhos a seguem até Jonah. O cruel Daemos Rawbond acena de volta com um sorriso predatório. Seus olhos brilham como se ele estivesse imaginando transar com Perielle em uma poça do nosso sangue.

Sussurros se espalham pelo salão. Pelo que Izabel me disse bêbada na outra noite, lobos gigantes acasalados são muito raros. Isso deve estar dando a Perielle um sério viés de confirmação.

Em outras palavras: ela tem certeza de que é especial, e isso só prova isso.

Antes que eu possa processar o quão visceralmente perturbadora essa combinação é, Perielle varre meu prato da mesa. Ele inclina brevemente na borda antes de cair no chão, espalhando pedaços de fruta, pedaços de ovo e torrada pelo chão. A cerâmica se estilhaça com um estrondo ensurdecedor que silencia quaisquer conversas que ainda estivessem acontecendo.

Todas as pessoas na sala estão olhando para nós agora.

É o bullying mais mesquinho de parquinho que eu já vi, e tudo vindo de uma mulher que se considera uma rainha. Olho ao redor da sala, certa de que todos vão perceber.

Mas é Perielle. Um rosto bonito como o dela faz lavagem cerebral nas pessoas, levando-as a uma adoração irracional. Eles me encaram, como se estivessem ofendidos por eu ter sujado as botas dela com o café da manhã que agora não vou poder comer.

"Ops", diz ela, docemente. A mão de Izabel aperta o garfo com mais força.

Perielle é adorada. Quebrar seu rosto perfeito na frente de todos dificilmente ajudaria minha popularidade. Seria como arrancar os cabelos ruivos e brilhantes de Tomison. Não consigo fazer isso, então me abaixo e começo a juntar os cacos do meu prato quebrado.

Só que, no momento em que faço isso, o caminho mais difícil que tomei me coloca bem na linha de fogo.

A bota de Perielle se choca contra o meu rosto. Me chutando como um cachorro, então?

Não.

O instinto me invade, e eu desvio do golpe facilmente. Ela é lenta. Ou talvez tenha pensado que eu simplesmente me viraria e aguentaria como a plebeia que sou. Mas ela não sabe o quanto pessoas como eu tiveram que lutar todos os dias de nossas vidas.

Eu nunca simplesmente me deitei e aceitei qualquer coisa, e não vou começar hoje.

É preciso um esforço concentrado para não deslizar o pedaço de prato quebrado entre suas costelas. Mas consigo soltá-lo e me levantar lentamente. Sinto uma pressão no meu peito como o início de um rosnado. Perielle não recua, mas também não tenta me bater novamente.

Falo devagar e claramente para que todos nesta sala possam ouvir. "Tenho certeza de que você está acostumada com esses outros Elos se curvando diante de você e se despedaçando para obter sua aprovação, mas, como você bem sabe, eu não sou uma deles. Tente me chutar de novo, e eu corto seu pé no tornozelo e o dou para o meu lobo comer."

A diversão sombria de Anassa se acende no silêncio que se segue. Ela está satisfeita, como se minha fúria tivesse preenchido sua barriga.

Talvez seja realmente isso que ela quer de mim, então — mais violência.

Perielle se aproxima, e eu me preparo para qualquer coisa. Eu decidi. Vou quebrar o nariz dela se ela me empurrar.

"Tranque a porta hoje à noite, sua vagabunda", ela sibila antes de se virar, sacudir o cabelo e ir embora.

A conversa recomeça ao nosso redor. Sem dúvida, eu sou o assunto da maior parte. Suspiro internamente e me acomodo novamente no meu lugar. Izabel toca meu ombro brevemente antes de eu começar a limpar a bagunça depois da birra da rainha.

Então. O vínculo da matilha está indo muito bem.

A tensão do café da manhã me persegue pelo resto do dia. Continuo a vislumbrar as pessoas ao meu redor. Nem todas demonstram desprezo — algumas são mais curiosas —, mas o zumbido constante de atenção é tão irritante quanto os ventos de inverno batendo contra uma janela tarde da noite.

Nossa primeira aula de comunicação com lobos com o instrutor de Kryptos, Gamma Samson Whyte, ajuda a desviar um pouco da atenção. Entramos todos juntos em uma sala. Sua voz é clara enquanto ele se projeta pelo auditório.

“Os Rawbonds sempre perguntam como funciona exatamente a conexão, porque mesmo que você já tenha visto seus amigos e familiares se comunicando com seus lobos, você não entende de verdade até vivenciar pessoalmente pela primeira vez. Então, deixe-me perguntar: seu lobo está na sua cabeça o tempo todo, vendo através dos seus olhos?”

A mão de Izabel se levanta primeiro, como sempre. “Não, senhor”, ela diz. "A conexão funciona conectando nossos pensamentos e emoções. Os lobos gigantes não estão realmente em nossas mentes ou corpos, só parece que estão porque eles ouvem tudo."

"Correto", diz Samson. "Bem, quase certo. Os lobos gigantes mais poderosos conseguem ver através dos olhos de seus cavaleiros, mas isso é muito raro e

requer um vínculo extremamente forte. Para o resto de nós, é apenas uma troca interminável de pensamentos e emoções."

Interminável. Ótimo.

"Deve parecer agora que você e seus lobos têm um canal de comunicação aberto que não pode ser desligado. É constante, não é?", pergunta ele, andando de um lado para o outro na frente da sala, seu cabelo loiro-claro chocando-se contra o quadro-negro atrás dele.

Com base nos acenos de cabeça e nos ruídos de cumplicidade, sim, a maioria concorda.

Bem, que droga. Um canal aberto? É isso que todo mundo experimenta? Nenhuma parede fria e implacável para se chocar toda vez que tentam alcançar seus lobos?

Só eu, então?

“Seus pensamentos e os pensamentos do seu lobo gigante, neste momento, provavelmente estão se alternando regularmente. No entanto, não é bem assim”, explica ele. “Só parece assim, pois o vínculo de vocês é fraco e vocês estão buscando fortalecê-lo. Mas tanto lobos quanto cavaleiros podem controlar seu nível de conexão mental.”

Ele se vira para o quadro-negro e desenha figuras rudimentares de uma pessoa e um lobo, com duas linhas horizontais conectando-os. Em seguida, desenha uma linha vertical grossa cruzando as conexões.

“Seus lobos não querem saber o que você comeu no café da manhã, assim como você não quer ser bombardeado com cada pensamento deles”, continua Samson. “Os laços mais fortes são seletivos.” Com isso, ele circunda a linha divisória.

Seletiva. Bem, Anassa é tão seletiva quanto parece. Ou seja, ela optou por nunca falar comigo.

A aula se transforma em uma meditação guiada. Samson nos instrui a fechar os olhos em nossos assentos e pensar em nossos lobos. Limpar tudo, exceto nossa conexão. Procure o caminho entre nós e siga-o até a conclusão, depois comece a manipulá-lo e navegá-lo.

Construa muros. Derrube-os. Molde a conexão como se estivesse guiando um rio.

É impiedosamente inútil.

"A esta altura, você já deveria sentir um muro em sua mente", grita Samson.

Agora, sempre, qual é a diferença?

"Você pode usar isso para controlar o que você deixa ou não seus lobos vivenciarem. Imagine levantar o muro e depois derrubá-lo. Se não conseguir levantá-lo, pense em uma maneira de atravessá-lo — imagine que você está

criando um buraco nele."

Anassa é impenetrável, e eu não estou progredindo. Qualquer amassado que eu consiga fazer me inunda novamente com um descaso frio um instante depois de abri-lo. Em pouco tempo, minha cabeça começa a doer com o esforço.

No final da aula, estou encharcada de suor e exausta. Não é apenas um esforço mental. Sinto como se tivesse batido meu corpo inteiro contra uma parede de metal por duas horas.

Minha mente está em carne viva. Meus pensamentos ardem como pele raspada exposta ao ar.

E eu odeio essa eterna sensação de rejeição.

Mas preciso dominar essa conexão com minha loba gigante, quer Anassa goste ou não. É a única maneira de encontrar Saela.

"Anassa", penso em direção a ela, sem saber o que está recebendo, se ela consegue me ouvir. "Se isso é algum tipo de teste, tudo bem. Saiba que eu nunca desisto. Vou continuar batendo contra esta parede até que você finalmente me deixe entrar, sua teimosa."

OceanofPDF.com

CAPÍTULO VINTE

Uma semana se passa em um borrão doloroso e entorpecente.

Acordo com dor. Deito-me para descansar com dor. Não consigo me mover livremente sem favorecer alguma parte do meu corpo.

Todos os dias: treinamento de combate, prática de equitação, aulas para revisar estratégias de batalha, tipos de magia ou história. Todos os dias, continuo a entrar em contato com Anassa, com muito pouco progresso.

E todas as noites, quando me tranco no meu quarto particular, tento com todas as forças não pensar no homem que me cedeu este quarto, ou nas palavras que ele disse no jardim. Não tenho espaço mental para alimentar um coração partido agora.

Ainda estou sofrendo com a dor de cabeça permanente que pareço ter ultimamente, enquanto me arrasto para a aula de estratégia esta manhã. Mas antes que eu possa chegar à sala de aula, uma voz chama meu nome. Paro de repente e levanto a cabeça, confusa.

Henrey está parado ali com as mãos nos bolsos. O Líder Aldrich está ao lado dele, acariciando a barba.

O homem mais velho sorri para mim, e é... surpreendentemente gentil. É o primeiro sorriso verdadeiramente gentil que acho que já vi de um instrutor. Ele aprofunda as linhas de expressão ao redor dos seus olhos. E me lembra do meu pai, de repente e de forma chocante. Meus ombros caem.

"Vocês se juntariam a nós na minha sala?", pergunta Aldrich.

Eu me aproximo deles. "Para... o quê?"

"Turma", diz ele, virando-se e caminhando pelos corredores ecoantes.

Olho para Henrey, com a sobrancelha erguida. "Que porra é essa? Só nós?", sussurro.

"Só você", diz Aldrich por cima do ombro, aparentemente não ficando surdo

com a idade avançada. "E, por favor, evite palavras grosseiras."

Bufo e cruzo os braços, seguindo-a obedientemente. Não que eu quisesse assistir a mais uma das palestras de estratégia de Egith, de qualquer forma.

Aldrich para em frente a uma porta de prata incrustada com uma barra alta perolada como maçaneta. Há um lobo gravado nela — o que mais poderia ser? — seu corpo curvado em ângulos impossíveis para enfatizar a beleza de sua pelagem esvoaçante. Seu olho é um rubi enorme alojado bem na prata elegante.

Penso brevemente em tentar arrancar a pedra e entregá-la à minha mãe de alguma forma antes que Aldrich abra a porta e nos conduza para dentro.

A sala é menor do que a maioria no castelo, mas é alta. Cada parede é coberta por estantes de livros, repletas de tomos empoeirados e armários em forma de diamante abarrotados de pergaminhos amassados. E as paredes sobem dois, três andares. Em cada andar, há uma pequena varanda circundando a sala, acessível por escadas que parecem estar montadas em trilhos para deslizar pelas prateleiras.

No centro da sala, há uma mesa redonda coberta de livros e papéis, além de alguns jarros com o que parecem ser flores ou ervas secas. Não há velas ali, apenas lamparinas a óleo. Talvez para proteger o papel.

Aldrich resmunga enquanto empurra um quadro-negro em direção à mesa, gesticulando para que nos sentemos. Henrey nem hesita, então engulo minhas perguntas e puxo uma cadeira.

Olho para Henrey novamente, que parece um pouco desconfortável. Ele observa o instrutor pegar um pedaço de giz e começar a escrever no quadro empoeirado. Não falo muito com Henrey desde a Ascensão, mas ele parece um Rawbond decente.

Ele cavalga bem. Maneja bem a espada e o arco. É determinado e dedicado.

Se esta é a aula de recuperação, não faço ideia de por que ele está aqui.

Henrey parece estar se perguntando isso também, porque ele se intromete. "Líder Aldrich, se me permite perguntar..."

"Você está aqui porque há lições que não aprendeu. Lições que todos os outros aprenderam no colo de suas mães."

Ah. Certo.

Histórias de famílias unidas, esse tipo de coisa. Enquanto as lições que eu recebia no colo da minha mãe envolviam principalmente delírios insanos sobre "os gêmeos".

Henrey afunda na cadeira, com o rosto corado. Ele não olha para mim, mas eu sei o que ele está pensando.

Nós contra eles.

Esta é apenas mais uma maneira de não sermos como os outros.

"Então, quais... lições, exatamente, aprenderemos?", pergunta Henrey.

"Tudo o que vocês precisam para ter sucesso aqui. A história dos lobos gigantes. A dinâmica da matilha. Quero dar a vocês as ferramentas necessárias para se verem como verdadeiramente unidos", ele responde.

Verdadeiramente unidos, hein? Nem em mil vidas. Aceitei minha situação, mas nunca me verei como um deles. Eu teria que apagar tudo o que sou para chegar lá, e eu morreria lutando primeiro.

Ainda assim, não consigo exatamente me levantar e gritar na cara dele, saindo furiosa. Tenho quase certeza de que mandariam Stark atrás de mim.

Só de pensar nisso me faz tremer enquanto me acomodo no assento para o que sem dúvida será uma aula longa e terrivelmente entediante.

E é. Mas pelo menos a voz de Aldrich é suave e fluida, não áspera como a de Egith ou feroz e fria como a de Stark.

Aldrich discute a estrutura geral da matilha primeiro. Eu já tinha aprendido a maior parte disso com Izabel e apenas absorvendo as coisas, mas ele preenche as lacunas.

Há as quatro matilhas distintas, que ele rabisca no quadro com uma série de leves batidas e traços de giz. Cada uma desempenha um papel crucial na defesa do reino e dos humanos dentro dele contra os agressores Sifões, que nos drenariam a todos com sua hedionda magia de sangue.

“Os Daemos são conhecidos por sua brutalidade e destreza em batalha. Seus Elos tendem a ser grandes e temperamentais. Seus lobos, ainda mais”, diz Aldrich.

“Todos os lobos deles são tão brutais quanto Cratos?”, pergunta Henrey.

Cratos. O lobo gigante de Stark.

“Hm. Não”, diz Aldrich. “Cratos é... dominante. Um par alfa.”

“Que alívio”, resmunga Henrey. “Ainda não estou ansioso para o treinamento entre alcateias.”

"Ah, mas deveria", Aldrich interrompe. "Vocês são de Phylax. Os guardiões. Vocês aprendem a se misturar com todas as outras matilhas, apoiá-las e protegê-las."

Seu olhar se volta para mim.

"E Meryn, Strategos", diz ele, apontando para o nome no quadro. "Os táticos e líderes. Mestres da estratégia. Vocês, mais do que qualquer outra matilha, precisam aprender a cooperar com os demais."

Cooperar. Tento imaginar. Cavalgando para o campo com as outras matilhas ao nosso lado.

Droga, Daemos, com aquele merda do Jonah. Eu deixaria Anassa eliminar os fracos de lá. Prefiro me engasgar com um ovo pochê luxuoso no café da manhã

do que cooperar com ele.

"E, claro, há os Kryptos, os caminhantes das sombras. Eles são especialistas em furtividade e coleta de informações", continua Aldrich. "Acima de todos nós", ele continua, circulando um nome que escreveu acima dos nomes das matilhas. Siegrid Therion. "A Alfa Soberana, atualmente uma mulher temível chamada Siegrid que pode se comunicar com todos os lobos de todas as matilhas. Um feito de imensa força e controle. Ela é a líder dos Vinculados e serve como a segunda em comando do rei."

Uma lembrança me atinge da orientação. As duas mulheres que cobiçavam Stark mencionaram que sua mãe era a Alfa Soberana. É claro que ela é. Stark se move com a confiança violenta de alguém que sabe que nunca se meterá em encrenca. Nepotismo em sua melhor forma.

"Como a Alfa Soberana é escolhida?", pergunta Henrey, dando voz a algo que também estou me perguntando.

"Linhagem familiar", Aldrich lhe diz. "Os Therions são os protetores juramentados da coroa desde que me lembro."

O que significa que, depois da mãe dele, Stark se tornará o Alfa Soberano e estará no comando de todos nós. Ótimo.

Inclino-me para a frente. Uma pergunta me assombra, uma que venho me perguntando há algum tempo.

"Se o rei não está realmente ligado a um lobo, por que ele mantém o controle absoluto sobre os lobos e os Vinculados?"

Aldrich parece satisfeito por eu estar interagindo. "Boa pergunta! Tem sido assim desde tempos imemoriais. O papel do rei é garantir que os plebeus sobre os quais ele reina sempre tenham um equilíbrio de poder igual ao dos Vinculados e dos lobos gigantes. Então, embora Siegrid seja o mais poderoso entre os Vinculados, em última análise, todos nós respondemos ao rei."

Faz sentido, em teoria.

Mas na prática? O que devemos fazer quando o homem designado para proteger os interesses do povo começa a nos ignorar? Quando ele prefere assistir seus lobos desfilando mortos pelas ruas ou dormir com Rawbonds relutantes com metade da sua idade do que investigar, ou mesmo notar, os sequestros de crianças em suas cidades?

"Agora, detalhes", continua Aldrich. "Tenho certeza de que vocês dois estão bem familiarizados com comunicação telepática a esta altura..." Nossa. "—mas você deveria saber que os lobos podem se comunicar telepaticamente dentro de suas próprias matilhas, mas normalmente não conseguem falar através das linhas da matilha a não ser através do Alfa Soberano."

"Como isso funciona?", pergunta Henrey.

"Ela é essencialmente um canal. Pense nela como uma tradutora, transmitindo uma língua estrangeira para você em palavras que você consegue entender", ele responde. "Dentro de suas próprias matilhas, os lobos podem se comunicar livremente. E então, é claro, você com seus lobos."

"É o mesmo para todas as matilhas?", pergunta Henrey.

"Sim. A hierarquia também é a mesma. Um alfa liderando cada matilha, seguido por seus betas que cuidam das operações do dia a dia, e depois os gamas que cuidam de quaisquer outras tarefas de liderança. É muito raro que os Rawbonds tenham instrutores de tão alto escalão. As Provas deste ano produzirão Elos incrivelmente talentosos, eu posso dizer."

"Alfa Stark", eu digo abruptamente. Os dois me encaram. Minhas bochechas coram e eu as ignoro habilmente. “Por que ele está aqui e não na linha de frente?”

Aldrich coça a barba. "Não posso explicar os motivos, a não ser que o Alfa Soberano faça essas escolhas", responde. Isso pode significar que ele não sabe, ou simplesmente não quer ou não pode nos contar. "Mas pode ter algo a ver com a influência da matilha. Daemos e Strategos frequentemente disputam o domínio."

Algum tipo de jogo de poder? Alguma tentativa de fazer Daemos subir de patente? Não duvidaria disso.

Ou talvez o Alfa Soberano só precisasse de um descanso do filho bruto.

"Você verá que Kryptos opera de forma mais independente e Phylax mantém uma neutralidade cuidadosa na maioria dos assuntos", explica Aldrich.

E ele continua. E continua.

Começo a me distrair, minha mente vagando para aquela visão de Lee novamente. Killian. Parado ali na penumbra do jardim, olhos me buscando.

Pare, digo a mim mesmo. Não desperdice seu poder intelectual com ele.

Aldrich salta da cadeira, correndo até o quadro para responder a uma pergunta que Henrey deve ter feito.

"Assim", exclama, desenhando uma longa linha ondulada com o giz. Bate palmas com as mãos empoeiradas. "Um vínculo fluido. Uma conexão como um rio. Imparável. Constante. Em constante mudança."

"Hã?", resmungo, com o queixo apoiado na palma da mão.

"O vínculo que você sente", responde ele, batendo na têmpora. "Sua energia. Suas almas. Seus espíritos. Os lobos escolhem seus Elos com base na compatibilidade daquela parte inominável e multinomeada de nós que desafia qualquer classificação verdadeira. Eles sabem, instintivamente, quem somos. Cada parte de nós. E esse reconhecimento inicial, como um chamado para gostar, se aprofunda com o tempo, como um rio abrindo um caminho sinuoso

através da pedra mais dura. Experiências compartilhadas, emoções. Confiança. Você só se tornará mais próximo do seu lobo gigante."

Confie em mim, Líder Aldrich. Só pode melhorar daqui para frente.

O que exatamente isso diz sobre mim? Uma fera verdadeiramente selvagem e cruel olhou para mim e pensou: "Essa. Eu fico com essa."

Mas, pensando bem, ela me odeia, então talvez tenha se ferrado.

"Tenho uma pergunta", interrompo.

O entusiasmo de Aldrich não diminui. Ele claramente adora discutir laços de lobos gigantes. "Claro."

"Lobos já rejeitaram seus cavaleiros escolhidos depois do fato? O que acontece depois?"

Ele claramente hesita. É o tipo de hesitação que significa que ele está considerando cuidadosamente como responder, porque a maneira como ele responde importa aqui. "É praticamente inédito."

"Virtualmente?"

"Você viu os lobos em treinamento, Meryn", diz Henrey. "Quando um Vínculo não é bom o suficiente para eles, eles sabem. O Vínculo morre."

"Não é uma escolha da parte do lobo. É mais um instinto de eliminar fraquezas e proteger a matilha como um todo, mesmo que isso signifique a própria morte", acrescenta Aldrich. "Como você já deve ter aprendido, o vínculo lobo/humano não pode ser mantido depois de formado — e se for, resulta na morte de ambos os seres. Às vezes, os lobos rejeitam seus escolhidos durante a Ascensão, mas o vínculo não se solidificou naquele momento e o lobo sobrevive."

"Eu me referia à questão espiritual", digo. "O que acontece quando um lobo muda de ideia sobre essa parte?"

Aldrich me encara. "Isso... Não, um lobo reconhece todos nós desde o início. Não é uma decisão que eles tomam levianamente. É íntimo. É mais profundo do que caprichos e estados de ânimo passageiros. Assim como..." Ele faz uma pausa e se vira para o quadro. "Ah, você vai achar esta parte interessante. Já ouviu falar de laços de companheirismo?"

Henrey se senta ereto imediatamente. "Uma conexão de vínculo entre lobos."

"Precisamente, reconhecida em momentos de intimidade", diz ele. “A chave do que você acabou de dizer é entre lobos. Os lobos gigantes, uma vez acasalados, acasalam para a vida toda. Seus cavaleiros não precisam estar juntos romanticamente, embora isso facilite as coisas, porque os laços de companheirismo têm propriedades únicas.”

Detesto admitir, mas meu interesse aumenta.

Essas raras conexões entre lobos permitem que seus cavaleiros se

comuniquem telepaticamente, mesmo entre as linhagens da matilha, sem a ajuda do Alfa Soberano. Lobos gigantes acasalados são estimados porque podem proteger uns aos outros — e, por sua vez, seus cavaleiros e suas matilhas — ainda melhor durante a batalha. Também porque lobos gigantes acasalados frequentemente resultam em filhotes de lobos gigantes, dando continuidade à linhagem dos Elos. No entanto — ele se afunda na cadeira novamente —, lobos acasalados se tornaram cada vez mais raros nos últimos séculos.

Talvez porque vocês, seus esquisitos, continuem deixando todos os lobos gigantes morrerem em treinamento. Já pensou nisso?

Aldrich respira fundo e passa a mão no rosto. Se há uma coisa que você deve aprender com esta lição, é que a linhagem dos Vinculados deve ser respeitada. Você simplesmente não pode pensar em seus lobos como meras montarias para cavalgar em batalhas e abandoná-las nos estábulos quando o dia termina. Eles são seres ancestrais e inteligentes, com sua própria cultura e tradições. Moldamos nosso treinamento em torno deles e buscamos imitá-los. Aprendemos com eles. Tentamos ver o mundo através dos olhos deles. É assim que você deve seguir em frente, se quiser sobreviver.

Henrey e eu terminamos a aula com essas palavras ainda ressoando no ar úmido e pesado. Saímos para o corredor e seguimos em direção aos aposentos dos Vinculados, caminhando em silêncio por um tempo antes que eu não aguente mais.

"Estou feliz que você tenha conseguido passar pela Ascensão", digo a ele. "Eu sei o quanto se tornar Vinculado significou para você."

Os corredores estão vazios. Acho que todos os outros ainda estão na aula. Ele para de andar em frente a uma das janelas imponentes no longo corredor que liga a ala acadêmica à sala de convivência. Além dela, o sol da tarde brilha nos gramados cobertos de neve.

Henrey me olha com cautela e se encosta na parede. "E você? Achei que não quisesse essa vida."

Uma pontada aguda de tristeza me atinge no peito. O peso frio e pesado dela me envolve como uma pedra.

"Eu não", digo, antes de corrigir: "Eu não. Anassa me escolheu mesmo assim, e eu pensei que conseguiria me safar disso, mas percebi que não se pode... deixar de ser Elo. Então, preciso sobreviver às Provas. Minha irmãzinha foi levada pelos Nabbers. Foi por isso que me alistei, para tentar encontrá-la."

Henrey me encara sem expressão.

"O quê?", pergunto.

"O que é um Nabber?"

Meu sangue gela. O medo me envolve como uma espessa camada de neve.

"Vocês não... têm Nabbers em Blumenfall?" Talvez seja uma diferença de terminologia, talvez os chamem de outra coisa. "Sifões que estão roubando as crianças? Crianças são sequestradas de suas camas à noite."

Sua testa se franze e ele balança a cabeça. "Eu nunca ouvi falar de..."

A buzina ensurdecedora nos chamando para a próxima aula soa pelos corredores. Estremeço, cerrando o maxilar enquanto o som piora minha dor de cabeça. Sigo Henrey rapidamente, ligeiramente tonta.

Não há Nabbers em Blumenfall. Não entendo.

Blumenfall fica muito mais perto da linha de frente do que Sturmfrost. Por que os Sifões ignorariam alvos mais próximos e fáceis para sequestrar crianças daqui?

Henrey segue para qualquer classe que a matilha Phylax tenha, e eu vou para o campo de treinamento para treinamento de combate.

Minhas próprias sessões de tortura pessoal.

Stark já está andando pelo terreno com Cratos. Enquanto me junto aos outros, observo-o com o canto do olho. Ele nos circula como um predador procurando o elo mais fraco da manada.

A cabeça de Stark se vira, e a de seu lobo também. Cratos se move, e o corpo de Stark o segue. Sua própria forma robusta se move fluidamente sobre as costas de Cratos enquanto as omoplatas do lobo se movem sob ele.

Detesto ver isso. Nunca estarei lá, nunca conhecerei essa sensação total de compreensão e conexão. Cavaleiro e lobo se movendo como uma unidade mortal, músculos, pelos, couro e aço em perfeita harmonia.

Desvio o olhar dele, encarando a mancha de sangue na areia. É muito mais provável que eu acabe assim.

Ontem, uma recruta de Kryptos chamada Alix perdeu o controle durante uma manobra defensiva básica.

As pessoas estavam falando sobre isso no salão comunal esta manhã. Aparentemente, aconteceu rápido. O lobo dela se voltou contra ela de repente, rasgando sua garganta antes que alguém pudesse intervir. Ela morreu ali mesmo na areia.

Tudo o que posso fazer é lutar.

"Concentração hoje, hein?", diz Tomison, dando um tapa no meu braço.

Eu franzo a testa, irritada porque ele está insinuando que eu estava sem foco até agora. "Diga isso para Anassa", digo, franzindo a testa enquanto ela e o resto dos lobos gigantes entram no campo de treinamento.

Ele bufa. "Eu escolho a vida", diz ele, indo em direção ao seu lobo.

"Hoje vamos começar com espadas", Stark berra montado em Cratos. "Pegue sua arma e monte em seus lobos. Agora!"

Isso deve ser ótimo para mim, considerando que nunca toquei em uma espada antes.

Pego uma das espadas de madeira para praticar perto da parede e monto em Anassa. Ela tolera isso, pelo menos, e está ficando mais fácil. Mas não melhoramos no resto.

Ela é muito impulsiva, muito independente. Toda vez que a toco, esbarro nesse bloqueio. Ela prefere roer o próprio rabo a me deixar guiar seus movimentos.

O treino segue previsivelmente. Bater. Cair. Bater. Cair. Bater. Cair.

Toda vez que bato no chão, encontro os olhos de Stark em mim. Ele não está sorrindo — duvido que o homem seja capaz de uma expressão tão frívola —, mas mesmo assim consigo ver sua diversão transparecer em seu olhar. Ele está absolutamente encantado por eu estar comendo terra.

O chão se precipita para me encontrar pela quarta vez nesta sessão de treinamento.

Eu resmungo, caindo feio sobre meu braço e quadril, mas suavizando o impacto com um leve rolar. Areia entra nos meus olhos e boca, e eu cuspo, piscando rapidamente.

"Levanta, princesa!" Stark rosna para mim. "Ou você é frágil demais para o combate?"

Sibilo baixinho e cravo os dedos na areia, apertando a outra mão em volta da espada de treino. Anassa está ao meu lado, me encarando como sempre, sem fazer absolutamente nenhum movimento para me ajudar.

Fechando os olhos brevemente, concentro-me na dor no meu corpo, lutando para controlá-la, respirando com dificuldade pelo nariz.

Use-a. É o que Igor sempre pregou. É o que a minha vida me ensinou.

Na dor, há poder.

Embora eu me sentisse bem poderosa se a minha odiosa loba gigante usasse alguma magia de cura em mim. Anassa continuou a me privar disso, dignando-se a curar meus ferimentos apenas quando queria — o que tem sido, como o resto dela, totalmente imprevisível.

Eu me levanto. A espada de treino é impossivelmente pesada na minha mão, mas eu a levanto mesmo assim. O grito no meu ombro só me deixa mais determinada. Meus braços tremem com o esforço.

Sangue escorre do meu lábio cortado, o gosto forte de ferro se misturando à sensação áspera de areia na minha língua.

O exercício deveria ser simples. Cavalgar em círculos enquanto desvia dos golpes de outros cavaleiros. Mas sem a cooperação de Anassa — mais precisamente, com sua rebeldia descarada — cada movimento é uma batalha.

Ela continua se movendo deliberadamente nos momentos errados, me desequilibrando.

Eu continuo caindo, sim. Mas também estou sendo golpeado repetidamente com espadas pesadas de treino. Parece que meu corpo inteiro é uma contusão enorme.

De volta e montado novamente, sinto as emoções de Anassa novamente pela primeira vez em muito tempo. É um fio nauseante de diversão sombria, quase selvagem. Ela sabe que me prendeu entre os dentes e está se divertindo saboreando meu medo antes de me engolir.

Galopei juntos. Ela se move de repente. Estou focado em tentar permanecer montado. O vento frio me açoita. O peso da espada e do meu próprio corpo me arrastam. O bater estrondoso das patas ecoa em meus ouvidos.

Mesmo assim, eu o ouço. Tarde demais.

"Guarda!" Stark grita, a voz estalando como um chicote.

Perielle investe contra mim e sua espada de treino atinge minhas costelas com um golpe violento, provocando uma fissura branca de dor em meu torso já brutalmente machucado.

Engasgo e me curvo, os olhos lacrimejando, agarrando-me fracamente ao pelo de Anassa. A espada cai da minha mão enquanto agarro a lateral do corpo, fechando os olhos com força e me concentrando em não desmaiar.

Patas pesadas batem na areia ao lado de Anassa.

Forço meus olhos a abrirem, mostrando os dentes.

"Eu disse para você ficar em guarda", diz Stark, com a voz perigosamente baixa. Seus cabelos escuros caem sobre os olhos de um jeito que ficaria charmoso em qualquer outro homem, mas não suaviza o olhar assassino que ele me lança.

Antes que eu possa abrir a boca para me defender, ele desliza por Cratos, fecha sua mão enorme em volta do meu braço e me puxa para longe de Anassa. Eu desço desajeitadamente, sua mão ainda apertando meu bíceps.

Anassa observa tudo isso com o que eu só consigo imaginar como um sorriso irônico.

Então, ele estende a outra mão até a bainha exposta da minha camisa e, num piscar de olhos, a agarra e a puxa para cima, até pouco antes da base dos meus seios. O ar frio do inverno arde na minha pele.

Meu rosto fica vermelho e tento me desvencilhar dele, puxando meu braço, mas ele é uma força inabalável. "Tire as mãos de mim", digo entre dentes.

O resto do bando ficou em silêncio, assistindo ao espetáculo com a respiração suspensa. Os olhos de Perielle brilham de alegria. Obviamente, nenhum deles vai intervir, e eu não os culpo. Eu também não gostaria de ser alvo

da ira desse homem; infelizmente, parece que fui destinada a isso.

Stark ignora minha exigência, movendo a bainha da minha camisa para a mão que segura meu braço. Então, ele cutuca minhas costelas doloridas.

Sibilo e olho para baixo. A área atingida por Perielle está vermelha, já arroxeada. Definitivamente machucada, possivelmente até quebrada. Mas é apenas uma das muitas marcas roxas que salpicam meu torso. Tenho uma verdadeira coleção, acumulada dia após dia.

Ele cutuca a marca roxa novamente, a dor me percorrendo. Foda-se esse cara.

Inclino a cabeça para trás e cuspo na cara dele.

Os olhos negros de Stark lentamente se afastam dos meus ferimentos e se fixam nos meus. Consigo ver seus pensamentos tão claramente como se os tivesse dito em voz alta.

Ele vai me fazer pagar.

Mas, em vez de fazer qualquer coisa imediatamente, ele limpa a saliva da bochecha e se vira para Anassa, apontando para minhas costelas. "Você quer fazer alguma coisa sobre isso?", pergunta ele, com a voz mais calma e respeitosa do que eu jamais ouvi.

Ela não se move, nem pisca seus assustadores olhos amarelo-dourados, mas ele parece entendê-la mesmo assim.

Não, ela não entende.

Stark finalmente solta meu bíceps, que agora parece tão machucado quanto minhas costelas, e eu rapidamente puxo minha camisa de volta para baixo, afivelando a frente da minha jaqueta de couro para que ele não possa tentar aquela merda de novo. Quando termino, olho para cima novamente e, sem surpresa, Stark ainda está me encarando.

"Patético. Você é fraco", diz ele cruelmente, sua voz ecoando por todos os outros. "E você vai continuar fraco."

Ergo a coluna diante do desafio em sua voz. Ele não me conhece. Nunca deixei que coisas difíceis me quebrassem e não vou começar agora.

"Você representa uma ameaça para todas as alcateias desse jeito", continua ele. "E eles vão descobrir isso em breve, a menos que você melhore. Volte para o seu lobo gigante." Ele se vira, franzindo a testa ao ver que todos pararam, nos observando. "Todos, de novo!"

Idiota.

"De novo!" Stark ordena, virando-se para mim. "Até você acertar ou se juntar a Alix na areia."

Tremendo, tento pegar minha espada na terra. Quando o faço, Cratos me ataca e eu tropeço. Eu me esforço para superar o medo, a raiva, a dor. Montei em

Anassa novamente.

Continuarei lutando para sempre, se for preciso.

Os outros Rawbonds nos cercam. Tenho a sensação de que nenhum deles realmente quer me desferir outro golpe depois da forma como acabei de ser humilhado publicamente, mas eles sabem que precisam obedecer.

Nenhum deles quer deixar que minha fraqueza os derrube, com medo de que o alvo nas minhas costas salte para as deles.

Erguendo a espada novamente, minha mente se estreita.

Vejo vermelho, a fúria correndo pelo meu sangue. Ela sobe à superfície através dos meus hematomas, derramando-se no ar ao redor. Algo afiado e cortante atravessa a parede de ferro em minha mente. A consciência de Anassa, aguçada em algo mais sombrio.

Ansiosa. É quase antecipação, desaparecendo novamente atrás da parede tão rapidamente quanto surgiu.

Ao final da sessão, estou arruinada. Meu corpo é um mapa de ferimentos recentes. Meu rosto. Minhas costelas. Minhas pernas. Meus braços foram os que mais sofreram, doloridos de carregar e brandir a lâmina, bem como dos golpes que levaram quando eu não conseguia desviar direito. Há bolhas terríveis em minhas mãos, sangrando em alguns lugares.

Sinto-me completamente dilacerada.

E ainda assim aquela vadia não me cura.

Mas é a farpa de despedida de Stark que corta mais fundo do que as feridas. "Nesse ritmo, princesa, você não vai sobreviver o suficiente para ganhar sua primeira marca de morte de verdade." Um olhar frio, um levantar de queixo. "Que pena. Essa tatuagem no pescoço parece solitária."

Suas palavras reverberam na minha cabeça dolorida. Toco a tatuagem com a ponta dos dedos, lembrando-me da picada da agulha, da intensidade do seu olhar.

O calor lascivo da sua língua.

Manco até o meu quarto particular, ignorando os sons agora familiares de corpos se misturando que emanam das áreas comuns. Não consigo poupar meus olhos completamente, porém, vislumbrando pessoas enroscadas no chão, nas camas, contra as paredes.

Na semana passada, acidentalmente peguei pessoas transando mais vezes do que consigo contar. Toda noite, a brasa sai e as pessoas se jogam umas nas outras. Nas horas vagas entre treinos ou refeições, elas se jogam umas nas outras. Logo de manhã, elas se jogam umas nas outras.

Eles levam muito a sério essa busca pelas companheiras de seus lobos gigantes, eu acho.

Izabel tem tentado me convencer a participar à noite, a flertar com pessoas de outras matilhas ou a jogar jogos de bebida com elas, mas eu tomo no máximo uma taça de vinho antes de me trancar no meu quarto. A atitude casual do Elo em relação ao sexo nunca deixará de me envergonhar.

Odeio que isso ainda me faça sentir uma onda de calor. Não consigo acreditar que meu corpo ainda tenha energia para se sentir assim depois da sessão que acabei de sofrer.

Abro a porta com um puxão e entro, fechando-a e batendo contra ela, exausta.

Então é apenas um silêncio abençoado e lindo, livre de sermões, idiotas gritando comigo e pessoas que mal conheço gemendo a plenos pulmões.

"Mer", ele diz baixinho.

Lee. Não, Killian. Killian.

Sozinho, no meu quarto, me esperando.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO VINTE E UM

É chocante vê-lo parado ali, com os cabelos loiros dourados à luz da tarde. Sua silhueta grande se destaca contra a parede clara. Seus olhos azuis profundos estão arregalados, embora eu ainda não tenha dito uma palavra. Por um momento, é como se eu tivesse voltado no tempo.

É como se eu estivesse encontrando Lee me esperando depois de uma luta difícil, e meu peito, mesmo agora, aperta com uma saudade familiar.

Então a realidade volta à tona.

"Saia", eu estalo.

Killian suspira e ergue uma bolsa de couro marrom. Eu já sei o que tem dentro. Suprimentos médicos. "Posso pelo menos cuidar de você primeiro?"

Odeio como me sinto quando seus olhos se voltam para meus hematomas. Fraca, como Stark disse. E pior, solitária.

"Killian..." O nome ainda tem um gosto estranho na minha boca.

"Por favor."

"Eu não..."

"Você está machucado", ele diz claramente. Não há espaço para discussão; estou machucado, e ele vai me consertar, como sempre fizemos.

A contragosto, sem dizer uma palavra, sento-me na cama. Digo a mim mesmo que só estou fazendo isso porque estou machucado. Já estou com dificuldades. O treinamento será ainda mais difícil se eu for retardado pela rigidez e pela dor.

Se Anassa não estivesse se recusando a me ajudar, esses cortes e arranhões não fariam diferença. Meus ferimentos já deveriam estar curados. Cada pequena picada é um lembrete do que estou enfrentando. O ódio de Anassa, seu desdém, sua crueldade. Está corroendo minha sanidade.

Um dia, em breve, ou eu morrerei em treinamento ou surtarei e tentarei cegá-

la com uma espada de treino. E provavelmente morrerei.

Killian se acomoda ao meu lado na cama. Imediatamente, desejo ter escolhido um lugar menos íntimo para sentar, mas meu quarto não oferece tantas opções para duas pessoas.

Ele se estica para me ajudar a tirar a jaqueta do corpo, mas eu o encaro e ele recua imediatamente. Recuso-me a demonstrar qualquer sinal de dor enquanto tiro o couro dos meus ombros e o jogo de lado. Recuso-me até mesmo a falar enquanto ele abre a bolsa e a vasculha.

"Como você sabia que eu precisaria disso?", pergunto finalmente. Ele andou me espionando?

"Foi só uma coincidência", diz ele, com a voz cansada. Ele está cansado disso, posso dizer, das minhas defesas endurecidas contra ele. "Ouvi dos meus servos que seu lobo estava se recusando a te curar, e eu ia simplesmente deixar isso no seu quarto. Não fazia ideia de que você voltaria agora."

Fico parada enquanto ele começa a desinfetar meus ferimentos. O cheiro familiar de antisséptico preenche meu nariz, forte e amargo. Persistente. Mexe com a minha cabeça. Me faz pensar que sou uma gata de rua novamente, aninhada no colo da única pessoa que já se preocupou em cuidar de mim.

Meu orgulho está rosnando, no entanto. Uma parte de mim rosna que isso não está certo. Que eu não posso deitar a cabeça e descansar em um lugar como este. Que Killian é a última pessoa que eu deveria deixar me ver fraquejar.

Lute, meu sangue pulsa, ainda mais alto onde pressiona minha pele na forma manchada de hematomas escuros.

Mas é tão, tão familiar. Dolorosamente. Reconfortante. O cheiro limpo de pinho de Killian. Os movimentos cuidadosos de suas mãos ágeis. A concentração em seus olhos enquanto toda a sua atenção se volta para tornar minha vida um pouco mais fácil.

Eu não consigo.

"Killian", digo, quebrando o silêncio.

Ele não reage mal quando uso seu nome completo. Talvez eu seja a única lutando para não cair no passado. Em Lee, em pequenos sorrisos e em um amor que eu pensei que nunca poderia vacilar.

Sua voz é baixa, profunda como o mar em seus olhos. "O que foi?"

Aponto para os arredores. Para minha surpresa, aposentos, emitidos por alguém acima da cabeça de Egith. "Você é responsável por isso?"

Kilian levanta os olhos do seu trabalho. Seus olhos encontram os meus, sem piscar e desafiadores de uma forma que me é tão familiar. O olhar que sempre disse: "Vou cuidar de você, goste você ou não".

Eu não odeio isso. Nunca odiei. Houve dias em que eu precisei disso.

Alguém para me abraçar e me prometer segurança. Alguém forte o suficiente para que eu pudesse confiar que cumpriria essa promessa.

Meu sangue pulsa com seu domínio, com a maneira como ele me desafia a desafiá-lo. Motivada pelo instinto, minhas coxas se contraem. Ele é simplesmente...

Porra, ele é tão lindo. Todas as suas mentiras, e essa verdade ainda permanece. Teimoso. Devastador. Viciante pra caramba. Ele me encara e a excitação aquece meu sangue instantaneamente. Lembranças das minhas pernas em volta dele, das suas mãos na minha pele, da solidez do seu abdômen passam pela minha mente como raios.

E aquele olhar em seus olhos. Inabalável. Quase zangado, mas não comigo. Com os homens com quem lutei no ringue, por machucarem meu corpo. Com a guerra, por tirarem minha infância de mim. Com o toque do ar invernal, por ousarem gelar minha pele.

Sem palavras, isso me diz que ele é definitivamente responsável pelos meus aposentos privados. Claro que é.

Aperto a ponta do meu nariz. A mão que estava pousando delicadamente no meu braço alisa minha pele, mas eu a empurro e me levanto.

Preciso de distância. Preciso ser capaz de processar as coisas sem o pensamento incessante de que, se eu apenas me inclinasse para a frente, poderia senti-lo novamente.

Respirando fundo para me estabilizar, viro-me para olhá-lo. "Você pintou um alvo nas minhas costas ao me separar da minha matilha", digo friamente. "Você entende o que fez? A posição em que me colocou?"

Seu maxilar se contrai. "Estou tentando te manter segura, Meryn. Você não tem ideia do que está enfrentando com essas pessoas."

A raiva me invade novamente, superando meu afeto confuso por ele. "O que você está mesmo..."

"Eu sei. Eu os conheço", ele retruca. Então, faz um esforço considerável para suavizar a voz e abrir o punho. "Meu pai está no comando direto deles, e um dia eu também estarei. Os Elos não são seus amigos, nem mesmo os da sua matilha. Para eles, todos aqui são descartáveis, ou moeda de troca. Sua vida está em risco com eles."

Eu zombo. "Isso é incrível, vindo de você. Saber quem é seu pai e como ele trata a vida dos outros."

O lábio superior de Killian se contrai de frustração. Ele se levanta, a paixão ardendo em seu olhar. "Quando eu for rei, tudo vai mudar. Eu juro. E se você me der uma chance, eu te conto mais sobre isso."

Eu o encaro em silêncio. Aparentemente incapaz de suportar, ele se aproxima

de mim. Eu fico tensa, mas ele não tenta me tocar. Seu olhar é ainda mais íntimo do que um toque, no entanto, e eu quero me aconchegar. Talvez em seus braços, talvez apenas para morrer.

"Eu queria te contar. Tudo, Meryn. Eu quero..." ele engole em seco. Há algo mal contido na maneira como ele segura o corpo. Tenso. Dolorido. "Eu quero ficar com você."

Eu cerro os dentes. "Como os nobres são com os Vinculados durante as Provas?", digo, e a tensão nele aumenta, os músculos se contraem. Talvez seja cruel, mas uma parte de mim se delicia em arrancar essa reação dele. "Você quer me foder e depois me descartar quando eu ficar cansativa?", digo só para doer.

Killian se irrita. A tensão nele não era raiva. Não era dor. Era necessidade. Eu consigo ver. Está na maneira como ele me empurra contra a parede, sua mão se fechando em volta do meu pulso como se estivesse sendo arrastado para o mar em uma tempestade e eu fosse a âncora que pode salvá-lo.

Seus olhos azuis estão iluminados com o mesmo fogo que eu sempre vi neles quando algo me machuca, como se ele fosse queimar o mundo por mim, até que tudo o que restasse fosse eu e ele, de pé nas cinzas.

"Nunca fale de si mesma desse jeito, Meryn", ele diz. O rosnado de sua voz ecoa pelo meu corpo onde estamos pressionados. Sua mão desliza pela parede ao meu lado, a outra ainda segura firme, mas gentilmente, em volta do meu pulso. E percebo que o perigo ardente em seus olhos é direcionado a mim.

Não por resistir a ele, mas por menosprezar meu lugar em sua vida.

"Você é mais preciosa para mim do que jamais poderia imaginar", ele me diz em um tom mais baixo. E seu polegar acaricia meu pulso para cima e para baixo. Resisto ao arrepio que me percorre a pele, mas preciso fechar os dedos em punho para não tocá-lo.

Não consigo negar a atração que sinto por isso. Mas também não consigo me soltar. Então, fico parada, em silêncio, enquanto ele me encara.

Ele está implorando. Claramente com dor. Seus olhos se movem rapidamente entre os meus, em busca de uma pista, uma esperança.

Não o afasto de mim, mas também não o puxo para perto. Ele finalmente recua. Solta meu braço e me dá espaço, e o ar frio entre nós é um alívio doloroso.

Ele coloca uma das mãos na nuca e aponta para o guarda-roupa com a outra. "Há um painel escondido atrás. Leva a uma passagem de serviço. Se você entrar por ele e continuar no caminho reto, encontrará o caminho para os meus aposentos."

Não sei o que dizer. O que pensar.

Killian balança a cabeça. "Seja bem-vindo. Quando quiser. Mas se precisar

de mais espaço, eu entendo."

Engulo em seco. Para isso, tenho uma resposta. "Obrigado."

Porque toda essa estranha nova vida tem me parecido hostil, pressionando-me de todas as direções. Ele não é diferente, exceto pela sua disposição de recuar. O treinamento nunca terminará. Não posso escapar do vínculo de Anassa. A guerra continua.

Mas Killian está disposto a me dar espaço. Ele entende.

Ele concorda. "Mesmo que nunca..." Sua boca se move, testando as formas das palavras antes de dizê-las. "Minha investigação sobre o desaparecimento da sua irmã não depende de nada. O mesmo vale para eu cuidar da sua mãe na sua ausência. Vou continuar buscando respostas ativamente e te avisarei assim que tiver novidades."

Não digo nada até que ele desaparece no guarda-roupa e me deixa lá, olhando para a parede e tentando decifrar quem eu sou neste lugar.

Eu me arranco do transe e desabo na cama. Ele deixou a bolsa de remédios para trás. Olhar para ele me deixa chateada, então o enfio debaixo da cama e me viro para encarar a parede.

A frustração percorre as paredes do meu coração como trepadeiras espinhosas. Sua presença repentina e sua ausência ainda mais repentina são chocantes. Fico com este buraco cavernoso no peito — o espaço que ele acabou de ocupar, cheio de tristeza, confusão e saudade.

Sinto falta dele. Não posso mentir sobre isso. Agora, ter Lee por perto para conversar sobre toda a merda que aconteceu comigo seria incrível.

E, no fim das contas, ele veio aqui para me ajudar. Para cuidar das minhas feridas. Para me alertar sobre os Vinculados.

Sei que ele provavelmente está certo sobre eles. Definitivamente sou uma estranha. Sei que fui marcada como uma por muitos outros Rawbonds e vi em primeira mão como todos eles são competitivos. Ansiosos para superar uns aos outros. Desesperados para me extinguir, como podar uma folha em dificuldades.

Mas não importa o quanto Killian esteja certo. Não estou pronto para perdoá-lo por uma mentira tão grande.

E tenho outras coisas com que me preocupar, de qualquer forma. Como descobrir como melhorar nessa coisa toda de Bonded. Ter minha garganta arrancada no treino resolveria rapidamente minha angústia confusa, mas estar morto seria um obstáculo para alcançar Saela.

É profundamente irritante ser tão horrível nisso. Uma parte ingênua de mim pensou, no começo de tudo isso, que eu poderia até ser um bom piloto se apenas balançasse com força suficiente e me segurasse firme.

Mesmo quando eu era novato e precisava de treinamento antes dos boxes, eu

era um bom lutador. Eu sabia como me mover. Minha mente era rápida. Eu aprendi rápido. Tudo veio instintivamente para mim. Parecia menos um treinamento e mais um despertar lento, como se a luta estivesse nos meus músculos e no meu sangue desde o nascimento e eu só precisasse encontrá-la.

Porra, seria incrível me sentir assim de novo. Realmente acertar alguma coisa. Eu costumava quebrar os bonecos nos treinos e, mesmo com dores musculares e juntas rachadas, algo em mim sempre se sentia saciado.

Sento-me de repente na cama. Talvez essa seja a solução para os meus dois problemas.

Estou de pé e me movendo antes que eu possa me questionar. Izabel e Venna estão previsivelmente juntas, acomodadas na antecâmara dos Strategos e jogando uma partida do jogo de cartas Lobos e Sifões. Vou direto até a mesinha delas e cruzo os braços sobre o peito.

"Estou falhando e preciso de ajuda", digo.

Ambas olham para cima, questionadoras.

Respiro fundo. "Você pode me treinar? Com espadas, de preferência?"

Ouço um escárnio à minha esquerda. Viro a cabeça e vejo Nevah caída em uma poltrona, segurando um livro em uma das mãos. Ela não tira os olhos daquilo enquanto diz: "Já era hora de você pedir ajuda. Você é péssima."

"Obrigada pelo apoio", respondo, impassível. "Quer vir treinar com a gente?"

Com os olhos ainda no livro, ela acena com a mão livre, dispensando-a. "Boa sorte, no entanto."

"Ugh", geme Izabel. Ela apoia o queixo na palma da mão. "Infelizmente, conheço a pessoa certa para perguntar."

Vinte minutos depois, Venna e Izabel estão paradas na beira do pátio de treinamento e Tomison e eu estamos frente a frente, espadas de treino em punho. Seu cabelo é uma explosão de cores desgrenhadas, e aquele sorriso permanente que ele sempre ostenta está previsivelmente em seu rosto.

Ele concordou tão rápido que tive certeza de que tinha entendido mal meu pedido e pensado que estávamos marchando para uma luta a quatro levemente incestuosa.

Um professor lamentavelmente bom, Izabel o chamava. E ela estava certa.

Tomison é direto e claro. Ele é paciente. E o melhor de tudo, ele não é excessivamente piegas. Ele não me cobre de elogios quando faço algo fácil corretamente. Quando seus olhos brilham com aprovação, sei que é porque eu mereço. Quando tropeço em um jogo de pés ou erro uma defesa, ele simplesmente recomeça e diz: "De novo".

Treinamos várias formas. Posturas destinadas a facilitar o combate montado. Tomison posiciona meu corpo para mim, exercendo um toque clínico para

reposicionar meus membros em formas que nunca precisaram assumir até agora.

"Isso tudo será diferente em um lobo", ele me diz com um sorriso fácil.

"Está muito estranho agora", resmungo. Meu braço está erguido quase até o ombro, a lâmina arqueada para a frente. Aparentemente, eu a tenho segurado muito baixa. Despreparada, ele disse.

"Bem, você tem dificultado as coisas para si mesma", ele me diz enquanto se afasta. Seus olhos avaliam minha postura. Percebo que ele está testando por quanto tempo sou capaz de segurá-la. "Assim, treinar deve ser um pouco mais fácil para você."

Resmungo. Há suor na minha testa. "Fácil. É. Esta é a coisa mais fácil que eu já fiz", digo, propositalmente adicionando um pouco de tensão à minha voz.

Izabel ri baixinho da parede, e ouço o som distinto de Venna batendo no braço. Tomison olha na direção deles. Seu olhar os encontra e depois se volta para mim.

"Certo. Prática de aparar", diz ele, batendo a lâmina no chão.

Ele me ataca. E continua atacando. E eu estou focada nos meus pés. Nos meus braços. Em mover meu corpo de maneiras que eu nunca havia dito para ele se mover antes. Músculos que eu normalmente não uso estão com cãibras e nós. O suor encharca minhas costas e abaixo dos meus seios.

Quando consigo uma defesa quase perfeita, Tomison solta um grito.

Venna bate palmas. Izabel solta um longo assobio de apreciação. Então rapidamente acrescenta: "Isso não foi para você, Tomison!"

"Claro, não foi!", ele responde.

Mas quando olho para ela, Izabel está sorrindo, e seus olhos definitivamente não estão em mim.

Infelizmente, essa leve distração me rende um tapa violento no braço esquerdo.

Eu me sobressalto e faço uma careta, esfregando o local. "Calma, seu babaca."

"Meu babaca? Estou te salvando", ele protesta.

"Não fale da minha bunda", resmungo, arrancando uma gargalhada antes de voltarmos à luta.

No final da sessão de treino, Tomison não se contém. Ele me dá uma lista dos músculos que preciso fortalecer, já que minhas aparentes fraquezas ficaram claras para ele ao longo do treino.

"Abdominais laterais também", diz ele, dando um tapinha na lateral do corpo. "Mas o mais importante: coxas e glúteos. Não importa o quão bem você segura sua espada se for jogado do seu lobo três segundos depois do início da luta."

Izabel se junta a mim, então, para oferecer seu próprio regime de treinamento em combinação com o de Tomison. Venna se junta a mim, demonstrando alguns exercícios para mim. Coisas como certos alongamentos que tornarão mais fácil sentar nas costas de Anassa ou exercitar minhas mãos para aumentar minha força de pegada e diminuir a probabilidade de uma queda. Ela até concorda em me ensinar um pouco de linguagem de sinais.

Está claro que preciso fazer treinamento de força todos os dias, se quiser ter alguma chance aqui. Horas da minha vida serão consumidas por pesos, alongamentos e muito suor. Mas, de repente, não parece impossível.

Parece um caminho que posso seguir, com passos claros e um destino.

E não estou caminhando sozinha. Treinando no pátio de treinamento, alongando-me de manhã, reclamando de dores e hematomas com os outros... Já consigo imaginar, e algo no fundo do meu estômago de repente se torna mais pesado, de uma forma não totalmente desagradável.

Olho para os três, encaro nosso futuro inevitavelmente compartilhado, e me pergunto. Vejo-os sorrir e rir, e me pergunto. Sei, em meus ossos cansados e músculos doloridos, que eles me ajudaram hoje, talvez me salvaram, e me pergunto.

O aviso de Killian é justo? É possível que pessoas assim realmente me apunhalem pelas costas?

OceanofPDF.com

CAPÍTULO VINTE E DOIS

O tempo passa estranhamente. De alguma forma, ele consegue voar enquanto também avança lentamente, amassando sal na minha alma ferida. Tudo é um borrão de assistir a aulas chatas e tentar me manter acordada, agarrando-me desesperadamente à vida nos treinos e tentando não pensar em Killian.

Nos momentos intermediários, estou treinando sozinha. Izabel e Venna não param de tentar me convencer a participar das atividades noturnas delas, mas tenho estado muito ocupada com a rotina de fortalecimento que Tomison me ensinou. Quando melhorei minha habilidade com a espada, também pedi ajuda com o arco e flecha.

Stark não me atacou mais da mesma forma profundamente humilhante, o que interpretei como um sinal de que estou realmente melhorando. Ele também não me retribuiu pela cusparada na cara, então continuo em guarda perto dele.

Finalmente, é a noite anterior ao Julgamento da Voz, o primeiro grande teste que temos que passar. Fui para o meu quarto cedo para tentar ter uma boa noite de sono, mas estou me revirando na cama há horas.

Quando finalmente adormeço, mergulho em um pesadelo.

Estou no consultório médico com minha mãe, só que o médico está me tratando. Ele está parado na minha frente, levando as mãos ao meu rosto, apertando os dedos no meu cabelo até que minha cabeça esteja presa em suas mãos.

"Os delírios vão começar logo", diz ele calmamente, olhando diretamente nos meus olhos. "Você está pronta?"

De repente, ele desaparece, e eu olho para minha mãe. Ela parece lúcida, nada parecida com a versão turva e confusa da última década. Ela está usando suas melhores roupas e parada em uma poça escura e viscosa de sangue. Em sua cabeça, há uma coroa retorcida, e ela também está ensanguentada. Manchas de

sangue escorrem de suas pontas para seus cabelos finos e ondulados.

"Meryn", ela chama. "Meryn! É hora de você se juntar a mim."

Dou um passo relutante em sua direção, incapaz de desviar o olhar.

A luz muda até que minha mãe esteja envolta em escuridão, e o branco de seus olhos se torna um negro profundo. Quando ela abre a boca novamente, a voz que sai não se parece em nada com a da minha mãe.

É profunda e sobrenatural, ressonante de um jeito que me irrita, faz meus ossos doerem.

"MERYN. Venha, agora. Nocturn comanda!"

Estou me aproximando cada vez mais. Não consigo controlar meu próprio corpo, como se estivesse paralisada dentro do meu crânio, observando alguém mover meus membros. Chego cada vez mais perto, meus olhos fixos nos dela até me afogar nas poças escuras de suas íris.

Com um sobressalto, acordo, sentada ereta na cama. Meus cobertores em camadas caem do meu peito, deixando entrar o ar frio, que acalma meus membros corados e suados. Respiro fundo, tentando me concentrar.

Só um sonho.

Mas não consigo dormir novamente pelo resto da noite.



De manhã, entro na arena, com o coração batendo tão forte que pulsa na ponta dos meus dedos, e tento não sentir os olhos turvos depois da noite passada. Os outros Rawbonds parecem igualmente tensos à medida que avançamos juntos para o interior da arena.

O Líder Aldrich nos deu algumas estatísticas ameaçadoras para nos preparar para o que está por vir durante o Teste da Voz. Aparentemente, este primeiro teste foi criado especificamente para desafiar nossas habilidades de comunicação, e estima-se que um oitavo de nós não sobreviverá a isso.

Não estou otimista quanto às minhas chances. Minha comunicação com Anassa não melhorou. Continuamos nos empurrando para fora do caminho.

Eu consigo montá-la sem cair. Geralmente. Mas não cair não é o suficiente quando há uma pista de obstáculos elaborada e aterrorizante à sua frente, completa com braseiros em chamas estrategicamente dispostos para forçar uma navegação precisa.

É... muita coisa. A arena se transformou da noite para o dia neste labirinto de pesadelo.

E, assim como na Apresentação, as arquibancadas estão cheias de nobres que

vieram para nos ver vencer — ou morrer. O rei está sentado em seu estrado, com uma fria diversão estampada no rosto. Mais uma vez, nossa miséria é o entretenimento deles.

Killian está ao seu lado e eu ignoro a forma como meu estômago se revira quando o vejo. Preciso me manter totalmente focado em Anassa se quiser sobreviver.

De pé ao lado dela, estudo a pista à nossa frente, tentando descobrir em qual parte dela meu cadáver vai acabar pendurado.

A série de plataformas ascendentes no início? Provavelmente não. Se eu me segurar firme o suficiente, devo conseguir continuar montado enquanto Anassa salta sobre eles.

Mas aquela ponte estreita suspensa sobre um mar de chamas? É, essa não parece tão promissora.

Por um momento nauseante, já consigo sentir o cheiro da minha carne e cabelo cozinhando.

Meus olhos captam um lampejo de escuridão. Stark está parado perto dos outros instrutores, perto do estrado do rei, com os braços enormes cruzados sobre o peito largo. Percebo seu olhar malévolo e juro que quase vejo um sorriso malicioso surgir em seus lábios idiotas.

Então é isso. A vingança pelo cuspe.

Sei que a pista de obstáculos deve ser um teste geral de coordenação entre o cavaleiro e seu lobo, mas parece um ataque deliberado contra mim. Como se Stark tivesse entrado sorrateiramente na arena à noite, rindo sozinho enquanto preparava os alvos, provavelmente imaginando meu cadáver crocante exatamente como estou agora.

Pelo menos os alvos estão posicionados um pouco perto dos obstáculos. Pudemos escolher nossas armas para esta parte, e eu escolhi adagas, confiante na minha mira devido ao treinamento com Igor. Não deve ser muito difícil acertar os alvos, supondo que eles não se encolham espontaneamente ou que um dos braseiros não brilhe intensamente diante dos meus olhos enquanto preparo o arremesso.

A torção doentia no meu estômago piora quando as outras duplas começam a percorrer o percurso à minha frente. É como se eu pudesse ver a conexão mental brilhando entre seus corpos enquanto se movem fluidamente pelo percurso.

Os lobos saltam sobre plataformas, girando no ar para permitir que seus cavaleiros atirem com precisão. Os cavaleiros demonstram foco intenso.

Dá para perceber que eles estão prontos para cada contração nos flancos de seus lobos, cada queda, salto e giro.

Claro, também há falhas. Falhas espetaculares e confusas, como Aldrich

alertou.

Um lobo calcula mal um salto. Não sei se foi culpa do lobo ou se seu cavaleiro o guiou incorretamente sobre o desafio que os aguardava, mas o resultado é que os dois caem juntos no ar.

Eles caem, contorcendo-se em busca de apoios que não existem.

O grito do cavaleiro é lancinante, mas interrompido pelo impacto contra o chão. Seu lobo cai em cima dele, matando-o instantaneamente. Uiva de dor, talvez porque seu cavaleiro tenha morrido ou talvez porque tenha se ferido na queda.

Outro casal discute visivelmente enquanto atravessam a ponte estreita acima das chamas. A cavaleira grita algo alto, e seu lobo se vira e a ataca no meio do caminho. A ferocidade do lobo — ou talvez apenas sua teimosia — faz com que ele caia de cabeça em uma fogueira, parte de seu pelo pegando fogo e seu cavaleiro gritando de medo.

Izabel percorre o percurso com facilidade, o que não é surpreendente. Henrey também consegue passar, embora seja significativamente mais lento do que alguns dos outros ciclistas. O tempo de Tomison é particularmente impressionante.

Tenho certeza de que ouvirei sobre isso mais tarde. Se eu ainda estiver vivo.

Stark provavelmente atravessou esta pista de obstáculos em menos de três segundos em suas Provas, penso amargamente. O desgraçado.

Minha vez chegou cedo demais. Meu nome foi gritado na escuridão, e eu me aproximei de Anassa, me preparando para a habitual pontada de dor da parede entre nós. Mas ela não veio.

Olho para ela enquanto me aproximo e a encontro já me encarando, com os pelos prateados brilhando e o olhar firme. Ela não desvia o olhar. Quando tento me aproximar mentalmente, não sinto o raspar cruel das garras ou o frio glacial do seu desdém.

A parede se tornou mais fina, ligeiramente vítrea. Ainda é fria e implacável, mas quase consigo distinguir flashes através da barreira. Como uma parede de gelo, estranhas distorções de impressões e instintos tremeluzindo em uma dança de luz sobre minha mente.

Eu a monto o mais suavemente possível, ciente de que todos os olhares na arena estão voltados para mim.

Anassa avança a passos largos, caminhando em direção ao início do percurso. O primeiro desafio é mais simples que os demais, composto por três plataformas ascendentes, cada uma menor que a anterior. Exige saltos cuidadosos e precisos.

Nenhum par falhou nesta parte ainda, e espero que não sejamos os primeiros.

Aperto com mais força o pelo de Anassa, enrolando um pouco dele na minha mão para garantir que, mesmo que meu corpo voe para longe de suas costas, eu ainda consiga me segurar e subir de volta. Preparo-me para o caos, esperando que Anassa faça o que quiser ali, que se dane o cavaleiro que carrega nas costas.

Então sinto um flash. É breve, tão rápido que não tenho certeza se não foi apenas uma alucinação induzida pelo pânico. Mas, enquanto os músculos de Anassa se contraem e se preparam, sei que foi real.

Parecia uma visão do futuro, quase. Ela me mostrou o caminho exato que ela pretende seguir para subir nas plataformas: onde ela vai pousar, o ritmo dos seus saltos, a velocidade com que ela vai se mover por tudo isso.

Estou pronto para isso quando ela se move, minha mente assimilando a informação que ela me deu e calculando como preciso me segurar para me manter firme. Mudo de ângulo, apertando o pé no lugar para sustentar meu peso. Quando ela começa a se mover, eu me inclino para ele.

Um salto, transfiro meu peso para a esquerda. No segundo, a reviravolta é rápida. Tensiono meu core e cerro os dentes, inclinando-me para a frente para conter o movimento brusco da subida dela.

No último salto, sei que ela vai cair com força. Contraio as pernas e empurro para trás com as mãos para neutralizar o impacto.

Anassá não para. Ela avança para o próximo obstáculo, e eu consigo sentir sua intenção. Ela quer vencer, provar que é a mais forte do grupo, esmagar qualquer um que a desafie.

Pela primeira vez desde que nos conhecemos, nossos sentimentos se alinham.

Eu quero ter sucesso. Não dou a mínima para ser Elo, ou subir na hierarquia. Mas eu quero provar a mim mesmo.

Não, ainda mais do que isso: quero envergonhar as pessoas que me ignoraram desde o início. Quero que minha vitória as machuque tão ferozmente quanto meus ferimentos todas as noites, quando Anassa se recusa a curá-las.

Quero o poder que sei que tenho para me sustentar.

O segundo desafio é a ponte. Ela mal tem largura suficiente para as patas de um lobo, mas a mente calma e predadora de Anassa é destemida. Ela avança sem hesitar, com os pés batendo, respirando fundo no ar frio.

O fogo cega meus olhos por um instante, mas sua mente me inspira a me inclinar para a picada da fumaça. Minha ambição se materializa e corre ao lado dela, tão cruel e determinada quanto.

Foi aqui que aqueles predispostos ao fracasso vacilaram. Sua comunicação falhou sob a pressão — as chamas brilhantes, os alvos surgindo em uma velocidade vertiginosa, a estreiteza da ponte.

O cavaleiro precisa se concentrar nos alvos ou corre o risco de errar, enquanto o lobo gigante precisa se concentrar nos pés ou corre o risco de cair. Foi essa divisão que eu vi separando o cavaleiro e o lobo repetidas vezes.

Mas Anassa mal presta atenção à ponte, tão segura que sua velocidade é quase excessiva conforme os alvos se aproximam. Eles são imprevisíveis a cada investida, então não sei bem para onde mirar inicialmente.

Malditos alvos em movimento!

Uma pontada aguda de aviso atinge minha mente e me viro para a esquerda. O instinto predatório de Anassa sinaliza o movimento repentino de um dos alvos, e meus instintos de lutador respondem ao aviso e se movimentam como se um punho estivesse voando em minha direção.

Eu giro em suas costas, arremessando uma adaga que acerta o alvo com precisão.

Mais uma vez, o alvo brilha. Mais uma vez, seu aviso bem a tempo. Os movimentos de Anassa são subitamente previsíveis e deliberados.

Seu orgulho não a deixa falhar diante dos outros lobos, e estou me beneficiando disso. Com ela se movendo firmemente abaixo de mim, de repente fica muito mais fácil me concentrar. Eu guio minhas adagas como costumava guiar meus socos nos boxes, mirando onde o alvo estará — o que explica a velocidade surpreendente de Anassa — em vez de onde ele está.

Seis alvos. Seis acertos. Inabalável, destemido, imparável.

Então o percurso se estreita em uma descida em espiral. Eu sei que esta é a parte mais difícil. Anassa sente minha breve hesitação e rosna, sua confiança superando meu medo e o silenciando.

Outros lobos tentaram correr pela espiral para acelerar seus tempos, mas isso lhes custou caro.

Rápido demais, e eles acabaram se desviando para fora em suas curvas e colidindo ou caindo direto para a borda das plataformas. O cálculo frio de Anassa está pronto para o desafio, no entanto.

Fazemos cada curva precisamente no mesmo ângulo, sua velocidade controlada e seus movimentos afiados como uma lâmina. Inclino-me o máximo que posso em cada giro até ser preso ao corpo dela apenas pela força centrífuga, mas estou pronto quando ela se estabiliza e preciso me levantar e reafirmar minha pegada.

Nada disso é bonito. Claro que não é. Nós dois ainda estamos com muita raiva, independentemente um do outro.

Não há comunicação verdadeira. Tenho breves lampejos de aviso antes que Anassa atravesse a toda velocidade, e tenho que confiar na minha própria força para responder às suas decisões e seguir em frente.

Somos dois predadores que concordaram em caçar juntos pelo bem da caça, mas ela não confia em mim mais do que eu nela.

Estamos nos aproximando do salto de fé. É o último obstáculo entre mim e a sobrevivência. Assim que passarmos por isso, a parede voltará a se erguer, eu imagino.

A plataforma vai cair sob os pés de Anassa, e devemos girar no ar, atingir três alvos consecutivos durante a queda e pousar em uma pequena área marcada.

A maioria dos pares precisa confiar nos instintos de seus lobos gigantes para essa parte, seus olhos caninos aguçados indicando e comunicando o momento exato de soltar suas armas durante a queda. Anassa destrói essa ideia entre os dentes enquanto pousamos na plataforma, com o peito arfando.

Em vez disso, ela me dá outro vislumbre de sua mente. Sei exatamente o salto que ela vai dar. No momento em que tenho a informação, começo a antecipar os alvos, a velocidade da queda, o ângulo dos meus arremessos.

Sei como os corpos se movem no espaço. Sei quanta força precisarei para alcançar os alvos, com a ajuda do impulso de Anassa. Sei até onde meu corpo pode se torcer e por quanto tempo conseguirei segurá-la — tenho bastante prática em cruzar essa linha, então sei exatamente quando minhas pernas vão ceder.

E o mais importante, sei quando atacar. Sei porque, no boxe, você precisa saber.

Ataque cedo demais e você estará completamente vulnerável. Ataque tarde demais e você estará de costas para a parede, lutando para se defender de um ataque com o pé atrás.

Anassa salta. Caímos. Adagas voam. Alvos se estilhaçam.

Caímos com força, meu maxilar estalando e meus ossos chacoalhando. Mas caímos no lugar certo, graças à força de Anassa. Suas garras deixam marcas profundas no círculo designado. Meus olhos estão fixos nessas marcas enquanto minha respiração escapa da minha garganta e meus músculos tremem.

Nós simplesmente... fizemos isso?

"Terceiro!", alguém grita friamente.

Terceiro? Tipo, terceiro tempo mais rápido?

Agarro o pelo de Anassa enquanto ela se afasta da pista, com as laterais ainda arfando devido ao esforço. Acho que é isso que acontece quando você coloca dois babacas teimosos diante de um desafio e diz a eles para provarem seu valor.

O desdém de Anassa ainda transparece pela barreira entre nós. Ela não gosta de ter que cooperar comigo para isso. Ela também não acha que o terceiro seja bom o suficiente, provavelmente.

Mas há algo mais ali também. Algo como reconhecimento. Um breve vislumbre de reconhecimento. É um pouco como se ela tivesse reconhecido que eu não sou um pedaço fino de carne humana, bom apenas para comer. Como se ela tivesse visto e sentido minha força, agora mesmo, e estivesse admitindo, a contragosto, que eu possa realmente ter algo a lhe oferecer.

Isso também me acende. Respeito borbulha em meio ao mar de ressentimento. Ela correu aquela corrida rápido. Nem piscou diante dos obstáculos que outros lobos não conseguiam superar.

Se ela apenas me ouvisse, nós poderíamos de fato...

O ferro bate entre nós. Com força. Com mais força do que nunca. É como se ela tivesse me passado um cutelo no pescoço.

Eu engasgo, me curvando, desorientada.

Conseguimos. Conseguimos. Terceiro, e eu ainda consigo viver para ver o amanhecer. Isso é uma vitória.

Mas agora, sinto que também perdi algo.

Estou cansada de perder. É deprimente pra caramba, e também não é quem eu sou. Ou pelo menos não quem eu pensava que era. Sou uma lutadora. Alguém que se mantém firme.

Com o coração ainda batendo forte, me permito olhar de volta para as arquibancadas, onde Killian me observa atentamente, com o olhar penetrante mesmo de tão longe, os dedos longos entrelaçados sob o queixo pontudo.

Será que eu realmente o perdi também? Ou, ao contrário de Anassa, sou eu quem o está excluindo, quando não preciso? Será que eu conseguiria encontrar um jeito de confiar nele novamente?

OceanofPDF.com

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Eu me acostumei com a cena selvagem no salão comunal todas as noites, mas esta noite, depois de sobreviver ao Julgamento da Voz, os outros Rawbonds realmente se soltaram.

Uma celebração está a todo vapor, e todas as quatro matilhas estão presentes. A tensão que cada um de nós carregava para a arena mais cedo hoje à noite se foi. Os outros Strategos se jogam na festa, bebendo e rindo com abandono.

Eu ainda acho isso macabro, o jeito como eles festejam depois de tantas mortes. Oito Rawbonds no total perderam a vida, incluindo dois de Strategos que eu não conhecia bem. Mas eu tinha tanta certeza de que seria um deles que estou tendo uma espécie de descarga de adrenalina, e não posso negar que também gostaria de aliviar a tensão.

Seguindo Izabel e Tomison até um dos sofás na extremidade externa da sala, observo a festa enquanto eles conversam e riem. Criados ziguezagueiam pela multidão com decantadores de vinho ember e bandejas de comida.

Izabel coloca um copo na minha mão. Não é nenhum sonífero, mas talvez afaste os pesadelos. O álcool aquecido e temperado solta um leve vapor no ar frio, seu aroma rico dissipando o gosto persistente de sangue e morte.

O gosto é fantástico — potente também. Um calor agradável se espalha pela minha barriga logo no primeiro gole. Depois do terceiro, uma leve sensação de relaxamento percorre todo o meu corpo.

De repente, a festa não parece mais tão macabra.

Izabel e Tomison estão flertando alegremente. Venna se junta a nós, abraçando a irmã e sorrindo com orgulho inconfundível; Venna ficou em segundo lugar hoje. Um dos amigos de Tomison da nossa matilha, Kristof, também se junta a nós, parabenizando Venna calorosamente e olhando-a com interesse. Todos parecem estar aqui esta noite — exceto Nevah, que vi voltar

sorrateiramente para os aposentos de Strategos após a Prova.

Perto da grande lareira, os instrutores da matilha sentam-se juntos, Egith entre eles, com uma expressão caracteristicamente séria. Ela me flagra olhando para ela e seus lábios se apertam ainda mais. Achei que ela ficaria animada com meu terceiro lugar.

Acho que não.

Samson, a Gama Kryptos, diz algo que faz Egith jogar a cabeça para trás e rir, a mecha prateada em seu cabelo refletindo a luz do fogo enquanto ela brinda com ele. Até mesmo a Gama Phylax Elinor parece ter relaxado sua postura rígida de sempre.

Apenas Stark mantém distância, descansando em um canto sombreado como um predador esperando para atacar. Mas ele tirou o paletó formal e engomado que usava na arena. Sua camisa por baixo está desabotoada na parte de cima, oferecendo um vislumbre de seu peito musculoso e dourado e das tatuagens que descem por seu pescoço.

Uma bela e jovem Rawbond se aproxima dele, erguendo o quadril em um convite descarado. Ele a dispensa com um olhar fulminante.

Enquanto ela se esconde na multidão, outra mulher se aproxima. Depois outra, e mais outra. Cada uma é repelida com o mesmo olhar frio de desinteresse.

"Ele é bem sexy quando não está berrando ordens para nós, né?", pergunta Izabel, usando as mãos para sinalizar também, já que o barulho da festa está dificultando para Venna captar todas as nossas palavras.

Eu me viro para ela com um sobressalto, envergonhada por ser pega olhando fixamente.

Ao lado dela, Tomison sorri, com o braço apoiado no encosto do sofá atrás dela. Venna me lança um olhar conspiratório, as sobrancelhas arqueadas.

"Claro", resmungo, "se você acha psicopatas assassinos sexy."

"Não acha?", brinca Kristof.

Izabel ri.

"Não", resmungo, com o rosto corado. "Definitivamente não acho."

Kristof dá de ombros. "Eu cavalgaria esse homem daqui até Astreona."

Izabel ri e interpreta para Venna, que também ri, uma risada profunda e rouca.

"Ele parece mais o tipo que prefere ficar com a cavalgada toda", Tomison diz lentamente.

Izabel suspira melancolicamente. "Ele faz isso, não é?"

Mais risadas. Fico feliz que estejam se divertindo, mas me viro quando a conversa muda bruscamente para sexo. Provavelmente deveria ir correndo para a

saída. Não vai demorar muito para as pessoas começarem a formar pares, e eu realmente não quero ver se todos os instrutores vão participar.

Com esse pensamento, meu olhar se volta involuntariamente para Stark — apenas para encontrá-lo me encarando.

Droga.

É o mesmo olhar que ele me lançou na arena. O mesmo que ele sempre me lança — olhos escuros me queimando, lábios carnudos praticamente repuxados em um sorriso de escárnio. Já vi esse olhar muitas vezes em homens no ringue; é cheio de promessas de violência futura.

Lhe retribuo o olhar por um momento, depois desvio o olhar, esvaziando meu copo como desculpa para quebrar o contato.

Um servo aparece imediatamente para enchê-lo novamente.

Enquanto evito o olhar de Stark e tento planejar minha fuga da festa, Kristof se levanta para se juntar a outro grupo. Tomison também se afasta em busca de seu parceiro de transa noturno.

Minha cabeça começa a girar agradavelmente enquanto esvazio meu segundo copo, ainda sentado entre Izabel e Venna. A lembrança da ansiedade de hoje começa a se dissipar, substituída por um brilho cálido de bom humor.

Vozes exaltadas chamam minha atenção de volta para Tomison, agora do outro lado da sala, demonstrando alegremente uma manobra complexa de espada para um grupo de Phylax Rawbonds. Ao meu lado, Izabel observa atentamente.

"O que foi isso?", pergunto, com um sorriso largo. "Você está a fim do Tomison agora?"

Izabel se enrijece. "O quê, aquele idiota? Nunca!"

Olho presunçosamente para Venna, que disfarça um sorriso e então sinaliza algo rápido para Izabel.

"Ela diz: 'Você é quem fala'", interpreta Izabel. "'Todo mundo aqui está curtindo a busca por um parceiro, menos você, Meryn. O que foi isso?'"

Com a língua solta pelo vinho, deixei escapar a verdade, sem pensar. "Estou ocupada demais cuidando de um coração partido."

As irmãs trocam um olhar, revirando os olhos.

"O quê, algum plebeu que você deixou para trás?", pergunta Izabel. "Vamos lá, você não vai voltar para aquele mundo. Este é o seu mundo agora. E se a sua loba gigante tiver uma companheira? É loucura não tentar ajudá-la!"

"Não, você não entendeu", digo, inclinando-me conspiratoriamente e certificando-me de falar claramente para que Venna ouça minhas palavras acima do clamor. "O cara que pisou no meu coração está aqui. No castelo."

As expressões idênticas de choque se transformam rapidamente em interesse alegre.

"Quem é ele?", pergunta Izabel. "Ele é um Rawbond? De qual bando ele é?"

Antes que eu consiga reunir as palavras para responder, percebo que meu copo está vazio.

Bem, isso simplesmente não vai dar certo.

"Espere", digo, "preciso de mais vinho."

Olho ao redor procurando um daqueles servos com as garrafas. Todos parecem estar ocupados em outro lugar, mas há uma mesa de serviço do outro lado da sala.

Peço licença em meio a um coro de protestos de Izabel e Venna, prometendo contar tudo a elas mais tarde. A sala se inclina um pouco quando me levanto, e os olhos de Stark me seguem enquanto caminho até a mesa.

Para minha desagradável surpresa, ele aparece ao meu lado no momento em que pego a garrafa de vinho.

"Melhor se acalmar, princesa", diz ele sombriamente, ficando perto demais para me sentir confortável. Sua voz grave ressoa em meu ouvido. "Não quero que você se perca em algum lugar perigoso, onde acidentes podem acontecer. Principalmente depois da sua sobrevivência milagrosa hoje."

Porra, por que ele cheira tão bem? Como madeira, âmbar e algum tipo de almíscar, talvez.

Encho meu copo com uma calma que não sinto e, em seguida, me viro para encará-lo com o vinho ember pulsando em minhas veias.

"Sua preocupação comigo é tão tocante", digo lentamente. "Mas eu não me meto em acidentes — eu os causo."

Vejo em seus olhos que ele sabe o que quero dizer. A lembrança daquele Daemos Rawbond que estrangulei com sua própria mão decepada passa entre nós.

A expressão de Stark endurece perigosamente, mas me viro antes que ele possa falar, deixando-o ali à mesa.

Abrindo caminho pela multidão, viro o vinho, jogo fora a taça e sigo em direção à saída. Minha alegria se foi, consumida pela ameaça velada nas palavras de Stark. Estou trêmula e deslocada novamente em meio a toda essa comemoração.

Izabel e Venna terão que esperar. Preciso dar o fora daqui.



O vinho foi um erro. Emberwine é sempre um erro. Tenho certeza de que Meryn, da Noite Passada, achou que era uma ótima ideia, mas agora estou olhando para

o meu prato de aveia e imaginando várias maneiras sangrentas de matá-la.

Minha cabeça lateja. Meus olhos parecem que vão explodir. Consegui dar algumas mordidas lentas, mas a náusea me invade o estômago. Até o cheiro do pão está começando a me afetar.

Mas o pior é que, apesar da nebulosidade da maioria das memórias da noite passada, a porra do Stark ameaçando minha vida ainda está cristalina. Assim como minha resposta genial.

Uma jogada realmente ótima, sinceramente, decidir ameaçá-lo daquele jeito. Como se ele já não quisesse me matar o suficiente.

Alguém na mesa ao lado deixa cair a colher na tigela vazia, e o barulho de metal na porcelana é como se alguém enfiasse uma adaga na minha órbita ocular. Eu me encolho e silvo de dor, esfregando a têmpora.

Pelo menos não sou a única a me arrepender da noite passada. Vários dos outros Rawbonds parecem merda raspada de uma ferradura, o que é um grande problema para um bando de pessoas que geralmente se importam tanto com as aparências.

Não posso ser marcada como a fraca da ninhada que não consegue segurar seu vinho se todos parecem um pouco verdes.

"Mer", Izabel geme, se jogando no assento à minha esquerda. "Socorro", ela grasna. Tomison se senta do outro lado.

Eu sorrio. "Você está de ressaca e ainda encontra energia para trançar o cabelo desse jeito?" Aponto meu garfo para os cachos pretos e elaboradamente penteados.

"Eu daria um jeito mesmo se não tivesse mãos", ela responde instantaneamente, empurrando meu ombro de leve antes de se voltar para a comida.

Comemos em silêncio por cerca de três segundos antes de Tomison dizer: "Mais alguém está com vontade de vomitar agora?"

"Sempre, quando olho para você", responde Izabel instantaneamente.

Balanço a cabeça. "Não fale sobre vomitar agora. Estou me sentindo como papel molhado."

"Então", diz Izabel, inclinando-se. Ela fala baixo, mas não o suficiente. "Sobre esse misterioso destruidor de corações que mora no castelo e que você mencionou ontem à noite..."

Quase engasgo com o chá, colocando a xícara na mesa rápido demais para evitar um tilintar pungente que penetra meus tímpanos e me apunhala o cérebro.

"Aqui não", sibilo para ela. Tomison está alheia, mas qualquer um pode estar ouvindo.

Mesmo um leve rumor pode estragar tudo. Não posso deixar que outros

Rawbonds saibam. Sinceramente, nem quero que Izabel e Venna saibam. Foi um erro. Um deslize estúpido e bêbado.

Aproximo-me para sussurrar para Izabel. "Esqueça. Eu só estava bêbado e falando bobagens."

A julgar pelo arquear exagerado de uma sobrancelha, Izabel obviamente não acredita em mim e não vai deixar passar por muito tempo. Mas, por enquanto, ela gentilmente me dá espaço para terminar meu café da manhã. Talvez a ressaca tenha acabado de roubar toda a energia que ela usaria para bisbilhotar.

Ou talvez ela perceba que precisa das reservas de energia que ainda possui para atormentar Tomison, porque se afasta de mim e imediatamente começa a discutir com ele.

Fico grata por ela estar disposta a deixar o assunto de lado por enquanto, mas minha mente não é tão misericordiosa. Meus pensamentos imediatamente voltam para Killian.

A preocupação genuína em seu rosto ontem à noite era quase insuportável. Eu poderia ter morrido sem nunca resolver... bem, tudo isso entre nós. O pensamento me deixa um pouco enjoada.

Minha saliva se transforma em pasta. Minha garganta se fecha enquanto uma onda de náusea me toma. O suor me pinica na nuca.

Oh não…

Levanto-me do meu lugar e atravesso a sala correndo, com a mão na boca. Saio cambaleando para o corredor ao lado e me atrapalho com a maçaneta da janela, mal conseguindo abri-la antes de me curvar e derramar tudo o que acabei de comer de volta.

Arquejo, limpando a boca, pensando estranhamente: Acabei de sofrer o café da manhã à toa. E então, mais ríspido: Se recomponha, Meryn.

"Cooper", grita uma voz familiar.

Ugh.

Limpando a boca, viro-me para encarar Beta Egith, que me encara com um olhar severo e indecifrável.

"Meu escritório. Agora."



Rígida e dolorida do Teste de Voz de ontem — sem mencionar a ressaca ofuscante —, fico em posição de sentido no escritório de Egith.

Já vi seus aposentos particulares, mas nunca entrei em seu escritório antes. É tão grande quanto o do Líder Aldrich, mas em vez de três andares de livros,

Egith tem mapas. Para todos os lugares. É como se o depósito particular de um cartógrafo tivesse explodido aqui.

A maioria dos mapas parece ser da fronteira entre Nocturna e Astreona, onde fica a frente. Há um enorme atrás dela, porém, que é um atlas detalhado da própria Nocturna. Ele cataloga cada característica do país, desde as montanhas aqui no norte até o rio que corta o sul do nosso país, e todos os feudos entre eles. Pego-me com vontade de me aproximar, de estudar todos esses lugares do nosso país que nunca visitei ou com os quais nunca sonhei.

Egith está sentada a uma mesa pequena e desgastada em frente a uma cadeira vazia, sem olhar para mim enquanto se serve de chá de um delicado bule de cerâmica. Ela não me disse duas palavras desde que me encurralou no corredor, e eu não consigo ler sua linguagem corporal de jeito nenhum.

Fico surpresa quando Egith me serve uma xícara. Mas ela não me deu permissão para sentar, então não ouso tocar.

Finalmente, ela pousa o pote e me olha nos olhos.

"Você se ferrou."

E lá está.

"Eu não devia ter vomitado pela janela", digo rapidamente. "Desculpe..."

Egith suspira fundo. "Não se trata da sua... doença, Cooper. Você quer sobreviver a isso? Quer se tornar um dos Elos?"

Tenho escolha? Penso amargamente.

Rango os dentes. "Sim." Não é exatamente mentira — eu quero sobreviver e me tornar oficialmente Elo para poder ir para a frente de batalha logo.

Egith me encara por tanto tempo que sinto vontade de me mexer como uma criança nervosa.

"Eu não acredito em você", ela reclama. "E nem ninguém que viu sua apresentação ontem acreditaria."

Isso me dá um susto. "Mas eu pensei..."

"O quê?", ela pergunta bruscamente, com os olhos brilhando. "Você achou que, por ter completado os exercícios, sua apresentação foi um sucesso?"

"Fiz tudo o que me pediram", digo, perplexa.

Egith geme. "Eu não achei que você fosse idiota, Cooper. Arrogante, talvez. Teimoso. Mas não idiota. O propósito do Teste era testar sua capacidade de se comunicar com seu lobo. Para provar seu vínculo crescente — sua capacidade de agir como um só em batalha!"

"Nós não... fizemos isso?"

"Não!" ela grita. "Tudo o que vocês fizeram foi cooperar — e nem mesmo bem! Vocês pareciam inimigos que, a contragosto, escolheram trabalhar juntos para sobreviver. Cada momento traiu sua desconexão mental e emocional. Cada

falha de comunicação era óbvia!"

Ela faz uma pausa e toma um gole de chá como se estivesse esperando que eu falasse.

"Mas ficamos em terceiro lugar", arrisco, com a voz fraca. "Não é..."

"Você sobreviveu", diz ela com uma voz que poderia tirar tinta. "Por um triz! Acha que é o suficiente?" Ela pousa a xícara de chá com um estrondo que me faz estremecer. "Anassa escolheu, por algum motivo, deixar você sobreviver. Deixar você terminar em terceiro! Isso não é sucesso — é escapar da morte por pouco. Sua falta de comunicação com seu lobo gigante é um fracasso, Cooper."

A frustração ferve dentro de mim. "Estou fazendo o meu melhor. Estou tentando..."

"Você não está tentando", ela interrompe, acenando para me interromper. "Na verdade, não acredito que você tenha aceitado tudo isso completamente ainda. Sei que sua motivação para estar aqui é encontrar sua irmã, mas esta é a sua vida agora. Se quiser chegar à linha de frente, precisa aceitar. Você está ligada. Isso não é temporário. Você não pode escapar. Você está ligada a Anassa pelo resto da sua vida", sua expressão se torna sombria, "por mais longa que seja."

Fico sem palavras por um instante.

Para o resto da sua vida ecoa na minha cabeça.

Eu já sabia que não havia saída, mas parte de mim se recusa a acreditar, mesmo agora.

"Eu sei que esta é uma adaptação difícil para você", diz Egith, com a voz suavizando.

"Ah, é?", eu respondo bruscamente. "O que você sabe sobre isso?"

"Meu pai nasceu plebeu", ela diz, e a confissão me choca profundamente. Eu nunca teria imaginado que um Vínculo perfeito e exigente como Egith tivesse sangue plebeu, especialmente considerando o quão raro é plebeus vencerem nas Provas. "Ele teve que lutar para sobreviver neste mundo e nunca me deixou esquecer o quão difícil foi."

Estou genuinamente sem palavras com isso.

"Você parece presa a essa ideia de que é uma estranha", continua Egith, um pouco mais calma, "e está usando isso como desculpa para se manter separada dos outros Vínculos Crus. Mas é hora de encarar os fatos, garota. Você não é uma estranha."

Ela me encara novamente como se estivesse tentando me impor a verdade com pura força de vontade.

"Você é um deles, Meryn. Um de nós. Você sobreviveu até aqui sendo inteligente e forte, mas continuará a falhar — e eventualmente morrerá — se não aceitar que esta é a sua vida agora."

Eu balanço a cabeça. "Mas a maioria me trata como uma estranha. Desde o começo."

"Eles te tratam como uma estranha porque você age como tal", diz ela, bufando. "Eles sentem que você se vê como tal e se comportam de acordo — assim como Anassa. Por que ela escolheu cooperar com você quando você continua a rejeitá-la, eu não sei."

Eu, rejeitando-a?

Quando Anassa me forçou a esse vínculo em primeiro lugar e se recusou terminantemente a cooperar comigo desde então?

"Mas você tem muita sorte que ela o faça, ou você já estaria morto. Eu vi o jeito como você se lançou contra ela durante a Apresentação, quando ela veio te proteger. Você não confia nela de jeito nenhum, então como pode esperar que ela confie em você?"

Abro a boca para protestar, mas Egith levanta uma das mãos em um gesto brusco de recusa.

"Escute-me, Meryn Cooper. Não vou te dar esse conselho de novo. Aceite Anassa. Aceite esta vida — ou você não sobreviverá ao próximo desafio."



O aviso de Egith ainda pesa no meu estômago como uma pedra quando chego à nossa palestra conjunta de História da Guerra, uma hora depois. E não é só ela. Contei a conversa para Izabel depois que saí dos aposentos de Egith. Ela concordou com o Beta Strategos de todo o coração.

"Olha, eu sei que isso é difícil para você", Izabel me disse gentilmente, "mas ela tem razão. Você trata quase todo mundo, menos eu e Venna, como inimigos, incluindo Anassa. Metade do nosso treinamento é para aprender a fazer parte de uma matilha. Você precisa se soltar, conviver mais com a matilha. Mostrar a todos que você quer estar aqui."

Prometi a Izabel que me esforçaria para me conectar com o resto da matilha. Só não sei como.

Enquanto me debato com isso, a instrutora de Phylax Gamma, Elinor Gardiner, começa a aula com uma pergunta que me tira dos meus pensamentos.

"Certo, pessoal", diz Gamma Elinor em voz alta, chamando a atenção para a frente da sala. Ela é mais velha do que a maioria dos outros instrutores, talvez na casa dos cinquenta, com longos cabelos escuros e pele morena. "O que sabemos sobre nosso inimigo, os Sifões?"

Um Kryptos Rawbond levanta a mão. "Eles são vampiros sugadores de

sangue que roubam força vital e energia para prolongar suas vidas e se tornarem mais poderosos."

O professor concorda com indulgência. "Bem, sim. Um pouco dramático, mas basicamente correto."

Segue-se uma breve discussão enquanto outros alunos oferecem voluntariamente informações básicas sobre os Sifões.

“Na terra dos Sifões, não há mais humanos — eles drenaram todos eles em busca de poder. É por isso que invadem nossas terras. Para encontrar mais presas.”

“Correto”, diz Gamma Elinor. “Não há humanos vivendo em Astreona há séculos. Mais alguma coisa?”

Uma das minhas colegas Estrategas levanta a mão. “Os Sifões subsistem dos despojos de guerra. Eles se alimentam dos nossos soldados capturados.”

Como meu pai, penso, apertando a mão. Drenados e consumidos como um animal.

Todos em Sturmfrost sabem que esse é o motivo pelo qual os Nabbers estão tirando crianças da nossa cidade. Crianças têm a energia vital mais forte e, portanto, fornecem mais combustível aos Sifões.

"Muito bom", diz Elinor, "mas eles não se alimentam apenas dos nossos soldados, não é? Os Sifões usam o sangue de seus cativos para exercer uma poderosa magia de sangue. Alguém pode me dizer por quê?"

Inclino-me para a frente, com os sentidos aguçados. Eu sabia que os Sifões exerciam algum tipo de magia de sangue, mas os detalhes do que isso realmente implica sempre foram confusos.

"Eles usam magia de sangue para controlar nossas mentes e tecer ilusões!", alguém grita lá de trás. "Eles não têm suas próprias criaturas Eloadas, então essa é a única maneira de lutarem contra nós. Eles usam sua magia para transformar humanos drenados em mais Sifões também."

"Excelente", diz Elinor. É por isso que a guerra dura tanto tempo. Através de sua magia de sangue, os Sifões alcançaram a imortalidade funcional e a capacidade de manipular a percepção humana. É assim que eles se infiltram em nossas fronteiras e se defendem contra nossos ataques de Elos. E quanto mais velho um Sifão, mais poderosas suas habilidades se tornam. Não sabemos nem metade do que eles realmente são capazes, já que interagimos principalmente com seus soldados mais jovens — os Sifões mais experientes raramente fazem parte de sua guarda avançada.

Eu me pergunto se eles usam magia de sangue quando estão capturando nossas crianças. Se eles de alguma forma as enganam para que venham com eles de livre e espontânea vontade.

“Os Vinculados são os protetores supremos dos humanos”, continua Elinor, “e somos tudo o que resta entre os plebeus e os Sifões. Sem os lobos gigantes e nossos vínculos, os humanos já estariam extintos. Ou criados como gado em um mundo dominado por Sifões.”

“Mas a guerra está em um impasse desde que me lembro”, alguém interrompe. “Então, como podemos vencer?”

Elinor levanta o queixo, com os olhos brilhando. “Só encontrando uma maneira de invadir Astreona completamente e eliminar até o último Sifão existente.” O jeito como ela disse isso me faz pensar que ela acredita plenamente que somos capazes disso.

Ah, penso fracamente, com a cabeça girando. É só isso?

Enquanto Elinor fala de invasão e vitória, meus pensamentos turbilhonantes se cristalizam em torno de uma única verdade angustiante.

Atravessar Astreona é minha única esperança de encontrar Saela. E a única maneira de chegar lá — a única maneira de sobreviver à invasão do território Sifão é...

Anassa.

Egith e Izabel estão certas. Preciso fazer tudo o que estiver ao meu alcance para que Anassa me aceite. Até mesmo rastejar, se for o caso.



O crepúsculo cai sobre o castelo enquanto me aproximo do amplo terraço que se abre para os fundos da sala comunal de Strategos, com um maço de sálvia seca da montanha na mão. Ouvi alguns dos outros Rawbonds conversando sobre levar as ervas para seus lobos como um agrado. Aparentemente, é como erva de gato para lobos gigantes. Eles anseiam por ela.

As folhas perfumadas estalam levemente em meu aperto ansioso enquanto procuro Anassa. Chegou a hora de uma conversa de verdade com meu lobo.

Querendo ou não, qualquer um de nós.

Os terraços se erguem diante de mim como degraus gigantescos esculpidos na encosta da montanha, cada um ocupado por vários lobos gigantes descansando. Na luz moribunda, também consigo distinguir as silhuetas de lobos adormecidos nos níveis inferiores.

Anassá não está à vista. Estico a cabeça para olhar para os terraços acima, imaginando se ela está nas cavernas. Mas então a avisto, identificável apenas como uma mancha distante, branco-prateada, na borda do terraço superior.

Claro, você está lá em cima, porra, penso secamente.

Levo quase meia hora para subir as escadas estreitas que conectam cada terraço em um caminho em zigue-zague.

A subida parece simbólica. Cada passo me leva cada vez mais para longe do mundo que conheço e mais fundo naquele que odeio e ressinto. É como se eu estivesse deixando algo vital para trás — uma parte de mim que nunca recuperarei.

Mas vale a pena, penso, me preparando. Contanto que eu consiga Saela de volta.

O vento frio chicoteia meu cabelo curto em volta do rosto quando chego ao terraço de Anassa. Ele parece vazio a princípio, a pedra desgastada pelo raspar de incontáveis garras de lobo ao longo de incontáveis séculos.

Anassa se moveu da borda do terraço para as sombras profundas atrás dele, como se sentisse minha aproximação e quisesse me evitar.

Não é um bom sinal, mas definitivamente não é uma surpresa.

Sento-me de pernas cruzadas perto da borda, com cuidado para respeitar a distância que ela colocou entre nós.

Sem dizer uma palavra, coloco o maço de sálvia no chão à minha frente — uma oferta de paz que parece banal e dolorosamente inadequada.

Então, estendo a mão para ela através do nosso vínculo. A parede de ferro está lá, imóvel como sempre. Mas não a pressiono. Em vez disso, acaricio-a mentalmente com delicadeza, como se estivesse persuadindo um gato selvagem.

Instantaneamente, a energia de Anassa muda, formigando de interesse — ou talvez de fome. Seu corpo é uma forma cinza e tênue nas sombras, mas eu o vejo se mover. Olhos amarelos se voltam para mim, brilhando fracamente.

"Oi", murmuro.

Seu olhar se aguça, captando a luz que se esvai como um clarão prateado da noite.

Lentamente, ela se levanta, emergindo silenciosamente da escuridão, cada passo medido um lembrete de seu poder letal. No crepúsculo, seu pelo parece prata líquida, tão semelhante ao meu cabelo transformado.

Meu coração dispara quando sua cabeça peluda aparece.

Um fio de sentimento percorre nosso vínculo. Os lábios de Anassa se afastam das presas no que pode ser um rosnado — ou um sorriso lupino arrepiante.

Não há nenhuma acolhida em seus olhos. Não que eu esperasse alguma. Mas há algo...

A parede de ferro se abre. Não muito — apenas o suficiente para que haja um movimento de comunicação direta.

Sem palavras. Apenas um emaranhado de impulsos conflitantes.

Interesse. Desdém. Sabedoria ancestral em guerra com fúria primitiva.

Suor frio se acumula na minha espinha enquanto ela caminha lentamente em minha direção. É difícil não me encolher quando sua cabeça afunda na minha altura, os lábios se curvando sobre dentes do tamanho de punhais.

Enquanto seu hálito quente sopra contra meu rosto, sinto uma pulsação clara de seus sentimentos:

Eu a rejeitei repetidamente e agora quero fazer amigos?

OceanofPDF.com

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

As sombras do entardecer se estendem até a noite enquanto Anassa abaixa a cabeça para cheirar o maço de sálvia-da-montanha que trouxe para ela. O luar se espalha pelo terraço, dourando seu pelo com um brilho azul-esbranquiçado sobrenatural.

Prendo a respiração, o coração martelando dentro das costelas, presa entre o medo e a esperança desesperada.

Através do vínculo, surge outra mudança. A impenetrável parede de ferro parece se afinar, tornando-se permeável, como seda ondulando ao vento.

Sua voz preenche minha mente com uma clareza surpreendente, profunda e rica como vinho envelhecido, carregando o peso de séculos.

"Você finalmente deseja estar aqui."

Cada palavra ressoa estrondosamente pela minha consciência, roubando-me o fôlego com seu poder e beleza crus.

No último mês, imaginei muitos cenários em que Anassa e eu finalmente conversaríamos, nos comunicaríamos, nos conectaríamos. Mas nunca dei voz às suas palavras. Ouvi-la falar em minha mente pela primeira vez é como ver o sol nascer sobre um campo de gelo.

Ela pinta o mundo com cores que eu nem sabia que existiam.

Uma incrível sensação de retidão se desenrola dentro do meu peito. Durante todo esse tempo, nosso vínculo rompido me roçava de uma forma que eu nem percebia ou sentia até agora, quando finalmente desapareceu. É como sentar depois de um longo dia na lavanderia e perceber que eu estava ignorando todas as dores do meu corpo.

É um alívio — um alívio impressionante, de abalar o mundo.

Finalmente, consigo respirar fundo e percebo o que ela disse — uma afirmação, não uma pergunta. Um protesto surge dentro de mim e começo a

afirmar que desejei estar aqui o tempo todo.

Uma onda de diversão — a diversão dela — dissipa minha negação.

"Não finja. Antes, você lutava contra o que é. Contra o que poderíamos ser. Mas você decidiu não lutar mais."

As palavras ardem com a verdade. E mais.

Através da nossa conexão, sinto a avaliação de Anassa sobre mim — uma repreensão surpreendentemente gentil que aponta cada vez que a afastei. Cada vez que duvidei dela, lutei contra ela, a rejeitei.

Toda vez que insultei nosso vínculo pensando que era temporário.

E cada vez que a impressionei com meu espírito de luta também.

Essa é a única razão pela qual ela não desistiu de mim, eu percebo. A única razão pela qual ela me protegeu durante a Apresentação. A única razão pela qual ela cooperou para me ajudar a passar pelo Teste da Voz.

Ela quer esse vínculo — ou pelo menos quer tentar.

E está feliz por eu finalmente aceitar, mesmo que ainda não confie em mim. Mesmo que parte dela ainda queira me destruir por todo o desrespeito que lhe demonstrei.

Deusa, minha cabeça está girando. A mente dela, os sentimentos dela — são tão avassaladores. É difícil entender meus próprios pensamentos, enterrados sob onda após onda que recebo dela. Parte de mim se pergunta se ela também está me protegendo disso, mantendo o muro entre nós. Ela sabia que eu ainda não era forte o suficiente para recebê-la por completo.

Meus olhos ardem e queimam com lágrimas inexplicáveis.

"Desculpe", penso, sobrecarregada demais para dizer as palavras em voz alta. "Eu não sabia — eu não entendia."

Outra onda de sentimentos me invade. Há satisfação nisso. Irritação também. Esperança e desconfiança.

"Eu trabalharei com você", declara Anassa finalmente, sua voz mental carregada de promessa e advertência. "Mas saiba disso: eu escolhi você por um motivo. Não me faça me arrepender."

Antes que eu consiga invocar a habilidade de perguntar por que ela me escolheu, a conexão se fecha. Não é como antes — não há nenhuma batida naquela parede de ferro —, mas está claro que a conversa acabou.

Enquanto Anassa se refugia mais uma vez nas sombras, sinto uma sensação de imenso vazio que não entendo muito bem.

Como se eu tivesse perdido algo que eu nem sabia que estava faltando até agora. Foi a mesma sensação que tive depois do Teste da Voz, quando ela me deixou vislumbrar uma conexão em potencial, mas amplificada por uma magnitude inacreditável.

Volto para o meu quarto em uma nuvem de perguntas sem resposta, o eco da voz majestosa de Anassa ainda alto na minha cabeça.



Quando Anassa me encontra no campo de treinamento na manhã seguinte, sei que hoje será diferente. Ela não fala mais comigo, mas a barreira entre nossas mentes é pouco mais do que uma membrana porosa. Através dela, consigo sentir seus sentimentos, seu foco, cada intenção.

Ela me olha nos olhos quando Stark nos ordena que montemos. Sua desconfiança se acende novamente enquanto ela espera que eu afaste a conexão.

Eu não afasto. Apenas coloco minha mão em seu pescoço largo e peludo e aceno.

"Farei o meu melhor", penso em direção a ela. "Estou disposta a tentar."

Ela pisca lentamente em silêncio, reconhecendo o que aconteceu, e vira a cabeça, esperando que eu suba em suas costas. Enquanto começamos nossos aquecimentos montados, eu me preparo reflexivamente para sua resistência, inconscientemente esperando que ela tente me derrubar novamente.

Só que ela não a repele. Ela me olha com irritação, no entanto.

Envio a ela um pedido de desculpas silencioso e forço meus membros a relaxarem. Uma tensão sutil que eu nem havia notado antes também desaparece de Anassa. Os músculos de suas costas relaxam.

O aquecimento de hoje começa com algumas voltas ao redor do campo de treinamento e, em seguida, exercícios de agilidade com enormes postes e obstáculos em uma das extremidades da arena.

É difícil resistir ao instinto de comandar Anassa. É assustador montar em um animal tão enorme e saber que não se está no controle. Mas Anassa consegue sentir minha ansiedade. O pelo entre seus ombros se arrepia com uma ira em resposta.

Confie, digo a mim mesma com firmeza, inclinando-me para a loba enorme. Você precisa confiar nela, Meryn. Caso contrário, isso nunca vai funcionar.

Mais uma vez, Anassa responde, embora eu não quisesse que ela ouvisse meus pensamentos. Vou ter que finalmente começar a usar algumas das estratégias de comunicação que aprendemos na aula de Samson, percebo. Os pelos eriçados diminuem. Seu passo de corrida fica mais longo, mais confiante.

Ainda estou nervosa enquanto me concentro em acompanhar o ritmo de Anassa, movendo-me com ela em vez de tentar dirigi-la.

Escute. Escute.

O comando vem como um pensamento sem palavras — uma vaga intuição —, mas minha mente o traduz facilmente. Volto todos os meus sentidos para a loba. Para o bater de suas patas no chão. A maneira como seu peso se desloca a cada passo. A maneira como suas orelhas se inclinam e sua cabeça vira pouco antes de mudar de direção.

Quando chegamos aos saltos com barreira no final da pista de agility, estou ciente de cada músculo do seu corpo se contraindo e se desenrolando, até a flexão dos dedos dos pés enquanto suas garras se cravam na terra.

De alguma forma, sei exatamente o quanto me inclinar sobre seu pescoço no início de cada salto. E como manter meu peso longe de suas costas quando ela aterrissa para que o impacto não atrapalhe seu passo.

Ela não me diz nada disso em palavras ou imagens — ou mesmo em sentimentos.

Eu simplesmente... sei.

O cenário de prática que Stark nos dá hoje é focado em manobras defensivas. Vários pares de Rawbonds são escolhidos para representar os companheiros de matilha "machucados", enquanto outros são "atacantes". Os demais, incluindo Anassa e eu, são instruídos a proteger os companheiros de matilha feridos.

Percebo o momento em que meus instintos de luta se alinham com a experiência de batalha de Anassa, encaixando-se como engrenagens em uma máquina. Não preciso direcioná-la como tentei antes; tudo o que preciso fazer é ajustar minha esgrima para se adequar aos seus padrões naturais de caça.

É quase como uma dança.

Quando ela se lança para um ataque, minha espada está lá para golpear na abertura que ela deixa para trás. Quando ela salta para longe novamente, eu a golpeio para defender seu flanco exposto.

A confiança cresce lentamente entre nós a cada manobra, e uma vertigem inesperada borbulha em meu peito. A cooperação desajeitada, a sensação de trabalho em equipe relutante, se foi. Movemo-nos juntos com precisão letal — ainda que não com a unidade fluida de Stark e seu lobo.

A coordenação deles carrega uma unidade predatória, como dois assassinos que compartilham uma única mente, um único objetivo:

Caçar. Matar. Triunfar.

A ideia de que Anassa e eu possamos um dia alcançar esse tipo de unidade me enche de uma ânsia inesperada. É bom trabalharmos juntos em vez de estarmos tão em desacordo um com o outro.

É uma sensação poderosa.

Com a ajuda de Anassa, talvez eu tenha uma chance de encontrar minha irmã.

Mas isso ainda está longe. Ainda estamos encontrando nosso ritmo.

Em meio a tudo isso, Stark circula seu enorme lobo negro, observando como um falcão. Tento ignorá-lo, mas vejo seu rosto repetidamente. A cada vez, sua expressão é mais sombria e cruel do que antes.

Suas ordens berradas levam nossos "atacantes" a um frenesi mortal. Em uma onda de movimentos e metal tilintando, Anassa e eu nos defendemos com sucesso contra três ataques simultâneos.

"De novo!" ele grita. "Com mais força desta vez!"

De repente, estamos cercados. Três atacantes de um lado, dois do outro.

Que diabos? Ninguém mais está recebendo esse tratamento! Por que ele está sempre nos destacando?

Que babaca sádico.

Mas cerro os dentes e me concentro, confiando que Anassa sabe o que fazer.

Ela se lança e salta com uma velocidade incrível, atacando e defendendo em turnos. Nem sei como consigo ficar em suas costas, mas consigo. É quase como se eu estivesse fundido diretamente à sua espinha. Meu braço com a espada voa sem pensar, seguindo sua liderança com uma precisão coreografada.

Milagrosamente, a sessão termina com nós dois sem fôlego e respingados de sangue, mas invictos.

Na verdade, estou um pouco decepcionado por ter acabado, para minha surpresa. Olho para Anassa enquanto desmonto e sorrio sem pensar.

"Foi bom", digo a ela.

Anassa não retribui meu sentimento — ela apenas se vira e vai embora, como sempre. Mas percebo a sua satisfação.

E pela primeira vez, os hematomas no meu corpo esquentam e cicatrizam. Ela finalmente está usando seus poderes de cura em mim novamente.

Então noto o estranho silêncio que se instalou no campo de treinamento. As outras duplas de Rawbonds nos encaram como se nunca tivessem nos visto antes. Alguns deles sussurram entre si em tom de espanto.

Huh. Acho que os impressionamos.

Sentindo seu olhar, olho para Stark enquanto todos começam a sair do campo de treinamento. Quero ver algum sinal de aprovação em seus olhos tempestuosos, por mais que odeie admitir.

Que diabos há de errado comigo para buscar elogios de alguém que recentemente ameaçou causar um "acidente" comigo?

Como sempre, sua carranca vingativa poderia escurecer os céus da ensolarada Astreona. Me pergunto se essa é sua arma secreta no campo de batalha: rosnar para todos os Sifões como a criatura selvagem que ele é.

Levanto o queixo para ele, desafiando-o. Nós dois sabemos que meu sucesso

hoje significa que tenho muito menos chances de ser assassinado por um dos outros Rawbonds.

Espero.



Quando volto para o meu quarto esta noite, noto um bilhete em cima da minha mesinha. O quarto estava trancado, o que significa que só pode ser de uma pessoa.

Killian.

Aproximo-me do bilhete com cautela e a curiosidade de Anassa desperta no fundo da minha mente.

"Do homem que eu costumava... ver", digo a ela.

"Já percebi", ela responde secamente. Ela provavelmente está irritada por eu ter gastado tanta energia mental com Killian quando deveria estar treinando e fortalecendo nosso vínculo.

Ela concorda.

Suspirando, desdobro o bilhete. Não tenho certeza do que quero dele. Depois de vê-lo no Julgamento da Voz, tudo o que eu queria era procurá-lo, consertar o que estava quebrado entre nós e encontrar uma maneira de seguir em frente. Mas será que posso realmente confiar nele novamente?

O bilhete acalma todos os meus pensamentos de confiança.

"Venha aos meus aposentos quando receber isto. Tenho uma atualização sobre os Nabbers. Direto pelo túnel dos servos, ignore todas as curvas. Termina nos meus aposentos. —K."

Se ele descobriu algo sobre os Nabbers, sobre Saela, preciso ir até ele. Pego minha lamparina a óleo e abro o guarda-roupa, empurrando minhas roupas para o lado. Então, tateio o painel e, por fim, meu dedo prende um botão.

Empurro-o e o painel de madeira se abre, revelando um túnel de pedra escuro. Siga o caminho reto, disse Killian. Fácil.

Mas, à medida que as paredes de pedra se entrelaçam cada vez mais no coração do castelo, meus cabelos começam a se arrepiar, como se algo estivesse errado.

Assim como nos corredores naquela noite após a Apresentação, as sombras parecem se mover com vontade própria. Sussurros fracos ecoam pelas paredes, vindos de lugar nenhum e de todos os lugares ao mesmo tempo. São fracos demais para distinguir palavras, mas carregam um zumbido enervante de energia que se instala atrás dos meus olhos e me deixa tonto.

Com a cabeça girando, paro sob a luz fraca da lamparina a óleo, apoiando a mão na parede para me firmar.

Que porra é essa?

As vozes ficam mais fortes.

Pressionando a palma da mão contra a pedra fria para me firmar, o horror desce em espiral pelas minhas entranhas. Isso é como um dos episódios da minha mãe.

Balanço a cabeça, nem sei se é para refutar o pensamento ou para afastar as vozes.

Tenho uma visão da minha mãe sentada à mesa da cozinha, atordoada, olhando para o nada. Conversando com fantasmas.

Era assim para ela? Será que eu também estou caindo na loucura agora?

Eu me jogo para a frente, determinada a não me entregar ao que quer que seja. Se eu conseguir chegar aos aposentos de Killian, talvez as vozes parem. A realidade se reafirme e eu me sinta normal novamente.

O caminho continua serpenteando para dentro das entranhas do castelo, mas chego ao que parece uma bifurcação. Estou virada e, de repente, não consigo dizer qual caminho devo seguir. Seguindo em frente, percebo minutos depois que comecei a descer em vez de subir para os aposentos. O ar está pesado aqui embaixo, mofado de umidade e idade.

Tropeço no escuro e meu ombro prende em algo macio.

Um tecido pesado e empoeirado desaba sobre mim — uma tapeçaria antiga e desbotada. Os sussurros atingem o pico em um crescendo selvagem enquanto o tecido desliza de mim para o chão.

Meu suspiro ecoa assustadoramente contra as paredes de pedra fria.

Onde a tapeçaria estava pendurada, há uma imagem enorme e intrincada esculpida diretamente nas pedras — uma mulher montada em um lobo enorme, com o rosto sereno. Sua cabeça é adornada por uma coroa intrincada composta por dois lobos gigantes saltando um em direção ao outro.

Vagamente, reconheço que o estilo da arte é antigo. Muito diferente das outras esculturas e estátuas ao redor do castelo. É mais rústica, com marcas sutis das ferramentas do escultor, mas não menos elegante por isso.

Minha visão se turva estranhamente enquanto traço o rosto da mulher com os dedos. Com um sobressalto, percebo que é o vínculo — Anassa ganha vida na outra ponta, sua atenção se voltando para mim, cheia de curiosidade.

Por que essa escultura estaria escondida no castelo? E logo ali?

Toco a escultura novamente como se para confirmar sua existência. Não estou imaginando isso, estou? Como os sussurros?

Como se em resposta aos meus pensamentos, os sussurros ressurgem. Minha

mão treme contra a cabeça da mulher e as vozes pressionam meu crânio como um peso físico.

Minha respiração fica ofegante. Minha visão escurece. Como se viessem de algum lugar distante, minhas pernas começam a ceder.

O último pensamento que tenho antes de perder a consciência é que Killian estará esperando, imaginando o que aconteceu comigo.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO VINTE E CINCO

A consciência retorna aos poucos. Sensações flutuam ao meu redor, desconectadas umas das outras. Seda quente contra a minha pele. O cheiro de óleo queimado. Um rosto pairando sobre mim, pintado pela luz quente de uma lâmpada.

Pisco lentamente, lutando para me concentrar naqueles traços familiares e marcantes, tensos de preocupação.

Killian.

Com um suspiro, volto à plena consciência.

"Graças a Deus você acordou", diz Killian enquanto me esforço para me sentar ereta. "Não, não se mexa. Você está segura, está tudo bem."

Relutantemente, me acomodo contra os travesseiros de veludo e olho ao redor. Estamos nos aposentos de Killian, eu acho.

Seu quarto é um estudo de luxo real. Seda, cetim e veludo por toda parte. Luminárias de cristal e tapeçarias elaboradas. Pinturas enormes com molduras douradas. Fazem as áreas vinculadas parecerem modestas em comparação.

Mas não estou interessado em catalogar os detalhes agora.

"O que aconteceu?", pergunto, tentando me livrar da desorientação. Minha cabeça ainda está girando.

"Eu ia te perguntar isso", diz Killian, pegando uma tigela de água no criado-mudo. Ele pressiona um pano úmido e frio na minha testa. "Você não apareceu, então fui te procurar. Você estava inconsciente quando te encontrei no corredor."

Tudo me volta à mente num piscar de olhos.

O corredor. A escultura na parede...

Os sussurros.

"Gatinho?", pergunta Killian suavemente, a preocupação evidente em cada linha do seu rosto.

Eu me afasto do seu toque, ardendo com a familiaridade, mesmo que eu o deseje.

Não posso contar a ele sobre os sussurros — o medo crescente de ter herdado a loucura da minha mãe. Por mais que eu adorasse desabafar, ainda não consigo confiar nele dessa forma.

"Não sei", digo, forçando uma risada indiferente. "Acho que desmaiei de exaustão. O treinamento tem sido intenso nos últimos dias." Olho ao redor em busca de um relógio. "Que horas são?"

"Tarde", ele diz. "Você dormiu por horas."

Isso me dá um arrepio.

Droga. Isso não pode ser bom.

"Quando você me encontrou no corredor..."

Suas sobrancelhas se erguem quando minha voz se perde. "O quê?

Droga. Pode ser uma má ideia, mas eu preciso saber.

"Você viu uma escultura na parede?", pergunto. "Uma mulher montada em um lobo gigante, usando uma coroa feita de lobos saltando?"

Ele me lança um olhar vazio e meu estômago embrulha.

"Não. É um antigo corredor de servidão", diz ele. "Não há esculturas nos corredores de servidão."

Para minha surpresa, Anassa se mexe com isso — seu rosnado baixo preenche minha cabeça.

"Que diabos isso significa?" Exijo dela.

Nenhuma resposta do lobo, claro. Será que ela também viu a escultura? Era real ou Anassa consegue ver meus delírios?

Enquanto isso, Killian me olha com expectativa, com uma nova preocupação franzindo sua testa.

"Ah", digo baixinho, esperando que ele não sinta meu pânico crescente. "Eu... devo ter sonhado, então."

Killian suspira. "Eu pedi para você vir aqui por um motivo, Meryn, mas acho que devemos guardar para quando você estiver se sentindo melhor."

"Só me diga", digo. "Se tem alguma coisa a ver com a minha irmã, eu quero saber."

Ele me encara profundamente e então, finalmente, diz: "Pegamos um. Um Nabber."

Meu coração dispara. "O quê?!"

A escultura, os sussurros, minha loucura iminente — tudo é instantaneamente esquecido. Levanto-me e saio da cama, ignorando os protestos de Killian.

"Espere, Mer, você precisa descansar..."

"Onde está o Nabber?", pergunto. "Eles estão aqui no castelo?"

"Meryn", diz ele, tentando me conduzir de volta para a cama, "sua saúde..."

Interrompo-o com uma intensidade feroz. "Leve-me para lá — agora!"



As masmorras do castelo são um choque depois da opulência dos aposentos reais de Killian. O lugar cheira a mijo, merda, sangue velho e corpos sujos — não muito diferente de outras partes da cidade. Sinto uma pontada de autodesgosto, querendo me afastar daquela miséria.

Na verdade, as paredes de pedra escura e o chão coberto de palha são mais limpos do que algumas das ruas em que cresci.

Será que já me acostumei tanto com o luxo?

Dois guardas reais ficam em posição de sentido quando Killian e eu passamos. Olho para eles nervosamente, embora Killian já tenha me garantido que são leais a ele e não contarão a ninguém que estivemos aqui. Espero que ele esteja certo.

A maioria das celas está vazia, suas pesadas barras de ferro enegrecidas pela luz fraca. Passamos por uma grande cela comunitária com dois bêbados dormindo lá dentro, fedendo a bebida forte; depois, por uma série de celas menores. Finalmente, chegamos ao fim da fileira. O cheiro de sangue fresco me invade o nariz.

Um homem de pele clara está sentado, curvado, em uma cadeira de madeira rústica, com os braços e pernas amarrados com uma corda grossa. Ele foi espancado violentamente. Seu rosto está inchado e ensanguentado, as feições irreconhecíveis. Há uma pequena mesa de madeira do lado de fora da porta da cela. Sobre ela, encontra-se uma variedade de instrumentos ensanguentados. Alicates, facas, algo que parece um saca-rolhas.

O homem levanta a cabeça, os olhos nada mais que um brilho negro em seu rosto arruinado.

Killian acena para mim.

"Você é um Sifão?", pergunto através das grades.

Há uma pausa enquanto o homem me olha com uma cautela exausta.

"Não."

Aproximo-me das grades, a raiva crepitando em minhas veias. "Quem é você?"

"Ninguém", ele diz com a voz rouca. "Apenas um homem das favelas do Bairro Sul."

Suas roupas esfarrapadas e sua fala áspera confirmam.

"Quem te contratou?"

"Eu já avisei os guardas", ele resmunga. "Você vai acabar comigo ou o quê?"

Kilian se aproxima, sua grande presença ao mesmo tempo calmante e dominadora. "Responda a ela", ele ordena friamente.

O homem grunhe. "Eu não sei. Quem quer que tenha sido usava uma máscara e pagou em ouro. Eu não fiz perguntas."

Monstro do caralho.

"O que acontece com as crianças que são levadas?", pergunto, a raiva fervendo em fúria. Este homem anda arrancando crianças de suas famílias. Pode até ser ele quem levou Saela.

"Não sei", diz o homem, desviando o olhar.

A raiva aumenta dentro de mim. Bato a mão contra as grades com força suficiente para fazê-lo estremecer. "Você está mentindo, porra!"

Seu maxilar se contrai. "Olha, eu não os machuco, tá? Eles ainda estão vivos quando eu os entrego ao comprador."

Eu me viro para Killian em um apelo silencioso. Não sei o que fazer.

O olhar do príncipe é duro, sua boca pressionada em uma linha firme e furiosa. Sem dizer uma palavra, ele pega uma chave e destranca a cela. Então, pega o alicate da mesa e entra.

O medo nos olhos do Nabber me enche de uma satisfação sombria. Killian levanta o alicate e o aplica cuidadosamente na unha do dedo indicador esquerdo do prisioneiro.

A voz de Killian é baixa e perigosa. "O que acontece com as crianças?"

O Nabber começa a tremer, os lábios inchados tremendo. "Eu n-não sei!"

Seu grito ecoa pelas paredes enquanto Killian arranca a unha do seu leito de carne.

Porra.

Nunca vi Killian assim antes. Não fazia ideia de que ele pudesse ser tão... brutal.

Ele se inclina ameaçadoramente sobre o prisioneiro e uma faísca inesperada se acende em minhas veias ao ver aquele homem refinado recorrendo à violência desenfreada em meu nome.

"Vamos tentar de novo", diz Killian suavemente, colocando o alicate na ponta de outro dedo. "O. Que. Acontece. Com. As. Crianças?"

"P-por. favor... eu n-não..."

Outro grito rasga o ar, arrepiando os pelos da minha nuca e fazendo meu coração disparar. Killian levanta o alicate, segurando os olhos vidrados de dor do prisioneiro enquanto deixa o prego ensanguentado cair no chão.

"Faltam oito", diz o príncipe lentamente. "Depois começamos nos dedos dos pés."

"Eles vão me matar!", grita o homem.

Killian inclina a cabeça para o lado, o cabelo loiro-escuro caindo sobre seus olhos azuis acinzentados. Ele parece um deus vingativo. "Acha que não?"

O homem começa a chorar, com lágrimas escorrendo por suas bochechas ensanguentadas. "Certo! Vamos levar as crianças para um armazém abandonado no Bairro Sul!"

"E depois?", pergunta Killian.

"O mascarado as tira de lá e as tira da cidade. É tudo o que eu sei, juro!"

Entro na cela e paro ao lado de Killian. "Qual armazém é?", interrompo. "Em que rua?"

Ele nos dá o endereço entre soluços.

"Quantos Nabbers existem?", pergunto. "Onde podemos encontrá-los?"

O homem balança a cabeça. "Sou o único."

Sem dizer uma palavra, Killian se abaixa e arranca outra unha.

O uivo de dor do homem faz meu sangue pulsar nos ouvidos.

"Meu irmão!", grita o homem. "Foi ele quem me trouxe. Alguns dos nossos amigos também." Sua cabeça pende enquanto mais soluços preenchem a sala. "Desculpe! Desculpe! O dinheiro... nós n-precisávamos do dinheiro!"

"Seu verme nojento", rosna Killian. "Eles eram crianças! Você merece morrer pelo que fez."

"Diga-nos os nomes deles", eu digo. "Seu irmão e os outros Nabbers."

O homem obedece, em meio a mais aquele choro patético. Então Killian me olha com uma pergunta silenciosa.

Terminamos aqui?

Balanço a cabeça. Tenho mais uma pergunta.

Abaixando-me para olhar o prisioneiro nos olhos, digo: "Há pouco mais de um mês, um de vocês sequestrou uma garota de uma casa no Bairro Leste. Saela. Cabelos longos e escuros, olhos castanhos. Onze anos. O que aconteceu com ela? Ela está no armazém?"

"Eu não sei!", choraminga o homem. "Eu não sequestrei nenhuma garota!"

Uma quarta unha se junta às outras no chão enquanto os gritos do homem vibram em meus ouvidos. Uma satisfação sombria inunda minhas veias, alimentando a raiva que ainda queima em minhas entranhas.

"Eu disse que não sei!", lamenta o homem. "Já teve crianças demais! Não me lembro mais dos rostos delas!" Ele soluça tanto que começa a engasgar. "Por favor, eu juro, eu não conheço nenhuma Saela!"

Killian se vira e gesticula para que os guardas venham até nós enquanto eu

encaro o prisioneiro trêmulo com gratificação sádica.

"Reúna o máximo de guardas possível naquele local", diz Killian a um dos guardas. "Encontre os outros Captores e aprisione-os. Estamos encerrando a operação deles."

O guarda assente e se afasta apressadamente enquanto Killian se vira para o segundo.

"Mate-o."

Algo dentro de mim se rompe com isso. Sombras escuras fervilham em minha visão, assim como naquela noite no corredor quando matei o Daemos Rawbond. Um sentimento primitivo surge, trazendo Anassa consigo.

Trazendo uma fúria crua e selvagem.

"Não", eu estalo, a violência crescendo em mim como uma maré incontrolável. "Essa escória é minha."

Eu nem olho para os outros enquanto avanço em direção ao Nabber, minha adaga subitamente na mão. De algum lugar distante, ouço seus apelos patéticos, seus soluços de terror. Seus olhos se reviram enquanto ele luta contra as amarras.

Nada disso me toca. Nada pode penetrar o manto de sede de sangue sombria que me tomou.

"Misericórdia!" ele lamenta. "Por favor!"

Eu me ouço falando com uma voz que parece metal rangendo em pedra. "Aquelas crianças tiveram alguma misericórdia? Minha irmã teve alguma misericórdia?"

Eu não espero por uma resposta.

Minha lâmina afunda, rasgando carne e músculo, raspando contra osso. Um jato de sangue quente molha minha mão e rosto.

Não sei quantas vezes minha lâmina se ergue. Quantas vezes ela rasga a pele do Nabber. Nem percebo quando os gritos param. Tudo o que sinto é uma fúria assassina, impulsionada pelo cheiro de sangue e pela aprovação cruel de Anassa.

Finalmente, ouço Killian gritando meu nome. Sinto suas mãos me puxando para trás.

"Ele está morto, Meryn. Ele se foi."

Eu me viro para ele atordoada, piscando para afastar o sangue, e então olho para o prisioneiro novamente. A parte superior de seu corpo é uma massa de um vermelho brilhante. Seu rosto ferido está pálido e flácido, a cabeça apoiada no encosto da cadeira. O sangue escorre por suas pernas e se acumula nas pedras sob seus pés. Meu rosto e minhas mãos estão pegajosos.

Killian está me olhando com uma preocupação despreocupada. Estamos sozinhos. O segundo guarda já se foi há muito tempo. Mas ele deve ter visto... deve ter ouvido os gritos.

Levanto a faca vermelha e escorregadia na minha mão e espero sentir nojo do que fiz.

Mas não consigo. Não consigo. Eu faria isso de novo e de novo para proteger minha irmã e todas as outras crianças plebeias.

A voz de Anassa preenche minha cabeça, carregada de ira.

"Algumas pessoas merecem morrer."

OceanofPDF.com

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Não me lembro da maior parte da caminhada de volta ao quarto de Killian. Uma espécie de dormência miserável me invade, pensando em Sae. Me perguntando se o homem que acabei de matar foi realmente quem a levou embora.

Não pela primeira vez, penso em como ela deve ter ficado apavorada. Como ela deve ter se sentido sozinha.

A dormência se dissipa, substituída por aquela onda sombria e sombria de violência mais uma vez. Isso me faz querer matar aquele pedaço de merda de novo. E seu irmão e todos os seus amigos também.

Escória do maldito reino.

Começo a voltar a mim quando Killian me guia para o banheiro conectado ao seu quarto. Este lugar deixa o banheiro dos Bonded no chinelo. Mosaicos elaborados cobrem as paredes, pontilhados com pedras preciosas que refletem a luz da lâmpada como estrelas. Há uma banheira funda embutida no chão, grande o suficiente para acomodar dez pessoas confortavelmente, com vapor já saindo da água com cheiro de óleos intensamente perfumados.

"Você deveria se limpar", diz Killian, seu olhar me examinando sem julgamento. "Vou te dar um pouco de privacidade."

Tenho certeza de que estou horrível agora, considerando o quão pegajosos meu rosto e minhas mãos estão. Mas ele não se esquiva da visão. Nunca se esquivou. Killian sempre, sempre me aceitou como eu sou. Aceitou meu lado selvagem e me ajudou a resistir aos meus instintos mais autodestrutivos.

Ele se vira para ir embora e eu seguro seu pulso, a parte de mim que estava lutando contra ele finalmente silenciada. Lembro-me de como ele torturou o prisioneiro com tanta calma.

Como ele era calculista e brutal. Como eu gostava de vê-lo daquele jeito.

Estou exausta e decepcionada por não termos descoberto nada sobre Saela e,

mais do que tudo, estou farta.

Cansei de lutar contra isso, cansei de fingir que não sinto falta de estar nos braços dele, de tê-lo cuidando de mim.

"Fique", digo, sem rodeios.

Seus olhos cor de safira encontram os meus e ele se aproxima. "Tem certeza?", pergunta.

"Com certeza", respondo. "Senti sua falta."

Ele estende a mão, calmamente pegando uma das minhas mãos entre as suas maiores e virando-a. "Eu também senti sua falta, gatinha. Você não se cortou?" O sangue nelas está seco e rachando agora. Começa a descamar sob seu toque firme.

"Acho que não", murmuro.

"Ótimo", diz ele. "Vamos te dar um banho."

Ele desabotoa minha camisa encharcada de sangue e a tira, aproximando-se de mim, o calor do seu corpo já me aquecendo. Killian se inclina e beija minha bochecha imunda, meu ombro, meu esterno, desfazendo o curativo do meu peito com seus dedos ágeis. Suas mãos deslizam até meus quadris e ele me ajuda a tirar a calça e a calcinha.

Então ele dá um passo para trás e encara com fome meu corpo nu e ensanguentado. Minhas bochechas coram.

"Tenho certeza de que estou com uma aparência assustadora", digo.

"Você é a mais linda que já foi."

Meu coração se enche de alegria e, de repente, sinto a presença de Anassa se intensificando em minha mente. Mortificada e agindo por instinto, derrubo a parede de ferro entre nós.

"Isso não", penso desesperadamente para ela, esperando que a mensagem a alcance por trás da barreira. "Você não é bem-vinda aos meus momentos íntimos."

Só há silêncio do lado dela.

"Ser?", pergunta Killian, olhando para mim com curiosidade.

"Desculpe", digo, e então agarro sua camisa, ansiosa para que ele se desnude. Para ver as linhas firmes de seu corpo, sentir suas mãos em mim.

Posso finalmente admitir que tenho desejado isso, desejado-o apesar da minha raiva e mágoa. Noite após noite, observei os outros Rawbonds encontrarem satisfação uns com os outros, e na minha mente era apenas ele — Killian.

Killian se despe rapidamente. Sua figura familiar é tão bela como sempre, magra e firme, com músculos. Meu olhar percorre seu abdômen definido e desce até a extensão endurecida entre suas pernas. Minhas coxas se contraem diante da

visão. Acho que ele também está frustrado.

Ele me guia escada abaixo até a água fumegante. Nos acomodamos em um banco de azulejos embutido na lateral da piscina.

"Aqui", murmura Killian, pegando um frasco da prateleira embutida na parede. "Deixe-me."

Aceno e enfio a cabeça na torneira para molhar o cabelo. Então, me viro para me encostar em seu peito. A sensação de suas mãos em meus cabelos — seus dedos deslizando ternamente pelo meu couro cabeludo — é tão reconfortante e cheia de carinho que ameaça me fazer chorar. Eu estava faminta por seu amor e ternura.

Quando ele termina de pentear meu cabelo, passa para o meu corpo. E o toque reconfortante logo se transforma em outra coisa.

A camada de sabonete é pecaminosa, mesmo enquanto lava os últimos vestígios dos meus pecados violentos. Suas mãos me envolvem, uma deslizando por toda a extensão do meu pescoço, a outra segurando meu seio e, em seguida, deslizando pela minha lateral.

O toque de Killian não muda — ele ainda ensaboa cuidadosamente cada centímetro de mim, seus dedos gentis e decididos. Meus olhos baixam para observá-los traçar seu caminho pelo meu corpo, e meu rosto cora com a visão erótica.

Suas mãos deslizam para o alto das minhas coxas, depois voltam para cima, massageando ambos os seios com sabonete, e o puxão suave de suas palmas esfregando meus mamilos me incendeia. Inclino a cabeça para trás em seu ombro, incapaz de conter um gemido.

A respiração de Killian sopra contra minha pele, e consigo imaginar exatamente a expressão divertida, porém excitada, em seu rosto.

Suas mãos conhecem meu corpo tão bem. Cada toque dele atiça minha excitação, e estou ficando cada vez mais molhada entre as pernas, de alguma forma, apesar da água com sabão em que estou imersa.

Sem aviso, sua boca chega ao meu pescoço, os dentes roçando e depois beliscando, e eu grito, arqueando as costas involuntariamente.

Finalmente, seu toque fica mais forte, possessivo. Uma mão se abre contra minha barriga, os dedos pressionando meu abdômen magro, me apertando com força contra seu peito e barriga, sua ereção insistente contra a curva da minha bunda. Eu me esfrego contra ele, o deslizar da água com sabão insanamente erótico entre seu pau e minhas curvas.

Ele se enrijece atrás de mim, seus dentes cravando-se com mais força em meu pescoço. "Killian", eu ofego, e ele geme, então.

"Diga meu nome de novo", ele sussurra, os lábios contra meu ouvido.

"Killian."

Ainda me pressionando firmemente contra ele com uma mão, a outra afunda cada vez mais no lugar carente entre minhas coxas. O deslizar de seus dedos contra mim na água morna é elétrico. Eu me contorço e me arrepio enquanto ele me toca exatamente como sabe que eu gosto, acelerando e depois desacelerando.

Minha respiração falha quando meu orgasmo chega rápido. "Oh, deusa — sim —" e então, em um movimento rápido, ele afasta a mão, agarrando meus quadris e nos reposicionando para que, quando eu afundar novamente, seja em seu pau, seu comprimento quente me preenchendo cada vez mais. Depois de semanas sem ele, ele é quase demais para mim; estou ofegante enquanto ele me puxa os últimos centímetros para baixo, se aninhando completamente dentro de mim.

Ele puxa uma das minhas mãos até o ápice das minhas coxas, seus dedos entrelaçados aos meus enquanto, juntos, encontramos meu clitóris novamente, cada toque como fogo, com a sensação adicional dele bem fundo dentro de mim, de alguma forma ficando ainda mais duro conforme eu o aperto.

Então suas mãos estão de volta nos meus quadris e ele me levanta, me puxa para baixo, me fode enquanto eu encontro meu próprio prazer, me tocando desesperadamente enquanto começo a me estilhaçar em volta dele.

"Goza pra mim, gatinha", ele rosna, e isso é tudo o que precisa para me levar ao limite — eu grito enquanto gozo, empurrando meus quadris com força contra ele, querendo sentir cada centímetro, e então ele goza junto, estocadas fortes que o levam ainda mais fundo enquanto eu ofego, as ondas do meu orgasmo ainda me atingindo.

Finalmente, nós dois paramos de nos mover, e eu saboreio a sensação dele ainda dentro de mim, ainda me preenchendo enquanto nós dois lutamos para recuperar o fôlego.

"Aquilo foi..." Não tenho certeza se tenho palavras para descrever. O prazer, o conforto das suas mãos, a água morna, a ardência dos seus dentes.

A exaustão me atinge e eu afundo mais contra ele. Seus braços me envolvem, possessivos.

"Desculpe", ele murmura contra meus cabelos. "Desculpe por não termos descoberto nada sobre Saela."

Com o coração transbordando de amor e tristeza, viro-me em seus braços, envolvendo minhas pernas em volta de sua cintura e pressionando minha boca contra a dele.

"Não se desculpe", sussurro. "Por sua causa, os Nabbers serão fechados. Nenhuma outra criança desaparecerá de Sturmfrost. É uma vitória, mesmo que não tenhamos descoberto nada sobre Saela. É mais do que eu jamais esperava.

Obrigada."

Ele sorri, mas há dor em seus olhos. "Nós a encontraremos. Eu prometo. Não desistirei até que a encontremos."

As lágrimas que ameaçaram cair antes retornam. Com elas, vem uma certeza de aço que se instala profundamente em meus ossos.

Ele tem razão. De uma forma ou de outra — seja pelo poder de Killian, meu vínculo com Anassa ou pela força das minhas próprias mãos encharcadas de sangue —, vou trazer minha irmã para casa.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO VINTE E SETE

Na manhã seguinte, Egith nos encontra no campo de treinamento de Strategos. Ela espera até que todos estejamos alinhados ao lado de nossos lobos. Anassa caminha até mim, seu pelo branco-prateado brilhando sob o sol de inverno, mas não me olha.

"Bom dia para você também", digo a ela. Nada.

"Parabéns, Rawbonds", anuncia Egith. "Vocês chegaram a uma nova fase crucial do seu treinamento."

Há um murmúrio vindo dos outros e Izabel me lança um olhar animado. Não sei por que ela está tão feliz.

Uma nova fase significa desafios mais difíceis. Mais oportunidades de fracassar.

"Agora que vocês passaram no Teste da Voz, precisamos começar a treinar para acessar as habilidades mais profundas, únicas de cada matilha", continua Egith. "Como você bem sabe, cada matilha tem seus próprios poderes. Entre os Strategos, nossos lobos podem compartilhar suas habilidades estratégicas aprimoradas, que são potencializadas pela união da matilha."

Aqui Egith faz uma pausa, seu olhar penetrante percorrendo-nos para garantir que todos estejamos prestando atenção.

“Em batalha”, ela diz, “essas habilidades são absolutamente indispensáveis. Elas se manifestam de várias maneiras importantes. Uma: uma compreensão quase presciente dos movimentos das tropas. Duas: a capacidade de detectar fraquezas nas formações inimigas. Três: calcular probabilidades e resultados com precisão sobrenatural. No entanto”, ela se vira para olhar diretamente para mim, erguendo uma sobrancelha, “acessar esse poder requer sincronização completa entre lobo e cavaleiro.”

Suspiro. Ótimo, obrigada pelo voto de confiança, Egith.

“Quando digo que sua conexão com seu lobo deve ser completa, é isso mesmo que eu quero dizer”, acrescenta Egith, caminhando pela primeira fileira de Rawbonds, passando por Perielle, que está parada altivamente ao lado de seu lobo. Eles provavelmente têm uma conexão perfeita.

“Vocês devem pensar como uma só mente, compartilhar o mesmo propósito. Somente quando todos conseguirem alcançar esse tipo de unidade com seus lobos, vocês serão capazes de se conectar mentalmente como uma matilha — uma habilidade que aumenta seus poderes em momentos de grande necessidade. Então, confie em seus lobos e deixe-os guiá-los para a unidade da matilha. Eles sabem o que fazer.”

Mais uma vez, Egith me olha de relance.

“Não se enganem, Rawbonds — isso não será fácil. Alguns de vocês vão fracassar. E se não conseguirem superar esse fracasso, isso terminará na sua eliminação da matilha.”

Estou adorando a conversa estimulante.

Com isso, ela faz o gesto de “vá em frente” e espera que nós... não sei o quê.

Olho para os outros Rawbonds e os encontro fechando os olhos e respirando fundo como se estivessem meditando. Alguns deles ofegam, sobressaltando-se visivelmente quando algo passa entre eles e seus lobos.

Ah. Certo. Acho que estamos fazendo a coisa certa.

À minha esquerda, Izabel solta um suspiro longo e trêmulo. “Eu vejo... um campo de batalha.”

“Eu também”, diz outro Rawbond perto da frente do grupo. “É tão claro — como se eu estivesse vendo acontecer com meus próprios olhos!”

“Ótimo”, diz Egith. "Concentre-se. Deixe as visões se desenrolarem. O que seus lobos estão tentando lhe mostrar?"

Olho para Anassa enquanto os outros começam a descrever suas visões de batalhas e as estratégias que as venceram — ou as fizeram perder.

"Então... devemos tentar?", pergunto a ela.

Sem resposta. Ela nem olha para mim. Quando a alcanço através do vínculo, meu coração afunda.

A parede de ferro está de volta, tão impenetrável quanto antes.

"Droga, pensei que já tivéssemos superado essa porcaria!", penso para ela, sabendo que ela consegue sentir meus sentimentos mesmo que não ouça minhas palavras.

Sem resposta.

Porra.

Não tenho escolha a não ser ficar ali parada fingindo meditar para que o olhar atento de Egith não perceba meu fracasso. Pelo menos não sou a única que

parece não ter visões.

Uma entre algumas, pelo menos.

Por fim, Egith encerra o exercício, encerrando nossa aula com um anúncio de arrepiar.

"Pratiquem o aprofundamento dos laços com seus lobos o máximo possível nas próximas semanas, Rawbonds", diz ela, gravemente. "O Julgamento da Purificação chegará antes que vocês percebam, que é o fim do período de Forja. Depois disso, os Rawbonds que restarem passarão para o período de Provação, onde vocês aprenderão a trabalhar juntos como matilhas."

Os Rawbonds que restarem. Não acredito que estamos enfrentando a morte novamente tão cedo. E se bem me lembro, esta é uma chance para as matilhas eliminarem quaisquer membros que considerem fracos demais para sobreviver.

Este processo é ridículo.

"Espere aí", digo, sem conseguir conter a frustração. "Não entendo toda essa coisa de purgação. Por que matar uns aos outros? Por que diminuir nossas próprias fileiras quando precisamos de todos os guerreiros que pudermos reunir para lutar contra os Sifões?"

Egith apenas franze a testa para mim, perplexo e decepcionado.

Olho para os outros. Perielle sorri como se eu tivesse acabado de anunciar em voz alta que sou o idiota da vila.

"Sério, alguém me explica", digo. "Por que estamos eliminando casais ligados se eles já são tão raros? Por que o rei exige isso? Por que todos simplesmente aceitam?"

O silêncio que se segue é ensurdecedor. Ao meu lado, Anassa se eriça com um desprezo silencioso. Até Izabel estremece de vergonha quando olho em sua direção.

A voz de Egith soa novamente, carregada da tensão de um temperamento mal controlado. "Não tem nada a ver com o rei."

Encontro seu olhar frustrado. "Tudo bem, então por quê?"

"Lobos gigantes são criaturas de matilha", ela resmunga, "caso isso não tenha ficado bem claro para você. Estas Provas são criadas por e para eles."

Espere... o quê?

"Você está dizendo que os lobos gigantes criaram este treinamento?", pergunto. "Eles querem que a gente se mate uns aos outros?"

"Sim", rosna Egith. "Na guerra, o elo mais fraco coloca todos em perigo. Só podemos ter sucesso contra o inimigo se trabalharmos juntos. E se houver lobos gigantes ou cavaleiros vinculados que possam colocar em risco a segurança da matilha, é do interesse de todos eliminá-los agora — antes que estejamos em guerra e todas as nossas vidas estejam em risco."

Meus ouvidos começam a zumbir no silêncio que se segue.

Ah.

Ah... merda.

A compreensão surge com um medo frio e profundo.

Bom trabalho, Meryn. Você acabou de pintar outro alvo nas costas.

Através do meu tênue vínculo com Anassa, sinto a concordância da loba com as palavras de Egith. E algo mais — um aviso. Ou talvez um desafio.

Se eu estragar tudo, ela ficará feliz em me abater sozinha.



Depois da aula, vou direto para os terraços para encontrar Anassa. Ela está no terraço mais alto novamente, e o muro mental entre nós está maior e mais impenetrável do que nunca. Minha frustração aumenta a cada tentativa fracassada de nos conectarmos através do nosso vínculo.

Por que diabos ela está fazendo isso? Achei que tínhamos um acordo.

Essa loba maldita vai me matar.

Uma pontada de vergonha me persegue enquanto subo, no entanto. Sei que estraguei tudo hoje ao questionar o processo. Se eu não tiver Anassa de volta ao meu lado, o Julgamento da Purificação vai ser igual à Apresentação — só que vai acabar comigo espalhado no chão. De verdade dessa vez.

Anassa poderia ter me dito que esses Julgamentos foram planejados pelos lobos gigantes, eu acho, com a raiva aumentando a cada degrau que subo. Ela poderia tornar tudo isso muito mais fácil se me ajudasse de vez em quando.

Afinal, foi ela quem me escolheu. Então, por que sempre penso que ela quer que eu fracasse?

Quando chego ao terraço superior, estou praticamente fervendo de raiva. Anassa está deitada lá atrás, onde a parede rochosa da montanha a protege do vento frio e cortante.

"Qual é o seu problema?", pergunto, tanto em voz alta quanto através do nosso vínculo. "Como vou acessar o seu poder se você continua me excluindo?"

Anassa não se move, mas ouço sua voz na minha cabeça, rica e estrondosa como antes.

E carregada de desdém.

"Que direito você tem de acessar o meu poder?", ela rosna. "Você coloca suas próprias paredes entre nós e depois ousa exigir que eu me exponha para você?"

A acusação me pega de surpresa. Do que diabos ela está falando?

Então me lembro — da noite passada. Killian.

"Você está bravo porque eu não deixo você observar momentos íntimos?", pergunto. "Sério?"

Finalmente, Anassa levanta a cabeça, virando-se para me encarar com seus olhos amarelos furiosos. "Sua criança ignorante. Você ainda não entendeu o que esse vínculo significa, não é?"

"Foda-se o vínculo!", rosno. "Eu mereço ter um pouco de privacidade de vez em quando — especialmente quando tudo o que você quer é me julgar!"

A voz mental de Anassa fica gélida e perigosa. "Minha capacidade de sentir suas emoções o tempo todo, e de você sentir as minhas, é o que nos mantém seguras."

"Do que exatamente você está me protegendo, hein? Você me excluiu por semanas depois de me escolher", zombo. "Meus próprios membros da matilha — meus amigos — me despedaçariam se sentissem que seus lobos gigantes exigem isso. Pelo que posso dizer, Killian é a única pessoa neste castelo inteiro em quem posso confiar que não me matará, incluindo você."

Os olhos de Anassa se estreitam, sua voz cortante em advertência. "Se eu estivesse tentando te matar, você já estaria morta."

Eu me afasto dela, frustrada e fervendo, enquanto caminho pela beira do terraço. O vento frio joga meus cabelos nos olhos, mas não me importo.

"Tudo bem, você não está tentando me matar. Mas também não está exatamente tentando me manter viva, está?", pergunto, virando-me para ela. "E agora você está me excluindo porque estou transando sem você espiar? Sério? É porque ele não é um dos Elos? Você não quer que eu fique com ele porque isso não vai te ajudar a encontrar seu parceiro?"

De repente, minha cabeça se enche de risadas estrondosas e irônicas.

"Por que diabos isso é engraçado?", praticamente grito. "É por isso que todos os Rawbonds transam até a morte todos os dias, não é? Para que todos possam encontrar os parceiros de seus lobos gigantes?"

A voz rica de Anassa está carregada de condescendência. "A cópula constante entre os Rawbonds é pouco mais do que entretenimento — para o seu benefício mais do que para o nosso. Deixamos vocês, humanos, se divertirem simplesmente porque é a parte do treinamento que vocês mais gostam."

"Certo", eu digo, irritada. "Eu deveria acreditar que você não se importa em encontrar seu companheiro?"

"Garota idiota", rosna o lobo com um divertimento afiado como uma navalha. "Você acha mesmo que preciso da sua ajuda para encontrar meu companheiro? Eu o conheço há anos."

As palavras me atingiram como um soco no estômago e me fizeram

cambalear. Eu congelei, meu choque reverberando por todo o nosso vínculo. Se Anassa sabe quem é seu companheiro, isso significa...

"Quem?", ouço minha voz rouca. "Quem é?"

Pode ser alguém no castelo, ou um lobo gigante mais velho lá na frente. Pode ser qualquer um, de qualquer matilha, um dos milhares de lobos gigantes por aí...

Sua condescendência me atinge novamente, colorida pela diversão de Anassa — e um desafio inconfundível.

"Eu te direi quem ele é quando você puder me provar que é digna desse conhecimento."

Minha cabeça se joga para trás em afronta. "Você está brincando comigo?"

Seu olhar frio e uma onda de desdém glacial são as únicas respostas que recebo.

Fico ali por um longo momento, lutando contra a raiva e uma crescente sensação de inevitabilidade. Esta é a minha vida agora, lembro a mim mesma. Não há escapatória. Já me conformei com isso.

E não adianta brigar com Anassa, por mais que eu odeie admitir.

"Bem, digno ou não, você está preso a mim", resmungo. "E eu estou preso a você."

"Por enquanto", ela diz lentamente.

Suspiro pesadamente. "Certo. Eu entendo. Você pode rasgar minha garganta a qualquer momento — se um dos outros não me matar primeiro. Mas você sabe muito bem que eu não vou desistir — não enquanto houver alguma chance de encontrar Saela. Eu lutarei até a morte para salvá-la, Anassa. Eu vou superar todos os obstáculos, certo? Eu não dou a mínima para companheiros ou qualquer outra coisa."

Anassa fica em silêncio, aparentemente impassível. Mas ela está ouvindo. Avaliando.

O resto da raiva se esvai de mim, substituído por algo como resignação. "Vou tentar deixar você sentir minhas emoções quando estiver com Killian, mas preciso de um pouco de privacidade e também preciso que você concorde com isso. Prometa que ficaremos bem para o Julgamento da Purificação", digo baixinho. "Por favor."

Outro longo silêncio se segue. Anassa me encara, seu olhar amarelo me avaliando cuidadosamente.

Finalmente, em um tom de advertência e promessa, suas palavras ecoam em minha mente. "Nós ficaremos bem."



Naquela noite, o terror me persegue em meus sonhos.

Estou no castelo, perdida em seus corredores labirínticos. As sombras dançam como seres vivos e as paredes mudam cada vez que desvio o olhar.

Ouço a voz da minha mãe me chamando. Ela ecoa estranhamente, vindo de todas as direções. Há algo de errado nela. Uma distorção que me arrepia até os ossos.

"Meryn... Meryn! Estou aqui!"

Parece que estou seguindo a voz dela por horas, ficando cada vez mais perdida. Cada vez com mais medo.

Até que me encontro diante de um arco largo e familiar. Portas imponentes se abrem para uma arena enorme, a teia de sarjetas no chão de terra escorrendo sangue.

Minha mãe está no centro da arena, de costas. Ela está vestida com um vestido carmesim, a cabeça adornada com uma coroa retorcida e manchada de sangue.

"Mãe..." Minha voz sai fraca e infantil. Mas chega até ela.

Ela se vira.

Um terror gelado percorre minhas veias.

Seus olhos são negros como piche — sem branco, sem pupilas. Apenas um preto puro e demoníaco.

Tropeço para trás quando ela abre a boca para falar.

As palavras não saem. Sangue negro escorre de seus lábios e de seus olhos cegos.

Uma voz ecoante e desencarnada ecoa pela arena, enchendo-me de um terror como nunca antes.

"Nocturn está chamando. Você está ouvindo?"



Acordei sobressaltado com aquelas palavras horríveis ainda ecoando em meus ouvidos.

Um novo terror me aguarda. Minha visão está turva, meus sentidos girando. Algo pressiona meu rosto com tanta força que mal consigo respirar. Sinto o gosto de sangue e terra e o odor acre do meu próprio medo.

Percebo que estou deitado no chão, com o rosto na terra. Levanto a cabeça, tomado pelo cheiro familiar da morte.

A arena escura paira acima de mim, as arquibancadas envoltas em sombras. O luar se filtra pelo teto de vidro da cúpula. Apenas o suficiente para que eu

consiga ver minhas mãos no chão enquanto me levanto sobre os joelhos.

Meus dedos encontram terra áspera e metal frio.

Um ralo, percebo, ainda atordoada.

Lentamente, minha visão se ajusta à escuridão. O luar extrai detalhes das sombras, traçando a teia de calhas no chão. Destacando os ângulos onde elas se encontram. As grades de metal inseridas nessas junções criam covinhas escuras na terra.

Com horror que se adensa lentamente, percebo que estou deitada na convergência de todas aquelas calhas. O lugar para onde o sangue e a carne são drenados após cada batalha.

O lugar exato onde minha mãe estava no meu pesadelo.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO VINTE E OITO

Minhas mãos tremem descontroladamente enquanto me levanto do chão ensanguentado da arena.

Nunca sonâmbulo em toda a minha maldita vida — e ainda assim, aqui estou eu, vestindo apenas minhas roupas de dormir, o ar frio da noite me arrepiando por todo o corpo.

Meus pés estão descalços e gelados, cobertos de terra. A frente inteira da minha camisola também está empoeirada. Com o coração batendo forte de ansiedade e confusão, tento limpar a sujeira ensanguentada do meu rosto, imaginando como devo estar.

Preciso voltar para o meu quarto sem que ninguém me veja.

Ao me virar para a saída, a consciência de Anassa transborda pelo vínculo. Meu instinto é excluí-la — não quero que ninguém saiba disso —, mas não o faço. Não posso me dar ao luxo de irritá-la novamente.

"Você está bem?", ela pergunta.

A preocupação genuína em sua voz me pega de surpresa.

"Estou bem", respondo, esperando que ela não consiga ler a verdade em meus sentimentos. "Acabei de ter um pesadelo."

A mentira tem um gosto amargo na minha língua. Percebo que Anassa não acredita totalmente, mas ela não discute.

"Bem, volte a dormir", diz ela. "Você está me mantendo acordada."

Chega de preocupação.

Aproximo-me da saída da arena e espio lá fora. O castelo está escuro. Graças à deusa. Não há ninguém por perto para testemunhar minha vergonha.

Mamãe tinha episódios assim. Ela vagava à noite, resmungando sobre vozes que só ela conseguia ouvir. Às vezes, eu a encontrava lá fora, parada no quintal do vizinho ou agachada em um beco próximo. Uma vez, ela subiu no telhado.

Foi naquele dia que finalmente a levei ao curandeiro e começamos a lhe dar sedativos.

Me pego lutando contra as lágrimas de pânico enquanto volto sorrateiramente para o meu quarto. A caminhada parece interminável e as sombras têm aquela vivacidade enervante. Cada pequeno som no castelo me lembra os sussurros, a voz sinistra da minha mãe.

Sua boca aberta, jorrando sangue.

Porra. Não posso fingir que isso não vai acontecer para sempre. Eventualmente, alguém vai notar. A loucura vai interferir na minha capacidade de lutar. Anassa vai me rejeitar. Killian também.

E Saela...

Como diabos posso salvá-la se não posso confiar na minha própria mente?

E quanto tempo me resta antes de não conseguir mais funcionar sozinha? Meses? Anos?

Não sei, mas o tempo está passando. Sinto isso nos meus ossos.

Meu tempo está se esgotando.



Estou fora de forma no dia seguinte, exausto depois de mal dormir. Temos treinamento com Egith e Stark enquanto trabalhamos na unidade da matilha e praticamos manobras de combate.

Meu mundo inteiro é o bater de pelos, o bater de patas, o brilho das presas. Rosnados e bufos preenchem o ar, acompanhados das instruções precisas de Stark enquanto sua voz ecoa pelo pátio de treinamento. Ele nos faz executar uma formação complexa composta por três círculos concêntricos, cada anel de lobos movendo-se na direção oposta ao anterior, cobrindo todas as linhas de visão.

De acordo com Stark, essa formação precisa seria usada em condições de campo de batalha, quando poderíamos precisar nos coordenar com precisão enquanto estamos cercados pelo caos.

O círculo externo, fortemente unido, protege contra ataques externos, a linha de frente da nossa defesa. O círculo central, mais seguro do perigo, tem mais espaço para avaliar o campo de batalha como um todo e transmitir informações ao segundo círculo, que pode ser mobilizado imediatamente para reforçar o círculo externo caso este hesite.

Por enquanto, porém, mal conseguimos nos mover em círculos organizados.

O equilíbrio é delicado. Cada um de nós precisa se mover no mesmo ritmo, atento àqueles à nossa frente, atrás de nós, de ambos os lados. É difícil, mesmo

sem um ataque de Sifão para me preocupar.

Anassa se move suavemente hoje, acompanhando o ritmo do lobo à nossa frente. Melhorei muito em permanecer montado, mas ainda me sinto desajeitado quando olho para os outros cavaleiros ao meu redor e vejo uma graça natural. Cooperação.

A violação constante de Stark nos meus tímpanos não está ajudando. Nem o sol batendo forte sobre nós, refletindo nas espadas e fazendo a luz brilhar nos meus olhos. O ar invernal é frio, mas o suor gelado escorre pelas minhas costas enquanto eu me esforço para executar.

A energia zumbe no ar ao nosso redor. Não tenho certeza se é o poder absoluto de tantos lobos reunidos e trabalhando juntos para formar esse padrão hipnotizante ou se é algo mais.

Algo mais profundo.

Estamos nisso há cerca de uma hora quando algo estremece na matilha. De repente, estou mais consciente.

Aquele rio pelo qual mal consegui passar a ponta dos dedos crepita com energia. De repente, não é líquido, mas elétrico, como um raio bifurcado cortando o céu ou o despertar de um neurônio.

"Entregue-se!", ordena Egith, aparentemente sentindo a mudança em nós. "Deixe a conexão acontecer!"

Aperto minha espada com mais força e tento me concentrar, sintonizando-me com o vínculo de Anassa e buscando aquele raio crepitante de consciência. No momento em que me aproximo, meu sangue desperta. Meu batimento cardíaco acelera e meus sentidos se aguçam.

Começo a me tornar consciente de uma forma que nunca senti antes.

Os círculos continuam a girar em perfeita sincronia. Minha respiração se move no ritmo dos passos de Anassa. Meu batimento cardíaco bate forte com os passos pesados ao meu redor. Flashes de reconhecimento cortam o círculo agitado de pelos e músculos.

Através do vínculo, sinto o roçar espiral de outras mentes. Os outros lobos, percebo, cada um com sua própria emoção, intenção e consciência. Há uma sensação física, como a pressão se expandindo dentro do meu crânio, empurrando para fora em uma onda de pensamento.

O instinto se dissipa sobre o fluxo de conexão e, por esse caminho, a compreensão.

Em uma explosão brilhante, de repente consigo sentir cada nó da teia interconectada. Estou ciente de cada par de lobo e cavaleiro, sentindo seus movimentos antes que aconteçam e o zumbido cuidadoso de sua concentração.

Quando Izabel e seu lobo passam à minha esquerda, sua mente faísca na

minha sem palavras. Seu foco parece o fio de uma faca, perfeitamente equilibrado e sintonizado com o movimento de sua montaria.

Então, à minha esquerda, Tomison. Ele cavalga perfeitamente. A confiança que irradia de sua mente me faz sentir como se tivesse tomado um gole de vinho ember, inebriante e inebriante.

Minha mente se abre enquanto me entrego à atração.

É isso, eu percebo.

Esta é a verdadeira unidade da matilha — uma extensão de mim mesma além de tudo que já conheci. Uma nova maneira de me unir ao espírito dos meus companheiros de matilha.

Imerso nela, sinto-me mais do que humano.

É poderoso, vibrante e explosivamente intrincado.

As emoções de Anassa se alternam com o vínculo, oscilando entre o tédio irritado e as cócegas de uma atenção curiosa. Agarro seu pelo e me inclino ainda mais, abafando o som da voz de Stark e o movimento dos corpos até me sentir composta por 23 lobos e 22 outros cavaleiros, todos operando em um único impulso.

Mas me inclino demais. A escuridão se infiltra na borda da minha visão.

Tremeduras de formas que não deveriam estar ali em meio à espiral de corpos, vislumbres entre as pernas dos lobos. Sussurros sibilam sob o som de patas na terra batida e respirações nos pulmões, ficando mais altos a cada batimento cardíaco aterrorizado.

Tento ignorá-los e me aprofundar naquele fluxo crepitante de energia, mas os sussurros se tornam mais insistentes até começarem a abafar todos os outros sons.

Vozes que não reconheço. Palavras que não consigo decifrar.

Mas ensurdecedor.

E então o pior. Ofego e olho para cima, tentando manter o equilíbrio enquanto o sangue começa a escorrer pelas paredes ao nosso redor e para o pátio de treinamento, vermelho vivo contra o céu frio, movendo-se em uma goteira espessa, como piche, em minha direção.

Um som estrangulado irrompe do meu peito. Mal consigo evitar que ele rasgue minha garganta como um grito de pânico. Minha concentração se estilhaça completamente enquanto o sangue escorre em minha direção.

É tudo o que consigo ver e tudo em que consigo pensar. Não consigo ouvir nada.

Não consigo respirar.

Quantas pessoas? Não consigo parar de pensar. Quantas teriam que morrer para derramar tanto sangue?

A vertigem começa a me desalojar das costas de Anassa. Os cavaleiros ao meu redor ficam tensos e se viram. Anassa rosna e dá um passo para o lado, o alarme a percorrendo enquanto se move para neutralizar meu equilíbrio comprometido e me manter montada.

Mas, ao fazer isso, nós dois tropeçamos e saímos da formação.

Perielle para atrás de mim, seu lobo estalando. O círculo do meio para, e um caos em cascata toma conta da matilha.

Ainda há escarlate na minha visão periférica, mas rosno e me levanto. Luto contra a tontura e incentivo Anassa a seguir em frente. Minha cabeça lateja, mas consigo nos colocar de volta no ritmo, e o resto volta ao normal assim que me recupero.

Mas, ao dar outra volta no círculo, olho para cima e o vejo.

Stark, de braços cruzados, me encarando. Ele me observa de sua posição do outro lado do pátio com os olhos escuros semicerrados, calculistas. Ele estala o pescoço, e as tatuagens que cobrem cada centímetro de pele são uma ameaça visível.

Se eu errar de novo, esse psicopata vai me eliminar ele mesmo, me adicionando aos troféus em sua pele.

Ele me viu vacilar e não vai esquecer.

Eu me esforço pelo resto da sessão para alcançar aquela conexão quase eufórica que quase alcancei. Quando tudo acaba e os lobos gigantes estão vagando de volta para os terraços, estou exausto e extremamente frustrado comigo mesmo. Quero dar uma escapada e me esconder dos olhares irritados que recebo dos meus companheiros de matilha, mas a voz de Egith corta o pátio.

"Rawbond Cooper. Um momento."

Ótimo. Viro-me e vejo o pelo prateado de Anassa desaparecer em direção aos terraços. Estou sozinho, então. O resto dos Rawbonds sai em fila do pátio de treinamento. Meus passos soam altos quando me aproximo de Egith, minhas botas deixando marcas distintas na terra remexida.

A expressão da beta é indecifrável, como sempre.

No instante em que a alcanço, ela se precipita. "Seu vínculo com Anassa melhorou", diz ela gentilmente, "mas não é o suficiente."

Eu me irrito instantaneamente. Nada nunca é suficiente neste lugar. Estou meio convencida de que ela acha que eu nem estou tentando, a esta altura. "Eu..."

Egith levanta a mão, interrompendo-me. "Eu te vi hoje. Eu vi acontecer."

"O quê?", eu suspiro.

"Você tocou nisso só por um instante. É o que buscamos aqui", ela diz. Sua voz fica um pouco mais baixa, como se em reverência. "E você sentiu, não é? A

união da matilha?"

Eu tremo com a lembrança e aceno com a cabeça.

Egith suspira. "Então você também sentiu a facilidade com que a destruiu. Um momento de fraqueza sua interrompeu toda a formação." Ela se aproxima, a voz embargada. "A matilha precisa funcionar como uma entidade. Uma mente. Um propósito. Se você não conseguir manter essa conexão... Todos vão notar isso. E o Julgamento da Purificação é daqui a apenas uma semana."

O que ela quis dizer é claro. Se eu não conseguir manter a conexão, serei eliminada.

"Aposto que você odiaria perder essa aposta", digo amargamente, lembrando-me de como ela me disse que todos os instrutores estavam apostando em qual matilha teria mais Rawbonds restantes ao final dos Julgamentos.

Egith ri, surpresa. "Na verdade, Cooper, você meio que me conquistou. Eu odiaria perder você."

As palavras significam mais do que eu gostaria de admitir e desvio o olhar, meus olhos ardendo. "Estou tentando", digo a ela. Ela não diz nada, então olho para trás. Sua expressão permanece a mesma, e me pergunto se ela realmente acha que eu não me importo. "Eu me importo", insisto. "Eu me importo..."

"Se esforce mais", diz ela bruscamente. "Quero dizer isso como um conselho, Cooper, não um sermão. União é sobrevivência. Divisão significará morte. Você não pode romper a formação daquele jeito de novo com a Purificação se aproximando."

Porque se eu fizer isso, eu morro. A Matilha não me perdoará uma segunda vez. Não quando for preciso. Se eu for um perigo para eles, serei extinta.

As necessidades de muitos.

Afastando-me, as palavras de Egith ecoam na minha cabeça, exacerbando a dor de cabeça que começou com aquela visão horrível. Eu sei que Egith está certa.

Quando vacilei pela primeira vez, mal conseguindo manter a unidade da matilha, senti a confusão e a frustração dos outros. A raiva queimava em alguns deles quando viram a formação em perigo por causa da falha de uma pessoa. Até Izabel me lançou um olhar exasperado.

O pior é que, por um único instante, eu senti. A perfeição daquela unidade me assombra agora, como se eu tivesse olhado para uma luz linda por tempo demais e a imagem residual estivesse gravada dolorosamente em meus olhos, me seguindo para onde quer que eu olhe.

Por alguns breves instantes, senti que realmente pertencia àquele lugar.

Senti que fazia parte de um todo maior, que tinha um propósito, que estava conectada e com os pés no chão.

Nunca me senti assim crescendo em Eastern, lutando sozinha.

Mas então as vozes vieram, me arrastando de volta ao isolamento e ao medo.

Ao entrar no castelo e seguir em direção aos nossos aposentos, o medo não me abandona. Acho que os episódios estão piorando. Mais frequentes. Não tenho ideia de como devo manter a intrincada conexão mental necessária para as Provas quando não consigo nem confiar na minha própria mente.

Não é minha culpa que o mundo tenha se transformado em sangue e terror.

"Anassa", sussurro por cima do elo, abraçando-me enquanto caminho.

Sinto como se estivesse rolando na minha mente, e a atenção dela está em mim.

"Você sentiu o que aconteceu lá atrás?", pergunto.

"Seja específica", ela ordena.

"Eu vi coisas. Ouvi coisas", digo a ela. Ela responde em silêncio. "Eu sei que você só deveria captar meus pensamentos e sentimentos através do vínculo, mas... você consegue sentir o que eu sinto quando estou vivenciando isso?"

Um arrepio de confirmação me atinge. Um sim. Estranhamente, isso me faz sentir menos sozinha.

"Então você pode impedir isso?", pergunto.

"Não. Eu não posso", ela responde. Meu coração afunda instantaneamente enquanto me arrasto em direção ao meu quarto. "E, além disso, eu não faria isso."

Deixei que ela sentisse meu choque.

"Visões como as que você está vivenciando são poderosas. Elas podem significar alguma coisa", ela me diz.

"É, significa que estou perdendo a cabeça!", digo em voz alta, com fragmentos de raiva rompendo o vínculo. "E minha incapacidade de impedir isso pode nos matar", acrescento, venenosamente.

Anassá não se impressiona com minha demonstração de emoção. "Você vai me ouvir?"

Faço uma pausa, surpresa com a calma em sua voz. Não era uma pergunta acusatória. Era honesta. Meus músculos relaxam e eu assinto.

“Temos mais poder sobre nossas mentes do que imaginamos. Você precisa se concentrar na nossa conexão quando estiver nas minhas costas. Não deixe sua mente divagar. Respire fundo e abra sua mente para o poder que flui através de você.”

As palavras dela ressoam na minha consciência, mas ainda me sinto perdida. Evitar a divagação da minha mente é mais difícil do que parece.

Continuo sentindo-a escapar das minhas mãos e desaparecer naquele lugar distante e aterrorizante que minha mãe habita.

Mas eu sei que ela está tentando me guiar. Tentando de verdade. Mais poder sobre a minha mente do que eu imagino, disse ela. Não posso simplesmente ignorar sua sabedoria. Ela é séculos mais velha que eu e vive neste estranho mundo de conexão telepática e consciências compartilhadas.

Se Anassa acha que posso assumir o controle, preciso tentar. Tentar com mais afinco.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Melhorar minha conexão com a unidade da matilha ao longo das semanas que antecederam o Julgamento da Purificação é como ouvir que preciso carregar um peso em uma das mãos e nunca deixá-lo cair. Às vezes, consigo esquecê-lo. Outras vezes, preciso ajustar minha forma de fazer algo para abrir espaço para ele.

E sempre é exaustivo.

A cada exercício de treinamento que fazemos, cada vez que preciso provar minha capacidade de manter a conexão, acabo com uma dor de cabeça lancinante.

Mas então o treinamento para e consigo respirar novamente, e nesses momentos: lá está Killian.

À noite, peço desculpas aos meus amigos e o procuro — em seus aposentos ou nos meus. Já me acostumei com o caminho para seus aposentos; nunca mais me desviei dele, nem encontrei aquela estranha escultura, e tento ignorar a possibilidade de ter tido uma alucinação.

O tempo escapa por entre meus dedos e, de alguma forma, o Expurgo se aproxima.

Na noite anterior ao Julgamento, o salão comunal poderia muito bem estar abrigando um velório. Todos os Rawbonds, inclusive eu, pressentem o Expurgo de amanhã como uma nevasca ameaçadora no horizonte.

Podemos desviar o olhar, mas isso não impedirá que ele venha. Amanhã, alguns de nós morrerão.

Ninguém está bebendo. Ninguém beberia, com medo de que uma ressaca pudesse comprometer o desempenho. Uma bebida para relaxar hoje à noite não vale a pena arriscar a vida amanhã.

A sobriedade no ar depois de tantas noites alegres aqui é, francamente,

deprimente. Em vez de beber, as pessoas estão tentando se distrair de outras maneiras: jogos de cartas ou leitura. Pequenos grupos se reúnem e conversam, com Tomison no centro de uma das rodas mais barulhentas.

Ele está contando piadas sem parar, como é sua marca registrada, mas está ainda mais barulhento do que o normal. Estou sentada com Venna e Izabel em um sofá, todas com livros abertos no colo. Izabel continua desviando o olhar do dela e suspirando alto, lançando olhares irritados para Tomison. Ele não percebe, ou se percebe, não se importa.

Venna fecha o livro com força. "Não consigo ler com você tão agarrada ao meu lado", ela bufa para Izabel.

"Bem, eu não consigo ler com todo esse barulho aqui dentro", Izabel retruca, encarando Tomison novamente. Ela se vira para mim. "Me distraia, Meryn. O que você vai fazer com a sua mãe no seu dia de folga?"

No dia seguinte ao Julgamento do Expurgo, os Rawbonds terão o dia de folga e todos voltarão para casa para visitar suas famílias na Cidade dos Elos... então, é claro, eu também irei para casa.

"Supondo que eu ainda esteja aqui", murmuro.

Venna não entendeu e Izabel interpreta para ela. Seus olhos se arregalam e ela me dá um tapa no braço. "Atitude positiva!"

Lança um sorriso culpado para ela. Ela tem razão. Normalmente, meu problema é excesso de confiança e teimosia. Mas há tantas incógnitas sobre o amanhã que até eu estou me sentindo profundamente abalada. E continuo olhando para todos os outros Strategos Rawbonds, comparando suas forças com as minhas.

E me perguntando se será o suficiente.

"Será o suficiente", Anassa rosna na minha cabeça.

Claro que ela pensaria isso; ela também não quer morrer.

Ignoro meu lobo gigante e finalmente respondo a Izabel. "Provavelmente ficaremos em casa e colocaremos o papo em dia. Tenho um pouco mais de caminho para ir do que vocês, então não terei muito tempo. Quando precisamos voltar para o castelo de novo?"

"Pôr do sol", diz Izabel.

Nosso dia de folga será seguido naquela noite pelo Baile da Forja, uma grande celebração para marcar a metade das Provas. O rei e os nobres de todos os outros feudos estarão presentes.

Meu olhar vagueia pela sala novamente, imaginando quem estará ausente da nossa matilha naquela noite, se não eu.

Nevah está sentada sozinha, como sempre, afiando obsessivamente sua lâmina com guinchos lentos e rangentes de metal na pedra de amolar. Ela não

tira os olhos daquilo. Ela é uma possibilidade; ela continua resistindo a fazer amigos na matilha, ainda claramente de luto.

Perielle está subjugada, encolhida ao lado de Jonah, observando os movimentos repetitivos de Nevah. Provavelmente não ela; ela é divisiva, mas inspira medo, e os membros da matilha podem estar com medo demais para ir contra ela.

Nem Jonah nem Perielle demonstram a habitual maldade extrovertida esta noite. Eles se isolaram um no outro, escondendo-se como todos nós. Preparando-se.

Seus olhos encontram os meus, e eu fico tensa instintivamente. Estou muito nervosa. Os outros Rawbonds estão me avaliando da mesma forma que eu os estou avaliando. Perguntas não ditas sibilam no ar.

Quem é mais forte? Quem é mais rápido? Quem é mais inteligente? Quem estará morto a esta hora amanhã?

As cartas de Roddert escorregam de sua mão e se espalham em uma confusão desordenada no chão, e três Rawbonds diferentes instantaneamente pegam suas armas; todos estão muito tensos. Ele se abaixa desajeitadamente para juntá-las novamente.

A ficha cai. Com força. Eu poderia morrer amanhã sem ter dito a Killian que o amo novamente, que meu coração encontrou o caminho de volta.

Semanas se passaram e eu não criei coragem. As palavras simplesmente ficam presas na minha garganta. Estou com medo, eu acho.

Mas agora, o medo da morte está ainda mais alto, trovejando em meus ouvidos como o uivo de um lobo gigante.

O que é um pouco de honestidade emocional perto de sangue na areia?

"Preciso respirar", digo aos gêmeos, fechando meu livro com um baque, me levantando e jogando-o no assento atrás de mim.

Izabel não diz nada. Ela se contenta com um grunhido abafado de afirmação. As pontas dos dedos de Venna roçam meu pulso enquanto os deixo ali, uma suave indicação de preocupação e segurança.

Durante todo o caminho até os aposentos dele, tento descobrir como lidar com isso.

Ei, Killian, provavelmente vou morrer amanhã, então...

"Preciso de privacidade agora", digo a Anassa. Melhoramos nessa parte. Ela parou de me isolar com raiva e comecei a comunicar quando vou alterar nossa conexão.

Ela bufa. Ainda não está feliz por eu estar separando parte da minha mente dela, mas aceita — por enquanto. Não terei que me preocupar com ela ficando incomunicável comigo durante o Julgamento do Expurgo amanhã, ou tentando

ativamente me matar.

Percebo que ela acha que vou me acostumar com ela com o tempo, que vou parar de ser tão modesto. Veremos.

Estendendo a mão para a barreira mental, derrubo a parede, mas a deixo porosa. Alguns sentimentos a alcançarão. Se eu estiver em perigo, ela saberá. Mas meus pensamentos imediatos e emoções mais sutis permanecerão comigo.

De dentro do túnel, empurro a porta sem bater. Killian está em sua mesa, revisando documentos.

Sua silhueta é iluminada pelo luar que entra pela janela alta atrás dele. Faz seu cabelo parecer dourado-prateado. Quando ele ouve a porta, sua cabeça se ergue de repente, surpreso. Mas quando me vê, seus músculos relaxam instantaneamente e ele se afunda de volta na cadeira.

Killian não diz nada enquanto caminho em direção à sua mesa. Eu a contorno e o alcanço. As tábuas do assoalho rangem levemente sob meus pés. As pernas da cadeira dele raspam no tapete enquanto ele abre espaço para mim.

Ele me acolhe sem dizer uma palavra. Eu me aninho em seus braços, sentando-me em seu colo, espremida entre seu corpo quente e a borda da mesa.

Nós nos observamos por um longo momento. Sua mão acaricia minhas costas de cima a baixo. Eu me inclino um pouco mais para perto. Seus dedos agarram minha camisa, e seu toque encontra seu caminho por baixo da bainha na próxima passada. Eu tremo com o deslizar de pele contra pele, e ele claramente percebe.

As pupilas de Killian se dilatam sob o luar. Seus lábios se comprimem, e seus olhos desviam dos meus para minha boca.

"Eu te amo", digo a ele. As palavras estalam através do silêncio como gelo se esticando sob um peso enorme.

Sem explicação. Nada mais. Não precisamos disso.

"Eu sei", ele diz suavemente. Ele me puxa para mais perto até que meus quadris estejam pressionados contra mim, até que seu calor se espalhe entre minhas pernas. "Eu também te amo. Mesmo que você nunca voltasse para mim, eu continuaria te amando."

Fecho os olhos brevemente, inclinando-me para a frente para pressionar minha testa contra a dele. O cheiro de pinho preenche meu nariz. Sua respiração está em minha bochecha. Seu coração bate firme sob minha palma.

Isso, neste momento, parece inevitável. Consigo sentir o choque iminente já ganhando força, diminuindo.

"Eu contaria a todos amanhã, se você deixasse", diz ele, sério, seus olhos azuis profundos fixos nos meus.

Acaricio sua bochecha e a leve áspera barba por fazer. "O rei já não escolheu

uma noiva nobre para você?"

As mãos de Killian se fecham em volta das minhas coxas. Com força.

"Você é minha", ele rosna. "Não preciso da permissão de ninguém além da sua para isso." Seus dentes mordem meu maxilar e um calor percorre meu corpo, fazendo meus mamilos se enrijecerem.

Eu me afasto, no entanto. "Sério", digo, precisando saber onde isso vai dar. "O que ele diria? O que a corte pensaria?"

Seus olhos se suavizam. "Ele já sabe que estou saindo com um Rawbond e que é sério. Ele não tem objeções. Eu escolho sozinha quem eu amo."

As mãos de Killian deslizam até meus quadris, apertando quase ritmicamente. Isso está enganando meu corpo, levando-o a uma consciência dolorosamente vívida. Consigo sentir os músculos de suas coxas embaixo de mim. Consigo sentir cada ponta de dedo cravando-se em minha carne.

Meus quadris balançam sem que eu peça, buscando fricção, e ele solta um gemido baixo e breve antes de conseguir dominá-lo.

"Kitten", ele murmura, "me dê permissão para reivindicá-la diante do mundo inteiro, e eu o farei."

Estou imersa nisso, arrastada para o mar. Seus olhos encontram os meus novamente, e estou me afogando em azul. A enormidade do que ele está me oferecendo é avassaladora.

Mas não consigo lidar com isso agora. Só preciso respirar. Preciso que ele me leve para longe daqui. A morte está no horizonte, e é uma caçadora paciente.

Não digo sim. Não digo não.

Em vez disso, digo: "Se eu morrer amanhã, encontre Saela para mim. Leve-a para um lugar seguro."

O aperto de Killian em mim se intensifica como se apenas seu toque pudesse me manter segura, mas ele diz: "Eu juro, Meryn."

Gratidão, desespero, medo e amor se misturam e me arrastam para baixo. Ele me puxa para si no momento em que me inclino.

É um beijo áspero, quase doloroso, nós dois nos agarrando em desespero. Mordo seu lábio e ele retribui a mordida e eu gemo, me aproximando dele, agarrando suas roupas.

Eu preciso disso, preciso dele.

Ele abaixa a cabeça e começa a beijar meu pescoço, nos desacelerando. Ele entrelaça os dedos no meu cabelo curto e puxa minha cabeça para trás, abrindo espaço para a adoração. Minha respiração estremece. Agarro seus ombros com força enquanto o prazer escorre de seus lábios e desce para as minhas profundezas.

A mudança repentina de ritmo me acalma. Eu me afundo nisso, esquecendo o

desespero e me voltando para algo mais. Algo que dure.

Algo que desafie o amanhecer.

Killian se recosta na cadeira. Seu cabelo está despenteado. Seus lábios, inchados. Suas mãos se fecham em volta da minha bunda enquanto seus olhos vidrados se movem sobre mim.

"Tire a roupa", ele ordena.

Engulo em seco e minha garganta estala. Minha língua percorre meus lábios, que ainda latejam da atenção rude.

Ele vê e seu olhar se inflama. "Agora, gatinha."

Eu me arrasto para fora do seu colo. Killian se inclina para a frente e lentamente enrola a camisa até os cotovelos enquanto me observa tirar o casaco dos ombros. Enquanto desabotoo a camisa, ele apoia os cotovelos nos joelhos, flexionando os antebraços enquanto cerra os punhos.

Meu olhar se volta rapidamente para baixo. Ele já está claramente duro sob as roupas. Eu me pergunto se ele mal consegue se conter. Quando estou nua da cintura para cima, não preciso mais me perguntar.

Kilian solta outro som estrondoso e esfrega a mão sobre o corpo por cima da calça. A visão disso se acumula entre as minhas pernas. Quando tiro minha calcinha dos quadris, ela já está vergonhosamente molhada.

Kilian estende a mão e a passa pela mesa, amassando papéis e espalhando objetos. Alguns caem no chão com um baque surdo ou contra o tapete.

"Sente-se", ele ordena.

Saindo da pilha de roupas, deslizo em sua direção. Lentamente. Delicadamente. Adoro essa sensação. Quando ele me olha assim, sou delicada. Consigo ser delicada. Ser frágil sem correr o risco de uma fratura.

A mesa está fria contra a minha pele quando me levanto. Vai ser uma bagunça quando eu terminar.

Espero pacientemente, mas Killian não se move. Ele se senta na cadeira como se fosse um trono, os olhos se movendo sobre mim. Uma tortura, na verdade, quando já sinto uma pulsação profunda entre as minhas pernas em antecipação.

Mordo o lábio e abro mais as pernas. Seus olhos se fecham bruscamente. Quando meus dedos tocam meu desejo, ele solta um gemido abafado e passa a mão na boca.

"Toque-se", ele rosna, assentindo.

E eu toco. E é profundamente insatisfatório. Gosto da sensação dos olhos dele em mim. Gosto que ele pareça prestes a se partir em pedaços. Odeio que ele não esteja me levando.

Quero esquecer o que o amanhã reserva. Quero que ele me domine. Me

ajude a esquecer.

Ainda assim, começo a tremer logo em seguida. O suor brota na minha testa. Killian passa os dedos pelos cabelos, respirando pesadamente pelo nariz.

O início de um orgasmo suave me percorre. Minhas coxas formigam e se contraem levemente, e solto um gemido baixo. É isso que finalmente o conquista.

Killian se joga para frente, de repente se levantando, as mãos agarrando minhas coxas e abrindo-as até doerem. O gemido que solto é ainda mais alto desta vez. Seus quadris vestidos se esfregam contra mim, substituindo o toque dos meus dedos, e minhas costas se arqueiam.

Killian me inclina com força até que eu me choque contra sua mesa. Olho para ele, demorando-me na beirada enquanto ele se aproxima de mim. Então sua mão me envolve, alguns dedos deslizando em minha umidade. Grito e tento puxá-lo para mais perto com minhas pernas.

"Feche os olhos, gatinha", diz ele.

Eu gemo e balanço a cabeça. A visão de seus olhos vidrados de luxúria é preciosa demais para me render. Mas ele tira a mão para me punir.

"Agora, Meryn. Você quer. Eu sei que quer."

Mordo o lábio. Meus quadris se movem para a frente, mas ele os prende à mesa para interromper meu movimento de busca. "Eu..."

Killian sorri lentamente. "Feche os olhos, gatinha. Eu vou cuidar de você."

Renda-se, percebo. É isso mesmo. Expiro, trêmula, e deixo meus olhos se fecharem. No momento em que o faço, seus elogios me cobrem como beijos. Tremo e gemo enquanto suas mãos deslizam sobre minhas coxas. Ele se inclina sobre mim, consigo ouvir o ranger das tábuas do assoalho.

"Boa menina", ele sussurra contra minha pele. E sua boca se fecha sobre meu mamilo.

Gumizo e agarro seus cabelos, segurando-o contra mim enquanto sua língua me envolve em círculos. Seus quadris caem entre os meus novamente. O delicioso roçar de suas roupas ásperas na parte interna das minhas coxas começa a penetrar profundamente em minha carne.

Algo me afeta, saber que ele está completamente vestido enquanto estou nua e aberta sobre a mesa dele, com os olhos fechados e à sua mercê.

"Mantenha-os fechados aconteça o que acontecer, Meryn", avisa Killian.

"S-Sim", respondo com a voz rouca, atingida por onda após onda de arrepios.

Suas mãos deslizam sobre meus flancos. Então, com uma lufada de ar frio, ele se foi. Eu gemo em protesto, estendendo a mão para ele no escuro. Não consigo abrir os olhos. Agora, só há escuridão e seu toque.

"Killian", imploro.

Uma risada baixa me atinge profundamente. Eu me contraio ao ouvi-la. Uma das minhas mãos se move para o peito, massageando meu seio, beliscando meu próprio mamilo entre os dedos. A ausência dele, a fogueira da necessidade, apaga o que restava do meu medo. O resto do mundo desaparece.

Tudo o que resta é a expectativa.

Onde ele vai me tocar quando voltar?

Exatamente onde eu preciso dele, é a resposta. Ele deve ter se ajoelhado diante da mesa, porque sua língua quente desliza repentinamente entre minhas pernas.

Eu grito imediatamente, o som do meu prazer se misturando ao gemido que ele solta ao me provar. A sensação pulsa através de mim com o impulso de sua língua.

Uma de suas mãos se move sobre a parte interna da minha coxa. A outra é um fantasma, perdida na escuridão, até que sinto dois dedos se juntarem à sua língua. Ele os desliza pela parte externa dos meus lábios.

O orgasmo silencioso que eu sentia se aproximando antes se transforma em algo completamente diferente.

Sua língua mergulha fundo, então encontra meu clitóris. Ele chupa, e um grito se forma na minha garganta. Então aqueles dois dedos deslizam para dentro de mim e se curvam, começando a me foder, me atingindo por dentro, e o grito se liberta.

Eu me desfaço ali mesmo em sua mesa, com os olhos obedientemente fechados. Não há nada além de prazer. Nada além dele e da promessa em seu toque irradiando através de mim.

Ele fica imóvel enquanto meus músculos permanecem tensos e torturantes por um período devastadoramente longo. Então, quando começo a relaxar, seus dedos fazem um barulho imundo dentro de mim e sua língua acaricia lentamente, puxando-o para fora.

Eu gemo e passo meus dedos por seus cabelos carinhosamente. Mas ele escapa do meu alcance novamente. Ouço o som de suas calças se desabotoando e, antes que eu possa dizer seu nome, ele afunda dentro de mim, seu pau grosso e quente me preenchendo.

Meus olhos se abrem de repente. A respiração escapa rapidamente. Minhas mãos trêmulas o alcançam, encontrando apoio em seus pulsos, onde ele segura meus quadris.

Ele sorri. "Meryn", ele rosna. Quase como uma provocação.

Eu engasgo e algo como uma risada enlouquecida irrompe do meu peito. Meu orgasmo ainda pulsa, formigando minha pele, tornando tudo mais intenso.

Killian não espera. Ele começa a estocar rápido e fundo, o alongamento para

acomodá-lo me deixa tonta. Porra, a visão dele se movendo dentro de mim, inclinado sobre mim e buscando prazer, está me empurrando para mais alto.

Eu gemo novamente e o puxo. Ele grunhe e tira uma mão do meu quadril, segurando meu braço e me puxando para cima, contra seu peito.

A mudança de posição o faz roçar no meu clitóris a cada estocada, e meu orgasmo persistente começa a aumentar novamente. O prazer nunca parou de verdade. Acalmou-se por um instante. Mas uma nova onda está prestes a atingir a primeira, que recua.

"Porra. P-porra!", digo engasgada.

A mesa raspa no chão com a força, fazendo com que mais objetos se espatifem. Estou em carne viva e cheia. O clímax está se aproximando, ainda mais rápido que o primeiro.

"Vou te reivindicar agora mesmo, Meryn", ele sussurra, as palavras interrompidas pela contração de seus músculos enquanto ele se enterra dentro de mim. "Você é toda minha", ele sibila enquanto seus quadris mantêm o ritmo implacável.

"Eu te amo", gemo, concordando. Meu corpo rola contra o dele, encontrando cada impulso de seus quadris com o meu. Tentando puxá-lo mais fundo. Tentando alcançar aquele lugar gritantemente silencioso novamente, onde não há nada além do corpo de Killian entrelaçado ao meu.

"Quero que você goze em volta de mim, gatinha", ele diz. Concordo fracamente, distraída demais com a visão dos nossos corpos se movendo. Mas ele solta um som de descontentamento e fecha a mão em volta do meu pescoço, pressionando levemente as laterais e me forçando a olhar em seus olhos. "Me solta. Agora."

Acontece instantaneamente. Tudo dentro de mim se contrai. Minha boca se abre, mas o grito é silencioso desta vez. Não tenho fôlego para isso.

A satisfação inunda o olhar de Killian enquanto começo a me contorcer em volta dele, apertando-o como um torno. Ele estremece em resposta. O movimento de seus quadris enquanto ele se aproveita da minha tensão parece um elogio. Ele está selvagem dentro de mim por mais algumas estocadas. Liberto.

E então vem a onda de calor quente, o derramamento dele. Seus músculos se contraem sob as roupas enquanto ele afunda o máximo que pode.

Reivindique-me, ele disse. Eu me agarro aos seus ombros porque, se não fizer isso, vou me dissolver em suor e satisfação.

Ficamos imóveis, exceto pelo arfar de nossos peitos. Sinto uma dor no meu corpo devido à aspereza disso. Eu amo isso. Minhas mãos acariciam seus ombros e sobem até seu pescoço, em seus cabelos.

"Killian", respiro. Há um sorriso bobo no meu rosto quando ele levanta a

cabeça.

Ele logo o imita. "Porra", ele diz com a voz rouca, e eu rio.

Mas quando a leviandade desaparece, seu sorriso desaparece. "Eu..." Sua testa se franze. "Meryn, amanhã você..."

Pressiono meu polegar sobre seus lábios. "Está tudo bem", sussurro.

Ele não acredita em mim. Não consegue. Mas ainda assim me levanta cuidadosamente da mesa. Envolvo minhas pernas em volta de seus quadris e o deixo me carregar para a cama. "Ainda não terminei com você. Não posso terminar", ele sussurra contra meu ombro nu.

Beijo seu pescoço e aceno com a cabeça. "Ok."

"Mais uma vez, e eu deixo você dormir", ele promete.

Levo seu rosto para cima e o beijo lentamente. "Mais uma vez", concordo.

"Bem", ele sorri baixinho, "talvez duas, para você."

Sorrio enquanto ele me joga na cama. Depois, adormeço rapidamente, ouvindo as batidas do seu coração sob o meu ouvido. É um sono sem sonhos que me toma, acalmado pelo peso do seu braço sobre mim e pela exaustão de um sexo tão bom.

Um grito ecoa em meus ouvidos, me acordando sobressaltada.

A princípio, penso que não é real.

Talvez seja o meu fracasso voltando para me assombrar, o grito que não ouvi naquela noite, quando deveria ter estado lá para proteger Saela.

Olhando ao redor do quarto escuro, aterrorizada, meu coração dispara. O que me cerca retorna à minha mente enquanto o sono se esvai.

Sinto uma pressão contra a barreira em minha mente; Anassa foi acordada pelo meu medo. Eu a empurro de volta, deixando-a saber que estou segura.

Killian está dormindo profundamente, respirando lentamente. "Ei", imploro, empurrando-o.

Ele grunhe e abre os olhos. Seu cabelo está desgrenhado e suas pálpebras estão pesadas. "O quê? Meryn?"

"Você ouviu isso?", pergunto. A voz ecoou pelos corredores. Parecia real demais, próxima demais.

Kilian pisca lentamente para mim. "Ouvir o quê?", pergunta ele, com o sono crepitando em sua voz.

"Houve um—"

Outro grito estridente atravessa meus ossos. Eu me encolho, e arrepios percorrem minha pele nua.

Terrivelmente, Killian não reage nem um pouco. Ele se senta, a preocupação o puxando para a vigília. Mas sua atenção está inteiramente em mim, não na porta de onde veio o som.

"Meryn? Fale comigo."

Estou tremendo enquanto suas mãos se fecham em volta dos meus ombros. A compreensão me atinge como água gelada. Não era real. Ele não ouviu. Nada daquilo era real. Nem as vozes que minha mãe ouve. Nem o sangue que vi durante o treinamento. Nem isso.

"Achei que ouvi alguma coisa", explico fracamente.

Os ombros de Killian relaxam. Ele não entende meu medo. "Se alguém te encontrar aqui, eu te protegerei. Vou impedir que isso se espalhe, se você ainda quiser isso."

Engulo em seco e me deixo cair de volta nos travesseiros macios. Ele se acomoda ao meu lado. "Obrigada", sussurro. Não digo que acho que ele não será capaz de me proteger. Não disso.

"Durma. Você precisa de forças", ele sussurra, já se entregando aos seus sonhos.

Eu me aconchego mais nele. Perto o suficiente para quase me convencer de que o horror do amanhã não me alcançará. Que o horror do resto da minha vida também não.

Porque há uma verdade terrível reverberando em meu crânio junto com os gritos fantasmagóricos.

Mesmo que eu sobreviva à Purificação, isso não me impedirá de seguir minha mãe rumo à loucura.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO TRINTA

Passei o resto da noite dormindo e acordando, sem conseguir retornar ao descanso profundo que vinha desfrutando. Quando não estava remoendo os gritos fantasmagóricos, minha mente voltava para a Prova à minha frente — para frente e para trás, um ciclo vicioso. Finalmente, arrastei-me de volta para o meu quarto por volta do amanhecer e caí em mais algumas horas de sono sem sonhos, porém agitado.

Chegamos à arena no final da tarde. Os outros Estrategos estão tristes e quietos quando chegamos ao centro do campo — vinte e três lobos e cavaleiros dispostos em um círculo perfeito.

A arena se agiganta sob a luz do sol inclinada, suas fileiras em camadas já lotadas de espectadores tagarelas. Há mais pessoas aqui agora do que havia para o Julgamento da Voz. Eu me pergunto se a promessa de derramamento de sangue certo os atraiu. Nobres em suas melhores vestes lotam os níveis superiores, enquanto as outras matilhas ocupam os assentos inferiores.

Como o Expurgo é feito matilha por matilha, os outros três esperam nas arquibancadas durante cada Expurgo. É claro que tiramos a sorte pequena.

Estrategos vai primeiro.

A plataforma elevada do rei domina a muralha ocidental, coberta por tecidos exuberantes de púrpura real e ouro. O Rei Cirilo senta-se com uma indiferença enganosa em seu trono ornamentado, com aquela infame espada com punho de lobo em seu quadril.

Audelie, uma Phylax Rawbond, está sentada no colo do homem mais velho. Ela é a... companheira... que ele escolheu para as Provas. Não é de se admirar; ela é incrivelmente bela, com cabelos longos e escuros e olhos esmeralda brilhantes. Ele apalpa o peito dela por cima das roupas enquanto ela sorri larga e placidamente, e meu estômago se revira de desgosto.

Ela é um lembrete visceral de que, para o rei, somos meros objetos para seu entretenimento e prazer.

Mas até Audelie está vestida com seu traje de combate hoje. Ela pode ser a escolhida do rei, mas ainda faz parte de uma matilha e ainda terá que participar da Purificação quando chegar a sua vez.

Killian está à direita do pai. Meus olhos são atraídos para ele, apesar de tudo. Sua presença é tanto um conforto quanto uma preocupação. Não quero que ele me veja morrer hoje, mas se as coisas derem errado, pelo menos a última coisa que verei será seu rosto.

Stark também está na varanda do rei, em seu lugar de honra, vestido de preto impecável, com o cabelo escuro penteado para trás. Nossos olhares se encontram, como sempre, e a malícia presunçosa em seu olhar diz tudo.

Hoje é o dia da sua morte, princesa.

Uma avalanche de violência se desencadeia dentro de mim, as sombras ao redor da arena se tornando longas e estranhas. Pela primeira vez, estou quase feliz que o desgraçado esteja aqui. Eu precisava daquela motivação extra para provar que o filho da mãe estava errado.

Espero.

Eu cerro os dentes e enrijeço a espinha. Se eu morrer hoje, tenho certeza absoluta de que não vou desistir sem lutar.

Eu me viro para Anassa, sentindo seu foco predatório se aguçar.

Ela encontra meu olhar quando coloco a mão em seu ombro.

"Fique de costas, não importa o que aconteça."

Não tenho tempo para responder.

De repente, os lobos olham para o rei, respondendo a um sinal silencioso. Ele segura a espada Diren Blæd e, como fez na Apresentação, o Rei Cyril a enfia no chão da plataforma a seus pés.

Com isso, o teste começa.

Num piscar de olhos, estou nas costas de Anassa, me abrindo completamente para a nossa conexão. Percebo um lampejo de algo se passando entre ela e os outros lobos. Não exatamente palavras, mas intenções, julgamentos. Eles não estão deixando nenhum dos cavaleiros se conectar com a unidade da matilha hoje; o tempo de impressioná-los com nossas habilidades já passou.

Com um sobressalto, percebo que eles estão decidindo quem é o alvo — quem entre nós precisa morrer para que a matilha se fortaleça.

Se algum consenso for alcançado, não tenho conhecimento dele.

Os lobos começam a se mover, circulando e passando uns pelos outros em uma dança bizarra que não faz sentido aos olhos humanos. Mas há um propósito terrível nisso, escrito nas linhas selvagens de seus quadris musculosos.

Um lampejo de movimento chama minha atenção pouco antes do caos começar — um enorme lobo prateado avançando em direção ao flanco de Anassa. É Pietr, um dos amigos de Perielle.

Anassa gira, mais rápido do que eu imaginava, e eu concentro toda a minha atenção em ficar em suas costas, sintonizando todos os sentidos com a nossa conexão.

Nossas mentes se encaixam com um clique psíquico estranho, e de repente nos movemos como um só.

Nós nos viramos em perfeita sincronia para encarar nosso agressor, e eu avisto o rei inclinado para a frente em seu assento, aquela espada estranha brilhando na luz moribunda.

Então minha consciência se estreita com a de Anassa. Não há mais rei, não há mais multidão.

Não há nada agora além da Purga.

O lobo de Pietr avança com uma velocidade impossível, entrando e saindo enquanto os outros lobos nos cercam. Fomos escolhidos — marcados novamente pela minha fraqueza.

Nossa determinação se solidifica em uma determinação assassina. Através do nosso vínculo flui puro instinto — quando abaixar, quando esquivar, como usar nossa massa maciça para atrapalhar o ritmo do lobo prateado de Pietr. Somos um só corpo, uma só mente, movendo-nos juntos como se tivéssemos treinado por anos em vez de semanas.

A determinação de matar é acompanhada por uma eletricidade selvagem que reconheço distantemente como alegria. A alegria da caça — de um predador partindo para a caça.

Num borrão de excitação cruel, os dentes de Anassa encontram o flanco do lobo de Pietr. O cheiro de sangue quente preenche seu nariz, rico em mil mensagens primitivas. Consigo sentir o gosto em sua língua, sentir as gotas salpicando seu pelo.

A loba prateada recua, sacudindo a dor, seu cavaleiro ainda no lugar. Nossa luta está apenas começando, mas o primeiro sangue já foi derramado.

A caçada começou.

Ao nosso redor, a arena explode em violência. Nos viramos em uníssono quando mais dois pares de Elos se aproximam, juntando-se a Pietr para formar uma equipe coordenada determinada a derrotar Anassa.

Uma delas é Perielle e seu lobo gigante. A mulher está sentada alta e orgulhosa em sua montaria, com as mordidas de amor de Jonah visíveis em seu pescoço.

Nosso foco se transforma em uma espiral no fio da navalha.

Perielle irradia confiança — arrogância.

Fraqueza.

Consegue sentir o cheiro nela. Veja no brilho febril de crueldade em seus olhos.

E os outros também.

Não há espaço para esse tipo de postura em uma matilha. Matilhas exigem unidade, e os instintos cruéis e de panelinha de Perielle sempre acabam nos dividindo. Não importa que seu lobo gigante tenha um companheiro. É um sacrifício que deve ser feito pela proteção de Strategos.

Posso ouvir as instruções de Anassa para os outros lobos e, em sincronia, a palavra sai da minha boca. "Ela."

A decisão dela é a minha decisão também. Sombras estão se infiltrando na minha visão agora, me fazendo ansiar pela morte de Perielle.

Ela não sente o momento em que o foco dos lobos muda, cristalizando-se em um julgamento fatal — mas seu lobo sente.

Em um único movimento experiente, o lobo de Perielle a empurra. Ela cai no chão com um impacto de quebrar os ossos — bem aos pés dos outros três lobos.

Anassa avança, suas enormes mandíbulas se fechando em torno da garganta de Perielle. Vislumbro a expressão chocada da mulher pouco antes das presas de Anassa rasgarem a carne e os ligamentos. Sangue jorra pelo ar enquanto os outros lobos se aproximam para acabar com Perielle.

Com um sobressalto de horror, minha mente se afasta de Anassa, percebendo que tudo isso foi planejado pelos lobos, coordenado desde o início. Nossa luta com Pietr foi uma distração — uma isca para despertar a arrogância de Perielle. Para provar sua fraqueza.

Ela estava marcada para morrer antes mesmo de entrarmos na arena.

"Mantenha o foco!", Anassa rosna em minha mente, furiosa com minha retirada.

O instinto de sobrevivência me traz de volta à nossa conexão. Não posso arriscar me colocar em conflito com minha loba — ou posso acabar como Perielle, que jaz alquebrada no chão, com seu sangue encharcando os ralos na terra.

A loba de Perielle se deita na terra ao lado dela, e o vínculo rompido mata os dois.

Os outros dois lobos se dispersam como um só, movendo-se para se juntar aos outros em sua dança mortal.

A satisfação de Anassa irradia pelo meu corpo. Não há crueldade nisso — pelo menos, não exatamente. Mas há prazer. Gratidão por uma tarefa importante concluída com eficiência.

A matilha estará mais forte agora.

Não há tempo para processar isso mais. Os lobos gigantes se retraem novamente enquanto a dança ritual continua. Lobos e cavaleiros se avaliam com olhares frios, tentando identificar quem será o próximo.

Não demora muito.

Em questão de segundos, os lobos miram em seu alvo e começam a cercar alguém novamente. Com um lampejo de horror, percebo que é Nevah, empoleirada em seu lobo prateado escuro. Seus cachos castanho-escuros balançam enquanto ela vira a cabeça freneticamente, com os olhos arregalados, em busca de ajuda.

Izabel e Tomison estão mais perto dela e seus lobos avançam em disparada, defendendo-a da matilha que se aproxima.

Nevah pode ser reservada, mas não é fraca — ela não merece morrer.

Para minha surpresa, a concordância de Anassa flui através do vínculo. Ela está realmente me ouvindo. Ela entra na briga, derrubando dois atacantes.

Vejo a surpresa e o alívio de Nevah ao perceber que viemos ajudar. Então, seu rosto se endurece de determinação.

É isso mesmo, você não vai morrer hoje.

Quatro contra dezoito não é uma grande aposta, mas, para minha surpresa, os outros recuam quase imediatamente. Nevah e seu lobo gigante assumem a liderança e ela se defende contra dois ou três possíveis atacantes. Izabel, Tomison e eu ficamos atrás dela como defesa adicional, caso ela precise.

Mais uma vez, capto trechos de comunicação entre Anassa e os outros lobos — o suficiente para entender que eles não estão dispostos a ir contra nós quatro se acreditarmos que Nevah é digna.

Por um momento, penso que pode ser o fim, mas os lobos provam que estou errado. Antes que o teste termine, mais dois pares caem, cada morte aparentemente predeterminada entre os lobos gigantes.

Quando o rugido de uma trombeta anuncia o fim do expurgo de Strategos, o chão da arena é novamente coberto de sangue e sangue coagulado.

Vinte pares de Elos permanecem de pé. Mas a luta ainda não acabou; faltam três matilhas.

Enquanto a multidão aplaude e os servos arrastam os corpos, a mente de Anassa me cutuca, oferecendo o que parece quase... conforto.

"Nós sobrevivemos", digo a ela, aliviada. "Mas ainda assim foi horrível." Cada vez que pisco, vejo o olhar rápido de choque de Perielle antes de sua garganta ser arrancada. Aconteceu tão rápido que ela quase não conseguiu processar.

E o sangue dela está em minhas mãos.

"Eu não me arrependo de nada", Anassa me diz, "e você também não deveria. Mas você escolheu bem em ajudar Nevah."

"Nevah teria se saído bem sem a nossa ajuda", digo, olhando para a mulher enquanto ela se despede de seu grande lobo. Nevah tem uma força inacreditável. Só espero que ela comece a se abrir mais com o resto de nós agora. Que ela perceba que a amizade também pode ser uma força.

Anassa acena para mim e sai com o resto dos lobos gigantes de Strategos, de volta pela grande porta que os levará aos terraços de suas matilhas. Eu me junto a Izabel e Tomison enquanto nos dirigimos às arquibancadas para assistir ao restante do terrível Julgamento.

À medida que nos aproximamos dos assentos, meu olhar se volta para cima, em direção ao farol de Killian na arquibancada.

Não consigo evitar; sorrio para ele, e seu rosto bonito se abre em um sorriso de resposta. Ele me dá um rápido sinal de positivo, que tenho certeza de que ninguém notou.

Eu sobrevivi. Eu sobrevivi. Temos mais tempo juntos. Tenho mais tempo para salvar Saela.

Mas quando me sento no meu desconfortável assento de madeira, os cabelos da minha nuca se arrepiam.

Os olhos de Stark estão semicerrados em mim, seus braços cruzados sobre o peito, as tatuagens escuras de morte em suas mãos visíveis mesmo desta distância.

Ele nos viu.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO TRINTA E UM

A antecâmara dos Strategos está carregada de tristeza compartilhada enquanto retornamos do Julgamento da Purificação. Não há muita conversa, mas todos se aglomeram. Mesmo aqueles que costumam se manter distantes, como Nevah, buscam o conforto do grupo. Eu também me sinto atraído.

Nós vinte sentamos ao redor da lareira crepitante, absorvendo seu brilho. Uma conversa em voz baixa se inicia — discussões sobre como cada um de nós passaria o dia de folga, quais familiares visitaríamos, quais notícias compartilharíamos. Mas a excitação é abafada.

Ofuscados pela escolha que fizemos como matilha de executar três de nossos companheiros Rawbonds. No momento, envolvidos no Julgamento, parecia a decisão certa, apesar de sua brutalidade. Mas agora...

Finalmente, as pessoas começam a se dirigir para o dormitório. Nada de festas esta noite, ao que parece. Sou grato por isso.

Retiro-me para o meu quarto com uma sensação de alívio exausta, pensando na minha cama. Algo me diz que não vou conseguir dormir tão cedo, no entanto. O sangue no chão da arena mancha minha mente toda vez que fecho os olhos.

Foi difícil lidar com a morte, mas foi igualmente difícil ver as outras matilhas se envolverem nela. Daemos abateu cinco dos seus; Jonah estava em lágrimas depois de ver a companheira de seu lobo gigante morrer. O que fez Perielle ser morta em Strategos — arrogância e crueldade — aparentemente é um trunfo para Daemos. Vou precisar me proteger mais do que nunca perto dele.

Acabei de vestir uma camisa e uma calça limpas quando ouço uma batida forte na porta.

Droga, e agora?

Abro a porta impacientemente.

Stark está do outro lado.

O medo percorre minha espinha numa onda quente e instintivamente solto um pequeno suspiro. Por que ele está aqui a esta hora? Será que ele finalmente veio cumprir todas as suas ameaças?

Será que ele quer me confrontar sobre o momento que viu entre mim e Killian na arena?

"Princesa", ele diz em tom de cumprimento, sua voz mais fria do que a tempestade de neve lá fora.

Antes que eu possa falar, ele força a entrada, me empurrando para longe da porta.

Eu enrijeço quando ele invade meu espaço pessoal, meu coração disparado. Ele bate a porta atrás de si e então olha para mim, sua expressão é ilegível à luz fraca da lâmpada. Há algo diferente em sua postura do que o normal. Não consigo definir exatamente o que é.

Todos os meus instintos me dizem para recuar, sair, mas eu me mantenho firme. O quarto é sufocantemente pequeno com seu corpo enorme ali. Ele se eleva sobre mim, todo peito, ombros e músculos implacáveis.

O aroma de âmbar e almíscar faz cócegas no meu nariz, fraco, mas intenso.

"Por que você está...", eu começo.

No mesmo instante, ele tira algo do bolso. Uma agulha familiar e um pequeno pote de tinta.

Ah.

O cabelo loiro de Perielle, emaranhado em sangue. A ordem para matá-la saindo da minha própria boca enquanto sombras me incitavam a cometer um assassinato.

A única morte de hoje que definitivamente está nas minhas mãos mais do que nas de qualquer outra pessoa.

Stark parece ler a memória em meu rosto. Sua expressão fica sombria e ele gesticula para a cadeira ao lado da minha pequena escrivaninha.

Certo.

Puxo a cadeira para o centro do quarto e me sento, desabotoando a parte de cima da minha camisa para que ele tenha acesso ao meu pescoço.

Isso parece... Porra, eu nem sei. Nunca estive sozinha com ele antes. Nunca o vi tão sombrio também. Não há nenhuma aura de violência iminente ao redor dele — nada da malícia habitual em seus olhos.

Ele parece quase... triste.

Isso me deixa tenso e o desconforto borbulha em palavras.

"Isso deve te emocionar. Eu não morri hoje, mas você ainda tem a chance de me machucar", digo, com a voz cortante. Seus olhos brilham perigosamente, confirmando minha suspeita. "Só eu tenho a sorte de ter uma tatuagem?"

O leve tremor na minha voz desmente o tom irreverente, mas seu maxilar se contrai diante da minha antagonização.

"Todos que tomaram a decisão final sobre uma morte, cujo lobo gigante matou um dos membros da matilha, estão recebendo suas marcas", diz ele secamente. Ele se aproxima de mim, agulha na mão, um joelho roçando minha perna. "Você é minha quarta visita esta noite."

"Você realmente sabe como fazer uma garota se sentir especial", brinco enquanto ele agarra meu queixo com dedos ásperos, empurrando minha cabeça para o lado.

"Você é especial, sim", ele murmura sombriamente. Por algum motivo, sua piada em resposta faz o leve tremor dentro de mim ficar mais forte, irradiando para fora.

Enquanto a agulha perfura minha pele, percebo qual é essa sensação.

Eu sobrevivi. Eu sobrevivi.

Eu posso sobreviver a isso. Eu posso salvar minha irmã.

Mas a que custo? A vida dela importa para mim. É tudo o que importa para mim. Mas será que vale tantas outras vidas em troca? Esta é a segunda pessoa que mato desde que cheguei aqui — a terceira, na verdade, contando com o Nabber.

Três mortes em minhas mãos. Quem sou eu para dizer que ela importa mais?

Meus próprios olhos se embaçam lentamente com lágrimas e tento me afogar na doce ardência da dor, sem sucesso.

"Isso não parece uma conquista", ouço-me sussurrar.

A agulha para na minha garganta. "Conquista?" A risada de Stark é áspera, desprovida de humor. "É isso que você acha que elas são?"

Confusa, viro a cabeça para encará-lo. "Não são?"

Sua expressão se escurece, e uma das mãos se ergue até os padrões intrincados que decoram seu próprio pescoço. "Não são troféus, princesa", diz ele, "são lembretes."

Os olhos de Stark estão negros como breu na câmara escura, mas brilham de emoção, refletindo a luz da lamparina como brasas queimadas.

"Não podemos nos dar ao luxo de esquecer os sacrifícios que devemos fazer", diz ele, a voz se transformando em um rugido que me arrepia. "Cada vida que tivemos que tirar para manter a força da matilha. Cada pessoa que não sobreviveu. Cada perda está registrada em nossa carne para que nunca esqueçamos o preço da sobrevivência."

Seus dedos se afastam das marcas em seu pescoço e, pela primeira vez, eu realmente as encaro.

Não são troféus, reflito, um pouco envergonhada por ter feito tal suposição.

Lembretes.

A voz de Stark fica mais baixa enquanto conto silenciosamente as perdas gravadas em sua pele como marcas de garras.

"Ninguém quer essas tatuagens, princesa", ele murmura. "Não há lugar para orgulho na guerra."

Minha garganta se fecha quando ele se inclina sobre mim mais uma vez. A agulha retorna à minha pele. A dor é uma queimadura distante agora, atenuada por uma revelação sombria. É um bálsamo, de certa forma, saber que as tatuagens não são usadas como distintivos de honra — os troféus de assassinos sem coração.

Essa constatação lança uma nova luz sobre Stark. Lança uma nova luz sobre todos os Vinculados. Cada marca em seus corpos representa um dia como hoje. Uma morte como a de Perielle.

Uma necessidade cruel tornada inevitável pela guerra.

É justo que eles — que nós — sejamos marcados para sempre por elas. Que as cicatrizes internas da dor e da perda sejam visíveis para todos. Para todos se lembrarem.

"Você deveria me dar uma terceira", digo baixinho, e Stark permanece imóvel acima de mim. Seu maxilar se contrai, fazendo a cicatriz ao lado saltar sob sua barba rala.

Seus olhos deslizam lentamente para os meus, sua mão ainda apertada em meu queixo. "Quem?", ele pergunta, com a voz baixa e áspera.

"Não... não outro Rawbond", digo, com a boca subitamente seca, tentando não me encolher diante do olhar intenso que ele me lança. "Só... outra pessoa. Mas eu deveria me lembrar disso."

Ele me encara fixamente por mais um momento de silêncio e então assente, voltando à agulha.

O alívio me invade quando ele não faz perguntas. Nenhuma parte de mim lamenta o homem que matei na masmorra, mas me recuso a esquecer o alto custo de encontrar minha irmã.

O preço da sobrevivência.

Uma estranha e inesperada sensação de conforto floresce dentro de mim, embora faça pouco para dissipar a dor.

Quando Stark termina, ele se inclina para lamber o ferimento, como manda o costume. Seus cabelos roçam minha bochecha, então o calor úmido de sua língua traça as marcas que ele fez de sangue e tinta.

Meu corpo responde com uma onda feroz de excitação, como antes, mesmo enquanto minha mente se debate em negação. Cerro os dentes contra a excitação, com medo de que Stark leia isso em meu rosto ou postura.

Digo a mim mesma que é apenas exaustão — uma reação fisiológica desencadeada pela vulnerabilidade após a violência e a perda de hoje.

Mas parece mentira.

Sinto Anassa ouvindo. Quase espero que ela me chame a atenção — que desafie o pensamento —, mas ela não o faz. Ela ficou em silêncio durante todo esse tempo.

Terminado o trabalho, Stark sai do meu quarto sem dizer uma palavra, fechando a porta silenciosamente atrás de si.

Levanto-me e vou até o pequeno espelho na parede, observando as novas tatuagens. Elas se misturam perfeitamente com a primeira, criando uma faixa sombreada com três pontas que me faz lembrar novamente de uma coleira.

Quando toco a pele inchada, meus dedos saem manchados de sangue e saliva.



Na manhã seguinte, enquanto me preparo para a viagem de volta para casa, tenho plena consciência da nova tatuagem. Ela arde até agora, uma lembrança constante dos eventos de ontem.

É estranho pensar em voltar para o meu bairro. Minhas roupas velhas sumiram — descartadas após a Ascensão. Terei que voltar para casa vestida com as roupas de uma recruta da Strategos Rawbond.

O uniforme é simples e sem adornos, especialmente comparado ao que os Bonded usam, mas mesmo assim vou me destacar nos alojamentos.

O que todos em casa vão pensar ao me verem assim?

Percebo que me acostumei com tecidos finos feitos sob medida para o meu corpo. Isso me dá uma pontada de vergonha, mas é passageira.

Agora sei o que realmente significa ser Elo.

Minha mão sobe inconscientemente até a tatuagem, que já começou a formar uma crosta.

Não posso ter vergonha do que me tornei, mesmo que ainda não tenha certeza se gosto. Ter vergonha desvalorizaria tudo o que passei. Cada morte que presenciei.

Cada vida que tirei.

É tudo por Saela, lembro a mim mesma. Vale a pena, contanto que eu a tenha de volta.

No salão comunal dos Rawbonds, o clima de luto de ontem se dissipou. Há uma energia animada vinda de todos os outros Rawbonds que estão indo para

casa para ver suas famílias. Vejo Henrey sentado sozinho, beliscando um prato de bolos de café da manhã, e caminho em sua direção.

"Ei", ele diz, olhando para cima enquanto me sento à sua frente. Percebo que há uma nova tatuagem avermelhada em seu pescoço esta manhã. "Parabéns por, sabe, não ter morrido."

"Ainda", lembro a ele. "Ainda não ter morrido. Mas obrigada, você também. O que vai fazer hoje?"

Henrey dá de ombros. Ele é de Blumenfall, um feudo litorâneo a léguas de distância. Levaria pelo menos uma semana para ele viajar até lá normalmente, embora provavelmente conseguisse chegar em apenas alguns dias nas costas de seu lobo.

Mesmo assim, ele não vai voltar para casa para uma visita. Acho que nós, plebeus, que não somos da Cidade dos Laços, não fomos realmente considerados quando essa surpresa especial foi criada.

"Talvez eu vá para a cidade, para o lado dos plebeus", diz ele. "Eu não tenho muito dinheiro para fazer compras, mas temos aquele baile hoje à noite. Para a Apresentação, peguei emprestado um paletó formal do meu companheiro de matilha, Olivier, mas..."

Ele não precisa terminar a frase. Quatro lobos despedaçaram Olivier ontem à noite. Um deles era o do Henrey.

Não se pode pegar roupas emprestadas de um homem morto.

"Tem uma loja de roupas usadas no Northern Quarter que vende trajes formais", digo a ele, explicando onde fica. Nunca podíamos comprar nada de lá, mas eu gostava de olhar pela vitrine quando levava minha mãe ao médico.

É bobagem ter que se preocupar em se vestir adequadamente quando acabamos de testemunhar tanto derramamento de sangue, mas Henrey e eu sabemos que o baile desta noite é apenas mais um Julgamento com uma bela fantasia.

É mais uma oportunidade para nós dois nos misturarmos... ou atrairmos um alvo.

Conversamos por mais alguns minutos sobre lojas que eu gosto, suprimentos que Henrey espera comprar no dia de folga, e então pego alguns pãezinhos com manteiga da mesa do café da manhã e volto para o meu quarto. Não estou com muita fome.

Alguns minutos depois, Izabel entra sem bater, vestida com um traje de montaria roxo-escuro que esbanja riqueza conjugal. Seu cabelo comprido está artisticamente arrumado como sempre, com a mecha prateada em destaque.

"Meryn!" Ela exclama, praticamente pulando de entusiasmo. "Estou pronta para ir, e você? Antes de partirmos para as Provas, meus pais disseram que

dariam um grande almoço para mim e para a Venna se conseguíssemos chegar até hoje, com toda a nossa família — bem, todos que não estão na frente de batalha, claro. Estão todos loucos para saber sobre o treinamento, tenho certeza. Você vai ver alguém além da sua mãe?"

"Provavelmente não", murmuro, levantando a gola para garantir que cubra minha tatuagem recente. Não quero chamar atenção para ela em casa. "Vou só dar uma olhada nela. Talvez visitar meu vizinho, Igor."

Ela se anima. "Ah, você quer dizer aquela que te treinou para lutar?"

Concordo com a cabeça, pensando na carranca familiar do Igor. Engraçado como a ideia da cara feia dele pode me aquecer tanto. Então essa é uma das coisas boas de ir para casa, eu acho.

O resto vai ser simplesmente estranho.

Izabel parece sentir meu humor sóbrio. Ela se senta na ponta da minha cama e inclina a cabeça. "Quer conversar sobre isso?"

Passamos tanto tempo juntos nos últimos dois meses que ela coletou toda a minha história, em pedaços aqui e ali. Ela sabe que minha mãe é doente mental, que tive que criar Saela praticamente sozinha.

Izabel deve perceber que estou com medo dessa pequena visita em família, mesmo depois de toda a escuridão que passamos.

Killian continua a falar com a mãe regularmente e diz que ela está bem, mas estou com medo de encontrá-la perdida em seus delírios novamente, falando com pessoas que não estão lá. Nem tenho uma boa atualização para ela sobre Saela.

Balanço a cabeça e Izabel leva isso na esportiva.

"Bem, não se esqueça de hoje à noite", diz ela. "Você precisa voltar ao pôr do sol para se preparar para o Baile da Forja. É importante! Todos os nobres estarão lá. Talvez você até encontre alguém, como eu espero."

Apesar das implicações grosseiras — ainda não consigo superar o fato de os nobres tratarem os Rawbonds como um mercado de carne — meu rosto esquenta.

Eu me abaixo, mexendo nos cadarços das minhas botas para que Izabel não veja que estou nervosa. Ainda não contei a ela sobre Killian, embora saiba que ela suspeita que estou vendo meu "destruidor de corações do castelo" de novo, já que não tenho estado por perto com tanta frequência. Ela tem sido uma boa amiga por não me pressionar sobre isso.

Ele estará lá esta noite, é claro. Será que todos vão perceber pelo jeito que nos olhamos?

Será que eu iria querer isso?

Penso em suas palavras duas noites atrás. "Me dê permissão para reivindicá-

la diante do mundo inteiro, e eu o farei."

"É, é", resmungo, finalmente me endireitando. "Estarei lá. Mas não tenho nada para vestir."

"Só pegue alguma coisa em casa", diz Izabel.

Eu bufo. "Izabel, normalmente não temos vestidos de baile por aí nos bairros populares. O mais parecido que eu tinha era um vestido de aniversário que ficou tão desgastado com o passar dos anos que acabamos transformando-o em uma fronha."

"Ah. Certo." Ela faz uma pausa. "Bem, sem problemas! Venna e eu traremos algo para você, então não se preocupe."

Largo um sorriso torto, esperando que não pareça de dor. Sou grata pela ajuda dela, mesmo que isso me faça sentir como um caso de caridade. Mas não estou ansiosa para ser a boneca de fantasia das gêmeas novamente, principalmente porque as Elos tentam usar o mínimo de roupa possível para essas ocasiões.

"Nada muito curto, por favor?", pergunto.

Izabel ri como se eu tivesse feito uma piada e pula da minha cama. "Sem promessas!", ela grita enquanto sai pela porta com um aceno.

Bem, isso é sinistro.



Anassá me encontra nos portões do castelo para a viagem de volta para casa. Não conversamos. Não há espaço na minha mente para conversas enquanto me debato com a experiência de cavalgá-la pelos aposentos.

Nunca tive dúvidas se eu a levaria para casa ou não. Cavalgar nela me levaria para casa e voltaria mais rápido, me permitindo ter mais tempo com minha mãe. Mas é mais do que isso. É importante que minha mãe a conheça, esse ser que se tornou parte de mim.

Seguimos pelo Bairro Norte, depois para o Mercado Central, o mesmo lugar onde vi Stark executar aquele desertor.

Anassa ignora as pessoas por quem passamos, embora eu possa sentir sua consciência delas — do medo delas. Elas saltam para fora do caminho quando nos veem chegando, se encostando nas paredes e puxando seus filhos para trás como se temessem que o lobo as devorasse. Até os mercadores postados nas laterais da estrada abandonam suas carroças para se esquivar do peso de Anassa.

A maioria deles nem olha para mim. Não que eu me importe — na verdade, é um alívio. O medo e a admiração nos olhos daqueles que olham me deixam

enjoada e desconfortável.

E eu aqui preocupada com o que as pessoas pensariam ao me ver com meu uniforme dos Rawbond.

Viramos da Central para a Eastern, finalmente de volta ao meu bairro.

As patas enormes de Anassa deixam marcas profundas na neve lamacenta que sufoca as ruas onde eu brincava quando criança. Onde eu brigava com meninos maiores depois que meu pai morreu na guerra. Onde eu carregava montes de roupa suja dos outros para pagar os remédios da minha mãe.

As mesmas ruas por onde minha irmã ia e voltava a pé da escola.

Tudo parece menor e mais sujo do que antes. Surreal depois das semanas que passei no luxo.

Para meu desânimo, me sinto ainda mais deslocada aqui do que no castelo.

Droga. Que ironia.

Há apenas dois meses, eu era uma dessas pessoas, xingando baixinho enquanto os cavaleiros da Ligação invadiam minhas ruas. Cheia de indignação por sermos todos forçados a nos dispersar porque algum Ligação arrogante se dignou a passar por ali. Naquela época, parecia que os lobos grandes estavam dispostos a pisotear qualquer um que cruzasse seu caminho.

Agora, pelas costas de Anassa, eu vejo a verdade.

Ela está ciente de cada um deles, de cada movimento, de cada possível ponto de interação. Ajusta o passo para evitar colisões, para dar tempo às pessoas de se afastarem. No entanto, não olha diretamente para nenhum deles, sabendo que mesmo um momento de contato visual poderia causar pânico.

Não há empatia em suas ações, por si só. Mas há uma espécie de gentileza — sob o pragmatismo lupino rígido de sempre. Essas pessoas são inocentes e não representam uma ameaça para ela. Ela não deseja assustá-las.

Sou grata por isso. E um pouco envergonhada novamente, também, por todas as suposições que fiz sobre os Elos.

Sim, eles levaram vidas privilegiadas. Têm todos os luxos com que poderiam sonhar. Mas, em troca, vivem à beira da morte.

Em troca, são tratados como entretenimento para o rei e seus nobres — em mais de um sentido. Estremeço novamente, pensando na excitação nos olhos de Izabel enquanto ela falava sobre encontrar alguém esta noite.

E Audelie, empoleirada no colo do rei durante o Expurgo, com aquele sorriso vazio estampado no rosto.

O tempo todo, meus vizinhos e eu nos ressentimos dos Vinculados. Mas eles não são o inimigo. No fim das contas, eles são — nós também somos — apenas brinquedos para o rei usar e depois jogar fora. Soldadinhos de brinquedo, para jogar contra os Sifões. Gladiadores de brinquedo, para lutar pela diversão dos

nobres ricos.

Companheiros de brinquedo, para dormir com eles e descartar.

Os plebeus não deveriam se ressentir dos Vinculados. Deveriam se ressentir dos nobres... e do rei.

O pensamento é desleal. Traiçoeiro, até. Eu o afasto da cabeça no momento em que me ocorre, com medo de que, se eu o cutucar por muito tempo, ele se expanda e floresça em meu peito como uma espécie de planta carnívora.

Nosso povo não consegue nem vencer uma guerra; jamais sobreviveríamos a uma revolução.

Entramos na rua onde nasci e cresci. Quase não quero ver com meus novos olhos. Ao mesmo tempo, os detalhes familiares me atraem.

As casas em ruínas com suas madeiras podres e calçadas enlameadas. As fachadas de lojas destruídas e as paredes em ruínas de casas há muito abandonadas. As crianças correndo pelas ruas vestidas com trapos remendados com carinho.

Droga. Dói ver isso, sabendo que não há nada que eu possa fazer para mudar isso agora.

Quando este dia acabar, voltarei para minha cama limpa e meus lençóis macios. Terei toda a comida que poderia desejar. Todo o calor e conforto que essas pessoas nunca conheceram.

Killian poderia fazer algo a respeito, no entanto, quando assumir o lugar do pai. Conversamos sobre isso nas últimas semanas. Ele distribuiria os recursos de forma mais equilibrada entre os Vinculados e o resto da população de Nocturna. Pararia de dar festas suntuosas para os nobres e forçaria aqueles lordes que nunca trabalharam um dia na vida a pararem de saquear seu povo.

Aquela voz traiçoeira está de volta. Por que esperar pela morte natural do rei, quando há alguém mais apto a governar o trono?

"Há sim", concorda Anassa, ouvindo meus pensamentos.

"Pare", digo a ela. "Não estamos planejando um motim no nosso dia de folga."

Quando chegamos à casa da minha mãe, estou morrendo de medo. Lá está ela — aquela casa minúscula e sem graça.

Mas... o telhado caído não está mais caindo. As paredes foram devidamente remendadas pela primeira vez e acabadas com estuque novo. O portão da frente torto foi instalado na vertical. E não há mais buracos no toldo da varanda.

Killian. Ele não estava apenas dando uma olhada na minha mãe; ele estava reconstruindo o mundo dela, pedaço por pedaço, na minha ausência.

Um calor se acumula atrás dos meus olhos e eu respiro fundo o ar frio, pigarreando. Não vou chorar nas ruas como uma criança.

Quando Anassa para do lado de fora do portão, seu corpo projetando uma longa sombra que engole toda a frente da casa, os vizinhos me encaram das janelas.

Não olho enquanto desmonto e me dirijo à porta. Não quero ver o espanto em seus rostos — ou o ressentimento. Não quero me ver refletida como uma estranha em seus olhares.

Meu coração lateja nos ouvidos enquanto me aproximo da porta. Paro na entrada, tomada por uma confusão repentina.

Devo bater? Ou simplesmente entrar? Esta é a minha casa, mas, de alguma forma, não parece mais um lar.

Antes que eu possa me decidir, a maçaneta gira. A porta se abre.

E fecho os olhos, apavorada para descobrir qual versão da minha mãe vou encontrar hoje.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

"Meryn!", grita minha mãe, e meus olhos se abrem de repente. Ela está parada no batente da porta com a luz quente da lareira brilhando atrás dela. Seu cabelo escuro e grisalho está impecavelmente penteado e trançado nas costas. Há um brilho saudável em sua pele cor de oliva, suas bochechas coradas. Ela está usando um vestido que parece recém-lavado.

E seus olhos — eles estão brilhantes e claros. O olhar vago se foi.

Ela joga os braços em volta do meu pescoço e me puxa enquanto eu pisco, confusa.

"Deusa Abençoada, não acredito que você está aqui!", ela grita. Não sei se a abraço de volta ou se me afasto e a inspeciono, então dou um tapinha em suas costas. "Lee tinha me dito que você teria um dia de folga, mas ainda assim é um presente maravilhoso te segurar em meus braços."

Finalmente, ela se afasta e noto que ela está com um avental sujo de farinha. Ela estava assando.

"Mãe?", ouço a mim mesma dizer, olhando fixamente incrédula. "É você mesmo?"

Ela ri. "Quem mais eu poderia ser?" Seu olhar se fixa atrás de mim e seus olhos se arregalam de admiração.

Ela avistou Anassa.

"Ah", sussurra mamãe, passando por mim, "esta deve ser sua loba gigante."

"Certo, sim", me viro e digo, sem jeito: "Mãe, esta é Anassa. Anassa, esta é minha mãe."

Espero que a loba gigante esteja como sempre: distante, reservada, talvez até um pouco ameaçadora. Para meu espanto, Anassa se vira para minha mãe... e se curva.

Que porra é essa?

Mamãe ofega enquanto Anassa se agacha, abaixando a cabeça enorme para descansar nas patas dianteiras.

"Ah, ela é linda, Meryn!" Mamãe exclama suavemente, aproximando-se. "Esse pelo... e esses olhos!" Ela levanta a mão como se fosse tocar o lobo, mas depois pensa melhor, balançando a cabeça em silenciosa admiração. "Ela é especial, não é? Uma rainha entre os lobos."

Anassa apenas pisca seus olhos amarelos para minha mãe, concordando silenciosamente.

"É só isso que precisa para te conquistar, hein?", digo arrastando os lábios através do laço. "Bajulação? Você nem se curva para o rei."

A mente de Anassa se agita de irritação. "Eu respeito quem merece."

Reviro os olhos.

"Falando em beleza", diz minha mãe, virando-se para mim. Ela levanta uma das mãos para tocar meu cabelo branco-prateado, cortado curto. "Isso combina com você."

"Ah. Obrigada", murmuro, tocada pelo orgulho em seus olhos.

"Venha, vamos entrar", diz minha mãe, e então olha para minha loba. "Anassa, sinto muito que você não caiba na nossa casinha. Trago um lanchinho para você mais tarde." Ela me olha. "Tudo bem? Ela come comida humana?"

Olho por cima do ombro para Anassa, que não diz nada — embora pareça satisfeita com a agitação da minha mãe.

"Provavelmente não", respondo. "Ela caça sua própria comida nas montanhas do lado de fora do castelo."

Minha mãe concorda. "Ah. Provavelmente não quer um pedaço de pão de fermentação natural, então."

Ao entrarmos no calor da lareira da casa, sou tomada por uma onda de nostalgia. Não via a casa tão arrumada e iluminada desde antes de Saela nascer.

O chão foi varrido, as janelas limpas, todas as superfícies espanadas. A pequena lareira está acesa e as lâmpadas estão todas acesas. O lugar inteiro cheira a pão assando e ao ensopado de carne temperado da mamãe — aquele que ela costumava fazer nos feriados quando papai ainda era vivo.

"Acho que Ki... Lee também te contou que eu tinha criado um vínculo com Anassa", digo, seguindo mamãe até a sala de estar. "Eu não tinha certeza se você sabia que eu tinha criado um vínculo."

"Ah, sim!", ela diz, gesticulando para que eu me sente ao lado dela no sofá. "Lee me visita toda semana. Ele tem sido tão querido, me trazendo comida, lenha e qualquer outra coisa que eu possa precisar. Ele também trouxe alguns artesãos para consertar a casa, você viu?"

"Vi sim", digo, com a garganta apertada. "Está muito bonita."

"Eu não peço nada, veja bem!", ela se apressa para me tranquilizar. "A última coisa que eu quero é colocá-lo para fora. Ele é realmente um bom Lee." Ela se inclina para dar um tapinha na minha perna, sorrindo conspiratoriamente. "Definitivamente, um cara para guardar."

Minhas bochechas esquentam enquanto penso mais uma vez no desejo dele de me reivindicar publicamente.

Claramente, minha mãe ainda não sabe que "Lee" é o príncipe herdeiro. O que ela pensaria se soubesse a verdade? Ficaria ainda mais animada? Será que me avisaria para não continuarmos com o relacionamento, preocupada em ver a filha envolvida com um membro da realeza?

A vontade de confessar tudo cresce dentro de mim com uma força surpreendente. Mamãe não está tão lúcida há anos. Quase me esqueci de como eu costumava confiar nela — como nos sentávamos perto da lareira assim e eu contava a ela sobre o meu dia ou qualquer outra coisa que estivesse em minha mente.

De repente, sinto tanta falta disso que quase choro. Quero deitar com a cabeça no colo dela como fazia quando criança e contar tudo a ela — sobre o castelo, o treinamento, Anassa, Killian. Quero que ela acaricie meu cabelo e me diga que tudo vai ficar bem, como costumava fazer.

Mas eu escondo tudo de novo. Não sou mais aquela garotinha. A vida me forçou a crescer e não há como voltar atrás.

Pego a mão dela. "Mãe, estou muito feliz que Lee esteja cuidando de você. Sinto muito não poder estar aqui."

Quando ela começa a protestar, eu a interrompo.

"Não, por favor, escute", digo com firmeza. "Não foi à toa que eu fui embora. Vou lutar até o fim do treinamento. Depois, vou encontrar Saela e trazê-la para casa — mesmo que eu tenha que matar todos os Sifões de Astreona para isso. Eu juro que vou trazê-la para casa."

Os olhos da mãe se enchem de lágrimas, enquanto seus lábios se curvam em um sorriso orgulhoso e dolorido. Ela aperta minha mão entre as suas.

"Eu sei que você vai", ela sussurra. "Tenho tanta fé em você, Mer. Você tem sido nossa protetora todos esses anos, desde que seu pai faleceu. Sei que não vai nos decepcionar agora." Seu rosto se contorce de tristeza e arrependimento. "Sinto muito por não estar bem, por não poder ser a mãe que você merecia."

Minha respiração fica presa no peito.

Eu também não desejei isso? Não estava pensando que sentia falta daquela mãe, o tipo de mãe que toda criança deveria ter? Uma que se dedica o suficiente para atender às necessidades básicas dos filhos? Uma que conforta, consola e cuida da família?

E, no entanto...

"Não diga isso", sussurro, com os olhos marejados de lágrimas enquanto luto contra minha guerra interna. Estou chateada com a carta que Saela e eu recebemos, mas não consigo ficar brava com ela por isso. "Não é sua culpa que você tenha ficado doente. Só estou feliz que esteja se sentindo melhor." Fungo e enxugo os olhos rapidamente. "Falando nisso... o que está acontecendo? Você tomou um remédio novo ou...?"

"Não, de jeito nenhum." Ela balança a cabeça, dando de ombros, impotente. "É a coisa mais estranha. Já faz semanas que estou melhor. Eu teria voltado a trabalhar na lavanderia, mas Lee e Igor insistem que eu fique em casa."

"Ótimo", eu digo. "Lar é onde você pertence. Contanto que eles estejam cuidando de você."

"Estão sim", ela diz. "Me sinto um pouco culpada por depender de todo mundo. Mas eles têm sido tão gentis. Os outros vizinhos também vêm me ver."

Antes que eu possa responder, alguém bate na porta.

"Atenda, por favor?", diz minha mãe, levantando-se para ir à cozinha. "Preciso tirar o pão do forno."

Aceno com a cabeça e vou até a porta, já sabendo quem está esperando do outro lado.

Igor me olha de cima a baixo, os olhos arregalados enquanto olha meu cabelo — e então me puxa para um abraço de partir os ossos.

Fico paralisada em seus braços por um segundo, atordoada com a demonstração de afeto, então o abraço.

"Estou tão feliz que você ainda esteja vivo, garoto", ele grunhe, a voz rouca de emoção.

Pigarreio sem jeito quando ele me solta. "Mas ainda não encontrei a Saela."

Ele aperta meu ombro, com o rosto marcado e sério. "Você encontrará."

"Pelo menos os Nabbers estão sob controle agora, certo?", pergunto, conduzindo-o para dentro enquanto a mãe sai da cozinha.

Os dois trocam um olhar confuso.

"Espere. Os ataques pararam", digo, olhando de um para o outro, "...certo? Nenhuma outra criança está sendo levada?"

O rosto de Igor se fecha. "Não, Meryn. Os ataques não pararam. Na verdade, aumentaram."

"O quê?"

Mamãe se aproxima, estendendo a mão para mim com uma careta preocupada. "Mer..."

"Mais três crianças foram levadas só na semana passada", diz Igor, com o rosto contraído. "O que te fez pensar que elas pararam?"

Um nó frio de medo e descrença se forma em meu estômago. O Nabber que interrogamos. O armazém. Deveria ter parado a operação deles.

Algo deu errado? Os guardas de Killian não conseguiram encontrá-lo?

Eu carrego uma nova marca de morte na minha garganta por aquele homem, e ainda assim os ataques continuam. Eu falhei.

Igor me dá um tapinha no ombro novamente, me tirando do meu frenético espiral interna.

"Escute, isso não é problema seu agora", diz ele com seu jeito rude. "Você precisa se concentrar em sobreviver ao seu treinamento — aí você pode voltar a salvar o mundo."

"Certo", murmuro, decidindo falar com Killian sobre os Nabbers mais tarde. Agora, eu só quero passar um tempo com a minha família. Dou um sorriso irônico. "Mas não é só o treinamento. Hoje à noite eu tenho que sobreviver a um baile de merda."

"Linguagem, Meryn!", exclama minha mãe enquanto Igor dá uma risada.

"Desculpe, mãe."

"Um baile, hein?", brinca Igor. "Prefiro lutar contra um maldito Sifão."

"Eu também", resmungo enquanto nos reunimos na sala de estar mais uma vez.

"Ah, parem, vocês dois", diz minha mãe, com os olhos brilhando de excitação melancólica. "Um baile no castelo parece maravilhoso."

"Não quando você é um plebeuzinho insignificante", murmuro. "Uma de apenas duas, de todos os Rawbonds deste ano, devo acrescentar. Todas as outras vêm de famílias Bonded. Um dos vestidos chiques que eles usam em eventos como este poderia nos comprar comida para um ano inteiro."

Igor ri baixinho. "Aposto que você adora se arrumar para aqueles fanfarrões."

Mamãe o cutuca. "Deixe-a em paz. Toda garota merece usar coisas chiques de vez em quando."

Eu solto um suspiro. "É, claro. Só que eu não tenho coisas chiques."

Mamãe se anima. "Ah, mas você tem! Vem comigo — vem, vem!"

Lancei um olhar perplexo para Igor enquanto segui minha mãe até o quarto dela. Ele apenas me lançou um sorriso torto.

Deixando tudo de lado, é muito bom vê-lo sorrir. Ver os dois sorrirem.

Mamãe já está levantando o tapete puído e se curvando sobre a tábua solta onde esconde todos os seus pertences mais preciosos. Enquanto desenterra seus tesouros com uma intensidade determinada, observo o quarto familiar.

Como todo o resto, parece muito menor e mais sujo depois de semanas no castelo. Mas está limpo, e a cama está feita. Outro sinal da melhora da saúde da

minha mãe.

"Aqui", diz ela, endireitando-se com um pingente familiar na mão. A luz do sol incide sobre a opala enquanto ela a estende para mim, pequenos fragmentos de luz iridescente brilhando do fundo da pedra.

Abro a boca para protestar, mas algo nos olhos da minha mãe me impede. Nunca vi seu olhar tão claro — tão insistente. Suas mãos tremem levemente enquanto ela me estende a opala.

"Use-a hoje à noite no baile", diz ela. "Precisa ser vista."

"Precisa ser vista?", repito, perplexa. "O que você..."

As palavras morrem na minha garganta enquanto os olhos da minha mãe se fecham. Meu coração se aperta — conheço bem aquele olhar vago. Mas, em um instante, ele desaparece. Seus olhos clareiam novamente.

"Aqui, deixe-me colocá-lo em você."

Meu olhar é atraído para o pingente quando ela o levanta. É leve contra a minha pele, apesar do tamanho da pedra e do intrincado trabalho em ouro no qual a opala está engastada. É claramente muito antigo, manchado pela idade e pelo desuso.

É lindo e muito melhor do que qualquer outra coisa que eu tenha, mas sei que parecerá antiquado perto de quaisquer joias brilhantes que os outros Rawbonds usarem esta noite.

Quando minha mãe a coloca em volta do meu pescoço e a opala se acomoda sobre meu esterno, percebo que a pedra está anormalmente quente.

Parece quase... viva.

As mãos da minha mãe se demoram no fecho, e percebo uma rápida série de expressões cruzando seu rosto.

Alívio, medo e algo que quase parece triunfo.

No mesmo instante, a atenção de Anassa se concentra no que estamos fazendo. Seu interesse repentino pulsa através do vínculo.

"O que te importa um colar?", pergunto.

Sem resposta. Apenas a sensação de Anassa ouvindo, observando.

Tanto faz. Não tenho tempo para questionar o lobo. A luz do dia que entra pela janela indica que já é tarde. Preciso voltar para o castelo em breve.

Deixo todos os outros pensamentos de lado enquanto mamãe, Igor e eu nos sentamos para uma refeição maravilhosa. É agridoce sem Saela por perto, mas digo a mim mesma que é apenas temporário. Em breve, estaremos todos juntos novamente, sãos e salvos.

Quando o crepúsculo começa a escurecer o céu lá fora, me despeço. Mamãe fica um pouco chorosa. Eu também, para ser sincera. Até os olhos de Igor têm um leve brilho úmido, embora ele sorria e me diga: "Não durma mole nesses

lençóis chiques de castelo, hein?"

"Coma merda", eu digo, rindo em meio às lágrimas.

"Meryn!", minha mãe repreende.

Igor me dá um tapinha nas costas e me empurra em direção a Anassa. "Sai daqui, criança."

"Eu amo vocês dois", digo com um último aceno. "Falo com você em breve."

Monto em Anassa rapidamente, virando-me para olhar para a casa da minha infância uma última vez enquanto caminhamos.

Mamãe está parada na porta aberta, com uma mão erguida em despedida. Uma mecha de cabelo dela se soltou da trança arrumada e está chicoteando seu rosto com o vento frio.

A nostalgia me atinge novamente como uma onda lenta, mas agora é diferente. Ela vem acompanhada de uma sensação de luto. De algo verdadeiramente perdido. Minha vida tomou um rumo inesperado — um com o qual eu nunca sonhei, nunca quis.

Não sou a pessoa que era da última vez que parti. Segui em frente, quer eu goste ou não.

E quando eu me formar, vou morar na Bonded City, no bairro de Strategos. Espera-se que eu more lá sempre que não estiver na frente de batalha. Ainda não sei se poderei levar minha mãe — e Saela — para morar comigo.

Talvez seja por isso que tenho a sensação avassaladora de que chegou a hora — a despedida final.

Este lugar nunca mais será meu verdadeiro lar.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Quando volto ao castelo, a área comum dos Strategos fervilha com a animação pré-baile. O ar está carregado de perfume e expectativa. Meus colegas Rawbonds correm de um lado para o outro entre os cômodos em vários estados de nudez, como sempre sem vergonha de mostrar um pouco de pele, ajudando uns aos outros com cabelo, maquiagem e roupas complicadas.

Ainda estou com medo do baile, mas me sinto aquecida pelo ar de caos alegre. É um grande contraste com a tristeza de ontem — e com a precisão militar habitual do nosso dia a dia.

"Meryn! Aí está você!"

Izabel e Venna irrompem do dormitório e me encurralam com sorrisos conspiratórios idênticos. A ansiedade em suas expressões me enche de metade afeição e metade medo.

"Ei", digo cautelosamente.

"Não nos cumprimentem como se fosse um dia qualquer!", exclama Izabel, agarrando meu braço. "Temos um baile real para preparar! Venham ver o vestido que trouxemos para vocês!"

Venna pega meu outro braço e elas me puxam à força para dentro do dormitório.

Constrangimento e gratidão me mantêm em silêncio enquanto me entregam o vestido. Ele tem um corpete de renda prateada e ombros caídos e uma saia de cetim preto com uma grande fenda na lateral. O decote do corpete é profundo e revelador.

Não posso dizer que estou surpresa com o estilo; afinal, o objetivo desta noite para as Bonded é parecer o mais sexy possível diante de todos os nobres presentes para admirá-las.

"Agora, sabemos que está um pouco datado", diz Izabel, desculpando-se, como se eu tivesse alguma ideia de como é a moda atual das Bonded, ou se me ofendesse com a relevância de um vestido. "Era a coisa mais modesta que tínhamos, no entanto. Só foi usado uma vez — na comemoração do décimo sexto aniversário do nosso primo, alguns anos atrás. Você tem pernas fantásticas, então achamos que a fenda combinaria com você."

Eu pisquei para ela. Ninguém nunca me disse que eu tenho pernas fantásticas antes.

É engraçado que qualquer uma delas ache este vestido modesto, no entanto.

"O que você acha?", pergunta Venna. "Gostou?" Ambas me olham esperançosas.

"É lindo", digo, pegando o vestido. "Obrigada. De verdade."

Izabel franze a testa. "Tem certeza? Você parece um pouco chateada."

"Não. Droga. Desculpe", murmuro. "Não é o vestido." Faço uma pausa, pensando na minha viagem à cidade — na minha mãe e no Igor e em deixar minha casa para trás. "Só estou com muita coisa na cabeça."

Izabel acena com a cabeça, entendendo. "Você está nervosa com o baile. Eu entendo perfeitamente. Mas não se preocupe, ok? Como eu disse antes da Apresentação, você não precisa se envolver com nenhum nobre se não quiser, não é obrigatório para nós."

Abro um sorriso e outro agradecimento. Não tenho certeza se consigo explicar o que estou sentindo — ou se eles entenderiam se eu conseguisse.

"Vá experimentar!" Venna diz. "Ajudaremos você com o cabelo e a maquiagem depois que terminarmos de nos arrumar."

Aceno com a cabeça e vou para o meu quarto, aliviada por ter um momento a sós. Preciso colocar a cabeça no lugar. O baile pode ser uma festa, mas não é só por diversão. Isso, como tudo aqui, é mais uma Prova. Sobrevivemos ao abate de nossas matilhas individuais, mas agora seremos lançadas em uma competição social.

Todos esta noite tentarão impressionar o Rei Cyril e as centenas de nobres visitantes dos sete feudos de Nocturna. Todos estarão observando, julgando. Preciso estar clara e alerta. Pronta para qualquer coisa.

Ainda estamos todos disputando posições dentro de nossas próprias matilhas. Depois da minha sobrevivência no Expurgo, o meu lado competitivo está voltando à vida. Não estou mais apenas tentando evitar a morte, gostaria de realmente ganhar o respeito dos outros Rawbonds.

Anassá rosna em concordância.

Espero que este vestido seja suficiente para me ajudar a ter a aparência que estou pronta para reivindicar.

Respiro fundo enquanto abro a porta do meu quarto — e então congelo na soleira.

Mas que...

Um vestido está esperando na minha cama — uma obra-prima de seda esmeralda e delicada renda preta. Não do tipo que descrevi para a mamãe e o Igor.

Este vestido poderia alimentar toda a nossa vizinhança por um ano.

Aproximo-me lentamente, com o presente de Izabel e Venna esquecido em meus braços.

As saias esmeralda em camadas caem como uma cachoeira, cada camada adornada com renda preta requintadamente bordada que brilha à luz. O corpete justo ostenta mais da mesma renda bordada, enfatizando o decote em forma de coração e cobrindo os ombros sem mangas com véus delicados e plumosos.

É deslumbrante, mais parecido com os vestidos extravagantes que os nobres usam para nos assistir lutar do que com os pedaços obscenos de tecido amarrados que os Vinculados gostam de fingir que são vestidos.

Ao lado desta confecção milagrosa, encontram-se luvas de cetim preto combinando e um par de saltos elegantes.

Passo um dedo pelo vestido e engasgo ao perceber que ele não é decorado com contas, mas com joias de verdade. Pequenos borrifos de esmeralda e obsidiana em delicados redemoinhos.

Só uma pessoa poderia ser responsável por isso.

Não há nenhum bilhete — nenhuma indicação de quem deixou o vestido aqui para mim. Mas é claro que eu sei. Só há uma pessoa neste mundo que me daria um presente desses.

Oh, Killian...

Meus pensamentos se voltam mais uma vez para as palavras dele quando estávamos juntos na outra noite. Mesmo que eu não estivesse pronta para chamá-lo de meu em público, este vestido diz tudo. Ele me reivindica de uma forma que palavras jamais poderiam. Ele dirá a todos os presentes esta noite que sou alguém importante, alguém a ser admirada.

Coloco o vestido de Izabel e Venna de lado, esperando que elas não se machuquem. Tenho certeza de que elas gostariam que eu usasse este.

De repente, tenho muita vontade de ir a este baile, mesmo que seja apenas para ser vista com este vestido, este gesto de amor.

Eu me desvencilho das minhas roupas e, em seguida, visto o vestido lenta e reverentemente, com cuidado para não deslocar nenhuma das joias delicadas. Ele se ajusta perfeitamente, como se tivesse sido feito apenas para o meu corpo. Cada detalhe foi pensado, cada elemento escolhido com carinho.

É isso que significa ser amado por um príncipe.

Os saltos também são perfeitos. Na altura certa e muito mais confortáveis do que saltos deveriam ser. Tiro o colar de opalas da minha mãe de debaixo do vestido. Mesmo que pareça gasto e envelhecido em comparação com as joias brilhantes do vestido, ele vai combinar perfeitamente com o look.

Pela primeira vez, me pergunto se posso dançar. Afinal, é um baile.

Igor me fez ter aulas com um vizinho como parte do meu treinamento de luta.

Lutar é muito parecido com dançar, disse ele. Você precisa se mover com fluidez, cada movimento preciso e controlado. Aprender a dançar ajudará você a antecipar os movimentos do seu oponente e responder a tempo.

Rio baixinho para mim mesma. Quem imaginaria que eu precisaria dançar de verdade?

Com o vestido vestido, vou até o pequeno espelho no meu quarto. Não é o suficiente para ver a imagem completa, mas estou impressionada com a mulher que me olha. Vi uma guerreira sedutora depois da transformação inicial de Izabel e Venna — e isso já foi revelação suficiente.

Mas agora...

O vestido me transforma de uma lutadora em algo... etéreo. Mal reconheço a mulher elegante que meu reflexo representa. Entre o vestido e a opala da minha mãe, pareço uma das Elos pela primeira vez. Como se eu realmente pertencesse a este mundo.

A sensação é estranha e não totalmente desagradável.

Quando entro na antessala dos Strategos, com o coração disparado, a conversa animada cessa. As gêmeas estão sentadas nos sofás perto da lareira, Nevah e Tomison ao lado delas. Fico feliz em ver Nevah curtindo com todos esta noite. Todas olham para cima enquanto a sala fica em silêncio e uma dúzia de outras cabeças se voltam para mim.

Um choque silencioso vibra no ar por um momento antes que o grito de alegria de Izabel quebre o silêncio.

"Meryn! Que Nocturna!"

Os gêmeos correm para me cercar. Tomison dá um assobio apreciativo. Nevah balança a cabeça, espantada, os lábios se curvando em um sorriso pesaroso. Do outro lado da sala, alguém grita: "Droga, Cooper! Que visual incrível!"

As gêmeas me bombardeiam com perguntas enquanto me puxam de volta para o sofá e começam a arrumar meu cabelo e maquiagem. Onde comprei o vestido? É um presente do meu amante secreto? Quem é ele? Ele deve ser um dos Elos — um dos mais ricos também.

Eu as distraí o máximo que pude. "Não sei ao certo de quem é. Acabou de aparecer no meu quarto."

Izabel me lança um olhar cúmplice. "Um dia desses você vai ter que nos contar!"

Felizmente, ela deixa por isso mesmo.

Quando meu cabelo e maquiagem terminam, ouço mais exclamações.

"O contraste entre seu cabelo e a esmeralda está simplesmente perfeito", diz Izabel. "Você parece mais uma deusa do que nunca."

"De outro mundo", interrompe Venna.

"Sim!", diz Izabel. "Você é um ser mítico, Meryn. Ninguém vai conseguir tirar os olhos de você."

"Não sei por que você está tão feliz com isso", Nevah diz lentamente. "Eu também não gosto de competição." Ela me olha, a boca se contorcendo em um sorriso irônico. "Nada pessoal, Meryn, mas vou manter distância."

"Hã... obrigada, eu acho?", digo, morrendo de vergonha.

Tomison ri baixinho. "É meio fofo como a lutadora de rua má fica toda nervosa quando as pessoas dizem que ela é bonita."

Lancei um olhar furioso para ele, e Izabel também. Ele apenas sorriu.

"Vocês também estão incríveis, aliás", digo.

As gêmeas estão usando vestidos sem costas combinando, mas em cores diferentes — Izabel de prata, Venna de preto. São incrivelmente curtos, com decotes profundos e saias justas e translúcidas. O vestido vermelho-sangue de Nevah tem uma ampla abertura em V na frente que expõe suas pernas longas e esbeltas até a coxa, e um decote tão profundo que expõe seu umbigo. O terno de Tomison tem um caimento perfeito para acentuar sua estrutura esguia, com o paletó bordado com detalhes prateados.

"Estamos incríveis, não é?", diz ele, com o olhar fixo nas costas nuas de Izabel enquanto ela se vira para fazer um último ajuste no meu cabelo.

"Eu deveria voltar para Kryptos para poder ir com minha matilha", diz Venna.

"É, acho que é hora de irmos", diz Nevah, acenando para a saída. Os outros Strategos já estão se reunindo perto da porta.

Quando todos estamos prontos, nos juntamos aos outros grupos no salão e atravessamos o castelo até a ala real em uma longa procissão. A maioria dos outros Rawbonds nunca esteve nesta parte do castelo antes. Eles ficam maravilhados com as tapeçarias elaboradas e estátuas douradas que ladeiam os amplos corredores.

Eu também não vi muito da ala real do lado de fora dos aposentos de Killian — e sempre à noite, no escuro —, mas ainda assim, não é exatamente novidade

para mim. Tenho que me esforçar para parecer surpresa com a ostentação de tudo.

Fica mais fácil à medida que nos aproximamos do famoso salão de baile central, onde o rei realiza todas as suas festas mais importantes.

Primeiro, ouço música orquestral, depois os corredores se transformam em uma entrada cavernosa, cercada por enormes escadarias de mármore com corrimãos dourados. As portas do salão de baile, na extremidade oposta, estão abertas, com imponentes estátuas douradas de lobos gigantes de sentinela de cada lado.

Há pessoas por toda parte, vestidas com elegância extravagante, algumas dançando, outras circulando com taças de champanhe, conversando e brindando. Mais pessoas ainda se sentam às muitas mesas dispostas ao redor do salão. Os nobres ao redor do salão são claramente identificados por seus trajes extravagantes, mais modestos e aparentemente mais caros do que os usados pelos Vinculados.

O contraste entre as roupas deles e as nossas sempre foi perceptível, mas estou muito mais ciente disso agora que eles estão aqui na nossa frente e não nas arquibancadas da arena. Olho ao redor para os outros Vinculados em suas roupas quase imperceptíveis e me pergunto se algum deles sente o mesmo desconforto com isso.

Os Vinculados são apenas bonecos lindos e violentos para as elites de verdade.

A música aumenta à medida que chegamos à porta.

Meu olhar é atraído para cima, para o brilho de mil cristais pendurados acima — um enorme lustre posicionado sobre o centro da extensa pista de dança. Além dele, os painéis do teto abobadado são pintados com afrescos elaborados que retratam batalhas antigas entre humanos e Sifões — lobos gigantes e seus cavaleiros congelados em elegantes poses de ataque.

Paramos na soleira da porta, alinhados para aguardar nossa deixa. Cada matilha de Rawbonds entra em formação, o arauto anunciando seus nomes individualmente, um por um.

Meu olhar percorre o salão de baile, observando as imponentes colunas de mármore e notando automaticamente as várias saídas. Há amplas portas de vidro em ambos os lados do salão que levam a varandas espaçosas. Janelas altas dão para os pátios reais iluminados pela lua abaixo.

Stark está na beira da pista de dança, vestindo um terno tão preto que se destaca entre todos os vestidos brilhantes. O terno é perfeitamente cortado, emprestando uma elegância marcante ao seu corpo de guerreiro, enfatizando os ombros largos e os quadris estreitos, abraçando suas pernas longas e musculosas

como uma segunda pele.

Nada de bordados dourados ou prateados para ele. Nada de joias chamativas também. Apenas aquele terno preto profundo absorvendo a luz do ambiente — como um desafio deliberado ao glamour e à pompa que o cercam.

Um terno lindamente cortado não consegue esconder a selvageria que emana dele como uma aura de agressão. Está nas tatuagens no pescoço que espreitam acima de sua gravata perfeitamente atada, nos símbolos escuros que cobrem as mãos grandes que seguram uma taça de champanhe.

A intensidade predatória característica com que ele assiste à festa também.

Tenho que admitir, ele está assustadoramente bonito.

Mas não estou aqui por Stark. Meus olhos se desviam dele, procurando na multidão até encontrarem Killian.

Ele está sentado no estrado com o pai, perto do fundo da sala, vestido de dourado e púrpura real — parecendo um príncipe herdeiro em pessoa. O corte do paletó realça sua estrutura musculosa, e seus cabelos dourados e polidos brilham à luz das milhares de velas e lanternas naquele espaço cavernoso. Se Stark é um buraco negro, Killian é um sol luminoso. Todo o grupo se inclina em direção ao seu calor. Nossos olhares se encontram e meu coração dispara.

Então o arauto grita: "Strategos Rawbonds!"

O ar está carregado de excitação e nervosismo enquanto nossos nomes são anunciados um por um.

"Rawbond Izabel Brooks... Rawbond Tomison Thorne... Rawbond Nevah Rivenson..."

Então, finalmente, "Rawbond Meryn Cooper!"

Entro no salão de baile, com o coração aos pulos. O peso dos olhares de incontáveis nobres me pressiona — a plebeia que sobreviveu às Provas. A forasteira no vestido esmeralda.

A presença de Anassa ondula ao longo do nosso vínculo, transmitindo sua diversão. Ela acha essa pompa humana boba, mas há algo mais por trás disso. Um fio de advertência.

Imediatamente, começo a questioná-la. Ela espera um ataque? Isso não vai se transformar em outro banho de sangue como a Apresentação, vai? Ou ela está me alertando sobre os nobres lascivos?

"Cuidado", é tudo o que ela diz.

Útil.

Perturbada, junto-me aos outros Rawbonds à nossa mesa, onde esperamos os demais entrarem. Audelie, a companheira escolhida pelo rei, recebe aplausos e sorrisos irônicos dos nobres quando entra com a matilha de Phylax.

Aquela onda de desgosto está de volta; eles exigem que estejamos em

exposição para eles e ousam nos ridicularizar por isso?

Audelie está com um vestido branco que vai até o pescoço, com mangas compridas e uma saia que chega aos tornozelos... mas é totalmente translúcido e ela não está usando nada por baixo. Percebo com horror silencioso que seus seios e mamilos fartos, e até mesmo a mecha de cabelo entre as pernas, estão expostos para todo o salão. Ela mantém a cabeça erguida enquanto se esgueira para o lado do rei e se acomoda artisticamente em seu colo.

Monstro.

Finalmente, alguns minutos depois, todos estão aqui. O rei empurra Audelie para longe de si e se levanta, sua voz ecoando pelo salão.

"Bem-vindos, todos, ao Baile da Forja", diz ele com pompa e grandiosidade. "Estou muito feliz em tê-los aqui para celebrar a conclusão bem-sucedida do Julgamento da Purga deste ano. Por favor, comam, dancem e aproveitem a noite."

Com isso, ele gesticula para a orquestra, e a música recomeça. Capto o olhar azul-escuro de Killian, ansiosa para ir até ele — mas ele já está cercado por um grupo de jovens nobres disputando sua atenção. Uma faísca desconfortável me percorre.

Ciúme, percebo. Nunca estivemos em uma posição em que eu tivesse que observá-lo perto de outras mulheres.

Acontece que eu odeio isso pra caramba.

Quase todos na nossa mesa se levantam para se juntar à festa. Izabel e Venna estão conversando ao meu lado, fofocando sobre os nobres presentes, suas mãos se movendo fluidamente enquanto o clamor do salão de baile começa a dificultar que Venna ouça. Percebo algo sobre um caso extraconjugal e um filho bastardo, mas estou apenas ouvindo e observando pela metade, tentando não ser muito óbvia enquanto acompanho os movimentos de Killian pela multidão.

Acabei o perdendo no mar de ternos e vestidos, embora me veja recebendo muitos olhares curiosos dos outros nobres.

Droga. Para onde ele foi?

Não consigo me conter — preciso tê-lo na mira. Levanto-me, peço licença aos gêmeos e começo a me mover decididamente em direção à multidão.

Infelizmente, não consigo ir muito longe antes que um homem baixo, de meia-idade, com um bigode espesso e um olhar lascivo, apareça no meu caminho. Há uma mulher magra, com cara de cavalo, ao seu lado — talvez sua esposa. Ela também me olha de soslaio, os lábios repuxados para trás, mostrando os dentes gengivais, no que pode ser a impressão de um sorriso.

"Olha esta, Dinah", diz o homem — falando de mim, percebo, e não para mim. "Que cor de cabelo incomum."

A esposa estende a mão e me cutuca na parte superior da coxa. "Quadris mais largos que os outros, no entanto", diz ela, como se estivesse avaliando gado. "Um pouco mais baixo também. De origem comum, talvez?"

A coisa toda me abala tanto que desequilibra meus instintos. Tento recuar, com o estômago embrulhado, e o homem me agarra pelo pulso, puxando-me em sua direção.

"Vamos lá, garota", diz ele, repreendendo-me. "Estamos todos aqui para nos divertir, certo? Dinah e eu estamos curiosos para saber o que há por baixo desse seu vestido excessivamente recatado. Um pouco mal-educado da sua parte se cobrir tanto, não?"

Não bata nos nobres, não bata nos nobres, repito para mim mesmo, embora eu realmente queira dar um soco na cara deste homem.

Mas, felizmente, não preciso. Sinto uma presença atrás de mim pouco antes de uma mão quente e masculina tocar minhas costas.

Killian.

O rosto do nobre empalidece um pouco quando ele olha para cima, com medo, atrás de mim. Ele se curva e puxa a esposa, confusa, também se curvando, antes de arrastá-la de volta para a multidão.

Virando-me com um sorriso, olho para os olhos escuros e furiosos.

O sorriso desaparece em meus lábios.

É Stark. Seu olhar poderia levantar as sombras dos cantos da sala e apagar toda a luz.

Eu me afasto dele, mesmo com a mão dele ainda nas minhas costas. Ele está furioso, e eu já vi o que esse homem consegue fazer quando está irritado. Gostaria de me distanciar o máximo possível do seu mau humor.

"O que você estava fazendo?", ele rosna, alto o suficiente para que algumas pessoas ao nosso redor o encarem com preocupação.

"Considerando homicídio", murmuro. Ele não responde, então eu digo: "Na verdade, não é da sua conta. Obrigada por me salvar, mas é uma festa e você está fazendo um escândalo, então..."

"Você tem razão. Precisamos continuar conversando e estamos chamando atenção." A mão de Stark se fecha em volta do meu pulso como um torno de ferro. "Dance comigo."

Meus pensamentos param de repente. Olho para a mão dele e depois para os olhos.

Com certeza, não ouvi direito.

Encontro minha voz. "Não, obrigada..."

Ele me puxa para a pista de dança lotada. "Não foi um pedido, princesa."

Não tenho escolha a não ser entrar na fila — o brilho de comando em seus

olhos diz que ele não vai me deixar ir.

Meu coração está na garganta enquanto ele me puxa para seus braços. Seu peito largo preenche minha visão e sua colônia almiscarada e âmbar faz cócegas em meu nariz.

Começamos a dançar com uma facilidade desconcertante, movendo-nos juntos como se fôssemos parceiros de dança há anos. Ele lidera como ensina — com imensa força e precisão. Mesmo enferrujada como estou, não tenho dificuldade em acompanhá-la. A pressão da mão de Stark na minha cintura me guia com precisão, embora pareça mais uma luta do que uma dança.

Quando aquela mão se espalha possessivamente pelas minhas costas e me puxa para mais perto, olho para ele em choque.

Que porra está acontecendo agora?

Seu olhar se estreita e desce para o meu pescoço.

"Colar interessante", diz ele, com a voz grave, estranhamente íntima e antagônica ao mesmo tempo. "Algo tão opulento em uma plebeia pode atrair o tipo errado de atenção. Onde você conseguiu?"

Eu me irrito instantaneamente. "Eu não sou uma ladra, se é isso que você está insinuando."

Os lábios de Stark se abrem em um sorriso cruel enquanto ele se inclina para encostar a boca na minha orelha, o hálito quente soprando contra minha pele. "Bem, então talvez você queira ler sobre a história desse tipo de opala antes de começar a exibi-la por aí."

Que porra isso significa?

Antes que eu possa exigir uma explicação, uma voz baixa e familiar me interrompe.

"Com licença. Gostaria de interromper."

Eu me viro, surpresa, quando nossa dança para abruptamente.

Killian está a um braço de distância, seu rosto uma máscara educada. Mas eu o conheço muito bem. Quando ele está com raiva, a raiva transparece em uma calma assustadora como esta — assim como aconteceu quando estávamos com o Nabber na masmorra. Posso ver isso no cerrar de seus punhos, na tensão de seu sorriso, na maneira como seus olhos estão atualmente cravando-se em Stark.

Ele está furioso por Stark estar me tocando assim.

"A dama está comprometida", Stark diz bruscamente, sua mão apertando minha cintura.

Eu sou o quê?!

É isso.

Eu tenho tentado a noite toda agir como um desses esquisitos gentis. Jogar pelas regras que os nobres e o rei estabeleceram para nós, dobrar meus modos à

minha própria vontade como um dos Vinculados.

Mas eu não sou uma mulher educada. Eu sou dura, impulsiva e autodestruidora. Não me importo se este mundo me odeia por isso; Eu não me aceitaria de outra forma.

"Sou sim", digo a Stark, colocando as mãos em seu peito firme e o empurrando com força. Ele cai sobre os calcanhares, mas não tropeça; o homem é totalmente incapaz de ser pego de surpresa. "Sou reivindicada pelo Príncipe Herdeiro Killian."

A sala fica em silêncio ao redor de nós três, e as pessoas se viram para nos encarar abertamente. Eu me viro em direção a Killian até que ele esteja às minhas costas. Ele envolve meus quadris com um braço quente e eu respiro o aroma de pinho, deixando-o me acalmar.

Então, em voz alta para que todos possam ouvir, digo: "Sou dele, e somente dele."

OceanofPDF.com

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

As pessoas ofegam e sussurram diante da minha declaração.

A atenção de Anassa percorre nosso vínculo, e eu derrubo a parede de ferro entre nós, incapaz de lidar ou processar o que estou sentindo neste momento, muito menos como ela poderia reagir.

Estou acostumado a encarar uma surra sangrenta, ou um estômago vazio, ou os delírios da minha mãe. Estou até me acostumando com a ameaça de morte e desmembramento, de fazer parte deste lugar louco, de participar dessas Provas insanas.

Mas o peso dos olhares de todo o salão sobre mim é outra história completamente diferente.

Se não fosse pelos braços de Killian em volta dos meus quadris, eu já teria disparado. Em vez disso, me inclino para trás em seu peso sólido por um momento, deixando sua presença reconfortante me aterrar.

"Vamos?", ele ronrona em meu ouvido, e o arrepio prazeroso que percorre minha espinha faz maravilhas para dissipar a ansiedade em relação à nossa plateia.

Eu giro em seu abraço, colocando minhas mãos para dançar uma valsa. Só então percebo que até a música se acalmou após a minha declaração. Killian deve ter percebido o mesmo, porque faz um sinal brusco para os músicos em seus degraus, e eles, desajeitadamente, voltam à música que estavam tocando antes.

Casais nobres curiosos se dirigem à pista de dança ao nosso redor, usando a valsa como desculpa para se aproximarem e examinarem este Rawbond que ousa tocar seu príncipe. Fixo meus olhos nas linhas elegantes do pescoço de Killian, em seus ombros poderosos. Finjo que nada além dele existe neste momento.

"Seu treinamento deve estar indo bem", Killian sussurra para mim e meus

olhos se erguem para os dele. Ele está sorrindo. "Não tenho certeza se já dancei com um parceiro que me agarrou com tanta força antes."

Eu rio e relaxo um pouco. O turbilhão dos nossos passos, a música flutuante e a tensão me abandonando me dão uma sensação curiosa, como se estivéssemos em um sonho ou uma visão.

É quando finalmente a ficha cai. Chega de se esconder. Chega de se esgueirar. Eu sou dele, e ele é meu — e agora todo mundo sabe disso.

Não tem como voltar atrás.

As coisas só vão ficar mais complicadas por um tempo. Mas com os braços fortes de Killian em volta de mim, me reivindicando, de repente fica difícil me importar.

"Você é tão linda", ele murmura, me segurando perto o suficiente para que eu possa beijá-la. Seu polegar traça pequenos padrões na minha cintura, ecoando silenciosamente o desejo em seus olhos. "Você parece uma rainha com este vestido."

"Obrigada", murmuro. "Por dizer isso, e pelo vestido. É absolutamente perfeito."

Seu olhar no meu é firme. "Fica perfeito em você. E, no entanto, tudo o que consigo pensar é em tirá-lo", diz ele.

"Enquanto todo mundo está assistindo?", sussurro, escandalizada de brincadeira.

Ele sorri. "Definitivamente não. Todas as maravilhas deliciosas sob esse vestido são para mim e somente para mim."

Killian não me solta quando a música termina. Dançamos a próxima juntos, e a próxima, e a próxima. Em algum momento, tento encontrar meus companheiros de matilha na multidão — procurando o rosto de Izabel, em particular —, mas quando a vejo, ela e Tomison estão conversando em uma das mesas de comida, com os olhos desviados da pista de dança.

Eu provavelmente deveria falar com ela, encontrar Venna também e me explicar, mas só ficar de pé já parece opressor no momento.

E, apesar de tudo isso, há Stark, uma presença sombria à espreita nas bordas da sala, nos observando com foco inabalável.

Não sei qual é o problema dele — e, neste momento, não dou a mínima. Nem mesmo a queimação do seu olhar predatório consegue perfurar a bolha de felicidade que envolve Killian e eu.

Por fim, ele diz: "Acho que está na hora de você conhecer meu pai, não acha?"

O brilho do delírio romântico se apaga abruptamente, cortado por uma onda de ansiedade crua.

"Não se preocupe", sussurra Killian com um sorriso tranquilizador. "Estarei com você em breve. Apenas sorria e tente ser respeitoso."

Aceno com a cabeça e permito que ele me leve até o estrado onde o Rei realiza a corte com uma dúzia de nobres relaxando.

Sorria e seja respeitoso. Claro. Sem problemas. Eu consigo fazer isso. Mesmo que o rei seja a causa de grande parte da minha infelicidade e da minha família. Eu consigo fingir, por Killian.

Certo?

O Rei Cyril olha para cima quando nos aproximamos, mas não se levanta de sua cadeira ornamentada, semelhante a um trono. A espada com alça de lobo repousa sobre seu colo, como sempre, exposta para todos verem. Ele usa uma coroa diferente da habitual, algo ornamentado e ainda mais chamativo, com dezenas de pedras multicoloridas incrustadas nas espirais de ouro.

Audelie senta-se em seu colo novamente, quieta e exposta em seu vestido transparente. Ela não me olha nos olhos, embora esteja com a cabeça erguida. Eu me pergunto, brevemente, o que ela pensa disso.

Enquanto Killian me apresenta com formalidade principesca, encontro o olhar pálido e sinistro do Rei. É a primeira vez que o olho de perto. Consigo ver de onde Killian herdou suas feições, embora o rosto do Rei Cyril esteja mais duro e marcado pela idade.

Enquanto me curvo diante dele, o olhar avaliador do Rei se torna quase invasivo. Como se ele estivesse me desmontando mentalmente até as minhas partes componentes, pesando o valor final de cada uma.

Como se eu não fosse uma pessoa, mas sim um produto que ele está pensando em comprar.

"Ah, sim", ele diz arrastando as palavras quando a apresentação de Killian termina. "O plebeu Rawbond. Meu filho me falou muito sobre você, mas nada tão impressionante quanto sua eficiência implacável durante o Julgamento da Purificação." Seu olhar se aguça com a lembrança — e um brilho horrível de prazer.

"Raramente vi uma Rawbond despachar um de seus camaradas com tanta firmeza", ele ronrona. "Você era a graça e a brutalidade em pessoa, minha querida. Quase se pode imaginar que você gostou de ordenar a morte daquela mulher. É sempre bom ver um pouco de ação entre garotas."

O tom de sensualidade em seu tom me faz revirar o estômago de nojo. Ele fala da morte de Perielle como se tivesse sido encenada especificamente para o seu prazer.

A bile sobe pela minha garganta enquanto me forço a dar a resposta que se espera de mim.

"Obrigada, Majestade. Estou... honrada que minha atuação tenha lhe agradado." As palavras têm gosto de cinzas na minha boca.

Ele acena com a cabeça em reconhecimento majestoso, aparentemente satisfeito com a minha gratidão. Então, algo sutilmente muda em seu comportamento. Os olhos do rei se movem entre mim e Killian, aquele olhar avaliador ganhando novo peso.

"Killian, sua escolha é reconhecida com a devida aprovação." Ele me lança um sorriso de satisfação real. "Seja honrada, Meryn Cooper."

Pisco confusa enquanto Killian se curva ao meu lado, coloca a mão na minha cintura e me guia para baixo do estrado.

Quando Killian se vira para mim e sorri com um brilho de triunfo nos olhos, percebo o que acabou de acontecer.

O rei aprovou formalmente o nosso relacionamento.

Sei que deveria estar feliz, mas as palavras ainda me incomodam. Aprovação devida? Por que ele disse isso daquele jeito?

"Isso foi um pouco estranho", murmuro.

"Foi", concorda Killian. Ele me leva para a lateral do salão de baile, onde me traz uma taça de vinho espumante. Viro tudo de uma vez, ansiosa para esquecer o peso repugnante do olhar do rei.

"Calma aí, gatinha", provoca Killian, então seu olhar se aguça, a intensidade me fazendo corar. "Não fique muito bêbada. Tenho planos para você."

Coro, olhando ao redor para ver se alguém o ouviu. Os nobres e os Rawbonds por perto fingem continuar suas próprias conversas, mas percebo que estão apenas disfarçando seus olhares de soslaio.

"Conte-me sobre esses planos", murmuro, aproximando-me.

A boca de Killian se contorce, uma mão aperta meu quadril de um jeito que faz minhas coxas se contraírem. "Prefiro te mostrar."

Uma onda de excitação pulsa por mim. "Sim, por favor."

"Excelente." Ele me puxa para perto e sussurra: "Há uma entrada de serviço perto da varanda oeste. Sairemos quando ninguém estiver olhando."

Seguimos em direção à entrada, Killian afugentando nobres curiosos com nada mais do que um olhar.

Alguns minutos depois, estamos em segurança em seus aposentos.

Kilian me guia até seu quarto e então acende a lareira ele mesmo, em vez de chamar seus servos. É um gesto íntimo que me lembra dos nossos dias na cidade — quando ele era apenas Lee, um mensageiro do palácio roubando momentos românticos com uma lutadora de rua ensanguentada.

Droga, tanta coisa mudou. Ele é um príncipe, eu estou ligada a um lobo gigante, e o próprio rei acabou de autorizar nosso relacionamento diante de toda

a corte.

Mais uma vez, digo a mim mesma que deveria estar feliz com a aprovação pública do Rei Cyril, mas uma inquietação persistente afasta esse sentimento.

Enquanto a luz quente da lareira lança um rico brilho dourado sobre o cômodo, as palavras borbulham dentro de mim.

"Killian... seu pai..."

Killian se endireita da lareira e se vira para me olhar. "Sim?"

"O jeito como ele falou sobre a morte de Perielle", começo hesitante. "Ele falou como se gostasse. Eu matei Perielle por necessidade. Pelo bem da matilha. Mas o Rei Cyril fez com que parecesse... sujo."

O rosto de Killian se fecha. "Eu sei. Sinto muito, Meri. Ele..." Ele suspira, afrouxando a gravata e jogando-a em uma poltrona próxima. "A natureza sanguinária do meu pai é exatamente o motivo pelo qual as coisas precisam mudar."

Com a testa franzida, ele vai até a janela e olha para o mundo lá fora — o reino que um dia governará.

O luar ilumina seu belo perfil enquanto ele murmura: "Eu quero mudar isso. O sistema atual — todo o derramamento de sangue, a crueldade. Quero acreditar que há uma maneira de consertar isso. Com o governante certo no comando. Alguém que não veja a morte como uma forma de entretenimento."

Ele se vira para me olhar e algo em seu rosto faz meu coração disparar.

"Você poderia ser esse governante", murmuro, minha mente vagando brevemente novamente para os meus pensamentos traiçoeiros de quando estive na cidade mais cedo. Que Killian seria um rei muito melhor que o pai dele.

Ele sorri um pouco e então atravessa a sala até mim, sustentando meu olhar com uma gravidade que aperta minha garganta.

Killian segura meu queixo firmemente entre os dedos, inclinando meu rosto para cima até que nossos lábios quase se tocam. Sua respiração é quente contra a minha, e meus lábios se abrem, famintos por seu toque. Mas, em vez de me beijar, ele me gira, apoiando o queixo sobre meu ombro, depositando beijos intensos em meu pescoço.

"Eu poderia ser esse governante", ele rosna. "E você poderia estar ao meu lado."

Minha respiração falha — não conversamos sobre isso, não de verdade, desde que descobri quem ele realmente é. Todas as nossas conversas sobre o nosso futuro, desde o tempo que passamos juntos como Meryn e Lee, estão tão distantes, agora que tudo mudou. Agora que mudamos.

Quero ter essa conversa, mas minha mente fica em branco quando ele pega o lóbulo da minha orelha e o rola entre os dentes. Faíscas agudas de calor se

acumulam em meu âmago, e eu me aconchego contra ele, ansiosa.

Ele já está duro como pedra para mim. O tecido em camadas do meu vestido não disfarça muito sua ereção, pressionado firmemente contra minha bunda.

Em três passos curtos, Killian nos conduz até estarmos contra a parede, ainda roçando minha pele com os dentes enquanto nos movemos. Eu me inclino contra a tapeçaria que cobre a parede, respirando rápido. As fibras da trama provocam minha pele já corada, arrepios percorrendo meus braços.

Kilian puxa meu vestido para cima e por cima da minha cabeça, jogando-o no chão atrás de nós. Então, ele prende meus braços no lugar e se pressiona contra mim, seu pau pressionando o tecido da calça social. Com a outra mão, ele desfaz rapidamente as ataduras dos meus seios, que logo caem no chão, seguidas rapidamente pela minha calcinha. Eu tremo, a excitação pulsando por mim.

O ar frio repentino contra minha pele nua, contra minhas dobras, me faz ofegar. Ofegante, viro o pescoço para olhar para ele e ele sorri. "Garota safada", ele resmunga, sua voz fazendo minhas coxas se contraírem, um calor úmido já se espalhando do meu âmago.

Ele se aproxima ainda mais, de modo que meus mamilos roçam a tapeçaria à minha frente, a textura áspera contra minha pele sensível me fazendo gritar. Sem aviso, sua mão está de repente ali entre minhas pernas, os dedos se movendo em carícias confiantes para cima e sobre meu clitóris, descendo até minha entrada, mergulhando para dentro e depois empurrando com mais força, me alargando.

"Você é minha", ele diz, a boca quente contra minha orelha. Sua mão pressiona meus pulsos com ainda mais firmeza contra a parede, com força suficiente para doer, mas a sensação só me deixa mais excitada.

"Diga", ele instrui, seus dedos brincando levemente com meu clitóris, depois se afastando para lutar com os botões de sua calça. "Diga que você me pertence."

Eu ofego, desesperada para que seu toque retorne. "Killian."

"A quem você pertence?" Sua voz é áspera, e ele abre minhas pernas com o joelho. Ele se pressiona contra mim, para dentro de mim, a cabeça grossa do seu pau me alargando ainda mais, mas então para, me provocando.

"Sou sua", ofego, balançando os quadris, tentando empurrá-lo ainda mais para dentro de mim. "Sou toda sua!"

"E agora todo mundo sabe disso." Seus dentes cravam no meu pescoço e, em uma estocada suave, ele se enterra dentro de mim.

Grito, assustada com a plenitude, vendo estrelas por um instante.

"Você é minha boa menina. Minha", ele ronrona, lambendo o mesmo ponto do meu pescoço que seus dentes acabaram de provocar, sua voz, palavras, dentes e língua enviando calor líquido através de mim até que mal consigo ficar de pé.

Meus joelhos fraquejam e eu me inclino contra ele. Seu pau afunda

impossivelmente mais fundo com a mudança de posição e eu grito: "Por favor".

"Por favor, o quê, gatinha?" Killian move os quadris sutilmente e eu me estico ainda mais em volta dele, meu núcleo se contraindo com a sensação. Sua mão livre sobe para se enroscar no meu cabelo, e ele agarra as pontas desgrenhadas, torcendo os dedos e puxando minha cabeça para trás com força até que seus lábios estejam contra minha bochecha. "Implore."

"Por favor, me foda", gemo, e ele finalmente o faz, saindo de mim quase completamente antes de se enterrar de volta com força.

Meu corpo pressiona contra a parede, minha bochecha pressionada contra a trama áspera, meus seios e barriga rentes à parede. A mão de Killian solta meus pulsos e ele agarra meus quadris com força, me levantando a cada estocada, apenas para me jogar em cima dele enquanto me penetra, mais fundo do que eu jamais senti.

Estou gemendo, quase soluçando, incoerente. Então, de repente, ele se foi, e eu me viro para vê-lo se movendo de volta para a cama.

"Venha aqui", ele ordena, e eu me movo antes de perceber o que estou fazendo, desesperada para que suas mãos voltem para mim, seu pau volte para dentro de mim. Eu me movo para subir na cama, mas ele agarra meus quadris e me arrasta para trás, me curvando sobre o colchão, meus pés no chão, meu rosto pressionado contra os cobertores e peles macios.

Antes que eu consiga me orientar, ele está dentro de mim novamente, penetrando-me mais rápido e com mais força a cada estocada. Tento me virar para olhar para ele e ele me pressiona firmemente contra a cama com uma das mãos, e eu gemo contra o cobertor.

"Porra!", grito.

Ele também está respirando com dificuldade, acelerando o ritmo até que consigo ouvir aquele engasgo na respiração que significa que ele vai gozar. Me esfrego contra a beirada do colchão, meu clitóris inchado pulsando de prazer enquanto ele me penetra sem parar.

Estou tão perto, quase no limite...

"Porra, Meryn!", grita Killian, e então ele derrama sua semente quente dentro de mim, me preenchendo ainda mais. Desesperada, tento estender a mão para me tocar, precisando da minha própria libertação, mas ele agarra minha mão e a coloca de volta acima da minha cabeça.

"Não se mexa", ele ordena, e então se afasta, o ar frio percorrendo minhas costas e pernas onde ele estava me pressionando há pouco.

Então eu sinto — sua mão envolve minhas dobras, capturando seu sêmen enquanto ele escorre de mim. Seus dedos, suaves, mas insistentes, circulam meu clitóris, mergulham dentro de mim, provocando, me aproximando cada vez mais

antes de se afastar.

"Por favor, Killian, por favor", soluço nos cobertores enquanto ele me fode com os dedos, meu núcleo se contraindo repetidamente, tão perto do limite.

Quando ele finalmente me permite o orgasmo, ele me atravessa como uma onda de choque.

Killian me vira de frente para ele, uma das mãos subindo para brincar com meu mamilo preguiçosamente, e então o belisca com força.

A sensação quase me leva ao limite pela segunda vez, e lágrimas vêm aos meus olhos, minha respiração fica ofegante. Killian vê as lágrimas bem. As observa transbordarem.

Ele não diz nada — apenas me envolve em seus braços e me puxa para a cama ao seu lado, me aconchega contra seu peito, me segurando enquanto choro em alívio silencioso.

Adormeço ao som das batidas do seu coração.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Permanece na memória; o pequeno beijo que Killian deu na minha nuca ao terminar de dar o pequeno nó na parte superior do corpete do meu vestido. O jeito como suas mãos acariciaram meus ombros depois. O jeito como ele me beijou novamente quando entrei no corredor entre nossos quartos, como se precisasse de mais uma prova antes de me deixar ir.

Minha pele estremece com seu toque, memórias e emoções cálidas percorrem minha mente e me arrastam de volta para a cama com ele.

Quando chego ao meu quarto, meu coração ainda está batendo forte. Quase tropeço no vestido ao entrar. Minha mente está dispersa enquanto me desvencilho desajeitadamente do vestido de baile e visto o uniforme. Então, tiro o colar de opalas da minha mãe e o guardo em um lugar seguro no meu armário, me perguntando quando terei a oportunidade de usar algo tão precioso novamente.

Paro no meio de prender meu cabelo, a mente voltando aos dedos de Killian nele, puxando com força suficiente para que todo o meu corpo tremesse com a consciência de que eu era dele.

Mordendo de leve a parte interna da bochecha, termino de me preparar para o dia, mesmo querendo permanecer naquele lugar. Quero me enganar e acreditar que seus braços ainda estão em volta de mim.

Enquanto me movo para sair para a antessala do Strategos, finalmente abaixo a parede entre mim e Anassa.

No instante em que o faço, uma emoção horrível inunda meu coração e percorre minhas veias. Meus ossos estão pesados. Meu sangue está em chamas. Há um vazio no meu peito, como se alguém tivesse arrancado todos os meus órgãos e deixado a cavidade exposta em um vento uivante de inverno.

A pior parte é que já senti algo assim antes. Quando eu era mais jovem.

Quando papai...

É tristeza. De toda a matilha, tudo me impactando ao mesmo tempo.

E além disso, raiva. A raiva de Anassa me impacta como um incêndio devorador, incinerando tudo o que resta depois da tristeza. Eu engasgo e bato contra a parede, usando isso para manter o equilíbrio enquanto minha visão falha.

A voz de Anassa é um som selvagem e cortante. "Enquanto sua matilha sofria, você nos bloqueou para o prazer humano."

Essas duas últimas palavras causam um nó nauseante na minha garganta, como se o simples pensamento a fizesse querer vomitar. Eu resmungo e agarro minha cabeça. Quero me defender, mas é difícil até lembrar do meu próprio nome em meio a essa tempestade de emoções.

Piscando rapidamente, endireito-me bem a tempo de ver Egith parada no centro da sala, com a expressão devastada. Ao redor dela, meus companheiros de matilha estão em vários estados de angústia. Alguns parecem desanimados. Alguns parecem furiosos. Alguns choram baixinho.

O quarto quentinho, seguro e feliz em que eu estava ontem à noite está muito, muito distante de repente.

"Onde você estava?", pergunta Egith friamente. Estremeço com a aspereza em sua voz. Todos se viram para olhar para mim. Todos.

"Eu..." Consigo forçar a passagem do nó na garganta. Mas qualquer defesa patética que eu estivesse prestes a usar, ela morre e apodrece na minha garganta quando vejo o rosto de Izabel.

Ela está chorando. Sua dor me encontra através do vínculo da matilha. É uma pergunta repetida. E agora? E agora?

As palavras são como golpes de quebrar ossos. A fúria contínua de Anassa queima o jardim que Killian plantou em meu coração. As lágrimas de Izabel salpicam a terra.

Egith se endireita, seus olhos escuros cansados. "Ontem à noite, durante um ataque Sifão em Grunfall, o Alfa Markos, o Estratego, foi morto."

Minha mente gira enquanto a onda de tristeza me invade novamente, espalhando-se pelo vínculo. O Alfa Markos Blackwood — o líder de toda a nossa matilha. O superior direto de Egith, de quem ela provavelmente é muito próxima.

Quando o líder responsável pela nossa estratégia é morto... o que acontece com a guerra?

"O quê?", pergunto, com a palavra saindo engasgada. "Como?"

Com isso, os lábios de Egith se contraem e ela cruza os braços sobre o peito. "Eu já dei um relatório completo à matilha. Você perdeu. Acho que estava muito

ocupado... entretendo a realeza."

A insinuação faz meu rosto queimar. Consigo ver claramente o que ela está pensando; o que todos aqui estão pensando. Que meu relacionamento com Killian não é diferente do de Audelie com o rei. Que estou abrindo as pernas para melhorar minha posição na hierarquia social aqui.

Meus olhos se voltam para Izabel. Ela desvia o olhar. Porra, ela também pensa isso?

Anassá morde minha consciência, roendo as feridas abertas.

Ao meu redor, os sorrisos dos meus companheiros de matilha que estavam curtindo o baile poucas horas antes se foram, substituídos por caretas e olhos semicerrados. Eles estão me olhando de forma diferente.

Eles me veem como uma alpinista insensível que deixaria sua matilha de fora por uma chance de impressionar a coroa. Status é importante aqui, mas a matilha vem em primeiro lugar, sempre. E quem não consegue entender isso não sobreviverá ao treinamento; aprendi bem essa lição.

A tristeza percorre o vínculo da matilha novamente, uma mágoa que agora invade como uma doença mortal, infiltrando cada parte de mim.

Minhas mãos começam a tremer e tenho que cerrá-las para disfarçar.

Egith se aproxima de mim, tão perto que consigo distinguir suas pupilas e sentir o calor do seu corpo. Sua voz carrega um aviso, em tom baixo para que só eu possa ouvi-la.

"A própria Alfa Soberana está vindo da frente para discutir a situação com o rei enquanto os lobos gigantes selecionam nosso próximo líder. Enquanto estiver aqui, ela vai esperar ver os Strategos Rawbonds unidos, coesos. Prontos para entrar em batalha quando concluírem o treinamento. Se ela perceber que alguém não se encaixa na matilha neste momento..."

Ela não termina o pensamento. Não precisa.

A ameaça é surpreendentemente clara.

Se eu não conseguir consertar minha reputação com a matilha, a Alfa Soberana pode me eliminar ela mesma.



Os próximos dias se passam em uma névoa de confusão e tensão crescente. A Alfa Soberana está chegando, e minha matilha está de luto.

Para mim, o Alfa Markos era um estranho. Através do vínculo da matilha e de Anassa, eu podia sentir uma conexão com ele, mas ele não era uma figura importante para mim pessoalmente. Para os outros Rawbonds, no entanto, as

coisas são diferentes. Eles cresceram sabendo quem ele era. Muitos dos pais deles também são estrategos que lutaram ao lado dele.

Ele era tio de Kristof. Era amigo próximo de Egith.

E os lobos estão em desordem com a perda de seu lobo alfa, a montaria de Markos. A profundidade de sua tristeza nos invade o tempo todo. Eu queria, desesperadamente, poder bloquear um pouco disso. Mas eu não ousaria irritar Anassa daquele jeito de novo.

Ela mal fala comigo. Não consigo encontrar forças para tentar diminuir os golpes que ela continua me dando.

Aquela noite com Killian foi perfeita. Eu não voltaria atrás, e um nó de ansiedade que eu carregava desapareceu, agora que todos sabem sobre nós. Mas a matilha ainda mantém distância, e Izabel tem seguido a estratégia de Anassa — ela me ignorou.

Egith mantém a ordem com eficiência, mas todos podem sentir que ela está esperando a chegada do Alfa Soberano. Hoje, estamos em treinamento de combate em grupo com Phylax, supervisionados por Egith e Stark. Estamos praticando esgrima a pé, dando um descanso aos lobos gigantes.

Tem sido implacável. Todos estão tentando me atingir. E quando não estão mirando em mim, estão testando Henrey, o único outro plebeu.

Durante uma pausa muito necessária, bebo avidamente água gelada do meu cantil ao lado. Há alguns outros Estrategos Rawbonds fofocando perto de mim, mas a uma distância segura.

"Acho que vai ser o Egith", diz Pietr baixinho enquanto tampa o cantil.

Allegra inclina a cabeça, encarando o Beta do outro lado do campo de treinamento. "Você provavelmente está certo. É sempre o segundo em comando? Não me lembro."

Pietr dá de ombros. "Normalmente. A menos que haja circunstâncias especiais. Tipo, você sabe..."

"Nepotismo", murmuro, olhando para Stark. Não me esqueci de que a mãe dele é a temível Soberana Alfa que veio nos aterrorizar e nos obrigar a nos comportarmos bem. Pietr e Allegra me lançam olhares irritados e vão embora.

"O que foi aquilo?", pergunta Henrey, vindo descansar um pouco ao meu lado na parede, com suor escorrendo pela testa.

"Minha matilha inteira me odeia, você não sabe?", pergunto, tentando rir. Mas dói.

Henrey fica vermelho. "Bem... sim. Ouvi algumas coisas, eu acho. Mas ignore, Meryn. Você é forte. Isso vai conquistá-los, no final."

Dou um tapinha nas costas dele. "Obrigada por conversar com um pária faminto por amizade."

Ele ergue seu cantil de água para mim, com um sorriso torto no rosto. "Nós, párias, temos que nos unir."

Recarregada de energia, fecho meu cantil, jogando-o na terra em troca da minha espada. Giro-a na minha mão direita e levanto a cabeça.

Não preciso perguntar se Izabel está pronta. Ela já está avançando em minha direção, brandindo sua própria lâmina. Seus olhos castanho-escuros estão semicerrados, e o cabelo preto esvoaça da trança ao vento frio do inverno.

O treino com espada a pé é infinitamente mais fácil do que o treino montado. Normalmente, eu provavelmente estaria curtindo os movimentos metódicos e a sensação satisfatória de forçar meus músculos a se esforçarem.

Mas não quando minha melhor amiga neste castelo inteiro está tentando me estripar no pátio de treinamento.

Izabel bate sua espada na minha com força suficiente para que ela reverbere pelo meu braço. Ela leva vantagem, e ela saca e apara de novo. E de novo.

Eu não consigo me equilibrar rápido o suficiente e ela é implacável.

Ela sempre foi uma espadachim melhor do que eu; ela teve uma vida inteira de treinamento. Normalmente, porém, ela pega leve comigo. Ela para e me mostra o que estou fazendo errado, ou me deixa dar alguns golpes nela.

Hoje não.

Ela me bate no braço direito com tanta força que eu deixo minha espada de treino cair, e antes que eu possa pegá-la, ela enfia a ponta da espada de treino embaixo do meu queixo.

"Morta", ela diz, com um brilho amargo nos olhos.

Pego a espada de madeira cega pelo cabo e a arranco de suas mãos, jogando-a no chão ao lado das minhas.

"O que deu em você?", sibilo para ela.

As bochechas de Izabel coram e ela joga as mãos para o alto. "Sério? Você não sabe?!"

"Você está chateada porque eu não estava por perto quando Egith deu a notícia da morte do Alfa Markos, assim como todo mundo. Acha que priorizei meu relacionamento em detrimento da nossa matilha?"

Izabel solta um grito de irritação e pega sua espada do chão, brandindo-a para mim novamente. "Não, Meryn! Estou magoada. Você me magoou! Você vem escondendo esse relacionamento de mim há meses. Eu entendo que não queira que todos os Rawbonds saibam, mas eu sou sua amiga. Ou pelo menos eu pensava que era, mas claramente não se você não puder confiar em mim com a verdade sobre quem você está vendo."

"Ah", digo, sentindo-me repentinamente tola. É claro que ela está magoada. Essa é a coisa mais óbvia do mundo, provavelmente. Mas tudo isso é novo para

mim — não apenas este mundo, mas ter amigos.

Acho que não aprendo rápido.

Seus olhos ficam vidrados. "É só isso que você tem a dizer? Ah?"

"Não, Izabel", respiro, com o peito doendo. "Eu..."

Trombetas ensurdecedoras soam no pátio de treinamento. Não parecem vir das profundezas do castelo. Os três toques altos ecoam pela encosta da montanha, vindos do sul.

Os portões do castelo, percebo.

A Soberana Alfa chegou.



O treino termina rapidamente depois disso, e somos arrastadas de volta para os aposentos de Rawbond. Izabel e eu não tivemos a chance de terminar nossa conversa. Ela saiu furiosa assim que pôde, obviamente muito ansiosa para nos distanciar.

Ninguém sabe quando teremos notícias da Soberana Alfa. Presumivelmente, ela vai se comunicar com o rei primeiro e depois discutir a liderança de Strategos com os lobos. A matilha inteira está inquieta, até mesmo Egith. Depois de alguns minutos andando de um lado para o outro na antecâmara, ela se tranca em seus aposentos particulares.

Eu gostaria de fazer o mesmo, sinceramente. Mas sei que preciso terminar minha conversa com a Izabel. E ela está fazendo um trabalho impressionante em me evitar. Ela não está na antessala do Strategos, nem no beliche ou na área de banho.

Em seguida, dou uma olhada no salão comum dos Rawbond, mas ela também não é uma das muitas pessoas lá. Olho ao redor, impotente, e então meu olhar pousa na porta dos aposentos dos Kryptos.

Ela provavelmente estará lá, escondida com Venna. As duas vão e voltam regularmente entre os aposentos da matilha uma da outra e ninguém se importa. Afinal, elas são gêmeas idênticas — seria estranho esperar que mantivessem distância.

Para todos os outros, porém... não é algo que se faça. Você não entra simplesmente dançando na antessala de outra matilha. Tecnicamente, não há regras que proíbam isso, mas nunca vi alguém que não fosse Strategos além de Venna em nosso espaço.

Bela jogada, Izabel.

A determinação borbulha em minhas veias. Vamos terminar essa porra de

conversa, mesmo que isso faça uma outra matilha inteira me odiar também.

Em poucos passos rápidos, atravesso o salão comum e abro a porta dos aposentos dos Kryptos. É idêntico à antecâmara dos Strategos; os mesmos sofás luxuosos, a mesma lareira. E lá, no centro, estão Izabel e Venna.

Alguns dos Rawbonds dos Kryptos gaguejam de indignação enquanto atravesso rapidamente o espaço deles. Não me importo.

"Desculpe", digo, alcançando os gêmeos. Também sinalizo, movendo as mãos do jeito que Izabel e Venna me mostraram, caso Venna não tenha percebido. Elas têm me ensinado algumas frases em linguagem de sinais quando temos tempo.

Elas não se comovem. Izabel olha para a tapeçaria na parede e Venna cruza os braços, franzindo a testa.

Sento-me aos pés deles — claramente, não sou bem-vindo no sofá com eles — e continuo, baixinho, mas alto o suficiente para os ouvidos de Venna, embora eu possa dizer que todos nesta antessala agora estão tentando escutar.

"Sou uma idiota. Me desculpe por não ter percebido que tinha ferido seus sentimentos, qualquer um dos seus sentimentos", digo, olhando especificamente para Venna desta vez, porque ela claramente também está furiosa. "Essa coisa de amizade é nova para mim. Eu sei como ser uma irmã, uma filha, uma amante, uma lutadora. Eu não percebi que ser uma amiga significava algo diferente."

Venna amolece primeiro. Ela estende a mão e segura a minha, apertando-a. Izabel é um osso duro de roer.

"Guardei isso em segredo porque não tinha certeza de como me sentia", continuo. "Killian e eu estamos juntos há mais de um ano."

Com isso, a cabeça de Izabel se vira para mim, os olhos arregalados. A suculência disso é muito tentadora para ela, eu percebo. Mas ela não faz nenhuma pergunta, espera que eu continue.

"Nos conhecemos no Mercado Central. Aparentemente, ele se aventura na parte mais comum da cidade de vez em quando..."

Nos trinta minutos seguintes, conto a eles todos os detalhes escabrosos do nosso relacionamento. Izabel suspira nos momentos apropriados e, quando termino, ela me puxa para o sofá para sentar entre eles.

Anassa também se acalma comigo. Ela ainda não me perdoou completamente por colocar uma barreira tão grande entre nós, mas algo mudou — graças à minha franqueza com os gêmeos, talvez.

"Então é sério", diz Izabel, contemplativa. "Não é apenas uma aventura de Provas de Vínculo."

"É sério", confirmo.

De repente, há uma agitação do outro lado do meu vínculo. "Prepare-se",

ordena Anassa.

"Para quê?", respondo, surpresa ao ouvir sua voz depois do silêncio que ela vem me dispensando.

A porta da antecâmara de Kryptos se abre com estrondo, batendo na parede. Uma mensageira uniformizada entra e ela suspira aliviada ao me ver.

"Rawbond Meryn Cooper?", pergunta a mensageira.

"Sim?", pergunto, olhando ao redor, confusa. "O que é isso?", pergunto a Anassa, mas não há resposta.

"Você está sendo convocada para ver o Soberano Alfa Siegrid. Imediatamente."

Minha mente afunda em um tonel de pavor frio e devorador. O aviso de Egith retorna à minha mente.

A única razão pela qual o Alfa Soberano poderia querer me ver é se eu fosse punido — ou morto — por afastar meus companheiros Rawbonds.

Izabel parece preocupada — um bom sinal para nossa amizade, se não para minha saúde em geral — quando me levanto. Despeço-me rapidamente dos gêmeos e sigo o mensageiro para fora da antecâmara e do salão comunal.

A caminhada até a câmara de audiências é interminável, serpenteando por corredores ecoantes em completo silêncio. Perguntas quase saem dos meus lábios várias vezes, mas duvido que este mensageiro seja capaz de respondê-las, de qualquer forma.

Igor me diria que arrumei minha cama e agora tenho que deitar nela, mas esta cama parece ser só... espinhos. Por toda parte.

Dobramos uma esquina e lá está Anassa, esperando majestosamente por mim, parecendo um pouco entediada.

"O que você está fazendo aqui?" Pergunto a ela.

"Temos negócios a tratar", responde ela. Útil, Anassa, obrigada.

A cauda de Anassa balança à medida que nos aprofundamos no castelo. Os corredores ficam mais elaborados à medida que nos aproximamos do lado real, as cortinas tecidas com fios de ouro, as arandelas cobertas por cúpulas de vidro que lembram diamantes. Há até mesmo longas e grossas línguas de carpete vermelho-sangue aqui, em vez de pedra nua e polida, uma raridade deste lado do castelo, pois as garras dos lobos poderiam atravessá-las.

Embora não tenhamos entrado nas alas reais, está claro que a Alfa Soberana desfruta de certos luxos para sua posição.

A cauda de Anassa balança novamente, roçando meu braço. Olho para ela, surpreso. Ela não se dá ao trabalho de me olhar de volta, mas juro que aquele breve contato foi para me tranquilizar.

A mensageira para abruptamente em frente a uma enorme porta de madeira.

As aldravas são dois lobos de ferro mostrando os dentes, cada um mordendo uma pesada argola de metal. O mensageiro estende a mão e segura uma dessas argolas, levantando-a e batendo-a duas vezes contra a porta.

Os baques ameaçadores reverberam em meus ouvidos. Pisco para evitar que meus olhos lacrimejem.

Um momento depois, as portas à nossa frente se abrem com um rangido, revelando uma sala ampla e escassamente mobiliada. Alguns soldados Bonded e seus lobos enfileiram-se nas paredes. O espaço é bem iluminado, com lamparinas a óleo e um par de grandes braseiros sobre um estrado de pedra ligeiramente elevado. Sobre esse estrado, há uma longa mesa com cadeiras de encosto alto. Na ponta, uma cadeira ainda mais alta que as demais.

Em pé diante dela está uma mulher cuja presença me faz sentir como se a gravidade tivesse triplicado.

Ela é incrivelmente alta e bem-feita, pele morena coberta de cicatrizes e marcas de morte, mas sua presença toma conta do espaço ao seu redor, expandindo-se além dos limites de seu corpo. Seu poder transborda de seus poros e se espalha pelo cômodo a cada respiração.

Anassá entra e eu forço minhas pernas a segui-la. À medida que nos aproximamos, a Soberana Alfa Siegrid Therion se endireita de onde estava inclinada sobre a mesa. Um instinto pulsando em meu sangue incita meus olhos a seguir cada movimento dela, cada contração de seus músculos e cada varredura analítica de seus olhos, exigindo minha atenção.

Ela é mais velha do que eu esperava, percebo. Talvez na casa dos cinquenta e poucos anos, com cabelos castanhos grisalhos com uma mecha vermelho-sangue. Sua idade não diminui sua destreza física. Na verdade, aguça a ameaça silenciosa em seu olhar.

Se Anassa me ensinou alguma coisa, é que idade e experiência só tornam um lobo mais perigoso.

Siegrid se vira para nós, cruzando os braços sobre o peito. Eles são tão tatuados quanto os de seu filho. Olhando para ela, um aviso semelhante ao que ouvi na primeira vez que olhei para Stark soa em minha mente.

Perigoso, o instinto grita para mim, mais alto do que nunca.

Seu lobo está sentado ao lado dela. Enorme e negro como a noite. Faz até Anassa parecer pequena. Siegrid estende a mão e toca a perna de lobo antes de dar um passo à frente. Ela olha direto para mim e inclina a cabeça.

Uma reverência de respeito, percebo, destinada a Anassa. Observo Anassa se curvar em resposta, estendendo uma pata e abaixando a cabeça até o chão.

Então Siegrid fixa seu olhar penetrante em mim. Sou atravessado instantaneamente. Não, é mais como se ela tivesse me aberto e estivesse

sondando para estudar minhas entranhas.

Ela é uma predadora de topo julgando se o pedaço de carne diante dela vale a pena.

Tenho a nítida sensação de que ela está me avaliando — pesando meu valor. Provavelmente imaginando como quer me punir. Não tenho ideia de como devo me comportar diante do Alfa Soberano.

Devo tratá-la como uma rainha? Me jogar no chão e rastejar pela minha vida?

Desajeitadamente, me inclino para a frente em uma reverência. Aparentemente foi o movimento errado, a julgar pelo bufo de desdém que isso provoca.

"Fique de pé, garota."

Sua voz é um pouco rouca, mas se espalha pelo cômodo como um vento congelante. Meu corpo inteiro reage, pelos arrepiados, músculos se contraindo. Eu me levanto.

Ela continua me encarando. Mal consigo olhar para ela. É como tentar me forçar a olhar diretamente para o sol. Só consigo por alguns segundos de cada vez. E eu sou... pequena, neste cômodo.

"Em todo o meu tempo como soldada convencida, como Alfa de Daemos e depois como Alfa Soberana", diz ela, "nunca vi nada assim... assim."

A voz de Siegrid tem um tom cortante. Causa em mim um impulso bizarro de verificar se estou sangrando, como se suas palavras cortantes tivessem me ferido fisicamente. A pior parte é que de repente sei por que ela estava me olhando daquele jeito — avaliando e julgando.

A irritação em sua voz é clara.

Isso, dito com desprezo. Meu relacionamento com Killian, ela quer dizer. Uma Rawbond flertando com o príncipe herdeiro.

Ela se aproxima da beirada do estrado, olhando para mim. "Isso tudo tem sido muito incomum, garota, e você está atraindo atenção desnecessária para si mesma." Atenção? Que diabos isso significa? "Mas o que está feito, está feito, eu acho", diz Siegrid com um suspiro cansado.

Sinto uma necessidade repentina e incontrolável de me explicar para ela. Gaguejo nas palavras, embora meus pensamentos saiam fragmentados.

"Por favor, Soberana Alfa. O príncipe e eu começamos a nos ver muito antes de eu me tornar Elo. Sei que não deveria ter escondido isso de—"

"Sobre o que você está divagando?" Siegrid interrompe, sua voz apagando a minha.

"Hum." Meu cérebro não está funcionando. Meu coração troveja em meus ouvidos. Tudo o que consigo ver é seu olhar intenso. "O príncipe herdeiro e eu

estamos juntos?", ofereço hesitante. "É isso que você—"

"Não estou aqui para falar com você sobre sua vida amorosa, criança", ela retruca, a boca se contorcendo em desgosto.

Sua voz é calma e comedida, mas sua fúria é tudo menos isso. Ela explode através dela, o rosto de Siegrid se contorcendo em uma expressão de pura raiva que me faz querer me enrolar em uma bola.

Uma nevasca branca uiva ao meu redor, me cegando de tudo, até mesmo do que está bem na minha frente. "Desculpe, mas então por que você me chamou?"

Siegrid levanta o rosto e joga os ombros largos para trás.

"Os lobos gigantes de Strategos se reuniram e escolheram sua próxima líder. Anassa. Você é a nova Alfa de Strategos."

OceanofPDF.com

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Eu estaria mais tranquilo se alguém tivesse batido com uma clava de metal de verdade na minha cabeça.

As palavras enviam uma reverberação de emoção através de mim — medo, confusão, resistência. Elas se estilhaçam pelo meu corpo, sacudindo meus ossos, enfraquecendo meus músculos, me pesando como algemas nos tornozelos e uma coleira em volta do meu pescoço.

A princípio, não consigo processar completamente as palavras de Siegrid.

Alfa de Strategos.

E ela está olhando diretamente para mim, sua expressão severa inalterada. Se ela está esperando que eu lute contra esse pântano de choque, vai esperar muito, muito tempo.

A sala começa a se inclinar ao meu redor. Se continuar assim, vou começar a escorregar, a cair. Estão me dizendo que devo liderar uma matilha inteira? Eu...

Anassa se aproxima de mim e eu coloco a mão em seu pelo branco-prateado, usando seu corpo para me firmar. Olhando para cima, encaro seus olhos amarelos. De repente, é como se outra parede tivesse se aberto em minha consciência, uma que eu nem sabia que existia. Uma vasta biblioteca flui através dela — conhecimento ancestral passado pelos lobos gigantes, dado apenas aos líderes de cada matilha.

Meus joelhos começam a tremer. Não consigo nem respirar sob o peso esmagador de tudo isso.

A distância cuidadosamente mantida por Anassa desapareceu. Ou ela escolheu me perdoar completamente pela outra noite... ou não tem escolha, agora que somos um casal alfa.

"Deve..." Engulo em seco, tentando encontrar minhas próprias palavras em meio ao caos. "Deve haver algum engano", finalmente consigo dizer. O eco

trêmulo da minha voz soa baixo até para os meus ouvidos. Quase suplicante. "Sou apenas uma Rawbond. Nem venho de uma família ligada, e mal sei como..."

A mão de Siegrid corta o ar como o golpe de uma garra. "Chega."

O suor frio faz minha camisa grudar nas costas por baixo do casaco enquanto a encaro como uma mulher aguardando sua sentença.

Siegrid abaixa a mão, apoiando-a calmamente sobre a mesa. "Você acusa os lobos gigantes de cometerem um erro na escolha de seus líderes?" O perigo em sua voz é evidente, mas o som do rosnado baixo e ameaçador de seu enorme lobo reforça seu ponto de vista.

Não haverá resistência.

"Isto não é um debate, garota. Os lobos se reuniram, eles escolheram, e Anassa liderará Strategos. O que significa que você, como sua cavaleira, servirá como Strategos Alfa." A voz de Siegrid está fria e definitiva.

Resisto à vontade de me conter, de cravar as unhas dolorosamente nas palmas das mãos, de me virar e correr de volta para o Eastern Quarter.

Em vez disso, busco Anassa, na esperança de conforto. Alguma sabedoria ou encorajamento, talvez, considerando que ela é a única que realmente foi escolhida para estar aqui. Em vez disso, sou mergulhada de volta naquele oceano infinito de conhecimento sufocante. Ele pressiona minha mente como ondas contra a praia, ameaçando me arrastar para o mar e me afogar.

Siegrid continua a me encarar. Posso sentir os olhos firmes dos outros soldados vinculados em mim. O lobo de Siegrid abaixa a cabeça, com um olhar violento.

E eu fico ali, sem nem mesmo ter certeza do que um alfa deve fazer.

O que isso significa para mim, de verdade? Tenho estado tão focada em sobreviver e encontrar Saela que mal me resta energia para entender as nuances da política da matilha.

Aperto os punhos e endireito os ombros. "Por que eu? Por que nós?" Minha voz soa mais firme desta vez.

A expressão de Siegrid se distancia daquela intensidade insensível e autoritária. É substituída por algo que beira a pena. "Os lobos veem coisas que os humanos não conseguem. Eles sabem o que está por vir. E por alguma razão", diz ela, "eles acreditam que você — e Anassa juntos — são o que Strategos precisa."

As portas maciças atrás de mim se abrem com um estrondo, as aldravas batendo na madeira. Egith passa por um mensageiro ofegante. Ela mesma está um pouco dispersa, mas faz uma reverência formal diante de Siegrid sem problemas.

Ou teria feito isso, se não tivesse congelado no meio do movimento no momento em que me viu. Os olhos penetrantes de Egith se movem rapidamente entre mim, Siegrid e nossos lobos, analisando a tensão palpável no espaço entre nós.

"Levante-se, Beta Egith", ordena Siegrid. "Temos muito o que discutir."

Ver Siegrid explicar a decisão dos lobos para Egith é como sentar e deixar alguém enrolar uma corda em minha garganta. Observo sua expressão se endurecer a cada palavra, pitadas de emoção mal reprimida rompendo sua fachada de pedra com as palavras "alfa" e "final".

É choque, inicialmente. Depois, descrença, com um olhar incrédulo lançado em minha direção. Depois, algo mais difícil de analisar em suas nuances. Mas desanimada seria uma palavra muito generosa para descrever.

Ela está de coração partido por ter sido preterida por alguém como eu.

Uma Rawbond que implorou para ser libertada no início das Provas. Uma membro da matilha que recentemente excluiu seu lobo gigante e seus companheiros de matilha durante um momento de crise. Uma escaladora de escadas dormindo com um membro da realeza.

E uma plebeia, ainda por cima.

"Posso falar livremente?", pergunta Egith. Seu corpo inteiro parece feito de pedra. Ela está estranhamente imóvel. Calma antes da tempestade, penso comigo mesma.

Siegrid assente, e eu me preparo para uma evisceração verbal. E talvez uma física, logo depois.

"Isso é inédito", diz Egith. Ela não levanta a voz. Ela se dirige diretamente a Siegrid, com o olhar firme. "A matilha já está desestabilizada pela morte do Alfa Markos. Colocar um Rawbond destreinado no comando agora, quando somos tão cruciais para o esforço de guerra..."

"Os lobos escolheram", interrompe Siegrid.

Egith não se encolhe. Ela apenas abaixa a cabeça.

"Embora você levante um ponto válido sobre a guerra", continua Siegrid. "Não sei como vamos ter essa... neófita... liderando Strategos na linha de frente quando ela nem passou nas Provas e se formou." Seu olhar aterrorizante retorna para mim, e a tensão sobe pelos meus ombros. "Bem, Alfa. O que você propõe?"

É como se de repente eu tivesse uma espada enfiada na mão, uma luz ofuscante brilhasse nos meus olhos e me mandassem desviar a lâmina que vem em direção à minha garganta.

Mas Anassa finalmente me concede um apoio para me firmar. "Deixe Egith liderar por enquanto."

Respiro fundo e me armo em defesa. Ela tem toda a razão.

"Egith deve assumir o comando na linha de frente", digo a ambas. "Ela possui um conhecimento crucial das forças ali, entende a estratégia e conquistou o respeito da matilha." Encontro o olhar de Egith e encontro seus olhos arregalados, os lábios entreabertos de surpresa. "Posso não entender por que sou Alfa, mas não sou burra. Ainda não sei o suficiente para liderar nossas forças em batalha. Mas você sabe."

Algo muda na expressão de Egith. Quando a surpresa passa, sua angústia punitiva não retorna com força total.

Após um momento de silêncio desconfortável, Siegrid fala. "Uma escolha sábia. Você pode ficar aqui para terminar seu treinamento. Você também precisará reservar tempo e energia para aprender a liderar sua matilha como Alfa."

Aceno com a cabeça; tudo o que realmente sou capaz de fazer neste momento. O subtexto dela é claro: não sou adequada para estar na minha posição, ainda não. Bem, concordamos com isso.

Siegrid cruza os braços poderosos. "Você não pode permanecer ignorante sobre estratégias de batalha por muito tempo e precisará assumir as responsabilidades o mais rápido possível. Mesmo com a ajuda de Egith, sua matilha ficará enfraquecida enquanto permanecer sem um Alfa de verdade."

Eu me curvo exatamente como Egith fez quando chegou. "Entendo."

"Sua posição, Egith?", pergunta Siegrid.

"Talvez um dos gamas do Estratego possa ser chamado para assumir meu papel de instrutor", diz Egith. "Precisamos discutir o regime de treinamento atual, no entanto. Revisá-lo para esses... contratempos."

"Concordo", diz Siegrid, inclinando a cabeça apenas levemente. "Estão dispensados."

Fico ali, entorpecida, por um momento, até perceber que ela está se dirigindo a nós dois. Então, giro nos calcanhares rapidamente, trêmula e fraca, enquanto Anassa e eu seguimos Egith para fora da sala.

Quando as portas se fecham com um baque atrás de nós, consigo dizer baixinho: "E agora?"

Egith olha para mim e respira fundo, cansado. "Você precisa avisar os outros Rawbonds."

Certo.

No caminho de volta para os aposentos dos Rawbonds, paro nos corredores. "Vá sem mim", digo a Egith. "Reúna todos na antecâmara, estarei aí em um minuto."

Seus lábios se franzem — é estranho para nós duas, eu dando ordens a ela —, mas ela acena com a cabeça e sai. Então, me viro para Anassa.

O poderoso gigante parou ao meu lado.

"Parabéns", digo a ela, cansado. Faz tanto tempo que ela não tem uma conversa de verdade comigo, e o silêncio me cansou. Espero que isso marque o fim do isolamento. "É isso que eu deveria estar dizendo? Devo parabenizá-la por ter sido escolhida para liderar nossa matilha?"

Ela inclina a cabeça para o lado, me observando com aqueles olhos ocres. "Não fui a única escolhida. Os outros lobos gigantes nos escolheram como um par. A habilidade individual de um lobo gigante é significativa, mas mesmo o mais forte entre nós é fraco sem um cavaleiro emparelhado para guiar nossos poderes."

Uma risada incrédula me escapa. Anassa bufa de irritação ao ouvi-la, com os lábios retraídos, mostrando suas longas presas.

"Você nasceu para liderar, garota. Acreditar ou não nisso não importa mais. Você precisa, então vai."

Bem, isso está bem claro. Ainda não consigo compreender completamente que isso está acontecendo, mas acho que não importa se eu quero aceitar. Já passou.

Já estive nessa situação tantas vezes na minha vida. A morte do meu pai. A doença da minha mãe. O sequestro da minha irmã. A surpresa absolutamente deliciosa das Provas de Vínculo.

Eu preciso, então vou.

Com isso, Anassa vira as costas e trota de volta para os terraços dos lobos.

"Ei", grito mentalmente para ela enquanto ela se afasta. "Desculpe. Por ter te excluído tão completamente. Isso nunca mais vai acontecer."

"Eu sei", ela grita.

Quando chego à área comum dos Strategos, estou decidida. Será que vacilei e mais uma vez considerei fugir? Fingir que nada disso aconteceu? Será que me imaginei a mil léguas de distância, enfurnada em uma cabana em algum lugar com Killian?

Sim, obviamente. Mas estou aqui. Fui escolhida. Tenho que fazer isso.

Meu coração bate forte contra as costelas quando entro na antecâmara do Strategos.

Como prometido, Egith reuniu os outros dezenove Strategos Rawbonds, e eles estão amontoados nos sofás e no chão. A sala está silenciosa e todos me encaram quando entro — alguns com clara irritação, ainda bravos comigo por ter desaparecido.

Tomison ergue as sobrancelhas e Izabel pergunta sem emitir som: "Você está bem?"

Será que já estou? Fecho a porta atrás de mim e me viro para encará-los.

Minha única referência de como os Alfas devem se comportar são Stark e Siegrid, e... bem, eles só me encaram bastante, não é?

Eu me contento com o que espero ser um olhar autoritário, fazendo contato visual com todos enquanto olho ao redor da sala. Então, mantenho a cabeça erguida e falo o mais claramente possível.

"Tenho um anúncio. Os lobos gigantes decidiram sobre um novo líder. Eles escolheram Anassa. Eu servirei como seu Alfa."

Há um momento de silêncio cristalizado e surpreso antes que tudo irrompa em ruído. Vozes se sobrepõem, emoções atravessando a unidade da matilha como corredeiras quebrando sobre rochas irregulares. Só consigo captar fragmentos em meio ao tumulto.

"Um Rawbond?!" Pietr grita.

Nevah começa a rir histericamente, dobrando-se tanto que seus cachos escuros quase batem no chão.

Kristof olha ao redor, confuso. "Mas Egith..."

"Ela nem é de uma família Bonded", sussurra Allegra em voz alta, estupefata.

A voz estrondosa de Anassa atravessa a conexão da matilha como um trovão, nossas mentes divididas em duas, assim como um raio corta o céu.

"SILÊNCIO."

Eu sei que todos a ouviram. Este deve ser um novo poder alfa. Normalmente, o vínculo de unidade da matilha funciona para que possamos sentir emoções e toques de pensamento de todos os outros, principalmente quando usamos nossos poderes de grupo, mas normalmente não conseguimos ouvir o que os lobos uns dos outros estão dizendo.

A capacidade de Anassa de falar na mente de todos ao mesmo tempo não deixa mais espaço para discussão.

O quarto se acalma instantaneamente. O instinto me faz procurá-la, em busca de orientação. Mas ela não precisa retribuir. Seu poder fala por si, vibrando dentro do meu crânio. Me dá força saber que estou ligado a alguém como ela.

Eu me ergo em toda a minha altura, a autoridade de Anassa crepitando em meu sangue. Imagino-a como uma névoa ao meu redor, uma luz prateada e brilhante como seu pelo emanando de mim como uma armadura. Escolho ser completa e completamente honesta.

"Eu ouço sua confusão e sua dúvida. Eu entendo porque senti o mesmo. Não entendo por que fui escolhida. Só os lobos realmente sabem", digo. Os Rawbonds se agitam, e há um tremor de compreensão sobre a unidade da matilha. "Mesmo que você se sinta inseguro, eles tomaram sua decisão. Devemos segui-la. Uma das primeiras lições que aprendi aqui, com você, foi que

temos que confiar na sabedoria dos lobos gigantes. Não a questione."

Há outra agitação. Alguns acenos. Uma pequena sensação de florescimento, como a abertura de suas mentes.

"Eu sou seu Alfa", digo, projetando-me ruidosamente na sala agora. "Você me tratará como tal. Sim, assim como você, ainda sou uma Rawbond. Ficarei aqui com você para completar meu treinamento, e Beta Egith concordou em liderar Strategos na linha de frente até que eu o faça."

Allegra se intromete, jogando seu cabelo loiro-avermelhado por cima do ombro. "Podemos não questionar os lobos gigantes e suas escolhas, mas como podemos confiar em você quando está em um relacionamento com o príncipe herdeiro? Como podemos confiar que você fará o que é certo para os Vinculados e não apenas o que é certo para a Coroa?"

Claro, essa é a primeira pergunta. Abro a boca para responder, mas outra voz me interrompe. Um arrepio de consciência percorre minha espinha ao som rico dela, vindo de trás de mim.

"O que é certo para a Coroa é sempre o que é certo para os Vinculados."

Meus olhos encontram os de Stark. Ele preenche a entrada da nossa antecâmara, encostado no batente com os braços tatuados estrategicamente dispostos sobre o peito. Sinto todos os olhares na sala se voltarem para ele, atraídos por sua presença. Respondendo com respeito e interesse, obscurecendo a união da minha matilha.

Uma irritação me percorre.

É claro que ele acreditaria que o que é certo para a Coroa é certo para os Vinculados. Ele é a arma afiada perfeita do rei. Como o informante supremo, destinado a liderar os Vinculados um dia, ele não consegue ver o quão horrível o rei e os nobres tratam os Vinculados.

Ou talvez ele prefira não ver.

"O tempo do Alfa é valioso demais para ser desperdiçado com perguntas sem sentido", diz ele.

O olhar sombrio de Stark se fixa em mim com a mesma intensidade de sempre, como se o resto da sala não importasse, contanto que ele mantenha sua presa à vista. Ele inclina a cabeça levemente para o lado, e uma mecha de seu cabelo escuro cai sobre a testa. É como se uma corda tivesse se rompido entre nós.

"Apresente-se no meu escritório amanhã ao amanhecer. Seu treinamento de alfa começa."

Sem esperar por uma resposta, ele se vira e desaparece pela porta, deixando um silêncio carregado em seu rastro.

Amanhecerá amanhã.

Porra.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO TRINTA E SETE

As claraboias estão apagadas enquanto caminho pelos corredores silenciosos. Parece quase ilícito andar por aí a esta hora, em pleno relento. Até este ponto, toda a minha caminhada estava confinada ao túnel entre meus aposentos e as alas reais.

Uma pontada aguda de desejo percorre meu peito quando penso em Killian. Se ao menos eu estivesse deslizando minha mão pela pedra familiar, antecipando o calor de sua pele sob meus dedos.

Mal nos vimos desde a noite do baile. Ele veio ao meu quarto no dia seguinte, quando soube do Alfa Markos, para me ver. Combinamos de manter distância até que as coisas se acalmassem. Ontem à noite, porém, fui até ele e contei tudo.

Tudo sobre como agora sou o Alfa de Strategos. Ele me abraçou com orgulho, mas não deixei as coisas piorarem. Não estou pronta para tentar filtrar meu vínculo com Anassa novamente — ainda está muito cru entre nós.

E agora estou aqui, caminhando por corredores escuros enquanto os outros Rawbonds dormem, a caminho de encontrar...

Ugh.

Stark, logo ele. Parece que estou dançando valsa à beira de um penhasco muito perigoso. Arremessando meu corpo para o lado, na verdade.

É verdade que o penhasco tem cílios ridículos e ombros injustamente largos.

Mas ainda é um penhasco.

Fico em pé em frente à porta do escritório dele, tentando decidir como vou lidar com isso. Ainda consigo ouvir sua voz e sentir seu olhar firme. "Meus aposentos ao amanhecer..."

Me livrando dos calafrios, empurro a porta sem bater, decidindo que preferia ser eu a pegá-lo desprevenido, por uma vez. Mas falhei novamente.

O escritório de Stark não é nada como eu imaginava. Eu estava me preparando para cabeças em estacas. Previa que precisaria me abaixar de vez em quando para evitar as armas do crime penduradas e enferrujadas.

Talvez até houvesse alguns ossos de animais que ele e seu lobo estavam roendo juntos.

Criando laços, sabe?

Mas é uma biblioteca. Uma biblioteca.

Ou não totalmente. O centro da sala, previsivelmente, tem um espaço aberto, obviamente reservado para treinos. Atrás dele, há uma escada larga de pedra que leva a uma parte elevada da sala. Lá, posso ver prateleiras para armas, armaduras penduradas, uma lareira adormecida e algumas cadeiras que parecem confortáveis.

Mas ao redor do espaço central de treino, há prateleiras alinhadas nas paredes ou dispostas lado a lado para criar corredores organizados. As pilhas chegam até o teto, com uma escada apoiada na prateleira à minha direita para que ele possa alcançar as prateleiras mais altas — semelhante ao layout do escritório do Líder Aldrich.

Fico ali, olhando fixamente, de repente tendo uma série de imagens bizarramente nítidas.

Stark, vestido com roupas casuais, subindo aquela escada para pegar um livro de que precisa. Ou Stark sentado em uma daquelas cadeiras, com os pés para cima, lendo em silêncio. Stark sozinho no quadrado de treino, espada na mão, praticando manobras.

Ele não está sem camisa na minha imaginação. A princípio.

Passo a mão no rosto para apagar tudo da minha mente. Eu não deveria estar pensando em Stark como se ele fosse uma pessoa com alma e necessidades humanas normais.

Ele é uma máquina de matar.

É obviamente por isso que ele tem um cobertor macio pendurado no braço da cadeira. Porque até máquinas de matar sentem frio... aparentemente.

"Surpreso?"

A voz de Stark carrega aquele tom familiar de zombaria, como se ele achasse que eu sou idiota por acreditar que ele vive como um animal selvagem quando age como tal. Ele surge entre duas de suas estantes imponentes e se encosta em uma delas, de braços cruzados.

Ele está vestido casualmente. Suas calças são de couro de lutador, mas ele usa uma camisa branca de manga curta por cima, seus braços enormes expostos — assim como a quantidade absurda de tatuagens que os cobrem, dos dedos até o topo, desaparecendo sob as mangas curtas, escuras, sinuosas e rúnicas. Engulo

em seco com a lembrança visceral de quantas vidas ele tirou.

Meu cérebro imediatamente começa a avaliá-lo. A que distância ele está de mim? Para onde seus olhos estão olhando? É um treinamento de campo, mas também é apenas autopreservação, estar no mesmo ambiente que alguém como Stark.

Sozinho, devo acrescentar.

Faço questão de deixar meus olhos vagarem pelo escritório dele. A maioria dos livros parece recém-encadernada, mas há alguns com lombadas quebradas e até alguns que parecem antigos, guardados atrás de vitrines que brilham à luz da lâmpada.

Quando meus olhos pousam em uma porta que leva a um quarto adjacente — avistando uma cama desarrumada banhada pela escuridão —, desvio-os imediatamente. Ele dorme aqui? Certamente ele tem um quarto particular perto dos aposentos de Daemos, assim como Egith e eu. Ou talvez aquela cama seja para outra coisa além de dormir...

Outra imagem de que não preciso.

"São muitos livros, acumulador", digo, ignorando o calor no meu rosto. Até a biblioteca do Líder Aldrich empalidece em comparação. Nunca vi tantos livros juntos antes.

O pensamento me vem sem ser convidado: Saela adoraria isso. É seguido por uma dor imediata no meu peito.

Stark não se move do lugar, mas seus olhos vagam. Primeiro pelos livros. Depois por mim.

Sinto de novo. A mesma coisa de sempre, olhando para ele. Sendo observada por ele.

É um desafio, como se ele acreditasse que é dono do mundo, mas quisesse me ver tentando tirá-lo dele. "Você achou que ser Alfa significava apenas lutar bem?"

Rango os dentes brevemente. Minha pele se arrepia ao encontrar seus olhos escuros. O desafio que paira no ar é tentador. Tenho vontade de despedaçá-lo. Mas, no fim das contas, estou aqui por um motivo. Um bom motivo.

"É por isso que estou aqui, não é? Porque não sei o que significa ser Alfa", respondo. "Ou pelo menos foi o que me disseram. Repetidamente."

Stark se afasta da prateleira e se aproxima, com os braços caídos ao lado do corpo. Para qualquer outra pessoa, teria parecido quase preguiçoso. Relaxado. Seus músculos estão relaxados e seu passo lento. Mas seus olhos estão mais aguçados do que há um momento.

Não acho que Stark seja capaz de relaxar.

"E você escuta tudo o que te dizem, princesa?", ele pergunta, com um tom

perigoso.

"Religiosamente", respondo, impassível, erguendo o queixo para mostrar que sua altura não me assusta.

"Então bloqueie", ele diz.

Nem consigo processar completamente suas palavras antes que meu corpo se mova bruscamente. Seus olhos se fixam no chão, seu braço chicoteia em direção ao meu rosto com uma velocidade impossível. O movimento de um punho passa pela minha visão enquanto a memória muscular me puxa para fora do caminho.

Ele não é como nenhum dos oponentes com quem lutei nos boxes. Ele é mais alto, mais forte, mais rápido. Mas, mais importante, ele é friamente implacável.

Destemido.

Tento girar meu corpo, deslocando os pés, mas sou muito lento.

Seu segundo golpe atinge minhas costelas.

A dor explode pelo meu lado esquerdo enquanto tropeço para trás, com o ombro batendo em uma das prateleiras. Agarro meu flanco, tentando recuperar o fôlego.

Foi um golpe forte. Tenho sorte que ele esteja recuando em vez de arrancar um livro da prateleira e me derrubar com ele.

"Q...", ofego, ainda sem fôlego.

"Em sua defesa, você fez o que lhe mandaram", diz ele, erguendo uma sobrancelha. "Inicialmente."

"Seu f—" O palavrão se transforma em um rosnado raivoso e estrangulado. Provavelmente é melhor não xingá-lo.

Este lugar parece inofensivo, mas ainda pode haver um porão sob o quadrado de treino onde ele guarda sua coleção de olhos e dentes. O filho da puta.

Stark gesticula para os livros. Sua carranca habitual desapareceu e há um brilho desconhecido em seus olhos.

"Liderança requer conhecimento e força", diz ele. Eu me forço a me endireitar, mas juro que consigo ouvir minhas costelas rangendo. "Mas você é fraco. Você não tem nenhum dos dois."

Minha boca se abre de indignação. Isso me atordoa mais do que o soco literal que ele acabou de me dar. Só porque eu não tenho uma biblioteca pessoal e anos de treinamento sofisticado não significa que eu...

O punho de Stark voa em direção ao meu rosto novamente. Desta vez, dou um passo para o lado e bato em seu pulso com a palma da mão enquanto ele passa zunindo pela minha cabeça. Se ele fosse um oponente mais estúpido, isso teria criado uma brecha.

Em vez disso, ele se esquiva do meu golpe de retorno e faz exatamente o mesmo contra-ataque. A faísca em seus olhos agora é uma fogueira, acesa com

foco intenso. "Você tem bons instintos."

"Obrigada", digo entre dentes.

"Não vai te ajudar contra um Sifão", diz ele.

Então, de repente, meus olhos se enchem de suor, uma faixa trêmula de escuridão que me faz cambalear para trás. Mal tenho tempo de processar — Stark jogou alguma coisa — e levanto os braços defensivamente antes que seu golpe acerte.

Ele não tenta o mesmo ataque, direcionado ao meu torso. Em vez disso, seu pé se estica rapidamente e a ponta da bota acerta em cheio na lateral do meu joelho. Eu grito e caio no chão, me recuperando e rolando para longe instintivamente, mesmo que ele não insista na ofensiva.

"Você não pode confiar nos seus olhos com um Sifão. Você não pode confiar no que já sabe."

Eu respiro fundo, usando a dor a meu favor, usando a raiva para alimentar meu foco. Então, a lavo do rosto, substituindo-a por medo. Deixo meus olhos lacrimejarem, deixo meu braço tremer enquanto a ergo.

"Certo", respiro, concordando. Fungo. "Me ajuda a levantar. Vou tentar de novo."

Stark me encara por um longo momento, então sua testa se contrai levemente. Meu joelho lateja enquanto me ajoelho ali, com a mão ainda estendida. Ele dá um passo à frente, estendendo a mão para mim.

E assim que ele está perto o suficiente, agarro o pano que ele jogou no meu rosto, bem debaixo do seu pé. Sua respiração se esvai, pois seu equilíbrio está comprometido, e eu o atiro como uma cobra, mirando na maior fraqueza de todo homem.

Mas, em vez de tentar se firmar, ele se inclina para a queda, levantando o pé que roubei dele e acertando o joelho em direção ao meu rosto. Eu me afasto no último segundo, caindo de costas.

Antes que eu possa me mover, ele se deixa cair em cima de mim. Suas pernas pesadas e musculosas envolvem meus quadris, prendendo minha pélvis no lugar para que eu não possa chutá-lo novamente, e ele pressiona o antebraço contra minha garganta — com força, depois com mais força.

Psicopata. Porra. Idiota.

Vou mostrar a ele.

Mas então seus dedos sobem, pressionando calos contra meus lábios.

"Pensando em cuspir na minha cara de novo, princesa?", ele diz, com um olhar sombrio e divertido.

Ah, ótimo, então ninguém aqui esqueceu daquele momento.

De repente, percebo a posição vulnerável em que me encontro. Estamos

sozinhos; todos os outros no castelo ainda estão dormindo. Este açougueiro violento que me odeia me prendeu e me estrangulou. Um espasmo de medo me percorre e Anassa se anima do outro lado do laço, embora não diga nada.

Ele pode me matar. Ele pode me matar.

Stark inclina a cabeça levemente, como se estivesse ouvindo algo — talvez seu lobo, exigindo que ele acabe comigo de vez. Mas então, para minha total surpresa, ele alivia a pressão na minha garganta e remove seus dedos ásperos dos meus lábios.

Ele pisca para mim, uma leve carranca se formando em seu rosto, então rola para longe de mim e se levanta.

Provavelmente irritaria a mãe dele se assassinasse o recém-nomeado Alfa.

"Tentativa decente", diz ele.

"Decente", resmungo com desdém, me levantando. "Como você conseguiu a vantagem? Você sabia?"

"Já vi você levar golpes muito mais fortes do que esse sem reclamar", diz ele, com o olhar firme. "E eu estou sempre pronto, mesmo quando meu oponente se aproveita da fraqueza."

Porque ele é implacável. Cruzo os braços. "Você acabou de me chamar de fraco."

"Existem diferentes tipos de força. Diferentes tipos de fraqueza", diz ele. Ele esfrega as palmas das mãos, os olhos me percorrendo novamente. Percebo instantaneamente que ele está me avaliando em busca de oportunidades. Ele vai me atacar novamente. "Por que você acha que os bandos estão separados uns dos outros?"

"Porque precisávamos de um lugar para colocar todos os assassinos sanguinários, Alfa Daemos", respondo levemente, com um sorriso doce.

Seu punho ataca. Dou um passo para trás, e depois mais um, quando outro golpe vem em minha direção. Cometo o erro de bloquear com a palma da mão, e a força do golpe faz meu braço dobrar no cotovelo e a dor queimar meu lado direito.

"Talvez você não devesse testar a paciência de um assassino sanguinário, então", diz ele. Mas a ferocidade fria de sua voz é compensada pelo mesmo brilho ardente em seus olhos. Por aquele desafio.

"Estou tremendo", respondo sarcasticamente, como se nós dois não estivéssemos incrivelmente cientes de que ele acabou de me dar um susto no chão.

Stark respira fundo e se endireita. "O verdadeiro motivo é porque toda matilha tem uma fraqueza. Assim como todo soldado. Estrategos são inteligentes. Magistrais no campo de batalha. Mas seus tempos de reação

costumam ser mais lentos devido às informações que precisam processar constantemente. Phylax são fisicamente formidáveis, mas são menos manobráveis que Daemos."

"E a fraqueza da sua matilha?"

A pergunta me rende outro ataque físico. O movimento dos pés nos leva através da sala, entre as prateleiras. Estou suando quando ele cede.

"Daemos se... empolgam", ele diz com a voz rouca. A falta de ar em sua voz e a maneira como seus olhos me percorrem me arrepiam.

Meu olhar salta involuntariamente para aquele quarto escuro ao lado, onde está a cama desarrumada. Penso na piada que Tomison fez sobre Stark uma vez — em como ele parecia o tipo que cavalgava sozinho.

Fecho os punhos, deixando as unhas cravarem nas palmas, deixando a dor me afastar daquela linha de pensamento profundamente indesejada.

"E assim compensamos as fraquezas um do outro", digo, afastando-me um pouco mais dele para me preparar para seus próximos ataques investigativos.

"Correto. Mesmo assim, todo soldado tem fraquezas e pontos fortes", diz ele.

"E nossos companheiros de matilha compensam isso. Nossos..."

"Não", ele retruca asperamente.

Outra onda de ataques. Estou cambaleando para longe das prateleiras, ofegante, quando ele explica. A severidade de sua expressão é assombrosa.

"Você é um Alfa. Não lhe é permitido o luxo de demonstrar fraqueza abertamente."

Porra, esse homem é intenso. "Todo. Tem. Fraquezas", sibilo.

Ele se aproxima de mim, ocupando meu espaço. Seu peito sobe e desce rapidamente devido ao esforço. Seu cheiro almiscarado e âmbar chega ao meu nariz, e eu respiro imediatamente pela boca, pois preciso me manter alerta.

"Você tem razão", ele diz. Meus olhos se arregalam. Pensei que ele morreria antes de me dizer essas palavras. "Mas somos seletivos sobre a quem mostramos essas verdades. Entendeu?"

Engulo em seco. Ele não espera minha resposta, virando-se abruptamente e se afastando de mim. Observo a curva de seus ombros por um momento. Eles sobem e descem como se ele estivesse agitado.

Por um instante, um significado oculto se acumula ao nosso redor como nuvens de tempestade furiosas. Seu nome se forma na minha língua. Não sei dizer por quê. Havia algo tão pesado, tão carregado na maneira como ele se afastou de mim.

"P-"

Ele se vira para mim. Não tenho tempo para me esquivar completamente, então tento diminuir o impacto do golpe movendo meu corpo paralelamente ao

seu impulso. Dói, mas não quebra nada. Eu me afasto dançando rapidamente, recuperando o equilíbrio perto de uma das vitrines de vidro.

A irritação ferve em meu sangue. Sinto hematomas se formando.

"Isso também foi brincadeira de fraqueza?", rosno.

Ele vem em minha direção. Rapidamente. "Quantas gamas tem em cada mochila?"

"Q... Duas?", pergunto.

Ele ataca novamente. Resmungo e desvio, esquivo e então sofro outro golpe devastador. "Duas ou três", diz ele. "Qual é a maior vulnerabilidade de um cavaleiro quando montado?"

Eu me preparo, ampliando minha postura. "Terreno irregular."

Seu ataque é brutal. Seus golpes são como aríetes. Ele é mais rápido do que qualquer pessoa com quem já lutei e não diminui nem um pouco a velocidade. Ele me persegue por todo o quadrado de treino, me encostando nas prateleiras.

"Suas pernas. Se suas pernas estiverem comprometidas, você não consegue se manter sentado, não importa como Anassa compense."

Meu peito está arfando. O suor escorre pelo meu rosto. E algo... se move no canto do meu olho. Uma energia estranha percorre minha espinha. Alguns dos livros em sua estante, enfiados bem no fundo das sombras, velhos e desbotados, mas...

"... Cooper... primário!" ele rosna.

"O quê?", pergunto, virando a cabeça bruscamente em sua direção.

"Qual é a principal fraqueza de um Sifão?", ele praticamente rosna.

"É..." Meus olhos se movem novamente, atraídos de volta para aquela prateleira sombria.

Então, sinto que ele se move em minha direção e reajo o mais rápido que posso. Ele se lança para frente e se abaixa sob meu golpe, apoiando o pé e erguendo o punho em direção ao meu queixo. Arqueio as costas, puxando a cabeça para trás bem a tempo, e então chuto minha perna em direção ao seu lado.

Mas ele literalmente agarra meu tornozelo e usa sua massa para me desequilibrar.

Seus músculos se contraem, seu aperto fica mais forte e ele me joga contra uma prateleira. Meu ombro explode de dor, mas não tenho tempo para processar a dor antes que ele prenda minha perna entre nossos corpos e me empurre contra a prateleira com tanta força que a madeira afunda na minha coluna.

Tento usar meu cotovelo como alavanca, mas ele segura meu pulso e o prende no meu ombro, com o antebraço pressionado contra minha garganta novamente.

Resistindo, tento me libertar desse aperto, mas não consigo fazer nada além de uma rebelião patética e contorcida.

E estou extremamente ciente de todos os pontos em que seu corpo toca o meu. Sua mão no meu tornozelo, minha perna erguida entre nós, seus quadris roçando nos meus. Seu braço queimando em meu pescoço, o aperto de seus dedos em meu pulso. Seu cheiro nublando minha mente.

Eu fico imóvel, o peito arfando, a mandíbula cerrada.

"Você está distraída", ele rosna, o estrondo de sua voz penetrando fundo em meu corpo.

Eu vou dizer, porra. Claramente, já foram muitas noites sem Killian. Preciso superar essa questão de privacidade com Anassa e começar a coçar essa coceira de novo — direcionando minha frustração sexual para a pessoa certa.

Sangue escorre do meu lábio cortado enquanto respiro fundo. Seus olhos descem rapidamente ao atingir meu queixo. Suas sobrancelhas se contraem levemente.

Eu balanço a cabeça. "Há muito o que aprender. Preciso de um plano."

Ele me solta. O ar escapa dos meus pulmões. De repente, sinto frio. Sem rumo. Agarro-me à borda de uma prateleira para me equilibrar, desorientada pela forma como meu pulso pulsa.

"Você finalmente está pensando como um Alfa", diz ele, com um toque de aprovação na voz.

Ele levanta o queixo, ordenando que eu o siga sem dizer uma palavra enquanto ele desaparece entre algumas prateleiras. Limpo o sangue do queixo e esfrego a garganta, seguindo-o.

Stark está de pé diante de uma mesa que foi escondida atrás das prateleiras. Seu olhar me segue enquanto me aproximo. Quando chego ao seu lado, ele desliza um pedaço de papel em minha direção, sobre a superfície brilhante da mesa.

"Escreva o que você precisa melhorar. Tudo."

Coloco a mão no quadril e franzo a testa. "Quer dizer que eu deveria te contar todas as minhas fraquezas?"

Ele ri. Stark, rindo. Ele passa a mão pela barba por fazer, os olhos se aquecendo levemente, e aquele som profundo, mas quase imperceptível, de diversão emana de seu peito.

"Talvez você ouça tudo o que lhe dizem."

Meus músculos tremem. "Viu? Sou um aluno exemplar."

Ele encosta o quadril na mesa. "Você pode escolher se conter, mas vai falhar. E vai morrer." Minha mão se fecha em punho. Uma lição ou uma ameaça? Seu maxilar se contrai e ele se aproxima de mim. "Sou sua única saída."

"Então eu devo confiar em você", suspiro.

Quando ele não fez nada além de tentar quebrar minha vontade desde o momento em que nos conhecemos.

"Ou você pode pensar nisso como me usar para ficar mais forte", diz ele.

Me usar. Irritantemente, minhas bochechas esquentam.

Eu zombo, e Stark me observa por um longo momento. Finalmente, ele passa os dedos pelos cabelos.

"Estas são as decisões difíceis que um Alfa deve tomar", diz ele, empurrando o papel para mim. "Para o bem da sua matilha."

Para o bem da minha matilha.

Passo a língua pelo lábio ardendo e sinto o gosto de sangue. Então, aceno com a cabeça e me sento à mesa, pegando sua pena.

"Tenho certeza de que há coisas que nunca ouvi falar e que preciso saber, então a responsabilidade é sua", digo. "Me diga sua lista do que um Alfa precisa ser e eu anotarei o que está faltando."

Seus olhos brilham novamente. Ele gostou da resposta. "Você deveria... O que está escrevendo?"

Levanto a página para mostrar a ele o que rabisquei como minha primeira prioridade. "Trabalhe na minha cara feia."

Seus lábios se apertam. "Engraçado."

Finjo escrever outro bilhete. "Destrua... meu... senso de humor", paro de gravar. "O que vem a seguir, ó sábio?"

"Política da matilha. Estratégia militar", diz ele.

"Emocionante", digo com falso entusiasmo, e então viro a página para começar a escrever.

Ao longo da hora seguinte, catalogamos as lacunas no meu conhecimento nos mínimos detalhes. A partir daí, Stark começa a estabelecer um novo horário brilhante para mim. Combate ao amanhecer, aulas de estratégia até o meio-dia, política da matilha à tarde, estudo independente à noite.

Ah, e não se esqueça de todos os meus cursos e sessões de treinamento regulares da matilha, além disso. Afinal, ainda sou um Rawbond.

Quero argumentar que preciso de um tempo para dormir — e talvez ver Killian —, mas claramente esgotei os 90 gramas de paciência que ele reserva para mim.

Por fim, me estico na cadeira, arqueando as costas, e aponto para a prateleira atrás dele. "E aqueles?"

Ele se vira, encara a prateleira por um momento e depois me encara novamente. "Como?"

Levanto-me e me aproximo da prateleira, intencionalmente afastando da

mente a lembrança de Stark me empurrando contra ela. Ignoro essa confusão e estendo a mão para passar a ponta dos dedos sobre os livros que chamaram minha atenção antes.

"Fazem parte do meu treinamento? Meu estudo independente?", pergunto.

Mesmo agora, sinto aquele arrepio de energia na espinha quando os olho. Velhos, murchos, encadernados em couro e... quase vivos.

"Esses são livros que passaram pela minha linhagem", ele me diz, com uma expressão indecifrável. "Não são meus para emprestar. Mas se você se sentir atraída por algum deles e por acaso pegá-los enquanto eu não estiver olhando, não poderei impedi-la."

"Sim", a voz de Anassa atravessa o elo. "Faça sua própria pesquisa." Obrigada por isso, Anassa. Poderia ter aproveitado sua orientação em qualquer outra parte do treinamento de hoje, mas fico feliz que alguns livros velhos e empoeirados tenham te animado.

Eu zombo. "Você percebe o quão enigmática essa resposta..."

O punho de Stark bate em meu rosto e eu cambaleio para trás.

"Achei que já tínhamos acabado com isso!", grito.

"Terminamos?", ele diz com desdém, e retomamos o ritmo brutal de interrogatório e discussão. Mas, mesmo enquanto me defendo, aquela estranha energia pulsante permanece no fundo da minha mente, bem na base do meu crânio.

Não consigo me livrar da sensação de que aqueles livros antigos estão cientes. Esperando.

Após meu longo dia de tortura, caio na cama dolorida e exausta, pensando que dormirei como uma pedra. Mas quase no instante em que fecho os olhos, caio em um sonho vívido. Sombras se entrelaçam ao meu redor, me erguendo, saqueando minha mente.

O ar fica repentinamente frio, meu colchão inflexível.

E então o leve cheiro de sangue velho invade meu nariz.

Debaixo das minhas mãos, há terra compactada.

De novo não, é tudo o que consigo pensar. Não, não, não.

Meu coração bate forte nos ouvidos enquanto me sento e abro os olhos.

Não estou mais sonhando e não estou mais no meu quarto. Isso é real.

Estou exatamente onde estava da última vez, bem no centro da arena. Mas algo está um pouco diferente. A desorientação habitual que me toma durante esses episódios está ausente, substituída por uma clareza inquietante.

A lua projeta faixas perfeitas de luz através do teto de vidro acima da minha cabeça, mas ao redor dessas faixas de clareza, sombras estranhas se espalham pela terra. Nas bordas, elas parecem estar... tremendo. Tremendo como as pernas

de uma aranha.

Eu me forço a ficar de quatro, concentrando-me na minha respiração. Mas minha própria sombra não parece seguir meus movimentos com precisão. Ou assim eu pensava, mas quando pisco, ela está exatamente onde deveria estar.

Através do nosso vínculo, o estado de alerta de Anassa aumenta. Ela também consegue sentir isso.

"Cuidado", ela avisa, com a voz mais baixa do que o normal.

Olho para a escuridão ao redor. Abaixo de mim, consigo ver o centro do sistema de drenagem novamente. Mas, enquanto deslizo o pé para a frente para tentar me equilibrar, o ângulo do luar muda o suficiente para que algo brilhe no escuro. Inclino-me para a frente novamente, espiando abaixo.

Há algo metálico. Definitivamente dourado. Eu me pressiono contra o chão, me esforçando. Ao lado daquele brilho metálico, há uma pedra cintilante. Opalescente.

E aquilo é... a curva da cabeça de um lobo?

Desloco meu peso e enfio os dedos cuidadosamente pelo buraco, grunhindo enquanto tento alcançar as formas vagas que espreitam lá embaixo. Não sei dizer por quê.

Geralmente, eu evitaria enfiar o braço inteiro em lugares estranhos. Mas há uma necessidade quase instintiva pulsando em minha mente. Um puxão, como uma mão em volta do meu pulso me arrastando para dentro.

Um som ecoa pela arena. Passos, percebo.

Eu me levanto instantaneamente, me afastando do ralo. A rápida aproximação de outra pessoa tão tarde da noite me faz ter certeza de que eu não deveria estar ali. Não deveria ver isso. Eu não posso ser pega.

Apressadamente, sigo para o outro lado da arena e me esgueiro para as sombras, que misericordiosamente se aquietaram. Minha mente fervilha de perguntas.

O que estava enterrado sob o chão da arena? Por que parece que está me atraindo?

E por que, enquanto corro pelos corredores, parece que a morte está me perseguindo?

OceanofPDF.com

CAPÍTULO TRINTA E OITO

O treinamento durante o período de Provação é igual ao da Forja — repetitivo, árduo, perigoso — e muito, muito diferente. Mais notavelmente, compartilhamos o treinamento com outras matilhas.

Todo dia, porra.

Faz sentido, precisamos aprender a trabalhar juntos com eficiência. Mas é realmente uma maldição interagir tanto com Daemos, considerando quantos deles eu já consegui irritar. Inclusive o Alfa deles.

Stark vem me treinando em particular há duas semanas e parece sentir um prazer profundo em me levar constantemente ao limite. Termino todos os dias com costelas e músculos doloridos, depois de ter levado uma surra sem parar.

Por mais brutal que ele tenha sido, porém, posso dizer que estou melhorando. Estou aprendendo alguma coisa.

O que é muito mais do que posso dizer sobre qualquer interação que tenha com Daegan Prak, o Strategos Gamma que foi chamado de volta da linha de frente para assumir o cargo de instrutor de Egith. Ele tem cabelos cor de palha e um semblante preocupado.

Inútil é uma descrição gentil demais para o homem. Ele me lembra Roddert, um dos outros Strategos Rawbonds — pedras no lugar do cérebro. Talvez eles sejam parentes.

Hoje, Strategos e Daemos estão juntos no pátio de treinamento de Daemos para um exercício conjunto, onde devemos nos conectar com os poderes da nossa matilha. Estamos nisso há trinta minutos.

“Strategos Rawbonds, afastem-se”, ordena Gamma Daegan, “e—”

Ele me olha nos olhos e se encolhe, interrompendo a instrução no meio da frase.

Esta tem sido a nossa adorável cantiga de roda nas últimas duas semanas.

Toda vez que ele precisa fazer seu trabalho e nos ensinar, ele me obedece por causa do meu status de Alfa.

Ele se dá bem com os outros Rawbonds, mas não estou recebendo nada. Ele não me dá ordens, demora para criticar meu desempenho e, quando o faz, é quase hesitante, como se estivesse preocupado que eu vá repreendê-lo por dominância. Resistência é necessária para o treinamento de força.

Preciso que ele seja um instrutor de verdade, ou nunca vou melhorar.

“Continue, Daegan”, digo com os dentes cerrados de cima de Anassa.

Ele se sacode como se estivesse saindo de um transe e olha para os outros membros da matilha Strategos. "Afaste-se para o lado para que Daemos demonstre seus poderes de matilha. Depois, use as habilidades de previsão de Stratego e desvie dos golpes."

Stark interrompe. "Daemos Rawbonds, mirem no chão caso Strategos seja lento demais para se esquivar. Vocês não devem atacá-los diretamente nem usar seus poderes com força total. O objetivo de hoje é aprimorar os poderes de cada matilha, não ferir uns aos outros."

Esta é a primeira vez que temos a chance de ver os poderes dos Daemos de perto.

Os dezoito Daemos Rawbonds circulam juntos e, sem aviso, onda após onda de magia pulsa pelos campos de treinamento. Eles estão extraindo força do próprio ar ao redor deles, criando aríetes de energia que atravessam a arena como punhos enormes. Detritos voam para todos os lados.

É assustador de se cagar.

Allegra grita quando quase é derrubada de seu lobo. Tanto para evitar ataques diretos.

Sinto olhares em mim e procuro através da nuvem de poeira até avistá-lo.

Jonah.

Ele está circulando ao meu redor durante toda a sessão de treinamento, gostando mais do que deveria. Cada vez que o avisto em meio ao tumulto de lobos, cavaleiros e nuvens de poeira, ele tem um sorriso maldoso no rosto.

Era apenas uma questão de tempo até que ele encontrasse um jeito de me alcançar. Ele está por aí desde o Julgamento do Expurgo e a morte de Perielle, fazendo comentários sarcásticos e me espetando com seu olhar do outro lado da sala. Eu diria que ele está de luto, mas ele não parece ser o tipo.

Em vez disso, ele está agindo como se eu tivesse quebrado seu brinquedo favorito, então ele vai quebrar meus ossos em retaliação.

"Daemos", Stark grita, "ataque novamente em 5... 4..."

Mentalmente, eu me conecto com o vínculo da matilha. A consciência de todos os outros flui através de mim enquanto usamos nossos poderes para criar

uma visualização de previsão. Na visão, um dos cavaleiros de Daemos, uma mulher com ombros assustadoramente intimidadores, desfere um golpe à esquerda da nossa linha.

“3… 2…”

Minha mente está focada em manter a visão e guiar a matilha para a direita quando um lobo me ataca de lado.

Anassa rosna e vira a cabeça para morder o lobo. A dor sobe pela minha perna, onde colidimos, e está dificultando manter a montaria corretamente. Eu me curvo para o lado e me agarro ao pelo dela.

"Você continua me atrapalhando!" Jonah rosna sobre o som estrondoso da explosão da mulher.

Me atrapalhando.

Ele deveria estar na metade do pátio de treinamento agora com o resto da matilha. Em vez disso, ele está aqui, avançando tanto para o lado do Strategos que a explosão de poder de Daemos espalha terra sobre ele.

"Entre na fila, Jonah!" grito, virando-me para Anassa para que ela volte a acompanhar o fluxo da minha matilha. Eles estão ondulando com atenção refinada, movendo-se perfeitamente ao nosso redor.

Daemos não são tão organizados ou atenciosos. Eles avançam devido aos ritmos naturais deste exercício, e somos apanhados pelo turbilhão de pelos e músculos entre as duas matilhas.

"Você não pode me dizer o que fazer, plebeu!" Jonah grita para mim.

Anassa rosna e se vira violentamente, como se estivesse prestes a comê-lo.

Um enorme lobo de Daemos passa por Jonah, bloqueando-o da minha visão por um momento. Nesse momento, a previsão me arrepia e sinto o golpe chegando.

Tarde demais, no entanto.

Anassa se prepara, mas o golpe do poder de Daemos é punitivo.

Voo para longe das costas de Anassa e aterrisso na areia, rolando e me enrolando em uma bola para minimizar a chance de meus membros serem pisoteados.

Jonah acabou de...?

De repente, ele e seu lobo estão acima de mim, e não há mais dúvida. Os olhos de Jonah ardem de raiva quando o segundo golpe vem. Viro-me para diminuir a força, mas meu corpo inteiro já arde de dor.

Um formigamento elétrico me percorre, gritando: "Você está prestes a ser atingido".

Levanto as mãos, mas é inútil.

Um daqueles golpes terríveis me atinge. Minha cabeça vira para o lado.

Algo estala e meu crânio inteiro explode de dor. Gostaria de poder conter o grito de gelar o sangue que me sai da garganta, mas a dor é demais. Ele me arranca, e o espaço vazio que deixa para trás se inunda de raiva.

Anassa sente minha fúria. Por um instante, tenho certeza de que ela vai atacar Jonah e seu lobo.

E então outra pessoa faz isso por nós. Jonah está lá em um momento e desaparece no seguinte.

O corpo de Jonah bate contra a parede do pátio de treinamento. Um segundo depois, há uma rajada de vento, como se a morte tivesse acabado de passar por mim e me deixado sem fôlego por pouco.

O poder absoluto que acabei de sentir, como um vislumbre de algo primordial...

Alguém está gritando. Gamma Daegan, eu acho. Os lobos de ambas as matilhas recuam, abrindo caminho para que eu possa ver o corpo encolhido de Jonah, gemendo no chão. Minha visão fica um pouco turva enquanto o sangue escorre do meu nariz.

Uma figura escura está parada sobre Jonah, gritando. A princípio, a voz é distorcida pelo zumbido nos meus ouvidos. Então, as palavras saem em uma voz profunda e enfurecida.

"——não toque na Alfa Meryn desse jeito!"

O peito de Stark arfa. Cratos não está ao seu lado, mas ele não precisa do tamanho de seu lobo para ameaçar Jonah. A forma ameaçadora como suas mãos tatuadas se abrem e fecham diz tudo, como se ele as estivesse imaginando em volta do pescoço de Jonah.

"Ela não é minha Alfa, senhor", diz Jonah, mas seus olhos estão desviados.

"Seu Alfa lhe deu uma ordem para não usar sua magia em Strategos com força total, e você a desobedeceu!" Stark berra. Toda a sua matilha se agita ao eco de sua voz. Alguns lobos dobram as orelhas para trás, com as cabeças abaixadas, submissas, abaixo dos ombros.

A voz de Stark se acalma, mas só um pouco. Ainda é alta o suficiente para todo o pátio de treinamento ouvir, carregada de ameaça.

"Você é um Rawbond poderoso, mas força não é a única coisa que valorizamos em Daemos. Seria bom se lembrar disso se quiser passar pelo resto da Provação. E caso minha insinuação não esteja clara como a água: toque nela de novo e eu mesmo te abato."

Sento-me trêmula e cubro meu nariz latejante com uma das mãos. Ele esquenta enquanto Anassa começa a curá-lo. Uma mão se fecha em volta do meu ombro e eu me encolho instintivamente.

"Sou eu", diz Izabel, com as sobrancelhas escuras franzidas de preocupação.

"Tudo bem?"

"Tudo bem", confirmo, mesmo com sangue quente escorrendo pela minha garganta. "Devo ficar envergonhada?"

"Não", responde Izabel.

Resmungo. "Mortificada, então."

Ela solta uma risada surpresa, depois me oferece a mão e me ajuda a levantar. Nevah se aproxima e me dá um tapinha nas costas.

"Você cai como um Alfa", ela me diz com um meio sorriso. Então, acena para o meu rosto, para o meu nariz certamente pulverizado. "Isso também. Parece muito... autoritário."

Nevah tem se esforçado desde o Julgamento da Purificação e desde que a matilha decidiu me perdoar. Ela se senta conosco nas refeições em vez de procurar uma mesa solitária. Ela frequenta o salão comunal à noite e até começou a dormir com uma das mulheres Kryptos, ou pelo menos é o que Venna diz.

"Obrigada", digo a ela. "Posso quebrar o seu também, se quiser combinar com o seu Alfa. Tenho certeza de que será o novo visual da linha de frente."

"O treinamento acabou", Stark grita alto, afastando-se de Jonah. Suas mãos ainda estão cerradas. Os músculos estão tão tensos que ele parece prestes a se partir em dois. Ao passar por nós, ele rosna: "Alfa, meu escritório", sem nem olhar para mim.

Nós três o observamos partir por um momento, assim como todas as outras pessoas no pátio de treinamento.

Então cuspo um pouco de sangue na areia. "Se eu aparecer morto, vocês sabem quem caçar em sua dramática busca por vingança", digo às duas mulheres, e então me despeço mentalmente de Anassa.

Sigo Stark em silêncio, caminhando desajeitadamente pela trilha que ele abriu entre lobos e cavaleiros. Mantenho a cabeça o mais erguida possível, coberta de sangue, e me esforço para andar em linha reta. Não há espaço para pensar em quão patética provavelmente pareço aos olhos dos meus companheiros Rawbonds agora; estou ocupada demais me preparando para a repreensão de Stark.

Ele já está na minha cabeça, me dizendo que eu estraguei tudo gritando com Jonah, que eu deveria ter me preocupado com a minha própria matilha, que fiz papel de boba. Com qual crítica ele vai começar?

Nossas botas ecoam quando entramos. As mãos de Stark ainda estão firmes. Seus ombros estão praticamente na altura das orelhas. Há uma selvageria nele que pode significar que as críticas que vou receber serão desnecessariamente intensas.

Ele bate a porta do escritório atrás de nós com um estrondo e eu me encolho.

Eu queria não me importar. Eu queria poder ignorar tudo isso e agir como se nada pudesse me machucar. Mas quando Stark se vira para me olhar, é como se meu estômago fosse cair do meu corpo e cair no chão aos meus pés.

Ele me encara por um longo momento. Olha fixamente, na verdade, com seus olhos assustadoramente escuros.

Então seus ombros caem. Seus olhos se fecham. Eu o observo respirar fundo e sinto como se tivesse acabado de colocar algo frágil em minhas mãos desajeitadas sem nenhuma instrução sobre como não quebrá-lo.

O momento passa rápido, no entanto.

Seus olhos se abrem de repente e ele se junta a mim no meu lado do quarto. "Vire-se", ele ordena, e eu o faço.

Ele segura meu ombro brevemente e me força a dar um passo em direção ao espelho redondo que está ao meu lado.

Faço uma careta. Anassa pode ter curado meu nariz, mas ele está em um ângulo horrível. Meu rosto inteiro parece diferente, rearranjado pela violência de Jonah. Resisto ao instinto de estender a mão e tocá-lo. Resisto à ardência das lágrimas que brotam no fundo dos meus olhos.

Não é só vaidade. Quer dizer, é. Com certeza é. Mas também é...

Não sei quem sou, sussurra algo lá no fundo, olhando para o meu rosto refeito. Mas eu sei, não é? Ele chamou meu nome há poucos minutos. Alfa Meryn. É quem eu sou agora. É quem eu tenho que ser.

Acalmo minhas emoções e cerro o maxilar. "Acho que é isso que eu mereço, né?", digo, com a voz firme. Até mesmo desdenhosa. Estou me esquivando das críticas dele, tomando o controle antes que me machuque. "Sou um Alfa de merda."

"Sim", Stark responde instantaneamente.

Ai. Quer dizer, eu sei que é verdade, mas ouvir isso dos lábios dele dói mais do que eu jamais admitiria.

Minha voz vacila um pouco quando respondo: "Você não deveria estar me encorajando, instrutor?"

O sarcasmo não tem graça. Não consigo reunir a energia provocativa que costumo usar para minimizar a seriedade de tudo isso. Mas Stark não parece afetado. Ele fica parado atrás de mim e me encara através do espelho.

"Eu nunca vou mentir para você", diz ele, com a voz sombria, e as palavras se cravam fundo em meus ossos, cravando-se em minha medula. Assim como percebo que ele me odeia com frequência, que lhe dá prazer me quebrar... isso também percebo que é verdade.

Um pequeno arrepio me percorre e me viro para ele, desviando o olhar. Meu

ombro quase roça seu peito enquanto o faço. "Bem, então. Verdade", digo e toco minha bochecha brevemente, "quão ruim isso parece?"

Seu olhar sombrio percorre minhas feições. Ignoro os pelos da minha nuca se arrepiando. "É horrível", diz ele simplesmente.

Fechando os olhos, solto uma risada suave. É, ele não vai mentir para mim.

Gostaria de fingir que não me importo com a minha aparência. Que sou uma mulher guerreira e durona que não precisa se sentir bonita às vezes. Seria tão bom estar acima de qualquer senso de vaidade.

Ai, sou apenas humano. E, goste ou não, a aparência é importante aqui neste covil de víboras.

"Porra", digo baixinho. Abro os olhos e, com um sobressalto, percebo que Stark ainda está me encarando intensamente.

Há algo de indeciso em guerra em seu olhar. Então, ele diz: "Eu posso consertar, se você quiser. Mas vai doer."

Geralmente acontece, quando ele está envolvido. E qual é a alternativa, andar por aí com um repolho no lugar do nariz pelo resto da vida?

"Quebre de novo", ouço Anassa dizer através do elo. "Eu vou curar logo depois."

É isso. Endireito os ombros. "Me machuque então, Alfa Stark."

No momento em que as palavras saem, ele se aproxima de mim e meu corpo se ilumina com a consciência. Suas mãos calejadas e cheias de cicatrizes se fecham em volta dos meus ombros e me empurram para a cadeira frágil ao nosso lado. Deixo acontecer e olho para ele, meu olhar se fixando nas tatuagens em seu pescoço.

Ele é um corretor de dor.

Stark se aproxima. Seu joelho empurra o meu, abrindo-o, então ele se ajoelha no chão, aninhado entre minhas pernas para que nossos rostos fiquem na mesma altura. Minhas mãos apertam os braços, mas não por muito tempo — ele se abaixa e segura meus pulsos.

Ele puxa minhas mãos para o peito. Deixei acontecer, perdida demais naquele silêncio elétrico para resistir, pedir ou mesmo hesitar. Seu coração pulsa sob a minha palma.

"Segure-se em mim", ele diz, com a voz rouca. "Aperte firme, se precisar."

Minha garganta estala quando engulo em seco. Encaro minhas próprias mãos em seu peito. Então, inexplicavelmente, as movo para seus ombros.

Um apoio melhor, digo a mim mesma. Não tem nada a ver com a contração de seus músculos sob minhas palmas enquanto ele levanta as mãos em direção ao meu rosto.

Eu esperava que ele me quebrasse sem aviso. É o que ele faz no treinamento.

Socar meu nariz em linha reta não seria incomum. Mas isso não acontece. Ele está sendo quase... gentil.

Que porra está acontecendo agora?

"Respire fundo", ele diz baixinho, encontrando meus olhos. "Um, dois, três."

E ele quebra meu nariz de volta no lugar.

Lágrimas brotaram imediatamente dos meus olhos, espremidas enquanto todos os meus músculos se contraíam em resistência. Minhas unhas cravam em sua pele com força suficiente para tirar sangue, mas Stark nem se mexe. Ele me deixa atacá-lo, devolvendo um pouco da dor que ele acabou de me causar.

Porra, dói. Porra, porra, porra.

Pior, de alguma forma, do que quando foi quebrado pela primeira vez, talvez porque eu não tenha adrenalina para compensar a agonia.

Mas assim que acontece, acaba. Anassa imediatamente cura a fratura e a dor diminui.

Eu fungo e olho para cima. Stark está me observando, sua expressão tão inflexível quanto a parede de Anassa em seu pior momento. Estupidamente, eu queria saber o que estava passando pela cabeça dele. Se ele sentiu que algo mudou entre nós também.

Talvez ele esteja apenas tentando esconder o quanto gostou disso.

Stark não diz nada até estar do outro lado do escritório e quilômetros de distância se estabelecerem entre nós. "Você precisa melhorar", ele diz.

Ainda irritada, então. Eu me esforço para encontrar energia para controlar meu choque emocional. "É o que você continua me dizendo", eu retruco.

Stark se vira para me olhar. Sua testa está franzida. "Ser Alfa significa que você está no comando agora. Daegan é um instrutor, mas você ainda está no comando. Ele é o seu Gama. Ele se reporta a você."

"Você acha que eu não sei disso?"

"Acho que você não entende que bons líderes são capazes de aprender com seus subordinados", ele responde friamente. Isso me cala na hora. "Eu sei que a dinâmica de poder é desconfortável porque você precisa que ele te ensine, mas você também precisa se acostumar a dar instruções a ele. Diga a ele o que você precisa e seja claro sobre isso. Não espere que ele lidere você ou o resto da matilha. Não enquanto você estiver por perto."

Ele permite um longo silêncio durante o qual suas palavras se prendem aos meus tornozelos e me puxam para baixo como uma âncora. Mas pelo menos não estou mais à deriva.

"Isso é algo importante para você aprender como Alfa", ele continua. "Se você não conseguir dominar isso, sua matilha vai se desfazer. Você consegue?"

A pergunta dele exige uma resposta séria. Em casa, na lavanderia, eu

basicamente cuidava das coisas, apesar dos outros funcionários serem mais velhos e muito mais experientes. O lugar precisava de alguém para assumir o fardo de manter as coisas organizadas, e eu não tive problemas em assumir essa função quando necessário. Tudo o que eu precisava fazer era encontrar um equilíbrio entre dar ordens e ser gentil.

Com certeza, o mesmo se aplica aqui.

"Sim", digo finalmente. "Eu consigo fazer isso."

Stark se endireita. "Ótimo", diz ele secamente. "Você está dispensado."

Ele começa a olhar as mensagens em sua mesa. Passo a ponta dos dedos pelo meu nariz endurecido e me dirijo à porta do escritório. Algo inesperado me faz parar e olhar para trás, no entanto. Ele está debruçado sobre a mesa, com a expressão impassível, uma mecha escura de cabelo caindo sobre a testa.

"Obrigada", digo abruptamente. "Pelo conselho. E pelo... nariz."

Ele não levanta a cabeça nem olha para mim, o que é uma bênção, porque tenho certeza de que meu rosto está vermelho como o inferno.

Não sei que porra foi aquela. Nunca agradeci ao Stark antes. Nunca pensei que seria grata por qualquer coisa que ele pudesse fazer comigo.

Por mim, quero dizer.

Na verdade, eu tinha quase certeza de que ele tinha uma parede de assassinato com cem desenhos do meu rosto, com os olhos todos riscados.

Ele levanta a mão em reconhecimento, a única indicação de que me ouviu, e eu saio, tentando ignorar a estranha decepção que corre em minhas veias.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

O treinamento de alfa com Stark continua a passar com uma lentidão meticulosa. Cada dia é uma batalha. Ele parece ter grande satisfação em me mandar para casa machucada e exausta.

Mas não é à toa.

Por mais que eu odeie admitir, ele sabe o que está fazendo. Há um método em sua brutalidade implacável.

Às vezes eu o odeio. Stark não hesita em me chutar quando estou no chão — literalmente — na verdade, ele parece adorar aproveitar cada oportunidade para fazer isso. Mas depois de três semanas de suas aulas diárias, estou mais forte mental e fisicamente. Meu corpo está fortalecido pelas horas e horas de treinamento de luta, minha mente aguçada pelo estudo tático interminável.

Na verdade, sou grato a ele — não que eu diria isso. Estou começando a me sentir como um Alfa. Ou pelo menos como se houvesse alguma esperança de que eu possa realmente cumprir esse papel.

Hoje, me saí bem durante quase toda a aula. Mas Stark é significativamente mais forte do que eu, tem anos de experiência em batalha e sua resistência é insana.

Minha única vantagem física é a velocidade — e não é grande. Ele é muito mais rápido do que um homem do seu tamanho tem o direito de ser.

Minha outra vantagem são os truques sujos que aprendi lutando nas arenas. No entanto, não tive muitas oportunidades de usá-los. As habilidades superiores de Stark me mantiveram quase sempre na defensiva.

Mas hoje, depois de uma hora de combate corpo a corpo selvagem, ele começa a fraquejar.

É sutil — só percebo porque me familiarizei profundamente com a maneira como ele se move. Não há hesitação em seus ataques, mas ele não está atacando

com tanta força e rapidez quanto antes.

Ele está suando, corado, o rosto contorcido em uma carranca de intensa concentração.

Pela primeira vez desde que começamos esta rotina, ele está se aproximando do seu limite. O que significa que tenho uma oportunidade que pode nunca mais aparecer.

Imitei seus movimentos lentos, projetando minha própria exaustão. Deixando-o pensar que estou perdendo o controle.

E, de repente, ele me deu uma oportunidade.

Em um flash de adrenalina, eu me jogo no chão e afasto suas pernas de baixo dele, rolando sobre seu peito enquanto ele aterrissa.

Suas mãos agarram meu joelho enquanto o pressiono contra sua garganta. Ele poderia me derrubar, mas se fosse uma luta de verdade, eu já teria esmagado sua traqueia.

Ele está caído. Derrotado.

Há um breve momento de choque — meu e dele — enquanto olho em seus olhos.

Então, sua mão aperta meu joelho, meu corpo hiperconsciente do contato. Ele acaricia minha perna com o polegar e faíscas quentes explodem pelo meu corpo. Estou faminta por contato físico que não seja brutal, lembro a mim mesma; Killian e eu continuamos mantendo a castidade até que eu consiga descobrir como Anassa quer lidar com o vínculo.

Enquanto estou distraída com a sensação, ele puxa meu joelho para o lado e eu caio para a frente, o ápice entre minhas coxas roçando perigosamente perto de sua boca.

Rolo para o lado o mais rápido que posso, caindo no chão ao lado dele. O ar se enche com os sons gêmeos de nossas respirações irregulares.

"Eu venci você", ofego, fingindo que não perdi completamente o controle no final.

"Você venceu", diz ele, me deixando vencer.

Estranhamente humilhada e triunfante ao mesmo tempo, levanto-me e ofereço minha mão a ele.

Os olhos de Stark se estreitam, mas não há raiva neles. Nenhum orgulho também — não que eu esperasse algum. Há algo, no entanto. Um brilho de emoção complexo demais para entender.

Ele ignora minha mão e se levanta sozinho.

"Terminamos por hoje", diz ele, virando-se rapidamente. "Você está dispensado."

Saio do escritório dele exausta e dolorida, mas exultante. Estou progredindo

— um progresso significativo, significativo.

Pela primeira vez desde que entrei neste mundo, não estou totalmente insegura quanto às minhas chances de sobrevivência. Ainda tenho um longo caminho a percorrer, mas minhas perspectivas parecem muito melhores do que antes, graças ao Stark.

Que pena que ele é um babaca, penso, voltando para o meu quarto. Seria bom vê-lo como um aliado. Afinal, deveríamos fazer parte de uma grande matilha.

Mas tanto faz. Não preciso fazer amizade com ele para conseguir o que preciso. Não tenho certeza se Stark é capaz de ter amizade, de qualquer forma. Ele é basicamente uma máquina de guerra ambulante. E não me passou despercebido que sua atitude maliciosa em relação a mim tem sido um grande fator motivador para o meu desempenho.

Se ele fosse mais gentil, eu provavelmente não teria chegado tão longe tão rápido.

Meus pensamentos sobre Stark se dispersam quando entro no meu quarto e o encontro ocupado.

"Oi", digo com um sorriso enquanto Killian se levanta da minha mesa.

Seu rosto imediatamente escurece ao ver meus hematomas. Ainda há sangue no meu lábio, mesmo que Anassa tenha me curado. Preocupação e raiva guerreiam em suas belas feições enquanto ele se aproxima e toca meu rosto com cuidado.

"Aquele babaca de merda", ele rosna. "Ele precisa mesmo fazer isso com você todo dia?"

Eu sorrio. "Valeu a pena. Eu o derrotei hoje pela primeira vez."

Killian suspira, os lábios se curvando em um sorriso pesaroso. "Parabéns. Embora eu desejasse que sua vitória não exigisse tanto sangue."

Os poderes de cura de Anassa não fazem muito bem para meus hematomas ou dores musculares, então Killian ainda cuida de mim, esfregando tinturas curativas em minhas feridas. Eu sorrio e me sento na cama enquanto Killian pega o kit de remédios familiar do meu guarda-roupa. Ele se senta ao meu lado e começa a cuidar dos meus ferimentos com cuidado experiente.

Isso se tornou nosso ritual. Stark me bate, Killian me costura novamente. Isso tornou todo o processo muito mais fácil, sabendo que Killian estará aqui para me acalmar depois das lições de Stark.

O toque de Killian é leve como uma pena contra minha carne machucada e, apesar das dores, um calor percorre meu corpo.

Não aguento mais. Estas últimas semanas têm sido torturantes.

"Posso ter um pouco de privacidade, por favor?", pergunto a Anassa. "Estou

morrendo aqui. Não vou te bloquear se achar que não consigo fazer direito, mas talvez você possa erguer a parede do seu lado de uma forma que seja satisfatória para você?"

Há um longo silêncio e então finalmente ela diz: "Tudo bem". Sinto uma leve pressão na minha cabeça enquanto ela ergue a parede, e tento projetar gratidão através dela.

Quando Killian se inclina para examinar o local onde meu lábio havia se partido, encontro sua boca com a minha. O beijo se inflama, com gosto de cobre e desejo. À medida que se aprofunda, meu corpo responde com uma onda escaldante de excitação impulsionada pela adrenalina persistente e pelo triunfo da minha luta com Stark — sem mencionar aquela estranha centelha de desejo que eu senti.

Killian se inclina para o beijo com urgência, mordendo meu lábio superior e, em seguida, saqueando minha boca com a língua.

Sinto todas as dores no meu corpo enquanto ele começa a me despir, mas, de alguma forma, elas só alimentam o desejo. Estou febril — primitiva.

Impaciente, puxo Killian bruscamente para a cama, subindo em cima dele, nós dois ainda meio despidos. Me esfrego contra ele, minha roupa íntima já úmida. Encontrando seu olhar, passo a língua lentamente pelo meu lábio inferior.

Kilian geme ao ver isso e, em seguida, nos vira para ficar por cima, prendendo meus braços no colchão. Sua boca desce para meus seios, os dentes roçando um mamilo antes de morder o outro, e eu vejo estrelas.

Empurro meus quadris, procurando por fricção, precisando daquela pressão dele contra mim. Killian apenas me pressiona contra o colchão, me olhando com diversão. "Precisa de alguma coisa, gatinha?"

Sem muita vontade, me contorço contra seu abraço. "E se... você me deixar assumir o controle esta noite?", digo, com a boca seca ao ver o olhar dele.

"Eu vou cuidar bem de você", rosna Killian, movendo uma das mãos até meus quadris e arrancando minhas roupas restantes, em seguida, me provocando com os dedos, primeiro um, depois dois, empurrando implacavelmente em meu calor escorregadio.

Com o alongamento do seu toque tão profundo dentro de mim, o calor se espalha pelo meu abdômen, e eu movo meus quadris sem pensar. Perco a fala por um momento quando ele curva os dedos exatamente naquele ponto que eu gosto.

"Deusa, Killian", gemo, e então grito quando seu polegar encontra meu clitóris, girando sobre o feixe sensível de nervos enquanto um terceiro dedo se junta aos outros dois dentro de mim.

"Boa menina", diz Killian rudemente, distribuindo beijos e mordidas ao

longo da minha clavícula, subindo pela coluna do meu pescoço.

Usando um movimento dos ringues de luta, engancho um joelho em volta de Killian e nos viro de volta, saboreando a sensação de poder enquanto nos reposiciono na cama. Ele observa, divertido, minhas mãos agarrando o laço de suas calças, provocando o calor intenso dele enquanto tiro o resto de suas roupas, pronta para montá-lo até encontrar minha satisfação.

Killian me deixa deslizar suas calças por suas pernas, mas então, enquanto subo novamente, ele envolve a mão em meus cabelos, puxando meu rosto para cima até que estejamos nos olhando diretamente nos olhos.

Eu gemo ao sentir meu cabelo firmemente preso nos dedos de Killian, seu aperto firme o suficiente. Um dos movimentos característicos de Killian na cama, a familiaridade e a promessa na sensação de sua mão em meus cabelos me deixa ainda mais molhada até que eu esteja pingando por ele.

"Use sua boca, gatinha", ordena Killian, puxando meu rosto em direção ao seu pau. Eu afundo avidamente, envolvendo a mão em volta da base enquanto provoco a ponta com a minha língua, amando o jeito como seus quadris se movem involuntariamente com a sucção suave da minha boca.

Lentamente, com segurança, eu o coloco em minha boca o máximo que posso. A cabeça grossa de seu pau atinge o fundo da minha garganta, e eu gemo em volta dele com a sensação. Killian responde com um gemido próprio, então usa sua pegada no meu cabelo para me mover para cima e para baixo em seu eixo, meus lábios fazendo um estalo lascivo enquanto se esticam ao redor da cabeça e então empurram de volta para baixo para levá-lo mais fundo.

Eu lambo a base do seu pau enquanto o levo cada vez mais fundo, gemendo incontrolavelmente, lágrimas ardendo em meus olhos enquanto ele empurra de volta para dentro da minha boca. Justo quando penso que não consigo mais ir mais fundo, Killian arranca minha cabeça dele e me puxa para cima, posicionando meus quadris acima dos dele e então me puxando para baixo em um movimento brusco.

Eu grito, a plenitude requintada é tão intensa que é quase dor. Killian não me dá tempo para me ajustar, apenas usa sua pegada nos meus quadris para me puxar para cima e depois para baixo bruscamente, mais fundo do que eu imaginava ser possível.

Estou montada nele, como eu queria, mas o ritmo punitivo é demais para mim, não consigo encontrar o ritmo. Em vez disso, deixei Killian me mover, para cima e para baixo em seu comprimento até que eu estivesse balbuciando seu nome, implorando, dizendo não sei o quê, palavras sem significado, enquanto ele me deixava louca.

Enquanto eu desmorono em cima dele, Killian me solta também, aquele

controle de aço desaparecendo por um instante enquanto ele me penetra uma última vez, encontrando seu alívio.

Nenhum de nós diz nada depois, apenas nos enrolamos um no outro na cama, deixando a respiração e os batimentos cardíacos desacelerarem. Tento me permitir relaxar, sabendo que momentos com Killian podem ser raros depois que eu me formar e precisar ir para a frente de batalha. Tento me concentrar em seu corpo quente pressionado contra o meu e na superfície firme de sua barriga sob meu toque preguiçoso.

Mas, como todas as vezes que fechei os olhos nas últimas semanas, uma imagem familiar surge em minha memória: aquele objeto de metal brilhando no ralo da arena.

Droga. O que era aquilo? E por que eu continuo acordando justamente ali? Será que é só a minha ansiedade em relação às Provas ganhando vida nos meus pesadelos?

Sei que há uma boa chance de que o que quer que eu esteja vendo seja outra ilusão, assim como os gritos que ouvi ou a escultura sob a tapeçaria.

A imagem não me abandona. Preciso descobrir se é real.

"Killian?", arrisco, tentando manter o tom casual. "Você sabe alguma coisa sobre a arena Rawbond? Tipo, o que tem embaixo dela?"

Ele emite um zumbido sonolento, uma das mãos traçando círculos sem rumo nas minhas costas. "Embaixo? Só o sistema de drenagem, eu presumo. Por quê?"

Dou de ombros. "Eu estava me perguntando se há passagens secretas e coisas assim lá também."

Ele emite outro zumbido contemplativo. "Pode ser. Este lugar é antigo — há muita coisa que eu não sei sobre ele, mesmo depois de viver aqui a vida toda. O castelo tem segredos que provavelmente nunca descobrirei."

Algo em seu tom me incomoda. Apoio-me em um cotovelo, estudando seu rosto. Mas não há nada de incomum ali. Ele parece satisfeito e um pouco sonolento.

O castelo tem segredos que provavelmente nunca descobrirei.

Estranho. Ele é o príncipe herdeiro — não deveria ter acesso a todas as partes do castelo? Não deveria conhecer todos os seus cantos e recantos?

Talvez o pai dele esteja escondendo coisas dele. Quanto mais conheço o Rei Cyril, menos confio nele.

"Qual é o problema?", pergunta Killian, levantando uma das mãos para acariciar minha bochecha.

"Nada", respondo, forçando um sorriso. "Só estou cansada."

Cansada das merdas do seu pai. Eu sei que Killian não tem o mínimo de amor pelo rei, mas também... é o pai dele. A família é um ponto cego para todos

nós. Se é possível que o rei esteja escondendo algo de Killian, será que Killian gostaria de saber?

Kilian me beija e se veste, voltando para seus aposentos para cuidar de alguns de seus deveres reais. Enquanto isso, minha mente gira.

Ele desaparece pelo guarda-roupa, e minha mente gira.

Eu também me visto, e minha mente gira.

Quanto mais penso nisso, mais certeza tenho de que o rei tem segredos. E eu sei exatamente como descobri-los.



Venna não está em lugar nenhum. Ela não está com Izabel na antecâmara de Strategos, nem no salão comunal dos Rawbonds. Ela não está na antecâmara de Kryptos — e quando espreito lá dentro, um dos recrutas Kryptos diz, irritado: "Vocês precisam parar de entrar aqui!"

Venna é um fantasma. Rawbonds Kryptos são treinados para se mover sem serem vistos — e aprendem essas lições rapidamente.

Segui-la pelo castelo é desafiador, mas, por fim, a encontro em um dos pátios menos utilizados da estufa. O espaço sombrio é menor do que a maioria dos outros e um pouco menos cultivado. Os antigos muros de pedra estão cobertos de hera. Os brotos selvagens pingam dos caramanchões e percorrem as bordas do caminho de paralelepípedos.

Venna está sentada em um banco de pedra desgastado perto da fonte central, conversando animadamente com outro Rawbond Kryptos. Eles sinalizam com as mãos ocasionalmente. Venna rapidamente percebeu o quão útil era para um Kryptos conhecer uma linguagem que pudesse ser falada com as mãos em vez da voz, e tem ensinado a todos os outros Kryptos Rawbonds um pouco de linguagem de sinais.

Venna diz algo sobre treinamento quando me aproximo. Então, o outro Kryptos me vê chegando, sinaliza "Tchau" e sai correndo.

Isso tem acontecido muito ultimamente. Ainda não sou popular entre os Rawbonds. Não sei se é porque se espalhou a notícia de que deixei meu lobo gigante do lado de fora na noite do baile, ou porque estou dormindo com o príncipe herdeiro, ou simplesmente porque sou uma Alfa agora. Talvez os três.

Venna se vira para me olhar e percebo que ela está catalogando os detalhes da minha aparência — os hematomas recentes do treinamento, o nervosismo na minha postura, o leve inchaço do meu lábio recém-cortado.

"Preciso da sua ajuda", digo a ela. Então me aproximo, olhando ao redor para

me certificar de que não há mais ninguém por perto, ouvindo. Ainda não sei linguagem de sinais o suficiente para fazer isso com as mãos, embora eu realmente desejasse não estar prestes a dizer isso em voz alta. "Acho que o rei está escondendo coisas do Killian. Coisas importantes. Sobre o castelo, talvez."

Suas sobrancelhas se erguem em questionamento, depois se abaixam novamente enquanto sua expressão se torna calculista. "Cuidado. Essa é uma linha de pensamento perigosa."

"Eu sei", digo, "mas tenho a sensação de que algo está errado aqui. Preciso de alguém que possa observar sem ser visto. Alguém que perceba tudo."

Venna sorri, um pouco de orgulho transparecendo por eu ter reconhecido suas habilidades.

"Acho que você tem razão", diz ela, com a voz grave. "Notei padrões nas sombras do castelo. Servos se movendo em horários estranhos. Portas que deveriam estar abertas, mas estão trancadas. Sons que não correspondem a nenhuma das operações normais do castelo."

Fico aliviada por ter a confirmação dela de que algo está errado, mas as implicações me dão um arrepio na espinha.

Quando estou prestes a pedir mais detalhes, ouço passos arrastados atrás de mim.

"Alfa Cooper?"

Viro-me e vejo um dos mensageiros do castelo se aproximando. Ele me estende uma carta lacrada. "Mensagem urgente da frente."

Com o coração acelerado, abro a carta cuidadosamente lacrada, reconhecendo a letra de Egith.

A mensagem é curta. Enquanto leio, o papel começa a tremer em minhas mãos.

A última linha se agiganta em minha visão.

"Podemos ter localizado as crianças desaparecidas."

OceanofPDF.com

CAPÍTULO QUARENTA

De volta ao meu quarto, todos os pensamentos sobre os mistérios sob a arena são esquecidos. Minha mente dispara enquanto enfio roupas e suprimentos na mochila, com a mensagem de Egith queimando em meu bolso.

Houve possíveis avistamentos de crianças perto do posto avançado de Grunfall, na linha de frente. Egith não deu mais detalhes, mas as implicações...

Será que Saela está entre elas?

Através do nosso vínculo, Anassa tenta projetar calma, mas meus pensamentos giram em espiral com intensidade crescente.

Talvez eu nunca tenha outra oportunidade como esta. E não posso confiar em mais ninguém para dar continuidade ao resgate de Saela. Sei que há soldados excelentes e experientes e Elos na linha de frente — melhores do que eu, sem dúvida. Mas não confio em ninguém além de mim para cuidar da segurança da minha irmã.

Preciso chegar lá — rápido.

"Vai a algum lugar?"

A voz arrastada de Stark vinda da porta atrás de mim não é suficiente para me tirar dos meus preparativos quase frenéticos. Nem me viro para olhá-lo.

"Egith me enviou uma mensagem", digo, enfiando o kit de curandeira na mochila. "Estou indo para Grunfall."

"Grunfall?", ele repete. "Para a frente? Sozinho? Acho que não."

"Não estou pedindo permissão", resmungo enquanto fecho a mochila.

A voz de Stark se aprofunda com a raiva. "Você é um Alfa, Cooper. E ainda em treinamento. Não pode sair correndo sem proteção."

O tom perigoso me deixa irritado. Finalmente, me viro para encará-lo, com a raiva à flor da pele.

"Não preciso de proteção nenhuma", retruco. "Estou treinando com você há

semanas. Ou você esqueceu como eu te coloquei de costas hoje de manhã?"

Seu rosto fica tenso. Ele entra no meu quarto, preenchendo o pequeno espaço com sua presença imponente.

"Você me derrubou uma vez", ele rosna, "e acha que isso te torna invencível? Alfa ou não, você ainda é um recruta. Os Sifões vão te sentir a quilômetros de distância — e eles adorariam capturar um Alfa."

Algo dentro de mim endurece quando o encaro. É a mesma sensação que tive quando estava torturando aquele Nabber. Nada vai me impedir de salvar minha irmã — nem mesmo Stark.

"Você vai ter que me derrubar se quiser me impedir", digo com uma voz fria e mortal.

A expressão de Stark muda, lendo meu rosto. Seu maxilar se contrai. Os olhos castanho-escuros se estreitam com um olhar calculista. O silêncio se estende entre nós, vibrando com a ameaça de violência.

"Você não vai sozinho", ele resmunga. "Eu vou com você."

Choque e fúria me percorrem. "Ora, você vai!"

"Não é um pedido", diz ele em um tom de comando inflexível. "Converse com seu lobo sobre isso. Aposto que Anassa concordará comigo."

Eu a alcanço. "Não me foda assim, Anassa", sibilo. "Não podemos confiar nele."

Ela rosna, e soa como uma risada. "Claro que podemos, ele é um Alfa. Eu já decidi. Ele e Cratos virão conosco, para sua segurança."

Anassa parece muito satisfeita por estar me ignorando com esse chamado. "Traidora." Cratos provavelmente me comerá de lanchinho quando estiver com fome.

Meu olhar se volta para Stark e eu franzo a testa. "Tanto faz. Venha conosco ou não, só não atrapalhe."

Não consigo pensar em nada além de chegar à frente o mais rápido possível.

Stark convoca um servo para reunir seus suprimentos de viagem e nos encontrar nos portões. Estamos prontos para partir em menos de uma hora.

Enquanto montamos em nossos lobos e o portão do castelo se abre, sinto uma breve pontada de culpa. Deixei um bilhete no meu quarto para Killian explicando tudo e prometendo que voltaria em uma semana. Ele vai ficar preocupado, mas não há tempo para se despedir.

Não há tempo para discutir sobre o que estou fazendo.

Apesar do que eu disse a Stark, sei que isso é imprudente. Sei que é perigoso — a coisa mais perigosa que já fiz, o que já diz muito. Mas não tenho escolha.

Se eu perder essa chance e Saela morrer — se eu nunca mais a vir porque esperei demais...

Afasto esse pensamento. Vou encontrá-la. Custe o que custar.

Deixamos as muralhas do castelo para trás sem olhar para trás, nossos lobos se movendo em sincronia treinada, suas patas enormes devorando a distância com uma velocidade sobrenatural.

Stark e Cratos assumem a liderança a princípio, nos guiando por uma larga estrada de terra que se desvia da cidade e nos leva para a natureza selvagem das montanhas.

Este é o caminho que as tropas seguem para chegar à linha de frente. É proibido para plebeus, então não há nada que diminua nosso ritmo. Abaixo a cabeça e me inclino sobre o corpo de Anassa enquanto sua velocidade aumenta. Mesmo em meu estado de concentração desesperada, o ritmo é estimulante. Nunca nos movemos tão rápido antes, mesmo durante as Provas.

O que é bom. A cavalo, a jornada até o front leva duas semanas. Nesse ritmo, podemos chegar lá em dois dias — se não tivermos problemas.

Olho para a esquerda. Stark e Cratos acompanham o nosso passo com uma facilidade desconcertante, movendo-se como uma criatura com dois corpos.

Stark me observa atentamente. Não sei o que ele está pensando, mas a ferocidade do seu olhar me irrita. Talvez ele espere que eu me afaste a qualquer momento e tente deixá-lo para trás. Ou talvez ele apenas espere que eu caia do meu lobo gigante como a novata que supostamente sou.

De qualquer forma, a tensão crepita no ar entre nós. Anassa se irrita, irritada com a minha resistência em tê-lo aqui.

"Seja grata", ela rosna em minha mente. "Você não entende os perigos que nos aguardam."

Talvez ela tenha razão, mas estou ficando realmente cansada do Stark e da sua condescendência maliciosa. O fato de ele duvidar tanto de mim a ponto de estar disposto a me seguir até a linha de frente como uma espécie de babá me faz arder de ressentimento.

Que porra ele se importa se eu morrer? O homem me odeia.

Talvez ele só queira estar lá para ver acontecer, penso sombriamente.

Anassa se irrita novamente. Ela não diz nada, mas seu julgamento é claro e nítido. Ela acha que estou sendo infantil — e ignorante.

Eu a ignoro, concentrando-me no caminho à frente. Não se trata de Stark nem de qualquer outra pessoa.

Trata-se de Saela.

Em poucos minutos, nosso ritmo alucinante nos leva para longe da vista da cidade. Assim que as torres do castelo desaparecem atrás da linha das árvores, Stark diz: "Se você vai ser imprudente, pelo menos deixe-me mantê-lo vivo."

Olho para ele com um sobressalto. Há preocupação em sua voz?

Ele encontra meu olhar com a intensidade carrancuda de sempre, mas não há malícia nele. Nenhuma condescendência. Quase como se tivesse adivinhado o que aconteceu entre mim e Anassa agora mesmo e estivesse tentando... o quê? Me tranquilizar?

Que porra é essa?

Felizmente, sou poupada de ter que responder porque Anassa acelera. De repente, o ar passa com tanta violência que é impossível falar.

Graças à deusa.

Deixo os pensamentos sobre Stark de lado e me concentro no caminho à frente. É mais difícil do que eu esperava. Estou ciente de seu lobo correndo ao nosso lado.

Concentro-me no objetivo, digo a mim mesma, com o olhar fixo no caminho sinuoso pela floresta à nossa frente. Ele nos leva das montanhas, passando pelos contrafortes e chegando ao vale extenso e arborizado abaixo.

Já estamos na estrada há algumas horas quando o vento começa a soprar, nos castigando apesar das velocidades anormais de Anassa e Cratos. Olho para Stark e vejo que ele ajustou o assento, afundando-se ainda mais no pelo do pescoço e das costas de Cratos até que eles quase pareçam uma única criatura mítica. Eu faço o mesmo, me aconchegando em Anassa, e sinto sua centelha de aprovação.

Não é cedo demais, porque logo depois, flocos grossos começam a cair. O vento os joga no meu rosto, pela gola do meu casaco, pequenas pilhas de neve se acumulando nas juntas das minhas roupas e derretendo em jatos gelados de água que umedecem minhas roupas sob as minhas roupas de couro.

Os flocos se transformam em camadas de neve, e eu paro de tentar limpá-los — é inútil, neste momento. A nevasca está tão furiosa que mal consigo ver Stark e Cratos através da neve, mesmo estando a poucos passos de distância.

Um pouco da minha dúvida e preocupação atravessa o vínculo, e Anassa retorna com uma irritação afetuosa.

Ok — ela não está preocupada. Isso me faz sentir um pouco melhor.

Pressiono meu rosto contra o pelo do pescoço de Anassa até que os flocos não consigam me alcançar, cruzando meus braços sob mim e pressionando-os contra o pelo dela até que todas as minhas partes mais vulneráveis estejam escondidas dos elementos. Não é a maneira mais confortável de cavalgar, mas pelo menos não vou congelar.

Estamos perto de Linsfall pouco antes do anoitecer — ou pelo menos acho que estamos, é difícil dizer as horas com toda essa neve. Sinto um pequeno alívio quando vejo as luzes do feudo através das árvores à frente.

Este é o ponto médio; diretamente ao sul do centro da cidade de Linsfall, dentro dos limites do feudo, há um posto avançado onde tropas e soldados

podem montar acampamento e descansar antes de fazer a segunda metade da jornada para o front.

O tempo ainda está forte demais para montarmos nossas barracas. Levanto a cabeça para observar Stark, possível novamente, já que a neve diminuiu um pouco. Ele não olha para mim, seu foco está fixo nas muralhas da cidade das quais nos aproximamos rapidamente.

Uma parte estúpida de mim não quer parar. A urgência que senti ao ler a mensagem de Egith não diminuiu, e os lobos provavelmente poderiam continuar por mais algumas horas.

Mas meu cérebro racional sabe que isso seria idiota com este tempo. Meu corpo queima de exaustão e frio, minhas coxas doem por causa do aperto nas costas de Anassa. Nunca a montei por tanto tempo antes e isso está fazendo meus músculos gritarem. Minhas costas estão sensíveis onde a umidade da neve penetrou e minhas roupas úmidas roçam no meu couro.

Linsfall é uma cidade antiga, como Sturmfrost, construída em pedra e madeira. Stark nos guia até uma guarita construída na muralha espessa que circunda a cidade, e milagrosamente ainda há um porteiro de guarda lá, embora eu não saiba quem ela pensava que conseguiria chegar a Linsfall através de toda essa neve.

Observando-a conversar com Stark, percebo — nós. Eles provavelmente estão prontos para que os Elos apareçam, não importa o que aconteça, que se danem as condições climáticas.

Dentro das muralhas, os cheiros e sons da cidade me lembram de casa em Sturmfrost, embora tudo esteja abafado pela pesada camada de neve. Quase ninguém está nas ruas, sabiamente optando por ficar em casa durante o pior tempo.

Stark nos guia pelas ruas que escurecem, dobrando esquinas com confiança e escolhendo caminhos sem nunca precisar parar para refletir sobre o caminho.

Anassá e eu seguimos em silêncio, fora de nosso alcance. Viajar hoje, chegar aqui, me fez perceber o quão grande este mundo é e o quão pouco dele eu conheço.

Bem quando meus músculos estão com tanta cãibra que acho que vou cair de Anassa, Stark vira outra esquina e desce de Cratos, suas botas afundando na neve até a metade da panturrilha.

Ele nos levou a uma pousada, e eu desmonto aliviada, apenas para ter minha atenção voltada para a praça principal à frente.

"Me dá um segundo", digo a Stark, e saio sem responder.

Atravesso a neve cada vez mais profunda, com Anassa atrás de mim, e o bloco se esvazia em um grande espaço vazio, com o chão estranhamente liso

devido à neve intacta.

No centro da praça está a famosa e enorme estátua de pedra. A Deusa Sem Rosto.

Mesmo no crepúsculo, no meio de uma nevasca, sua forma chama a atenção. A estátua é esculpida em uma única peça brilhante de pedra branca que se mistura misteriosamente com a neve, tornando toda a cena surreal.

Ela parece quase viva, apesar dos sinais de séculos passados que marcam a pedra de alabastro. Ela se curva em uma pose de cuidado maternal, com as mãos estendidas como se estivesse em oferenda. Embora seu rosto seja suave e sem traços característicos, desgastado e irreconhecível por anos de peregrinos o tocando, sua postura sugere poder e graça.

Anassá também parece cativada. Ela para do lado de fora da praça, sem protestar enquanto me aproximo da estátua, tentando vê-la melhor.

"Deveríamos ir para a estalagem", diz Stark atrás de mim.

Eu o ignoro. Uma estranha atração me atrai para a estátua, levando meus pés pela praça quase sem a minha participação. A aprovação de Anassa me percorre através do nosso vínculo, como se fosse certo eu ir saudar a imagem da deusa.

Stark me chama, com a voz carregada de irritação. "Não me diga que você acredita nessa bobagem de plebeu."

Mais uma vez, eu o ignoro. Nunca fui religioso, mas de alguma forma isso não parece relevante.

Enquanto estou aos pés da estátua, olhando para aquele rosto sem feições, me pergunto quem ela era. Sempre me pareceu estranho que alguém venerasse uma divindade sem nome e sem rosto, cuja história se perdeu no tempo, e ainda assim um ar de reverência silenciosa me invade.

Para a maioria dos plebeus, o rei está mais próximo de uma divindade do que da deusa, mas ela ainda é invocada em orações — ou como uma maldição. Existem pequenas seitas religiosas pelo país dedicadas a ela, com milhares de membros. Temos um pequeno templo dedicado a ela em Sturmfrost, mas eu nunca estive lá.

Esta estátua é conhecida em toda Nocturna, no entanto. Eu não fazia ideia de que vê-la pessoalmente evocaria um sentimento tão forte e potente em mim.

Sem pensar, viro-me para Stark por cima do ombro. "No que você acredita?"

Ele franze a testa como se a pergunta o surpreendesse, então seus lábios se estreitam em sombria desaprovação. "A única coisa em que acredito com certeza é a morte. Ela vem para todos nós."

Riso suavemente, sem humor, voltando-me para encarar a deusa mais uma vez. "Certo. Todos nós, exceto os Sifões."

"Eles não são imortais", diz ele. "Podem viver por milhares de anos, mas

podem morrer como o resto de nós. Você verá."

Estendo a mão para tocar as mãos estendidas da Deusa Sem Rosto. Estranhamente, elas estão livres da neve pesada, como se houvesse algo dentro delas as aquecendo. Objetos repousam em suas mãos — oferendas deixadas pelos moradores de Linsfall. Moedas, frutas e flores secas. Feixes de ervas amarrados com fitas coloridas.

Essas são as preces do povo, penso eu, algo como tristeza brotando dentro de mim. Súplicas para que a deusa os abençoe, os salve. Proteja seus entes queridos.

“As pessoas pensam que a Deusa Sem Rosto criou os humanos”, reflito em voz alta. “Que foi ela quem nos deu a vida. Acreditam que, se rezarem com bastante afinco, ela corrigirá o desequilíbrio em nosso reino e tornará a vida melhor para os plebeus novamente.”

Há uma pausa, então Starks pergunta: “E você? Reza para ela, esperando que ela faça isso?”

Riso novamente — uma breve e cínica luva. “Não”, murmuro sombriamente. “Eu sei que não. Se a Deusa Sem Rosto algum dia existiu, suspeito que ela nos abandonou há muito tempo. Se queremos que as coisas melhorem, temos que fazer isso acontecer nós mesmos.”

Mesmo assim, algo naquela figura me chama. Estendo a mão para ela novamente, dedos enluvados deslizando pela pedra lisa. Parte de mim reconhece que está congelando agora, mas, estranhamente, não sinto frio.

Pela primeira vez na vida, fecho os olhos e rezo, pensando em Saela. Pensando na mamãe e na loucura. Das vozes e sonhos que me assombram.

Do futuro, que antes me parecia tão claro, e agora está envolto em névoa.

Ajude-me a encontrar as crianças. Ajude-me a entender o que está acontecendo. Diga-me como melhorar as coisas, e eu mesma farei isso. Farei tudo o que puder.

Quando abro os olhos e me viro, encontro Stark me observando com uma intensidade inescrutável.

"Você está pronta agora?" As palavras de Stark são curtas, mas não expressam a irritação que eu esperava ouvir. Concordo com a cabeça, virando-me para encarar Anassa. Por um momento, acho que vejo algo em seus olhos, sinto algo no vínculo, mas então desaparece, seja lá o que for.

De volta às portas da estalagem, um trabalhador aparece para levar nossos lobos até o estábulo mais próximo. Stark lhe entrega algumas moedas e diz: "Carne fresca para ambos. Certifique-se de que foi abatido hoje."

Lá dentro, a estalagem está lotada de pessoas expulsas das estradas pela tempestade. O salão principal é amplo, repleto de fileiras de mesas e bancos de

madeira rústica, onde dezenas de viajantes estão sentados, comendo e bebendo. O espaço está opressivamente quente depois do frio lá fora, úmido com o calor do corpo e cheirando a fumaça de madeira. Tiro minhas camadas externas, enrolando-as debaixo do braço.

Stark abre caminho pela multidão até o balcão do estalajadeiro.

"Dois", diz ele para o homem de rosto enrugado parado atrás dele.

"Alfa Stark! Não o esperávamos", diz o homem com uma careta. "Desculpe, senhor, só tenho um quarto disponível, e é... bem, não está no padrão usual que... Posso ver se algum dos hóspedes consegue encontrar outra acomodação, se me der um momento..."

"Não precisa", diz Stark, lançando-me um olhar furioso por um instante. "Não queremos incomodá-lo. Ficaremos com o quarto que você tem."

Ótimo, penso sombriamente, tudo dentro de mim afundando de medo. Como se as coisas não estivessem ruins o suficiente. Talvez ele me mate enquanto durmo e não vá doer nada...

Penso brevemente em voltar para fora para enfrentar o frio.

Mas Stark já está empurrando dinheiro pelo balcão e apertando a mão do homem. O estalajadeiro o conduz pela sala lotada e eu sigo atrás, incerto, mas esperançoso de que o que quer que esteja acontecendo envolva comida.

"Vocês, sumam!", grita o estalajadeiro rispidamente para um grupo de homens amontoados em uma mesa em um local privilegiado — perto da lareira, mas não tão perto que fumaça ou cinzas possam vir em nossa direção. Eles olham para cima, claramente prestes a protestar, e então as palavras morrem em seus lábios.

"É o Alfa Stark", murmura um deles para o outro, "líder da matilha de Daemos..."

"Claro", murmuram todos os homens, um deles até limpando um pouco de cerveja derramada na mesa antes de ir embora.

Olho Stark de soslaio. É assim que ele é tratado pelos plebeus em todos os lugares? Não é à toa que ele é um completo babaca. Estão todos morrendo de medo dele, como se fosse algum tipo de deus vingativo.

Mal tocamos nossos assentos quando uma garçonete peituda aparece com duas canecas de cerveja e uma cesta transbordando de pão.

"Alfa Stark!", ela diz sem fôlego, com o peito arfando lascivamente para fora do vestido. "Não sabíamos que você viria hoje. Lamento dizer que tudo o que nos resta na cozinha é uma torta de carneiro; não é chique, mas está quente, ou estará quando eu esquentar para você e..." Seus olhos se voltam para mim e ela se encosta na mesa. Acho que não é por acaso que sua posição deixa seu peito à mostra para Alfa Stark.

"Este é o novo Alfa Strategos", Stark diz secamente enquanto reviro os olhos. Os sons ao nosso redor se silenciam e ouço o arrastar de cadeiras enquanto as pessoas ao redor da pousada se viram para me olhar.

Constrangedor.

Mantenho a cabeça erguida, desafiadora, olhando para a frente, recusando-me a dar-lhes o prazer de ver o quanto estou envergonhada.

"Claro... claro", diz a mulher, inclinando levemente a cabeça para mim. "Alfa."

Percebo que ela gostaria que Stark não estivesse viajando com uma mulher e, por algum motivo, isso me irrita.

"Essa torta parece ótima", interrompo. "Vamos querer duas porções grandes. E qualquer outra coisa que você puder preparar lá atrás."

A mulher se apressa, embora eu perceba que ela não está com muita pressa para balançar o traseiro sedutoramente ao sair.

"Um pouco clichê, não acha?", digo sarcasticamente, virando-me para Stark. "A garçonete que quer se meter na pele do guerreiro malvado?"

Stark ergue uma sobrancelha para mim. "Alisa? Ela é dona deste lugar e de outra pousada na mesma rua."

Um rubor me percorre o rosto. Era de se esperar que eu, mais do que ninguém, soubesse que não se deve subestimar uma mulher, não importa a aparência dela.

Afundo o rosto na minha cerveja. A conversa recomeçou ao meu redor, então estou segura o suficiente para olhar ao redor, razoavelmente confiante de que não sou mais o centro das atenções.

Algumas mesas ainda nos observam, mas a maioria se voltou para um palco no canto, onde um músico está se preparando. Ele afina seu instrumento por alguns minutos e então começa a cantarolar, seu olhar parecendo pousar em mim e em Stark com mais frequência. Curioso sobre o estranho novo Alfa Strategos, sem dúvida, como os outros.

A música é uma espécie de conto clássico sobre um herói Elo que salva toda a cidade de Linsfall durante uma incursão surpresa dos Sifões, colocando sua vida e a de seu lobo em risco por eles e derrotando bravamente a ameaça sozinho. Deve ser uma melodia tradicional por aqui, algo aprendido no colo da mãe, já que todos na pousada parecem conhecer o refrão, cantando animadamente junto sempre que ele toca, alguns batendo palmas no ritmo da batida.

Nossa comida chega logo depois que ele começa a cantar, então sou rapidamente distraída pelo banquete de torta de carneiro, batatas e alguns alhos-porós cozidos, tudo com um molho marrom que eu preparo com o pão integral

que nos trouxeram. É um prato básico, mas nunca provei melhor.

Stark come com a mesma avidez que eu, faminto depois de um dia de viagem. Ficamos em silêncio enquanto limpamos nossos pratos.

"Te encontro lá em cima, quarto dez", ele diz logo depois de terminar, levantando-se e virando o resto da cerveja antes de atravessar o quarto. Ele para para dizer algo no ouvido de Alisa enquanto ela sai, e eu a vejo acenar com a cabeça e sorrir.

Se ele pensa que está levando alguma mulher para a cama enquanto dividimos um quarto, mesmo que ela seja uma empresária impressionantemente bem-sucedida...

Sou sacudida do meu desgosto quando Stark desvia da escada e caminha até o palco para trocar algumas palavras com o músico, que acaba de encerrar sua balada épica sob aplausos e muitos brindes ao Alfa de antigamente, o herói da música.

Não consigo entender o que Stark e o bardo estão dizendo, mas parece que Stark está... repreendendo o homem? Tenho quase certeza de que o músico está se desculpando por alguma coisa enquanto Stark se afasta rigidamente, em direção à escada que leva aos quartos no andar de cima. O bardo é mais jovem do que eu pensava à primeira vista, seu rosto barbudo ansioso enquanto observa Stark partir.

"Hã", digo suavemente, me perguntando o que foi aquilo.

Alguém desliza para a mesa à minha frente, para o assento que Stark acabou de desocupar. Olho para cima, surpresa, e vejo que é Alisa, a dona da pousada.

"Comida do seu agrado?", ela pergunta, e eu aceno com a cabeça.

"Excepcional", admito. "Embora eu não tenha certeza se sou a melhor julgadora, acho que teria adorado qualquer coisa decente que você colocasse na minha frente, desde que fosse quente e farta."

Alisa ri tanto que bufa, e eu, a contragosto, percebo que gosto daquela mulher. "Acho que você gostou um pouco mais da música do que do Alfa Stark, então, se vai ficar por aqui para outra música?"

Olho de volta para o músico, perplexa. "Stark conhece aquele homem? Ou...?"

"Ah, não, acho que não", Alisa se levanta e pega o prato e a caneca vazios de Stark. "Outra cerveja?" Balanço a cabeça. "Não, ele só odeia quando eles fazem isso."

Estou perdida. "Quando eles... cantam?"

Alisa me olha de soslaio e ri de novo. "Alfa Strategos, você não deve ter prestado muita atenção. Aquela música que ele cantou? Era sobre o Alfa Stark, quando ele salvou metade da cidade de ser assassinada, uns cinco ou seis anos

atrás. Diz a lenda que ele matou uns cem Sifões sozinho. Nossas ruas ficaram vermelhas com o sangue que ele derramou por semanas depois."

Ela se afasta e eu a encaro, depois observo o quarto novamente. Todas essas pessoas, seus brindes e aplausos, seus cantos e palmas...

Aquilo era para Stark?

O mundo inteiro enlouqueceu.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Fico parada na porta do quarto da pousada, olhando para a cama de solteiro enquanto a neve rodopia do lado de fora da janela. Lá dentro, Stark fez o que pôde para abrir espaço para nossa manobra, mas agora entendo as desculpas do estalajadeiro — este quarto é minúsculo.

Mal há espaço para ficar em pé sem bater os joelhos na cama.

"Eu fico no chão", diz Stark rispidamente, olhando para mim de seu lugar na lateral da cama, onde organiza sua mochila.

Não discuto. Estou exausto, com frio e dolorido — tudo o que quero é tirar essas roupas molhadas, dormir algumas horas e voltar à estrada.

De preferência, com o máximo de espaço possível entre mim e o herói rabugento de Linsfall.

Coloco minha mochila no chão — ou tento. O pé da cama está tão perto da parede e da porta que não há espaço suficiente nem para minha mochila, então a encaixo o melhor que posso antes de abrir as abas para vasculhar.

Stark pegou a única mesinha do quarto para seu próprio uso; um pequeno móvel ao lado esquerdo da cama, espremido entre a estrutura e a parede.

Pelo menos o lugar está limpo, penso enquanto pego uma camisa limpa e seca para dormir.

Se ao menos não fosse tão pequeno. O calor que emana do corpo de Stark praticamente irradia atrás de mim. Não há espaço para me afastar dele. Também sinto seu cheiro: almíscar, âmbar, madeira e um toque de suor masculino.

Hesito, começando a tirar as roupas, sabendo que Stark pode se virar a qualquer momento e me ver, provavelmente pode ver meu reflexo na escuridão da janela de qualquer maneira. Mas o que mais eu vou fazer? Me trocar no corredor? Manobrando até ficar de costas para ele, rapidamente tiro minhas calças de couro e, em seguida, minhas roupas molhadas, vestindo a túnica seca.

Olho fixamente para o canto do quarto o tempo todo, onde uma pequena lanterna está aparafusada na parede, a chama lá dentro tremulando.

"Então, vamos dormir um pouco?", pergunto assim que termino, pigarreando e me virando para ele. Seu olhar desce, fixando-se bruscamente em minhas pernas nuas.

Merda. Olho para baixo, percebendo que a bainha da minha camisa não cobre bem as marcas na parte superior das minhas coxas. A luz do abajur brilha nas cicatrizes prateadas, tornando-as ainda mais cruéis.

De repente, Stark está em cima de mim, com o rosto estrondoso, me encurralando num canto minúsculo.

"Quem fez isso com você?", ele pergunta ferozmente, uma mão calejada apertando minha coxa com força.

Um calor me percorre, começando nos meus seios e terminando na parte inferior, entre as minhas pernas.

Que porra é essa?

Eu afasto a mão dele com um tapa, ignorando a humilhante traição do meu corpo.

"Por que diabos você se importa?", respondo com sarcasmo ácido. "Você vai me proteger?"

O rosto de Stark se contrai de raiva, mas ele não recua. Ele se aproxima, pairando sobre mim ameaçadoramente.

"Eu reconheço as marcas de tortura quando as vejo", ele rosna. "Diga-me quem te machucou. Foi ele? Seu...", ele faz uma pausa, zombando da palavra com um desprezo venenoso, "príncipe?"

Com o coração disparado, encaro-o, determinada a não me intimidar. "Nem ouse falar dele. E não, ele não falou, porra. Eu falei."

As palavras saem da minha boca antes que eu consiga contê-las.

Ele cambaleia para trás, o rosto brilhando de surpresa, seguido por uma sequência de emoções que me atordoam profundamente: confusão, depois compreensão, seguida rapidamente por horror — ou seria dor?

"Você fez isso consigo mesma?", ele repete, tenso.

"Sim", eu zombo. "Então não se preocupe, você não precisa sair por aí como o herói de Linsfall para 'proteger' seu saco de pancadas favorito. A menos, é claro, que você queira aproveitar esta oportunidade para finalmente se livrar de mim."

Eu me jogo no pé da cama, de costas, sem esperar por uma resposta — ou talvez só porque não suporto ver aquela expressão em seu rosto.

Por que ele está de repente agindo como se se importasse, depois de três meses de tormento? É profundamente enervante.

Enquanto puxo as cobertas da cama, a consciência de Anassa se expande através do vínculo. Ela se diverte com meu desconforto com Stark.

"Cale a boca!" Penso nela, com o coração martelando na garganta.

Ainda consigo senti-lo parado tão perto de mim, naquele espaço estreito à esquerda da cama, observando-me entrar debaixo das cobertas.

Graças a Deus que ele não diz mais nada. Depois de alguns segundos, ouço-o desfazendo o saco de dormir e tentando enfiá-lo na estreita faixa de chão. Quando os barulhos continuam, não consigo me conter: sento-me novamente, encarando-o.

"Problemas?"

Ele se vira para mim, com o olhar frio. "Nada que eu não consiga resolver."

Do meu ponto de vista, sentada, consigo ver o problema — não é só o espaço ser tão estreito. Por causa do criado-mudo, o pedaço de chão não é comprido o suficiente para o saco de dormir do Stark. Talvez se o babaca não fosse tão alto.

Ele consegue dormir em pé como um cavalo, que eu me importe.

Stark termina de encaixar as coisas da melhor maneira possível e se acomoda, meio virado de lado e com os joelhos levantados para caber no pequeno espaço. Ele não reclama, não diz uma palavra, mas é óbvio que a posição é extremamente desconfortável.

Minha cabeça encosta na cabeceira da cama.

Porra.

Não me importa se ele está confortável. Não me importa.

É só que... bem, ele é um guerreiro impressionante, com instintos psicopatas assassinos incluídos, mesmo que eu não goste dele. E se amanhã vamos lutar contra Sifões para salvar Saela e as outras crianças, quero que ele esteja descansado e em sua melhor forma.

Pelo bem de Saela.

Minha respiração sai ofegante. "Ok, não seja idiota."

"Não entendi", responde ele secamente.

"Você não vai conseguir dormir assim. Vamos, a cama é grande o suficiente para nós dois."

As palavras são como arrancar dentes, mas mesmo enquanto as digo, sei que é definitivamente a coisa certa a fazer, não importa o quanto eu odeie. Empurro o cobertor para baixo, propositalmente, vou para o outro lado da cama o máximo que posso e, em seguida, aceno para a outra ponta.

Ele se levanta suavemente e, hesitante, senta-se na cama antes de balançar os pés.

Quase rio da maneira como ele faz seu corpo alto e musculoso se comprimir o máximo possível na cama à minha frente, como se eu carregasse algum tipo de

doença carnal transmitida pelo toque. No entanto, também sinto uma pontada estranha no peito ao pensar nisso.

Irritada com ele, com a situação e também comigo mesma, viro-me e apago o abajur, deixando-nos na escuridão, com o nariz a poucos centímetros da parede. Atrás de mim, consigo ouvi-lo respirar, farfalhar o travesseiro sob a cabeça, ajeitar os cobertores.

Apesar da minha exaustão, de repente nunca me senti tão desperta.

Minhas costas formigam onde juro que seus olhos me observam na escuridão. Sem que eu queira, lembro-me daquela época do treinamento, quando ele puxou minha camisa e pressionou os dedos contra minha barriga, minhas costelas, em cada hematoma. Mas desta vez, em vez de sentir dor ao seu toque, faíscas me percorrem ao pensar em cada toque de seus dedos.

Cerro o maxilar e fecho os olhos com mais força. Devo estar delirando da viagem. Foi um longo dia.

Desesperada para desviar a atenção do belo psicopata que está a um braço de distância — perto o suficiente para fazer coisas perigosas ou depravadas comigo —, concentro minha atenção em recitar de memória as lendas favoritas de Saela. Penso em Killian no sofá da casa da minha mãe, lendo para Sae a história sobre a deusa que teve que se salvar.

Então penso em Killian, em como ele já deve ter recebido meu bilhete, em como, na próxima vez que o vir, talvez eu tenha minha irmã de volta...

Ainda assim, demora muito para que eu finalmente consiga dormir.



Tenho pouco descanso em meus sonhos. Eles são fragmentados, desconexos e cheios de ansiedade. Imagens da Deusa Sem Rosto me assombram, se transformando em minha mãe, com sangue escorrendo por todos os lados. Ela fala comigo com uma voz imensa e antiga, ao mesmo tempo estranha e familiar, mas não consigo entender o que ela diz.

Acordo na manhã seguinte com os olhos marejados e os membros rígidos da viagem, como se eu mal tivesse dormido. O céu do lado de fora da janela está escuro e cinzento. Ainda não é o nascer do sol. E a neve parou. Ótimo.

Stark já está de pé e vestido para a estrada, arrumando suas coisas com eficiência praticada. Ele olha para mim quando me levanto, o olhar se desviando para as minhas pernas, mas não diz uma palavra.

Ao sair da estalagem, ele pega um pequeno embrulho embrulhado em pano de Alisa.

"Coma", diz ele, colocando-o em minhas mãos. "Eu vou pegar os lobos."

Não estou com fome, mas a ordem na voz de Stark não admite discussão. Se eu não comer por vontade própria, ele pode me enfiar goela abaixo à força.

Quando começo a desembrulhar o embrulho, ele me deixa na varanda da estalagem e parte em direção aos estábulos dos lobos gigantes. Dentro do pano encerado, encontro as rações diárias de pão, queijo e carne-seca.

Dou umas mordidas enquanto espero ele voltar, pensando no dia que tem pela frente. Em poucas horas, chegaremos à frente de batalha. Então, Anassa e eu investigaremos o posto avançado onde Egith disse que as crianças foram avistadas.

Saela. Aguenta firme. Chego aí em breve.

Rapidamente, estamos na estrada novamente. Desta vez, sem nenhuma conversa. Cavalgamos com afinco, atravessando quilômetros e quilômetros de deserto ondulado antes de chegarmos à cidade fronteiriça, onde a maior parte das forças do reino está acampada.

Grunfall. O feudo fronteiriço trocou de mãos inúmeras vezes entre os Sifões e os Vinculados durante séculos de guerra.

O centro da cidade fica mais distante — torres se erguem no horizonte, embora, mesmo à distância, haja lacunas e cortes nas pedras, como se um gigante tivesse dado grandes mordidas na cidade, evidência de séculos de batalhas constantes. Grunfall se estende pelas margens do Rio Sonnstrom. Éons atrás, o feudo era compartilhado entre Nocturna e Astreona, com tudo ao norte do rio sendo parte do nosso país, e tudo ao sul do rio pertencendo aos Sifões.

Era o lugar perfeito para a guerra eclodir.

Estamos nos limites norte do feudo, no acampamento de guerra de Nocturna. Astreona controla a cidade atualmente. As poucas construções restantes aqui em cima são antigas — estruturas de pedra atarracadas e em ruínas, remendadas com madeira recuperada.

Estruturas mais novas foram erguidas — cabanas utilitárias feitas principalmente de lona encerada. Além disso, o chão de terra está repleto de centenas de tendas militares. Soldados se movimentam por toda parte, vestidos com uniformes empoeirados e manchados de inúmeras batalhas. O cheiro de fumaça de madeira e corpos sujos sufoca o ar.

Por baixo disso — quase fraco demais para identificar — paira o cheiro enjoativo e adocicado de carne em decomposição.

É um contraste gritante com a opulência do castelo: só funcionalidade, nenhuma beleza, todos os elementos projetados — ou reaproveitados — para a guerra.

Uma desolação me invade à medida que nos aproximamos. Stark também

parece afetado. Sua graça predatória habitual se aguça em algo mais duro, mais focado. Há uma estranha familiaridade nisso.

Ele se sente em casa aqui — se é que um lugar como este pode ser o "lar" de alguém.

Este é o mundo de Stark, eu percebo: o mundo da guerra. Estou prestes a ver em primeira mão como ele conquistou sua reputação brutal.

Soldados se põem em posição de sentido ao vê-lo, com medo e respeito se misturando em suas expressões. Membros da Ligação emergem de tendas próximas como se sentissem nossa aproximação, oferecendo saudações rápidas a Stark, com o punho no peito. Lobos gigantes vagam por tudo isso, e até eles param para nos olhar, prestando seus respeitos a Cratos e Anassa em seu jeito lupino silencioso.

O olhar de Stark percorre todos, sem emoção. Ele nos conduz a uma enorme tenda perto do centro do acampamento. Soldados, Membros da Ligação e mensageiros entram e saem por várias saídas, cumprindo seus deveres de guerra.

Este é o Comando Central.

Egith nos encontra lá dentro, na mesa de guerra, onde inúmeros mapas e diagramas detalham as muitas operações do exército.

A Beta do Estratego está abatida, mas alerta, sua mecha prateada opaca de poeira, seu uniforme com manchas recentes de sangue.

Ela acena para mim e depois para Stark quando nos vê. "Ótimo, você chegou. Chegou rápido também." Ela gesticula para que eu me aproxime da mesa, sem perder tempo em entregar o relatório que vim buscar.

"Há três dias, os batedores de Kryptos encontraram isto", diz ela, apontando para um ponto no mapa não muito longe de onde estamos agora. "É território Sifão, mas fica perto da fronteira. Um antigo templo religioso de algum tipo que eles converteram em um posto avançado. Houve avistamentos de crianças sendo levadas para dentro e para fora pelos guardas."

Meu coração se aperta ao ouvir a palavra "crianças". Ver este acampamento e a realidade imediata da guerra torna a presença delas ainda mais angustiante.

"O último avistamento foi há três dias?", pergunto, desconfortavelmente ciente de Stark parado ao meu lado, observando com perspicácia penetrante. "Quantos guardas havia? Quantas crianças?"

"Esse foi o último avistamento confirmado, mas os batedores não conseguiram se aproximar desde então... não queriam arriscar avisar os sugadores de sangue", diz Egith. "Três crianças e dois guardas foram avistados, mas a uma distância considerável. Sem características que os identificassem."

O tom de desculpa em seu tom indica que ela sabe que estou pensando em Saela — que quero saber se alguma daquelas crianças pode ser ela. Os olhos de

Stark estão em mim, avaliando. Contei a ele a versão resumida da história sobre o sequestro da minha irmã durante nossa cavalgada esta manhã, embora eu tivesse a sensação de que ele já poderia saber por meio de suas próprias fontes. Mantenho meu olhar fixo em Egith, sem querer mostrar a Stark um único sinal de que minhas emoções poderiam atrapalhar esta missão.

Sinto que Anassa também está ouvindo. Uma onda de otimismo cauteloso percorre entre nós — tanto a dela quanto a minha. Saela pode estar lá. Só há uma maneira de descobrir.

A preocupação de Anassa — e sua disposição em ir atrás da minha irmã — me dá uma injeção de força. Sou imensamente grata por ter o apoio da loba. Sem ela, eu não teria chance de resgatar Saela.

"Você tem informações sobre o templo?", pergunto. "Entradas, saídas, rotas de guarda?"

Egith assente e pega uma pasta com capa de couro enquanto eu estudo o mapa e o terreno ao redor do templo.

"Aqui", diz ela. "Esta é toda a informação coletada por nossos espiões de Kryptos."

Abro a pasta, folheando relatórios até encontrar um esboço do edifício. Quando o retiro do maço, outro esboço cai sobre a mesa. Minha respiração fica presa.

"É isto...?"

"Um dos Sifões avistados na área", confirma Egith. "Uma general do exército deles, de alta patente. Ela foi avistada várias vezes por perto nas últimas semanas."

Deusa lá em cima, penso, olhando para o rosto sobrenatural desenhado a carvão. Ela é linda.

"Você nunca viu a imagem de um Sifão antes", diz Stark ao meu lado.

Balanço a cabeça, incapaz de desviar o olhar do rosto efêmero no papel. É quase humano, mas os olhos são grandes demais, a estrutura óssea delicada demais — perfeita demais para pertencer a qualquer mero mortal.

Egith pega outro retrato do maço e o coloca sobre o que estou segurando. "Esse é o rei deles."

Lucien Brightbane.

Meu coração para. Este é o arquiteto de todo o nosso sofrimento? Este rosto?

É atemporal e angelical, devastadoramente belo, mesmo desenhado de forma tão rudimentar. Sei pelos meus estudos que o rei Sifão existe há muito tempo, mas não há uma única ruga em seu rosto — nenhum indício das eras que viveu, exceto na sabedoria fria e insondável de seu olhar.

Há algo familiar naqueles olhos. Algo que reconheço vagamente nos planos

sobrenaturais de seu semblante — mas não consigo identificar.

"Ele parece muito mais jovem do que eu esperava", murmuro. "Como se ele tivesse quase trinta anos, no máximo."

Stark zomba. "Você sabe que eles não envelhecem como nós. Aquela coisa tem séculos de idade."

Balançando a cabeça, coloco os retratos de lado e aceno com a cabeça para o mapa do templo. "Conte-me sobre o layout."

"Identificamos três possíveis pontos de entrada", diz Egith, apontando. "Aqui, aqui e aqui. Um ataque simultâneo às três entradas é nossa melhor aposta para superar suas defesas. O momento deve ser perfeito — eles são mais fortes à noite, mas também é quando têm mais probabilidade de estar se alimentando e, portanto, distraídos."

Stark interrompe. "Eles não vão se alimentar todos de uma vez — são espertos demais para se deixarem expostos assim. Ainda haverá guardas de plantão, e não sabemos quantos."

Egith concorda. "Se posicionarmos nossos batedores aqui e ali antes do pôr do sol, conseguiremos rastrear os guardas e avistar os demais saindo para se alimentar. Quando isso acontecer, teremos uma janela bem curta para aproveitar."

Enquanto a discussão sobre estratégia continua, meu olhar se volta para o retrato de Lucien Brightbane. Por que sinto como se já o tivesse visto em algum lugar antes?

A mão de Stark bate abruptamente na imagem.

"Foco, Cooper", ele rosna. "Vamos ao pôr do sol."

OceanofPDF.com

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Naquela noite, de uma colina arborizada com vista para o templo, estou com Stark e vários outros Elos, examinando atentamente um mapa das ruínas abaixo.

Já revisamos o plano uma dúzia de vezes sob o comando de Stark. Todos sabem a sua parte.

Os lobos circundarão a muralha externa do templo para bloquear as rotas de fuga enquanto três equipes menores se infiltram em suas três vulnerabilidades — uma parte da muralha em ruínas, um antigo túnel de esgoto e uma torre sineira parcialmente desabada.

Esta é uma operação secreta com tempo limitado. A equipe de ataque — tanto soldados quanto Elos — foi escolhida especificamente por suas capacidades superiores de furtividade. Os Elos de cada equipe coordenarão ataques precisamente cronometrados por meio de sua conexão com a matilha. Stark liderará uma equipe e dois Elos Kryptos liderarão as outras.

Temos espiões vigiando as ruínas por horas, rastreando as rotações da guarda do Sifão e enviando relatórios para o nosso acampamento temporário aqui na floresta. Temos as informações de que precisamos.

Está quase na hora de partir.

Nos reunimos no cume, mantendo-nos abaixados e estritamente nas sombras enquanto o crepúsculo se transforma em noite. O templo é uma cicatriz escura escavada na encosta abaixo de nós, suas janelas estreitas iluminadas fracamente pela luz de lampiões. Meu coração dispara cada vez que olho para ele, me perguntando se Saela está lá dentro. Se ela está ferida. Assustada. Sozinha.

Cada músculo do meu corpo anseia por se mover — por lutar. Por matar até o último filho da puta que ousou tirar crianças inocentes do meu país.

A expectativa de Anassa também irradia por todo o nosso vínculo. Ela está mais do que ansiosa para o nosso primeiro gostinho de uma batalha de verdade.

Stark, enquanto isso, coordenou toda a operação.

Sinto-me hipnotizada por ele, aqui nesta fria região selvagem das montanhas, cercada por todos os lados pela escuridão e pelo perigo.

Ele é o Alfa consumado — não há vestígios do homem que parecia tão preocupado com as cicatrizes nas minhas coxas ontem. Quase não acredito que isso aconteceu, observando-o agora.

Sua aura não contém a malícia e a violência iminente às quais me acostumei. Não há berros de ordens. Nenhum brilho sanguinário em seus olhos.

Ele está centrado. Calmo. Completamente focado. Friamente eficiente.

A carranca perpétua também desapareceu, o que é mais desconcertante do que eu gostaria de admitir. Seu rosto é ridiculamente bonito quando não está carrancudo. Lindo, até.

Este homem não é Stark, o instrutor de combate de Rawbond, meu algoz pessoal. Este é o Alfa Stark de Daemos, o guerreiro que conquistou cada uma de suas marcas de morte. O comandante em quem todos os soldados do exército do rei confiam.

Ele se vira para mim enquanto os soldados começam os preparativos finais. "Você e Anassa estão comigo", diz ele, em voz baixa. "Esta é a sua primeira vez no território dos Sifões — sigam minhas instruções, entenderam? Façam exatamente o que eu disser."

Eu me irrito, insultada por ser empurrada de volta para o papel de aprendiz. Ainda não provei meu valor para ele? Por que ele insiste em me tomar conta?

"Escutem o que ele diz", diz Anassa. "Ele sabe o que está fazendo."

"Traidora", resmungo para ela.

Stark está me encarando, com os olhos semicerrados, esperando que eu proteste.

"Você ainda não lutou assim", diz ele com uma intensidade silenciosa. "Sifões são mais rápidos que humanos, Cooper. Eles são mais fortes, capazes de fazer você ver coisas que não são reais. Um erro e..." Ele faz um movimento brusco de corte com uma das mãos na garganta.

"Eu sei", resmungo. "Estou estudando-os há semanas, Stark."

"E eu estou lutando contra eles há uma década", ele rosna. "Escuta aqui, Cooper. Fique perto de mim, siga ordens e não. Assuma. Riscos. Entendeu?"

"Certo!", eu sibilo, surpresa com sua intensidade. "Entendo!"

Antes que ele possa dizer mais alguma coisa, um batedor de Kryptos surge da escuridão crescente. Stark se vira sem surpresa e diz: "Relatório".

"Movimento na ala leste", diz o batedor, olhando rapidamente para mim. "Eles mudaram a rotação da guarda."

Droga. Isso atrapalha nossos planos.

Mas Stark não demonstra nenhum sinal de estresse. Observo-o absorver silenciosamente a informação, sua mente tática analisando rapidamente as possibilidades. Ele poderia facilmente ter sido um Estratego em vez de um Daemos. Em poucos segundos, ele encontra uma solução, ajustando nossa estratégia e redirecionando recursos com eficiência impressionante.

Mais uma vez, fico impressionada com a diferença nele. O comando se assenta tão naturalmente naqueles ombros largos e musculosos. Há algo quase majestoso na maneira como ele o carrega. Ele é verdadeiramente o filho do Alfa Soberano neste momento. Tanto os soldados quanto os Vinculados respondem aos seus comandos sem hesitação — com fé absoluta.

Enquanto todos fazem os preparativos finais, verifico minhas próprias armas pela décima segunda vez.

Espada em segurança. Confere. Adagas mergulhadas em ervas venenosas que retardam a cura do Sifão. Confere.

Minhas mãos tremem levemente enquanto trabalho, mas não sei se é de medo ou de antecipação. Meu sangue está pulsando, mas minha mente está calma. Focada.

Apesar da minha irritação com a mimada de Stark, sei que sou o elo mais fraco da equipe. Todos os outros têm vasta experiência em batalha. Já lutaram contra Sifões antes. Já viram guerras.

Não vou estragar tudo — o resto da equipe conta comigo. Se eu cometer um erro, a vida deles também estará em risco, não apenas a minha.

Quando o sol finalmente se põe no horizonte e o céu fica escuro e sem estrelas, Stark comanda as equipes para se posicionarem, coordenando-se com precisão letal usando apenas sinais de mão.

Ele acena para mim pouco antes de montarmos em nossos lobos. "Lembre-se, fique perto de mim. Egith nunca vai me perdoar se eu fizer com que seu novo Alfa seja morto."

Algo em seu tom me faz encará-lo com severidade, mas sua expressão não me diz nada.

Sem dizer mais nada, Stark pula nas costas de Cratos. Eu sigo o exemplo enquanto as outras duas equipes se afastam noite adentro, tomando suas posições.

A ansiedade de Anassa aumenta quando Stark sinaliza para nossa equipe se movimentar. Respiro fundo, forçando minhas mãos a se firmarem, e então me inclino com força em nossa conexão. O vínculo se intensifica, envolvendo-me nos sentidos aguçados de Anassa.

De repente, consigo enxergar a noite muito melhor do que antes. Consigo ouvir cada farfalhar na floresta, cada estalar das folhas sob os pés. A brisa que

sopra do vale abaixo de nós carrega o cheiro de terra úmida, fumaça de lenha e incontáveis seres vivos.

Vou sobreviver a isso, digo a mim mesma enquanto seguimos Stark e Cratos noite adentro. Sobrevivi aos ringues de luta, à Ascensão, ao treinamento — sobrevivi a tudo que este mundo brutal me impôs. Sobreviverei a isso também — e encontrarei Saela.

Custe o que custar.

A aprovação feroz de Anassa me invade. Sobreviveremos a isso juntos.

A descida até o templo leva alguns minutos, e então nos aproximamos do ponto de entrada sudoeste, Stark na liderança e eu logo atrás, com meia dúzia de soldados a pé na retaguarda. Avisto a parte em ruínas da muralha no momento em que Stark se vira para me dar o sinal.

Todos estão em posição. A hora é agora.

Levanto uma mão, ecoando o sinal de Stark para os soldados atrás de mim.

Imediatamente, entramos em ação. Cratos salta pela brecha, um enorme borrão negro contra a noite. Anassa o segue rapidamente, os soldados se espalhando pelo pátio do templo atrás de nós.

Nada poderia ter me preparado para o que se segue.

Avisto o primeiro guarda Sifão um instante antes de Stark atacar, movendo-se com seu lobo como uma força da natureza. Sua lâmina brilha. A cabeça do guarda gira, separada de seu corpo antes que ele consiga respirar para dar o alarme.

Essa é a única maneira de garantir que os Siphons morram: você precisa decapitá-los.

Observo em câmera lenta a cabeça do guarda cair no chão, o rosto congelado em choque, as presas à mostra. O corpo se desmancha com uma graça sobrenatural, belo mesmo na morte.

Antes de atingir o chão, Stark e Cratos saltam em direção aos degraus do templo. Anassa segue como uma sombra prateada, espelhando cada movimento com uma precisão impressionante. Ela e Cratos parecem se coordenar sem esforço.

Outro Sifão cai na entrada em arco do templo, destroçado em um instante pelas mandíbulas de Cratos. E então corremos pelos corredores estreitos, serpenteando por curvas e curvas que me deixam tonto. Os lobos se movem com uma furtividade impossível, apesar de seu tamanho enorme, irradiando poder através de nossos laços, aguçando ainda mais nossos sentidos. Eles farejam os inimigos à frente muito antes de invadirmos uma câmara aberta e cairmos sobre eles.

Stark e Cratos atacam primeiro, espalhando dois Sifões em direções opostas.

As criaturas se movem como nunca vi antes — a velocidade sobrenatural obscurece seus ataques, mesmo quando aqueles rostos angelicais se transformam em máscaras de puro horror, com as presas estendidas.

Aos meus olhos, a brutalidade que se segue se desenrola em caos total, mas, através do vínculo, cada golpe é antecipado, cada movimento quase coreografado. Cratos avança para a esquerda, a espada de Stark brilhando para a direita. Anassa desvia para a direita, minha espada balança para a esquerda. Os dois Sifões caem — um nos dentes de Anassa, o outro na espada de Stark.

Os soldados fluem atrás de nós, caindo sobre os corpos e cortando-os em pedaços com lâminas cobertas de veneno.

Entramos no salão circular de reuniões no coração do templo. Stark faz Cratos parar no centro da sala, com a cabeça girando enquanto avalia nossa posição. Anassa me dá uma onda de consciência de que algo não está certo, e então somos emboscados.

Três, quatro, cinco, seis Sifões saem das portas que nos cercam, lançando a equipe em um ataque coordenado.

Stark e Cratos liberam uma poderosa onda de magia de Daemos, jogando os Sifões contra as paredes. A força dela é facilmente dez vezes maior do que a que Jonah usou naquele dia em que quebrou meu nariz. É inacreditável. Stark não é apenas forte — ele é divino.

Então, Stark se move mais rápido do que deveria ser possível, sua lâmina cantando no ar enquanto ele desmembra os Sifões, suas cabeças caindo no chão uma após a outra.

Sangue jorra por pedras antigas enquanto ele rasga suas fileiras, Cratos rasgando os Sifões em pedaços enquanto a lâmina de Stark os corta. Eu vejo o rosto de Stark enquanto Anassa dança ao lado deles.

Sua expressão nunca muda — aquele foco frio e mortal permanece inabalável mesmo enquanto ele comete brutalidade absoluta.

A visão me faz sentir estranhamente triunfante. Desde o primeiro dia em que o vi, eu sabia que ele era um monstro psicopata e sanguinário, e aqui está a minha prova. Ele é muito pior do que eu jamais imaginei.

E, pela primeira vez, não me enoja. Porque esse assassino desequilibrado está do meu lado.

Anassá e eu continuamos grudados em Stark e Cratos, posicionando-nos atrás deles enquanto os Sifões restantes se aproximam. Meu foco de lobo gigante se concentra e, por um momento, vejo a sala — os soldados, os Sifões, os lobos e seus cavaleiros — em detalhes nítidos, como um diagrama em movimento. Cálculos fluem pela minha cabeça, em alta velocidade, avaliando os Sifões em busca de fraquezas, observando suas formações e táticas com uma velocidade

insana.

Uma estratégia se encaixa. Essas criaturas conhecem bem seus inimigos. Elas esperam ataques militares experientes — ataque e defesa coordenados.

Elas não estão preparadas para um lutador de rua das favelas.

A mente de Anassa ondula com um deleite violento enquanto passamos da defesa de Stark e Cratos para um ataque total.

Como um só, manobramos para uma posição de aparente vulnerabilidade, atraindo o Sifão. Anassa avança, fintando com habilidade, desviando das presas do Sifão enquanto minha espada avança para defendê-la.

Agora!

Eu me viro para o Sifão e erro. Anassa recebe um golpe de adaga no pescoço — ela grita, recuando. O Sifão sorri com alegria e presas pouco antes de se lançar contra nós em um borrão pálido e mortal.

No mesmo instante, Anassa se abaixa no chão, me colocando na altura do nosso atacante. Minha espada já está se erguendo novamente — com toda a minha força.

O Sifão morre em um jato de sangue negro, sua cabeça caindo de um lado, seu corpo do outro.

Anassa solta um uivo que ecoa contra as paredes de pedra ao nosso redor. Atrás de nós, Cratos uiva em resposta.

Os Sifões restantes sentem a maré se voltando contra eles. Não sei como sei que estão com medo, mas sei. Anassa se transforma em um borrão prateado de pura agressão, minhas lâminas brilhando ao seu redor em rajadas staccato enquanto derrubamos outro Sifão, e depois outro.

De repente, a sala fica imóvel e silenciosa. Corpos jazem por toda parte. Oito Sifões e três soldados tombaram. O cheiro de sangue e terror invade meu nariz e enche minha boca com um odor acobreado.

Stark se vira para mim, com o rosto coberto por um fino jato de sangue, o peito arfando devido ao esforço. Seu olhar examina meu corpo brevemente em busca de ferimentos. Não encontrando nenhum, ele acena com a cabeça uma vez e sinaliza para a equipe avançar novamente.

Descemos para as entranhas do templo, seguindo por corredores escuros e eliminando mais alguns Sifões até que, finalmente, encontramos as celas do porão.

O cheiro me atinge primeiro — medo, excremento, corpos sujos e algo mais. Um aroma doce e enjoativo que faísca em meu nariz como champanhe. Através do vínculo, Anassa se arrepia. Seus pelos se arrepiam.

"Magia de Sifão", diz ela. É isso que o cheiro é.

O que esses monstros têm feito com as crianças?

Meu coração martela na cabeça enquanto nos aproximamos das celas — algo está errado. Está muito quieto. Muito parado.

Stark desmonta do seu lobo e me lança um olhar que faz meu coração disparar.

As celas estão vazias. Todas elas.

As crianças não estão aqui.

Minhas botas rangem nas pedras sujas enquanto deslizo das costas de Anassa e espio através das grades ao lado de Stark.

"Eles estiveram aqui há pouco tempo", diz ele baixinho.

Aceno com a cabeça. Há pedaços de roupas de crianças dentro das celas. Tigelas de comida, uma boneca surrada. Um único cobertor manchado.

"Eles sabiam que estávamos chegando", ouço a mim mesma dizer.

Minha voz soa oca. Morta.

Estou entorpecida.

Stark se vira como se fosse falar, mas um dos soldados de Daemos interrompe.

"Senhor, capturamos um dos guardas do Sifão", diz ele.

O entorpecimento dentro de mim se torna agudo e selvagem. Há um lampejo de sombras na borda da minha visão, me incitando a mais violência.

"Ótimo", digo. "Tenho perguntas para eles."

OceanofPDF.com

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

De volta ao nosso acampamento em Grunfall, o prisioneiro Sifão foi transferido para uma sala de interrogatório montada em um dos antigos prédios de pedra. Eu queria interrogá-lo no templo, mas Stark insistiu que isso era o protocolo — Sifões são perigosos demais para interrogatórios em campo.

Tínhamos que trazer o desgraçado para cá, onde ele poderia ser acorrentado em segurança a uma cadeira de metal aparafusada ao chão de pedra. Onde, mesmo que escapasse, estaria cercado por soldados e vinculado, sem chance de escapar.

Concordei — com uma condição: que eu fosse o líder do interrogatório.

Stark me lançou um olhar quando eu disse isso, meio irritado, meio respeitoso. Mas ele não discutiu.

Agora, ao entrar na sala de interrogatório vazia, sombras se contorcem novamente nas bordas da minha visão, e com elas, a raiva arde intensamente. Em algum lugar, bem no fundo de mim, há pavor da ideia de torturar outro ser.

Reprimo ainda mais esse sentimento.

Minha irmã não está aqui. Saela — se ela estava com aquelas crianças nas celas — se foi. E este único guarda Sifão é minha única pista para encontrá-la.

O guarda do Sifão está sentado, ereto, acorrentado, belo mesmo com o rosto ensanguentado. Os soldados que o capturaram conseguiram deixá-lo inconsciente com um golpe esmagador na cabeça. O ferimento já sarou, mas, combinado com uma injeção oportuna do mesmo veneno que reveste nossas lâminas, eles conseguiram manter o Sifão afastado por tempo suficiente para acorrentá-lo.

Esta é uma oportunidade rara. Uma que não posso desperdiçar.

Stark entra na sala atrás de mim, parado ao lado da mesa de instrumentos de interrogatório. Sua presença é pesada, sombria. Como nuvens grávidas no

horizonte, ameaçando uma nevasca mortal.

Estranho que também seja um tanto reconfortante.

Aproximo-me do prisioneiro. O olhar do Sifão toca o meu com um peso enervante e uma calma sobre-humana. Sem medo. Ele está imóvel e belo à luz fraca das tochas.

"Conte-me sobre as crianças", digo. "Para onde foram levadas?"

Sua testa perfeita se franze em confusão. "Você está procurando crianças?"

Deusa, até a voz dele é linda — musical e cadenciada.

"As crianças que você mantinha nas celas do porão", eu resmungo. "Aquelas que você mandou seus Nabbers buscarem em Sturmfrost."

Ele pisca. "'Nabbers?'" Seu olhar se volta para Stark, perplexo. "Do que esse idiota está falando?"

"Não se faça de boba", eu rosno, a impaciência pulsando em minhas veias. "Você vem sequestrando crianças de Nocturna há anos. Você mantinha pelo menos três delas no templo. Agora me diga onde elas estão."

O Sifão balança a cabeça, sorrindo ironicamente. "Me disseram que todos vocês, nortenhos, eram lunáticos com cérebro de lobo, mas eu não acreditei até agora."

Eu paro, braços cruzados sobre o peito, encarando o Sifão em um cálculo silencioso.

"Ele está tentando te distrair", diz Stark atrás de mim. "Não caia nessa."

Eu o ignoro.

"Mais uma chance de me responder honestamente", digo suavemente, "e então começo a quebrar ossos."

"Fofo", diz o Sifão lentamente. "É isso que se chama conversa de travesseiro ao norte da fronteira? Se quiser me conhecer carnalmente, querida, é só dizer. Sua personalidade é um pouco amarga, mas aposto que seu gosto é ótimo."

Com o maxilar cerrado, viro-me e caminho até a mesa, ciente de Stark me observando enquanto seleciono um alicate entre as ferramentas ali.

O Sifão não faz nenhum som quando quebro seu dedo indicador direito, mas seus lábios perfeitos se abrem em uma respiração aguda e trêmula.

"Onde estão as crianças?", pergunto com uma calma gélida que não sinto.

"Foda-se", ele responde, com os olhos em chamas.

Crack! Seu dedo médio direito cede facilmente na braçadeira de metal do alicate. No mesmo instante, olho para baixo e percebo que o primeiro dedo já está curado. Enquanto observo, o segundo dedo também se cura.

Então, quebro-o novamente.

A sensação me preenche com um prazer horripilante, tão denso e sombrio que quase engasgo, com sombras se alongando ao redor do quarto. Por um

segundo, a onda de sentimentos ameaça me afogar, e Anassa está na minha cabeça, como um rosnado baixo, pronta para rasgar este Sifão se eu não fizer isso primeiro.

A conexão com Anassa me traz de volta a uma calma fria. Minha voz é quase gentil quando pergunto pela quarta vez: "Onde estão as crianças?"

O Sifão xinga, cospe em mim. "Não há crianças!"

Crack! Crack! Crack!

Três dedos ao mesmo tempo. O Sifão finalmente grita, se debatendo contra as correntes. Mas ele não se mostra mais prestativo, apenas me encara com um olhar provocador, ofegante enquanto seu corpo se cura.

Volto para a mesa. Stark se encosta na parede logo atrás dela, de braços cruzados, observando com um foco inexpressivo.

As sombras no quarto dançam, me incitando.

Pego uma adaga, com a lâmina envenenada polida até um brilho opaco.

Os olhos do Sifão se iluminam com algo novo quando ele a vê. Medo, penso. Ele sabe que está envenenada, que isso o impedirá de se curar.

"Agora, cortamos", digo no mesmo tom quase gentil.

Não pergunto mais sobre as crianças — pelo menos, não por um bom tempo. Apenas corto. Primeiro os botões na frente de seu uniforme escuro, depois a pele pálida de seu peito por baixo.

A faca chia ao cortar sua carne, pequenas espirais de fumaça subindo dos ferimentos. O suor brota na testa do Sifão. Toda a cor se esvai de sua pele, deixando-o cinza e pálido, ofegando como um peixe fora d'água.

Os cortes se contraem e se apertam, lutando para se fechar.

"Você gosta disso, não é?", o prisioneiro ofega enquanto eu coloco a ponta da adaga sobre seu mamilo esquerdo. "Vocês, nortistas, são doentes."

Um movimento rápido do meu pulso separa o mamilo do peito. O Sifão grita.

Eu pego seu outro mamilo também. Então, passo a lâmina em uma longa e lenta carícia do seu esterno até a cavidade de sua garganta.

"Seu amante de lobos imundo", diz o prisioneiro, desafiador mesmo enquanto se deixa cair em suas correntes. "Eu não sei nada sobre as crianças, mas eu não te contaria mesmo se soubesse!"

Algo dentro de mim finalmente se rompe, as sombras nas bordas da minha visão pulsando em um zumbido insistente.

Saela se foi. Perdida. As outras crianças... Eu não serei capaz de salvá-las. Esta criatura não vai me dizer nada.

Eu falhei.

A fúria assassina se transforma em algo mais sombrio, mais profundo —

algo feio demais para descrever em palavras. É como se as sombras me preenchessem, me consumissem. Escuridão na minha mente, atrás dos meus olhos, um poço profundo que se estende por mim e faz meus músculos se contraírem.

Sem mais perguntas. Sem mais interrogatórios.

Sem mais pensamentos além de machucar. Punir.

Matar.

Volto à mesa e pego a serra de osso — um instrumento longo e estreito, com serrilhas finas e afiadas como navalhas.

O último uivo de dor e terror do Sifão é interrompido quando vejo através de sua traqueia. Mas ele ainda está vivo, com sangue jorrando de sua jugular decepada enquanto enfio a serra mais fundo, lutando para decapitá-lo, mesmo enquanto sua carne começa a cicatrizar ao redor da lâmina.

Quando a serra finalmente atravessa músculos e tendões, atingindo ossos, seus olhos ainda estão revirados, a boca aberta e cheia de sangue.

Uma parte distante de mim sabe que o que estou fazendo é horrível. Não há propósito para esta tortura agora, nenhum objetivo além de dor e vingança.

Só a morte.

Quando sua cabeça finalmente se separa do corpo, as feições perfeitas permanecem intactas, seus olhos abertos e acusatórios.

Seu crânio cai no chão com um baque, rolando alguns metros, deixando um rastro carmesim espesso nas pedras sujas.

Fico de pé sobre o cadáver, respirando com dificuldade, pintado da cabeça aos pés com o sangue do Sifão.

A aprovação de Anassa me envolve. Ela se orgulha da minha brutalidade.

Tudo o que sinto é um vazio.



Mal me lembro da caminhada até minha barraca. Desabo no beliche e adormeço instantaneamente, ainda vestindo minhas roupas ensanguentadas.

Horas depois, acordo com a luz fraca da manhã e um leve tilintar. Meus sonhos eram cheios de sombras e sangue, e eu estava suando, com as roupas úmidas. Pisco, tentando me livrar dos pesadelos.

Stark está sentado a alguns metros de distância, arrumando sua agulha e vários frascos de tinta na mesinha onde deixei minhas armas na noite anterior.

Há um movimento no canto da tenda e eu olho de soslaio para ver — as sombras estão se movendo de novo? Mas, enquanto olho, elas se acalmam,

voltando ao normal. Ótimo, só mais uma alucinação.

Meu corpo protesta enquanto me levanto da cama estreita, com os olhos turvos. É cedo. Só dormi algumas horas.

"Hora de tinta nova de novo?", resmungo, rouca de sono.

"Dessas você pode se orgulhar", diz ele, gesticulando para que eu me sente na cadeira ao lado dele. "Marcas que nos lembram do que precisamos fazer para derrotar nosso inimigo. Para impedir que os sugadores de sangue destruam nosso mundo e tudo e todos que amamos."

É uma luta para me levantar. Meu corpo inteiro está rígido, dolorido pela batalha e pela exaustão.

"Tire a camisa", diz ele enquanto me sento. "Começamos com os braços para as marcas de morte do Sifão."

Sinto uma pontada de desconforto em algum lugar no meu estômago, mas não protesto. Apenas tiro a roupa imunda. O tecido está duro e cheira a sangue seco, e meu estômago embrulha quando o cheiro me atinge novamente, com força. Engulo em seco.

O olhar de Stark percorre meu peito amarrado enquanto ele puxa sua cadeira para mais perto. Pelo menos minhas roupas íntimas estão relativamente limpas.

Ele tem que se sentar assustadoramente perto, sua grande mão quente no meu braço enquanto me prepara para a agulha.

Devo cheirar mal. Como morte e batalha. Mas se o incomoda, ele não demonstra nenhum sinal.

O cheiro familiar de Stark preenche minha cabeça enquanto a agulha penetra em minha carne. A dor é um alívio depois das últimas 24 horas.

A pequena barraca está assustadoramente silenciosa. A maior parte do acampamento ainda está dormindo. A quietude do amanhecer e o peso do interrogatório da noite passada nos envolvem como um cobertor, criando uma atmosfera de intimidade crua que faz meu coração disparar.

O toque de Stark é clínico enquanto ele trabalha, mas sei que ele sente a carga no ar. Como não sentiria?

O que não sei é por que diabos ela está ali, ou o que fazer para dissipá-la.

Como se ouvisse meus pensamentos, Stark quebra o silêncio.

"Nunca vi ninguém interrogar com tanta intensidade antes", diz ele. "Está claro que esta missão era pessoal para você."

A observação — e a ausência de censura em sua voz, depois do que ele me viu fazer — me pegam de surpresa.

Talvez seja a vulnerabilidade do momento, o ritmo hipnótico da agulha na minha pele, ou simplesmente exaustão, mas me pego contando a ele... tudo.

As palavras vêm com uma intensidade silenciosa.

Conto mais sobre ele, o motivo pelo qual entrei para o exército, minha missão de encontrar Saela, como pensei que conseguiria encontrá-la se conseguisse chegar à linha de frente e cruzar a fronteira.

Então, paro, tomada por uma derrota repugnante.

"Ela se foi há três meses", digo, com a voz rouca, um pouco embargada. "Três meses, Stark. Ela fez onze anos há dois meses, em cativeiro. Se é que ainda está viva."

A agulha para na minha pele. Pelo canto do olho, vejo a cabeça de Stark se erguer, seu olhar se movendo para o meu rosto. Digo a mim mesma para não olhar — sinto como se tivesse acabado de desnudar minha alma para ele, e não tenho certeza do que vou ver em seus olhos.

Mas, por algum motivo, não consigo parar de virar a cabeça.

Nossos olhares se encontram. Seus olhos são escuros, impenetráveis. Há algo ali, espreitando por trás daquele estoicismo característico, mas não consigo ler.

"Eu realmente pensei que isso levaria a algo", digo. "Que poderíamos encontrá-la no templo. Ou pelo menos obter algumas dicas de onde procurar em seguida. Mas, em vez disso, torturei aquela coisa ontem à noite — me comportei como um monstro completo, quase como se eu fosse um deles — e, ainda assim, nada."

Nós dois ainda estamos nos encarando, e eu me afogo em seus olhos, esperando que ele diga alguma coisa, me diga se sou uma vilã pelo que fiz. Ele suspira, seu hálito quente contra meu braço.

"Não deixe isso te afetar", diz ele, com a voz tensa. "Todos nós já tivemos que fazer coisas das quais não nos orgulhamos. Apenas lembre-se por que você fez o que fez."

Quando ele finalmente desvia o olhar, percebo que minha garganta está queimando. Respiro fundo, sentindo como se tivesse sido libertada de algum tipo de feitiço.

Stark termina minhas tatuagens sem mais uma palavra trocada entre nós. Mas ainda estou em carne viva. A sensação de intimidade persiste, deixando meus nervos à flor da pele.

Fazendo meu sangue pulsar em meus ouvidos.

Quando ele finalmente se inclina para lamber as feridas em meus braços, sinto uma onda de excitação tão intensa que minha respiração fica presa na garganta.

Um som me escapa, baixo e inconfundivelmente erótico.

Porra!

Os olhos de Stark se fixam nos meus. A fome neles rouba o fôlego dos meus pulmões — faz a adrenalina correr pelas minhas veias.

Sustentando meu olhar, ele abaixa a cabeça e lambe as tatuagens recentes novamente, lenta e deliberadamente.

Sem pensar, minha mão se estende rapidamente, os dedos agarrando seus cabelos escuros. Não é gentil. Estou com raiva, percebo. Ou talvez com medo, não sei.

Deve doer, mas ele não resiste. Apenas me encara em um desafio silencioso.

Por um momento, não tenho certeza se vou empurrá-lo para longe ou puxá-lo para mais perto. A vontade de beijá-lo com a minha boca me invade como um incêndio.

Preciso de conexão, percebo, cambaleando por dentro. Contato físico, proximidade, conforto. Estou doida por isso depois da violência emocional dos últimos dias — até mesmo vindo dele.

Mesmo na forma de... seja lá o que for isso.

Sinais de alerta estão soando na minha cabeça. Este é o Stark. Ele é um monstro, um valentão, um bruto. Estou em um relacionamento muito, muito público com Killian, a quem amo.

A lógica não é páreo para a necessidade animal. Meus dedos apertam os cabelos de Stark. Ele abre mais a boca, mostra os dentes e morde minha carne.

O som — porra, o gemido — me escapa novamente, meus mamilos endurecendo.

Então ouço o barulho de botas do lado de fora, um instante antes da aba da barraca se abrir. Eu me afasto dele quando Egith entra.

"Alfa Cooper", ela diz, com o olhar se alternando entre nós. "Alfa Stark."

"Relatório", Stark grunhe, sem demonstrar nenhuma pista do que acabou de acontecer entre nós.

"Sem notícias", ela responde rapidamente. "Eu só estava dando uma olhada no Cooper. Vocês dois deveriam pegar a estrada se planejam chegar em casa amanhã à noite."

Concordo e me levanto, esperando não parecer tão trêmula quanto me sinto.

Egith diz algo sobre os lobos estarem prontos. Stark se levanta para ir embora.

Eu não olho para ele. Seja lá o que for, não vou tocar nesse sentimento novamente nem com uma vara de três metros.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Dois dias depois, nos aproximamos dos arredores de Sturmfrost no início da tarde.

Stark ficou quieto durante toda a viagem, mas não é o silêncio ao qual estou acostumada. Ele está menos mal-humorado do que antes. Mantém uma distância respeitosa. Durante nossa parada em Linsfall, na volta, tínhamos dois quartos, em extremidades opostas da pousada. Ele está se comportando como se nada tivesse mudado entre nós.

Digo a mim mesma que nada mudou, mas parece mentira. A culpa me atormenta cada vez que penso em Killian.

Mas eu não beijei Stark de verdade, lembro a mim mesma pela décima vez. Foi apenas um pensamento — um impulso momentâneo impulsionado pela necessidade de conexão humana após a brutalidade da guerra. Fiquei devastada por não termos encontrado minha irmã e desmoralizada pelas horas de tortura brutal, tudo em vão. Eu estava em um lugar vulnerável — e ele me lambeu.

Eu poderia ter sentido vontade de beijar qualquer pessoa naquele momento. Não precisava ser Stark.

Não significou nada.

Não tenho do que me sentir culpada.

Afundando minhas mãos ainda mais no pelo de Anassa, deixo minha cabeça cair pesadamente à minha frente, aconchegada pelo calor suave de seu pescoço. Pressiono meu rosto em seu pelo, inalando profundamente. Seu cheiro familiar me acalma, o ritmo de suas patas enormes batendo no chão abaixo de mim me acalma, desacelerando meus batimentos cardíacos irregulares.

Eu só queria poder parar de ver aquele olhar nos olhos dele quando ele me lambeu pela segunda vez. E então quando o agarrei pelos cabelos...

E quando ele me mordeu...

Ele realmente queria que eu o beijasse?

Não. Isso é loucura. Foi um acaso — uma ocorrência bizarra. Ele provavelmente sentiu o mesmo tipo de necessidade pós-brutalidade por conexão humana que eu. Retiro todos os pensamentos que já tive sobre querer que ele fosse mais gentil. Eu gostava mais dele quando ele me queria morta.

A diversão de Anassa me contagia através do nosso vínculo. Ignoro, afastando todos os pensamentos sobre Stark.

Estamos quase em casa. Killian estará me esperando. A ideia me anima consideravelmente.

Mas ele não é a única pessoa que de repente anseio por ver.

Enquanto contornamos os limites do Quarteirão Sul, viro-me para Stark.

"Podemos fazer uma parada rápida?", pergunto. "Quero atualizar minha mãe sobre Saela."

Sei que não há nenhum progresso real para relatar, mas quero que minha mãe saiba que ainda estou procurando. Que não vou desistir.

Stark me olha de relance, o rosto inexpressivo. "Tudo bem, seja breve. Tenho certeza de que não preciso te lembrar que o Julgamento da Unidade é daqui a uma semana. Todos os outros Rawbonds devem ter treinado sem você nos últimos dias. Você precisa se atualizar."

Aceno com a cabeça, grata pelo adiamento. Não me sinto bem depois de tudo o que aconteceu nos últimos dias. Essa pessoa que monta um lobo gigante até a linha de frente, que tortura Sifões para obter informações... estou perdendo a noção de quem eu era antes.

A ideia de ver minha mãe, de abraçá-la...

Droga. Talvez isso seja menos para atualizá-la e mais sobre a minha necessidade de me sentir humana novamente. Aquela ânsia por contato físico ainda está à espreita.

Quando chegamos ao Bairro Leste, no entanto, a visão da casa da minha infância me paralisa. Todas as janelas estão escuras, com as persianas fechadas.

Eu sei, antes mesmo de meus pés tocarem o chão — antes de eu abrir a porta da frente e correr para dentro — que não há ninguém em casa.

O lugar está escuro, frio. Totalmente silencioso.

Stark me observa das costas de Cratos quando corro de volta para fora da casa vazia, com a testa franzida. Mas eu já estou correndo, descendo a rua em direção à casa de Igor.

A porta áspera estremece sob minhas batidas. Um momento depois, Igor a abre.

Seu rosto suaviza, deixando a aspereza habitual para trás, assumindo uma expressão estranha. Não, isso não está certo. Não é estranho.

Eu já o vi fazer essa cara antes, na noite em que Saela foi levada.

O pânico me percorre da cabeça aos pés, quente e vertiginoso.

"Meryn", ele diz gentilmente. "Sinto muito."

"Não", sussurro, recuando como se pudesse me livrar da verdade medonha estampada em seu rosto. "Não, não pode ser. Onde ela está?"

Igor me puxa para dentro de casa, suas mãos enrugadas acariciando meus braços delicadamente. Avisto Prina na sala de estar atrás dele, sua figura rechonchuda envolta em um vestido desbotado, os olhos arregalados e cheios de lágrimas de empatia.

"Sua mãe teve outro episódio", continua Igor em voz baixa. "Um episódio ruim. Não sabíamos... que ela estava indo tão bem até então."

Não.

Minha mente gira, buscando um ponto de apoio. Uma fuga. Como se eu pudesse evitar a realidade me recusando a ouvir as palavras.

"Três dias atrás, ela entrou na praça da cidade e... se envolveu em algum tipo de altercação com os guardas", diz Igor, com as palavras hesitantes. "Eles... a subjugaram. À força."

"Pare!", digo, rouco, congelado em uma negação desesperada. "Não !"

O rosto de Igor se contorce de tristeza. "Ela está morta, Meryn. Sinto muito. Eles a mataram."

Meus ouvidos começam a zumbir. Igor continua falando — algo sobre o corpo dela ser levado para o necrotério. Sobre ele e "Lee" cuidando dos preparativos para o funeral.

Mas não consigo ouvi-lo. Algo estranho está acontecendo. Um zumbido horrível e pulsante se forma atrás dos meus olhos. As sombras agachadas por toda a casa de Igor começam a pulsar em resposta.

Elas se aprofundam e se solidificam, contorcendo-se com uma vida inexplicável.

Igor parece não notar. Seu rosto está tenso de preocupação. Ele estende a mão para mim e eu tropeço para trás — diretamente em Stark.

Eu me viro em uma névoa de tristeza de partir a alma para ver o Alfa de Daemos elevando-se na porta aberta, seus ombros quase tocando o batente de cada lado. Sua aura me envolve como uma nuvem de tempestade, irradiando algo feroz e... quase protetor.

"O que está acontecendo aqui?", ele pergunta.

Igor repete o que me disse. Mal o ouço, tentando não entrar em pânico enquanto as sombras pulsam ao nosso redor, como algo vivo.

"Mandei um recado para o castelo imediatamente", diz Igor, "mas, claramente, a mensagem nunca chegou até você. Alguém respondeu que você

tinha ido para o front."

Balanço a cabeça, seja em negação ou simplesmente rejeição do momento, não sei.

Eu não estava aqui. Ela precisava de mim, e eu não estava aqui.

Tenho uma vaga consciência de Stark exigindo detalhes sobre a morte da minha mãe, mas não consigo me concentrar na conversa. Só consigo pensar nela.

Ela sofreu? Sabia que a estavam matando? Gritou por socorro?

Ouço a mim mesma emitir um som estrangulado e terrível.

Se eu estivesse aqui... se estivesse mais perto... Desamparo e raiva ameaçam me afogar.

A tempestade de tristeza dentro de mim se transforma abruptamente em um único ponto focal.

Killian.

Igor disse que estava ajudando com os preparativos do funeral. Killian sabe o que aconteceu. E ele me ama.

Kilian saberá o que fazer.

O mundo passa por mim em estranhos acessos e explosões enquanto corro porta afora, montando Anassa sem dizer nada. Ela não precisa se comunicar comigo, apenas começa a voltar imediatamente para o castelo. Minha necessidade avassaladora, minha tristeza, deve ser clara o suficiente para que ela não precise de explicação.

Sombras seguem em meu rastro, dançando atrás de nós.

Fecho os olhos com força, fundindo-me com Anassa enquanto ela corre pelas ruas, desviando por pouco dos moradores. Ela usa uma das entradas dos Bonded na lateral do castelo, irrompendo pelos corredores largos e me levando direto para a porta dele.

Killian está em seu escritório. Ele se levanta imediatamente da mesa quando entro.

A expressão dele se fecha quando me vê — desvio o olhar, incapaz de processar a dor dele além da minha.

"Meryn..." Killian diz suavemente: "Sinto muito. Recebi notícias sobre sua mãe ontem..."

"Eu não estava aqui." As palavras escapam de mim como um soluço. "Toda vez, toda vez que minha família precisa da minha proteção, eu vou embora. É tudo culpa minha..."

Killian envolve meus ombros com um braço firme, me guiando até um pequeno sofá encostado na parede oposta.

"Não", diz ele com intensidade. Meryn, você não pode se culpar. Sabe que tenho visitado vocês com frequência, trazendo comida e suprimentos. Eu a vi

semana passada. Ela parecia um pouco desorientada, mas não em um momento ruim. Você não tinha como saber. Ninguém poderia ter previsto isso.

Eu me inclino para o círculo protetor de seus braços, desesperada por aquele calor.

Desesperada para acreditar que ele não é tudo culpa minha.

Que eu não sou uma completa fracassada, responsável pela morte ou sequestro de todos que mais amo neste mundo.

Sinto o gosto salgado nos lábios e percebo que as lágrimas escorrem pelo meu rosto. Killian me observa, com olhos compassivos. Com uma pontada de irritação, desvio o olhar. Não quero a compaixão dele, nem de ninguém.

Não quando mereço sentir cada pedacinho dessa dor.

Killian leva a mão ao meu queixo, puxando meu rosto de volta para o dele. "Olhe para mim, Meryn. Não é sua culpa. Não havia como prever que ela teria outro episódio. E pelo que ouvi, aconteceu rápido. Não há nada que você pudesse ter feito a respeito, mesmo se estivesse aqui em Sturmfrost."

Sua voz está rouca de emoção, seus olhos brilhantes, penetrantes nos meus.

"Mer... Se houvesse algo que alguém pudesse ter feito, você sabe que eu teria..." Suas palavras vacilam. A angústia genuína em seus olhos me apunhala, cortando meu coração.

É aí que realmente me atinge. A perda. A realidade disso.

Saela nunca mais verá minha mãe. Ela não estará lá quando eu finalmente trouxer minha irmã para casa. Se eu trouxer minha irmã para casa. Meus fracassos se acumulam. Minha família inteira... Eu não pude protegê-los.

E agora ela se foi. Para sempre.

A presença de Killian me guia como um farol através da avalanche do meu desespero. Eu me desintegro contra ele, enterrando-me em seu peito. O calor e a solidez de seu corpo contra mim são o único ponto de quietude, de conforto.

Quando a tempestade dentro de mim finalmente se acalma, ele me entrega um lenço bordado a ouro e acaricia meu cabelo, passando o polegar pela minha bochecha para enxugar algumas lágrimas que eu não consigo ver.

Não consigo me obrigar a olhar para ele, embora continue aconchegada em seu peito, sem querer abrir mão do conforto de sua proximidade. Sua mão se move do meu cabelo para as minhas costas, ainda acariciando, seus dedos firmes, movendo-se em círculos pelas minhas costas. Seu batimento cardíaco é lento e constante sob minha orelha.

Ele é o único, além do Igor, que esteve aqui por mim e pela mamãe. Ele fez tanto para proteger e cuidar de nós dois.

As sombras estão de volta, subindo lentamente pelas paredes de Killian, escurecendo seu quarto. Fecho os olhos para bloqueá-las.

Deusa, quase me esqueci de como a dor é devastadora. Como ela deixa você áspera e em carne viva, mas nunca anestesiada. A dor é como uma ferida aberta — uma que nenhum curativo pode cobrir, nenhum escudo pode realmente proteger. A agonia pode diminuir, mas nunca desaparece de verdade.

Também não é apenas um sentimento. O luto tem camadas e camadas: tristeza, amargura, culpa, arrependimento...

Pelo menos desta vez estou mais velho do que quando meu pai morreu. Não sou uma criança perdida, vagando pelas ruas na esperança de desabafar minha miséria lutando contra cada babaca que encontro.

Desta vez, preciso me controlar. Não posso me perder na miséria. Preciso manter a guarda alta, o juízo em ordem.

Ainda estou aqui neste mundo sanguinário, lutando pela minha vida.

E Saela ainda está por aí.

Saela.

Ela é tudo o que me resta. Não vou decepcioná-la. Vou trazê-la para casa.

Apoio a cabeça no esterno de Killian, exausto e trêmulo, pensando nas semanas que virão.

O Julgamento da Unidade se aproxima. O funeral terá que ser rápido, com todo o treinamento que ainda preciso fazer para garantir que sobreviva o suficiente para chegar a Saela.

Rápido e barato, eu acho, de partir o coração. O treinamento em Rawbond não paga, e minha mãe não trabalha há anos. Com certeza, não sobrou dinheiro nenhum em casa.

Igor e Killian podem ter começado os preparativos, mas é um fardo que eu carrego. Ela é minha mãe. É o mínimo que posso fazer por ela, agora que ela se foi.

E Saela...

Porra. Minha irmã nem vai estar lá para se despedir da nossa mãe. Quando eu a trouxer para casa, será para uma casa vazia e mais sofrimento — além de todos os horrores pelos quais ela passou desde que foi levada.

Lágrimas frescas escorrem por trás das minhas pálpebras fechadas enquanto o peso das perdas de ambos me envolve como um manto pesado.

"Estou completamente sozinha", sussurro, me soltando do abraço de Killian para me levantar. "Minha família inteira. Eles se foram, todos eles. E Saela... se eu não a encontrar..."

Killian também se levanta, segurando minhas duas mãos nas suas. "Meryn. Você não está sozinha."

Olho para ele com os olhos embaçados. Sombras se movem atrás dele, provocantes.

"Mas minha família..."

"Deixe-me ser sua família agora", diz ele suavemente. Dando um passo para trás, ele lentamente se ajoelha.

O mundo se estreita bruscamente. O tempo parece passar mais devagar.

"Killian?" Ouço-me sussurrar.

"Deixe-me cuidar de você, agora e para sempre", diz ele, as palavras me alcançando lentamente e depois de uma só vez. "Você nem sempre precisa ser a forte. Deixe-me ajudá-la. Eu...", ele pigarreia. "Eu pretendia fazer isso depois que você se formasse nas Provas, Meryn, mas você precisa saber que não está sozinha neste mundo. Conversei com sua mãe sobre isso, sabia?"

Arqueio, lágrimas inundando meus olhos novamente.

"Você não está sozinha", rosna Anassa através do laço. "Você me tem."

Não é a mesma coisa; certamente ela sabe disso?

"Ela me deu sua bênção", continua Killian. "Deixe-me ser forte por você, Meryn. Seja minha esposa. Case-se comigo."

Não consigo falar. O ar em meus pulmões fica rarefeito.

Killian pega uma pulseira — uma faixa de ouro brilhante que reflete a luz do fogo, ardendo em sua mão como fogo vivo. É mil vezes mais opulento do que a simples pulseira de noivado de prata que minha mãe usava. A aliança é feita de elaborada filigrana de ouro que envolve dezenas de pequenos diamantes negros. No centro, há um enorme rubi redondo, vermelho como sangue fresco.

Meu próprio sangue pulsa alto em meus ouvidos.

"Seja minha rainha", implora Killian suavemente. "Governe ao meu lado e me ajude a remodelar nosso mundo, Meryn. Juntos, tornaremos o mundo mais seguro para pessoas como sua mãe. Traremos Saela de volta. Faremos as coisas certas."

Antes que eu consiga respirar para responder, outra onda de desaprovação vem de Anassa.

"Meryn", ela sibila. "Você não está no lugar certo para tomar essa decisão."

Mas nunca me senti tão lúcida. Este homem incrível ajoelhado diante de mim é muito mais do que eu mereço. Eu, uma plebeia. Eu, que não tenho outra família para falar.

Eu, que tinha pensamentos traiçoeiros sobre outro homem quando Killian estava aqui, cuidando da minha mãe, ajudando Igor com os preparativos. Sempre firme, sempre ao meu lado.

Passarei todos os dias da minha vida tentando fazê-lo feliz, se ele me quiser.

"Isso não é escolha sua", digo a Anassa com firmeza.

Neste momento, não me importo com a política, nem com as coisas que vão se interpor entre nós, com as coisas que precisaremos fazer para consertar os

erros do pai dele.

Tudo o que eu quero é ele.

"Sim", respiro.

"Sim?" A voz de Killian está trêmula, um raro momento de vulnerabilidade da parte dele. Meu coração aperta.

"Sim!" Eu o puxo para perto de mim, agarrando seu rosto. Minha dor, surpresa, euforia e exaustão se combinam em uma única necessidade pulsante — por conforto, pela boca de Killian, por um maldito lugar neste mundo inteiro onde eu possa simplesmente relaxar e pertencer e não me sentir como um fracasso constante.

Ele retribui o beijo com igual desespero, suas mãos grandes segurando meu rosto firmemente, colando minha boca à dele.

"Aqui", Killian se afasta e pega minha mão. "Quero ver esta pulseira no seu pulso."

A pulseira tem dobradiças, e ele a abre, depois a coloca no meu braço e a fecha novamente. A aliança de ouro se acomoda na minha pele, quase como se apertasse meu pulso. Giro meu pulso delicadamente para frente e para trás, admirando a maneira cintilante como a luz da vela reflete na profundidade do rubi, o modo como ele cintila no negro cavernoso dos diamantes.

Serei a rainha de Killian, e nada jamais pareceu mais certo.

Finalmente, finalmente, as sombras desaparecem.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Minhas preocupações com o funeral da minha mãe se revelam equivocadas. Killian cuida de tudo. Discutimos brevemente sobre isso, mas ele insiste em pagar por tudo.

"Você é a futura rainha, gatinha", diz ele. "Sua mãe merece um enterro digno em um lugar de honra. E você merece poder visitá-la em um lugar bonito e reconfortante."

É por isso que ele compra para ela um lugar no Jardim do Descanso Eterno — um cemitério luxuosamente cuidado no rico Bairro Norte da cidade, onde até os menores terrenos custam mais do que minha mãe ganhava em um ano. É administrado por uma pequena seita devota à Deusa Sem Rosto, e trouxeram uma sacerdotisa aqui hoje para abençoar a cerimônia.

Minha mãe não era religiosa, mas acho que ela teria adorado.

A manhã do funeral amanhece fresca e clara, apenas dois dias depois de eu ter voltado do front. O Jardim está fechado para a cerimônia da minha mãe, e Killian não poupou despesas.

O terreno que ele escolheu fica em uma colina gramada, protegido por uma enorme árvore-da-lua, coberta de belíssimas agulhas verde-escuras. A lápide é de mármore branco, com o nome dela gravado de forma simples, mas elegante, e as palavras Amada Mãe, Amiga e Vizinha. O caixão de mogno polido da minha mãe já está empoleirado sobre o túmulo aberto, decorado com um arranjo de rosas brancas perfumadas.

Sebes vivas bem cuidadas crescem por todo o jardim, proporcionando privacidade entre os lotes maiores da família. Algumas delas até têm flores resistentes que florescem no inverno. Há várias estufas na propriedade do jardim, onde crescem flores para que as famílias possam passar por lá e colher flores frescas para depositar nos túmulos de seus entes queridos.

Tenho que admitir que, depois de ver este lugar, a ideia de enterrá-la no sombrio cemitério comum perto do nosso bairro... não é nada boa. É um conforto que ela passará o resto dos seus dias aqui, nesta vista exuberante onde o ar cheira a limpo em vez de fumaça e pobreza.

Killian tem razão. Ela merece. E Saela gostaria de visitá-la aqui. Minha irmã sempre amou flores.

Ela também adoraria esta cerimônia, apesar do choque constrangedor dos meus dois mundos se encontrando. Todos que conhecemos do Quarteirão Leste estão aqui, vestidos com suas melhores roupas. Eles parecem maltrapilhos e desconfortáveis em meio a toda essa opulência, mas ainda estou feliz por eles terem vindo.

Eles se amontoam em um lado do túmulo — as mulheres da lavanderia, além de alguns vizinhos e amigos. Igor está de pé, ereto, à frente do grupo, parecendo inesperadamente elegante em seu uniforme militar formal dos tempos de serviço. Sua esposa Prina está ao lado dele, usando um vestido novo.

Do outro lado estão Izabel, Venna, Tomison e Nevah, vestidos com trajes formais da Bonded. Mal tive a oportunidade de vê-los desde que voltei da frente de batalha.

Anassa também está aqui, esperando do lado de fora dos portões do Jardim com os outros lobos. Ela tem estado quieta comigo nos últimos dois dias; não exatamente me excluindo, mas demonstrando seu descontentamento com o meu noivado.

Ainda assim, ela está aqui para mim quando é preciso, e há um toque carinhoso dela através do vínculo.

Killian permanece ao meu lado, vestido com um terno preto simples e incomum. Ele ainda parece um príncipe, é claro, mas percebo que ele escolheu a roupa com cuidado, para não chamar atenção indevida para si mesmo — um ato deliberado de deixar de lado seu status real que indica que ele está aqui simplesmente para me apoiar.

Sua consideração e sensibilidade durante tudo isso me tocaram tão profundamente — que nem consigo expressar em palavras.

Pouco antes da cerimônia começar, Anassa se anima. "Mais chegando. Espere para começar."

Mais...?

Então, chegando ao topo da colina, o restante dos Strategos Rawbonds chega, liderado por Gamma Daegan. Ele está ofegante, com o rosto corado — claramente eles correram para chegar a tempo. Meus olhos se arregalam em descrença.

"Conseguimos?", ele me pergunta enquanto se aproxima, sem fôlego.

"Desculpe, não sabíamos..."

"Você não sabia porque eu não te contei", eu digo, meu tom mais suave do que as palavras. "Por quê...?"

"Você é o nosso Alfa", ele diz como se fosse óbvio, e então se curva. "Claro que estaremos aqui para você. No momento em que o Alfa Stark nos disser..."

"Espere, Stark?", pergunto bruscamente. Então eu o vejo, seguindo o último Strategos.

Stark está de pé, imponente, no topo da colina, sua presença sombria saturando o ar límpido da manhã. Seus cabelos rebeldes ondulam ao vento, e seus olhos encontram os meus, me prendendo no lugar. Ele inclina a cabeça em minha direção e eu me enrijeço, depois aceno de volta, reconhecendo-o.

Eu o tranquei para fora da minha mente nos últimos dois dias. O que quer que tenha acontecido naquela tenda não tem importância, especialmente agora que estou noiva de outro homem. Mesmo assim, meu peito está apertado. Fico impressionada por ele ter pensado em contar a eles. Me emociona, por mais que eu odeie admitir, que ele tenha achado importante que eles estivessem aqui.

"Obrigada", digo a Daegan, descobrindo que falo sério. A matilha veio me apoiar, e juro que, como Alfa deles, cuidarei deles da mesma forma.

A cerimônia começa com meu elogio fúnebre: um discurso que tenho lutado para compor nos últimos dois dias. Estava tão nervosa com isso, querendo deixar minha mãe orgulhosa. Mas, ao me adiantar para falar, fico surpresa ao ver a ansiedade desaparecer — lavada pelo calor e apoio de todos os presentes.

"Minha mãe teve uma vida difícil", começo, minha voz ecoando clara e forte pelo ar frio do inverno. "Mas isso nunca a tornou dura. Ela criou duas filhas sozinha depois de perder o marido na guerra. Aqueles que a conheciam bem sabem que ela também lutou contra uma doença debilitante — uma doença contra a qual lutava todos os dias. Mesmo em seus momentos mais sombrios, ela nunca deixou de amar seus filhos."

Meus olhos se encontram com os de Igor e ele acena para mim, me encorajando. Estendo a mão, brincando com a opala no meu pescoço; parecia certo usá-la hoje.

"Ela nunca desistiu", continuo. "Nunca parou de tentar ser a melhor versão de si mesma — a melhor mãe que poderia ser. Ela era gentil. Compassiva. Compreensiva. Mesmo quando a vida era cruel com ela, como tantas vezes era. Mesmo quando sua mente e corpo se voltavam contra ela."

Faço uma pausa, com a garganta apertada, vendo os muitos olhares marejados entre meus amigos, vizinhos e a matilha.

"Estou tão feliz que todos vocês vieram homenagear a memória dela", digo, com a voz ligeiramente trêmula. Ela ficaria feliz — e orgulhosa — em saber o

quanto você se importa. E sei que falo por todos nós quando digo que espero que, em seu descanso eterno, ela finalmente encontre a paz que merece na vida.

Há uma onda de fungadas e aplausos abafados quando dou um passo para trás.

Killian sorri e pega minha mão quando volto para o seu lado, e uma mulher em vestes brancas imaculadas se aproxima do caixão.

A sacerdotisa da Deusa Sem Rosto inicia os ritos religiosos do sepultamento com um encantamento poético, invocando a deusa para escoltar a alma da minha mãe para a vida após a morte e proteger seu descanso eterno.

Observo com os olhos marejados de lágrimas enquanto o caixão é baixado à terra. A sacerdotisa espalha terra e ervas de bênção sobre o túmulo, invocando a deusa e nossos ancestrais para zelar pelos entes queridos sobreviventes da minha mãe e aliviar nossa dor.

É um contraste com o funeral do meu pai — uma memória que raramente revisitei. Não tínhamos um corpo para enterrar; seu pelotão havia sido atacado por Sifões e ele e os outros soldados foram despedaçados. A única coisa que recuperaram dele foi um dedo. Ele recebeu uma lápide indefinida no cemitério dos soldados, marcando um túmulo vazio.

Junto minha própria prece silenciosa às da sacerdotisa, me perguntando se nossos ancestrais ouvem. Se a Deusa Sem Rosto ouve.

Por favor, cuide de Saela. Mantenha-a segura. Ajude-me a trazê-la para casa, como minha mãe queria.

Com isso, a cerimônia termina. A multidão começa a se dispersar, mas me encontro paralisada, incapaz de me afastar do túmulo.

Ao meu lado, Killian aperta minha mão.

"Vamos para a casa da sua mãe", ele murmura. "Há coisas que precisam ser resolvidas, e você não deve fazer isso sozinha."



De volta à vizinhança, a casa parece menor e mais vazia do que eu me lembrava.

E... mais escura.

Como uma lâmpada sem pavio, para nunca mais ser acesa.

Acho que nunca percebi quanta luz minha mãe trouxe para este lugar. Foi ela quem fez dela um lar — quem a encheu de vida — mesmo no auge da sua doença.

Fico em pé no seu quarto vazio e choro enquanto Killian está lá fora falando com o proprietário sobre o aluguel atrasado.

Agora, preciso separar os pertences da minha mãe. Tirá-los de lá. Não voltarei a este lugar, e Saela também não. Em breve, alguma outra família empobrecida viverá aqui. Quando Saela voltar, teremos que construir um novo lar em outro lugar. Depois que eu me formar nas Provas, receberei um lar na Cidade Escravizada.

Mas... talvez eu seja rainha até lá, por mais irreal que isso pareça, mesmo na minha cabeça. Moraremos no castelo, eu acho. Saela terá tudo o que sempre precisou e muito mais.

Isso deveria ser um sonho se tornando realidade, e ainda assim...

Meu coração se parte, sabendo que temos que deixar este casebre imundo para trás — e todas as memórias que o acompanham.

Criaremos novas memórias, digo a mim mesma.

Mas não é a mesma coisa. Minha mãe não estará lá. Sua presença neste lugar é como uma marca, memórias gravadas em cada tábua do assoalho, cada móvel, cada arranhão e desgaste.

O castelo tem seus próprios fantasmas — não há espaço para minha mãe.

Pelo menos eu tenho as coisas dela. Posso levar alguns pedacinhos dela comigo. Guardar alguns fragmentos de sua memória para compartilhar com Saela se — quando — eu trouxer minha irmã para casa.

Pego o cachecol favorito da minha mãe no armário. Foi um presente do nosso pai quando eles estavam namorando. Está desbotado e desgastado pelo tempo, mas o padrão de lã com trepadeiras e rosas ainda guarda um pouco do perfume dela.

Por impulso, pego um par de sapatos dela também; os saltos cuidadosamente engraxados que ela usava apenas em ocasiões muito especiais. Eles não vão servir em mim, mas talvez quando Saela for mais velha...

E então me lembro do assoalho onde minha mãe guardava seus pertences mais preciosos escondidos, incluindo o colar de opala.

Lá dentro, encontro uma pilha de diários encadernados em couro, com as páginas desgastadas pelo manuseio frequente. Estão cheios de escritos e desenhos feitos com a letra elegante da minha mãe. Estou surpresa.

E, por um momento, emocionada com a descoberta.

Ela deve ter passado muitas horas preenchendo estas páginas, mas eu nunca a vi com os diários. Ter tal registro dos pensamentos e sentimentos da minha mãe...

Mas quando olho as páginas mais de perto, percebo que estou segurando um registro de sua loucura.

Os desenhos são extraordinariamente detalhados e assustadoramente repetitivos. A maioria retrata uma coroa em detalhes intrincados: dois lobos

pulando um sobre o outro sobre um delicado diadema carregado de joias.

Entre os desenhos, há anotações espalhadas — referências a alguém chamado "Lumina", menções a "Nocturn" e a palavra "Astreon" aparecem com a mesma frequência que os desenhos da coroa. Como os nomes dos nossos dois países, mas errados.

Reconheço os nomes imediatamente. Mamãe costumava murmurá-los com frequência durante seus episódios.

"Lumina", digo em voz alta, me perguntando onde diabos minha mãe ouviu esse nome. Essas pessoas são apenas frutos da imaginação dela ou ela os conhecia há muito tempo?

"Escondam os diários", Anassa rosna de repente sobre o vínculo, seu tom urgente e cheio de advertência. Ao mesmo tempo, ouço o barulho das botas de Killian no corredor lá fora.

Confusa, mas animada pela intensidade de Anassa, enfio os diários na minha bolsa com o resto das coisas da minha mãe no momento em que Killian entra no quarto.

"Ei", ele diz com um sorriso gentil. "Encontrou alguma coisa especial que queira guardar?"

Algo em seu tom de voz me faz hesitar. Não sei bem o que é, mas não condiz exatamente com a expressão em seu rosto. Há um toque de tensão em seus olhos.

"Só algumas coisas", digo, mantendo a voz calma enquanto meu coração bate inexplicavelmente rápido. Coloco a mão na bolsa, enfiando os diários discretamente mais fundo enquanto lhe mostro o cachecol e os sapatos da minha mãe. Há um frasco de perfume também, com uma única gota de líquido âmbar ainda dentro.

"Ela costumava usar quando eu era pequena", digo, desviando seu olhar da bolsa aberta. "Quando meu pai era vivo, ele comprava coisas assim para ela de vez em quando. Pequenas extravagâncias para fazê-la se sentir especial." Minha garganta aperta. "Ainda cheira a ela. Como a mulher que ela era antes de ele morrer, quero dizer."

O rosto de Killian se suaviza com compaixão. "Ele realmente a amava."

Aceno com a cabeça, apertando o frasco com força em uma das mãos.

"Deixe-me ver." Ele pega o frasco delicadamente dos meus dedos e o leva ao nariz. "Hum. Cheira bem. De boa qualidade. Aposto que o perfumista do castelo conseguiria reproduzir este perfume."

"Sério?", pergunto abruptamente. "Você tem um perfumista designado no castelo?"

Ele ri baixinho. "Mas é claro. Não se pode esperar que o rei se aventure pela cidade toda vez que quiser experimentar um novo perfume, não é?"

Nós rimos juntos, então a expressão de Killian se torna solene. "Você gostaria de outro frasco do perfume da sua mãe, Meryn?"

Meus olhos ardem de lágrimas, os diários e o aviso de Anassa momentaneamente esquecidos.

"Eu gostaria", sussurro, ficando na ponta dos pés para beijá-lo. "Eu realmente gostaria."



Naquela tarde, me despeço de Killian e vou direto para o terraço favorito de Anassa com os diários nas mãos. Ela levanta a cabeça quando subo os degraus do terraço e jogo os diários no chão à sua frente.

"Certo, fale", eu digo. "O que você sabe sobre os diários da minha mãe e por que, em nome da deusa, você me fez escondê-los do Killian?"

Anassa se recosta majestosamente sobre os calcanhares, sua forma maciça recortada contra a montanha e o céu escuro além dela.

Através do nosso vínculo, surge sua resposta enlouquecedoramente enigmática: "Eu já te contei tudo o que podia."

"Você não me contou nada!", exclamo.

Anassa apenas pisca para mim em um silêncio impassível.

"Droga! Isso é importante, Anassa. Minha mãe acabou de morrer. E estes são os pensamentos dela — um registro de sua loucura, seus delírios — no papel. Se você sabe algo sobre isso, preciso que me diga!"

"O que eu posso te contar que ainda não esteja escrito aí pela letra da sua mãe?", responde o lobo, impassível diante da minha angústia.

"Eu não sei!", grito. "É por isso que estou perguntando!"

Como Anassa não responde, abro um dos diários e gesticulo para a imagem da coroa de lobo. "Por que ela desenhou isso várias vezes? Você sabe o que é? E os nomes — Lumina, Nocturn, Astreon — o que você sabe sobre eles?"

Anassa nem olha para a página. "Talvez seja hora de você fazer uma busca por conta própria."

A tristeza e a frustração me fazem andar para longe dela, passando as mãos pelos cabelos enquanto repasso os fatos mentalmente.

"Os episódios da minha mãe sempre giravam em torno desses nomes. Ela falava sobre eles — até para eles. Nocturn e Astreon quase fazem sentido. Como as personificações dos nossos Reinos, Nocturna e Astreona. É uma ilusão básica. Mas Lumina — eu nunca ouvi esse nome, exceto da minha mãe."

Eu me viro de volta para ela, com os pensamentos a mil. "E por que a mamãe

melhorou de repente quando me tornei Elo? Ela estava mais lúcida nos últimos meses do que em anos. Enquanto isso, comecei a ter pesadelos e alucinações. Nada disso faz sentido..."

Eu paro, piscando para o lobo com a compreensão repentina.

Talvez seja hora de você fazer uma busca por conta própria.

Ela me disse algo parecido quando comecei a treinar com Stark e ele me mostrou sua biblioteca. Ela queria que eu fizesse uma pesquisa, mas eu não dei ouvidos.

Repentinamente animado, volto aos diários e os recolho do chão. Anassa observa com o equivalente lupino de uma sobrancelha erguida.

"Tudo bem", digo ao meu lobo, minha decisão se elevando acima da minha dor. "Se você não me der respostas, eu sei onde encontrá-las."

OceanofPDF.com

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Os corredores do castelo estão escuros enquanto caminho até o escritório de Stark, meus sentidos aguçados pelo meu subterfúgio. Não quero ser visto invadindo seu espaço privado a esta hora da noite — por ele ou qualquer outra pessoa.

Não porque seja proibido, ou mesmo mal visto, mas porque uma intuição insidiosa me diz que a informação que procuro é... perigosa.

Felizmente, depois de semanas percorrendo esse caminho duas vezes por dia para treinar, reconheço cada tábua que range, cada sombra, cada canto escondido. Cada vez que ouço passos ou vozes se aproximando, desapareço de vista.

Os diários da minha mãe, guardados em segurança sob a minha camisa, pesam contra a minha pele. Como um segredo terrível e obscuro.

O escritório de Stark parece vazio quando abro a porta e espio lá dentro. Nenhum som. Apenas uma lâmpada está acesa, lançando a sala externa — seu salão de treino e biblioteca — em sombras profundas e bruxuleantes. Ele deve estar em um treino tardio ou em seus aposentos, perto da área da matilha de Daemos. Provavelmente não tenho muito tempo.

Entro sorrateiramente, pego a lâmpada do gancho ao lado da porta e vou direto para as prateleiras. Sou magnetizada por uma certa prateleira com uma certeza inquietante. É aquela prateleira com os livros antigos que atraiu meus olhos com tanta força antes.

A luz da lâmpada ilumina as lombadas empoeiradas com um brilho alaranjado opaco.

Levanto a mão para uma em particular. É visivelmente mais velha que as outras, com a encadernação de couro rachada e gasta. Meu coração dispara enquanto a deslizo do suporte. O volume grosso parece mais pesado na minha

mão do que deveria. As páginas estão profundamente amareladas pelo tempo, com as bordas começando a se desfazer.

Não tem título. Nenhuma inscrição. Nada que indique a natureza do seu conteúdo.

No entanto, sei que é o livro certo, sem lógica ou razão.

O sangue corre pela minha cabeça enquanto abro a capa, os dedos acariciando delicadamente as páginas quebradiças. Também não há página de título. Nenhum sumário.

O primeiro capítulo é intitulado simplesmente "As Rainhas Sturmfrost".

É uma história de Nocturna, percebo, examinando as primeiras páginas. E nem sequer está impresso como um livro de verdade — é manuscrito, cada página preenchida de ponta a ponta com uma caligrafia cuidadosa e sinuosa.

Meus olhos percorrem as páginas rapidamente, absorvendo as informações enquanto minha mente luta para entendê-las.

As Rainhas Sturmfrost foram as governantes originais de Nocturna, proclama o livro. Uma longa linhagem matrilinear de guerreiras ligadas com poderes incríveis que governaram o reino por séculos. As datas listadas são muito anteriores à linhagem do Rei Cirilo.

Balanço a cabeça em silenciosa confusão. Isso é verdade?

Pelo que eu sei, Nocturna sempre foi governada por um rei humano sem vínculos. Deve ter havido alguém governando Nocturna antes deles, mas...

Franzo a testa, percebendo que não conheço a história além dos últimos quinhentos anos. Nunca nos ensinaram isso na escola. Nunca vi isso mencionado em nenhum livro de história.

Na verdade, fomos ensinados que Nocturna, como a conhecemos, não existia antes do ancestral do Rei Cirilo assumir o trono. Ele fez do reino de Nocturna o que é hoje. Ele uniu os humanos e os lobos sob um único governo.

Sempre presumi que Nocturna fosse apenas um conjunto de acampamentos humanos antes disso. Uma civilização dispersa lutando para sobreviver em um mundo selvagem e perigoso, povoado por predadores vorazes — lobos gigantes e Sifões que nos caçavam como gado, ameaçando nossa própria existência.

Então, como dizem as lendas, a Deusa Sem Rosto buscou elevar os humanos e equilibrar o poder entre nós e nossos inimigos. Então, ela abençoou o ancestral do Rei Cyril com o Terrível Sangue, dando a ele o poder de controlar os lobos e a nós a capacidade de nos conectarmos com eles.

Isso nos deu a força para expulsar os Sifões de nossas terras, dando início à guerra secular entre nosso reino e Astreona.

Mas, de acordo com este livro, nada disso é verdade. Nocturna é milênios mais velha do que nos disseram. E os lobos gigantes foram uma parte central do

governo da linhagem Sturmfrost. Eles sempre foram nossos aliados.

Isso não pode ser real, penso, olhando para a escrita estreita. Tudo o que nos ensinaram... não pode estar tudo errado. Pode?

Viro algumas páginas, examinando nomes e histórias que nunca vi ou ouvi antes. Rainhas que governaram com lobos gigantes ao seu lado, unindo os humanos. Protegendo-os.

E então encontro os desenhos.

Minha respiração fica presa na garganta.

Viro-me e coloco o livro na mesinha ao lado da estante, tirando os diários da minha mãe. Não preciso ver os desenhos lado a lado para saber que são iguais, mas mesmo assim os coloco em ordem.

É a coroa que minha mãe desenhou várias vezes — os lobos gêmeos saltando sobre uma pedra preciosa colocada entre eles. Absolutamente idênticos.

Esta é a coroa da linhagem Strumfrost, forjada há milhares de anos e imbuída de uma magia poderosa.

Minha mente gira. Como minha mãe poderia saber disso? Onde ela poderia ter visto?

"Anassa?" Estendo a mão, cutucando o elo. Ela está em silêncio. Se ela sabe alguma coisa sobre isso, não está me dando a mínima pista.

Viro a página, procurando uma explicação, qualquer coisa.

O que encontro é outro desenho.

A adrenalina inunda minhas veias.

É uma ilustração da escultura que encontrei atrás daquela tapeçaria na passagem dos servos: uma rainha montada em seu lobo gigante, a coroa Sturmfrost com os dois lobos saltando empoleirados no topo de sua cabeça.

Porra. Quase esqueci. Foi lá que eu já vi a coroa antes.

Mas como? Por quê? As perguntas passam pela minha cabeça em um turbilhão sem sentido.

Isso é... impossível.

E ainda assim...

Algo me incomoda. A escultura, a ilustração, os desenhos da minha mãe... este não é o único lugar onde vi a coroa.

A compreensão me atinge como um golpe na cabeça.

A arena. Aquele brilho de metal no ralo — o formato dele.

Era a coroa.

Antes que eu consiga sequer começar a processar o que isso significa, o som de passos pesados se aproximando da porta me tira dos meus pensamentos.

Meu coração para.

Rígido.

A vontade de esconder o livro me invade, mas algo me diz que é inútil. Este não é um livro qualquer. Ele vai saber que eu o toquei. Como se o conhecimento dentro dele tivesse deixado uma marca indelével em mim.

Isso não faz sentido nenhum, penso, enfiando os diários da minha mãe de volta para debaixo da camisa.

Mas também não faz sentido que eu soubesse exatamente qual livro ler. Que este volume em particular seja o que me chamou a atenção. Que as ilustrações dentro dele combinem com os desenhos da minha mãe, com as visões dela — e com as minhas.

Nada disso faz sentido.

Atrás de mim, a porta se abre com um rangido.

Com o coração pulsando na garganta, eu me viro.

O rosto de Stark está ilegível, refletido na forte luz amarela do abajur. Ele olha para o livro desgastado em minha mão. Então, lentamente, seus olhos se arrastam até a aliança de noivado presa em meu pulso.

"O que é isso?", pergunto. "É ficção? Uma história infantil? De onde veio?"

Seus olhos escurecem, seu maxilar se contrai. "Parabéns pelo noivado", diz ele em vez disso. "Você será uma rainha incrível."

Quase jogo o livro na cabeça dele, mas me contenho a tempo. "O livro, Stark", sibilo.

Stark dá de ombros. Dá de ombros!

"Não posso te contar nada sobre isso", diz ele em um tom cuidadosamente neutro.

A raiva me invade a cabeça. Duas palavras saem dos meus lábios como o estalo de um chicote. "Por que não?"

Ele não me responde. Apenas fica parado ali, me encarando como se estivesse furioso comigo. Sua mão solta a maçaneta, mas ele não entra no quarto. Quase como se tivesse medo de se aproximar.

Com medo? Penso, perplexa. Stark?

"O que está acontecendo aqui?", pergunto a Anassa. "Você sabe, não sabe? Isso é real?"

A cautela de Anassa atravessa o vínculo. Há uma pausa. Quase consigo senti-la calculando o que dizer. O silêncio sobe pelas minhas costas como uma premonição, sussurrando algo que não consigo ouvir direito.

Sua resposta vem no mesmo tom de neutralidade cautelosa que Stark usou. "Eu também não posso te contar nada sobre isso."

Eu pisco.

E também?

E TAMBÉM?

Por que meu lobo gigante está conspirando com Stark?!

Ambos sabem mais do que dizem. E, por algum motivo, concordam que eu não vou saber o que quer que eles estejam escondendo — sobre minha mãe. Minhas visões. Essa história, seja lá o que for.

Achei que estava perdendo a cabeça. E todo esse tempo... eles sabiam. Eles sabiam sobre esse livro, essas supostas rainhas de Sturmfrost — as coisas que eu via em alucinações.

A traição queima em meu peito.

Anassa é minha loba gigante. Ela deveria ser minha aliada, minha protetora. Há quanto tempo ela guarda segredos de mim? Ela, que sempre me tratou de forma tão abominável quando sentia que eu a havia excluído. O quanto ela — as duas, será que estão — escondendo de mim?

Minha mente se contrai sob o peso de tudo o que aprendi na última meia hora — e de tudo o que ainda não entendo.

É muita coisa para processar. Os pontos ainda não estão todos conectados.

Mas estarão.

Levo o livro, encarando Stark diretamente. Minha voz sai áspera como uma lixa e cáustica.

"Vou levar isso."

Espero que ele proteste — que recuse categoricamente. Mas estou disposta a lutar com ele por isso.

Seu olhar se move rapidamente para o livro, depois volta para o meu rosto, percebendo a ameaça em minha postura. Num tom carregado de camadas de advertência inexplicável, ele diz: "Eu tomaria cuidado com isso."

Que porra é essa?

Meus olhos se estreitam. "Se você está tão preocupado com o que eu vou fazer com este livro, então me diga o que eu preciso saber!"

Algo passa pelo seu rosto, rápido demais para compreender. Ele balança a cabeça.

"Eu não posso. Só... tenha cuidado."

"Foda-se", eu digo bruscamente, passando por ele furiosa.

Enquanto saio dos aposentos de Stark, os pensamentos de Anassa roçam cautelosamente nos meus. O toque de sua mente é silencioso, quase hesitante. Como se ela sentisse o quão perto do limite eu estou — o quão perto da violência explosiva.

"O que você vai fazer?", ela pergunta.

"Ah, agora você quer conversar?", eu rosno. "Bem, que pena. Deveria ter pensado nisso antes de guardar segredos, Anassa."

Com isso, eu esmurro a parede de ferro entre nós.

Não posso confiar em Anassa. Isso está bem claro. O que mais ela pode estar escondendo de mim? Ela me deu apenas o que queria que eu soubesse durante todos os quatro meses em que estivemos ligados. Ela nem me deu uma pista sobre quem é seu companheiro, por exemplo. Isso deveria ter sido um sinal de alerta.

A traição dela arde como congelamento. E Stark...

Lembro-me novamente da nossa viagem ao front. Os momentos em que ele demonstrou preocupação por mim. O desejo em seus olhos quando me lambeu.

Aquele desgraçado estava brincando com a minha cabeça o tempo todo, não é?

Foda-se. Fodam-se os dois.

O que quer que esteja acontecendo aqui — independentemente de como esteja ligado às visões da minha mãe — eu vou descobrir o que está acontecendo.

Com ou sem a ajuda delas.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

O Julgamento da Unidade é em três dias, e eu preciso estar afiada. Mas, em vez de treinar com meus companheiros de matilha para garantir que minhas habilidades estejam o mais aprimoradas possível, estou sentada no meu quarto, debruçada sobre um livro antigo sobre rainhas, magia e história.

Há uma ardência em mim, como se eu precisasse descobrir isso. É um impulso. Um instinto. E se Stark e Anassa continuarem sua sequência de inutilidade, a culpa é minha.

Por um instante, considerei pedir a ajuda de Killian. Mas o que ele pensaria disso, deste livro que oferece uma história completamente diferente da narrativa que sua família promove? Ele iria querer investigar mais a fundo, como eu? Ou descartaria a ideia de imediato?

Além disso, o aviso do Stark de que eu preciso "ter cuidado" com este livro não sai da minha cabeça — mesmo que ele seja um babaca.

Pensar nele me irrita de novo. Estou dispensando o treinamento Alfa com aquele babaca desde que discutimos há dois dias.

Estou prestes a mergulhar de volta no livro quando alguém bate à minha porta.

Entrando em pânico, enfio o livro debaixo do cobertor. "É?"

"Sou eu." Izabel.

Abrindo a porta, dou-lhe as boas-vindas.

Ela passa os dedos pelos cabelos escuros enquanto entra e me observa fechar a porta.

"Ei", digo, um pouco sem jeito. Mal a vejo desde que voltei do front, além do funeral da minha mãe, e a aquisição deste livro não ajudou em nada.

Izabel morde o lábio e diz: "Só queria ver como você está. Ver se você está bem, enclausurada aqui dentro."

É uma cutucada nas minhas feridas abertas. Quando estou treinando ou pensando neste livro idiota, é mais fácil fingir que nada mudou. Mas quando ela me pergunta diretamente como estou, estou de volta ao Jardim do Descanso Eterno, observando o corpo da minha mãe desaparecer no chão.

Entorpecimento e tristeza me invadem, mas conto a verdade. "Estou em pedaços. Ainda não consigo acreditar que ela se foi. É fraqueza minha admitir, como sua Alfa?"

A mãe que conheci quando criança desapareceu anos atrás, mas a recente melhora em sua condição me deu uma espécie de esperança tola. Talvez as coisas finalmente melhorassem. Talvez Saela voltasse a ser uma mãe lúcida, totalmente capaz de cuidar dela.

É como um hematoma que não cicatriza, e tenho feito tudo o que posso para evitar olhar muito de perto.

Izabel balança a cabeça. "Eu ficaria mais preocupada com você se não estivesse. Mas só quero ter certeza de que você se lembre de que a matilha está aqui para você. Sentimos sua falta. Sinto sua falta."

Seus olhos se voltam para a pulseira de noivado brilhando em meu pulso e, com a mesma rapidez, ela desvia o olhar. Tenho certeza de que ela tem estado muito curiosa sobre isso nos últimos dias, mas não estive por perto para ela me questionar, e ela, misericordiosamente, tem me dado espaço.

Ainda assim, não consigo mais esconder isso dela. Não está certo.

Estendo meu pulso para que ela possa ver direito — a aliança de ouro trabalhado, os diamantes negros brilhantes, o enorme rubi vermelho-sangue no centro. "É uma pulseira de noivado. Killian me pediu em casamento antes do funeral, e eu aceitei."

Há um breve momento de silêncio chocado, então Izabel me puxa para mais perto e grita. Grita como uma garotinha. É agudo, penetrante e maravilhoso pra caralho. "Eu sabia!"

Então ela ofega e para de se mexer de alegria, se afastando de mim.

"Espera aí, tudo bem ser feliz agora?"

"É, Izabel. Você definitivamente pode ser feliz." Preciso da felicidade dela. É contagiante e linda.

E ela cumpre. Ela começa a pular, agarra meu pulso e olha para a pulseira com sons de admiração. "Nunca vi nada parecido, Meryn! Esta pulseira é dez vezes maior que a da minha mãe. Ah!" Seus olhos grandes se arregalam ainda mais, se é que isso é possível. "Acabei de perceber que você vai ser rainha!"

Rainha.

Soa diferente, vindo da boca da minha amiga — como se houvesse verdade nisso, pela primeira vez. A palavra me dá um arrepio na espinha.

Meu rosto fica vermelho. "É, acho que sim."

"Vamos ter uma rainha dos Elos! Nossa. Isso merece uma comemoração", anuncia Izabel.

A ideia de "comemorar" com os outros Elos Cruéis é um pouco nauseante. Com o Julgamento da Unidade se aproximando, todos estão agindo como se fosse o fim dos tempos e a situação no salão comunal passou de uma festa constante e sexualmente positiva para pura devassidão.

Estou honestamente surpresa por não conseguir ouvir os gemidos daqui.

Izabel deve ter sentido meu desconforto imediato, porque ela se vira. "Ok, não é uma comemoração", diz ela. "Que tal um encontro casual com alguns amigos?"

Expiro aliviada. "Isso eu consigo."

Trinta minutos depois, entro no calor agradável da cozinha. O cômodo me é desconhecido. Ouvi dizer que os Rawbonds às vezes vêm aqui para pegar comida escondida fora do horário das refeições, mas nunca senti vontade de visitá-la pessoalmente — não é como se eles economizassem em comida nas nossas refeições.

A cozinha é enorme, com armários e balcões altos, piso de pedra e uma lareira arqueada grande o suficiente para caber nós cinco. Há grades de metal sobre o fogão, destinadas a panelas, bem como cantos reservados perto das chamas para o pão crescer. O ar cheira aos maços de ervas pendurados ao nosso redor, a um tempero deliciosamente picante e ao calor persistente do ensopado que comemos no jantar. O espaço de trabalho está coberto de ingredientes cuidadosamente dispostos.

O espaço está surpreendentemente vazio de funcionários, o que parece suspeito até eu perceber que Tomison está aqui. O homem tem a incrível habilidade de convencer as pessoas a fazerem o que ele pede com apenas um sorriso. Sem dúvida, ele é responsável pela nossa privacidade.

Nevah senta-se no balcão perto dele. Tomison diz algo a ela, e ela imediatamente se estica para pegar um maço de ervas pendurado e o acerta no rosto.

"Não o rosto!", grita Tomison, protegendo-se com os braços. "Todo mundo adora o rosto!"

"É o que você gostaria de pensar", brinca Izabel enquanto caminhamos até eles.

"Que bom ver que você saiu da hibernação", diz Nevah enquanto encosto meu quadril no balcão em que ela está sentada.

Levanto uma sobrancelha. "Eu te vi no treinamento há poucas horas."

"Isso é diferente", diz Tomison, batendo a mão no meu ombro.

"A despensa está cheia, Tomison", anuncia Venna enquanto se junta a nós com uma braçada de coisas — ovos, manteiga e uma tigela. "Mas não encontrei farinha."

Tomison se afasta do balcão. "Eu sei onde está", ele nos diz e desaparece na despensa.

Nevah desliza para baixo e sorri, estendendo a mão por cima de mim para pegar algo. Ela pega uma garrafa de vinho tinto e a abre usando apenas o polegar. "Vamos ficar bêbados", diz ela, e Venna solta um grito.

Nevah serve xícaras para todos nós enquanto Tomison reaparece, segurando um saco de farinha. Izabel o pega e o aponta para os ovos. "Sua próxima tarefa."

Tenho a repentina sensação de que ela o convidou para esta noite apenas para poder lhe dizer o que fazer.

"Desde quando você está no comando de mim?", ele protesta com um sorrisinho irônico.

"Já que estou fazendo um bolo para o nosso bom amigo em comum", diz ela e o segura pelos ombros para empurrá-lo em direção ao balcão. "Vamos lá."

"Sim, senhora", diz ele e pega o primeiro ovo.

"Nosso pai sempre fazia este bolo quando havia boas notícias", explica Izabel, virando-se para mim. "Achei que seria perfeito."

Não deveria me surpreender que a perfeccionista e a melhor aluna da turma, Izabel, também ame a precisão da confeitaria. "Obrigada", digo, tocada pelo esforço.

"A menos que haja um bolo específico que sua família sempre gostou?", oferece Venna.

Izabel aponta para ela. "O que ela disse. Eu poderia fazer isso, em vez disso."

Ninguém no Eastern Quarter jamais teria dinheiro sobrando para todos os ovos, manteiga e açúcar necessários para fazer um bolo. Mas não quero piorar o clima com papo de pobreza, então digo: "Não. Adoraria experimentar o que for especial para a sua família."

"Você não vai se arrepender", diz Venna e cutuca meu braço.

"Espera aí, o que estamos comemorando?", pergunta Tomison, olhando por cima do ombro para nós enquanto continua a quebrar os ovos.

Izabel geme. "Você é mais burro que o bolo que estamos fazendo."

"Rude", diz Tomison. "E como eu vou adivinhar algo que ninguém me contou?"

Nevah agarra meu braço, levantando-o e sacudindo-o para que a pulseira de noivado reflita a luz.

"Uau, Cooper!", exclama Tomison, largando os ovos e se virando para nós. Então ele pega meu pulso e o examina. "Você está noivo?"

Meu rosto esquenta com a atenção. Acho que vou ter que me acostumar com isso, embora eu realmente espere que a notícia se espalhe rápida e discretamente. "Parece que sim", eu digo.

Ele ri e então pega a taça de vinho ember que Nevah lhe serviu. "Bem, eu brindo a isso!"

Todos nós tomamos um gole, mas Nevah vira sua bebida de um gole só e joga a taça vazia na mesa. Ela está começando a enchê-la de novo quando Izabel diz: "Calma, vocês precisam trabalhar. Vocês três..." Ela aponta para mim, Venna e Nevah. "Vão buscar suprimentos para a cobertura."

Nevah e Tomison trocam olhares aflitos e Nevah resmunga: "Ela está sendo mais mandona que o Alfa Stark."

Izabel estala a língua. "Temos um cronograma aqui, o bolo vai para o forno em cinco minutos!"

Sigo Nevah e Venna até a despensa, mas fico de lado enquanto as duas procuram açúcar de confeiteiro e condimentos. Não faço ideia do que compõe uma cobertura, muito menos onde encontraria.

Quando saímos da despensa alguns minutos depois, Tomison e Izabel estão discutindo de brincadeira.

"Nossa, fodam-se logo", diz Nevah para mim e Venna, com a voz um pouco arrastada. Observamos Tomison se aproximar demais de Izabel, que o empurra com a mão enfarinhada e uma carranca fingida.

"Eca", resmunga Venna. "Ele é como um irmão chato."

"Não para ela", provoco com a minha xícara.

Venna geme. "Não quero pensar nisso. Nevah, me distraia."

"Achei que você já teria muitas distrações, como a notória Assassina de Kryptos", responde Nevah.

Venna cora imediatamente. "Não me chame assim. É burrice."

"Assassina?", pergunto.

"Ela está se esforçando para..." Nevah começa, mas então Izabel se vira e acena com um batedor para ela.

"Venna só gosta de se divertir! Não a intimide", diz ela antes de piscar para a irmã gêmea.

Venna revira os olhos. "Eu não pedi um apelido."

Izabel larga o batedor. "Metade dos Rawbonds a amaaa", provoca Izabel, sinalizando enquanto fala. "Mais da metade."

"O que aconteceu com a ideia de não me intimidar?", protesta Venna.

"Somos parentes. É o meu trabalho." Ela franze a testa para o resto de nós e aponta um dedo sujo de farinha em nossa direção. "Nenhum de vocês consegue, no entanto. Sim, ela é uma vagabunda linda e impressionante, mas ela também

é..."

"Ei!", protesta Venna. "Além disso, vocês duas mal conseguem conversar."

Nevah levanta as mãos. "Não sei o que você quer dizer. Sou uma mulher só."

"Ah, eu sei", diz Venna, sombriamente. "Você e Zadie dormem durante suas 'festas do pijama'? Porque, vou te dizer, vocês estão mantendo o resto de nós em Kryptos acordados."

Tomison se vira rapidamente com um sorriso interessado. "Conte-me mais sobre essas 'festas do pijama'."

Izabel pega um punhado de farinha e joga na cara dele. "Não seja nojento."

Ele engasga e limpa a farinha dos olhos. "Por que estou aqui?"

"Porque precisamos de alguém para encher a forma", responde Izabel, deslizando uma forma de bolo untada para ele. Tomison geme, mas faz o que lhe mandam, e em poucos minutos há um bolo assando em uma das prateleiras designadas na grande lareira.

Izabel, Venna e Tomison começam a conversar sobre uma padaria que todos gostam na Cidade dos Elos, e eu cutuco Nevah com o quadril.

"Fico feliz em saber que você está saindo com alguém. Eu sei que as coisas foram... difíceis... depois da Ascensão."

Nevah assente e toma um gole enorme de seu vinho. Não acho que ela vá reagir de verdade, mas então diz, baixinho: "Collin. O nome dele era Collin, o homem que eu amava. Acho que foi ingenuidade da nossa parte acreditar que nós dois conseguiríamos. Estávamos juntos desde os dezesseis anos. Sempre planejamos nos unir..."

Sua voz se perde e eu a abraço.

"Obrigada", diz ela, olhando para mim. Seus olhos estão marejados e ela funga com força, tentando recolocar sua máscara de força. "Se vocês — todos vocês — não tivessem vindo para o meu lado no Julgamento do Expurgo, não sei o que teria feito. Eu poderia ter deixado acontecer, honestamente. Mas ver que havia outras pessoas que se importavam se eu vivesse, mesmo que eu não vivesse..."

Mordo o lábio, tentando conter as lágrimas. Sei exatamente o que ela quer dizer; Ela está descrevendo como me senti quando Igor me tirou das ruas e começou a me treinar.

"Não precisa agradecer", eu digo. Antes que eu possa dizer qualquer coisa piegas, Tomison sobe no balcão e fica de pé.

"Tudo bem!" ele grita. O vinho ember está agindo rápido porque ele cambaleia um pouco antes de se endireitar.

"Não pise na farinha, seu idiota!" Izabel repreende.

"Um brinde!" ele anuncia, erguendo sua taça. Venna e Nevah imediatamente

erguem suas taças. Izabel revira os olhos e faz o mesmo. "À nossa futura rainha!"

Minhas bochechas ficam instantaneamente vermelhas. Gostaria que fosse só o vinho, mas isso é constrangedor. "Por favor, pare", eu imploro.

"Você tem razão. Foi minha culpa", ele corrige. "Um brinde à nossa futura rainha, caso ela sobreviva aos Testes da Unidade com a vida intacta!"

Caímos na gargalhada e bebemos. Não deveria ser engraçado, mas é mesmo. O peso que estava sobre meus ombros me alivia quanto mais bêbado fico, mais risadas ouço e mais vezes um dos meus amigos me passa o braço por cima do ombro ou sussurra para mim com um sorriso conspiratório.

Estamos nos divertindo tanto que todos nos esquecemos do bolo no forno... até sentirmos o cheiro.

Os olhos de Venna se arregalam e Izabel grita de desespero. "Não acredito que esqueci de olhar o relógio! A culpa é toda sua", diz ela, apontando o dedo para Tomison.

Ele joga as mãos para o alto. "Como é que a culpa é minha?"

"Você estava me distraindo!", ela grita, pegando luvas de cozinha e arrancando a forma de bolo da prateleira na lareira. Fumaça preta sai em espirais de cima enquanto Izabel tira o bolo.

É uma bagunça queimada. Absolutamente horrível, na verdade. Seu cheiro acre inunda a cozinha inteira e causa outra rodada de risos delirantes.

"Meu lindo bolo!", grita Izabel, enxugando as lágrimas de tanto rir. "Eu juro, eu sou boa nisso, Venna pode atestar."

Resgatamos algo comestível do meio, comemos montes de bolo em vez de fatias, e conversamos até que o adiantado da hora começa a nos arrastar para a exaustão.

Quando terminamos, Tomison e Izabel praticamente tiveram que carregar Nevah para fora da cozinha, embora nenhuma delas estivesse muito melhor.

"Meryn e eu limpamos", oferece Venna. "Vocês vão na frente sem nós." Quando elas saem, ela se vira para mim. "Ótimo, eu estava querendo ficar sozinha com você a noite toda."

O tom de voz dela me acalma instantaneamente. "Você tem alguma novidade?"

Ela balança a cabeça. "Infelizmente não. Eu estava investigando o que você pediu", ela me diz, e sinaliza "castelo" para o caso de os outros ainda estarem perto o suficiente para ouvir. Engulo em seco e assinto. "Ainda não encontrei nada concreto."

A decepção me invade, e tento disfarçar; afinal, ela está me fazendo um favor.

"Mas estou com um pressentimento estranho", continua Venna. "Tenho certeza de que há algo que estou perdendo ou que ainda não encontrei. Simplesmente fora do meu alcance."

Você não tem ideia, tenho vontade de dizer. Se este livro sobre as rainhas for real, algo muito estranho está acontecendo.

"Continuar procurando?", pergunto gentilmente. "Preciso saber se...", sinalizo "o rei". "...está tramando alguma coisa."

Venna assente e diz: "Estou planejando isso. Manterei você informada."

Espero que ela consiga trabalhar rápido. Em alguns dias, as Provas terminarão e seremos enviados para o front — pelo menos aqueles de nós que não estiverem mortos.

Nosso tempo está se esgotando.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Na manhã da Prova da Unidade, a trombeta soa pelo castelo antes do amanhecer, tão alto que o vaso na minha mesa de cabeceira chacoalha levemente.

Já estou completamente acordado. Estou acordado há horas, deitado aqui na escuridão, olhando para o teto. Sento-me lentamente e esfrego meus olhos que coçam, depois, mecanicamente, começo a vestir o uniforme e me preparar o melhor que posso para o que está prestes a acontecer.

Nossos instrutores nos prepararam o melhor que podiam para este momento, até mesmo Daegan, que melhorou muito como instrutor quando eu lhe disse diretamente que ele não precisava recorrer a mim para obter orientação e que deveria assumir a autoridade durante todas as aulas. Hoje é o ápice do período de Prova, nossa capacidade de mostrar aos instrutores, ao rei e aos nobres que somos capazes de trabalhar juntos em matilhas diferentes.

É claro que, como em todas as Provas aqui, também é uma oportunidade para derramamento de sangue. Cada matilha vem avaliando a outra durante os últimos dois meses de treinamento conjunto. Hoje é a última chance para qualquer lobo gigante ou cavaleiro abater um par que considere deficiente.

Amanhã, estaremos todos do mesmo lado, enfrentando o mesmo inimigo.

Quando chego ao salão comum, o restante dos Rawbonds já está reunido, tomando café da manhã em um silêncio tenso. É como se houvesse pingentes de gelo pendurados perigosamente no teto e todos nós estivéssemos apenas esperando que caíssem, imaginando qual de nós será atingido primeiro. Pegando um pãozinho, sento-me ao lado de Izabel e Nevah, embora não consiga me obrigar a comê-lo.

Uma sombra cai sobre meu prato e eu olho para os olhos duros e escuros de Jonah. Ele me encara com um olhar ardente. Desde que quebrou meu nariz e Stark o ameaçou, ele se mantém distante, mas sinto sua atenção maligna em mim

sempre que estamos no mesmo cômodo. Hoje é o mais perto que ele chegou desde aquele dia no pátio.

"O quê?", pergunto com uma carranca.

Ele sorri, e não contém nenhuma simpatia. "Boa sorte hoje, Cooper. Você pode ter aspirações quanto à sua posição, mas escreva o que eu digo, você vai morrer na sarjeta como a vagabunda plebeia que você é."

Eu empurro meu prato para longe de mim com um bufo. "Se você está pensando em desafiar um Alfa durante o Teste hoje, Jonah, você é muito mais estúpido do que eu imaginava, e acredite, eu não estava te dando muito crédito."

Seu sorriso se alarga e ainda não alcança seus olhos sem alma. "Eu jamais ousaria desafiar um Alfa", diz ele sarcasticamente, elevando o tom da voz para chamar a atenção de todos os outros Rawbonds. "Só estou apontando que hoje é um ótimo dia para eliminar qualquer sangue comum inadequado."

Com isso, ele se vira e vai embora, mas fez a cena que queria. As pessoas estão cochichando. Filho da puta. Talvez alguém ache apropriado eliminá-lo hoje.

O Líder Aldrich aparece então pela porta do salão comunal, com o rosto sério. "Rawbonds, formem fila para irem para a arena."

Estou entorpecido enquanto saímos do salão comunal em direção aos corredores, o que suponho ser melhor do que tremer ou cambalear à beira do vômito.

Através de brechas na multidão, vislumbro rostos que reconheço. O cabelo chique e característico de Venna a marca entre as fileiras dos Kryptos. Juntando-se a nós, vindo da outra direção, está Henrey com o restante de Phylax.

O sol da manhã ainda não atingiu o topo das muralhas do castelo. A luz da manhã pinta tudo de cinza quando chegamos à arena. Apesar da hora, a arena já está lotada com a multidão habitual de nobres elegantemente vestidos, gritando, rindo e embriagados de expectativa. É um espetáculo que nenhum nobre perderia. Eles nos encaram e apontam como se fôssemos animais em exposição.

Hoje, porém, eles estão acompanhados por Elos que vieram da cidade, familiares que estão de licença ou já aposentados das forças armadas. Tanto os nobres quanto os Elos comparecerão a esta Prova final e à cerimônia de formatura de amanhã.

Os lobos já estão nos esperando, e Anassa levanta a cabeça e me olha nos olhos enquanto me aproximo. Indo para o lado dela, passo a mão por seu pelo, sentindo a força de seus músculos sob meus dedos.

A parede de ferro entre nós se afina até quase desaparecer, tornando-se translúcida e macia.

Eu venho mantendo essa parede entre nós, e agora ela a está forçando a se

afastar. Não estou pronto para perdoá-la. Não até que ela se abra comigo. Mas se quisermos superar isso, precisaremos de conexão total — sem hesitação, sem hesitação. União.

Meu olhar percorre o chão de terra da arena, seguindo os ralos até onde fica a grade. Para onde, talvez, esteja aquela coroa. Não tive a chance de entrar aqui desde que encontrei o livro de Stark e estou ardendo de curiosidade.

Mas a grade está coberta hoje. Um palco elevado foi erguido no meio da arena, onde o Líder Aldrich está com os outros quatro instrutores. Os braços de Stark estão cruzados sobre o peito e seu olhar furioso está a todo vapor, mesmo a esta hora da manhã.

A segunda trombeta soa para sinalizar o início do Teste de União. Olho para cima no momento em que o Rei Cyril e Killian entram para se sentar em seus estrados de costume. Killian cruza meu olhar e acena com a cabeça. Eu aceno de volta, sentindo um calor me invadir.

Aldrich leva um amplificador de voz à boca e começa a falar, o som ecoando claramente pela arena. "O Teste de hoje simulará um ataque coordenado do Sifão ao castelo. Daemos desempenhará o papel das forças inimigas, atacando de múltiplas posições. Phylax deve manter nossas linhas defensivas. Kryptos transmitirá informações cruciais. E Strategos deve processar todas as informações recebidas e coordenar as forças em tempo real."

É para isso que estamos treinando. O palco onde os instrutores estão servirá como o castelo. O resto da arena, o campo de batalha aberto. Muito espaço para manobras, independentemente do que Daemos decida fazer.

"Como tenho certeza de que seus instrutores já os avisaram, um passo em falso em sua estratégia, uma quebra na unidade de sua matilha, e as defesas desmoronam", continua Aldrich.

Frisões de percepção me invadem a consciência. Anassa está se aproximando dos outros lobos, fazendo contato inicial, preparando-se para o fluxo de informações que terá que controlar.

Lideraremos isso como a dupla Alfa. É um bom exercício para mim — é assim que me sentirei quando me juntar ao restante das forças do Strategos na linha de frente.

Raios de informação começam a fluir de outros cavaleiros, através de seus lobos, de volta ao meu vínculo. Detalhes do terreno, possíveis movimentos de tropas, possibilidades táticas. Todos estão vibrando de nervosismo, embora algumas das emoções que vislumbro tendam mais para a expectativa. Aposto que uma delas é Tomison.

Tudo deveria ser avassalador, mas aos poucos me acostumei com a expansão da minha mente, remodelando-me para permitir uma corrente mais ampla. Mais

informação, menos força dolorosa. Tudo isso me invade mais rápido do que a mente humana consegue processar.

Não há pensamento. Apenas conhecimento.

“O Teste termina quando Daemos rompe nossas defesas finais ou Strategos coordena com sucesso uma vitória decisiva”, diz Aldrich. “Mas lembre-se! Isso testa mais do que estratégia. Testa sua capacidade de pensar e agir como uma entidade. É também uma última chance para os lobos minimizarem potenciais fraquezas — em suas matilhas ou em quaisquer outras.”

O significado subjacente é claro. Qualquer um pode morrer hoje.

A trombeta soa novamente. E começamos.

Os lobos Daemos imediatamente se dividem em formações de ataque, sem perder tempo. Seus movimentos são precisos e ameaçadores, uma lâmina de pelo escuro cortando a arena aberta.

Não posso perder tempo. Não há tempo com a velocidade com que eles se movem.

Através do vínculo da matilha, posso sentir as mentes dos meus companheiros de matilha analisando as manobras de Daemos e fervilhando com possíveis contraestratégias, todas oferecidas para minha aprovação.

Meus olhos acompanham a divisão de Daemos, grupos de lobos se espalhando pela arena e então voltando em nossa direção. A vontade de Anassa se aprofunda em mim como se suas presas estivessem me arrastando para um penhasco. É doloroso no começo, até que percebo que ela está me puxando na direção certa e deixo sua influência me guiar.

"Fale", ordena Anassa, com sua intenção cruel clara. "Strategos lidera, então você lidera."

"Phylax, forme uma linha defensiva!", grito por cima da aproximação estrondosa de um lobo de Daemos. Uma muralha de pelos escuros desce sobre nós, e temos que enfrentá-la com nossa própria força ou ela nos esmagará completamente. Minha mente está tão focada na batalha que a virada repentina de Anassa sob mim nem me assusta. Meu corpo se move junto com o dela. "Kryptos! Precisamos de olhos em nossos flancos!"

As outras matilhas se movem para obedecer instantaneamente.

O rio do vínculo da matilha se acalma, como um mar tempestuoso se tornando completamente plácido. Consigo enxergar a quilômetros de distância. O poder total da unidade de Strategos se estabelece, e minha consciência se expande, conectando-me com cada membro do meu bando.

É como se dezenove raios de luz tivessem atravessado o campo de batalha, convergindo em minha mente, carregando consigo um conhecimento instantâneo.

Izabel calcula prováveis vetores de ataque enquanto Tomison analisa as vantagens do terreno. Nevah avalia os movimentos de Phylax para garantir que estejam obedecendo à minha ordem com rapidez suficiente.

Então vem o impacto. A linha de frente de Daemos se choca contra a parede de Phylax em uma rajada de pelos e dentes. O som irrompe na arena — gritos e lâminas se chocando, pés batendo e os rosnados e latidos dos lobos.

A partir daí, o verdadeiro teste começa.

Sei onde todos os meus companheiros de matilha estão. Consigo rastrear os movimentos de Phylax e Kryptos enquanto eles oscilam para se erguer contra os ataques de Daemos. Sei quem está ferido, quem está começando a se esforçar demais. Sinto picos de intenção conforme os lobos se reposicionam em nossa linha defensiva.

Daemos sonda as defesas orientais, e todo o conhecimento de que preciso me vem instantaneamente. "Sete atacantes", projeto sobre o elo. "Eles vão nos atacar, pura força."

Através do elo, sinto Tomison calculando a fraqueza estrutural em seu padrão de ataque. "Um lobo de Daemos está atrasado, o mais ao sul da linha. O ataque deles será fraco lá."

"Lobos Phylax, girem sua linha!", chama Izabel, sentindo que a frente da linha já está enfraquecendo sob o ataque de Daemos.

O instinto me invade. Vejo isso acontecendo antes de qualquer outra pessoa.

Anos de lutas no fosso me ensinaram que, embora os movimentos do corpo de uma pessoa sejam importantes, você também deve sempre prestar atenção para onde seus olhos estão. As pessoas olham para onde vão atacar, mesmo que seus músculos estejam puxando em uma direção diferente.

Um dos cavaleiros de Daemos na frente oriental olha para o norte enquanto seu contingente de lobos lança seu ataque. Uma finta.

"É uma distração", projetei através do vínculo. "A força principal deles está se reunindo para um ataque do norte."

Minha visão percorre o bando como eletricidade atravessando nós de ferro. A atenção se volta para o norte.

Onde Jonah lidera outro contingente de lobos de Daemos.

Uma inquietação me invade quando nossos olhares se encontram. Ele sorri, e desta vez o sorriso alcança seus olhos — o olhar neles é tão arrepiante e malicioso que minha respiração fica presa na garganta.

Então seu lobo gigante avança em direção ao par de Phylax à sua frente, e eu reconheço quem é.

Henrey.

"Livrar-nos de qualquer sangue comum inadequado."

Todo esse tempo eu estava preocupada com o que Jonah faria comigo, e não percebi. Ele não poderia ter sido mais claro. Ele não poderia me alcançar, então eliminaria o outro plebeu, Rawbond. E ele está atacando para matar.

"Não!" O grito irrompe de mim, mas não pode ser ouvido por causa das lutas que se intensificam ao redor da arena.

O enorme lobo negro gigante de Jonah agarra o lobo marrom-claro de Henrey com as garras no rosto. O lobo fulvo uiva de dor e recua, mas Jonah não termina. Ele instrui seu lobo a atacar novamente e, desta vez, seu lobo dá uma mordida enorme na pata dianteira do outro lobo, rasgando a carne. A maior parte da perna do lobo se transforma repentinamente em uma ferida aberta.

O lobo gigante de Henrey cai para a frente, incapaz de ficar em pé na perna por mais tempo, e um uivo de gelar o sangue reverbera pela arena. Mesmo em meio ao caos e ao barulho da batalha, é claro como o dia.

O som corta o foco estratégico da minha matilha como um machado partindo madeira em duas. Minha consciência do campo de batalha se fragmenta, a desorientação me tomando pela primeira vez desde o início da batalha. Os Phylax de ambos os lados de Henrey também estão vacilantes, a atenção de seus cavaleiros dividida entre os Daemos que atacam e seu companheiro de matilha comprometido.

Ouve-se um coro baixo de uivos em resposta enquanto os lobos gigantes percebem o que está acontecendo com o par de Henrey. Dor. Confusão. Raiva.

Através da mente de Nevah, observo o lobo de Henrey virar sua enorme cabeça em direção ao seu cavaleiro, com os olhos arregalados de dor e fúria. A linha defensiva começa a ceder imediatamente.

"Defesa do norte comprometida", sibila a voz fria de Anassa. "Ajustar a formação..."

Antes que ela possa terminar o comando, o lobo de Henrey avança em direção à garganta de seu próprio cavaleiro.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

Recuperar o controle parece impossível. As muitas mentes conectadas à minha reagem com horror instintivo, e uma torrente de pensamentos me carrega como um rio de águas turbulentas.

A linha defensiva do norte se estilhaça no momento em que o lobo de Henrey o ataca, a linha de frente cedendo à pressão de Daemos. Vislumbres da segunda linha de defesa dos Phylax avançando me alcançam sobre a unidade da matilha, mas não consigo mais distinguir os detalhes perfeitamente.

"O que está acontecendo?", pergunto a Anassa, horrorizada. O lobo de Henrey não deveria estar machucando-o, não neste último ponto do treinamento.

"Às vezes, a dor extrema pode romper o vínculo cavaleiro-lobo gigante", ela responde.

"Mas por que o lobo de Henrey não está se curando?"

Ela solta um rosnado lamentoso. "A mordida cortou uma artéria. Foi um golpe fatal. Nenhum lobo pode curar algo tão grave; até mesmo nossa magia tem limites."

Muitos de nós estamos focados no sangue. Henrey está no chão, as enormes mandíbulas de seu lobo presas em seu braço e peito direitos. Ele está sendo sacudido como uma boneca de pano.

Sangue espirra pela terra remexida em um arco sangrento. Sangue demais. A coesão perfeita de um casal unido se voltando contra si mesmo, se despedaçando.

Mas eu tenho que lutar contra isso. Preciso, pelo meu bem. Pelo bem de todos nós. Até pelo Henrey.

Reconcentrando-me no fluxo furioso de consciência em minha mente, eu recolho as ruínas, juntando as metades despedaçadas de nossa matilha. Anassa ajuda. Sua influência autoritária e rosnante ecoa na mente de todos.

É um pesadelo tático. Meus companheiros de matilha se esforçam para salvar nossa estratégia, calculando projeções de baixas, analisando como essa brecha desastrosa em nossa defesa afetará toda a estrutura defensiva.

Algo se encaixa na minha mente. Uma necessidade diferente de tudo que já senti, reforçada pelas emoções de incontáveis companheiros de matilha.

Cerrar a ferida. Reforçar nossas fileiras. Proteger minha matilha.

As forças de Daemos avançam em direção à brecha que Henrey e seus companheiros de matilha deveriam defender. Os outros Phylax os enfrentam da melhor maneira possível, com lobos se chocando e lâminas se chocando. Minha matilha ainda está processando informações de Kryptos com sucesso, o que me avisa que o reforço no norte está começando a deixar o leste mais vulnerável.

Mas não temos escolha. No momento em que Henrey caiu, Daemos ganhou terreno demais.

A urgência do comando estratégico queima em minhas veias, mas por baixo de tudo isso há uma inquietação gélida. Ela me invade, aguda o suficiente para congelar a conexão elétrica do vínculo da matilha. Tudo por causa de uma verdade simples.

Henrey vai morrer hoje.

Ao redor da arena, os lobos gigantes estão ficando agitados. Uivos ecoam nas paredes de pedra. Os confrontos na linha de frente se tornam mais violentos, arrancando sangue e arrancando pelos. E eu não consigo... desviar o olhar dele.

Ele ainda está vivo, ainda lutando com seu lobo, mas ficando pálido, perdendo muito sangue. Seu rosto está contorcido em uma careta horripilante, seu braço livre empurrando o focinho do lobo como se ele pudesse se libertar. Mas seu braço direito está muito além do ponto de recuperação.

Este era o sonho de Henrey. Sua esperança de vida era chegar aqui, nesta arena, participar destas Provas e se tornar um Elo. Ele chegou à última tarefa.

E agora seu sonho o está destruindo.

Alguns dos cavaleiros Phylax ao redor de Henrey estão recuando. Um tenta desesperadamente permanecer montado enquanto seu lobo estala e rola quase completamente para atacar o lobo Daemos à sua frente. A emoção e a selvageria intensificadas estão alimentando os lobos Daemos tanto quanto estão comprometendo o resto de nós, como se o cheiro combinado de sangue e seu próprio medo os estivesse fortalecendo.

Ainda há uma tensão indevida no vínculo da matilha de Strategos, mas estamos começando a encontrar clareza novamente. Através dela, sei que o lado leste está escassamente defendido agora. E sei que o norte está prestes a ceder e ceder.

Se não agirmos imediatamente, a Prova terminará em completo fracasso.

Através do caos de pelos e medo, os olhos de Henrey encontram os meus, o olhar me congelando no lugar — pura agonia, misturada a uma súplica desesperada.

Seus lábios formam uma única palavra, clara mesmo do outro lado do campo. Por favor.

Meu coração se parte em dois, mesmo enquanto a mente estratégica de Anassa me entrega verdades pesadas e impossíveis.

Primeiro: nossa linha defensiva não pode ser salva enquanto o lobo de Henrey ataca furiosamente.

Segundo: seu lobo não pode ser detido sem matá-lo, o que também mataria Henrey.

E terceiro: uma morte rápida agora seria misericordiosa, comparada a ser dilacerada lentamente.

Alguém precisa romper a formação para fazer isso. Alguém precisa sacrificar sua posição na formação estratégica para acabar com isso.

Tomo minha decisão rapidamente. Sou o Alfa; se alguém deve tomar decisões difíceis e se arriscar, sou eu. Anassa é rápida e implacável. E eu sou...

Sou amigo dele.

"Manter formação estratégica", projeto através do elo de união. "Estou rompendo as fileiras."

O reconhecimento coletivo da minha matilha me faz estremecer. Eles já estão recalculando minha ausência — quem compensará a lacuna que meus olhos e mente deixam para trás? Deixo isso nas mãos deles.

Anassa e eu nos viramos para correr pelo campo, abaixando-nos sob lâminas e desviando dos dentes, e vários lobos de Kryptos se movem comigo, mantendo os olhos em mim para comunicar meus movimentos. Meus companheiros de matilha fluem para a lacuna que deixei para trás e se remodelam em torno das minhas ações.

Anassa se move com um propósito mortal, nos levando direto para Henrey. Um dos lobos de Kryptos uiva quando uma mandíbula de Daemos atravessa a barreira de Phylax para atacá-lo. Anassa não para.

"Podemos nos aproximar pela frente?", pergunto a Anassa.

"Não seria seguro. Os instintos do lobo são imprevisíveis."

Em vez disso, nos aproximamos por trás deles e Anassa derrapa até parar, com os dentes à mostra, suprimindo o rosnado para não alertar o lobo de Henrey da nossa presença.

De perto, a cena é ainda mais horrível. O lobo de Henrey o imobiliza completamente, com uma pata enorme em seu peito, as garras cravadas em sua carne, puxando-o lentamente para longe. Os dentes de lobo estão parcialmente

cravados em sua garganta, e jorros ocasionais de sangue espesso jorram de feridas abertas.

Há conflito nos olhos do lobo, no tremor de seu corpo enorme, na forma como sua cauda está tão enfiada entre as patas traseiras. Ele está apenas segurando Henrey ali, como se estivesse lutando contra seus próprios instintos selvagens.

A linha de frente dos Phylax se aproxima de nós. Consigo distinguir flashes de lobos de Daemos conforme a linha enfraquece. Algumas patas se aproximam enquanto nossas defesas ameaçam se dissolver. Não tenho tempo.

Deslizo das costas de Anassa e me aproximo, com o instinto animal em fúria enquanto me coloco de bom grado ao alcance do lobo gigante de Henrey. Saco minha espada lentamente, aproximando-me como Anassa sugeriu.

Através do nosso vínculo, Anassa me diz o que eu já sei. "Isso vai te marcar."

Suas palavras ecoam estranhamente em minha mente, marcando cada vez mais profundamente minha alma a cada reverberação sonora.

É outra verdade impossível. Porque não é legítima defesa, nem um inimigo. Matarei um amigo. Não posso negar nada disso. Não posso escapar. Preciso fazer isso, mesmo que isso me mude irrevogavelmente.

À medida que me aproximo, com cuidado para não alertar o lobo que se ergue à minha frente, os olhos de Henrey encontram os meus novamente. Ele está pálido como o céu de inverno, seus olhos começando a ficar vidrados.

Sangue borbulha de seus lábios enquanto ele fala. "Faça isso", ele engasga.

Não hesito. Assim que me aproximo o suficiente, avanço sob as poderosas patas dianteiras do lobo e deslizo de joelhos. Confiando no meu corpo como sempre, giro o tronco e estendo o braço num golpe tão rápido e mortal quanto o de uma cobra. O lobo não tem tempo para reagir.

Minha lâmina desliza para dentro, afundando entre as costelas de Henrey.

Seu corpo fica flácido instantaneamente, a luz persistente desaparecendo de seus olhos. O lobo acima de mim o solta com um uivo triste e de partir a alma. O som é como a separação de uma alma, toda a dor e sofrimento do mundo reunidos em uma nota longa e assombrosa.

Então o lobo cai no chão com um estrondo, desabando ao meu lado, com a mandíbula frouxa e os olhos fixos à frente, sem vida. O vínculo quebrado o arrastou para a morte junto com Henrey.

Não consigo ficar com ele. Eu me levanto e corro para o lado de Anassa, minha espada pingando o sangue de Henrey. Ela vira a cabeça, abaixando-a para se pendurar brevemente em meu ombro. Seu calor me puxa de volta para mim, e minha mente retorna à batalha.

Jonah. Onde está aquele filho da puta? Vou estripá-lo pelo que ele fez.

Anassa pressente minha intenção. "Não", diz ela. "Você está acima de qualquer retribuição. Você é um Alfa e sua matilha precisa de você. Volte para eles. Lidere-os."

Eu odeio isso, mas ela está certa. Jonah não pode ser meu foco agora.

Eu escalo habilmente o flanco de Anassa, deslizando de volta para o lugar. Ao nosso redor, o Julgamento continua. As forças de Daemos ainda atacam. Phylax está reconstruindo sua linha defensiva. Kryptos avançam habilmente em meio à violência para coletar informações.

Meus companheiros de matilha me recebem de volta à formação sem problemas, sentindo meu retorno e girando seus lobos e suas mentes para reafirmar nossa estratégia inicial. Uma ponta de alívio me encontra mesmo em meio à dor e ao barulho. Apesar do que acabou de acontecer, nossa união permanece intacta.

As horas restantes do Julgamento passam em um borrão de movimentos violentos e contra-ataques. Eu me jogo na unidade da matilha com uma intensidade furiosa, me entregando completamente. Em meio a tudo isso, nossa consciência compartilhada transforma o caos do campo de batalha em ordem perfeita, cada matilha respondendo à orientação de Strategos com precisão letal.

Se eu estiver concentrado na linha de frente, não tenho tempo para olhar para baixo e ver o sangue ainda escorrendo pela minha pele.

Quando a trombeta final soa, nossa vitória sobre Daemos é quase... anticlimática.

Meus ouvidos zumbem. Respiro com dificuldade, ainda ouvindo o choque das lâminas enquanto Aldrich sobe no estrado. Seu olhar nos percorre. Os flancos de Anassa se erguem sob mim. Ela mantém a cabeça erguida, mesmo com o pelo pálido manchado de sujeira e sangue.

"Os Testes da Unidade estão completos", anuncia Aldrich em voz alta pelo amplificador.

Lobos se movem ao nosso redor. As mentes dos meus companheiros de matilha ainda pairam ao lado da minha, faíscas de consciência elétrica iluminando minha consciência. Nevah está olhando fixamente para o corpo de Henrey.

"Strategos demonstrou coordenação estratégica excepcional, mesmo em crise. Phylax manteve sua integridade defensiva apesar de perdas significativas. Daemos representou um desafio digno. E Kryptos provou que sua rede de inteligência permanece incomparável", continua Aldrich.

Ele não diz nada sobre a morte de Henrey. Então, ele não diria, diria? Lobos morrem. Cavaleiros morrem. Seguimos em frente.

"Nenhuma matilha quebrou sua unidade mental durante toda a Prova. Parabéns, Rawbonds. Aqueles que sobreviveram se tornarão oficialmente Elos na cerimônia de formatura de amanhã."

Aqueles que sobreviveram.

Mesmo com essas palavras pairando sobre nós, o ar fica mais leve. O anúncio de Aldrich envia uma onda de excitação pelos Rawbonds ao meu redor. Amanhã, nos juntamos às fileiras de todos os seus familiares. Nós sobrevivemos. Nós sobrevivemos e agora nos tornaremos membros oficiais de nossas matilhas.

Não consigo sentir a mesma excitação agora, não com o sangue em minhas mãos.

Servos serpenteiam entre os lobos, recolhendo o corpo destroçado de Henrey em uma maca para levá-lo embora.

Inclino-me para frente nas costas de Anassa, sacudido pela forte emoção que me arrasta para baixo por uma visão estranha. Os servos não estão levando o corpo de Henrey em direção aos portões do castelo, em direção à sala onde os corpos dos Rawbonds caídos são preparados para serem devolvidos às suas famílias. Em vez disso, eles estão indo em direção a uma porta estranha no outro lado da arena.

Observo os outros Rawbonds ao meu redor começarem a desmontar e se render à exaustão. "Anassa", procuro, querendo saber se ela também acha isso estranho.

Ela não responde, mas está olhando na mesma direção. Deslizo de suas costas, acariciando brevemente seu pelo antes de dar um passo à frente para tentar enxergar melhor. Os servos abrem uma porta pesada com tachas de ferro. Atrás dela, há uma tocha que tremula fracamente. Vislumbro brevemente uma escada que desce. Debaixo da arena?

Como onde aquela coroa pode estar enterrada.

Mas por quê?

OceanofPDF.com

CAPÍTULO CINQUENTA

A celebração no salão comunal dos Rawbonds esta noite está realmente descontrolada. Hoje, sobrevivemos. Amanhã, nos formamos. Eu entendo, racionalmente — e não os culpo por comemorar. Estamos vivos. Vale a pena comemorar.

Mas nem todos podem dizer o mesmo, e juro que ainda tenho sangue preso sob minhas unhas.

Cada risada é intrusiva. Cada sorriso, deslocado.

Estou inquieta, minha mente voltando constantemente para Henrey, então faço a única coisa que posso. Continuo seguindo em frente. Observando a multidão festeira e bêbada, reconheço Venna. Ela está encostada em outro Rawbond Kryptos — que em breve será vinculado —, tomando um copo de vinho emberwine e observando as pessoas ao seu redor com um sorriso sutil.

Eu rapidamente me aproximo dela. Os olhos de Venna se arregalam imediatamente, e ela se livra do Rawbond preso a ela. "Podemos conversar?", pergunto, e então faço o mesmo sinal em meio a uma aclamação embriagada.

Venna assente e entrelaça seu braço no meu. Um coro de assobios se ergue ao nosso redor. Reviro os olhos. Claramente, eles estão interpretando mal a situação. Mas não os corrijo porque, honestamente, é melhor que acreditem que Venna e eu estamos ficando.

Eu a levo para a antecâmara dos Strategos. Não há ninguém aqui agora; ninguém ousaria perder a festa lá fora. "Você viu o que aconteceu no Julgamento da Unidade?", pergunto imediatamente.

Seu olhar brilha, e sei que ela entende o que quero dizer. "Que porra é essa que tem embaixo da arena?", ela sibila.

Sinto um doce alívio. "Obrigada", respiro. "Precisamos descobrir o que tem lá embaixo."

Venna se enche de orgulho. "Você quer que eu...?"

"Por favor", imploro, segurando seus ombros. "Descubra para onde levaram o corpo de Henrey. Mas também..." Hesito, sem saber se devo mencionar, e então decido que posso confiar em Venna para qualquer coisa. "Acho que tem algo enterrado dentro do ralo no centro da arena."

"Certo...", ela diz. "Ameaçador. Pode ser mais específico?"

Posso? Será que ela vai acreditar em mim? "Eu acho... acho que pode ser uma coroa. Não sei bem o que está fazendo ali. Sei que parece loucura. Mas definitivamente tem algo de metal escondido dentro do ralo."

Venna não pisca, não pergunta como eu sei disso. Ela apenas diz: "Estou cuidando disso. Vou dar uma olhada agora. E te aviso se encontrar alguma coisa."

Levanto uma sobrancelha. "Tem certeza de que sua matilha não vai sentir falta do Assassino de Kryptos?", provoco.

Ela franze a testa para mim. "Você também não."

Riso e dou um tapinha em seu braço antes que ela se vire para fugir da minha provocação. No momento em que ela se vai, o ar ao meu redor fica mais pesado novamente.

Nenhuma parte de mim quer se juntar à folia desta noite, então me viro e vou para meus aposentos. Quando chego lá, tiro o casaco e vou buscar o livro de Stark. Meu companheiro constante.

Pensar no livro me lembra de Anassa, e percebo que ainda consigo senti-la através da nossa conexão. Levanto a parede de volta, reforçando-a. Talvez precisássemos trabalhar juntas hoje, mas me recuso a perdoá-la completamente, não até que ela comece a ser honesta comigo.

Então me ajoelho no chão e pego o livro debaixo da cama. Fiquei olhando tanto para ele que juro que suas palavras estão gravadas em minhas pálpebras. Mas talvez eu tenha perdido algo aqui que poderia me dar respostas sobre a arena. Há um segmento sobre a história do castelo, então...

Ouço um leve rangido e me assusto, afastando a mão da cama e me levantando num pulo. Quando me viro, Killian está saindo do meu guarda-roupa. Instantaneamente, respiro aliviada.

"Você me assustou pra caramba."

Killian sorri, mas o sorriso não alcança seus olhos. "Vim ver como você está", ele me diz. "Você está bem depois de tudo o que aconteceu hoje?"

Tenho que lutar contra a vontade de cutucar as unhas novamente, tentando tirar o sangue restante. Estou bem?

Dou um passo à frente e praticamente caio em seus braços. Um nó se forma na minha garganta quando ele me segura, seu abraço forte e firme. Estou tão

aliviada que alguém não esteja ocupado demais celebrando a vida para reconhecer o fedor fétido da morte ainda denso no ar.

Quero sentir o gosto da preocupação dele por mim na minha língua, engoli-la e deixá-la me aquecer como vinho de brasa adocicado.

Levantando a cabeça, olho em seus olhos azuis doloridos. Suas mãos esfregam suavemente minhas costas enquanto ele me observa de volta. "Você..." Minha voz falha.

Quero perguntar a ele para onde os criados levaram Henrey, mas acusar o pai dele de algo sem provas parece perigoso demais. Killian só pode me proteger até certo ponto.

"Eu", diz Killian suavemente. Ele levanta a mão e passa os nós dos dedos na minha bochecha. Seu polegar puxa meu lábio inferior, e é como se ele tivesse me enfeitiçado.

Fico na ponta dos pés e o beijo. Forte. Afasto-me para respirar fundo, trêmula, e no segundo beijo, ele me encontra de boca aberta. Envolvo meus braços em volta do seu pescoço e o puxo para perto de mim, praticamente o devorando.

No começo, ele hesita. Preocupado comigo, talvez. Ele me beija profundamente, mas continua tentando diminuir o ritmo. Gosto do sabor de todo esse carinho, mas preciso de um pouco de dor se quiser que ela penetre na minha pele e permaneça como uma tatuagem.

A hesitação cessa abruptamente quando solto um gemido carente.

"Porra, os sons que você faz", ele geme. Então ele me puxa contra o seu corpo e nos gira, me empurrando contra a parede e me esfregando.

Eu ofego e agarro seu ombro. A outra mão se enrosca em seus cabelos. Ele me beija com força dessa vez. Está doendo.

"Gatinha", ele ofega. "Você..."

"Mais", imploro. "Tudo." Puxo a camisa dele para cima e me atrapalho com o cinto. Ele puxa minha perna sobre o quadril e afunda os quadris mais perto do meu calor. Consigo desabotoar o cinto dele, mas então ele se abaixa e começa a beijar meu pescoço. Fecho os olhos e me inclino para a sensação.

Espero que ele sinta a rapidez da minha pulsação sob seus lábios.

"Deixe uma marca", sussurro. E instantaneamente, seus dentes cravam na minha pele. Não com muita força, mas com força suficiente para que eu saiba que vai durar. Gemo e começo a puxar o cinto dele para fora das presilhas.

E a porta se abre com força.

"Meryn, você viu o Venn? AGH!" Izabel grita e cobre os olhos.

Killian e eu nos esforçamos para ajeitar nossas roupas. Meu corpo inteiro fica vermelho como um rubor gigante.

"Izabel, bate!" grito.

Killian tenta conter o riso, até o esconde atrás da mão, mas não consegue. Eu franzo a testa e dou um tapa nele.

"Não tem graça", protesto, mas a última palavra se desfaz em uma risadinha. E isso o faz rir ainda mais.

"Desculpa", Izabel chia, espiando por entre os dedos. "Seus peitos estão escondidos?"

Eu zombo. "Seus olhos estão seguros."

Izabel abaixa a mão e faz uma reverência. "Sua principesca."

Kilian ri novamente. Suas mãos estão enfiadas nos bolsos, provavelmente para ajudar a esconder o frenesi persistente em que o coloquei.

"Eu não queria ficar olhando para o seu abdômen de realeza. Simplesmente aconteceu", anuncia Izabel.

Eu bato a mão no rosto. "Deusa, Iz."

Ela sorri e atravessa a sala, estendendo a mão. "Prazer em conhecê-los finalmente. Bem, nos conhecemos. Mais ou menos. Vejo vocês em algum lugar. Em seus pedestais. Eu sou a Izabel."

Fico um pouco preocupada que Killian possa estar chateado. Afinal, a Izabel acabou de entrar sem avisar enquanto estávamos no meio de alguma coisa, e agora ela está passando dos limites e presumindo que ele quer conversar com um pau meio duro.

Mas ele tira a mão do bolso e aceita a dela. "Prazer em conhecê-los também. Sei que você e a Meryn são próximas."

"Eu seguraria o cabelo dela enquanto ela vomitava", diz Izabel como se estivesse se gabando. Não tenho coragem de dizer que realmente não quero que meu noivo pense em mim vomitando. "Nossa, você é mais bonita de perto. Eu sempre achei você um pouco... escultural? Mas tem algo em te pegar com as calças abaixadas que te torna mais acessível."

"Elas não estavam abaixadas", eu repreendo.

"Praticamente nos meus tornozelos", diz Killian com um sorriso fácil. Relaxo um pouco. Ele está claramente lidando com isso melhor do que eu. Claro que está.

Respiro fundo para me acalmar. "Para responder à sua pergunta, acho que Venna está ficando com alguém. Ele tinha cabelo escuro e sobrancelhas grossas. Talvez seja melhor dar um tempo para ela", digo a Izabel. É a descrição do homem com quem ela estava aconchegada mais cedo, então espero que isso dê crédito à minha mentira.

Izabel franze a testa. "Faz sentido." Mas, aparentemente, ela está completamente alheia ao meu pedido sutil de "me dê um tempo", porque se vira

para Killian e sorri.

"Príncipe Killian, você já jogou Dez Lobos?"

"Hã? Não, nunca ouvi falar", ele responde.

"É um jogo de bebida entre os Bonded, e eles estão com uma boa rodada no salão comum agora. Você deveria se juntar a nós!"

É então que percebo que ela está um pouco bêbada. Ela sempre foi boa em esconder isso — nunca fala mal ou começa a se inclinar — mas definitivamente tem participado esta noite.

Killian levanta uma sobrancelha e olha para mim. É muito claro, está tudo bem?

Olho para Izabel, uma bola gigante de esperança radiante, e apenas dou de ombros. É um pouco estranho. Killian no salão comum, e com todo mundo bebendo...

Mas, se ele vai ser meu marido, os outros Elos precisarão se acostumar com ele, de qualquer forma.

Izabel emite um som alarmantemente agudo de alegria — os gritos são a verdadeira indicação de sua embriaguez — e nos arrasta de volta para a festa. Sua atenção, no entanto, está principalmente voltada para Killian. Estou começando a suspeitar que ela o esteja atraindo intencionalmente para o grupo, dando ao meu futuro marido um lugar ao lado da matilha.

Isso me faz amá-la um pouco mais, apesar de desejar estar sozinha com ele no momento.

Ouve-se alguns assobios e gritos quando Killian se aproxima da mesa. Os Rawbonds estão animados para ver seu príncipe. Paro para observá-los enquanto Izabel o acomoda à mesa. Ele lança um olhar brincalhão de "me ajude", e eu apenas sorrio de volta, certa de que ele vai encantar a todos imediatamente.

Antes que eu possa me juntar a eles, uma presença familiar e iminente me arrepia. Fico tensa enquanto seu olhar penetra minha pele; não preciso ver para saber o que está acontecendo.

"Não tenho nada a dizer a você", digo a Stark sem nem me virar.

"Então quando é o casamento? Você sabe que vai embarcar para a frente logo depois da cerimônia de formatura", diz ele.

Cruzo os braços e coço o cotovelo. Isso me ajuda a me concentrar em algo além de como a energia dele está tomando conta da sala inteira e engolindo o ar. Então me forço a me virar e encará-lo, porque não quero que ele pense que sou covarde.

Alfas encaram seus problemas de frente.

"Ainda não começamos a planejar, e na verdade não é da sua conta."

Ele está com seu olhar carrancudo de sempre. Suas tatuagens parecem mais

escuras na penumbra. Seu cabelo também. "Na verdade, a coroa é da minha conta, já que minha família é a protetora juramentada deles", ele me diz.

Porra. Essa é uma constatação sombria. Ele provavelmente se tornará o Alfa Soberano durante o reinado de Killian. Ele está basicamente destinado ao papel.

O que significa que terei que lidar com ele constantemente.

Nunca vou viver uma vida sem olhares maldosos e cenas dramáticas.

Percebo que suas palavras ficaram para trás por muito tempo quando seu olhar vagueia. Encontra meu pescoço e sua testa se franze. Ele está olhando para a marca que Killian deixou, penso comigo mesma, e mantenho minha cabeça erguida. Não tenho vergonha.

Mas então ele diz com uma aspereza imerecida: "Você precisa da sua tatuagem para esta noite."

"Eu não quero que você me toque, porra", eu retruco imediatamente.

Seus lábios se curvam. "Ótimo. Concordo", ele rosna. Nos encaramos por um longo momento, e uma energia irrealizada se acumula em meus músculos. Estou realmente pensando em socá-lo.

Então ele se vira e diz: "Gamma Elinor."

Alguns Rawbonds olham para mim, embriagados, perturbados pela voz autoritária de Stark. Mas eles voltam aos seus afazeres rapidamente. Desvio meus olhos de Stark para Elinor, que afasta seus longos cabelos negros do ombro enquanto se aproxima. "Olá, Alfa."

Inclino a cabeça respeitosamente, aliviada.

"Ela precisa da tatuagem", Stark resmunga.

"Ah", Elinor diz com um aceno de cabeça. "Sente-se, então."

"Quantas dessas você já fez?", pergunto enquanto me aproximo para sentar na cadeira mais próxima.

"Demais, na minha idade", ela suspira enquanto pega a tinta e a agulha. Para seu crédito, ela não diz nada sobre a mordida de amor no meu pescoço.

A idade dela. Elinor tem um quê de jovialidade, mas ainda está na meia-idade. Sua pele morena é quase toda lisa, exceto por alguns leves sinais de envelhecimento. Imagino o que ela viu na frente de batalha nas décadas em que serviu. Se ter estado aqui pelos últimos quatro meses foi um bom alívio para ela, ou se ela sente falta da ação da batalha.

Minha silenciosa esperança de que Stark se foda se apaga quando ele continua a nos assombrar intrusivamente.

A agulha crava na minha pele. Forço meu corpo a permanecer relaxado, sem querer que ele veja minha dor agora. A agulha de Elinor se move com firmeza, traçando uma linha horizontal pelos três pontos do desenho existente, preenchendo a lacuna restante.

Acho que a coleira está pronta.

"Terminei", diz Elinor. Ela se endireita e se inclina para passar a língua pela minha pele. É o epítome da falta de sensualidade, como ser lambida por um lagarto. O pensamento quase me faz rir, mas o próximo pensamento me deixa sóbria.

Acho que não consigo continuar fingindo que é só o ato que me faz ferver quando Stark faz isso.

Quando Elinor se levanta para ir embora, recuso-me a pensar mais na língua idiota de Stark. Eu também me levanto e o encaro. Então, viro e volto para Killian.

Quando ele me vê, seu rosto imediatamente se fecha e ele se levanta da mesa.

"Ei!", alguém protesta.

"A rodada ainda não acabou."

"Estamos no meio de um jogo, cara!", diz Izabel.

Killian esboça um sorriso educado para eles. "Vou me render, eu acho. Se as coisas continuarem assim, vou ficar sem todos os cofres da coroa."

Há um coro de risadas, e Killian se vira para mim e segura meu cotovelo gentilmente.

"Você parece chateado." Seus olhos se lançam por cima do meu ombro. Sei que Stark ainda está lá, me encarando. Posso sentir sua malícia. Os olhos de Killian escurecem.

"Ele é um enorme babaca", resmungo.

O polegar de Killian acaricia minha pele. "Vamos então."

Aceno com a cabeça, aliviada. "Por favor. Obrigada."

Ele me guia para fora da sala movimentada e através da agradavelmente silenciosa antecâmara do Strategos. Então, ele empurra minha porta e me conduz para dentro, fechando-a com uma pancada e girando a fechadura.

Eu me viro para encará-lo. Ele está encostado na porta, com as mãos nos bolsos, o cabelo um pouco mais bagunçado do que o normal. Seus olhos brilham na penumbra.

"Por que você me beijou daquele jeito antes?", ele pergunta imediatamente.

Fico brevemente desorientada com a pergunta repentina. "Não era... óbvio?"

Ele sabe que não é bem uma resposta. Seu olhar está me forçando a abrir os olhos. Ele se aproxima lentamente e então estende a mão. A ponta do dedo acaricia minha tatuagem recente, e eu me encolho com a ardência. Um prazer inesperado se segue à dor, no entanto, e eu tremo.

"Você não me respondeu antes, então vou perguntar de novo." Ele envolve a mão delicadamente em volta do meu pescoço, cobrindo minha tatuagem. "Você

está bem?"

A ansiedade pulsa em mim junto com minha frequência cardíaca já acelerada. Não posso contar tudo a ele. Estou muito confusa. Sobrecarregada demais para decidir quais passos são seguros e quais são armadilhas. Mas posso lhe contar parte da verdade.

"Tem tanta coisa na minha cabeça. É... barulhento. Quero gritar, mas quando abro a boca, nenhum som sai. Estou preso. Algo está preso."

O olhar de Killian muda. Ele inclina a cabeça para baixo, inundando os olhos com sombras, uma nuvem de tempestade se formando sobre o azul do oceano. Sua mão permanece no meu pescoço enquanto ele se aproxima. De repente, ele está completamente no meu espaço.

"Eu sei do que você precisa", diz ele. Sua voz ficou mais grave. Seus dedos esfregam uma, duas vezes sobre minha tatuagem, e eu me encolho, mas mil pensamentos dolorosos inundam minha mente.

"Diga", eu digo. As palavras saem em um jorro de ar.

"Sente-se", ele ordena.

Eu me afasto dele lentamente, sem tirar os olhos dos dele. A parte de trás dos meus joelhos encontra a beira da cama e eu me sento. Ele se aproxima. A fivela do cinto gruda. Eu observo, corada, enquanto ele tira o cinto lentamente dos quadris. Quando o solta, ele o envolve em um dos punhos.

"Contra a cabeceira."

Eu me acomodo na cama até minhas costas baterem contra a cabeceira. Ele me segue, apoiando um joelho na cama e se inclinando sobre mim. Eu não me movo enquanto ele me alcança. Deixo que ele pegue uma das minhas mãos e a levante acima da minha cabeça, depois a outra. Ele se move lentamente, talvez esperando que eu proteste.

Mas eu não vou. Eu quero isso. Eu quero deixar tudo para lá.

O couro do cinto desliza sobre minha pele. Meus mamilos endurecem sob as roupas, e arrepios percorrem meu corpo enquanto ele o aperta. Apertado. Mais apertado. Tão apertado que minha pulseira de noivado aperta dolorosamente minha pele, e eu resmungo.

"Com medo, gatinha?", ele pergunta.

Eu balanço a cabeça.

"Ótimo." Ele se afasta, e eu solto um gemido de protesto. Mas ele não me abandona completamente. Ele sorri com conhecimento de causa enquanto começa a desamarrar minhas botas. Tudo o que ele faz, ele faz devagar. "Você está quieta."

Percebo que ele tem razão. Não consegui dizer uma única palavra desde que isso começou. E talvez eu queira que seja assim. Talvez eu queira que ele me

persuada e coaja.

"Vamos ver quanto tempo isso dura", ele acrescenta. E de repente ele está em cima de mim, quente e pesado. E sua boca está na minha. Suspiro e me esforço contra o cinto, desejando poder afundar meus dedos em seus cabelos macios.

Desejando poder puxá-lo para mais perto e buscar aquela conexão brutal entre nós novamente.

Mas Killian é quem está no comando agora. "Eu tenho essa imagem. Na minha cabeça", ele começa a me dizer. Sua voz é como seda. Ele fala perto de mim para que eu possa sentir cada palavra na minha pele enquanto ele desabotoa minha camisa. "Você e eu estamos nisso."

Ele abre minha camisa, e minha pele formiga com o frio e a sensação repentina de estar vulnerável. Só por um instante, porém, antes que suas mãos quentes lancem fogo sobre minhas costelas. Ele segura meus seios e aperta, pressionando os polegares sobre meus mamilos. Eu me sobressalto.

Minhas pernas se abrem instintivamente. Seus olhos são fogo glacial.

"Nesta imagem, estou sentada no trono, a meio caminho de construir um mundo melhor. E você está lá comigo, empoleirada no meu colo."

Ele puxa minha calça para baixo do meu corpo, jogando-a de lado. Então seus dedos brincam com as bordas da minha calcinha, que já estão encharcadas de antecipação.

"Há uma coroa brilhando em seu cabelo", ele me diz, e eu assinto. "Seu lindo cabelo prateado..."

Seus dedos me pressionam através do tecido úmido, e um gemido involuntário escapa de mim. Eu rapidamente contenho isso, mas seus olhos se voltam para os meus e sua respiração acelera.

"As coisas mudam na minha imaginação. Às vezes você está no seu próprio trono. Às vezes seu cabelo é longo, espalhado por todo lugar. Às vezes está preso, expondo este seu lindo pescoço." Seus dedos dançam sobre minha tatuagem, e eu me esforço contra o cinto para perseguir seu toque. "Mas uma coisa é a mesma. Todas as vezes."

O quê? Eu quero gritar. Meus quadris empurram contra sua mão.

Ele me concede uma breve onda de prazer antes de seus dedos se enrolarem sob minha roupa íntima e puxarem, me despindo completamente, exceto pela minha camisa, que está presa nos meus ombros.

"Todas as vezes", ele me diz enquanto abre mais minhas pernas. "Você está nua."

Eu gemo. Só essas duas palavras me lançaram em uma espiral de luxúria. Ele a vê e a sacia. Killian se inclina sobre mim e desliza um dedo por minhas dobras. Ele afunda profundamente em mim, seus dedos longos alcançando mais fundo

do que os meus jamais conseguiriam.

Então seu polegar, pressionando meu clitóris. E eu gemo novamente, com lágrimas brotando nos meus olhos. Meu corpo já está inchando de desejo. O som dos seus dedos é tão imundo.

"Assim mesmo. Nua e aberta no meu trono enquanto eu te toco. E seus gemidos ecoam pela sala do trono", ele diz bem no meu ouvido. "Você é minha rainha, Meryn", ele ofega. "Toda minha."

O pouco tempo que ele leva para rasgar a camisa dos ombros me faz contorcer, tentando puxá-lo para perto com as pernas, fazendo tudo o que posso para não implorar por seus dedos de volta.

Ele cai sobre mim, pressionando o peito contra o meu. Estou sem fôlego com o deslizar de sua pele aquecida na minha. Eu me arqueio contra ele, pressionando meus seios contra seu peito para poder sentir os pequenos picos de prazer que isso me causa.

"Vamos ouvir essa voz agora", ele diz, ainda me acariciando em direção ao meu clímax.

Eu balanço a cabeça e mordo o lábio.

"Ainda sendo uma gatinha teimosa, então", ele diz. Sua risada provocante me deixa louca. Ele me beija, e isso me faz soltar outro gemido. Estou cavalgando a mão dele agora. "Você me quer?"

Eu concordo. Meu peito arfa, minhas entranhas se contraindo cada vez mais. É bom. É bom pra caralho.

E então para. Killian se afasta de mim e tira a mão completamente. Eu estava prestes a gozar, mas a sensação desaparece e afunda novamente em meus músculos, insatisfeita.

"Killian", imploro.

"Ela fala", ele diz, rindo. Então, observo enquanto ele levanta a mão, a que estava dentro de mim, e suga os dedos para dentro da boca. Observando, meu clímax volta à tona. Arrepios percorrem meu corpo inteiro. E fica ainda mais torturantemente perfeito.

Ele se recosta no colchão e se liberta da calça. Minha boca saliva enquanto ele acaricia lentamente seu pau, seus olhos percorrendo meu corpo, parando em meus seios antes de se fixarem entre minhas pernas, onde ainda estou entreaberta e encharcada para ele.

Eu me aperto em volta do nada e gemo.

"Quero ouvir você pedir, Meryn", ele me diz. Sua voz está rouca.

Eu puxo minhas mãos. Não sei se quero que elas se soltem para que eu possa agarrá-lo ou se quero que permaneçam presas. Tudo o que sei é que gosto desse delicioso empurra-empurra. Ele está me atraindo. Atraindo as partes de mim que

geralmente mantenho escondidas.

"Por favor", consigo dizer. Puxo minhas coxas para mais perto do meu corpo, me abrindo, testando sua vontade.

Mas ele apenas sorri. "Por favor, o quê?"

"Killian, por favor."

"Diga, Meryn."

Um rosnado estrangulado escapa de mim, e então eu me entrego. "Por favor, me foda", eu digo. É um gemido. Um desejo carente. E eu não me importo. Não tenho medo de jogar essa parte desesperada de mim em suas mãos.

"Você é minha", ele diz, se aproximando.

"Eu sou sua", repito submissa. "Sua."

"Minha rainha."

"Sua rainha", gemo, concordando.

Killian me penetra com força. Grito com a sensação repentina de ser dilacerada. A emoção transborda do meu peito, libertada pela força. Lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto suas mãos se fecham com força punitiva em volta das minhas coxas e seus quadris começam a penetrar seu pau fundo, repetidamente.

Mal tenho forças para me mover agora, mas tento. A necessidade profunda me faz lutar para acompanhar o ritmo dele, me empurrando para frente para receber tudo o que ele está me dando.

Agarro o cinto e me levanto do colchão, usando as pernas para acompanhar seus impulsos. Killian rosna e se inclina sobre mim, mordendo o mesmo ponto do meu pescoço enquanto o balanço selvagem, quase violento, de seus quadris me empurra contra a cabeceira da cama.

Não consigo pensar. Só consigo me concentrar na sensação e na liberação que está me atingindo como uma droga, muito antes do meu clímax chegar. Minha cabeça bate na madeira atrás de mim. Meus pulsos gritam de dor extasiante. Minhas pernas estão tão abertas que meus músculos estão tensos e protestando.

E a visão do corpo de Killian se movendo sobre mim, músculos ondulando e suor escorrendo por seu peito, é a coisa mais sexy que já vi.

Aquele olhar faminto e dominador em seus olhos é meu pelo resto da vida.

Continua até que meu corpo inteiro pulsa com o ritmo áspero. Gemidos saem da minha garganta. Ele continua a me penetrar até que o mundo inteiro começa a se agitar e ondular ao meu redor, como se nossos corpos estivessem enviando reverberações pelo ar.

Tento avisá-lo de que estou prestes a transbordar, mas as palavras não vêm.

É uma obliteração momentânea e total em suas mãos.

Ele está lá quando preciso dele, sua boca reivindicando a minha em um beijo estonteante e seus dedos pressionando meu clitóris com firmeza. Estou impotente contra isso. Tudo se aperta.

Ele geme quando gozo ao redor dele. Seus dedos não param, porém, me acariciando até que seja demais.

E eu grito. Grito alto, o som agudo e tão carregado de prazer e alívio que não consigo acreditar que veio da minha própria garganta.

Estou tão perdida nisso que me esforço para prestar atenção ao clímax de Killian. Quero assistir porque ele é sempre tão lindo quando se desfaz. Mas tudo em que consigo me concentrar é na pulsação do seu pau e nas várias dores pelo meu corpo que me fazem sentir de uma forma indescritivelmente perfeita.

Ele geme acima de mim, os quadris imóveis. Mas não se afasta, optando por permanecer perto enquanto eu me contraio com pequenos tremores secundários. Ficamos assim por um tempo, meus pulsos ainda amarrados, sua cabeça no meu ombro, nossos peitos arfando.

Por fim, porém, ele se ergue com braços fortes e me olha nos olhos. "Gritei", diz ele.

Eu rio e percebo que ele tem razão. Estou tão aliviada. Tão aliviada. E talvez sejam apenas os sentimentos inebriantes pós-sexo falando, mas não me importo agora. Ele estava certo. Era o que eu precisava.

Ele grunhe enquanto se afasta de mim. "Deixa eu resolver isso, gatinha."

Se eu fosse mesmo uma gata de rua, teria começado a ronronar ali mesmo. Porque ele estende a mão e desabotoa o cinto delicadamente, leva meus pulsos vermelhos e inchados à boca e espalha beijos pela pele agitada.

"Obrigada", respiro fundo.

A resposta dele é pegar minha pulseira de noivado entre os dentes e mordê-la, seus olhos se lançando aos meus. Sorrio e viro a mão para puxá-lo para perto. Ele me deixa, e me deixa beijá-lo também, suave e lentamente.

Ele sai do meu lado apenas para buscar algo para limpar nossos corpos, então nos deitamos juntos para descansar. Minha mente está lúcida. Sinto-me mais forte do que nunca. Enrolo-me ao seu lado e durmo, feliz por ter alguém que me entende como ele.

Acordo tarde da noite com uma batida suave na porta. Levanto a cabeça, instantaneamente alerta. Killian dorme em meio ao som, seu corpo nu brilhando ao luar da minha janela.

Deixo-me hesitar apenas o tempo suficiente para acariciar suavemente seus cabelos. Então, me levanto de um salto e visto minhas roupas silenciosamente. Abro a porta lentamente, olhando ao redor.

Venna está lá, com o rosto preocupado. Antes que ela fale, levo um dedo aos

lábios para silenciá-la e olho para trás significativamente. Saio e bato a porta silenciosamente.

"O que foi?", sussurro.

"Encontrei uma coisa", ela me diz. "Você precisa vir comigo. Agora."

OceanofPDF.com

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

Sigo Venna sem questionar, sem hesitar. A urgência em seus olhos é contagiante. Enquanto nos movemos rapidamente pelos corredores do castelo, uma energia nervosa me invade. "Venna, onde..."

Ela emite um breve chiado e pressiona o dedo indicador contra os lábios para me silenciar. Aceno com a cabeça para dizer que entendi e, em seguida, faço o possível para silenciar meus passos. É difícil, com os corredores ecoantes e os tetos abobadados de pedra. Venna se move quase silenciosamente — como os Kryptos são ensinados a fazer — apenas ocasionalmente causando leves rangidos ao empurrar uma porta ou um breve farfalhar ao trocar de roupa.

Percebendo que estamos fazendo algo perigoso, abaixo parcialmente a barreira para mim e Anassa novamente. Se algo der errado esta noite... ela precisa saber.

Tento prever a rota que faremos pelo castelo, mas é impossível. Seguimos em direções aleatórias, virando à direita três vezes antes de voltar na outra direção. Depois de um tempo, percebo o que é isso. A urgência dela. A necessidade de silêncio. A rota indecifrável.

Esses são os movimentos de uma presa, deliberadamente complexa para escapar da captura. Ela está preocupada que possamos ser seguidos. Vistos. Há perigo aqui.

Minhas suspeitas se confirmam quando os corredores abertos da parte inferior do castelo se transformam em passagens de serviço. Tenho que me abaixar sob os batentes das portas. As entradas e saídas são pequenas demais para a altura média de um Elo. Meus nervos trêmulos aumentam ainda mais quando viramos repentinamente à esquerda e entramos em um túnel ainda mais estreito.

Essas nem são mais passagens de serviço. Parecem ser de outra era.

Teias de aranha se agarram aos cantos. As paredes são de pedra exposta, sem adornos e com uma pátina que indica séculos sem manutenção. Não há nada aqui embaixo além de mais túneis, cada um tão escuro e estreitamente punitivo quanto o anterior. É sufocante.

Começo a suar apesar da temperatura cair rapidamente.

Venna para em uma bifurcação e toca meu braço brevemente. Seus olhos encontram os meus para garantir que estou observando, então ela agita as mãos. Eu a encaro, tentando me lembrar dos sinais que consegui aprender, mas o significado dela me escapa. Bufo de frustração e ela pressiona o dedo contra os lábios novamente.

Concordo com a cabeça. Preciso ficar quieta.

Os lábios de Venna se curvam para cima e ela aponta para mim, depois dois dedos para os olhos e depois para si mesma. Observo-a. Concordo com a cabeça e ela segura meu pulso, me puxando para a escuridão.

Observo-a atentamente, como instruído. Logo percebo que seus movimentos são intencionais. É seu treinamento em Kryptos, suspeito, guiando-a pelas sombras como se ela tivesse nascido delas.

Seus pés testam cada passo com cautela antes que ela apoie o peso do corpo. Ela anda na ponta dos pés, principalmente, desviando cuidadosamente de qualquer coisa que possa produzir o menor som. Quando o chão abaixo de nós começa a mostrar ainda mais sua idade, com pedras lisas se transformando em rochas irregulares e rachadas, ela segue um caminho muito específico, como se pudesse, de alguma forma, antecipar quais pedras estão soltas.

Algumas vezes, ela toca meu pulso e gesticula. Dois dedos de cada mão, posicionados em V, com os pulsos se tocando. Cuidado, isso significa.

Faço o possível para prestar atenção às suas instruções, mas minha mente divaga. Talvez sejam os instintos que o treinamento de Strategos me ensinou, mas não consigo parar de querer fazer perguntas. O que está enterrado aqui embaixo? Quem ou o que exige silêncio absoluto de nós, com medo de sermos descobertos?

Descemos por vários níveis do castelo dessa maneira, mas a sensação claustrofóbica nunca passa. Em certo momento, corremos por um corredor estreito com janelas cortadas na pedra. Do outro lado, juro que vislumbro a masmorra que vi com Killian quando torturamos o Nabber. Estamos no fundo, então. Mas continuamos descendo, rastejando pelas escadas e descendo apressadamente por longas e angustiantes encostas de terra, ou mais rochas soltas.

Finalmente, as paredes mudam novamente. Tudo muda.

O ar fica gelado e pesado, o frio ardendo em meus pulmões e a falta de fluxo

de ar me privando de oxigênio. Sinto um gosto metálico estranho na língua, que fica mais forte a cada respiração. As paredes expelem umidade pelas rachaduras causadas pelo imenso peso da terra que pressiona essas passagens.

Minha respiração se transforma em vapor diante dos meus olhos e arrepios começam a percorrer minha pele.

Tudo isso é enervante, mas são as emoções de Anassa que realmente começam a me assustar. Ela está inquieta. Se eu não a conhecesse melhor, pensaria que ela estava com medo.

Pensar em Anassa com medo é como imaginar uma montanha tremendo. Simplesmente não está certo.

E é essa sensação de algo errado que paira como uma névoa espessa nestes túneis. Há algo de errado com o ar aqui — não apenas o frio e a escuridão, mas um peso tangível que me pressiona de todas as direções.

Tento me convencer de que é apenas a claustrofobia de estar tão longe no subsolo, mas a lógica não funciona. O desconforto projetado por Anassa alimenta o meu, e estou terrivelmente tenso.

A descida é interminável. Venna nos conduz por um labirinto. Essa é a única palavra para descrever, como se alguém tivesse cavado um labirinto para confundir deliberadamente quem tentasse chegar mais fundo. Venna vira três vezes à direita seguidas, e minha mente lógica em dificuldades me diz que isso deveria nos levar de volta ao ponto de partida. Mas, em vez disso, acabamos ainda mais fundo, com novas passagens sinuosas se revelando.

Passamos por várias portas e túneis adjacentes, que Venna ignora. Toco seu braço e aponto para uma das portas, erguendo uma sobrancelha. Ela balança a cabeça. Então ela aponta para um dos túneis adjacentes e levanta uma mão, guiando a outra até a palma da mão e parando abruptamente quando as pontas dos dedos tocam a pele.

Presumo que ela queira dizer que é um beco sem saída. Isso confirma minha teoria. Este é um verdadeiro labirinto com reviravoltas que desorientam qualquer um que acidentalmente encontre essas passagens.

Finalmente, quando estou praticamente saindo da minha pele, chegamos ao que parece ser o fundo. No final do túnel, há uma única porta com uma luz fraca emanando de trás. Quando Venna me leva até lá, não consigo evitar e suspiro. Uma leve brisa agita meus cabelos diante dos meus olhos.

Há uma corrente de ar do outro lado.

Ela se vira para mim. "Há guardas", diz ela, tão baixinho que é quase inaudível. "Eles estão em rotação agora, mas só temos alguns minutos."

Aceno com a cabeça para confirmar que entendi, e Venna abre a porta, revelando um corredor estreito.

A visão me desarma. Não se parece em nada com os outros túneis pelos quais passamos. Para começar, é limpo e bem conservado, iluminado por lamparinas a óleo acesas constantemente.

Mas também é esculpida em mármore branco e liso com veios dourados. O ar é fresco, sugerindo algum tipo de sistema de ventilação. Há um calor persistente ali também, emanando da pedra para afastar o frio das profundezas.

Venna e eu caminhamos em silêncio pelo longo corredor, em direção a outra porta interna. Mais luz brilha do outro lado.

Então, o som de vozes de crianças.

Isso me paralisa. Eu congelo, o coração disparado. Venna olha para mim, com uma expressão de compreensão. Ela acena com a cabeça uma vez. E eu sei.

Nada poderia me deter naquele momento. Corro para frente, empurrando a porta e entrando.

É tão brilhante e quente quanto o túnel pelo qual acabamos de passar, esculpido no mesmo mármore ofuscante. Lamparinas a óleo pendem do teto, lançando uma luz quente e constante. Pisco, confusa. Apesar de toda a sua elegância, sei o que é isso.

Uma prisão.

Ao longo de ambos os lados da longa sala, estendem-se fileiras espelhadas de celas. São pequenas alcovas no mármore, cada uma contendo móveis de verdade: camas de verdade com lençóis limpos, prateleiras cheias de livros e até pequenas escrivaninhas. Os luxos podem enganar os olhos, fazendo-os ver um espaço inócuo e tranquilo.

Se você conseguir ignorar as grades douradas que prendem as crianças.

Dezenas de crianças permanecem atrás das grades, todas usando roupas cinza idênticas. Elas parecem assombradas, ocas e magras, como se estivessem definhando ali embaixo. Percebo que foram alimentadas, mas definitivamente não estão saudáveis. Há uma palidez em sua pele carente de sol.

Cada cela parece cuidadosamente controlada, com quatro a cinco crianças cada. As crianças agrupadas também parecem ter mais ou menos a mesma idade, com a mais nova não tendo mais de cinco anos e a mais velha talvez entre dez e doze.

Meus olhos imediatamente se voltam para as celas mais ao fundo, onde estão as crianças mais velhas. Não me importo com meus passos pesados enquanto corro para frente, desesperada, tremendo.

E então eu a vejo. Parte de mim não consegue acreditar que é real.

Saela.

Por um instante, meu medo persistente me diz que isso pode ser outra alucinação. É quase preferível à ideia de que Saela possa ter ficado presa aqui

embaixo, bem abaixo dos meus pés, o tempo todo em que lutei para alcançá-la.

Então percebo o que ela está fazendo. Saela está encolhida em volta de um livro.

Seu cabelo escuro está mais comprido do que eu me lembrava, caindo abaixo dos ombros, e seu corpo está um pouco mais magro, mas ela ainda é Saela. Sempre com o nariz entre as páginas. A visão disso teria sido até reconfortante, se não estivesse aqui, neste lugar horrível.

A familiaridade de tudo isso me tira dos meus medos no momento em que Saela parece sentir que está sendo observada. Ela levanta os olhos do livro, me encontrando.

Por vários segundos, tudo o que podemos fazer é nos encarar. O tempo se esvai, as semanas e semanas de medo, dor e esperança sufocando o ar dos meus pulmões. Cubro a boca com uma das mãos, vagamente ciente de que lágrimas ardentes estão caindo.

Então o livro cai de suas mãos com um baque alto. Seus olhos se enchem de lágrimas.

"Meryn?", ela guincha, a voz embargada como um coração partido.

Isso me faz andar de repente. Ofego com dificuldade por ar e corro em sua direção. As crianças ao meu redor ofegam e correm para as grades para assistir. Saela se levanta com dificuldade, soluçando, trêmula, tentando alcançar as grades.

Eu me jogo contra elas, enfiando os braços porque preciso senti-la. Ela solta um pequeno grito agudo enquanto a puxo o mais perto que posso.

"Sae", eu digo com a voz engasgada, segurando sua cabeça. Ela está quente sob minhas mãos, diferente dos meus pesadelos.

"M-Meryn", ela choraminga. Suas mãos agarram minha jaqueta como se ela tivesse medo de que eu desapareça, seus nós dos dedos ficando brancos. "S-Seu cabelo!"

Eu solto uma risada molhada e aceno com a cabeça. "Seu cabelo."

Ela soluça e se agarra a mim. A natureza desesperada e inquisitiva do seu toque me fere. Não posso deixá-la ir. Não vou.

"Eu te peguei", respiro, acariciando seus cabelos. Ela se inclina para perto, apertando as grades para me alcançar. "Eu te peguei, Saela. Você está bem."

Sua respiração fica um pouco mais lenta, mas ela não me solta. Eu queria poder arrancar essas malditas grades. Arrancá-las do chão e segurá-la direito, puxá-la para os meus braços e fazê-la se sentir segura novamente.

Secar suas lágrimas. Ler para ela. Aconchegá-la para dormir.

Balanço a cabeça e me inclino para beijar seus cabelos, desviando os olhos brevemente. As outras crianças em sua cela e aquelas reunidas nas outras portas

das celas observam com algo faminto nos olhos.

Ciúme doloroso, percebo. Solidão.

Não sei há quanto tempo elas estão aqui embaixo, mas ninguém cuida delas como uma criança precisa de cuidados. Ninguém está aqui para amá-las. Elas devem ter ido dormir todas as noites com saudades de seus lares, de suas famílias, do sol.

Uma tristeza profunda se instala em meu coração como geada cintilante cobrindo a terra.

De Anassa, percebo. Sinto o olhar do meu lobo percorrendo essas crianças perdidas. Ver essas crianças perturba Anassa profundamente, como a dor de uma memória há muito perdida, mas o sentimento permanece imaterial e vago.

Saela se afasta em meus braços, apenas o suficiente para me olhar com olhos castanho-claros marejados. "Não é o que você pensa, Meryn. É muito pior do que qualquer um sabe", ela sussurra. Seus olhos se movem rapidamente como se ela temesse que haja olhares nela. Seu aperto em mim se intensifica.

Levanto a mão para afastar o cabelo dela dos olhos. "Agora, só me importa que você esteja bem", respiro.

Saela balança a cabeça. "Escute. Por favor."

Acenei com a cabeça, trêmula.

Sua voz ficou ainda mais grave, como se estivesse sibilando segredos, enquanto as outras crianças se aproximavam timidamente para nos ouvir. “Os Nabbers eram exatamente como as pessoas diziam. Eles entraram pela janela. Tentei lutar, mas eram dois. E-E...”

“Você se saiu bem, Sae”, eu a tranquilizo, trêmula.

Seu sorriso treme, depois desaparece. “Eles não me levaram para longe da cidade. Os prédios ficaram mais altos em vez de menores. Eles me trouxeram para cá. Nos entregaram à guarda do rei. Eu reconheci as armaduras deles.”

Meu queixo cai. Sei que estamos sob o castelo, sei que essa explicação faz sentido, mas uma parte desesperada de mim ainda esperava que houvesse algum tipo de explicação que não significasse que eu teria que matar um rei pelo que ele fez com a minha irmã.

A ira me invade, brilhando como uma arma na forja.

"Eles te machucaram?", rosno. Para minha surpresa, o rosnado de Anassa segue o meu.

Saela balança a cabeça. "Amarraram minhas mãos, mas estou bem."

"Está sim", concordo. "Você é mais forte do que qualquer pessoa que eu conheço."

Seus dedos se entrelaçam aos meus. "Fui trazida para cá rapidamente. Estou contando os dias em um dos livros. Faz quatro meses aqui. Acho. É difícil dizer,

sem o sol, mas os guardas seguem um padrão."

Quatro meses. Ela esteve aqui o tempo todo. O tempo todo.

“Os guardas não são cruéis. Eles trazem refeições regulares, roupas limpas, livros para ler. Mas não falam conosco diretamente, nunca respondem a perguntas. Agem como se não estivéssemos aqui. Ou como se estivéssemos...”

Como se fossem animais a serem cuidados e ignorados. “Sinto muito”, sussurro, com as lágrimas ameaçando cair novamente. “Tenho procurado você desde o começo. Desde o começo, Sae.”

Ela sorri. “Eu sabia disso. Desde o começo”, sussurra de volta para mim. Expiro trêmulo e assinto, inclinando-me para beijar sua testa.

“É por isso que eu acompanhei. Para te contar tudo, para que você possa revidar”, diz ela, com um toque de orgulho nos olhos. “Eu sabia que você nos encontraria aqui.”

“Lutar contra quem? Contra os guardas?”

Sua expressão se escurece. Medo brilha em seus olhos. Medo que eu gostaria de poder segurar em minhas mãos e esmagar por ela, como moer ossos até virar pó. Mas tudo o que posso fazer é abraçá-la e prometer tudo o que sou, tudo o que me tornei.

"Não os guardas. O rei", ela sussurra, com a voz embargada.

Aquele filho da puta. Vou acabar com ele e aproveitar cada segundo.

Anassa rosna em aprovação em minha mente; ela quer provar o sangue dele.

Saela deve ter visto um lampejo da violência prometida em meu olhar, porque seus olhos se arregalam.

"Está tudo bem", digo, limpando sua bochecha com o polegar. "Você sabe que eu enfrento qualquer um. Até um rei."

"E-Ele vem a cada poucas semanas. Ele anda entre as celas, nos observando. Ele manda o guarda tomar notas. Então ele... escolhe um de nós. Às vezes dois."

"Para quê?", pergunto, trêmula.

Ela balança a cabeça, com os olhos marejados. "Nunca mais os veremos, mas às vezes acho que os ouço gritando em algum lugar distante. E eu já f-fui preterida seis vezes. Sou a que está aqui há mais tempo. Ele vai me escolher a seguir. Eu sei que vai. Meryn!"

Ela solta um soluço horrível e dolorido, balançando a cabeça. Mas quando ouve um som vindo de cima — talvez uma porta se abrindo ou um móvel se movendo — sua voz silencia instantaneamente. Ela respira fundo, abafando as lágrimas e enxugando as bochechas.

As crianças ficam quietas, aconchegando-se contra as paredes. O medo se espalha de forma doentia pelo ar, amargo e frio.

Saela aperta minhas mãos com urgência. "Ele vai escolher de novo em breve.

Eu sinto. Por favor, não deixe que ele me leve", ela choraminga.

Eu não vou. Eu não vou. Estratégias passam pela minha cabeça. Como tirá-la daqui. Como desmontar as grades. Como evitar os guardas. Como tirá-la do castelo.

Mas a cada reviravolta em meus planos, encontro probabilidades impossíveis. Estamos centenas de metros abaixo do solo. Quanto tempo eu realmente tenho antes que sua ausência seja notada? E eu poderia realmente deixar todas essas outras crianças para trás?

Eu não... Eu não vou...

Uma mão toca meu ombro e eu me encolho.

Mas é Venna, com os olhos brilhando em alerta. "Estamos quase sem tempo", ela diz, e então se afasta para me dar este momento com minha irmã.

Eu me viro para Saela, segurando seu rosto doce em minhas mãos. A horrível verdade se espalha como veneno em minhas veias, me enfraquecendo, apodrecendo meu coração. Não posso libertá-la agora.

Há muitas crianças, muitos guardas espalhados pelo castelo e o risco de todos serem pegos é muito alto.

Mas deixar Saela aqui, sabendo que ela pode ser levada? Pode ser machucada? É aquela noite de novo, tirar meus olhos dela por um segundo e perdê-la no espaço de uma única respiração.

É a jogada inteligente. A jogada estratégica. Mas dói. Então eu faço o que sempre faço. Transformo a dor em força.

"Eu voltarei, Saela", digo a ela com firmeza.

Seu rosto se contorce. "Meryn", ela implora.

"Eu vou te tirar daqui", insisto.

"Estou com medo", ela sussurra.

Eu a aperto contra mim para poder esconder minhas lágrimas. Preciso que ela saiba que serei forte por ela. "Você confiou em mim até agora, certo? Você pode continuar assim só mais um pouco?"

Ela me puxa para perto, mas acena silenciosamente em meus braços.

"Eu voltarei com ajuda, ok?" Respiro fundo e me recomponho, afastando-me para olhá-la nos olhos. "Somos filhas da minha mãe, certo? Somos fortes. Sempre."

Ela cerra o maxilar com força e acena com a cabeça, fechando os punhos. "Sim."

"Mantenha a cabeça baixa, está bem? Não faça nada para chamar a atenção do rei."

"Certo."

Venna bate no meu ombro gentilmente mais uma vez e olha para a porta.

Aceno para ela e depois olho para Saela. "Eu te amo", digo a ela, recuando. "Com tudo, Sae."

Suas mãos soltam as minhas, mas ela acena com a cabeça, fazendo cara de corajosa. "Eu também te amo. E eu... te vejo em breve."

Quando me afasto dela, mergulho em uma tempestade de dor e raiva. A porta se fechando entre nós é excruciante. Aperto o peito, quase esperando sentir uma torrente de sangue quente e fumegante escorrendo pela minha frente.

Venna toca meu pulso delicadamente, com lágrimas nos olhos, mas não consigo encontrar espaço para agradecê-la.

Não posso libertar Saela sozinha. Não como estou.

Felizmente, conheço alguém que pode. Alguém com autoridade de verdade. Alguém que pode oficialmente ordenar a abertura destas masmorras e a libertação das crianças.

Alguém que me ama, que faria qualquer coisa para ajudar Saela. Que sempre fez.

Sobre o nosso vínculo, a mente de Anassa dispara com um aviso imediato e cortante, como uma agulha perfurando meu cérebro. "Você não pode envolver mais ninguém", ela insiste, com a voz tensa.

Eu a empurro para trás, lutando contra sua força de pânico e erguendo o muro entre nós novamente, reforçando-o. Ela escondeu tanta coisa de mim. Desde o momento em que nos unimos, ela nunca me disse a verdade.

Ela escondeu a voz de mim, me empurrou para longe, escondeu a identidade de sua companheira. Ela sabe mais sobre aquele livro do que me contará e sabe como minhas visões estão conectadas, mas decidiu esconder a verdade em vez de me ajudar.

Nunca consegui me livrar da sensação aguda de que ela possui todas as respostas que eu poderia precisar, mas se recusa a me dar o conhecimento. Por que, se ela me forçou a criar esse vínculo para começo de conversa? Eu realmente não sei.

Mas cansei de fingir que confio nela.

Há outra pessoa em quem confio, que sempre me priorizou. Que cuida de mim. Que entende minha dor e cuida dos meus ferimentos. Que me conta tudo o que sabe. Killian ficou horrorizado com os Nabbers. Ele trouxe um deles até mim e me ajudou a torturar o homem para obter informações. Ele expressou sua desconfiança em relação ao pai e seu desejo de mudar o reino tantas vezes.

Eu vi o brilho em seus olhos quando ele fala sobre o futuro, sobre o mundo que sonha em construir. Juntos.

Ele ficará ainda mais furioso ao saber das ações do pai do que eu. Traído pelo próprio sangue.

Killian ajudará. Ele sempre ajudou e sempre ajudará.

Enquanto sigo Venna de volta pelos corredores, esfrego o polegar na minha pulseira e faço um voto silencioso. O rei pagará por isso.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

Quando chego ao salão comum vazio de Rawbond e me despeço de Venna, isso se torna uma necessidade poderosa. Quantas vezes fui até ele, ferida e com dor, apenas para ele me pegar em suas mãos e acalmar tudo?

Socorro, meu coração ensanguentado grita. Preciso da ajuda dele. Preciso que algo faça sentido novamente.

Encontro-o ainda encolhido na minha cama, dormindo pacificamente. Tranco a porta do meu quarto atrás de mim e corro até ele com urgência, sacudindo-o para acordá-lo.

Os olhos azul-escuros de Killian piscam, turvos. "Meryn?"

Eu tinha razão. Só de olhar para ele me sinto mais no controle. "Eu..."

"Você está bem?", ele pergunta, acordando de repente e se sentando. "Você..."

"Eu a encontrei", deixo escapar.

No momento em que as palavras saem, meus olhos lacrimejam novamente. Bufo de frustração e limpo o rosto com raiva. "E-Ela está bem aqui. Abaixo do castelo. O tempo todo, e eu nunca soube. Eu estava bem aqui, e ela estava com tanto medo, Killian. Era meu trabalho mantê-la segura. Garantir que ela se sentisse segura, e eu falhei."

Ele estende a mão, segurando minhas duas mãos. Sua pele é quente. Seu aperto é firme. Ele está quieto, mas me puxa para mais perto. "Você a encontrou", repete Killian. "Saela?"

Aceno com a cabeça, o queixo tremendo. Killian se aconchega mais na cama para que eu possa sentar ao seu lado. Assim que estou lá, ele pousa a mão reconfortante na minha coxa, acariciando-a suavemente. Isso começa a me acalmar lentamente. "Respire fundo, Meryn."

"Não tenho tempo. Eu preciso..."

"Olhe para mim", diz ele. Arrasto meu olhar cheio de lágrimas até o dele. "Assim está melhor", diz ele, assentindo. Expiro o ar trêmulo, erguendo as mãos ligeiramente trêmulas para segurar seu rosto. "Fale comigo. Eu vou ouvir."

Respiro fundo. "Há uma prisão embaixo do castelo. Desci por alguns túneis. Era um labirinto, mas no final, eu a encontrei. E dezenas de outras crianças, a maioria jovens. Estão todas atrás das grades, Killian. E Saela estava lá."

A testa de Killian se contrai, sua pele empalidece. Há uma tristeza cortante em seus olhos, como se essa revelação estivesse tirando algo precioso dele. "Ela está bem?"

Eu balanço a cabeça. "Eles estão sendo mantidos por algum motivo. Levados a cada poucas semanas para sabe-se lá o quê. Acho que estão morrendo. Podem levá-la a qualquer momento."

Killian afunda contra as paredes. Ele balança a cabeça, cobrindo a boca com a mão. Então, olha para mim. Sua voz está rouca. "Quem os leva? Você os viu?"

"Seu..." Eu não quero fazer isso. Não quero machucá-lo. Mas não há outro jeito. "Seu pai", respiro.

Seus olhos se arregalam e ele aperta os lábios em uma linha fina e pálida.

"Saela disse que é ele quem escolhe as crianças. Que as leva embora. Isso é por causa dele. Tudo é culpa dele", eu digo.

Killian parece vazio, como se eu tivesse acabado de extinguir sua alma em um único suspiro. Acho que essa pode ter sido a mesma expressão que eu tinha no rosto, tendo que deixar Saela. É perda. Killian e o rei estão em desacordo há muito tempo, mas certamente nem ele imaginaria que seu pai fosse capaz de tal coisa.

"Meu pai?"

"Desculpe", sussurro.

"Meu pai?", ele repete, piscando lentamente. "Ele... Meu pai fez isso?"

Como o estalo de um chicote, o horror se transforma em raiva. A tensão percorre seus músculos.

"Não", ele rosna, jogando as cobertas para trás. "Ele não vai. Eu não vou deixar", ele murmura, balançando a cabeça. "Merda, Mer. Eu deveria ter visto isso. Havia sinais de que ele estava tramando algo horrível."

Estendo a mão, acariciando seu braço. "Agora sabemos. Podemos fazer algo agora."

"Eu estava desconfiado, mas isso é completamente diferente..." Ele respira trêmulo. "Crianças", ele diz, aflito.

"Eu sei", eu digo. Então respiro fundo, fortalecendo minha determinação. "Killian, olha... Eu fiz uma promessa a Saela. E vou cumpri-la. Não importa o que eu tenha que fazer. Não importa o sangue de quem eu tenha que derramar."

Seus olhos se arregalam ligeiramente, depois se estreitam. Ele agarra meus ombros, me puxando bruscamente para si, e coloca minha cabeça sob seu queixo. "Eu sei."

"Ele é seu pai."

"É o Saela", diz ele. "Ele fez isso. Agora ele vai ter que encarar."

"Vou arrancar a garganta dele", rosno.

Killian se afasta e seus olhos estão ligeiramente selvagens. Ele estende a mão e segura minha bochecha com dedos trêmulos. Não é medo. É raiva. "Ele traiu o reino primeiro. Ele me traiu. Ele levou sua família, Meryn. Custe o que custar, nós o deteremos, libertaremos as crianças e acabaremos com este pesadelo. Eu juro."

Eu expiro trêmula, concordando com a cabeça. Quando ele me segura assim, me sinto mais forte. O desafio diante de mim é como outra Ascensão — uma jornada fria banhada em sangue, até o trono.

"Amanhã, na cerimônia de formatura", ele diz, sem deixar espaço para perguntas. "Não pode esperar."

"Não pode", concordo. "Mas como?"

"Todos os Rawbonds vão até o rei para receber sua bênção ao se tornarem Vinculados", ele me diz. "Essa será sua oportunidade. Você terá que atacar então, e não pode vacilar ou fracassará."

"Acredite em mim", digo, com a voz perigosa. "Não vou errar. Quanto controle você tem sobre a guarda do castelo?"

"Posso acessar informações, alterar ordens", diz ele. "Boa ideia, vou trabalhar na segurança da prisão e descobrir como entrar e pegar as crianças."

A esperança pulsa irregularmente em meu peito. Depois de tudo que passei para tentar resgatar Saela, é demais acreditar que possamos realmente estar lá. Mesmo assim, pergunto: "Você acha que isso vai dar certo?"

A determinação no olhar de Killian me incendeia. "Vai dar certo. Amanhã, você terá sua irmã de volta. Amanhã, faremos meu pai pagar. Amanhã, o trono é nosso."



A arena está ensurdecedora na tarde seguinte, as arquibancadas lotadas mais uma vez com nobres e Elos. Os nobres parecem entediados — com o derramamento de sangue das Provas da Unidade para trás, a cerimônia de formatura de hoje deve parecer tediosa para eles. Mas acho que seria indelicado da parte deles pularem isso, depois de saborearem nosso sangue tantas vezes.

Todos nós, Rawbonds, estamos em nossos uniformes de treinamento pela última vez, com direito a espadas cerimoniais. O sol da tarde projeta longas sombras sobre a arena. O ar está fresco, mas o suor escorre pela minha espinha e forma gotas no meu lábio superior. A ansiedade me envolve por dentro, distorcendo minha mente.

Começa a fazer as sombras parecerem estranhas.

Pisco rapidamente e limpo o suor dos olhos, desviando o olhar. Meus olhos são atraídos diretamente para ele, no entanto. Rei Cyril. Ele está sentado acima de todos nós, resplandecente em sua púrpura e ouro reais, com aquela infame lâmina com punho de lobo repousando sobre seu colo.

Mesmo daqui, consigo ver seus dedos acariciando o cabo repetidamente enquanto ele nos encara, os olhos percorrendo nossos lobos e corpos como um toque violento.

Eu o conheço pelo que ele é agora. Por trás daquela máscara brilhante de nobreza, há um monstro horrível. Seja lá o que ele esteja fazendo com aquelas crianças — seja lá o que ele já tenha feito — vai acabar. Hoje.

E eu serei a responsável por isso.

Meus olhos se voltam para Killian, e um pouco da ansiedade que me atormenta se acalma. Ele brilha mais do que o pai, de pé, em pé, à sua direita, com a cabeça erguida. Ele está vestido de azul-royal, em contraste com o roxo do pai. Seu cabelo está perfeitamente arrumado, suas mãos apoiadas atrás do corpo. Seus olhos brilham com um azul mais intenso do que o normal sob a luz do sol penetrante.

Meu futuro marido. Meu verdadeiro rei.

Acho que ele sente meu olhar, porque um momento depois, nossos olhares se encontram do outro lado da arena barulhenta. E, ainda que levemente, ele inclina a cabeça. Um eco de um aceno.

Ele está pronto. Eu também.

O Líder Aldrich está sentado do outro lado do rei. Ele será o mestre de cerimônias hoje. Na fileira atrás deles estão todos os instrutores. Mesmo daqui, consigo ver que Stark está tenso como sempre.

Apertando o maxilar, desvio o olhar. Ele não vai me distrair do meu propósito agora.

Uma trombeta soa e todos os lobos gigantes entram na arena, caminhando lentamente em direção aos seus cavaleiros. Anassa mostra as presas para mim quando se aproxima. Mantive a barreira mental intacta e sua mensagem é clara: ela está irritada comigo.

Suspirando, eu a levanto agora. Vou precisar da cooperação dela para isso. Rapidamente, deixo meu plano fluir até ela: quando eu chegar perto do rei para

receber minha bênção, vou atacar.

Espero que ela me repreenda, que me diga que o plano é muito perigoso ou que não pensei bem nas coisas, ou que me repreenda por envolver Killian.

Em vez disso, ela apenas rosna: "Depressa!".

Uma risada surpresa me escapa, e então ela abaixa o pescoço. Entrelaço meus dedos em sua densa pelagem branco-prateada e me puxo para suas costas como os outros cavaleiros.

Assim que todos os Rawbonds estão montados, o Líder Aldrich se levanta e ergue um amplificador de voz.

“Hoje é o fim formal das Provas de Vínculo. Marca o ápice do incrível trabalho árduo que todos vocês demonstraram nos últimos quatro meses. Quase mil soldados tentaram a Ascensão. Noventa e oito lobos gigantes escolheram noventa e oito cavaleiros. E hoje, setenta e seis Crueldos tomam oficialmente seu lugar em suas matilhas como Vínculos.”

Os outros Crueldos ao meu redor erguem a cabeça com orgulho. Nós, os poucos escolhidos, conseguimos.

Vinte e dois cavaleiros não conseguiram. Três deles morreram em minhas mãos. Todo esse derramamento de sangue do qual participei — tudo por causa dele.

O Rei Cyril se levanta, puxando o amplificador das mãos do Líder Aldrich. Aldrich parece perturbado com o movimento, mas entrega o amplificador e recua.

“Sim, obrigado, Líder Aldrich, e obrigado, Crueldos!” Seu olhar azul-claro e sinistro percorre todos nós, e um sorrisinho estranho se espalha por seu rosto. Esta cerimônia de formatura faz parte de séculos de tradição. E, como tradição, todos vocês virão perante mim e receberão minha bênção para ir lutar em meu exército como nossos guerreiros de elite. No entanto, mesmo as melhores tradições precisam ser atualizadas às vezes…

Uma onda de pânico me percorre, quente e urgente. O que isso significa? Olho ao redor rapidamente e todos os outros parecem tão confusos quanto eu.

“O Teste da Unidade demonstrou uma coordenação impressionante, mas fiquei decepcionado com o seu desempenho. Mais Rawbonds deveriam ter sido eliminados. Em alguns Testes, você sabe, só temos cinquenta sobreviventes!” Ele solta uma risada alegre.

Meu estômago se revira de desconforto e meu olhar se fixa em Stark parado atrás do rei. Sua testa está franzida de preocupação. Ótimo, então os instrutores também não sabem onde isso vai dar.

“Como sou um rei justo e imparcial, decidi dar a vocês mais uma chance de se livrarem de bagagens desnecessárias ou de membros indignos da matilha. E

não quero que ninguém se contenha! Então, antes de prosseguirmos para a bênção, teremos uma batalha final, todos contra todos.”

Não.

Ele sabe o que eu planejei? Será que ele descobriu de alguma forma? Killian se levanta e me encara, os seus arregalados de medo.

O Rei Cyril bate a espada com punho de lobo na plataforma a seus pés. "Comece."

E o caos se instala.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

No instante em que começa, visualizo a conexão da minha matilha explodindo do meu corpo. A inundação de um rio poderoso. O crepitar de um relâmpago ramificado, minha energia em seu epicentro. Expando minha consciência em uma explosão violenta através da unidade da matilha, tocando a mente de cada um dos meus companheiros de matilha simultaneamente.

O impacto inicial de suas experiências conjuntas me sobrecarrega brevemente, mas Anassa me protege. Sinto cada batida do coração, cada descarga de adrenalina, cada lampejo de medo e raiva — tudo isso no espaço de alguns segundos. E então eu domino.

O que mais me preocupa é o desejo poderoso que pulsa em cada um deles.

Matar.

Seja lá o que for que o rei tenha liberado com aquela espada, é tão mortal quanto uma flecha em suas gargantas. Eles são compelidos a se atacarem, a trair nosso vínculo e a se separarem.

Mas eu sou o Alfa deles. E não vou deixar o bastardo naquele trono tirar nada nem ninguém de mim.

Com a ordem do rei, a arena imediatamente se transformou em uma batalha sangrenta. Todos os lobos gigantes estão se atacando. Consigo ver os lobos de Tomison e Kristof atacando uns aos outros como se seus cavaleiros fossem inimigos em vez de amigos próximos.

"FODA-SE o rei!", grito em meio à unidade da matilha.

Suas mentes estalam coletivamente, rastreando minha fúria em meio ao caos. Anassa rosna e corre em direção à borda da arena, ultrapassando os lobos que tentam nos perseguir. Jonah está me perseguindo; imagino que as ordens do rei soem como uma aprovação para fazer o que bem entender.

Eu abro um círculo amplo, espada em punho, a consciência buscando a dor e

o poder da minha matilha. Posso sentir que o domínio do rei sobre eles se rompeu no momento em que lhes transmiti minha fúria.

"Sigam", digo a eles. "Juntos." E sinto a compreensão deles. É assim que deve ser. Todos nós como um, unidos. Unidos.

Meu plano de chegar ao rei pode ter sido frustrado... mas vou usar a proteção dos meus companheiros de matilha para chegar até ele mesmo assim.

Aquele filho da puta morre hoje.

A luta corpo a corpo explode. Um enorme lobo Daemos avança direto para a garganta de Nevah. Múltiplas mentes analisam a trajetória.

Envio comandos rápidos sobre a unidade. "Izabel, vire à esquerda. Tomison, leve-os em direção à muralha oeste."

Os lobos dos meus companheiros de matilha se movem sem hesitar, seus corpos enormes se lançando para seguir minhas ordens. Anassa e eu entramos na briga estrategicamente, minha mente brilhando com a enxurrada de informações.

O lobo de Izabel salta alto sobre as cabeças de dois lobos Kryptos, pousando mais perto de Nevah, que ainda luta desesperadamente contra o enorme lobo negro de Daemos. Então, o lobo gigante de Tomison ataca da direção oposta, abrindo caminho com seu corpo enorme. O lobo de Daemos recua, repentinamente preso entre os pares de Strategos.

Droga, parece coordenado demais. O rei pode notar um padrão nos movimentos da minha matilha. Não podemos parecer unidos, ou ele notará — e aí quem sabe o que vai acontecer?

"Façam parecer coincidência da próxima vez", instruo a todos. "Não deixem que ele veja que estamos trabalhando juntos."

Confio muito em Anassa enquanto a batalha continua. Ela luta bem enquanto eu organizo a defesa da minha matilha. Ela ajuda a guiar minha mão, usando seu tamanho enorme para abrir caminho pelo campo para que os lobos Strategos menores possam usá-la para se reposicionar sem oposição.

Impulsionados pelo comando do rei, dois lobos Kryptos usam sua velocidade e manobrabilidade surpreendentes para cortar o corpo a corpo, esquivando-se dos enormes lobos Phylax e desviando-se das presas de Daemos.

Eu mesma não os vejo. Sinto a aproximação deles em um tremor mental em cascata e sei que não estão mirando em mim, mas em Tomison e Pietr, que estão me flanqueando, com seus lobos fingindo morder os calcanhares de Anassa.

Estávamos indo para o lado norte para ajudar Izabel. Não importa. Preciso me livrar da dupla Kryptos agora. Izabel pode resistir se Tomison seguir seu caminho. Dou uma enxurrada de ordens.

"Tomison..."

Sua consciência queima intensamente em minha mente. Ele já está correndo

em sua direção. Sorrio maliciosamente e volto minha atenção para outro lugar.

"Pietr, recue. Allegra, proteja a retirada dele. Roddert, faça um círculo amplo e os ataque — eles esperam que vocês se aproximem."

Minha matilha luta bem, ferozmente, mas com controle rigoroso. Defendemos a nossa com fúria, mas poupamos as outras matilhas o máximo que podemos. O rei pode concordar com mais derramamento de sangue hoje, mas nós nos recusamos.

Alcancei Izabel e Tomison bem a tempo. Anassa se ergueu para bloquear o ataque de um lobo menor, dando ao lobo de Tomison tempo suficiente para arrastar um atacante Daemos enlouquecido por sangue para longe de seu cavaleiro.

O perigo me arrepia, enviado por Izabel. Minha lâmina se moveu antes da minha mente. Eu a golpeei, o metal ressoando contra um golpe que era destinado a Izabel. Mesmo assim, minha mente percorreu três outras ordens — dois pares do outro lado da arena, no lado sul, outro a nordeste.

Estou progredindo. Minha matilha foi quase toda reposicionada em direção às arquibancadas da arena, aproximando-se a cada manobra. Teci padrões de proteção enquanto a luta continua, rechaçando ataques, protegendo as vidas das outras matilhas...

Aproximando-me do meu objetivo.

Um lobo Phylax conseguiu cravar os dentes em Allegra. A dor ecoa pelo vínculo, amarga de medo. O gosto de sangue me invade a boca. Mordi a parte interna da bochecha, uma reação instintiva ao ver alguém ferido.

Engulo em seco e uso a dor, levando meu foco ainda mais longe.

"Manter a formação. Darius, fique na frente. Roddert, flanqueie pela esquerda. Eles estão muito focados em Allegra. Use isso."

Ordens executadas, Allegra e seu lobo gigante recuam para trás da cobertura que criamos, mancando muito, mas vivos. O lobo de Roddert está coberto de sangue, mas não é o dela. Eu desconsidero isso e deixo minha mente ir além.

Formamos um arco protetor ao redor da plataforma do rei — quase como se o estivéssemos defendendo. Para um observador, pode parecer que fomos encurralados contra uma parede. Chegamos a nos atacar, como se a ordem do rei ainda nos dominasse. É impossível esconder completamente que não estamos nos voltando uns contra os outros como as outras matilhas, mas isso pouco importa neste momento.

Parecemos vulneráveis, como se estivéssemos fugindo da luta. Não somos uma ameaça, e é nisso que preciso que ele acredite.

A matilha precisa ser capaz de se proteger quando eu agir. Se eu tiver que deixá-los, preciso saber que eles estarão em uma posição forte o suficiente para

lutar contra outras três matilhas. Para lutar contra idiotas como Jonah, que desistiu de me atacar e está tentando diminuir as fileiras dos Kryptos.

Depois de posicionar cada par exatamente onde precisam estar, libero minhas emoções. Uma onda de raiva, proteção e fé me invade. Alguns deles se viram brevemente para me olhar antes de se concentrarem novamente na batalha, no ato.

"Aconteça o que acontecer", projeto para todos eles, "mantenham esta formação. Mantenham nossa matilha viva."

Suas mentes explodem. Instantaneamente, suas emoções me inundam de volta. É ofuscante. Avassalador. Eles confiam na minha liderança, mesmo sem entender meu plano. Eu os mantive seguros e agora eles lutarão até o fim para defender a união entre nós.

Meus olhos ardem com lágrimas que não tenho tempo de derramar.

Os músculos de Anassa se contraem sob mim enquanto ela se abaixa. Ela pergunta apenas uma vez. "Tem certeza?"

Respondo com raiva. Ela atravessa Anassa, atravessa minha matilha. Ela solta um uivo aterrorizante, cujo som furioso e ameaçador carrega minha fúria por toda a arena. Um instante depois, outros lobos Strategos se juntam a eles, nossas vozes cantando fúria em total unidade.

Afundo a mão no pelo de Anassa. "Por Saela. Por todos eles."

Anassa se vira, suas garras enormes raspando enquanto ela ganha impulso. Eu me inclino, segurando firme seu pelo e firmando meu corpo. Ela rosna, e estamos no ar. O salto é impossível. Seria para qualquer um, menos para ela.

Músculos poderosos nos impulsionam para cima. Cortamos o ar, um rastro de morte prateada como o corte de uma lâmina. Anassa aterrissa com um baque ameaçador na plataforma do rei, pairando sobre seu trono.

Guardas descem os degraus em nossa direção, mas são lentos demais.

Já deslizei das costas de Anassa, com a lâmina em punho.

O Rei Cyril Valtiere se levanta, mas não há medo em sua expressão. Vejo apenas uma leve surpresa. Então, pior, diversão, como se ele ainda achasse que tudo isso é um jogo quando eu já estou antecipando a forma como seu sangue vai derramar.

Ele abre a boca para falar, mas não tenho paciência para suas mentiras insidiosas. Levanto a perna e chuto, mirando o golpe com precisão. Minha bota atinge seu pulso com uma força de quebrar ossos, e ele grita, deixando cair a brilhante espada com punho de lobo de sua mão.

A espada cai ruidosamente na pedra a seus pés. Sei que tenho apenas alguns segundos, mas um instinto toma conta do meu corpo.

Eu me jogo para a espada, algo vibrando em meu sangue me ordenando que

a pegue no lugar do meu. Preciso dela em minha mão. Preciso ver seu sangue derramar sobre a lâmina afiada, derramando escarlate sobre prata.

No instante em que a pego, poder.

Uma magia antiga e avassaladora queima minhas veias. Ela engole meu corpo inteiro, vibrando por minhas pernas e braços, quase me fazendo perder o controle. Meu coração grita no peito. É como se eu estivesse respirando um raio, como se o menor empurrão pudesse fazê-lo rasgar meus poros e queimar a arena inteira.

A espada está viva em minhas mãos, zumbindo com a energia que me alcança. O metal se aquece na palma da minha mão como se estivesse se fundindo à minha pele, respondendo a mim, clamando por minha atenção.

Acima de mim, Anassa avança rapidamente, arrancando a cabeça de um guarda dos ombros com uma mordida. Quando olho para o rei lentamente, sua diversão se esvai. Seu pé esquerdo se move para trás, apenas ligeiramente.

Sua mão se levanta — talvez para sinalizar aos guardas, talvez para tentar se defender —, mas eu já estou me movendo. Eu não tinha percebido que a arena estava em silêncio até minha voz ecoar poderosamente pelo espaço.

"Isto é por Saela", rosno.

A lâmina é uma extensão do meu braço, uma parte mortal de mim. Minhas próprias garras prateadas. Ela zumbe no ar, mais rápido do que eu já vi uma arma se mover. O mundo para quando seu fio se conecta com seu pescoço. Eu vejo. Aquele primeiro corte em sua pele. Queima meus olhos dolorosamente.

Sangue espirra pelo meu braço. Um jato arterial me atinge no rosto.

Sua vida respinga no meu peito, afundando em minhas roupas e na pedra. Do outro lado do trono. Do outro lado da lâmina.

Os olhos azul-claros do rei se imobilizam enquanto sua cabeça cede ao próprio peso. Ela escorrega de seu pescoço e cai pelos degraus da plataforma enquanto seu corpo inerte desaba no chão aos meus pés.

Sinto uma vontade doentia de destruir o que resta. De devastar seu cadáver até que ninguém jamais seja capaz de reconhecê-lo. Mas engulo a vontade e abaixo a lâmina, com sangue escorrendo da ponta.

Os guardas congelaram. A arena está em silêncio. Minha mochila pulsa de inquietação.

Viro-me para Killian, e seu rosto está pálido.

Não há alívio. Nenhum triunfo pela queda de seu pai. Ele me olha com horror abjeto, seus olhos percorrendo o sangue derramado em meu peito, a espada e o cadáver de seu pai.

"Meryn, o que você fez?", ele estremece, afastando-se de mim com os olhos arregalados e as mãos trêmulas. Então, raiva. Sua expressão se contorce em

fúria. "Guardas! Prendam-na! Ela matou o rei!"

"O quê?!", grito.

Uma enxurrada de guardas invade a plataforma. Os que já estavam ali voltam à ação. A arena treme com o som enquanto a multidão reage à cena. Tento recuar para o lado de Anassa. Ela tenta pular em minha direção, com os olhos arregalados. Mas antes que ela consiga se aproximar o suficiente para me defender, o chiado de uma arma corta o ar e a atinge.

"Anassa!", grito enquanto a vejo cair. Viro-me bruscamente e, por um instante, vejo algo. Juro que vejo. Ele disfarça rapidamente, mas...

Os lábios de Killian se erguem. É um pequeno estremecimento satisfeito, seus olhos brilhando em azul, seu olhar calculista.

Então a dor. Algo me atinge com força na parte de trás do crânio, apagando minha luz.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

Não há nada além de sombra. Sinto tudo ao meu redor, fluindo através de mim, sugado para os meus pulmões e vazando pelos meus olhos. Flutuo, sem realmente ver nada, mas sentindo movimento no escuro. Lento e pesado, como o rolar de uma névoa espessa sobre terra congelada.

Então, ao meu redor, uma voz que conheço. Uma voz que já ouvi antes, durante as crises enlouquecedoras da minha mente, enquanto eu deslizava em direção à loucura da minha mãe. Ela vem de lugar nenhum e de todos os lugares, de além e de dentro. Soa como um sussurro e um grito, sibilando sobre minha pele e vibrando através dos meus ossos.

"PEGUE A COROA."

Acordo ofegante, com os dentes batendo. O ar está frio. Estou deitado sobre uma pedra congelante. Raios de luz cortam como agulhas a escuridão ao meu redor. Há um cheiro de fumaça no ar. Conforme minha visão se aprimora, percebo que há uma tocha recém-apagada brilhando, uma lenta espiral de fumaça subindo.

A lenta compreensão se apodera de mim enquanto a encaro. A parede de pedra áspera. A escuridão. O cheiro de terra e mofo. O silêncio.

Minha cabeça lateja enquanto volto a mim através da névoa, uma pulsação particularmente aguda centrada na parte de trás do meu crânio, onde fui atingido. Quando viro meu pescoço rígido, tudo fica claro.

Estou nas masmorras do castelo.

À primeira vista, a cela é desanimadoramente segura, com sólidas paredes de pedra e grossas barras de ferro me separando da liberdade.

Engulo em seco, sentindo o nó na garganta, sentindo o gosto de cobre na língua seca. Lentamente, sento-me, mantendo os olhos fechados para bloquear a visão turva. Tremo, agarrando-me, cerrando os dentes.

Então, um calor sutil acalma minha mente em turbilhão. Anassa. Viro-me, estremecendo quando meu ferimento na cabeça se anuncia mais uma vez. No momento em que meus olhos pousam nela, uma calma instintiva me invade. O vínculo se estabelece enquanto meus olhos se movem sobre sua forma maciça e ágil. Ela respira com firmeza, sentando-se e alerta, me encarando.

Examino-a em busca de ferimentos, mas ela parece bem. Ela deve ter se curado depois daquele golpe. Seu pelo está um pouco sujo, mas imagino que seja da batalha. Exceto... à luz persistente das cinzas das tochas e daqueles feixes esparsos de luz, consigo distinguir uma faixa escura em volta do seu pescoço.

Recuando novamente, rastejo para mais perto. Quando estou ao lado dela, consigo distinguir melhor.

Uma coleira. Um anel de metal vermelho-sangue circunda seu pescoço. Minha visão treme quando a encaro por muito tempo, o ar ao redor parece pulsar e tremer de energia. Minha dor de cabeça se transforma em uma dor lancinante enquanto a observo, então desvio o olhar, encarando-a.

Ela não diz nada, me observando atentamente. Mas quando me arrasto até ela e afundo as mãos em seu pelo, ela abaixa a cabeça e cheira meu cabelo. Seu nariz roça a lateral do meu crânio, meus ferimentos. O calor se espalha pelo meu couro cabeludo enquanto ela os cura.

Contenho as lágrimas e afundo em seu calor, encostando-me em seu flanco enorme enquanto ela respira em um ritmo reconfortantemente lento. Pressiono minha testa contra seu pelo, fechando os olhos.

A dor na minha cabeça diminuiu, mas não posso dizer o mesmo do meu coração.

Toda vez que começo a pensar no rosto de Killian quando ele me traiu, lembro daquele olhar cruel em seus olhos, o puro horror daquilo...

Não, não posso nem pensar nisso, ou vou vomitar.

"Há quanto tempo estou inconsciente?", sussurro, tentando me concentrar no aqui e agora.

"Muito tempo", ela responde. Ela apoia a cabeça nas pernas, enrolando o rabo. "O metal me impede de me comunicar com Strategos. Mas parece que nossa conexão permanece intacta."

Expiro o ar aliviada, esfregando o rosto com as costas da mão. É estranho, depois de passar tanto tempo ressentida com o vínculo, mas a ideia de não poder mais ouvir e sentir Anassa soa como uma... violação grave. Ser separada da minha matilha, como Alfa, é terrível, mas sei, no fundo, que sem Anassa seria pior.

Perdê-la seria como ter minha alma partida em duas.

"Por que você está aliviada? Eu disse que não consigo alcançar nossa

matilha", diz ela friamente.

Dou um tapinha em seu flanco e levanto a cabeça, sem me dar ao trabalho de explicar ou explicar minha pequena epifania. Estendo a mão fracamente para tocar as barras de ferro frias da nossa cela. Não faz muito tempo que eu me agarrava desesperadamente a Saela através de grades como estas.

O que aconteceu com ela depois de tudo?

Ela ainda está lá embaixo? Ainda presa, assim como eu?

Eu falhei com ela de novo. E desta vez, posso morrer pelo que fiz.

O som de botas ecoando na pedra ecoa no corredor, e eu fico tenso. Os pelos de Anassa se arrepiam sobre o laço antes mesmo que eu veja quem está chegando, mas é um aviso suficiente. A porta da cela se abre com um rangido.

Killian entra sozinho. Consigo ver figuras escuras nas sombras, espreitando atrás dele. Ele não entraria em uma cela com um assassino sem proteção, suponho.

Kilian está vestido formalmente, com o mesmo azul intenso e bordados brilhantes. Só que agora, a espada com punho de lobo repousa brilhando em seu quadril, sua mão envolvendo o punho. E algo parece... ligeiramente estranho nele. Talvez seja a luz fraca da masmorra, mas eu juro...

Ele dá um passo à frente. Ao fazê-lo, seu rosto passa por um dos esparsos raios de luz vindos de cima. Por um único instante, quando a luz atingiu seus olhos, eles pareceram fantasmagóricos, como o azul brilhante do gelo do inverno. Mas, ao recuarem para as sombras, parecem normais novamente.

Quase. Eles são diferentes?

Eu não sei. Eu não sei de nada. O que eu vi. O que eu fiz.

O que Killian fez.

Ele não deveria estar aqui parado assim, parecendo preocupado e carinhoso. Ele me jogou aqui. Ele...

"Meryn", ele diz suavemente, e sua voz é tão gentil. Isso me faz questionar tudo de novo. O homem parado na minha frente não pode ser o mesmo que me encarou horrorizado diante de uma arena cheia de pessoas.

Aquele que sorriu para mim com tanta crueldade fria nos olhos.

Ele se aproxima de mim com passos cautelosos. "Preciso que você me diga a verdade, gatinha."

"O... tá."

"Por que você fez uma coisa dessas?", ele pergunta, com as sobrancelhas franzidas de dor. Seu olhar é inquisitivo, percorrendo meu rosto em busca de respostas.

Respostas que ele já deveria ter.

Um choque gélido tensiona meus músculos. "Do que você está falando,

Killian? Nós tínhamos um plano!"

O rosto de Killian se contrai de angústia, e ele me silencia. Então, ele estende a mão lentamente para segurar minha bochecha, acariciando-a suavemente com o polegar. Seu toque é quente e familiar. Apesar da minha confusão, ele acalma meu coração acelerado.

"Estou preocupado com você", ele sussurra, com a voz levemente rouca de emoção. "Eu... sinto muito, Meryn, mas estou realmente com medo por você."

"Por quê?", eu digo, engasgada. "Você pode me ajudar", eu digo. Parece que estou implorando, mas não tenho escolha.

Eu matei o rei e preciso de ajuda. Preciso do meu prometido de volta, do homem que amo. Preciso do apoio dele, da compreensão dele. Meus olhos começam a arder.

"Não, é..." Ele estremece. "É a sua mente, Mer."

Minha respiração fica presa nos pulmões. Começo a balançar a cabeça, mas ele segura meu queixo e guia meu olhar para o dele.

"Eu fiz o meu melhor para ignorar os sinais. Eu queria acreditar que você estava bem. A ideia de te perder..." Seus olhos se arregalam ligeiramente. "Eu vi sua mãe no seu pior momento. Eu não queria olhar nos seus olhos e não ver mais a mulher que eu amo olhando de volta. Mas foi errado. Foi errado da minha parte negar o que estava acontecendo por medo. Eu deveria ter te ajudado."

"Killian, eu não estou..."

"Tudo isso foi demais para você, as Provas. Você perdeu sua mãe, Meryn. E você não tinha sua irmã para chorar. Você se destruiu, procurando por ela. O estresse que você tem sofrido." Ele parece um homem em pé sobre uma cova aberta. "Isso te empurrou para o limite. Algo quebrou. Eu consigo ver isso até agora, em seus olhos."

Ele acha que eu sou louca.

Ele está me olhando com a mesma dor, a mesma pena, a mesma tristeza que eu via no espelho toda vez que minha mãe passava por um episódio.

A única coisa que me mantém presa ao meu corpo é Anassa. Seu desgosto pelas palavras de Killian pulsa através do vínculo. "Não dê ouvidos", ela rosna. E de novo. "Não. Dê. Ouvidos."

"Killian, eu não estou inventando isso", insisto, agarrando seu pulso com força. "Decidimos fazer isso juntos. Planejamos no meu quarto. Conversamos por horas."

Ele balança a cabeça. "Meryn —"

"O que você está dizendo?!" grito, minha voz desesperada ecoando pela cela.

Ele se encolhe ao som, olhando para os guardas com cautela.

Lá está de novo. Aquele constrangimento.

Eu conheço esse sentimento. Eu me sentia péssima, mas às vezes olhava para a minha mãe e sentia vergonha.

"Estou dizendo, Meryn, que nunca tivemos essa conversa que você imaginou." Ele me beija suavemente na testa, e minha repulsa e fúria cruas ao roçar de seus lábios me reviram o estômago. Não sei dizer se vêm de Anassa ou da minha necessidade desesperada de me agarrar à sanidade.

"Desculpe. Tive que te deter aqui. Há pessoas pedindo sua cabeça, e te prender era a única maneira de te manter viva até que eu pudesse... encontrar um jeito. Para a sua segurança. Para a segurança dos outros. Você matou o rei, afinal", ele me diz.

Meu queixo cai. Meu peito parece estar sendo esmagado, como se todo o peso enorme do castelo e todas as suas pessoas acima de nós estivessem me pressionando.

"Eu sei que é difícil de acreditar, estar neste lugar", ele diz, com uma leveza forçada elevando a voz. Seu sorriso é fraco. "Mas eu ainda te amo. Eu te amaria apesar de tudo. Sei que o que você fez na arena não foi você, e eu não posso..." Ele estremece por um instante. "Não posso desistir de você. Eu vou cuidar de você, se você estiver disposta a tentar superar isso comigo."

Anassá grita em minha mente. Sua voz se rasga e dilacera. "MENTIROSA!"

Killian se inclina. Seus lábios encontram os meus. Quentes. Macios. Horríveis. Eu não quero ser beijada. Por que ele pensaria que eu queria...?

Eu o empurro fracamente, minha mão pressionada contra seu peito.

O movimento quebra sua expressão. Uma pequena lasca de algo antigo e frio passa por seu rosto — um brilho em seus olhos, um aperto em seu maxilar — antes de desaparecer novamente por trás de preocupação e carinho.

Ele se endireita, irradiando amor gentil. "Desculpe", ele diz baixinho. "Mandarei alguém em breve para ver como você está e trazer algo para comer. E voltarei em breve. Prometo. Chame os guardas se precisar de mim."

Enquanto observo em silêncio, a porta da cela se fecha com um estrondo atrás dele e seus guardas recuam.

Eu o vi desta vez. Realmente o vi. Eu sei que vi. Ainda consigo evocar a borda irregular de sua máscara quando ela se partiu em duas.

Está pressionado contra minha garganta, ameaçando cortar minha jugular.

Começo a tremer, a traição, a confusão, a vergonha e a dor me alcançando. "Eu não sou louca", sussurro em voz alta porque preciso que as palavras sejam verdadeiras.

Uma onda de afirmação percorre o vínculo. O rabo de Anassa roça minhas canelas. É a primeira gentileza genuína que sinto desde que Killian chegou.

Virando-me, olho em seus olhos e falo em silêncio, preocupada que minha

voz seja transmitida pela pedra e alcance quaisquer guardas que ele possa ter postado além do bloco de celas. "Você sabia? Que ele era capaz disso? Você me avisou para não compartilhar muito com ele."

Ela se enrijece.

"Você nunca me deu um motivo. Você nunca me deu nada", digo, fechando as mãos em punhos. Suas orelhas se movem para trás, agitadas. "Você ainda não vai, vai?"

Anassa apenas me encara. Isso me enfurece, a princípio, até que percebo que seu olhar é menos desdenhoso e mais... paciente. Eu jamais a imaginaria capaz disso, mas aqui estamos.

"Fale comigo", imploro, disposta a retribuir essa paciência. Disposta a perdoar, se ao menos ela decidir que finalmente, finalmente sou digna da verdade.

Mas ela apenas me encara.

A faísca de raiva retorna, duplamente brilhante. "Você percebe que é por isso que confio nele em vez de você? Você deveria ser minha parceira! Minha loba gigante. Minha Elo. Mas você nem consegue ser honesta comigo. Todo esse tempo, e você nem me disse quem é sua companheira ou me contou sobre sua conexão com ela! Você não percebe como isso me faz sentir solitária?"

Seus olhos brilham. Seu corpo enorme se aproxima de mim, e uma onda de atenção precisa emana dela. Ela me encara como se eu tivesse acabado de jogar a chave do meu celular na cara dela, como se eu estivesse descartando algo vital inutilmente.

Tento voltar atrás, entender. E então a situação me atinge como um lobo gigante em plena corrida, me achatando. Agarro a parede da cela em busca de apoio enquanto meus olhos se voltam para a coleira pulsante em seu pescoço.

"Você ainda consegue se comunicar com sua companheira?", pergunto.

"Sim", confirma Anassa. "A coleira não foi criada pensando em laços de acasalamento. Parece que ela serve apenas para bloquear o vínculo da matilha, caso você queira usar sua posição para escapar."

Ainda estou respirando com dificuldade e corada pelo meu desabafo, mas meu coração está diminuindo. Foi bom finalmente gritar com ela pela merda que ela me fez passar. A raiva mesquinha é uma distração da minha dor e raiva sem fundo pela traição de Killian, que ecoa baixa e insistentemente no fundo da minha mente.

Mas então ela se levanta, seu corpo enorme ocupando a maior parte da cela. Ela se aproxima de mim, aproximando o nariz. Seus olhos perfuram minha alma. Sua voz é suave, implacável, mas sem hostilidade direta. "A confiança tem dois lados, Meryn."

Minhas bochechas esquentam. Não consigo impedir minha mão de alcançá-la, os dedos se enroscando nos pelos sob seu maxilar.

"Você diz que eu não te dei nada. O que você me deu?" Ela me encara do mesmo jeito, paciente e sábia. "Você exige que eu lhe mostre meu companheiro na luz, mas se esconde com seu príncipe no escuro."

"Anassa", respiro, arregalando os olhos.

"Você pode não confiar em mim completamente, mas eu também não posso confiar em você. É por isso que mantive meu companheiro em segredo. Nunca poderia ter certeza de que você não teria levado o nome dele ao príncipe." Ela levanta a cabeça. Minha mão se solta de seu pelo. "De qualquer forma, nos beneficiou. Ele não pensou em nos proteger contra a comunicação com o companheiro."

Deixo escapar um suspiro irritado. Ainda estou frustrada. Não consigo conter completamente a torrente de emoções, especialmente porque a própria irritação de Anassa está começando a criar um ciclo vicioso.

Mas uma parte de mim sabe que nada do que ela disse está errado.

"E seu companheiro está aqui? No castelo?", pergunto.

"Sim."

"Quem é?", tento.

Acho que foi tolice minha tentar arrancar uma resposta direta dela. Ela apenas balança a cabeça lupina e diz: "Talvez você saiba em breve."

Certo, entendi a indireta. Respiro mais devagar e levanto a cabeça. "Por favor, entre em contato com sua companheira agora e diga que precisamos de ajuda. Peça para ela entrar em contato com Venna. Sei que minha confiança foi mal depositada em Killian, mas realmente acredito que Venna nos ajudará. Ela pode ajudar sua companheira e seu cavaleiro a contornar os guardas."

Um formigamento percorre minha espinha. Minha alma busca algo, e minha mente salta inesperadamente para a voz que me acordou, exigindo que eu recupere a coroa.

Se Killian quer me enlouquecer, tudo bem. Vou usar essa dor também e confiar no meu sonho.

"Diga à sua companheira que há uma coroa enterrada sob a arena, no ralo no centro. Eles precisam encontrar um jeito de recuperá-la e trazê-la para cá", digo, sabendo que está certo.

O olhar de Anassa é penetrante. "Isso é uma ordem direta?"

Há uma rispidez em seu tom que carrega um significado oculto. Seu corpo está rígido. Seus ouvidos voltados para mim. Sua intensidade me diz que sua pergunta é importante. Que a resposta também é importante.

Minha espinha se arrepia novamente. Olhando em seus olhos, de repente sei

que precisa ser uma ordem.

"Sim. Anassa, ordeno que diga à sua companheira onde está a coroa. Ordeno à sua companheira que pegue a coroa e a traga aqui, para nós."

Anassa desvia o olhar de mim por um momento. A energia vibra no ar. Então ela olha de volta para mim.

"Está feito."

OceanofPDF.com

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

O eco rítmico dos meus passos está começando a me enlouquecer, mas não consigo parar de andar de um lado para o outro. Os olhos de Anassa me seguem enquanto ando de um lado para o outro da cela, massageando as têmporas para afastar a dor de cabeça que persiste, mesmo com meus ferimentos curados.

Parece que estamos esperando aqui há uma eternidade. Anassa me disse que sua companheira e seu cavaleiro foram bem-sucedidos e que estão a caminho das masmorras. Estão com Venna, esperando até que haja uma troca de guardas e possam entrar sem serem notados.

Os minutos se arrastam de forma agonizantemente lenta. Estou preocupada com o que Killian está fazendo. Estou preocupada com onde Saela possa estar. Estou preocupada que a companheira de Anassa seja pega muito antes de nos alcançarem.

Então, passos. Finalmente ouço botas no corredor novamente e olho instintivamente para Anassa para avaliar sua reação — e seu olhar se suaviza. Os passos da cavaleira são acompanhados pelo clique de enormes garras de lobo gigante na pedra. Alívio me inunda.

E então Stark dobra a esquina.

Continuo olhando sem piscar, lutando para entender por que ele está ali, o que está fazendo, por que está me olhando daquele jeito.

Anassa se levanta da cela, caminhando em direção à enorme sombra móvel que é Cratos. No instante em que ela se aproxima dele, todo o seu comportamento muda.

Seus músculos relaxam. Seus flancos tremem. Ela mantém a cabeça mais baixa do que eu já vi e se aproxima das grades. Anassa pressiona o nariz contra o metal e Cratos se aproxima para encostar o nariz no dela, suas laterais se expandindo enquanto respira fundo.

Um segundo depois, algo em nosso vínculo muda drasticamente.

De repente, ela abriu cortinas que eu nem sabia que existiam, me cegando com luz, calor e saciedade. Um pequeno som de engasgo estala na minha garganta, e eu aperto o peito enquanto meu sangue arde.

Minha visão fica turva ao primeiro impacto de sua emoção, desprotegida pela primeira vez desde que nos unimos.

Seus verdadeiros sentimentos por Cratos são avassaladores. A intensidade do desejo de Anassa por seu companheiro tira o ar dos meus pulmões e envia um calor lento e viciante por cada centímetro de mim. Seu desejo crepita pelo canal de energia entre nós e se infiltra em meu sangue.

Ela pulsa através de mim a cada batida rápida do meu coração e abafa o bom senso e tudo o que eu achava que sabia.

Meus lábios formigam. Meus dedos coçam. Meus músculos querem se mover, tomar, ir.

Para ele, percebo.

Os olhos escuros de Stark me observam fixamente, e um arrepio percorre minha espinha. Cerro o maxilar com força enquanto a hiperconsciência aguça meus sentidos. Juro que consigo ouvir seus batimentos cardíacos claramente do outro lado da cela. Sinto sua respiração em meu próprio peito. Sinto o calor de sua pele.

Logicamente, sei que esta é Anassa. Seu vínculo com Cratos está tomando conta da minha própria consciência.

Mas esse conhecimento não diminui a intensidade nem me ajuda a resistir à atração.

É como olhar para ele com olhos novos e mais aguçados. Conforme Stark se aproxima das grades da cela, coisas familiares nele de repente parecem diferentes — a graça predatória de seus movimentos, a força em suas mãos enquanto agarra as grades, a maneira como suas tatuagens mortais desaparecem sob o colarinho quando sua cabeça se inclina.

Porra, os cílios dele são longos.

Quero que ele vire a cabeça para que eu possa ver aquela cicatriz escondida sob o maxilar dele de novo.

A pura insanidade desse pensamento me impacta com força. Dou um passo arrastado para trás e reúno minhas energias para bloquear a emoção de Anassa. Mas paro de repente.

Não quero excluí-la de novo. Parece errado.

Então, coloco um filtro fino na minha cabeça, apenas o suficiente para recobrar os sentidos e parar de encarar aquele homem brutal, irritante e ruinoso como se eu estivesse prestes a arrancar suas calças e ir para a cidade.

Assim que a onda inicial passa, tudo o que resta é choque e fúria.

"Você", rosno, com as mãos em punhos.

Todo esse tempo, era Stark.

Naquele dia na montanha, era ele. No dia em que ele me encarou em um mar de Rawbonds, era ele. Quando ele enfiou uma agulha no meu pescoço, era ele. Quando ele ameaçou minha vida. Quando ele fez da missão de sua vida me matar em treinamento. Quando ele me cutucou no torso ferido e perguntou a Anassa se ela queria me curar...

Eles estavam conversando. Ele podia ouvi-la.

Quando encontrei aquele livro e ambos se recusaram a me contar sobre ele, eles estavam conversando. Parecia que estavam conspirando, porque estavam mesmo.

Porra, como não percebi isso?

Aproximo-me, batendo a mão contra as grades. "Você sabia o tempo todo?" Mantenho a voz baixa, ciente de que os guardas podem ter voltado para fora, mas meu tom é venenoso.

Ele nem se encolhe um pouco. "Claro."

E ele também não sente nenhum remorso por esconder isso de mim. Está claro como o dia, bem no rosto dele. Ele não dá a mínima. E estou furiosa com ele, mas, além disso, cem perguntas me preenchem a mente.

Por que ele não me contou? Por que ele tornou minha vida um inferno? Como ele escondeu isso tão bem?

Ele sentiu essa... essa atração desde o início?

Quando abro a boca para perguntar, o que sai é um gaguejo, meio patético, "O-onde está Venna?"

Ele levanta uma sobrancelha. "Lá fora, nas sombras, de guarda. Só tive um momento para entrar aqui durante a troca de guardas. Ela está preparada para distraí-los ou nocauteá-los quando eu precisar sair. Aqui", diz Stark, passando algo pelas grades.

Luto para desviar o olhar de seus olhos escuros. Por um segundo, parece que seria mais fácil abrir as barras de ferro entre nós.

Para quê? Não sei. Para dar um soco no queixo dele. Ou...

"Toma", diz ele.

Finalmente consigo olhar para baixo. Os pelos da minha nuca se arrepiam instantaneamente. Minha dor de cabeça lateja. A mão de Stark está fechada em torno da curva delicada do metal da coroa, seus dedos entrelaçados na pele incrivelmente realista de um dos lobos.

Olho para ela por um momento, aquela sensação de alcance me doendo nos ossos.

A coroa parece delicada, apesar da idade óbvia, com detalhes finos e espirais intrincadas. Dois belos lobos dourados saltam um em direção ao outro, seus corpos ágeis envoltos no anel da coroa, da ponta à cauda. Seus focinhos se encontram no centro, como se estivessem envolvidos em uma dança eterna.

Aninhada entre suas patas estendidas, está uma opala enorme e antiga.

A pedra é gêmea daquela do colar que minha mãe me deu, brilhando com o mesmo brilho ancestral.

Eu a pego lentamente. Quando minha mão se fecha em torno dela, o metal frio se aquece. Ele pulsa, uma ondulação trêmula percorrendo o ar. Só de segurá-la em minha mão, meus pulmões formigam com algo elétrico e meu sangue pulsa com poder.

Se segurá-la pudesse fazer isso, como seria usá-la?

Lentamente, eu a levo até a cabeça. Enquanto o faço, meus olhos seguem o puxão incessante de volta para Stark. Ele está me observando com uma expressão contida no rosto, como sempre.

Exceto... seus lábios estão ligeiramente entreabertos. E sua mão está tão apertada nas barras que seus nós dos dedos estão pálidos.

Fecho os olhos enquanto as caudas dos lobos deslizam sobre minhas têmporas e se prendem aos meus cabelos. Assim que o metal se assenta na minha cabeça, uma pontada aguda de dor me atinge como um raio no cérebro.

E eu afundo.

Eu caio direto pelo chão da masmorra, suas paredes arrancadas e substituídas por uma escuridão impetuosa. Tenho plena consciência do meu corpo se desfazendo da minha mente, deixado para trás enquanto eu caio e caio em direção a um redemoinho de cores que me invade.

De repente, sou jogado de volta ao lugar, minha consciência se acomodando como se tivesse ultrapassado um limiar familiar.

Estou no castelo, só que não é o que eu conheço.

Seus tetos altos e corredores ecoantes são os mesmos, mas a atmosfera é diferente. Mais quente. Vívida. Sei instintivamente que isso é uma memória ou uma visão. Há uma sensação de que o que estou vendo não é imediato, como se o tempo e o espaço tivessem se borrado nas bordas.

No entanto, é real demais para ser um mero sonho.

Quando me viro, aquele calor sutil se cristaliza. De repente, consigo entendê-lo.

Paz. É isso que é.

Os corredores estão unificados. As paredes frias de pedra que foram erguidas desde então não existem mais. A divisão entre os lados dos Vinculados e da realeza do castelo desapareceu.

Lobos enormes caminham livremente pelos corredores, suas garras estalando e suas caudas balançando. Eles se movem ao lado de humanos. Humanos comuns, a julgar pela aparência. Não Vinculado.

As pessoas conversam e sorriem. Uma gargalhada vibrante soa como um sino vindo de algum lugar fora de vista. Um lobo gigante à minha direita bufa alto e chicoteia a humana ao seu lado com a cauda, e ela apenas sorri para ele enquanto passam por mim.

Virando-me, olho para trás, para o longo corredor, em direção ao que conheço como o lado Vinculado do castelo. Isso parece real. Mais do que real, na verdade. Certo. Como se o mundo frio e escuro que conheço como realidade não passasse de um pesadelo.

Aquelas paredes entre nós... como se alguém tivesse enfiado um pedaço de metal gélido entre duas metades de um coração.

Algo me puxa. Um vislumbre de luz no canto do meu olho. Um turbilhão nos corredores ao redor. Sou puxado para frente por um vento que não consigo sentir até que, de repente, esteja em outro lugar.

A sala do trono, brilhando em todo o seu esplendor, ofuscada em sua beleza por...

A mulher sentada no trono. Ela é pálida, com longos cabelos prateados que caem em uma cachoeira brilhante sobre seus ombros e quadris.

Sobre seus cabelos prateados repousa a coroa dourada com seus lobos gêmeos. Em seu pescoço, meu colar de opala. Em seu quadril, a espada com alça de lobo. E a seus pés, o maior lobo gigante que já vi, com pelo branco-prateado brilhante.

Eu conheço essa mulher. Já a vi antes, esculpida em uma parede escondida no túnel que liga a ala real ao lado dos Unidos do castelo. E novamente, desenhada no livro antigo de Stark.

Ela tem uma expressão calma no rosto enquanto se inclina para a frente, reajustando o peso em seus braços. Um bebê, enrolado em um cobertor de pele fofo. Ela amamenta o bebê em seu peito, sorrindo para um servo quando lhe perguntam algo antes de se voltar para seu filho.

Tudo nela irradia poder. Sua beleza. A coroa. A espada. Mas seu filho também.

A maneira preciosa, compassiva e desavergonhada com que ela os segura. Posso sentir a conexão deles no ar, quente e silenciosa. A mesma atmosfera pacífica de antes se infiltra em meu coração, olhando para eles. Mãe e filho.

E então tudo se estilhaça. Há um som distante, como o estalo de magia rompendo o ar.

As portas se abrem de repente. Uma mulher corre para o trono, vestindo

algum tipo de uniforme militar. Seus olhos escuros estão arregalados. "Rainha Chiara, Sifões se infiltraram no palácio!"

A rainha esconde o seio às pressas, e seu bebê imediatamente solta um gemido carente por ter sido negado. Ela se levanta rapidamente, agarrando o filho nos braços e descendo do estrado. O lobo gigante a segue, pairando sobre a cena.

"Leve-a", ordena a Rainha Chiara, entregando seu filho à mulher ofegante. "Proteja meu filho com sua vida. Tire-a do castelo e esconda-a."

"M-Minha rainha", gagueja a segunda mulher. Seus olhos se arregalam quando a Rainha Chiara arranca o colar de opalas de seu pescoço e o coloca em suas mãos.

"Isso irá protegê-lo", ela diz, então se vira sem hesitar e agarra o pelo do enorme lobo gigante.

Ela monta na fera sem esforço, encontrando seu lugar com uma graça sobrenatural enquanto seus cabelos prateados caem sobre suas costas. Ela parece pertencer àquele lugar.

Ela parece poderosa.

Seus olhos se demoram por um breve e doloroso momento em sua filha antes que ela vire a cabeça e incite sua loba gigante a seguir em frente. Sou arrastada por eles, minha perspectiva alternando entre meus próprios olhos, os da rainha e a visão mais aguçada de sua loba. Olho para a criança uma última vez enquanto ela se afasta apressadamente, com uma dor solitária no coração.

Ela se foi. A rainha precisa lutar.

Voamos pelos corredores, movendo-nos a uma velocidade impossível. O peso de sua coroa pressiona minha cabeça também, enquanto os músculos poderosos da loba nos impulsionam para frente. Minha essência voa sem peso junto com eles, incitando-os a seguir em frente.

Chegamos a um trecho do castelo que está em caos. Lobos lutam e morrem. Sifões inundam o corredor, óbvios devido à sua velocidade e beleza sobrenaturais. Clarões de magia explodem, fazendo o ar tremer de energia.

A rainha cavalga por tudo. Ela está caçando.

Finalmente, ela encontra sua presa. Um homem Sifão alto que...

Todo o meu ser estremece. Ele se parece assustadoramente com Killian e seu pai, com penetrantes olhos azuis e as mesmas feições marcantes.

A rainha não hesita. Ela saca a lâmina do lobo e ataca, disparando pelo corredor em direção ao seu lobo e cortando a cabeça do Sifão, com o objetivo de decapitá-lo. Mas sua lâmina ressoa contra a dele, e ele consegue redirecionar a força do golpe e se abaixar.

Uma risada terrível ecoa ao nosso redor. "Chiara Sturmfrost, finalmente veio

brincar!", ele berra, abrindo bem os braços. Então, uma escuridão hedionda brilha em seus olhos. Pura malícia. Ele se inclina como se estivesse compartilhando um segredo. "Você sabia que eu já cortei a garganta do seu marido?"

A fúria e a dor da Rainha Chiara preenchem minhas veias, como se uma montanha tivesse cedido e esmagado minha alma. Ela se move desordenadamente em fúria, e o Sifão se defende. Ela usa bem o poder de seu lobo gigante, os dois se movendo como um só.

Mas o Sifão é rápido. Forte. Seus olhos veem tudo, muito antes que os golpes dela possam acertá-lo.

"Qual é o seu objetivo final, Ruína Brilhante?!", grita a rainha.

Ruína Brilhante. Como Lucien Ruína Brilhante, o rei Sifão de Astreona. Mas este homem não é ele — um parente ou ancestral, talvez?

Há outra rajada de golpes. Um deles acerta seu ombro, mas o ferimento nem começa a desacelerá-lo.

"Nocturna jamais se curvará aos Sifões!", grita a Rainha Chiara. Seu lobo gigante ataca Ruína Brilhante, cujos olhos se arregalam ao rolar para fora do caminho.

Ele ofega, sorrindo cruelmente para ela. "Que escolha eles terão quando a rainha e sua progênie estiverem todos mortos?", ele cospe.

Essa palavra final envia uma onda de dor gelada pela Rainha.

"Seus três filhos mais velhos foram assustadoramente fáceis de matar, e meus homens foram atrás do bebê. Ao amanhecer, a linha de Sturmfrost terá passado."

O lobo gigante solta um gemido longo e baixo, como se sentisse a dor de seu cavaleiro. A Rainha Chiara afrouxa o aperto em sua espada. Seus olhos se nublam. A agonia que só um pai poderia sentir...

Isso lhe dá uma abertura. Ela consegue desviar de alguns golpes impiedosos, mas não é o suficiente. Sua luta se esvaiu.

Meus filhos, quase posso ouvi-la sussurrando. Meus filhos.

Brightbane arranca a espada de suas mãos, arrancando-a da pedra. O lobo tenta cambalear para trás, mas em um movimento fluido, Brightbane gira e a espada corta a garganta da fera.

Sangue vermelho vivo escorre sobre o pelo prateado.

A Rainha Chiara grita. O lobo gigante cambaleia e cai, caindo com um baque estrondoso no chão. Observo horrorizada um oceano de sangue jorrar da garganta do lobo.

Então a rainha desaba ao lado de seu lobo, seus cabelos prateados flutuando na superfície da poça de sangue vermelho e medonho.

Seu olhar se imobiliza mortalmente, sua vida tomada pelo vínculo rompido.

A voz de Brightbane é a última coisa que ouço, ecoando sobre a cena de sua morte. "Seus Vinculados serão meus instrumentos de vingança."

É quase uma bênção quando a visão começa a desaparecer. A luz e a cor se dissipam com os resquícios da energia da rainha.

A escuridão me encontra. E nessa escuridão, uma voz familiar. A mesma que ecoa pelos meus sonhos.

"Chiara Sturmfrost está morta. Meryn Sturmfrost retornou. Vida longa à Rainha Sturmfrost."

Acordar da visão é como um amanhecer rápido e silencioso. Uma luz fraca se derrama sobre mim, espalhando-se lentamente pela cela ao meu redor e minhas mãos trêmulas. Estou de volta ao meu corpo, de volta ao ponto de partida.

Mas tudo parece diferente.

Levanto a cabeça. Stark ainda está parado ali, me encarando do outro lado das grades. Seus olhos buscam os meus. Procurando o quê, não sei. Mas ele está pressionado contra as grades como se estivesse procurando por algo.

Minha mente gira, a visão efêmera impressa em mim como uma imagem residual. As peças se encaixam.

O colar de opala da Rainha Chiara, dado ao seu bebê, e então passado adiante na minha linhagem familiar.

As visões que minha mãe recebeu, que eu recebi — desconexas, avassaladoras e, por fim, avassaladoras, mas que contêm verdades.

Anassá, uma loba gigante de poder imensurável que esperou anos por um cavaleiro e, então, forçou um vínculo a alguém que não queria.

A coroa de lobos saltadores na minha testa que parece ter sido feita para estar ali.

Minha língua está presa na boca, mas de alguma forma encontro uma maneira de dizer palavras que soam implausíveis e, ao mesmo tempo, absolutamente certas.

"Sou a rainha legítima de Nocturna, não sou?", pergunto.

Os olhos de Stark brilham, ele dá um único passo para trás e se curva sobre um joelho, com a mão no peito. "Bem-vinda ao lar, minha rainha."

OceanofPDF.com

CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

Olho para Stark, lutando para entender. Lutando contra a onda bizarra de calor que me inundou no momento em que seu joelho tocou a pedra.

Ele está se ajoelhando para mim.

Minha mão pressiona as grades da cela em busca de apoio enquanto o encaro. A única coisa que consigo dizer é um estrangulado: "Por que você não me contou?".

A coroa é dolorosamente pesada, apertando meu crânio com muita força. Não entendo nada disso. Tudo o que sei é que séculos de verdades ocultas — de mentiras descaradas — estão empoleiradas no alto da minha cabeça.

Estou com dificuldade para respirar, e Stark ainda está ajoelhado ali, olhando lentamente para mim.

"Os Vinculados têm—"

"Levante-se", eu digo, engasgada. "Porra."

Ele se ergue suavemente até sua altura máxima, elevando-se sobre mim. Uma onda de calor me atinge novamente, que eu rapidamente apago com um balde de água gelada.

Aquela lembrança. As mortes.

Os olhos escuros de Stark percorrem brevemente a coroa na minha cabeça, descem para a minha mão nas barras e depois encontram os meus. "Os Vinculados estão sob uma maldição de sangue Sifão há quinhentos anos." Ele gesticula para a coroa com a mão marcada por uma cicatriz que distrai. "Aquela coroa e a espada, juntas, controlam os laços humanos com os lobos gigantes."

Penso na arena, naquele desejo latente na mente da minha matilha de se matarem.

"Não sabíamos o que aconteceu com a coroa, mas faz sentido que ela estivesse escondida na arena — quanto mais sangue de lobo gigante e Vinculado

era derramado sobre ela, mais forte se tornava o controle do rei", diz ele.

"Magia de sangue", repito entorpecida, minha mente girando por essa nova informação. "Uma maldição de sangue. Do que você está falando?"

As sobrancelhas de Stark se franzem brevemente, mas ele respira fundo e fala com uma voz calma, estridente e perturbadora. “O Sifão que derrubou a legítima família real usou poderosa magia de sangue para vincular as memórias públicas da realeza de Sturmfrost. Ninguém teve permissão para falar deles novamente e, em uma geração, foram esquecidos”, ele me conta. “Por todos, exceto pela minha família. Como você sabe, somos os protetores juramentados da linhagem real.”

Quase caí na gargalhada ao ouvir isso. Não sou louco, mas Stark definitivamente está fazendo o possível para me empurrar nessa direção.

Todo esse tempo. Meu protetor, não do Killian, não do rei.

“Minha ancestral contrabandeou a sua ancestral para fora do castelo quando ela era um bebê e a escondeu com uma família humana comum”, ele continua. “Ela também escondeu o livro de história que você encontrou em meus aposentos. Minha família tem passado esse livro fielmente de geração em geração. Mantivemos a verdade viva através da leitura, mesmo com uma maldição a selando.”

A compreensão finalmente me atinge. "Você literalmente não podia falar sobre isso. Foi por isso que eu tive que dar uma 'ordem direta' para Anassa pegar a coroa?"

"Sim", ele diz rigidamente, depois aperta os lábios com força, em óbvia frustração. Mas não é direcionado a mim. "Fui criado com as histórias — sempre escritas, nunca faladas — sobre a linhagem Sturmfrost. Sobre o dia em que a realeza legítima retornaria. Eu..."

Ele se interrompe e muda de posição. Seu olhar me queima.

"Estávamos esperando o dia em que uma realeza Sturmfrost pudesse se tornar Elo novamente."

Engulo em seco, ignorando o leve formigamento nos meus lábios e o quanto eu queria saber o que ele estava prestes a dizer. Me forço a dar um passo para trás e realmente ouvir o que ele está me dizendo. E, apesar de tudo, uma coisa em particular não faz o menor sentido.

Balançando a cabeça, agarro as grades com mais força. "Se você é meu..." Não meu, ele não é meu. "Se você é o protetor da minha família, por que está tentando me matar desde o momento em que cheguei aqui?"

Instantaneamente, sua expressão se contorce de raiva. Uma energia ameaçadora explode dele. É aquela presença intensa e avassaladora que ele personifica quando lutamos, quando ele mata, quando ele vai para a guerra.

"Matar você?", ele exclama, depois olha por cima do ombro em direção à entrada da masmorra e abaixa a voz. "Tenho feito tudo ao meu alcance para mantê-la segura!"

Minhas bochechas estão em chamas. "Quê—"

"Quem te levou para seus próprios aposentos quando alguém tentou te matar durante a noite? Eu!" Ele bate o punho contra o peito. "Quem te treinou e te fortaleceu a cada momento? Eu!"

Ele me levou para meus próprios aposentos? Não acredito que Killian levou o crédito por isso... embora, claro, eu possa.

"E aquela noite, depois do Julgamento da Voz?", pergunto. "Você me ameaçou. Falou sobre acidentes e—"

Ele geme. "Você estava bêbado. Logo depois de ter sido atacado. Foi uma tentativa de te avisar para não ficar ainda mais bêbado."

Ah. Eu... "Você estava constantemente tentando me matar no treinamento!", exclamo.

"Eu não pedi uma única dose que eu soubesse que você não aguentaria", ele diz, aproximando-se das grades. Consigo sentir seu calor, sua respiração. Ele está com raiva, mas me olha como se quisesse... "E constantemente é um pouco exagerado, não acha?"

Eu dou um passo para trás porque ficar tão perto dele está me deixando confusa. "Eu sei o que vi, Stark. Desde o começo, você me odiou. Você..."

Sua mão bate com força contra as grades. "Claro, eu te odiava, Meryn!" ele sibila. Meu coração dispara. Uma descarga elétrica confusa percorre minha espinha, forçando meus ombros para trás. "Você pode me culpar? Minha família esperou centenas de anos pela sua chegada, mantendo o segredo vivo. Eu esperei. E quando a realeza de Sturmfrost finalmente aparece, ela está fraca e apaixonada pela pessoa cuja família roubou seu direito de primogenitura!"

Que... porra? Por que não consigo tirar isso da cabeça? Eu esperei. Eu deveria estar com mais raiva. Ele me chamou de fraca. Ele cuspiu a palavra "amor" como se eu fosse uma colegial burra desesperada por atenção. Mas seus olhos são um poço profundo de dor.

"Você sabe como foi difícil te ver com ele?", ele diz com a voz rouca. "Saber quem você era, mesmo sem saber, com uma magia repugnante me silenciando? Suportar o vínculo de companheira dos nossos lobos, além de tudo isso?"

Como se para enfatizar seu ponto, Anassa derruba o filtro fino que eu coloquei entre nós.

O desejo pulsa instantaneamente em mim.

É punitivo. É uma necessidade tão forte que quase sinto raiva do meu vazio. Olho para Stark, e meu corpo inteiro grita que estou... sentindo falta dele.

Não é sentimental. Nem é apenas físico, embora um calor insuportável inunde minhas coxas.

Não. É profundo, centrado no âmago de quem eu sou.

É como se tivéssemos sido esculpidos no mesmo osso, compartilhando sangue e respiração. E então alguém o arrancou de mim, só que não consigo me lembrar de como isso aconteceu. Tudo o que resta é a fúria e o desejo persistente de ir até ele e restaurar o que foi perdido.

Estar com ele de todas as maneiras que eu puder.

Tento recuar. Fugir disso porque não sou eu.

É o vínculo de Anassa com Cratos. É sobre Cratos, não sobre Stark.

Não sei por que eu...

O braço de Stark atravessa as barras enquanto tento recuar. Seu olhar é intenso. Seu aperto é forte, mas também é... cuidadoso. Ele me puxa para perto até que eu esteja pressionada contra as barras, o ferro frio penetrando minha camisa e gelando minha pele aquecida.

"Você tem ideia de como foi vê-la no Baile da Forja com o vestido que escolhi para você..." O quê?! "...girando nos braços do seu amante e se curvando para o pai traidor dele?"

Sua voz. Acho que consigo sentir as vibrações do seu rosnado dançando sobre a pele sensível da minha garganta.

Stark nunca pareceu tão... aberto antes.

Aquele vestido. Aquele vestido que era tão perfeito para mim. Que fez meu coração cantar.

Porra, agradeci ao Killian por isso.

Stark escolheu meu vestido. Não consigo me livrar disso. Stark escolheu meu vestido.

Então outro pensamento me vem à mente. "Stark... antes da Ascensão, você veio pela cidade. Havia um homem, um desertor..."

O homem que Stark e Cratos destruíram diante do público.

O homem que me ameaçou na minha luta na noite anterior.

Stark levanta o queixo. "Sim", diz ele simplesmente.

Sim, ele o matou porque o homem me ameaçou. O que significa que Stark estava lá naquela noite, me observando lutar, em algum lugar na multidão.

Meus joelhos fraquejam e agarro as barras de ferro com mais força. Então, encontro seus olhos, cambaleando. Sua respiração está ligeiramente irregular. Seu maxilar está latejando. Sua mão no meu braço está enviando raios de luz pelo meu ombro e me derretendo em calor.

Aperto o maxilar e empurro uma barreira suave de volta ao lugar para amortecer o desejo de Anassa. Mas ele ainda está lá. Quando ela não está

tentando esconder, isso permanece no fundo da minha mente.

Silencioso, mas doloroso.

E Stark sentiu isso o tempo todo.

Lentamente, levanto minha mão e a coloco suavemente sobre seu pulso. Seus olhos se arregalam. Vejo os pelos de seu braço se arrepiarem. Vejo seus lábios se abrirem levemente. Então ele desvia o olhar.

Ele me solta, virando o rosto bruscamente para o lado como se eu o tivesse esbofeteado. Por uma fração de segundo, vislumbro a cicatriz vulnerável sob seu maxilar.

Dou um passo para trás, seu calor permanecendo em minha palma. "Anassa", imploro. Não sei por quê. Estou apenas confusa. Sobrecarregada.

Ela vira a cabeça e cutuca meu braço. A aspereza de seu pelo me acalma. Posso sentir um turbilhão de compreensão vindo dela. É uma emoção mais suave do que eu jamais senti por causa desse vínculo.

Talvez ela alivie a conexão aberta entre nós porque, um suspiro depois, minha mente está um pouco mais clara. Os efeitos físicos em meu corpo persistem, mas a necessidade dolorosa se foi. Mesmo assim, olho para Stark e sinto...

Eu simplesmente entendo, penso. É difícil, no entanto.

Tudo o que eu achava que sabia sobre ele foi virado de cabeça para baixo.

Respiro fundo e acaricio a orelha de Anassa, tentando acalmar meu coração acelerado. Ainda estou confusa, mas...

"Stark", digo.

Ele levanta a cabeça, claramente ainda afetado.

"Alfas não têm o luxo da fraqueza", recito.

O reconhecimento brilha em seus olhos. Ele levanta a cabeça lentamente, e vejo um vislumbre do homem implacavelmente inflexível que conheço e... bem, eu não o odeio.

Agora, preciso pensar como a Alfa que sou. Não, esqueça isso.

Como a rainha que sou, por mais inacreditável que pareça.

"E o Killian?", pergunto. Consigo ver Stark reprimindo tudo, escondendo-se atrás de suas paredes. Acho que ele quer. Acho que é mais fácil para ele, e ele está certo. Não posso culpá-lo. "O ancestral dele — aquele que roubou o trono da minha família — era um Sifão. O Killian também é um Sifão?"

Stark fica em silêncio por um longo momento antes de dizer: "Não tenho certeza."

Xingo por dentro. Não me surpreenderia, a esta altura, se o Killian fosse um Sifão. Se eu andava por aí, secretamente uma rainha — porra, o apelido que o Stark me deu agora é diferente —, por que não um Sifão secreto entre nós

também?

"O rei original que roubou o trono morreu, assim como toda a sua prole ao longo dos anos", diz Stark.

"Mas Sifões podem viver para sempre", eu digo. "Então como ele morreu? Por quê?"

Stark suspira e se encosta nas grades, cruzando os braços. "Infelizmente, há coisas que eu não sei. Tudo o que eu sei foi passado no livro que você já viu."

Eu bato os dedos na minha coxa. "Porra."

Ele bufa. Parece quase divertido. "A única coisa que eu sei com certeza é que Killian não quer o seu bem."

Eu rio amargamente, gesticulando para as grades entre nós. Minha maldita pulseira de noivado brilha no meu braço enquanto eu faço isso. "Acredite em mim. Eu sei muito bem disso agora. Por que você não disse nada?" Lanço um olhar para Anassa. "Qualquer um de vocês. Eu sei que você tinha limitações por causa da maldição, mas certamente em algum momento você poderia ter dito: Ei, a propósito, seu noivo é um merda de gaslighting?"

Tento ignorar a dolorosa pressão no meu coração ao pronunciar essas palavras.

"E você teria acreditado em nós?" Anassa rosna e meu rosto esquenta de vergonha.

Claro que não. Nem mesmo quando fiquei furiosa com Killian por esconder sua identidade de mim. Tenho lutado contra os dois desde o momento em que comecei as Provas. Se Stark tivesse tentado dizer alguma coisa, eu provavelmente o teria esfaqueado. E Anassa? Aquela parede teria desabado mais uma vez.

A terrível verdade de tudo isso me invade e, por um momento, não consigo respirar.

Meu noivo, meu amado. Um homem que deixei entrar em meu coração e em minha cama. Seja qual for a intenção dele comigo, certamente não havia nada de nobre em jogo. Ele partiu meu coração e então, idiota que sou, eu o perdoei e ele fez de novo, dez mil vezes pior.

Eu fiz tudo isso comigo mesma. Se eu nunca tivesse me envolvido com ele para começar, Saela estaria segura? Será que minha mãe ainda estaria viva?

Meu estômago embrulha e eu cambaleio para a frente, com medo de vomitar no chão sujo da cela. Anassa envia uma onda de energia calmante em minha direção, o que ajuda a náusea a passar.

E, uma vez que ela passa, a clareza chega.

Se eu nunca tivesse me tornado Elo, as Rainhas Sturmfrost teriam permanecido em segredo. Talvez por mais quinhentos anos.

Então, suponho que tenho uma coisa a agradecer a ele.

Stark me observa atentamente, uma tempestade violenta percorrendo seu rosto. Antigamente, essa imagem me assustaria. Agora, ela me arrepia por razões totalmente diferentes.

Ele estende a mão por entre as grades e agarra meu pulso, o contato queimando meu sangue. "Diga-me a ordem e eu arrancarei a garganta dele. Todas as vidas que já tirei foram apenas um treinamento para este momento, minha rainha. Faça de mim seu instrumento de vingança. Deixe minhas mãos materializarem todos os seus pensamentos selvagens e depravados. Use-me. Eu sou sua."

Minha. Meu idiota psicopata. Minha assassina sanguinária.

Meu rosto está quente e estranho, e percebo, de algum lugar fora de mim, que estou chorando, as lágrimas escorrendo como rios pelo meu rosto.

De tudo, é isso que me faz chorar?

Talvez eu esteja ficando louca, afinal. Rio com o pensamento e enxugo as lágrimas rapidamente.

"Obrigada", digo com a garganta apertada. "Mas isso... essa é uma conta minha para acertar, e de mais ninguém. Além disso, tenho algumas perguntas para o nosso suposto príncipe, e precisamos que elas sejam respondidas antes que qualquer um de nós consiga encontrar maneiras criativas de estripá-lo."

Stark solta meu pulso delicadamente e sinto intensamente a perda de contato. "Você precisa ir até ele, então?"

Aceno com a cabeça e tiro a coroa da minha cabeça. "Preciso. Ele fez um trabalho impecável fingindo ser o que eu queria. É hora de retribuir o favor."

A coroa pesa em minhas mãos e, quando a devolvo a Stark, é como se meu próprio sangue protestasse. Há um instinto em mim para tomá-la de volta. Mas eu o supero. "Mantenha-a segura. Encontre Saela e as outras crianças. Venna pode te ajudar lá. Preciso que você venha me encontrar com a coroa, mas avisarei por Anassa quando chegar a hora."

Stark assente, seu cabelo escuro caindo sobre os olhos. Quando finalmente olha para mim novamente, há um quê de estranho em seu olhar. Preocupação, percebo com um sobressalto. Que incomum.

"Eu diria para você não se colocar em perigo", diz ele, "mas eu te conheço melhor do que isso."

Mordo o lábio, subitamente constrangida. "Você está preocupada?"

Ele zomba. "Nunca. Você é o perigo. Qualquer pessoa que não veja isso merece o que está por vir."

Porra, essas lágrimas idiotas voltaram.

Por algum motivo, acredito nele sem sombra de dúvida, mesmo que essas

palavras venham da boca de um homem que um dia pensei ser meu maior inimigo.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

Stark espera Venna chegar e sinalizar que o caminho está livre novamente, e então eles partem. Ele prometeu que Saela me esperará quando eu terminar com Killian.

Meu coração sangra só de pensar em adiar meu reencontro com Saela, em confiar seu resgate a qualquer outra pessoa, até mesmo a Stark. Mas sei que ela não estará segura até que eu lide com a ameaça de Killian.

Depois que eles saem, dou vinte ou trinta minutos — o tempo está passando estranhamente aqui embaixo — andando de um lado para o outro na cela escura antes de finalmente chamar os guardas.

Os dois homens que chegam parecem enojados por mim. Quem pode culpá-los? Estou coberta do sangue seco do rei deles.

"Por favor", digo, ajoelhando-me diante deles na cela e tentando ao máximo parecer fraca. "Por favor, tragam o Príncipe Killian para mim. Ele estava certo. Minha mente está doente. Preciso dele, preciso da ajuda dele. Ele me ama e vai me consertar. O Príncipe Killian saberá o que fazer."

"Rei Killian", um deles me corrige secamente.

"Rei Killian", concordo, embora as palavras mal saiam da minha garganta. "Por favor."

Os guardas olham uns para os outros com cautela e depois vão embora sem dizer mais nada.

Mas meus apelos devem ter funcionado, porque pouco tempo depois, eles voltam e me deixam sair da cela. Então, me escoltam rudemente escada acima, subindo, subindo e subindo, por corredores até finalmente chegarmos ao corredor do lado de fora do quarto de Killian.

Presumi que ele viria até mim, mas é claro que ele me quer aqui, onde pode ter total vantagem.

Os guardas abrem a porta do quarto dele e me empurram para dentro. "Não tente nenhuma gracinha", rosna o segundo para mim. "Estaremos bem na porta." Então ele bate a porta na minha cara.

"Estou no quarto de Killian", digo a Anassa. "Você ainda está na cela? Peça para o Stark vir te buscar agora, enquanto os guardas estão aqui. Eles estão de sentinela, então duvido que alguém perceba que você saiu. Veja se o Stark consegue tirar essa coleira."

"Ele está a caminho", ela responde. "Iremos até você assim que nos chamar."

Virando-me, sobressalto-me ao perceber que não estou sozinha. Há duas criadas aqui — uma mais velha, de cara feia, e uma muito jovem que se encolhe de medo.

"Vamos começar então", diz a mulher mais velha.

Elas passam o que podem ser horas me arrumando — tirando o uniforme ensanguentado do meu corpo, me jogando na linda banheira de Killian, esfregando meu corpo até deixá-lo em carne viva e lavando meus cabelos prateados. Quando estou limpa o suficiente para eles, me tratam como uma boneca. Secam meu cabelo e o arrumam lindamente, passam loção em todo o meu corpo. Me maquiam e me vestem com um vestido elaborado em um lindo tom de seda azul-escura, amarrando-o tão apertado que mal consigo respirar.

Nenhuma palavra de nenhuma delas, o tempo todo. E quando alcanço algum nível de aceitabilidade, elas vão embora. E eu fico sozinha — esperando.

Os aposentos de Killian parecem diferentes para mim agora.

Sento-me no banco da janela, observando minúsculos flocos de neve pousarem no teto cintilante além do vidro e derreterem instantaneamente com o contato. Encurvando as pernas, abraço-as contra o peito e deixo os delicados saltos que os criados me deram baterem no chão. O vestido parece que vai me engolir por inteiro.

Ao meu redor, há lembretes silenciosos do que aprendi. Odeio ter olhado ao redor destes cômodos e os achado lindos. Confortáveis, até, por causa da lareira eternamente acesa. E por causa dele, sempre ali, esperando por mim com um sorriso cúmplice.

Minha pele se arrepia. Não parou desde que Stark saiu do meu lado.

Esfrego os braços e tento esquecer o toque das mãos dos criados sobre mim. Mas sou grata por eles terem me feito parecer um objeto bonito.

Ele quer uma noiva fraca. Alguém que não questione. Alguém que ele possa controlar.

Então, vou dar isso a ele.

A maçaneta gira e eu imediatamente ergo os ombros, encolhendo-me como se o frio estivesse penetrando meus ossos e o congelamento estivesse se

instalando. Brevemente, por apenas um segundo, meus pensamentos voam para Stark. É tempo suficiente para que aquela consciência latente retorne, mas o som da porta se abrindo me arranca dos meus pensamentos.

Preciso me concentrar. Killian é uma víbora enroscada.

"Meryn", Killian suspira, fechando a porta atrás de si. Ele ainda carrega a espada do pai — não, a minha espada — na cintura. Seu rosto se enche de emoção evidente. Alívio, preocupação, amor.

É um processo complexo, transformar minha raiva ao vê-lo em vulnerabilidade. Já fiz isso antes com outros homens. Deixei que olhassem para o tremor em minhas mãos e presumissem que era porque estou com medo, não porque estou imaginando envolver aquelas mãos em seus pescoços.

Mas aqueles homens não eram Killian. Sua pulseira de noivado ainda está presa no meu pulso, brilhando em dourado, vermelho e preto contra o brilho da seda que cobre meus joelhos.

"Você está linda, gatinha", diz ele, vindo em minha direção.

O apelido quase me faz quebrar a fachada. Gatinha. Agora entendo o que ele estava fazendo. Para o resto do mundo, eu era uma gatinha de rua assustadora, mas para ele... apenas uma gatinha patética.

Levanto a mão e afundo os dedos no cabelo, puxando de leve. Quando ele me alcança, deixo um arrepio ainda mais violento percorrer meu corpo.

"Killian", grasno, assumindo o papel de doente mental. "Acho que você tem razão. Eu realmente pensei..."

Seu rosto se fecha quando ele se acomoda ao meu lado nas almofadas. Seus dedos repousam no meu tornozelo e seu toque quente gela meu sangue. Não deixo isso me afetar. Finjo que é uma cobra enrolada na minha pele.

"Não acredito que estou perdendo a cabeça como minha mãe", respiro, com a voz sussurrada.

Aquela sensação nauseante retorna. Minha garganta arde. Gostaria de nunca ter dito aquelas palavras. Mamãe não estava brava. Nem todas as mulheres da minha família antes dela. As visões, as vozes... tudo isso era apenas o nosso direito de nascença não cumprido gritando, arranhando a superfície.

Uma nova onda de tristeza me atinge, repentina e chocante.

Killian vê e estende a mão para mim. Fecho os olhos com força enquanto seus braços me envolvem.

Está tudo errado. Tudo, assim como o quarto ao nosso redor, está diferente agora. Seu toque ainda é familiar, mas quando o sinto, penso no jeito como ele me olhou enquanto estávamos de pé sobre o corpo de seu pai. Seu choque fingido. Seu sorriso breve e triunfante.

E eu tenho que lutar contra a bile.

Inclinando-me em seu abraço, agarro-me aos seus ombros. Logo, sua mão desliza pelas minhas costas, emaranhando-se nos cachos perfeitos do meu cabelo. Seus dedos afundam profundamente, guiando minha cabeça.

E ele me beija.

Eu me separo do meu corpo, abrindo a boca, mas estendendo a mão para Anassa. Eu me dedico ao meu vínculo com ela, deixando Killian me beijar profundamente e confiando na presença ansiosa de Anassa.

Se eu soubesse, se ela tivesse sido capaz de me avisar sobre a máscara que Killian usa, eu nunca teria consentido em ficar com ele. Há raiva ali também, por ele ter tirado tanto de mim.

Que eu tenha me entregado de bom grado, que ele visse as brechas na minha armadura, quando o tempo todo ele era essa pessoa.

Essa criatura vil que beijaria uma mulher enquanto ela tremia de medo.

Não importa agora. Ou importa, mas não consigo confrontar minhas feridas pessoais. Este momento é mais do que apenas eu.

E está funcionando, percebo. Os dedos de Killian puxam os cadarços apertados nas costas do meu vestido, afrouxando-os lentamente enquanto ele me beija.

Corro os dedos pelos cabelos dele e me concentro na satisfação assassina de Anassa. Killian está se arrastando para dentro de sua boca, e ela está ansiosa para provar o sangue dele.

"Está tudo bem", ele respira roucamente contra minha boca. "Eu vou cuidar de você, Meryn. Sempre vou."

Eu tremo. Parecia uma ameaça, de alguma forma, embora não haja nada no brilho de seus olhos que sugira algo sinistro. Ele me abraça e me puxa para perto, mas eu mexo as pernas e me levanto.

"Eu... não estou bem", digo, com o peito subindo e descendo rapidamente.

Ele me deixa pegar sua mão e puxá-lo para se levantar. Quando se levanta, segura minha bochecha e usa a outra mão para desatar outro laço do meu corpete.

"Mas... quando estou com você, me sinto melhor", minto, olhando em seus olhos. Eu me inclino em seu peito, agarrando suas lapelas como se fosse cair sem elas. "Me faz sentir melhor."

A próxima respiração de Killian é faminta. Ele se inclina e molda sua boca à minha, fechando as mãos em volta dos meus quadris. Dou um passo para trás, puxando-o comigo em direção à cama. Seus olhos brilham de luxúria.

Há algo quase vitorioso em seu sorriso, e rapidamente desvio o olhar enquanto me viro para guiá-lo pelo pulso.

Assim que estou ao lado do colchão, seguro seus ombros e empurro

suavemente. Ele se recosta e me deixa deslizar para o seu colo, a seda fina deslizando suavemente sobre suas pernas. Ele suspira e se abaixa, fechando as mãos em volta das minhas coxas delicadamente adornadas e apertando.

Quando Killian arqueia o pescoço, eu o beijo novamente.

É como engolir veneno.

Nada do prazer que eu sentia nisso me alcança através da dor e da raiva. Quando ele desliza a mão por baixo do meu vestido e desliza seu toque pela minha coxa, eu apoio meu peso nele. Ele grunhe e me deixa empurrá-lo de volta contra o colchão.

Eu me inclino sobre ele, beijando-o, mordendo levemente seu queixo. Ele me puxa para mais perto e beija meu pescoço. Eu me forço a me esfregar nele algumas vezes, movendo meus quadris até que ele comece a endurecer embaixo de mim.

Então, lentamente, eu estendo a mão para guiar suas mãos para baixo, em direção às minhas coxas. Ele pensa que estou pedindo para tocar minha bunda e estende a mão.

No momento em que ele faz isso, eu empurro seus braços para baixo e os prendo sob minhas pernas com todo o meu peso. Eu afasto minha boca da dele e me sento, com gelo se cristalizando em minhas veias.

Chega.

Seus olhos se arregalam, mas ele é muito lento. Eu treinei para isso.

Quando ele tenta se libertar da posição comprometida em que o prendi, puxando seu braço, dou um soco em sua garganta. Ele engasga enquanto seu rosto fica vermelho. Aproveito a oportunidade para enganchar minha perna em seu braço dominante e me abaixar.

E deslizo a Diren Blæd de seu quadril.

Então, antes que ele possa piscar, pressiono a lâmina contra sua garganta, saboreando o ruído perturbado de surpresa que ele emite.

Os olhos de Killian se movem sobre a posição em que o prendi. Minhas coxas nuas estão presas em seus braços, minha lâmina em sua garganta. Mas ele só parece... divertido.

"Pervertido", diz ele, seus olhos frios encontrando os meus. "Você está tentando decapitar um segundo rei com essa espada? Duas em um dia provavelmente estabelece um recorde."

Pressiono a espada em sua garganta. Ele nem se encolhe enquanto ela morde sua pele. Meus olhos se voltam brevemente para o fino rastro de sangue que escorre pela lateral de seu pescoço, depois retornam para seu olhar gélido.

"Você não é rei", eu sibilo. "E nem o seu pai impostor."

Ele solta uma risadinha divertida. "Ah. Então você descobriu."

"Você sabia quem eu era o tempo todo?", pergunto.

"Claro que eu sabia", ele diz, com o sorriso persistente.

Algo morre no meu peito quando ele diz isso. Eu esperava a resposta, mas ainda assim dói fundo.

"O quê? Você esperava que fosse apenas uma coincidência que o atual príncipe herdeiro e o herdeiro da linhagem real original se encontrassem em um mercado um dia e terminassem em um relacionamento?" Ele dá de ombros. "Não existem coincidências."

Porra. Porra.

"Sussurros diziam que a Rainha Chiara manteve seu bebê vivo. Meus ancestrais decidiram que isso pouco importava, já que ninguém se lembrava dela, de qualquer forma. Mas eu tinha um plano para a realeza de Sturmfrost", diz ele, com um sorriso cortante.

Ele se esforça para sair do colchão e pressionar o próprio pescoço contra a lâmina. Há algo selvagem em seus olhos.

"Eu te cacei. Eu te procurei. Eu te fiz minha."

Preciso de todo o meu autocontrole para não cortar sua garganta agora. Em vez disso, digo: "Seu monstro de merda. Eu te amei! E o tempo todo você estava apenas... me usando."

O brilho gélido em seus olhos se suaviza. "Você me feriu, Meryn. Eu não estava apenas te usando. Eu te amo. Tudo o que fiz foi para o seu próprio bem. Para o nosso bem e o bem do reino."

E o pior é que acho que ele acredita no que está dizendo. Esta pode ser a única coisa genuína que ele já me disse.

Aperto a lâmina com mais força. A magia me atravessa como um furacão, arrancando minhas raízes e me deixando à deriva. Sem rumo, não consigo parar de pensar novamente. Seria tão fácil. Eu poderia matá-lo ali mesmo. Apenas um movimento do meu pulso, e ele me encararia com a vida se esvaindo do corpo, sabendo que sua presa havia se tornado predadora.

Mas ainda não terminei com ele. "Minha mãe?"

"Você precisa saber, eu não me senti bem com isso. Mas se você fosse ser minha rainha, os poderes dela precisavam passar para você. Era a hora dela."

Poderes. Deve ser a magia que sinto quando seguro esta lâmina. A sensação que me percorre quando uso a coroa.

A realeza de Sturmfrost tem magia — magia que foi suprimida por séculos.

Matem-no, matem-no, matem-no, meu coração dispara. MATEM-NO.

"Eu precisava de você, no entanto", diz Killian. "Então eu deixei você... li..."

Algo estranho começa a acontecer.

As pupilas de Killian começam a se expandir e contrair de forma

alarmantemente rápida. Sua boca se abre e suas íris se movem para trás até que eu só consigo ver o branco de seus olhos por trás de cílios trêmulos. Então, em um instante, seu olhar se volta para mim. A voz que vem dele não é a de Killian.

"Killian ficou ganancioso", diz ele, a voz ecoando assustadoramente. O som está todo errado. Crepita com a idade, com o uso excessivo. O som ressecado não combina com o rosto jovem de Killian.

Recuo, horrorizada. Parece que aranhas estão rastejando por todo o meu corpo. Pressiono a espada firmemente em sua garganta, desorientada e confusa.

"Quem é você?", pergunto.

Seu sorriso se alarga de forma anormal, com os dentes à mostra. Observo seus caninos se alongarem em presas e tirarem sangue de seus próprios lábios. "Alistair Brightbane."

Brightbane.

O Sifão que matou a Rainha Chiara. Como?!

"Tragam Killian de volta", rosno, inclinando-me sobre ele. A mesma coisa acontece. Um tremor em suas pupilas. Uma convulsão em seu corpo.

Seus olhos se reviram e ele solta um murmúrio apreciativo. "Sim, meu amado?"

"O que você é?", pergunto. Quando ele não faz nada além de levantar uma sobrancelha para mim, pressiono a lâmina com mais força, e ele sibila. "Você é um Sifão? Sempre foi?"

"Não, Meryn", diz ele, com um sorriso irônico. "Nem sempre."

Eu adorava ouvir meu nome saindo de seus lábios. Agora, tudo o que consigo ver são as presas.

"Quando ficou claro que você estava de olho no meu pai", ele continua, "Alistair exigiu ser transferido. Ele passou por aqui pelos últimos quinhentos anos. Cada novo rei em nossa linhagem serve como seu receptáculo."

Meu choque faz com que eu deslize momentaneamente na espada e eu me apresse para empurrá-la de volta contra sua garganta. "Como isso é possível?", pergunto. Nunca ouvi falar de nada parecido antes, nunca.

"Magia de transferência", diz ele, "um tipo particularmente complicado de magia de sangue Sifão. Só alguém com o grande poder de Alistair Brightbane conseguiria fazer isso."

O rei usurpador — afinal, nunca se foi. Ele esteve aqui o tempo todo, escondido à vista de todos. Minha mente está girando e eu pisco, tentando me trazer de volta para o quarto luxuoso.

Preciso continuar fazendo perguntas. Preciso de mais respostas.

"Então seu pai era um Sifão?", pergunto.

O sorriso de Killian se alarga. "Sim, e ele me transformou em um, no dia da

cerimônia de formatura. Aliás, obrigado por matar aquele plebeu do Phylax. Fiquei com muita sede depois de me transformar."

Henrey. Argh. Então foi isso que aconteceu com o corpo dele — Killian o drenou. Foi por isso que os servos o levaram para debaixo da arena.

Os olhos de Killian brilham com aquela cor azul assustadora — a mesma cor dos de seu pai — e agora percebo que deve estar relacionada à magia de transferência.

Um monstro, com centenas de anos, está habitando o corpo de Killian com ele. E durante todo o tempo em que estivemos juntos — toda a sua vida — ele sabia que esse seria o seu destino.

"E as crianças? Minha irmã?", pergunto. "Seu pai as estava drenando?"

"Sim, querida." Sua língua toca sua presa. Sua voz continua a ecoar e rastejar, violando, em meus ouvidos. "Magia de transferência é difícil de segurar, principalmente durante as Provas de Vínculo, quando também precisamos controlar tantos lobos. Somente o sangue forte de crianças poderia nos dar o poder de que precisamos."

Chega. Chega.

"Para aqui", respiro, levantando a lâmina para aplicar força ao golpe. Já consigo imaginar. Assim como seu pai morreu, sua cabeça rolará de seus ombros. Sangue se espalhará pelos lençóis.

O que um dia tivemos entre nós jamais poderia me deter.

Mas, no momento em que minha lâmina está no ar, a força se esvai dos meus músculos. Killian ri novamente, e o som vibra pelo ambiente.

As sombras ao nosso redor começam a se contorcer e se contorcer como serpentes. Elas se desviam das pernas dos móveis, dos cantos do quarto. Movem-se como se estivessem vivas e famintas.

Então, de alguma forma, as sombras me agarram, envolvendo meus pulsos e tornozelos. Sou arrancada de Killian com uma força terrível, jogada no chão e presa ali.

Ele se levanta da cama, limpa o terno e caminha lentamente em minha direção enquanto eu permaneço presa.

"Certamente você deve saber que eu não deixaria você me matar. Afinal, sou seu futuro marido."

Eu chuto minhas pernas em direção a ele, tentando mantê-lo longe de mim. "Porra, você está indo! O que você está fazendo comigo?!"

O medo me percorre pela primeira vez desde que estamos sozinhos, e eu estendo a mão desesperadamente para Anassa. "Agora. Você e Stark precisam gozar AGORA!"

Killian se ajoelha no chão ao meu lado e acaricia minha bochecha. "Kitten,

estou falando sério. Eu te amo. Você não está em seu juízo perfeito agora..." Ah, essa merda de novo não. "... mas quando tiver um tempo para pensar sobre isso, tenho certeza de que verá como somos bons juntos. Posso governar o mundo inteiro com você ao meu lado."

AGORA, grito por cima do elo.

A porta se abre com um estrondo estrondoso.

Stark irrompe com nossos dois lobos, chicoteando seu corpo com precisão. Ele libera uma rajada de poder de Daemos. Isso levanta Killian e o joga contra a parede. As sombras se dissipam e meu corpo se liberta.

Eu me levanto o mais rápido que consigo.

Então Stark me joga a coroa. Eu a pego com a mão esquerda enquanto simultaneamente levanto a espada de volta, assumindo uma posição de luta.

No momento em que a coroa desliza para o lugar, uma onda de poder percorre meu corpo. É como mergulhar em uma vasta floresta escura, com quilômetros de sombras infinitas ao meu redor. A energia pulsa do meu corpo, grande demais para a minha pele, agitando-se como o caos da água fervente. Ela se projeta para fora, viva, tentando expandir os limites da minha mente.

Minha magia.

E, mesmo assim, há uma vasta parte dessa floresta de poder que está separada de mim. Essa magia de ferver o sangue e infinitamente expansiva é apenas uma fração de uma reserva mais profunda.

Quando Anassa sente isso, projeta um aviso que parece como se estivesse fechando os dentes em volta do meu pescoço, me puxando de volta para o seu lado. Mas não tenho tempo para analisar sua preocupação.

Killian se levanta de onde caiu, encostado na parede, e começa a rir.

Anassa rosna. Seus olhos se movem para ela, depois para Stark, que está parado entre os dois lobos imponentes, em posição de prontidão. Killian arqueia uma sobrancelha com algo que parece quase apreciação.

"Você guardou segredos de mim, Meryn", diz ele em tom de repreensão, como se não tivesse guardado mil dos seus. "Eu não sabia que seu lobo tinha uma companheira. Que pena. Embora, suponho que não importe agora."

Levanto a lâmina mais alto e penso com Anassa: "Prepare-se para atacá-lo".

Mas então as sombras se movem novamente, mais violentamente do que antes, erguendo-se ao nosso redor em uma tempestade sem fim. A luz no quarto diminui enquanto Killian se aproxima de mim.

Stark tenta usar seus poderes de Daemos novamente, para golpear Killian ou as sombras, mas o tiro sai pela culatra. A onda de energia o atinge de volta e ele tropeça em Cratos. O lobo gigante negro solta um rosnado ameaçador.

"Tsk, tsk", diz Killian friamente. "Você não sabe que não pode usar seus

pequenos poderes de lobo gigante contra essa magia? Afinal, seus poderes são tirados dos meus. Bem, dos da Meryn, tecnicamente."

Uma dor de cabeça começa a se formar atrás dos meus olhos enquanto minha mente desvenda o significado dele.

Killian me alcança e agarra meu rosto com força, forçando-me outro beijo. Anassa se lança e ataca, mas ele se desvia do caminho com uma velocidade sobre-humana — Sifão, lembro-me estupidamente. Ele é um Sifão agora.

"Muito obrigado pelo meu novo poder, querida", diz ele, passando o olhar de Anassa para mim. "Como presente de despedida, deixei uma pequena surpresa. Te vejo em breve, tenho certeza."

Eu grito e afundo a lâmina em sua direção. Mas, pouco antes de o metal atingir sua garganta, as sombras atravessam o quarto a uma velocidade impossível. Elas se enrolam em seu corpo como um casulo, congelando contra minha pele nua.

O vento sopra forte no ar e, com um estalo agudo como um membro se deslocando, Killian desaparece.

"Que porra ele fez?", sussurro, encarando o espaço que ele acabou de ocupar.

Fracamente, me viro para olhar para Stark. Ele está bem ao meu lado, com a mão meio suspensa entre nós. Suas sobrancelhas estão franzidas para cima, seus olhos arregalados.

Ele me encara com horror abjeto. Abro a boca para perguntar, mas então sua mão se fecha em volta do meu braço, seu aperto dolorosamente forte como se estivesse tentando me segurar no chão.

Sigo seu olhar para baixo, direto para o meu pulso esquerdo. Eu o levanto lentamente.

O anel de rubi incrustado na pulseira de noivado está salpicado de sombras. Eles se agitam dentro da pedra como se estivessem nadando em sangue.

"Tire isso", Stark dispara. Sua voz treme de urgência enquanto seu aperto aumenta ainda mais.

Agora também é óbvio para mim. O bracelete é o que está minando minhas forças. Killian estava canalizando minha magia com ele — magia da qual eu nem tinha consciência — através da pedra.

Jogo a espada de lado e estendo a mão para soltá-la.

Mas, quando o faço, ela se aperta dolorosamente em volta do meu pulso. O metal se deforma, ameaçando cortar meu suprimento de sangue.

"Não consigo", engasgo. Um pânico claustrofóbico percorre meu corpo.

"Meryn—"

"Não consigo!", grito, puxando novamente. Ele aperta ainda mais. Vai quebrar meus ossos nesse ritmo. Me destrua.

Anassa rosna e se choca contra Cratos. "O bracelete está encantado e ligado a você", ela me diz com urgência. "Ele permite que o usurpador canalize magia de onde quer que tenha ido."

Deixo escapar um grito estrangulado. Rapidamente, começo a bolar estratégias — nenhuma espada conseguiria cortar isso, mas talvez um ferreiro possa derreter o metal. Mas, mesmo quando o pensamento me vem à mente, eu sei. No fundo, eu sei.

Não há nada que eu possa fazer para tirar esta pulseira, não sem a magia do Sifão que a criou.

Foi isso que Killian fez comigo. Cravou suas presas fundo, direto no meu coração. Roubou minha coroa, roubou meus poderes.

E agora ele não me solta.

OceanofPDF.com

CAPÍTULO CINQUENTA E OITO

Leva um tempo para eu me recuperar, mas quando consigo, Stark está ao meu lado. Sua mão está quente nas minhas costas, esfregando em círculos suaves e calmantes. Eu não sabia que aquele homem enorme e bruto era capaz de um movimento tão pequeno e suave.

Fecho os olhos e me concentro na sensação. Em seu cheiro almiscarado e âmbar e no calor acolhedor de seu corpo ao meu.

Quem imaginaria que eu acharia a presença de Stark tão... reconfortante?

Depois de um minuto, ele pergunta: "Você está bem?"

Abro os olhos e olho para ele. Não há piedade em seu olhar, o que ajuda. Mesmo assim, o contato físico está começando a parecer demais. Não quero ser tocada por ninguém, não depois de Killian. Não por um bom tempo, talvez.

Talvez Anassa tenha contado isso a Cratos, porque Stark tira a mão e se afasta de mim.

"Não", digo a ele. "Não estou bem. Mas vou desmoronar mais tarde." Porque, por mais que eu quisesse me afundar em Killian, há algo muito mais importante em minha mente agora. "Onde está minha irmã?"

"Venna e eu lideramos um pequeno grupo de membros da minha matilha em uma incursão nas masmorras soterradas. Tivemos que... eliminar... alguns dos guardas reais ao longo do caminho."

Aperto os olhos. "Os guardas reais que ajudaram o rei a aprisionar e matar crianças sequestradas? A morte deles foi bem merecida. Você a encontrou?"

Ele inclina a cabeça. "Recuperamos as crianças. Venna está protegendo Saela no meu escritório. As outras crianças estão sendo devolvidas às suas famílias na cidade, escoltadas por Bonded."

"Leve-me até ela", eu digo.

Avançamos rapidamente pelos corredores, com Anassa e Cratos nos

seguindo lado a lado. Eles estão estranhamente silenciosos. Os nobres que restaram provavelmente estão escondidos nos aposentos de seus hóspedes. Os Vinculados ainda estão confinados em seu lado do castelo. Assim, nossos passos ecoam ensurdecedoramente enquanto caminhamos.

E eu sei que não estou imaginando. "Stark", digo.

"Sim."

"Você vê?", pergunto, em busca de confirmação.

Observo seus olhos percorrerem os cantos dos corredores, a pedra aos nossos pés e, de volta, a mim. "Sim", diz ele.

As sombras ao nosso redor estão se movendo. Tremendo. Vivas. Elas se movem comigo. A cada passo que dou, elas se esticam, rodopiam e se curvam como se quisessem me seguir, como o arrastar de um dedo por uma espiral de tinta.

Mas, mesmo assim, há uma distância. Posso alcançá-los e arrastá-los comigo... mas também sinto que, se eu tivesse pleno uso dos meus poderes, poderia fazê-los fazer qualquer coisa.

Eu poderia cortar o mundo em dois.

Venna está nos esperando no corredor, em alerta com dois dos Daemos Rawbonds — bem, agora ligados, eu acho. Quando nos vê chegando, ela se levanta na ponta dos pés e corre em nossa direção. Seu lobo levanta a cabeça, nos observando atentamente enquanto Venna me abraça.

"Saela está segura", diz ela, dando um passo para trás.

Pego suas mãos e aperto. "Obrigada", digo, trêmula. Ela assente e abraça minhas mãos brevemente contra o peito antes de me soltar e se encostar ao lado do seu lobo.

Stark abre a porta do seu escritório e eu passo correndo por ele. Saela já passou pelo tatame, encolhida em uma das cadeiras confortáveis de Stark e enterrada sob um de seus cobertores macios. Ela tem um dos livros dele no colo. Mas quando ouve a porta se abrir, sua cabeça se levanta com uma rapidez sobre-humana.

Ela abre um sorriso largo e coloca o livro no chão antes de rasgar o cobertor bruscamente. Lágrimas brotam imediatamente de mim. Estou tão aliviada que nem me importo que Stark esteja olhando.

Saela está correndo em direção ao tapete quando a alcanço. Jogo meus braços em volta dela, puxando seu corpo trêmulo para perto. Ela me aperta com força.

Eu suspiro. "Ar, Sae."

Ela solta uma risada tensa e levanta a cabeça para me olhar. "Desculpe", diz ela, mas não cede.

Eu balanço a cabeça. "Não se desculpe", digo, afastando seus cabelos escuros do rosto. Ela parece pálida e congelando. Seus olhos castanho-esverdeados estão um pouco opacos. Odeio ter deixado as coisas chegarem a esse ponto. Que eu tenha deixado ele levá-la. Vou arrancar o sol do céu e colocá-lo em suas mãos só para aquecê-la. "Você está bem? Você se sente..."

"Estou bem agora", diz ela. Ela se aproxima ainda mais. Minha garganta se fecha quando ela sorri para mim, em lágrimas. "Você cumpriu sua promessa."

Solto um soluço e a puxo para perto, apertando-a contra mim. Nunca mais vou deixá-la ir. Acaricio seus cabelos e beijo sua cabeça. Quando ela tenta se soltar, eu resmungo e a abraço ainda mais forte. "Vou te fazer outra promessa."

Finalmente a solto. Ela desliza dos meus braços e olha para mim. O canto do olho dela treme levemente. Ela parece tão exausta. "Ok", diz ela com um pequeno sorriso.

"Eu prometo", digo, erguendo a mão para segurar seu rosto, "que tudo será diferente agora. Vou melhorar as coisas."

Seus lábios tremem e ela concorda. "Parece um bom plano." Então, seus olhos deslizam para a coroa na minha cabeça. "O que... o que é isso?"

Olho para Stark, de sentinela na porta com Cratos. Ele parece ler minha mente. Será que ele consegue ler minha mente? Anassa e eu precisamos conversar sobre como ela se comunica com seu companheiro.

Stark cerra os dentes, e eu também consigo perceber o que ele está pensando, mesmo sem ele dizer. Ele não quer sair do meu lado agora. Mas bufa, se curva para mim e diz: "Estarei de guarda lá fora. Avise Anassa quando estiver pronto para eu voltar."

Então ele se vira e sai, e eu fico sozinha com Saela e esta notícia devastadora.

Explicar à minha irmã mais nova que fomos secretamente da realeza a vida toda se mostra assustadoramente fácil. Depois que ela se recupera do choque inicial de cair o queixo e gritar, ela se envolve totalmente, me bombardeando com perguntas sobre tudo o que aconteceu desde que nos separamos.

Faço o meu melhor para explicar tudo. Nossa verdadeira herança. A "loucura" da minha mãe e a magia em suas veias. Nas minhas. Como Anassa me escolheu na montanha. Depois de um tempo, não consigo mais adiar.

Levo Saela até a cadeira aconchegante em que a encontrei e a sento, segurando suas mãos. Então, olho em seus olhos e conto sobre a minha mãe.

Saela chora. Ela fica imóvel, tremendo, com lágrimas escorrendo pelo rosto. "Então... tudo mudou", ela funga. Sua voz é fina. "Não podemos ir para casa."

O horrível vazio da dor pressiona meus órgãos. Eu a puxo para perto de mim e a abraço com força. "Você nunca estará sozinha, Saela."

Ela exala trêmula, me agarrando. "Somos filhas dela", diz ela. "Somos fortes."

"Sempre", confirmo.

Um arrepio a percorre quando enxugo sua bochecha. É difícil. Não apenas sentir falta da nossa mãe, mas saber que toda a nossa linhagem familiar vem sofrendo há tanto tempo. Só espero que Saela saiba que isso termina comigo. Tudo será diferente agora.

"Então, se eu for uma princesa e nossa família supervisionar os lobos gigantes... eu posso me tornar uma Elo algum dia?", pergunta ela em meio às lágrimas.

Anassá assente atrás de mim com um bufo. Ela ficou longe de nós esse tempo todo, deixando Saela e eu conversarmos. Agora que Saela está demonstrando interesse pelos lobos gigantes, Anassa se aproxima de nós.

"Isso significa sim na língua de Anassa", digo a Saela.

Os olhos de Saela se arregalam e eu tento imaginar isso da perspectiva dela — tento ver Anassa pela primeira vez. Ela se eleva sobre nós, ocupando todo o nosso campo de visão. Seu pelo branco-prateado brilha na penumbra do escritório de Stark, e ela encara Saela com seus sábios olhos amarelos. Ela é assustadora e poderosa.

Anassa deita-se aos pés de Saela, com o topo da cabeça agora alcançando a cintura dela. Saela estende a mão hesitante, que Anassa cheira e, em seguida, esfrega o rosto.

Alegria brilha nos olhos de Saela, seu sorriso tão largo e brilhante que é tudo o que consigo ver. Ela acaricia Anassa novamente e arrulha. "Quem é uma garota bonita?", pergunta, com a voz aguda. "Você é uma garota bonita, não é?"

Anassa olha para mim, estreitando os olhos. "Diga a ela para não falar comigo como se eu fosse um bebê. Certifique-se de que ela saiba que lobos gigantes merecem respeito."

"Você não gosta disso, sua gracinha?", provoco.

Anassa estende a pata e me ataca, mas eu me afasto, rindo. "Ela quer que você fale com ela como se ela fosse a criatura poderosa e ancestral que ela é", digo a Saela, que se endireita imediatamente e acena para Anassa, entendendo a mensagem.

De repente, consigo ver o futuro dela — escalando o Monte Mata-cão, unindo-se a um enorme lobo gigante. Por mais orgulhoso que eu estivesse de vê-la se juntar às fileiras dos Vinculados, em nenhum mundo eu me sentiria confortável em submetê-la às Provas de Vinculação.

"Ela não precisa fazer as Provas", diz Anassa. "Ninguém precisa, se você não quiser que elas aconteçam mais."

Meus olhos se arregalam de surpresa. "Do que você está falando? Eu pensei que os lobos gigantes tivessem criado as Provas. Foi o que Egith disse."

"É mentira", rosna Anassa. "Os Vinculados ouviram isso para impedi-los de se revoltarem contra o rei. Essa era a maneira dele de controlar nossa população — ele queria nossa força, mas não em número suficiente para se rebelarem contra ele."

Mesmo depois de tudo que passei nos últimos dois dias, depois de tudo que aprendi, isso me abala profundamente.

Todo aquele derramamento de sangue. Todas aquelas vidas. Por nada.

Anassá percebe minha dor e diz: "Tudo pode mudar agora. Você pode fazer a mudança. As Provas podem ser o que você quiser."

A gravidade dessa declaração é quase insuportável. O que eu quiser. Pela primeira vez, percebo de verdade que sou eu quem decide.

Estou no comando agora — dos Vinculados e de toda Nocturna.

"Primeiro, você precisa reivindicar a coroa publicamente", Anassa me corrige. "Para liderar, você precisa que as pessoas concordem em seguir."

Ela tem razão. Eles precisam saber, todos eles. Todos no castelo e em todo o país. Vai ser uma grande empreitada.

"Chame Stark de volta aqui", digo a ela, já pensando no que precisaremos fazer.

Um breve momento depois, ele volta para o escritório com Cratos, os dois cavaleiros de Daemos — Helene e Grigore — atrás dele. "Eles sabem?", pergunto a Stark.

Helene e Grigore trocam olhares confusos.

"Eu posso alcançá-los agora", diz Anassa. "Eu posso alcançar todos os Vinculados. Devo tentar?"

"Sim", digo. "Mostrar a verdade a eles."

Minha mente se conecta com o que parece ser o elo de união da matilha, mas amplificado por uma magnitude inacreditável. Onde antes havia um único rio, me conectando à minha matilha, agora é uma confluência — alcançando cada matilha individualmente e seus cavaleiros. Anassa envia a verdade em espiral para ambos, alimentando-os com imagens e informações.

Helene ofega, com as mãos cobrindo a boca. Grigore olha para mim rapidamente, o choque estampado no rosto, e então se ajoelha. "Minha rainha", diz ele.

Antes que eu possa dizer qualquer outra coisa, ouço um estalo ameaçador e um baque. Eu me viro rapidamente, movendo-me para sacar minha lâmina. Mas não é um agressor.

É muito pior.

Saela caiu. Ela convulsiona no chão, os olhos revirados, os músculos torcendo o corpo até os tendões se esticarem e os ligamentos estalarem. Algo enjoativamente doce paira no ar, como o cheiro de fruta podre.

Eu me jogo sobre ela, desesperado para ajudar, para estancar sua dor. Helene chega primeiro, passando por mim correndo para se abaixar e levantar Saela.

E antes que eu possa me juntar a eles, Stark agarra meu braço e me puxa para trás. Estou prestes a despedaçá-lo com meus malditos dentes, mas então eu vejo.

Helene recua como se tivesse sido atingida. Sua mão sobe rapidamente para a garganta, seus olhos verdes arregalados.

Sangue, eu percebo.

Há uma ferida aberta em sua garganta que ela tenta manter fechada.

Saela se vira em minha direção com uma velocidade assustadora. Seu corpo trava no lugar, selvagem. Há sangue por toda a sua boca e queixo.

Ela ataca Grigore com... com presas.

"Um Sifão!" ele grita.

Isso tudo é um erro. Isso não é real. Ela...

"Meryn!" Stark implora, me puxando contra seu peito e me abraçando por trás, me prendendo no lugar. Percebo que ainda estava me puxando em sua direção, desesperado, como se colocar minhas mãos nela pudesse desfazer tudo.

Um grito me escapa e rasga minha garganta. Agora sei o que Killian quis dizer.

Como presente de despedida, deixei uma pequena surpresa para você.

As sombras ao redor da sala se erguem, pulsantes. Eles apagam toda a luz do quarto, movendo-se de maneiras que não consigo compreender e controlar completamente.

Killian a mudou, a corrompeu. Transformou-a em um deles... deles.

Mas agora eu conheço os poderes que vivem dentro de mim, os poderes que são meu direito de nascença.

Não vou aceitar isso. Não aceito. Primeiro, encontrarei um jeito de consertar minha irmã... e então irei atrás dele.

A fúria corre por minhas veias, como mil facas forjadas nas sombras mais profundas.

Eu sou Meryn Sturmfrost, Rainha de Nocturna, e usarei a escuridão sinuosa em meus ossos e meu sangue para caçar Killian Valtiere até os confins da Terra.

OceanofPDF.com

NÃO PERCA FURYBOUND, LIVRO 2, LANÇAMENTO NO FINAL DE 2025!

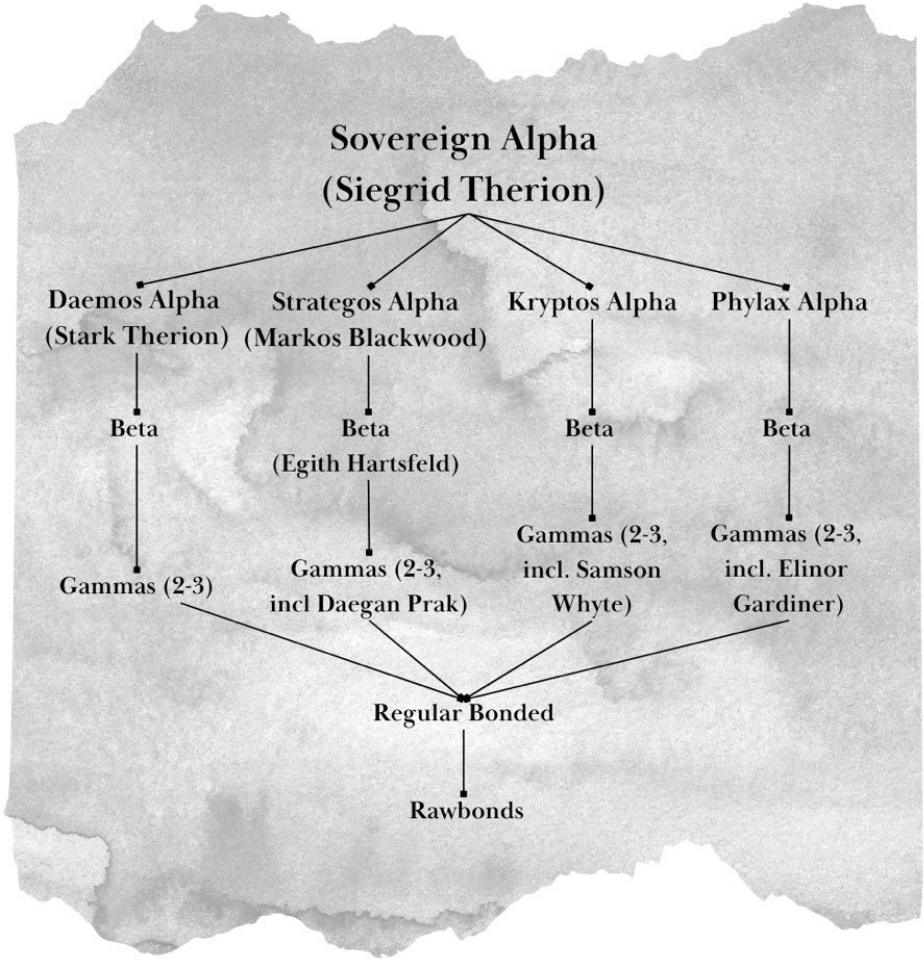
Inimigos se tornam amigos e há uma nova guerra no horizonte. Mas o que Meryn está disposta a sacrificar por vingança?

Encomende o livro 2, Furybound, agora mesmo!



OceanofPDF.com

UM GUIA PARA AS MATRIZES VINCULADAS DE NOCTURNA



STRATEGOS (stra-TEE-gos)

Os táticos e líderes das matilhas Vinculadas, mestres da estratégia e do comando do campo de batalha. Sua magia de comunicação é mais forte do que a das outras matilhas, permitindo-lhes elaborar estratégias e discutir táticas em batalha; eles também são dotados de lampejos de previsão, breves vislumbres de possíveis futuros imediatos. Todos os lobos Strategos têm coloração prateada e/ou branca.

DAEMOS (DAY-mos)

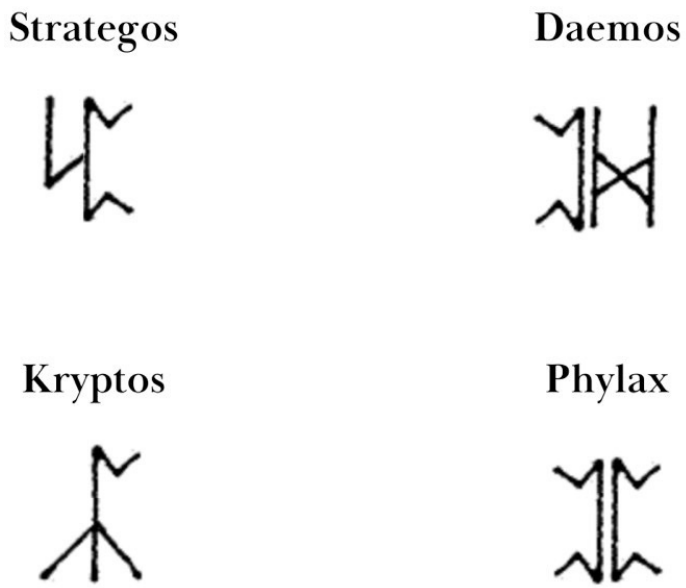
Os guerreiros das matilhas Ligadas, conhecidos por sua brutalidade e destreza física em batalha. Sua magia pode torná-los mais fortes, mais rápidos, mais mortais em batalha e até mesmo ser empunhada como arma contra inimigos por alguns. Os lobos Daemos têm coloração escura, alguns são de um preto profundo.

KRYPTOS (KRIP-tos)

Os caminhantes das sombras e espiões das matilhas Ligadas, especializados em furtividade e coleta de informações. Capazes de usar magia de ocultação que distorce a luz e as sombras para auxiliar na furtividade; em certos horários do dia ou em certas condições, lobo e cavaleiro podem se tornar quase invisíveis. Os lobos Kryptos têm uma pelagem cinza mais escura ou salpicada.

PHYLAX (FY-lax)

Os guardiões das matilhas Ligadas, focados em defesa e proteção. Capazes de usar magia defensiva, que pode variar de pequenas barreiras temporárias a grandes domos protetores quando a matilha trabalha em conjunto. Os lobos em Phylax têm coloração castanha e marrom.



OceanofPDF.com

GLOSSÁRIO DE TERMOS

Alfa
O membro de mais alta patente de cada matilha, escolhido pelos lobos gigantes.

Ascensão
A primeira das Provas de Vínculo; uma escalada perigosa até o Monte Mata-cão, onde potenciais Vínculos devem provar que são dignos de se conectar com um lobo gigante.

Astreona (as-árvore-OH-na)
O reino dos Sifões.

Beta
Segundo em comando de uma matilha, cuidando das operações diárias.

Vínculo
Um humano que se conectou com sucesso a um lobo gigante, formando uma conexão telepática, e concluiu seu treinamento.

Cidade Vínculo
A cidade rica e isolada atrás do castelo onde os Vínculos e suas famílias residem.

Provas de Vínculo
O período de quatro meses de treinamento de Vínculo Bruto, composto por diferentes provas para testar a conexão de um Vínculo Bruto com seu lobo gigante e sua adequação à matilha.

Emberwine
Uma bebida alcoólica temperada popular em Nocturna, frequentemente servida quente.

A Deusa Sem Rosto
Divindade ancestral cujo verdadeiro nome e aparência se perderam no tempo.

Forja
Os dois primeiros meses das Provas de Vínculo, focados na união da matilha.

Gama
Terceiro na hierarquia de uma matilha, normalmente dois ou três escolhidos em cada matilha.

Companheiro
O parceiro predestinado de um lobo gigante; cada vez mais raro de se encontrar.

Monte Mata-Lobo
Pico mais alto na cordilheira ao norte de Sturmfrost, onde os lobos gigantes e os Vinculados formam seus laços.

Sequestradores
Como os plebeus chamam os sequestradores que levam crianças das ruas, presumivelmente Sifões ou aqueles em conluio com Sifões.

Nocturna (nok-TUR-na)
O reino onde se passa o Limite Direto.

Provando
Os dois meses seguintes das Provas dos Vinculados, focados na coordenação entre matilhas.

Vínculo Cru
Um aprendiz recém-vinculado que ainda não completou seu treinamento.

Sifões
Seres imortais semelhantes a vampiros que se alimentam da força vital humana e utilizam magia de sangue.

Alfa Soberano
O de mais alta patente entre todos os Elos, capaz de se comunicar com os lobos de todas as matilhas.

Sturmfrost (STURM-frost)
A cidade real de Nocturna e lar de Meryn.

OceanofPDF.com

GUIA DE PERSONAGENS

Anassa (ah-NAS-sa)
Lobo gigante de Meryn

Cratos (KRAY-tos)
O enorme e brutal lobo gigante de Stark

Cyril Valtiere (SEE-rull VAL-tee-air)
Rei de Nocturna; pai de Killian

Egith Hartsfeld (EE-gith HARTS-feld)
Beta da matilha Strategos

Henrey Smythe (HEN-ree SMITH)
Rawbond na matilha Phylax; único outro Rawbond que não veio de uma família Bonded no ano de Meryn

Igor (EE-gor)
Vizinho de Meryn e treinador de luta de arena

Izabel Brooks (IZ-ah-bell)
A melhor amiga de Meryn entre os Bonded, uma Rawbond da matilha de Strategos

Venna Brooks (VEN-na)
Irmã gêmea de Izabel, uma Rawbond da matilha de Kryptos

Jonah (JOE-nuh)
Rawbond da matilha de Daemos; inimigo da matilha de Meryn

Killian Valtiere (KILL-ee-an VAL-tee-air)
Príncipe Herdeiro de Nocturna

Lee
Em um relacionamento romântico com Meryn; Mensageiro do Palácio

Markos Blackwood (MAR-kos)
Alfa da matilha para a matilha de Strategos

Meryn Cooper (MARE-in KOO-per)
Lutadora de rua, filha, irmã — e recruta relutante para os Vinculados

Nevah Rivenson (NEH-vuh)
Um dos companheiros Rawbonds de Meryn no pacote Strategos

Saela Cooper (SAY-la)
Irmã mais nova de Meryn

Stark Therion (Stark THAY-ree-un)
Pacote Alfa de Daemos

Tomison Thorne (TOME-iss-un)
Um dos companheiros Rawbonds de Meryn no pacote Strategos

OceanofPDF.com

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de começar agradecendo, leitor, seja você quem for e como encontrou este livro. Significa muito para nós que você tenha se disposto a arriscar em uma série indie desconhecida, e esperamos que tenha gostado da experiência – e, se gostou, considere deixar uma avaliação na Amazon, Goodreads, TikTok, Instagram ou na sua plataforma de mídia social preferida.

Um enorme agradecimento aos nossos leitores do ARC, que deram uma olhada antecipada e nos surpreenderam com suas palavras gentis. Se você tem interesse em se juntar à nossa equipe do ARC, inscreva-se em nossa newsletter para futuras oportunidades.

E um agradecimento ainda maior aos nossos leitores anteriores: nossa incrível equipe beta. Suas anotações detalhadas e atenciosas resultaram em uma edição enorme que tornou este livro infinitamente mais poderoso. Somos infinitamente gratos por você ter compartilhado seu tempo e sua inteligência conosco. Sem nenhuma ordem específica: Rachel Zimmerman, Sarah, Cambria, Blakely Morales, Taylor Jaye, J.B. Lee, Krystal Valster, Dayna, Katheryne Ann, Rebecca Williams, Amanda Bundren, Bryn McDaniels, Courtney Pomietto, Samantha, Kiyeereads, Michelle Wynne-Feigin, Aryana Schneider, Ashley Kreib, Victoria Paschal, Gina Sheets, Jorinde Pels, Jade, Heidi Roach, Tiffany S., Amanda Powell, Ariel e Jessica Parr.

Nós (Annie e Eliza - as coautoras de Sable) tivemos a alegria de trabalhar juntas duas vezes em empregos regulares, com duas equipes que realizaram um trabalho criativo notável, mas nem sempre obtiveram o reconhecimento (ou a compensação) que mereciam. (A batalha entre o bem e o mal continua...) Aos nossos antigos colegas e amigos da WB e da WT - nós os amamos. Obrigado por nos darem anos de inspiração e por nos ensinarem tanto.

A comunidade de autores independentes nunca deixa de nos surpreender com sua generosidade e engenhosidade. Um grande obrigado às pessoas maravilhosas da IAA e do grupo FaRo por compartilharem sua sabedoria e conhecimento com novatos como nós (e se você gosta de romance, confira a comunidade FaRo

administrada por autores em www.farofeb.com!).

Annie gostaria de agradecer aos seus pais, David e Lisa, pelo apoio inabalável durante toda essa empreitada (e por lerem contos de fadas e romances de fantasia para mim quando eu era criança, e por ajudarem minha imaginação a crescer). Aos meus amigos e irmãos que me aguentaram tagarelando sem parar sobre Meryn, lobos gigantes, arte de personagens e muito mais, obrigada pela paciência! A Josh, Don, Katie, Julianne, Helen e a todos os outros que compartilharam conselhos ao longo do último ano — eu os aprecio muito. E, por fim, um enorme obrigado a todos os autores brilhantes cujo trabalho me inspirou ao longo dos anos. Vocês mudaram minha vida.

Eliza gostaria de agradecer aos seus pais, Duffy e Vicky, e ao seu irmão Ian, por serem insistentes em escrever um livro. Olha, eu consegui! Mas, falando sério, tenho muita sorte de ter uma família que sempre me incentivou a perseguir meus sonhos artísticos com ousadia – obrigada. Drew, nada disso teria sido possível sem o seu amor e apoio, especialmente neste último ano agitado. Obrigada por 16 anos acreditando em mim, mesmo quando eu não acreditei. Minha vida tem sido um exercício de dizer "será que eu conseguiria?" e você responder, sem hesitar, "sim". Eu te amo. C&S, obrigada por ser minha principal motivação para fazer literalmente qualquer coisa. Mamãe parou de trabalhar... por enquanto.

OceanofPDF.com

SOBRE A AUTORA

Sable Sorensen é o pseudônimo de duas grandes amigas e fãs de fantasia que se uniram para escrever romances com heroínas fortes, romances picantes e a luta sem fim entre aqueles no poder e aqueles que defendem os fracos e vulneráveis.

Direbound é o livro de estreia de Sable.

OceanofPDF.com